



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL

FLÁVIA DA SILVA CLEMENTE

**NOVAS MANIFESTAÇÕES DE RACISMO E SEXISMO CONTRA MULHERES  
NEGRAS E CONTRADISCURSOS DAS ATIVISTAS DIGITAIS NEGRAS**

Recife

2019

FLÁVIA DA SILVA CLEMENTE

**NOVAS MANIFESTAÇÕES DE RACISMO E SEXISMO CONTRA MULHERES  
NEGRAS E CONTRADISCURSOS DAS ATIVISTAS DIGITAIS NEGRAS**

Tese apresentada ao Programa de pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de doutora.

**Área de concentração:** Serviço Social, Movimentos Sociais e Direitos Sociais.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dra. Mônica Rodrigues Costa

Recife

2019

Catálogo na Fonte  
Bibliotecária Ângela de Fátima Correia Simões, CRB4-773

C626n

Clemente, Flávia da Silva

Novas manifestações de racismo e sexismo contra mulheres negras e contra discursos das ativistas digitais negras / Flávia da Silva Clemente. - 2019.

411 folhas: il. 30 cm.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mônica Rodrigues Costa.

Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal de Pernambuco. CCSA, 2019.

Inclui referências, apêndices e anexos.

1. Racismo. 2. Sexismo. 3. Mulheres negras. I. Costa, Mônica Rodrigues (Orientadora). II. Título.

361 CDD (22. ed.)

UFPE (CSA 2019 – 022)

FLÁVIA DA SILVA CLEMENTE

**NOVAS MANIFESTAÇÕES DE RACISMO E SEXISMO CONTRA MULHERES  
NEGRAS E CONTRADISCURSOS DAS ATIVISTAS DIGITAIS NEGRAS**

Tese apresentada ao Programa de pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de doutora.

**Área de concentração:** Serviço Social,  
Movimentos Sociais e Direitos Sociais.

Aprovada em: 12/02/2019

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Mônica Rodrigues Costa (Orientadora e Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Cristina Vieira (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Rosineide Meira Lourdes Cordeiro (Examinadora Externa)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Valdenice Raimundo (Examinadora Externa)  
Universidade Católica de Pernambuco

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Valéria Noronha (Examinadora Externa)  
Universidade Federal da Bahia

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Kabengele Munanga (Examinador Externo)  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Marco Mondaini (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Vivian Matias (Examinadora Externa)  
Universidade Federal de Pernambuco

Para minha mãe exemplo de vida e para todas as mulheres negras e crianças negras do passado, presente e futuro.

Dedico

## AGRADECIMENTOS

As forças divinas que estão sempre comigo fortalecendo minha (re)existência

A minha mãe (Gilda) força inspiradora em todos os momentos.

Ao meu pai que da sua forma contribui com meu aprimoramento diário.

As minhas irmãs (Gleide, Márcia e Kássia) que me desafiam a perseverar, na certeza que cada conquista vale à pena.

Aos meus filhos que nasceram do coração (Davi e Pedro) que com sabedoria, carinho e amor me ensinam o significado da vida.

As minhas sobrinhas (Diana e Glória) lindas e afetuosas que com seus risos e choros me fizeram companhia nessa jornada.

Aos tios(as), primos(as) e sobrinhos(as) pelas suas existências, acolhida e estímulo.

A minha orientadora Mônica Rodrigues Costa pela paciência, amizade, delicadeza, contribuição e respeito. Sem você tenho certeza que não teria logrado êxito.

A Diogo Valença, Eliane Veras, Liana Lewis, Valéria Noronha, Sandra Silveira e Vivian Matias pelo compartilhamento dos conhecimentos e apoio.

A todas/os membros da banca de defesa pelo profissionalismo, contribuições e respeito.

Aos Docentes e Técnicos do Departamento de Serviço Social da UFPE.

Ao NEIM/UFBA pela acolhida e aprendizados compartilhados nessa trajetória.

As amigas Laudicena Barreto, Tatiane Michelle, Josinês Rabelo, Juliene Albuquerque, Rosineide Gonçalves e Henrique Costa. Vocês são luz.

As Blogueiras Negras pela disponibilidade e confiança que tornaram essa tese possível.

A todas do Coletivo Filhas do Vento, Coletivo Acadêmicas Negras e da Rede de Mulheres Negras de Pernambuco pela partilha, apoio e compreensão.

Ao discente Rodrigo da UFRB e professora Zelinda pelas suas importantes contribuições.

As/os colegas da turma de doutorado.

As/aos discentes do curso de Serviço Social da UFPE, sementes do amanhã da nossa jovem democracia.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente, afetuosamente colaboraram com a construção dessa tese.

Não nos prendam. Não nos impeçam de seguir.  
Sabemos resistir!  
Somos forjados na dor e somos íntimos da superação.  
Enxergamos para além do que tem sido permitido.  
Nosso olhar e experiência não é de quem se permite aprisionar.  
Não imponham limites a nossa caminhada, pois vamos sempre escapar.  
Sabemos resistir!  
Conhecemos o cheiro saboroso e atraente da liberdade.  
Sabemos como encontrá-la, como desfrutá-la.  
Cansarão os que quiserem nos inibir.  
Não desanimaremos!  
Sabemos resistir! Sabemos sonhar!  
Aprendemos resistir e sonhar com aquelas/aqueles que não se permitiram  
acorrentar, apesar das correntes.  
Impuseram-nos um jeito de ser, de vestir, de pensar...  
Embranquecer? Jamais!  
Sabemos resistir!  
Não vamos permitir que nos silenciem.  
Nossas vozes alcançarão a muitos/as.  
Nossas Vozes são resistentes.  
Resistência é como uma árvore sombria, protege, acolhe, alimenta...  
Resistiremos, pois, compreendemos que somos livres.  
Nenhuma corrente impossibilitará que sigamos.  
Sabemos resistir (VALDENICE RAIMUNDO)

## RESUMO

O objeto da presente tese é a atualidade do racismo e do sexismo em relação a mulheres negras, que nesse estudo foi tratado a partir da comunicação em meio virtual. Nesse sentido, problematizamos a partir de uma perspectiva interseccional, quais os elementos que enfeixam o racismo e o sexismo na produção de discursos sobre as mulheres negras veiculadas na internet, considerando a prevalência do mito da democracia racial e do machismo no país. Para tanto nos embasamos nos debates dos (as) intelectuais acerca da ideologia do branqueamento e o mito da democracia racial no país, nas mulheres e intelectuais negras que integram o feminismo negro. Nosso objetivo geral foi analisar o racismo e sexismo virtual a partir das experiências das mulheres negras e os seus enfrentamentos. A abordagem teórico-metodológica adotada foi à análise crítica do discurso (ACD), a partir das contribuições de Teun. A. van Dijk, considerando a importância dos seus estudos relacionados ao discurso, mídia e racismo, sobretudo, pelo estudo ter sido desenvolvido na internet, no blog *Blogueiras Negras*. Os resultados do estudo demonstram que com as novas tecnologias da informação, há a produção de discursos sociais, que trazem à tona as articulações entre racismo e sexismo, especialmente evidenciados e direcionados às mulheres negras. Por outro lado, também possibilita a produção de contradiscursos sociais, por ativistas digitais negras, que problematizam e dão visibilidade ao racismo e sexismo, oportunizando aos internautas acessar/dialogar (com) conhecimentos contra-hegemônicos. Identificamos assim discursos de negação, reprodução e reforço do racismo e sexismo, o discurso antagonista, as reações das mulheres frente ao racismo e sexismo e o potencial político pedagógico do ativismo negro na internet. Concluimos que através das redes sociais o racismo e sexismo emergem sem disfarces trazendo à tona o conservadorismo histórico da sociedade brasileira, a ponto de se presentificar entre os que deveriam combater o racismo. Cria fissuras no mito da democracia racial e ao mesmo tempo evidencia novos formatos de luta e possibilidades de combate ao discurso racista hegemônico.

**Palavras-chave:** Internet. Mulheres Negras. Racismo. Raça. Sexismo.

## ABSTRACT

The object of the present thesis is the actuality of racism and sexism in relation to black women, who in this study was treated from virtual communication. In this sense, we problematize from an intersectional perspective, which elements that enrich racism and sexism in the production of discourses about black women on the internet, considering the prevalence of the myth of racial democracy and machismo in the country. For this we rely on the debates of the intellectuals about the ideology of whitening and the myth of racial democracy in the country, the women and black intellectuals that integrate black feminism. Our general objective was to analyze racism and virtual sexism from the experiences of black women and their confrontations. The theoretical-methodological approach adopted was to the critical discourse analysis (ACD), based on Teun's contributions. A. van Dijk, considering the importance of his studies related to discourse, media and racism, mainly, because the study was developed on the Internet, in the blog *Blogueiras Negras*. The results of the study show that with the new information technologies, there is the production of social discourses, which bring to the fore the articulations between racism and sexism, especially evidenced and directed to black women. On the other hand, it also makes possible the production of social contradictions, by black digital activists, who problematize and give visibility to racism and sexism, allowing Internet users to access / dialogue with counter-hegemonic knowledge. We thus identify discourses of denial, reproduction and reinforcement of racism and sexism, antagonistic discourse, women's reactions to racism and sexism, and the political pedagogical potential of black activism on the internet. We conclude that through social networks, racism and sexism emerge without disguise, bringing to the fore the historical conservatism of Brazilian society, to the point of becoming one of those who should combat racism. It creates fissures in the myth of racial democracy and at the same time shows new forms of struggle and possibilities to combat the racist hegemonic discourse.

Keywords: Black Women. Breed. Internet. Racism. Sexism.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 -	Saartjie Baartman.....	24
Quadro 1 -	Preconceito Racial e Preconceito de Origem.....	55
Imagem 2 -	Propaganda DOVE.....	58
Imagem 3 -	Propaganda papel higiênico preto.....	59
Figura 1 -	Charge da pirâmide social no Brasil.....	62
Imagem 4 -	Comentários de ódio: Taís Araújo.....	134
Imagem 5 -	Comentários de ódio: Cristiane Damacena.....	135
Imagem 6 -	Página inicial: Blogueiras Negras.....	146
Quadro 2 -	Editoria e Conteúdos da editoria.....	147
Imagem 7 -	DG Madrugada.....	161

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 -	Identificação dos posts analisados.....	148
------------	---	-----

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>RAÇA E RACISMO.....</b>	<b>22</b>
2.1	O RACISMO CIENTÍFICO E OS ARGUMENTOS BIOLÓGICOS DA CATEGORIA RAÇA.....	22
2.2	REVELANDO O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL E A RAÇA COMO CONCEITO SÓCIO-HISTÓRICO.....	34
<b>2.2.1</b>	<b>A Questão Racial e América Latina.....</b>	<b>46</b>
<b>2.2.2</b>	<b>Racismo, Discriminação, Preconceito Racial e Etnia.....</b>	<b>51</b>
2.3	A ATUALIDADE DO RACISMO NO BRASIL.....	58
<b>3</b>	<b>FEMINISMO NEGRO: construindo possibilidades.....</b>	<b>72</b>
3.1	FEMINISMO NEGRO: a contribuição das mulheres afro-americanas.....	77
3.2	FEMINISMO NEGRO: a contribuição das mulheres afro-brasileiras.....	97
<b>4</b>	<b>CONECTANDO SABERES: ativismo digital negro.....</b>	<b>123</b>
4.1	MULHERES NEGRAS E TECNOLOGIA DIGITAL.....	123
4.2	RACISMO E SEXISMO NA INTERNET.....	133
<b>4.2.1</b>	<b>Na trilha do conhecimento: os caminhos da pesquisa.....</b>	<b>133</b>
<b>5</b>	<b>RACISMO E SEXISMO EM EVIDÊNCIA: construindo saídas.....</b>	<b>150</b>
5.1	O PODER DISCURSIVO DAS MULHERES NEGRAS.....	151
<b>5.1.1</b>	<b>Deixar de ser racista, meu amor, não é comer uma mulata.....</b>	<b>151</b>
<b>5.1.2</b>	<b>Do Trágico ao Épico: a Marcha das Vadias e os desafios políticos das Mulheres Negras.....</b>	<b>155</b>
<b>5.1.3</b>	<b>Não se Enganem.....</b>	<b>160</b>
5.2	OS COMENTÁRIOS DOS POSTS: entrelaçando racismo, sexismo e contradiscurso.....	163
<b>5.2.1</b>	<b>A negação do elemento racial.....</b>	<b>164</b>
<b>5.2.2</b>	<b>Potencial político e pedagógico do Blog.....</b>	<b>169</b>
<b>5.2.3</b>	<b>Reprodução ou reforço ao racismo.....</b>	<b>171</b>
<b>5.2.4</b>	<b>A formação do discurso antagonista.....</b>	<b>178</b>
<b>5.2.5</b>	<b>Relatos de experiências racistas.....</b>	<b>183</b>
<b>5.2.6</b>	<b>Reações aos elogios racistas.....</b>	<b>186</b>
<b>5.2.7</b>	<b>Ultrapassando as margens.....</b>	<b>189</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>191</b>

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>197</b>
<b>APÊNDICE A - QUADRO DE IDENTIFICAÇÃO DAS POSTAGENS EXTRAIDAS DO BLOGUEIRAS NEGRAS.....</b>	<b>208</b>
<b>APÊNDICE B - POSTAGENS SEM COMENTÁRIOS: Blogueiras Negras.....</b>	<b>245</b>
<b>APÊNDICE C - QUADRO DAS POSTAGENS COM COMENTÁRIOS: Blogueiras Negras.....</b>	<b>257</b>
<b>APÊNDICE D - QUADRO DAS POSTAGENS COM ATÉ 10 COMENTÁRIOS: Blogueiras Negras.....</b>	<b>283</b>
<b>APÊNDICE E - QUADRO DAS POSTAGENS COM MAIS DE 10 COMENTÁRIOS: Blogueiras Negras.....</b>	<b>304</b>
<b>APÊNDICE F – EIXOS DOS COMENTÁRIOS.....</b>	<b>310</b>
<b>APÊNDICE G - NEGAÇÃO DO ELEMENTO RACIAL.....</b>	<b>311</b>
<b>APÊNDICE H - POTENCIAL POLÍTICO E PEDAGÓGICO DO BLOG.....</b>	<b>313</b>
<b>APÊNDICE I - REPRODUÇÃO OU REFORÇO AO RACISMO.....</b>	<b>315</b>
<b>APÊNDICE J - A FORMAÇÃO DO DISCURSO ANTAGONISTA.....</b>	<b>319</b>
<b>APÊNDICE K - RELATOS DE EXPERIÊNCIAS RACISTAS.....</b>	<b>325</b>
<b>APÊNDICE L - REAÇÕES AO RACISMO E SEXISMO.....</b>	<b>327</b>
<b>ANEXO A – POST: 1.....</b>	<b>328</b>
<b>ANEXO B – POST: 2.....</b>	<b>392</b>
<b>ANEXO C – POST 3 .....</b>	<b>406</b>

## 1 INTRODUÇÃO

[A escrevivência] seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira. Eu acho muito difícil a subjetividade de qualquer escritor ou escritora não contaminar a sua escrita. De certa forma, todos fazem uma escrevivência, a partir da escolha temática, do vocabulário que se usa, do enredo a partir de suas vivências e opções. A minha escrevivência e a escrevivência de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira. Toda minha escrita é contaminada por essa condição. É isso que formata e sustenta o que estou chamando de escrevivência. (LIMA, 2017, p. 7)

Conceição Evaristo, mulher negra, autora de várias obras literárias reconhecidas, como Ponciá Vicêncio (2003) e Olhos D'água (2015), usa o termo escrevivência, para falar de sua escrita.

Informo as/os leitoras/es que em concordância com a autora, a presente tese está inserida em nossa escrevivência. Essa por sua vez, forjada em núcleo familiar formado por mulheres negras, que desde muito cedo foram estimuladas e cobradas a exercitar a leitura, inclusive nas brincadeiras de infância. Um ambiente em que o rigor pelos estudos foi presença constante. Um ambiente em que a família ultrapassa os laços consanguíneos, e se fixa nas relações afetivas e solidárias que contribuem na formação de nossas personalidades e interesses pelas lutas coletivas, valorizando-as. Uma experiência de vida imersa na convivência com o racismo e sexismo, onde aprendemos os momentos de aguardar e avançar. De nos apoiar, para não sermos surpreendidas, de estar alertas para não sermos mortas/os simbolicamente e fisicamente.

Assim nossa experiência como mulher negra tem relação direta com esta tese. Dizemos isso, pois ao falar da mídia hegemônica, estamos dialogando sobre uma das formas com as quais se expressam o racismo e sexismo em nossa sociedade. Nela a ausência, sub-representação ou subalternização de negras/os nos programas veiculados é uma realidade que retroalimenta as desigualdades sociais, raciais, econômicas e de gênero que atingem, sobretudo, as mulheres negras.

Durante nossa infância, adolescência e primeira etapa da fase adulta ocorridas nas décadas de 1980 e 1990, a reiteração da imagem, da estética da/o branca/o como sinônimo de

beleza e de sucesso era diária. Nas telenovelas, fotonovelas, livros didáticos, programas infantis, revistas e jornais eram “tudo branco e loiro/a”. Negras/os apareciam em papéis de pouca visibilidade, preferencialmente de empregadas/os domésticas/os, escravizadas/os ou criminosas/os. Jamais como princesas, heróis, protagonistas ou pessoas de sucesso. Na escola não era diferente. Eu e minhas irmãs frequentamos colégios particulares em Olinda e Recife/PE, em que a presença de pessoas negras sejam como alunas/os ou docentes eram raridades, devido aos preços elevados das mensalidades. Obviamente que não passamos incólumes por essas influências em que as referências positivas ao povo negro eram escassas. Fruto desse processo uma de nossas brincadeiras de infância era colocar uma toalha longa sob os cabelos, na ilusão de que assim nossos cabelos crespos, curtos e “feios” se tornariam lisos e “belos”.

A realidade é que as tranças “raiz” faziam parte do nosso cotidiano. Não gostava. Os cabelos viviam presos, mas soltos pareciam pior, e curtos, nem parecia lembrar que eu era uma menina. Pelo menos foi isso que lembro de ter ouvido de uma colega de turma quando cheguei com os cabelos cortados bem curtinhos na escola. À época, aos dez anos, cursava o quinto ano do ginásio e me achava horrorosa.

Perguntava-me: Por que os cabelos das outras meninas não eram assim? O que tinha de errado comigo? Nada. Mas naquela fase da vida ainda não sabia disso. Daí a aparente solução surge: alisamento capilar. Não podia fazer nada para mudar a “cor” da minha pele, mas em relação aos cabelos, pensei, posso fazer algo e assim parecer-me com as meninas “bonitas”.

Alisei por décadas meus cabelos e, além disso, vesti as melhores roupas que me eram possíveis utilizar, afinal de contas, aos 18 anos já trabalhava como auxiliar de enfermagem em hospital particular e a boa aparência socialmente aceita (fenótipo branco) era o padrão exigido, ainda que não explicitado. Nesse sentido, a força do racismo e do racismo institucional se fizeram presentes.

Também aos 18 anos adentrei no ensino superior, conquista importante, pois segundo minha mãe, a busca pela autonomia intelectual e financeira nos forneceria conhecimentos que nos ajudariam a atravessar as agruras de viver em uma sociedade racista e machista.

Na universidade integramos o grupo de estudantes que faziam parte das minorias étnico-raciais. Apesar dos relevantes ensinamentos, não acessamos durante a graduação a produção de intelectuais e pensadoras/es negras/os. Essa ausência foi parcialmente resolvida com a significativa contribuição de uma amiga também negra do curso: Marilene Maria Ferreira (mais conhecida como Cibele)<sup>1</sup>, na medida em que realizamos leituras que resultaram na elaboração, em 1998, sob a supervisão *sine qua non* da professora Dra. Rosineide Cordeiro, uma intelectual branca, o primeiro trabalho de conclusão de curso do Serviço Social na UFPE com o tema “Raça e Serviço Social”.

Esse primeiro passo na vida acadêmica e de militante dos direitos humanos foram paulatinamente contribuindo para o “despertar” de nossa identidade racial, o que não ocorreu sem sofrimentos, vez que após o trabalho de conclusão de curso e a morte da Marilene não quis voltar a escrever sobre o racismo que dilacerava minha existência. Silenciei.

O silêncio que perdurou por cerca de 15 anos, também foi motivado pela falta de apoio das pessoas no nosso entorno, pois não estavam dispostas a escutar e entender que o racismo é real. Mesmo quando encontrávamos pessoas que nos estimulavam a refletir e escrever sobre o racismo, a exemplo de minha orientadora de mestrado em Serviço Social na UFPE, novamente a Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rosineide Cordeiro, a opressão racial ainda surtia seus efeitos em nós, impedindo-nos de seguir adiante.

Entretanto em 2012, surgiu a oportunidade de escrever com minha irmã (Márcia Clemente), também assistente social e atualmente docente na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, um trabalho para apresentar em evento científico na Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ. Escrevemos sobre a Conferência contra o racismo ocorrida em Durban, na África do Sul, em 2001. Na oportunidade da apresentação do resumo, memórias guardadas foram mobilizadas, e uma “avalanche” de sentimentos reprimidos vieram à tona, desconcertando-me. Penso que naquele momento, o processo contraditório de construção de nossa identidade racial emergiu ao consciente com força. Dali em diante,

---

<sup>1</sup> Marilene, mulher negra, militante de movimentos sociais, se tornou uma “irmã”, pessoa aguerrida e sábia que faleceu no ano de 2001, em acidente automobilístico durante viagem para implementação do SOS Racismo em Pernambuco. Uma perda inestimável para nossa família e todas as pessoas que a conheciam. Ela faz parte da minha história de conquistas acadêmicas, por ter sido uma das estimuladoras do meu processo de formação na Pós-Graduação.

tomamos a decisão de direcionar nosso trabalho intelectual para o enfrentamento do racismo e suas consequências.

Nesse sentido, após decorridos pouco mais de vinte anos de formação acadêmica, e 43 anos de vida, a presente tese toma forma. Olhando para trás, vemos que essa trajetória foi marcada por obstáculos, comuns à vida das mulheres negras periféricas que nos levam a dedicar maior intervalo de tempo para concluir etapas de formação acadêmica (Graduação e Pós-graduação – Especialização, Mestrado e Doutorado). No presente, apesar do acúmulo de experiências, que nos possibilita ampliar nossas estratégias de resistência e, das conquistas, permanecemos no esforço de garantir a sobrevivência nesta sociabilidade estruturada pelo racismo, sexismo e exploração de classe.

Permanecemos também vivenciando as consequências da (re)atualização desses fenômenos, sobretudo, do racismo e sexismo, por via das novas tecnologias da informação. Sobre esse aspecto importa observar que os meios de comunicação têm lugar de destaque no desenvolvimento da humanidade. Por meio deles, conseguimos informar e formar opinião sobre questões relevantes para a sociedade, contribuindo para a subjugação dos povos oprimidos, com vistas à manutenção das elites no poder, ou atuando de forma subversiva, tornando-os instrumentos, que favorecem a organização dos sujeitos oprimidos em movimentos sociais.

No século XIX, no Brasil colônia, os jornais da época como o Diário de Pernambuco traziam notícias sobre pessoas negras escravizadas, que haviam fugido e/ou que estavam disponíveis para venda ou aluguel. Apresentados como objetos, cujo valor poderia ser aferido pelas características físicas e habilidades para o trabalho, negras/os sobreviviam, desenvolvendo estratégias de resistência, que se tornaram referência para as/os afrodescendentes organizados em movimentos sociais. Essas estratégias também residiam na comunicação, com elaboração de informativos como:

“O Homem de Cor”, primeiro jornal da imprensa negra, surge anos mais tarde, em 14 de setembro de 1833, na capital fluminense. Outros veículos de comunicação desta mesma natureza logo foram produzidos, caso do “Brasileiro Pardo” e “O Cabrito”. Desde o momento de sua criação, a imprensa negra se fez presente em quase todas as décadas da história brasileira. Esses tablóides surgem com um caráter de denúncia. Em suas páginas, editores e redatores como Paula Brito, denunciavam prisões

arbitrárias e casos de discriminação racial contra a comunidade negra. Para ele, o grande crime que poderia ser cometido seria o silêncio diante do desrespeito à igualdade de direitos (BORGES, 2016, p. 1, grifo do autor).

Já no século XXI, nesse mesmo país, sob o domínio socioeconômico do capital associado ao desenvolvimento de outras tecnologias, a internet se torna importante veículo de comunicação por onde circula, por meio das redes sociais, entre outros meios, postagens de ódio de teor racista, cujo alvo preferencial são as mulheres negras.

No passado, a imprensa negra disputava o debate de ideias, conforme exposto na citação acima, no presente há disputas políticas no espaço midiático virtual, nele encontramos circulando contradiscursos produzidos pelo povo negro, através de blogs, sites, facebook etc., que investem nas denúncias de práticas racistas e, no fortalecimento da identidade negra. Nesse sentido, historicamente, passado e presente de opressões e resistências se encontram nas formas de comunicação entre humanos.

Atualmente o desenvolvimento das novas tecnologias da informação possibilita bilhões de pessoas no mundo se conectarem. No ambiente virtual as práticas sociais xenófobas, racistas, sexistas, homofóbicas e preconceituosas viralizam. Por este motivo, o ambiente virtual foi escolhido como campo empírico, nele é possível verificar que o blog das Blogueiras Negras, como o próprio nome informa é um espaço de debate acerca da questão racial e do feminismo negro.

Atenta a esse fenômeno, destacamos que o objeto da tese é a atualidade do racismo e do sexismo em relação às mulheres negras em meio virtual e o contradiscurso das ativistas digitais negras. Por meio do aporte teórico que discute a questão racial e do feminismo negro a luz de diferentes mulheres negras, construímos os argumentos do nosso estudo. É o feminismo negro que nos oferece os subsídios para compreensão das difíceis experiências das mulheres negras no Brasil, nele encontramos o debate sobre **lugar de fala** conceito importante em nosso processo de análise.

Destacamos que nosso interesse pelo tema surge na medida em que identificamos que o acesso à internet se ampliou e se tornou um ambiente em que o racismo e sexismo tem se reproduzido, um espelho do que ocorre nas relações societárias do país que se estrutura no racismo, sexismo e na exploração de classe.

Sendo assim desse frisamos que a questão central da nossa pesquisa é a seguinte: A partir de uma perspectiva interseccional, quais os elementos que enfeixam o racismo e o sexismo na produção de discursos sobre as mulheres negras veiculadas na internet, considerando a prevalência do mito da democracia racial e do machismo no país.

Nossa hipótese como resposta provisória à pergunta de pesquisa é de que o racismo e sexismo se reatualiza por que é favorável a manutenção dos privilégios que nutrem as desigualdades no Brasil. Esses privilégios se encontram ameaçados por mulheres negras que se destacam no cenário sócio-político-econômico. Elas representam ameaças ao status quo de setores abastados de nossa sociedade por estarem inseridas nos espaços societários outrora inviabilizados aos oprimidos, a exemplo das universidades.

Para tanto, notamos que os diversos espaços virtuais criados pela internet, como as redes sociais, fizeram emergir diversas possibilidades de comunicação, que aparentemente ocorrem num ambiente de “debate protegido”. Há um nível de exposição cada vez maior de ideias preconceituosas e discriminatórias, anteriormente submersas, mas não inexistentes nos diálogos pessoais face a face. Com isso vimos crescer postagens de ódio contra pessoas negras, sobretudo em relação às mulheres, por esse motivo nosso problema de pesquisa quer refletir, por que são as mulheres negras e as ativistas o alvo preferencial do racismo virtual numa sociedade que até bem pouco tempo se auto proclamava “mestiça” e sem raça?

Nesse sentido, nosso objetivo geral foi: Analisar o racismo e sexismo virtual a partir das experiências das mulheres negras e os seus enfrentamentos e os específicos são: Aprender o racismo e sexismo virtual em relação às mulheres negras; Compreender os sentidos dos discursos sobre a mulher negra veiculados na internet e Aprender os elementos que compõem o contradiscurso das ativistas digitais negras.

Em relação ao processo de análise, a abordagem teórico-metodológica utilizada foi a análise crítica do discurso (ACD), a partir das contribuições de Teun. A. van Dijk, considerando que seus estudos sobre discurso, mídia e racismo possibilitam a compreensão das formas discursivas utilizadas para manutenção dos privilégios raciais brancos.

A coleta de informações para o estudo foi feita no blog Blogueiras Negras em que através da seleção criteriosa dos posts e respectivos comentários foi possível observar os consensos e dissensos dos discursos e entender as novas formas de reprodução do racismo e

sexismo e os contradiscursos. Vimos que o racismo e sexismo direcionados as mulheres negras são fenômenos indissociáveis, expressos através de comentários que ainda utilizam as estratégias do mito da democracia racial para camuflar ou negar as práticas racistas.

Por outro lado, identificamos que os posts elaborados por mulheres negras no blog também produzem contradiscursos e reflexões nas/os internautas sobre as consequências do racismo, sexismo para as mulheres negras. Vimos ainda que as ativistas digitais negras têm feito diferença no processo de fortalecimento de jovens negras/os para o enfrentamento do racismo e sexismo, com a internet se transformando em veículo de contrapoder. Isso em virtude do poder das elites simbólicas, que detêm a hegemonia sobre os conteúdos que o público em geral pode acessar e assistir, se encontrar ameaçado pelas novas tecnologias da informação e comunicação.

Nossa tese foi estruturada em quatro capítulos, onde tivemos como principal interesse favorecer a compreensão do objeto, sobretudo, para as militantes do movimento de mulheres negras e para as/os profissionais do Serviço Social, nosso curso de formação. Essa preocupação ocorre em virtude de nossa área de formação ainda estar se aproximando de discussões básicas campo das relações raciais e também do feminismo. Sendo assim, apesar de outras áreas do conhecimento (sociologia, história, antropologia) alguns dos temas tratados na tese não se configurar em novidades, avaliamos pertinente retomá-los, tendo em vista o exposto acima. Por esse motivo a tese no geral tratou de temas como a questão racial, o debate sobre feminismo negro para refletir e analisar a situação da mulher negra, o racismo e sexismo na internet, o percurso da pesquisa e o processo de análise.

Assim no primeiro capítulo efetuamos uma breve explanação sobre o racismo científico e suas consequências no Brasil (mito da democracia racial e ideologia do branqueamento) e América Latina, através da exposição dos argumentos dos seus principais teóricos. Em seguida, apresentamos os conceitos de etnia, racismo, discriminação e preconceito racial, vez ainda persistir incompreensões sobre a distinção entre os mesmos e para finalizar o capítulo falamos sobre a atualidade do racismo no Brasil.

O capítulo dois foi dedicado ao feminismo, com enfoque no feminismo negro, oportunidade em que trabalhamos com o conceito de lugar de fala, resgatando as experiências de vida e contribuição teórica de mulheres negras e intelectuais negras afro-americanas e afro-brasileiras. Abordamos principalmente as críticas tecidas pelas mulheres negras trabalhadas

na tese ao racismo e sexismo presentes, inclusive, no movimento feminista e movimento negro. As mulheres negras elencadas na tese foram no nosso entendimento inspiração para o trabalho desenvolvido pelas jovens ativistas digitais negras na atualidade.

É sobre a importância desse ativismo digital que procuramos dialogar no capítulo três, e para tanto, descrevemos sobre o racismo e sexismo na internet e mulheres negras e tecnologia digital. Concluímos o capítulo discorrendo sobre o percurso da pesquisa, apresentando nosso campo de estudo: o ambiente virtual (Blog blogueiras negras); o processo de seleção das informações que foram analisadas e detalhes da amostra selecionada. No quarto e último capítulo apresentamos nossa análise embasada no feminismo negro e na análise crítica do discurso (ACD) desenvolvida por Teun A. van Dijk.

Nas considerações finais realizamos uma síntese dos achados da pesquisa, onde foi possível identificar que as postagens das ativistas negras são importantes “ferramentas” de contrapoder, pois identifica-se a produção de novos contradiscursos elaborados por jovens mulheres negras que abordam o racismo e o sexismo denunciando-os, desconstruindo-os e colaborando para a reflexão das/dos internautas. Os respectivos comentários das postagens, por sua vez, refletem em grande medida o racismo, sexismo e exploração de classe presentes em nossa sociedade e nas discussões trazidas pelo feminismo negro. Também demonstram a possibilidade de reflexão que provocam autocrítica e reconhecimento do racismo em si mesmos/as, nos indicando a importância do conteúdo antirracista e antissexista. Isso tudo tendo sido feito em ambiente virtual frequentado por grupos misóginos, racistas, homofóbicos e de elevado poder aquisitivo. Considerando todo o exposto, avaliamos salutar congregarmos as lutas e resistências que ocorrem dentro e fora do mundo virtual, atualizando as estratégias de enfrentamento e resguardando as anteriores.

## 2 RAÇA E RACISMO

O presente capítulo aborda as teorias raciais desenvolvidas no decorrer do século XIX, que embasadas no darwinismo social e eugenia constroem argumentos que defendem a superioridade da raça branca frente aos demais povos. Também discorre sobre o racismo científico no Brasil, com destaque para o mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento. Por fim, discute a raça como conceito sócio histórico e suas consequências na América Latina e, a distinção entre os conceitos de racismo, etnia, discriminação e preconceito na perspectiva de favorecer o entendimento da questão racial no Brasil de hoje.

### 2.1 O RACISMO CIENTÍFICO E OS ARGUMENTOS BIOLÓGICOS DA CATEGORIA RAÇA

A questão racial permanece na atualidade como um dos aspectos geradores das desigualdades que atingem as populações não-brancas, com destaque, no caso do Brasil e do presente estudo, para as mulheres negras.

Por esse motivo, no resgate dos debates sobre a categoria raça se faz necessário a compreensão das relações raciais no país, em virtude também da persistência de “uma tendência crescente para trivializar o racismo, seja relegando-o à esfera puramente das relações interpessoais, seja reduzindo-o ao plano de meros preconceitos que todo o mundo tem”. (MOORE, 2012, p. 23).

É preciso frisar que a categoria raça desperta incômodos, considerando que faz emergir para o centro das discussões, problemáticas que historicamente, no país, têm-se evitado abordar, em profundidade, com o fito da não explicitação de suas consequências na vida dos povos atingidos<sup>2</sup>.

Não por acaso, precisamente nos meios acadêmicos – onde, do século XVII ao século XX, foram gestadas e organizadas ideologicamente as noções raciais que predominam até os dias de hoje – incubam-se, atualmente, as teses revisionistas, os posicionamentos ‘teóricos-científicos’ capazes de promover a banalização e a trivialização da escravidão racial e do racismo

---

<sup>2</sup> Não queremos dizer com isso que estudos e pesquisas não foram realizados para a desmistificação do racismo no Brasil. O que desejamos enfatizar é que apesar disso, os estudos que questionam a democracia racial brasileira e buscam evidenciar suas contradições permanecem carecendo de uma maior e divulgação e conhecimento.

em geral. As elucubrações sobre a ‘democracia racial’, a ‘raça cósmica’, as ‘relações plásticas’ e a ‘mestiçagem generalizada’ surgiram justamente do mundo acadêmico-intelectual. Antropólogos, sociólogos, historiadores, etnólogos, psicólogos, economicistas e filósofos atuaram como grandes sustentáculos conceituais daquelas arquiteturas teóricas que alicerçam o racismo ideologicamente. (MOORE, 2012, p. 23, grifos do autor).

Os alicerces ideológicos do racismo têm suas bases assentadas nas teorias raciais corporificadas no “racismo científico”, cujos argumentos defendem a “superioridade racial dos brancos”. Para tanto, em 1859, o livro a *Origem das Espécies por meio da Seleção Natural* do inglês Charles Darwin (1809 – 1882), representou um marco.

[...] Darwin demonstrou ali como, por meio de adaptação lenta, extremamente gradual, e de alterações produzidas de geração em geração, uma espécie podia produzir indivíduos diversificados. E como, com a passagem do tempo, algumas espécies permaneciam iguais e outras se transformavam. Tudo sob a regência da seleção natural quem estivesse mais adaptado ao ambiente sobreviveria. (GODOY, 1988, p. 45).

Os estudos e conclusões de Darwin se restringiam à fauna e à flora observadas durante as viagens que realizou por diferentes partes do mundo. Porém, as análises decorrentes dessas pesquisas foram posteriormente associadas à espécie humana, por pesquisadores que ficaram conhecidos como teóricos do *racismo científico*, conforme poderemos verificar adiante.

O inglês Francis Galton (1822–1911), o autor do movimento eugenia<sup>3</sup> “correntemente definido como uma ciência voltada para o melhoramento das potencialidades genéticas da espécie humana” (CASHMORE, 2000, p. 203), se configura numa referência nesse campo.

Del Cont (2008) relata que Galton, através do laboratório de antropometria que fundou, buscou difundir, através de suas pesquisas.

[...] uma ciência da hereditariedade humana baseada no princípio de que os dotes pessoais seriam transmitidos e conservados inalterados de uma geração à outra. Isso proporcionaria ao investigador o registro e a análise das características humanas por parte de estudos estatísticos que revelariam, não havendo condições ambientais que favorecessem cruzamentos entre indivíduos com características antagônicas, a continuidade de certas características quer fossem físicas, quer fossem intelectuais. Outra possibilidade seria a de que os comportamentos considerados degenerados, como vadiagem, alcoolismo, prostituição, demência e doenças generalizadas,

---

<sup>3</sup> Ferreira (2017).

pudessem ser facilmente rastreados no histórico familiar dos indivíduos em gerações consecutivas, o que permitiria o controle reprodutivo dos que apresentassem traços degenerescentes. (DEL CONT, 2008, pp. 5-6).

Baseado nessa compreensão identificam-se as arbitrariedades cometidas contra pessoas tidas como inferiores, a exemplo do que ocorreu com a sul-africana Saartjie Baartman na Europa do século XIX, que teve seu corpo preservado para estudos, após uma curta vida de sofrimentos e privações.

Imagem 1– Saartjie Baartman



Fonte: Spagnoli (s.d.)

Em entrevista à revista Carta Capital publicada em 10/06/2016, Amanda Braga, professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba, faz a seguinte análise.

Saartjie é um grande ícone da ferocidade do colonialismo científico. No decorrer de todo o século XIX, assistiu-se à exibição de africanos em feiras, teatros, circos, exposições. Aos olhos curiosos, além dos truques que faziam, por exemplo, corpos decapitados falarem, estavam expostas também as tantas ‘deformações’ humanas: crianças unidas pelo mesmo tronco, homem-elefante, mulher-barbada, criança microcéfala, espécies monstruosas armazenadas em frascos de vidro, anões, indígenas, orientais. Falava-se em um *zoo humano*. O interessante a se perceber aqui é que a promoção desses espetáculos estava intimamente relacionada às teorias eugenistas da época: ao mesmo tempo em que eram oferecidas aos olhos europeus, essas pessoas eram também tomadas enquanto objeto de estudo às teorias médicas, que tinham por finalidade a comprovação da suposta superioridade da raça branca. Marcavam-se, então, os títulos de *selvagem - civilizado*: ao primeiro,

grotesco em forma e gestos, cabia a exibição de sua monstruosidade para deleite e curiosidade do segundo. Nesse palco, o hotentote – povo a que pertencia Saartjie – será a prova final do parentesco entre o animal, o monstro e o selvagem. Saartjie fazia suas apresentações em uma jaula, presa a uma corrente, apenas com a vagina coberta, caminhava de quatro. A presença da jaula funcionava na ratificação de seu caráter supostamente perigoso, selvagem e incivilizado, diretamente relacionado, à época, à crença de uma sexualidade ameaçadora, posto que irreprimível, cujo símbolo maior era uma espécie de ‘avental frontal’, ou ‘avental hotentote’, que denotava a hipertrofia de seus lábios vaginais, bem como a esteatopigia, o que lhe conferia um acúmulo de gordura nas nádegas. São esses símbolos que vão atribuir a Saartjie a imagem de uma mulher hipersexual, cujo apetite sexual é incontrolado e cuja natureza é puramente instintiva (BRAGA, 2016, Grifos da autora).<sup>4</sup>

O presente relato demonstra a associação entre o selvagem e o civilizado, entre o humano e não humano e a figura da mulher negra objetificada. Elementos que nos oferecem a possibilidade de dimensionar as formas com que o racismo se expressa nesse período, em que se processa a consolidação das referências de mundo dos países colonizadores europeus e seus intelectuais.

Herbet Spencer (1820-1903), filósofo inglês que aplicou a teoria de Charles Darwin da seleção natural, na sociedade, se tornou conhecido como responsável pelo darwinismo social, colaborando assim com as justificativas para a exploração e sofrimento dos povos não brancos. Spencer nos seus estudos analisará a sociedade de acordo com um modelo de funcionamento de um organismo, defendendo a existência e persistência de uma relação entre o biológico e o sociológico. Suas teses indicam que todo o organismo evolui de um estado simples para complexo e do homogêneo para o heterogêneo (LUCAS, 2000). É o denominado evolucionismo spenceriano.

Em *Lei e causa do progresso*, Spencer destaca que tal conceito de evolução pode ser observado em muitos campos da ciência, especialmente na anatomia e na fisiologia. Mas, segundo ele, foi na esfera social que encontrou a evidência mais incisiva dessa tendência universal em direção ao mais perfeito, em direção ao progresso. Na história humana, diz ele, é possível encontrar evidências esmagadoras de uma direção progressiva da homogeneidade à heterogeneidade, haja vista a multiplicação das raças

---

<sup>4</sup> De acordo com Prof<sup>o</sup> Dr. Kabengele Munanga: Saartjie Baartman pertencia ao grupo Bosquímano, cujo traço físico característico chamado estofagia aparece na figura 01 da página 22. Quando os Bôeres (holandeses) invadiram aquela região da África do Sul, ela era habitada por homens e mulheres pertencentes aos grupos Khoi-Khoi e San que eles apelidaram pejorativamente de Hotentotes (homens brutos) e bosquímanos (homens do bosque). Na literatura atual nós preferimos utilizar nomes étnicos autênticos desses povos e não mais os pejorativos atribuídos preconceituosamente pelos invasores.

humanas, a transição do cérebro relativamente não desenvolvido dos bárbaros à capacidade mental superior do europeu civilizado. Observa-se, ainda, na complexidade crescente das instituições econômicas, sociais e políticas; na evolução das línguas; no desenvolvimento da ciência, enfim, em cada campo da atividade humana. (LUCAS, 2000, p. 5).

No trecho acima o argumento da sobrevivência do mais adaptado ao ambiente (o europeu civilizado) é utilizado por Spencer para explicação do progresso da humanidade. Destaca-se que nesse período, o continente europeu vivencia grandes transformações no campo social e econômico, sobretudo com o desenvolvimento do capitalismo industrial, o que resultará na compreensão no século XIX de que na Europa reside “o ápice da evolução social humana, criando uma demanda por explicações racionais para essa crença”. (GLÓRIA, 2009, p. 2). O *racismo científico* se torna uma forma de explicação, em que a supremacia racial, cultural e econômica dos europeus atuará intensamente no processo de dominação dos povos do continente africano e americano.

Nesse campo, Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882), conde francês que viveu no Brasil entre 1869/1870 e autor do livro *Ensaio sobre as Desigualdades das Raças Humanas* (1853) também é uma referência. De acordo com Sousa (2013) Gobineau através do livro.

[...] procurava especular a razão da ascensão e queda de todas as grandes civilizações. A tese de Gobineau era de que a questão étnica seria a responsável pelo declínio de civilizações que outrora floresceram. Esse fato se dava porque uma raça originalmente pura ao misturar-se com outras se tornava degenerada, perdia as suas qualidades essenciais, levando essa civilização ao declínio. (SOUZA, 2013, p. 23).

A partir dessa tese o conde de Gobineau introduziu a perspectiva da degeneração da raça que vinculada ao determinismo do *darwinismo social* indica uma forte oposição à miscigenação.

[...] ‘darwinismo social’ ou ‘teoria das raças’ [...] via de forma pessimista a miscigenação, já que acreditava que ‘não se transmitiriam caracteres adquiridos’, nem mesmo por meio de um processo de evolução social. Ou seja, as raças constituiriam fenômenos finais, resultados imutáveis, sendo todo o cruzamento, por princípio entendido como erro. As decorrências lógicas desse tipo de postulado eram duas: enaltecer a existência de ‘tipos puros’ – e, portanto, não sujeitos a processos de miscigenação – e compreender a mestiçagem como sinônimo de degeneração não só racial como social. (SCHWARCZ, 1993, p.58, grifos do autor).

A prevalência da compreensão de diferenças físicas e intelectuais entre as pessoas e, por conseguinte, o estabelecimento de hierarquias raciais entre os povos, tendo como instrumento a teoria darwiniana da seleção natural e sobrevivência do mais adaptado, com a exaltação da pureza das raças e condenação da miscigenação entre os povos é consolidado no século XIX.

Para tanto, é preciso considerar que raça nem sempre esteve presente como elemento definidor das diferenças entre as pessoas. A “raça é introduzida na literatura mais especializada em inícios do século XIX, por Georges Cuvier” (SCHWARCZ, 1993, p. 47), questiona-se a partir daí a origem única da humanidade, o que segundo a autora citada reunirá os intelectuais da época em duas vertentes: monogenista e poligenista.

A vertente monogenista entende que a humanidade tem uma única origem, mas que a evolução dos tipos humanos ocorre de forma diferente, podendo se aproximar ou se distanciar da perfeição. A poligenista defendia a existência de várias fontes de criação humana, que estavam associadas às diferenças raciais oriundas das leis biológicas e da natureza. A autora relata que a visão poligenista foi estimulada pelo surgimento da frenologia e da antropometria “[...] teorias que passavam a interpretar a capacidade humana tomando em conta o tamanho e proporção do cérebro dos diferentes povos” (SCHWARCZ, 1993, pp. 48-49).

Podemos concluir que raça na acepção construída pelo *racismo científico*, busca através das ciências da natureza legitimar as diferenças entre as pessoas e povos, e nesse aspecto o continente americano se torna um campo de experimentações das hierarquias raciais. Schwarcz (2013) destaca que, entre os séculos XVI e XVIII, quando a *raça* ainda não tinha uma definição vinculada à biologia, os viajantes estrangeiros que visitavam o continente americano o descreviam como sendo inferior.

[...] um mundo gasto e degradado, de um lado; um mundo inacabado e imaturo, de outro [...] A América era não apenas imperfeita, mas também decaída, e assim estava dado o arranque para que a tese da inferioridade do continente, e de seus homens, viesse a se afirmar a partir do século XIX (SCHWARC, 2013, pp. 20-21).

No Brasil do final do século XIX e início do século XX, os ideais do racismo se instituem e desafiam os intelectuais a explicar os fenômenos sociais, numa nação cujo povo é constituído pela miscigenação.

Em *Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930* publicado em 1993 a antropóloga Lilia Moritz Schwarcz efetua profundo estudo sobre a questão racial no Brasil. Na obra a autora se debruça sobre a questão da miscigenação.

Saudada pelos cientistas estrangeiros como fenômeno desconhecido e recente, a miscigenação transformava-se em tema polêmico entre as elites locais. De um lado, o problema racial é a linguagem pela qual se torna possível apreender as particularidades observadas. [...] nesse contexto em que discursos raciais vinculavam-se a projetos de cunho nacionalista, soava correto imaginar uma nação em termos biológicos, ou estimar uma futura homogeneidade, [...]. Por outro lado, no entanto, a constatação de que essa era uma nação mestiça gerava novos dilemas para os cientistas brasileiros. Se falar na raça parecia oportuno — já que a questão referendava-se empiricamente e permitia certa naturalização de diferenças, sobretudo sociais —, o mesmo tema gerava paradoxos: implicava admitir a inexistência de futuro para uma nação de raças mistas como a nossa (SCHWARCZ, 1994, p. 138).

Com o foco da ciência na miscigenação, como um fenômeno novo à época e já impregnado de uma carga negativa, traz à tona grande desafio para a constituição de uma nação, que após a escravidão é visivelmente um povo miscigenado. Lembremos que para esse prisma científico a miscigenação é a responsável pela degeneração dos povos, devendo ser evitada. Justificar o surgimento de uma nação com essas características e ainda garantir a manutenção dos privilégios da elite branca nacional se torna tarefa dos intelectuais brasileiros da época.

A pluralidade racial nascida do processo colonial representava, na cabeça dessa elite, uma ameaça e um grande obstáculo no caminho da construção de uma nação que se pensava branca, daí por que a raça tornou-se o eixo do grande debate nacional que se travava a partir do fim do século XIX e repercutiu até meados do século XX. [...] Apesar das diferenças de pontos de vista, a busca de uma identidade étnica única para o país tornou-se preocupante para vários intelectuais desde a primeira República: Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Alberto Torres, Manuel Bonfim, Nina Rodrigues, João Batista Lacerda, Edgar Roquete Pinto, Oliveira Viana, Gilberto Freyre, etc., para citar apenas os mais destacados. Todos estavam interessados na formulação de uma teoria do tipo étnico brasileiro, ou seja, na questão da definição do brasileiro enquanto povo e do Brasil como nação. O que estava em jogo, neste debate intelectual nacional, era fundamentalmente a questão de saber como transformar essa pluralidade de raças e mesclas, de culturas e valores civilizatórios tão diferentes, de identidades tão diversas, numa única coletividade de cidadãos, numa só nação e num só povo. (MUNANGA, 1999, pp. 51-52).

A resposta que *homens de ciência* elaboraram ao desafio de explicar a viabilidade de uma nação miscigenada.

Evidenciava-se a defasagem entre as teorias deterministas que chegavam de fora quando pensadas em função da realidade mestiça de dentro e a rigidez da teoria quando o objeto em questão era a nação brasileira. A saída foi então preconizar a adoção do ideário científico, porém, sem seu corolário teórico — aceitar a ideia da diferença ontológica entre as raças sem a condenação à hibridação — à medida em que o país, a essas alturas, encontrava-se irremediavelmente miscigenado. (SCHWARCZ, 1994, p. 138).

Pelo exposto, os intelectuais da época mantiveram do *racismo científico* apenas os conceitos que melhor se adequaram à manutenção da hierarquia racial no país, desconsiderando a condenação à miscigenação. De acordo com Schwarcz (1994) a originalidade e relevância dessa teoria são desenvolvidas pela elite intelectual nos estabelecimentos de ensino e pesquisa do país, entre os anos de 1870 e 1930. Dentre os intelectuais brasileiros do período citado, destaca-se Silvio Romero defensor de que a miscigenação resultará no branqueamento do povo.

No seu pensamento, Sílvio Romero coloca a crucial questão de saber se a população brasileira, oriunda do cruzamento entre as três raças (branca, negra e índia) tão distintas, poderia fornecer ao país uma feição própria, original. Acreditava no nascimento de um povo tipicamente brasileiro que resultaria da mestiçagem entre essas três raças e cujo processo de formação estava ainda em curso. Mas, desse processo de mestiçagem do qual resultará a dissolução da diversidade racial e cultural e a homogeneização da sociedade brasileira, dar-se-ia a predominância biológica e cultural branca e o desaparecimento dos elementos não brancos. (MUNANGA, 1999, p. 52).

Ainda sobre Silvio Romero, Schwarcz (1993) enfatiza o esforço do mesmo em “tentar aplicar todo um ideário científico à complexa realidade nacional” (1993, p. 153). Complementa que Romero.

[...] afastou-se dos modelos teóricos puros para encontrar no mestiço "a condição de vitória do branco no país". Ou seja, em vista da constatação da inexistência de um grupo étnico definitivo no Brasil, esse intelectual elegia o mestiço como o produto final de uma raça em formação. Utilizando de forma pouco ortodoxa as máximas poligenistas da época, Romero encontrava na mestiçagem o resultado da luta pela sobrevivência das espécies, como estabeleciam as teorias deterministas da época. Porém, paradoxalmente, ao invés de condenar a hibridação racial, seguindo os modelos evolucionistas

sociais, esse autor encontrava nela a futura ‘viabilidade nacional’. Usando a expressão de Silvio Rabello, a teoria de Romero mais se aproximava a um ‘arianismo de conveniência’, no qual se sustentava o modelo da seleção, a eleição de uma raça mais forte, sem que, no entanto, se incorresse nos supostos dessa postura que se preocupava em denunciar o caráter letal do cruzamento de raças distintas. (SCHWARCZ, 1993, p.154, grifos do autor).

A partir do exposto, apresentamos as justificativas *científicas* para a manutenção da hierarquia racial entre os povos e a conveniente aplicação do *racismo científico* à especificidade racial do país. Especificidade essa, que reforça e tenta legitimar os ideais socioculturais da branquitude, cujas repercussões permanecem como experiências dos povos não-brancos no Brasil.

Schwarcz (1994), também destaca a colaboração das Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, sendo que deste último resgata a figura do médico Raimundo Nina Rodrigues<sup>5</sup> (1862/1906), importante expressão do racismo científico nacional. Autor de diversas obras, dentre elas: *os Africanos no Brasil e As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil*. O médico envida esforços na busca da comprovação do potencial criminoso dos negros. A medicina criminal se desenvolve, ancorada pelos estudos do italiano Cesare Lombroso.

Adotando os métodos da escola positiva italiana, cujo grande teórico era Cesare Lombroso, os médicos baianos estabeleciam correlações rígidas entre aspectos exteriores e interiores do corpo humano, considerando a miscigenação, por princípio, um retrocesso, um grande fator de degeneração. Dessa maneira, os exemplos de embriaguez, alienação, epilepsia, violência ou amoralidade passavam a ser utilizados como provas da correção dos modelos darwinistas sociais em sua condenação ao cruzamento, em seu alerta à imperfeição da hereditariedade mista. Sinistra originalidade encontrada pelos peritos baianos: o enfraquecimento da raça permitia não só a exaltação de uma especificidade da pesquisa nacional, como uma identidade do grupo profissional. (SCHWARCZ, 1994, p. 145).

É relevante frisar que Nina Rodrigues, por acreditar em diferentes graus de evolução dos grupos raciais, defendia a existência de dois códigos penais: um para brancos e outro para os negros, argumentando que esses últimos por se encontrarem em graus de evolução inferior ao branco, deveriam ser tratados de forma distinta nos processos penais. Tal proposição se tornou referência no âmbito da medicina legal no Brasil.

---

<sup>5</sup> É curioso identificar que Nina Rodrigues é um intelectual que tem sua memória preservada no cotidiano do Estado da Bahia. Exemplos disso é que hoje recebem seu nome o Instituto Médico Legal da Bahia e o Museu do IML Estácio Lima que é popularmente conhecido pelo nome do médico.

Sendo dadas as desigualdades entre as raças, seriam necessárias modificações na responsabilidade penal. A regra do contrato na sociedade brasileira, que considera todos os indivíduos iguais perante a lei, que é uma medida de defesa social, converte-se em pura repressão: índios, negros e mestiços não têm a mesma consciência do direito e do dever que a raça branca civilizada, porque ainda não atingiram o nível de desenvolvimento psíquico, seja para discernir seus atos, seja para exercer o livre-arbítrio. (MUNANGA, 1999, p. 54).

Na comparação entre brancos e não-brancos esses últimos estão em evidente desvantagem. Nesse sentido podemos, inclusive, considerar que esse tipo de posicionamento é um reforço aos argumentos que relegam o povo negro à condição de coisa/objeto.

[...] apegado à ciência positivista, é caracterizado como um dos maiores racistas brasileiros do final do século XIX. A influência de Nina Rodrigues no Brasil foi de tal forma significativa, que após sua morte seus discípulos formaram uma Escola denominada Nina Rodrigues. [...] Os trabalhos de pesquisa e as reflexões raciais de Nina Rodrigues são reflexos da culminação das teorias europeias na América, nos finais do século XIX e representaram as principais propostas para o processo de consolidação e estrutura do Estado, no que se refere à participação da grande massa étnica na sociedade. (ARAÚJO, 2007, pp. 95-96).

Quando lemos o trecho acima, não é de estranhar as agruras vivenciadas no decorrer do tempo pela população negra, que nos dias de hoje tem sua imagem associada à criminalidade, tornando-os vítimas históricas do encarceramento e de genocídios, assuntos que pretendemos abordar no decorrer desse capítulo.

Nina Rodrigues, de acordo com Munanga (1999), se diferencia de Silvio Romero ao discordar que a miscigenação resultaria no embranquecimento do povo brasileiro. Tornando-se um destacado representante no Brasil das doutrinas advogadas pelo *racismo científico*, com ênfase na condenação à miscigenação/hibridação.

Ainda no que concerne aos intelectuais que no Brasil contribuíram com a propagação do racismo elencamos Francisco José Oliveira Vianna (1883-1951), que recebeu influências de pesquisadores como Gustave Le Bon, autor da existência de alma de raça, e que por isso justificava o domínio dos ingleses (menor quantitativamente, mas racialmente superiores) sob os indianos (maior quantitativo de pessoas, mas racialmente inferiores) e de G. Vacher de Lapouge que defendia a soberania da raça ariana (RICUPERO, 2007).

Em conformidade com os pensadores da sua geração, Vianna foi influenciado pelas teorias racistas advindas da Europa, se destacando em suas obras a defesa da raça enquanto conceito importante para explicação da dinâmica societária do Brasil.

A obra de Oliveira Vianna encontra-se indelevelmente marcada pelo racismo. Esta é extensa e multifacetada, abrangendo um amplo leque de temas. Contudo, a perspectiva do racismo ‘científico’, presente em várias publicações, como *Populações Meridionais do Brasil* (1920), *Evolução do Povo Brasileiro* (1923) e *Raça e Assimilação* (1932), conduziu a crítica a seu pensamento a posições intempestivas quase unânimes em torno dessa faceta da obra. Fiel aos ‘preceitos’ do cientificismo, do darwinismo social, do evolucionismo e da antropologia do final do século XIX e início do XX, Vianna construirá um arranjo teórico explicativo da constituição social brasileira baseado na centralidade do arianismo e da hierarquização ‘racial’ como condição civilizatória mor, e da mestiçagem e do negro como males sociais. (TRAPP, 2013, p. 112, grifos do autor).

Vianna, portanto, enfatiza a necessidade de combater o problema da formação racial, recorrendo ao argumento já constituído de que a miscigenação resultaria no branqueamento da população.

O branqueamento por meio da promoção da mestiçagem transforma-se em novo projeto político de engenharia *racial*. Além do mais, o embranquecimento significava passaporte e condição necessária para transformar o Brasil em uma nação digna desse nome. Embranquecer tinha o mesmo significado que modernizar. Todo o aparato estatal da época foi mobilizado a fim de possibilitar a importação de imigrantes europeus, considerados racialmente superiores e mais aptos ao trabalho agrícola e ao desenvolvimento industrial. (SANTOS, 2016, p. 3, grifo do autor).

O branqueamento se torna uma meta necessária à viabilização do país. Para isso foram implementadas políticas de Estado que possibilitassem no período pós-abolição a vinda de imigrantes, sobretudo europeus brancos. Ou seja, a política de imigração intensificada no início do século XX não se justifica tão somente pela necessidade de mão de obra *qualificada* ao capitalismo industrial, mas também visou empreender a eliminação da *mancha negra* do povo do país, que uma vez assimilada pela miscigenação com a *raça superior branca*, desapareceria.

Durante os tempos da escravidão, esta política de embranquecer a população estruturava-se de forma a limitar de qualquer maneira o crescimento da população negra. [...] A predominantemente racista orientação da política imigratória foi outro instrumento básico nesse processo de embranquecer o

país. A assunção prevalecente, inspirando nossas leis de imigração, considerava a população brasileira como feia e geneticamente inferior por causa da presença do sangue negro africano. [...] Fato inquestionável é que as leis de imigração nos tempos pós-abolicionistas foram concebidas dentro da estratégia maior: a erradicação da ‘mancha negra’ na população brasileira. [...] O conluio dos intelectuais e dos acadêmicos ‘cientistas’ na formulação dessa política foi decisivo para sua aceitação. Na década de 20, quando o Brasil estimulava através de leis a imigração de brancos europeus (celtas, raças nórdicas, iberos, eslavos, germânicos, portugueses, austríacos, russos, italianos), ‘científicos’ endossos a esta política e seus objetivos se encontravam amplamente disponíveis. (NASCIMENTO, 1978, pp. 70-72, grifos do autor).

Essa era a perspectiva, que associada ao entendimento da incapacidade dos/as negras/os se adequar à nova fase de desenvolvimento social e econômico do Brasil, relegou os ex-escravos ao abandono na intenção de também promover o apagamento da História da contribuição do povo negro no desenvolvimento da nação.

O papel do negro escravo foi decisivo para os começos da história econômica de um país fundado, como era o caso do Brasil, sob o signo do parasitismo imperialista. Sem o escravo a estrutura econômica do país jamais teria existido. O africano escravizado construiu as fundações da nova sociedade com a flexão e quebra de sua espinha dorsal, quando ao mesmo tempo seu trabalho significava a própria espinha dorsal daquela colônia. Ele plantou, alimentou e colheu riqueza material do país para o desfrute exclusivo da aristocracia branca. (NASCIMENTO, 1978, p. 49).

Obviamente, que em virtude do racismo presente no Brasil, os interesses na manutenção dos privilégios dos “brancos” precisavam ser preservados e nas décadas seguintes o investimento nessa ideologia passa a ser intenso. Entretanto, ao invés de motivações de cunho biológico o aspecto cultural de nossa miscigenação será destacado. “[...] nos anos 1930 uma nova visão oficial deste país é construída. Dessa vez, a mestiçagem – menos biológica e mais cultural – é destacada, não mais como veneno, mas tal qual redenção” (SCHWARCZ, 2013, p. 27).

Desse processo buscaremos elucidar adiante como ocorreu a construção do que Carlos Moore (2012) denominará de mitoideologia da democracia racial no Brasil<sup>6</sup> e como o movimento negro promove a ressignificação da raça como categoria de luta e afirmação da negritude.

---

<sup>6</sup> Para aprofundamento consultar o livro: MOORE, C. **Racismo e Sociedade**: novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Nandyla, 2012.

## 2.2 REVELANDO O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL E A RAÇA COMO CONCEITO SÓCIO-HISTÓRICO

O branqueamento que tem na “raça branca” o modelo de perfeição da espécie humana não se concretiza no Brasil, apesar das políticas de Estado desenvolvidas com essa finalidade.

Apesar do intenso influxo de ‘sangue europeu’, em especial para os estados do sul e sudeste, a população mestiça não diminuiu conforme o esperado. A mestiçagem e/ou o embranquecimento não pareciam mecanismos suficientes para frear o crescimento demográfico da população negra. Em meados dos anos 30 inicia-se um processo de reversão no pensamento racial brasileiro. A mestiçagem deixa de significar um problema para a identidade brasileira e passa a ser vista como o principal atributo da nacionalidade. Torna-se um valor. O mestiço e/ou mulato passam a ser vistos como o brasileiro por excelência. (SANTOS, 2016, p. 3, grifo do autor).

A reversão no pensamento racial brasileiro do qual o autor acima citado se refere ocorrerá influenciado pelo culturalismo antropológico, pela condenação das teorias racistas da Europa e pelo modernismo literário que exaltar a figura do mulato como o modelo de nacionalidade.

Um expoente intelectual dessa mudança será Gilberto Freyre, pernambucano que no ano 1933, publica o livro *Casa Grande e Senzala* que passa a ser considerada uma obra clássica, em virtude de ter apresentado uma nova forma de interpretar a realidade brasileira. Propõe-se à luz do patriarcalismo analisar a formação da família brasileira.

Para tanto, descreve sobre a colonização portuguesa no Brasil; O indígena na formação da família brasileira; o colonizador português e sobre o escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro.

Retomando a temática da convivência entre as ‘três raças’, Gilberto Freyre trazia para seu livro a experiência provada das elites nordestinas e fazia, de seu modelo antropológico, um exemplo de identidade. O livro oferecia uma interpretação inesperada para a sociedade multirracial brasileira, invertendo o antigo pessimismo e introduzindo os elementos culturais enquanto indicadores de análise. O ‘cadinho das raças’ aparecia como uma versão otimista, mais evidente aqui do que em qualquer outro lugar. [...] Freyre mantinha intocados em sua obra, porém, os conceitos de superioridade e de inferioridade, assim como não deixava de descrever a violência presente durante o período escravista. A novidade estava na interpretação que descobria no cruzamento de raças um fato a singularizar a nação, nesse

processo que fazia com que a miscigenação parecesse, por si só, sinônimo de tolerância. (SCHWARCZ, 2013, p. 28, grifos da autora).

Freyre (1933) constitui em *Casa Grande e Senzala* o que veio a se tornar conhecido como democracia racial. Nesse sentido, somos identificados como um país em que a escravidão vigorou, mas que foi *menos cruel* pelas mãos do colonizador português em relação a outros colonizadores. Que a resultante desse processo de *sadismo* por parte do colonizador e de *masoquismo* por parte da escrava negra aparentemente enfatizando a existência de prazer e também aparentando justificar a violência foi *formidável*: o miscigenado.

A presença em *Casa Grande e Senzala* de termos como *amor, doidas, nudez, confraternização, gulosos, gosto, adocicado e doce* no contexto das frases que se apresentam não nos deixa outra impressão que não seja a de que apesar da violência do sistema patriarcal, orientando toda a vida colonial, houve aspectos positivos, transparecendo que a questão racial não é um problema a ser enfrentado no Brasil.

Por vezes é a visão otimista freyriana que prevalece transformando o país numa grande imagem de convivência racial pacífica e idílica. É de novo *a raça* que aparece em expressões como *esse é um sujeito de raça, você vale quanto vale a sua raça, vai na raça*, entre tantas outras que falam de uma certa identidade nacional ainda pautada por uma coloração singular. *A raça* continua, também, presente em sua asserção mais negativa, que busca vincular aspectos exteriores a certas deformações morais. É esse o discurso policial, a fala que preconceitua no cotidiano da violência (SCHWARCZ, 1994, p. 149, grifos da autora).

Prevalecerá no Brasil um esquema hierárquico em que o branco controla as decisões sobre os povos originários do continente americano e os negros.

No caso do negro especificamente, vamos perceber que deste vértice inferior, onde está o negro, até o vértice superior, onde está o branco, o famoso contínuo de cor vai mexer profundamente com a identidade do próprio negro na sociedade brasileira. [...]. Na verdade, a questão desse contínuo que se estabelece, e o tipo de ideologia que domina a sociedade brasileira, a ideologia da hierarquia mesmo, cada coisa no seu lugar, cada um no seu lugar (GONZALEZ, 1986, p. 146).

A ideologia do branqueamento possibilita a assimilação de valores do grupo branco pelos grupos não-brancos, inclusive o preconceito contra o próprio grupo. Ou seja, o estranhamento entre os membros pertencentes ao mesmo grupo racial ocorre de forma que pessoa negra tem dificuldades de se identificar com outro negro.

A maior parte das populações afro-brasileiras vive hoje nessa zona vaga e flutuante. O sonho de realizar um dia o 'passing' que neles habita enfraquece o sentimento de solidariedade com os negros indisfarçáveis. Estes, por sua vez, interiorizaram os preconceitos negativos contra eles forjados e projetam sua salvação na assimilação dos valores culturais do mundo branco dominante. Daí a alienação que dificulta a formação do sentimento de solidariedade necessário em qualquer processo de identificação e de identidade coletivas. Tanto os mulatos quanto os chamados negros 'puros' caíram na armadilha de um branqueamento ao qual não terão todo acesso abrindo mão da formação de sua identidade de 'excluídos' (MUNANGA, 1999, p. 88, grifos do autor).

A afirmação do autor citado acima é uma realidade que infelizmente persiste no Brasil, ainda que seja evidente que nas últimas décadas tenha ocorrido avanços legislativos como a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial e o empoderamento das pessoas negras (expressados, por exemplo, no uso dos cabelos crespos ao invés dos alisamentos químicos), as mesmas não tem sido suficientes para a superação do racismo, sobretudo quando a história do povo negro é depreciada, subalternizada e desvalorizada no país.

Nessa mesma esteira, constituída para ocultar e silenciar a história do povo negro reside a democracia racial, que propaga a ideia de que todos os grupos possuem oportunidades e direitos iguais em nossa sociedade, mas que favorece na realidade o mascaramento do racismo.

O mito de democracia racial, baseado na dupla mestiçagem biológica e cultural entre as três raças originárias, tem uma penetração muito profunda na sociedade brasileira: exalta a ideia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, permitindo às elites dominantes dissimular as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não-brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão da qual são vítimas na sociedade. Ou seja, encobre os conflitos raciais, possibilitando a todos se reconhecerem como brasileiros e afastando das comunidades subalternas a tomada de consciência de suas características culturais que teriam contribuído para a construção e expressão de uma identidade própria. Essas características são 'expropriadas', 'dominadas' e 'convertidas' em símbolos nacionais pelas elites dirigentes. (MUNANGA, 1999, p. 80, grifos do autor).

O mito que configura as *harmônicas* relações raciais no Brasil foi apenas explicitado, pelos estudos coordenados por Florestan Fernandes e Roger Bastide, nos anos de 1950, em

São Paulo o que ficou conhecido como projeto UNESCO<sup>7</sup>. O surgimento do projeto tem origem com fim da 2ª guerra mundial que teve como resultado o extermínio de milhões de vidas – o holocausto.

Na segunda metade dos anos 1940, a UNESCO espelhava a perplexidade e a ânsia de inteligibilidade – por parte de intelectuais, comunidade científica e dirigentes políticos – dos fatores que levaram aos resultados catastróficos da 2ª Guerra Mundial em nome da raça. Esse quadro se tornou ainda mais dramático com a persistência do racismo em diversas partes do mundo. [...]. Diante desse cenário, a UNESCO, munida da razão iluminista, procurou encontrar soluções universalistas que cancelassem os efeitos perversos do racismo. O Brasil foi escolhido, em perspectiva comparada com a negativa experiência racial norte-americana, para ser um dos polos de investigação dos dilemas vividos pelo mundo ocidental. (MAIO, 2007, p. 12).

Devemos frisar que a UNESCO tinha a compreensão do Brasil como modelo de convivência entre as raças, a partir do espraiamento por parte de nossos intelectuais de um país racialmente democrático. Dessa forma são justificados os estudos desenvolvidos nos Estados da Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Pernambuco.

Diversos registros dos estudos foram feitos, e destes, destacamos o livro *Integração do Negro na Sociedade de Classes* de Florestan Fernandes, escrita em 1964, cujo conteúdo versa sobre as relações raciais no Brasil, possibilitando a compreensão da dinâmica de subalternização do povo negro, no período pós-abolição. O autor destaca que a ordem social competitiva e o regime de classes sociais ocorreram de forma lenta e descontinuada na cidade de São Paulo, em virtude da resistência seletiva a inovações socioculturais e a conservação em seu bojo de reminiscências vivas do passado, das estruturas arcaicas que construíam o antigo regime.

Refere que as relações existentes durante a vigência da escravidão não desapareceram por completo após a abolição, pela mesma ter persistido na mentalidade, no comportamento e, até na organização das relações sociais. O que sem dúvida nos parece pertinente, tanto à época em que o livro foi escrito como na atualidade, pela persistência das práticas racistas.

O autor ainda argumenta que em decorrência do passado escravista, o negro e o mulato ingressaram na sociedade de classes com desvantagens insuperáveis. Tal constatação teria sido o aspecto motivador de um padrão de isolamento econômico e sociocultural do

---

<sup>7</sup> UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Para aprofundamento sobre o tema sugerimos a leitura de: PEREIRA, C. L.; SANSONE, L. (Orgs.). **Projeto UNESCO no Brasil: textos críticos**. Salvador: EDUFBA, 2007.

negro e do mulato. Para tanto o mito da democracia racial desempenha um papel importante na medida em que.

Generalizou um estado de espírito farisaico, que permitia atribuir à incapacidade ou à irresponsabilidade do ‘negro’ os dramas humanos sofridos pela ‘população de cor’; Isentou ‘o branco’ de qualquer obrigação, responsabilidade ou solidariedade morais, perante os efeitos sociopáticos da espoliação abolicionista e da deterioração progressiva da situação socioeconômica do negro e do mulato; Revitalizou a técnica de focalizar e avaliar as relações entre ‘negros’ e ‘brancos’ através da exterioridade ou aparências dos ajustamentos raciais, forjando uma consciência falsa da realidade racial brasileira. (FERNANDES, 2008, p. 311, grifos do autor).

Destaca-se na obra, que o mito da democracia racial favoreceu, sobretudo, a autonomia da *raça branca* e a heteronomia da *raça negra*. Esse argumento do autor indica as condições de desigualdade que ocorreram entre negros e brancos no processo de transição da sociedade escravista para a de classes no Brasil. No que se referem aos aspectos jurídicos as modificações lograram êxito, ao contrário das relações vivenciadas na sociedade.

O autor também descreve que a situação de classe só encontra vigência quando determinada categoria social conquista os requisitos econômicos, sociais e culturais de uma classe e isso, em termos raciais apenas a *raça branca* teria alcançado. Daí que a questão de classe se sobrepõe à questão racial. Para o autor na medida em que os negros conquistassem os requisitos citados acima, as relações raciais do antigo regime seriam superadas e assim os mesmos estariam integrados à nova sociedade.

A desconstrução dos argumentos de uma sociedade em que a harmonia racial prevalece, é realizada por Florestan Fernandes, que eleva os estudos das relações raciais a um novo patamar, o da crítica aos padrões estabelecidos. No entanto, a centralidade da categoria classes sociais é questionada por integrantes do movimento negro (a exemplo de Lélia Gonzalez) como possibilidade central para superação do racismo.

É importante insistir que no quadro das profundas desigualdades raciais existentes no continente, se inscreve, e muito bem articulada, a desigualdade sexual. Trata-se de uma discriminação em dobro para com as mulheres não-brancas da região: as amefricanas e as ameríndias. O duplo caráter da sua condição biológica – racial e sexual – faz com que elas sejam as mulheres mais oprimidas e exploradas de uma região de capitalismo patriarcal-racista dependente. Justamente porque este sistema transforma as diferenças em desigualdades, a discriminação que elas sofrem assume um caráter triplo, dada sua posição de classe, ameríndias e amefricanas fazem parte, na sua grande maioria, do proletariado afrolatinoamericano. [...] Cabe aqui um dado

importante da nossa realidade histórica: para nós, *amefricanas do Brasil e de outros países da região -assim como para as ameríndias- a conscientização da opressão ocorre, antes de qualquer coisa, pelo racial.* Exploração de classe e discriminação racial constituem os elementos básicos da luta comum de homens e mulheres pertencentes a uma etnia subordinada. (GONZALEZ, 2011, pp. 17-18, grifo nosso).

Observamos pelo exposto, que a compreensão dos povos oprimidos sobre as opressões que os atinge ocorrerá, sobretudo, pela sua origem racial. Essa argumentação da autora citada, com a qual concordamos, sustenta-se pelo prisma da experiência<sup>8</sup> de ser mulher negra numa realidade estruturada no racismo. Sendo assim analisar as camadas subalternas da América Latina, formada majoritariamente por descendentes das pessoas negras e dos povos nativos das Américas somente é possível pela indissociação entre raça e classe social. Dessa forma, indicar que a centralidade das lutas por emancipação reside num ou noutro conceito nos parece um equívoco.

Munanga (2015), em entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos reflete e se posiciona sobre a relação entre raça e classe.

Se a geografia dos corpos existe, que outro critério é usado para distinguir brancos e negros? Alguns, por inércia do mito de ‘democracia racial’ [...], continuam a acreditar que a classe socioeconômica é o único critério de ‘discriminação dos negros’ no Brasil. No entanto, é pela geografia dos corpos que somos vistos e percebidos antes de descobrir nossas classes sociais. Como um policial enxergaria o professor Kabengele Munanga de passagem na periferia de qualquer cidade brasileira? Pela cor da pele ou pela classe social? Talvez já tivesse sido morto antes de descobrirem que pertencem à classe média intelectual, como aconteceu anos atrás com o jovem dentista negro [...] morto pela ação de policiais na cidade de Guarulhos, no Estado de São Paulo. Lembraria a piada do macaco que estava correndo para atravessar a fronteira entre o Brasil e o Paraguai. ‘Macaco, por que está correndo tanto, com a língua para fora?’, lhe foi perguntado. ‘Lá no Brasil estão matando todos os animais que têm orelhas grandes’, respondeu. ‘Mas você não tem orelhas grandes, por que então está com medo?’ Questionaram-lhe. Até provar, ‘meu amigo’, já estaria morto!’, respondeu o macaco. (MUNANGA, 2015, p. 3, grifos do autor).

O que nos revela acima, o professor Munanga, condiz com o cotidiano de negras/os no Brasil. A morte espreita o povo negro historicamente, ainda que este venha a integrar a classe abastada no país. Estamos afirmando com isso que o corpo negro, “retinto” é o primeiro elemento identificado/lido socialmente pelos demais membros da sociedade, arremetendo

---

<sup>8</sup> Abordaremos em detalhes o conceito de experiência no decorrer do próximo capítulo.

com ele todas as memórias depreciativas construídas historicamente e ideologicamente sobre esse corpo, essa raça.

Por motivos como o descrito acima é que se tornam relevantes análises como a de Florestan Fernandes que revisiona suas teses e reconhece a relação entre raça e classe, conforme trecho a seguir.

Todos os trabalhadores possuem as mesmas exigências diante do capital. Todavia, há um acréscimo: existem trabalhadores que possuem exigências diferenciais, e é imperativo que encontrem espaço dentro das reivindicações de classe e das lutas de classes. Indo além, em uma sociedade multirracial, na qual a morfologia da sociedade de classes ainda não fundiu todas as diferenças existentes entre os trabalhadores, a raça também é um fator revolucionário específico. Por isso, existem duas polaridades, que não se contrapõem, mas se interpenetram como elementos explosivos — a classe e a raça. Se a classe tem de ser forçosamente o componente hegemônico, nem por isso a raça atua como um dinamismo coletivo secundário. A lógica política que resulta de tal solo histórico é complexa. A fórmula ‘proletários de todo o mundo uni-vos’ não exclui ninguém, nem em termos de nacionalidades nem em termos de etnias ou de raças. Contudo, uma é a dinâmica de uma estratégia fundada estritamente na situação de interesses exclusivamente de classe; outra é a dinâmica na qual o horizonte mais largo estabelece uma síntese que comporte todos os interesses, valores e aspirações que componham o concreto como uma ‘unidade no diverso’. Classe e raça se fortalecem reciprocamente e combinam forças centrífugas à ordem existente, que só podem se recompor em uma unidade mais complexa, uma *sociedade nova*, por exemplo. [...] A classe é, para o proletário, a formação social que organiza seu confronto com a ordem. O essencial não é o ‘melhorismo’, a ‘reforma capitalista do capitalismo’. Mas, a eliminação da classe, do regime de classes e da sociedade organizada em classes. Em sociedades de origem colonial há elementos de tensão que tornam algumas categorias de proletários mais radicais e revolucionárias que outras. Quer para as transformações dentro da ordem, quer para a revolução contra a ordem, tais elementos de tensão são cruciais para a radicalização e a tenacidade dos movimentos sociais proletários. Isso não quer dizer que todo o negro poderá ser um militante proletário mais firme e decidido que os demais. Quer dizer que a raça é uma formação social que não pode ser negligenciada na estratégia da luta de classes e de transformação dentro da ordem ou contra ordem, que há um potencial revolucionário no negro que deve ser despertado e mobilizado. Uma coisa é jogar contra o capital o dinamismo negador de classe contra classe. Outra coisa é jogar contra ele todos os dinamismos revolucionários que fazem parte da situação global. O negro acumulou frustrações e humilhações que tornam incontáveis os seus anseios de liberdade, de igualdade e de fraternidade. Ele não pode dar a outra face. É tudo ou nada. Ou rebeldia ou capitulação. Ou democracia para valer ou luta contra os grilhões, agora ocultos por uma pseudodemocracia. (FERNANDES, 2006, pp. 84-87, grifos do autor).

A citação é longa, mas possibilita-nos demonstrar, através da realidade colonial que raça e classe no Brasil não estão dissociadas na construção das estratégias para a realização da transformação societária. Vamos para além, a raça é tão importante quanto a classe e o sexismo na busca das soluções às desigualdades sociais, econômicas, culturais que historicamente atravessamos no país.

O problema que identificamos ser importante enfrentar, sem mitigações é a utilização do argumento de hegemonia da classe que tem prevalecido historicamente na esquerda do país, para relegar ao segundo plano as demandas oriundas do povo negro, como se todos fossemos atingidos da mesma forma pelo processo de exploração e expropriação promovido pelo sistema capitalista de produção. Fernandes na citação acima desmonta essa argumentação, porém, infelizmente o mito da democracia racial permanece atuante perpassando não somente a elite do Brasil, mas também as frentes de luta de potencial transformador da sociedade de classes. Sobre essa questão, entendemos que a resistência por parte do pensamento da esquerda em colocar no mesmo nível de importância a questão racial e social no país desigual como o Brasil, tem assento no racismo. Enquanto não houver esse reconhecimento e adoção de medidas de reversão desse entendimento, muito pouco ou nada será efetivamente transformado na realidade dos povos subalternizados.

Nessa seara, os estudos desenvolvidos por Carlos Hasenbalg e apresentados em seu livro, intitulado a *Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil (2005)*, resultaram em novas referências acerca das pesquisas sobre as relações raciais. O autor argumenta que na perspectiva marxista ortodoxa a situação dos negros e outros grupos racialmente subordinados tende a ser explicada, quase exclusivamente, pela sua posição econômica como classe trabalhadora. Preconceito e discriminação raciais são, nesse sentido, mecanismos manipuladores utilizados pelas classes dominantes a fim de explorar as minorias raciais e dividir o proletariado. De acordo com o autor citado, essa explicação é reducionista, por desconsiderar os aspectos raciais que se encontram imbricados nesse processo.

A raça, como atributo socialmente elaborado, está relacionada principalmente ao aspecto subordinado da reprodução das classes sociais, isto é, a reprodução e distribuição dos agentes. Portanto as minorias raciais não estão fora da estrutura de classes sociais. O racismo, através de práticas de discriminação racial, é o determinante primário da posição dos não-brancos nas relações de produção e distribuição. (HASENBALG, 2005, p. 120).

É, portanto, evidente que o autor demonstra que a raça e o racismo são determinantes para o processo de exploração e reprodução do capital. Com isso o mesmo parece não recusar a explicação pela via das classes sociais, uma vez que a exploração econômica compõe o processo de opressão, contudo destaca que essa não é a única explicação para o fenômeno.

Argumenta ainda o autor citado no decorrer do livro, que a população negra tem sido explorada economicamente. Refere que os exploradores foram principalmente classes ou frações de classe economicamente dominantes brancas, beneficiando capitalistas brancos e brancos não capitalistas. Nesse âmbito menciona *que nascer branco numa sociedade multirracial constitui uma espécie de posse*. Essa é uma afirmação que entendemos que poucas pessoas, estudiosos e instituições estão dispostas a concordar, principalmente por exigir o reconhecimento da existência do racismo e dos privilégios ao branco, dele decorrente.

Em suma, o autor argumenta que a raça, como traço fenotípico historicamente elaborado, é um dos critérios mais relevantes que regulam os mecanismos de recrutamento para ocupar posições na estrutura de classes e no sistema de estratificação social, destacando ainda, as dificuldades que a população fenotipicamente próxima do povo negro tem de realizar a mobilidade social:

Os sociólogos Carlos Hasenbalg e Nelson do Vale e Silva desenvolveram uma teoria que chamaram de ‘ciclo cumulativo de desvantagens’ para explicar como esse fenômeno se manifesta na vida das pessoas a cada geração. O argumento é basicamente o seguinte: por causa das condições de pobreza geradas pelo racismo estrutural, famílias negras terminam por deixar como ‘herança’ baixos índices de escolaridade aos seus filhos que, por sua vez, irão determinar o lugar de subalternidade social destes no mercado de trabalho. Conseqüentemente, os filhos de uma geração precedente terão muito mais dificuldades em deixar como herança condições adequadas a sua prole, reproduzindo a dinâmica cíclica de desvantagem ao mesmo tempo social e racial (na realidade a *dimensão racial* das desigualdades está ‘colada’ a lógica estrutural da reprodução social). Portanto, mesmo que se verifique mobilidade social individual, a imensa maioria dos negros continua a herdar as desvantagens geradas no passado e reproduzidas no presente por causa da continuidade (intencional) do racismo estrutural. (SANTOS, 2016, p. 1, grifos do autor).

Essa desvantagem é real. O movimento negro, sobretudo, a partir da década de 1970, efetuava o debate das desigualdades que afetam o povo negro e que tem no aspecto racial preponderância. Entretanto, no campo acadêmico o uso do conceito de raça não é uma unanimidade.

[...]. Por um lado, aqueles que se opõem ao uso do conceito de raça, pelas ciências sociais, fazem-no ou porque a biologia nega a existência de raças humanas ou porque consideram essa noção tão impregnada de ideologias opressivas que seus usos não poderiam ter outra serventia senão perpetuar e reificar as justificativas naturalistas para as desigualdades entre os grupos humanos. Por outro lado, aqueles que defendem a utilização do termo pelas ciências sociais enfatizam, em primeiro lugar, a necessidade de demonstrar o caráter específico de um subconjunto de práticas e crenças discriminatórias e, em segundo o fato de que, para aqueles que sofrem ou sofreram os efeitos do racismo, não há outra alternativa senão reconstruir, de modo crítico essa mesma ideologia. (GUIMARÃES, 2005, pp. 21-22).

A reconstrução crítica empreendida pela militância negra, nos diferentes espaços, é uma tarefa a que também nos filiamos, reforçando as análises do autor citado: “Se não for ‘raça’, a que atribuir as discriminações que somente se tornam inteligíveis pela ideia de ‘raça’? (GUIMARÃES, 2005, p. 27, grifo do autor). “De fato, quando a ‘raça’ está presente, ainda que seu nome não seja pronunciado, a diferenciação entre tipos de racismo só pode ser estabelecida através da análise de sua formação histórica particular”. (GUIMARÃES, 2005, p. 37, grifo do autor).

Tomando como pressuposto que o Brasil é uma sociedade racializada, e que o uso da categoria raça, para explicar a dinâmica sociorracial vivenciada pelas populações não-brancas no país, se mostra viável e atual a compreensão do fenômeno, reiteramos o uso dessa categoria no decorrer de nossas análises.

O Movimento Negro e alguns sociólogos, quando usam o termo raça, não o fazem alicerçados na ideia de raças superiores e inferiores como originalmente eram usadas no século XIX. Pelo contrário, usam-no com uma nova interpretação, que se baseia na dimensão social e política do referido termo. E, ainda, usam-no porque a discriminação racial e o racismo existente na sociedade brasileira se dão não apenas devido aos aspectos culturais dos representantes de diversos grupos étnico-raciais, mas também devido à relação que se faz na nossa sociedade entre esses e os aspectos físicos observáveis na estética corporal dos pertencentes às mesmas. (GOMES, 2012, p. 45).

É importante destacar que quando nos referimos ao racismo, estamos partindo da compreensão de raça como um conceito constituído de poder e dominação.

Podemos observar que o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. [...] Se na cabeça de um geneticista contemporâneo ou de um

biólogo molecular a raça não existe, no imaginário e na representação coletivos de diversas populações contemporâneas existem ainda raças fictícias e outras construídas a partir das diferenças fenotípicas como a cor da pele e outros critérios morfológicos. É a partir dessas raças fictícias ou ‘raças sociais’ que se reproduzem e se mantêm os racismos populares. (MUNANGA, 2003, p. 6, grifo do autor).

A partir do exposto até aqui afirmamos ser imprescindível trabalharmos com o conceito de raça, na perspectiva de favorecer a explicitação do racismo brasileiro e pelo reconhecimento de que o conceito gera profundas inquietações, na medida em que, nos encontramos dialogando com o que podemos entender como sendo um nó crítico no campo das relações raciais no Brasil, por ter sido constituído ideologicamente como harmônico e inexistente.

Avaliamos que a abordagem do conceito tende a colaborar com a realização de debate sobre o tema, tocando nas raízes da questão.

A maioria dos pesquisadores brasileiros que atuam na área das relações raciais e interétnicas recorrem com mais frequência ao conceito de raça. Eles empregam ainda este conceito, não mais para afirmar sua realidade biológica, mas sim para explicar o racismo, na medida em que este fenômeno continua a se basear em crença na existência das raças hierarquizadas, raças fictícias ainda resistentes nas representações mentais e no imaginário coletivo de todos os povos e sociedades contemporâneas. Alguns fogem do conceito de raça e o substituem pelo conceito de etnia considerado como um lexical mais cômodo que o de raça, em termos de ‘fala politicamente correta’. (MUNANGA, 2003, p. 12, grifo do autor).

Nesse bojo, reafirmamos que nossa opção teórica pelo uso do conceito de raça tem relação com as consequências sociais, econômicas e culturais do racismo brasileiro para a vida de negras/os. Nesse âmbito, concordamos com os argumentos que advogam pelo uso do conceito.

[...]. Espero ter demonstrado [...] por meio de uma história abreviada dos estudos das relações raciais no Brasil, a imprescindibilidade do conceito de raça para os brasileiros hoje. Tal necessidade prende-se ao fato de que, justo por termos construído uma sociedade antirracista, o conceito de ‘raça’ parece único – se concebido sociologicamente – em seu potencial crítico: por meio dele, pode-se desmascarar o persistente e sub-reptício uso da noção errônea de raça biológica, que fundamenta as práticas de discriminação, e têm na ‘cor’ (tal como definida pelos antropólogos dos anos 50) a marca e o tropo principal. (GUIMARÃES, 2009, p. 71, grifos do autor).

Semelhante análise pode ser lida em artigo publicado nos cadernos de pesquisa do Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS).

Se do ponto de vista da natureza o conceito de raça não se sustenta para discutir nossas diferenças, apesar disso, ele ainda opera na vida social. Os seres humanos se pensam e se classificam enquanto pertencentes à raça. Sociologicamente poderíamos dizer que a raça é uma construção social. Ou seja, a cor ou raça de uma pessoa está associada a certo significado simbólico. Sabemos que ser negro e branco no Brasil implicam diferenças de tratamento, no acesso ao mercado de trabalho ou no critério estético. (AGUIAR, 2007, p. 84).

Dito isto, revelamos que estamos buscando ainda contribuir com reflexões sobre o tema, a partir do campo em que o fenômeno se constitui e é operacionalizado na nossa sociedade – a vida cotidiana nas instituições e nas relações interpessoais, considerando ainda que é neste universo que diferenciações depreciativas, a partir também de características fenotípicas, sobretudo a cor da pele, se sobressaem. Neste cenário, destaca-se:

[...] o racismo é geralmente abordado a partir da raça, dentro da extrema variedade das possíveis relações existentes entre as duas noções. Com efeito, com base nas relações entre ‘raça’ e ‘racismo’, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suporte das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. (MUNANGA 2003, pp. 7-8, grifos do autor).

No relato exposto acima, o autor apresenta-nos a perspectiva naturalista do racismo, que se orienta pela comparação entre os sujeitos divididos por raças, em que se atribui hierarquizações entre os mesmos. A raça branca é considerada superior às demais e a negra na lógica histórica de desumanização e escravização é desqualificada e naturalmente tida como inferior. Mas no Brasil essa naturalização não é admitida, apesar de praticada, tornando assim o desafio, no trato do tema, ainda mais complexo. Assim, a reconstrução crítica da ideologia do racismo nos parece pertinente, a fim de possibilitar sua visibilidade e compreensão. (GUIMARÃES, 2009).

O Brasil não se encontra isolado no enfrentamento da questão racial, que assume configurações diferenciadas por todo o continente latino americano como poderemos analisar adiante, haja vista também integrarmos, enquanto nação esse território.

### 2.2.1 A Questão Racial e América Latina

Além dos aspectos anteriormente citados, frisamos que a América Latina é constituída no decorrer de um processo histórico marcado por violações, perpetradas aos povos originais do continente e da população negra que nele trabalhou por aproximadamente três séculos na condição de escravos dos colonizadores europeus.

A partir dessa constatação, se torna imprescindível registrar as bases de poder que formataram as relações entre esses povos, a partir dos elementos sociais, econômicos, políticos e culturais Europeus como padrão hegemônico.

América Latina constituiu-se junto com e como parte do atual padrão de poder mundialmente dominante. Aqui se configuraram e se estabeleceram a colonialidade e a globalidade como fundamentos e modos constitutivos do novo padrão de poder. Daqui partiu o processo histórico que definiu a dependência histórico-estrutural da América Latina e deu lugar, no mesmo movimento, à constituição da Europa Ocidental como centro mundial de controle desse poder. (QUIJANO, 2005, p. 9).

Frente a essa realidade, o autor citado argumenta que o sucesso do novo padrão de poder tem na ideia de raça o primeiro elemento fundador do novo sistema de dominação social iniciado com o advento da colonização.

[...] a ideia de que os dominados são o que são, não como vítimas de um conflito de poder, mas sim enquanto inferiores em sua natureza material e, por isso, em sua capacidade de produção histórico-cultural. Essa ideia de *raça* foi tão profunda e continuamente imposta nos séculos seguintes e sobre o conjunto da espécie que, para muitos, desafortunadamente para gente demais, ficou associada não só à materialidade das relações sociais, mas à materialidade das próprias pessoas. A vasta e plural história de identidades e memórias (seus nomes mais famosos, maias, astecas, incas, são conhecidos por todos) do mundo conquistado foi deliberadamente destruída e sobre toda a população sobrevivente foi imposta uma única identidade, racial, colonial e derogatória, 'índios'. Assim, além da destruição de seu mundo histórico-cultural prévio, foi imposta a esses povos a ideia de raça e uma identidade racial, como emblema de seu novo lugar no universo do poder. E pior, durante quinhentos anos lhes foi ensinado a olhar-se com os olhos do dominador. (QUIJANO, 2005, p. 17, grifos do autor).

As considerações feitas pelo autor esclarecem as dificuldades de examinarmos o elemento racial como um fenômeno estruturante no padrão das relações de poder entre os povos, sobretudo quando as estratégias de escamoteamento dessa condição se tornaram eficazes no decorrer das gerações. O pesquisador van Dijk (2008), também tece análises acerca da questão racial no território latino-americano.

Na América Latina, a emancipação das colônias espanholas e portuguesa e a criação dos estados recém-independentes em vários momentos do século XIX ocorreram sob liderança da elite crioula de políticos, donos de terras e militares, cujas raízes europeias e as concomitantes ideologias racistas foram amplamente compartilhadas e celebradas até mesmo por líderes mestiços. [...]. Nesse sentido, a história dos escravos africanos libertos e de seus descendentes não foi muito diferente. Do Norte ao Sul, no México, na Venezuela, na Colômbia, no Peru e, especialmente, no caribe e no Brasil, as pessoas de origem africana foram sistematicamente inferiorizadas em todos os domínios da sociedade. Preconceitos contra os negros aliados a uma vasta rede de práticas discriminatórias reproduziram, por conseguinte, a pobreza, o baixo status e outras formas de desigualdade social no que concerne ao branco dominante e às elites mestiças. (VAN DIJK, 2008, pp. 12-13).

Outro autor relevante nesse diálogo acerca do colonialismo e seus reflexos nas sociedades colonizadas é Frantz Fanon (1925-1961) que no livro: *Os Condenados da Terra*, publicado em 1968, relata que: “no contexto colonial, o colono só dá por findo seu trabalho de desencantamento do colonizado quando este último reconhece em voz alta e inteligível a supremacia dos valores brancos” (FANON, 1968, p. 32). Afirmação coerente com o esquema das relações raciais vivenciadas no Brasil, marcado pela hierarquia.

*Os Condenados da Terra* é, neste contexto, uma explicação radical das consequências do processo de *internalização* da dominação ante a violência colonial (e a antevisão da que se seguiria no período pós-colonial), a alienação e suas artimanhas no mundo dominante que modifica e subverte a comunidade e os sujeitos. E neste sentido Frantz Fanon tanto pode considerar-se um dos epígonos da geração dos nacionalismos africanos, quanto um dos primeiros teóricos do que se chamaria depois ‘estudos pós-coloniais’. Com efeito, na pauta dos estudos pós-coloniais está não apenas a ruptura com as noções essencialistas de identidade, um dos núcleos conceptuais dos estudos culturais, [...] mas uma epistemologia que propõe a (re)leitura do colonialismo a partir de paradigmas que consideram experiências de alteridade, racializadas e culturalizadas, nas sociedades contemporâneas no jogo social e político das relações de poder – campo de que realmente é pioneiro Fanon, que valoriza as perspectivas da subjectividade e da cultura a par das dimensões da economia, da política e da

história no estudo da violência colonial e seus desdobramentos interiores. (MATA, 2015, p. 3, grifos do autor).

Também publica *Pele Negra, Máscaras Brancas* em que nos favorece a compreensão do *sofisticado* processo de desconhecimento de si que se opera na subjetividade da pessoa negra, dificultando que a mesma reconheça sua negritude como positiva. Como a referência é outro, o espelho não é suficiente, como se pode pensar, para que se veja o que nele está projetado. A imagem exterior refletida não condiz com a imagem branca que a pessoa negra, a partir do racismo busca enxergar. É como argumenta Lélia Gonzalez (1986, p. 146), ao aplicar a expressão de Simone de Beauvoir ao negro: “não nascemos negro, nos tornamos negros [...] Ou seja, o branqueamento vai-se dando de forma tal que, de repente, quando se vê, se virou branco”. Essa desconstrução é uma tarefa árdua, que perpassa, na nossa compreensão pelo desenvolvimento de políticas públicas que explicitem sistematicamente a complexidade do fenômeno.

Ainda no âmbito dos debates necessários, a desconstrução das matrizes coloniais de explicação da realidade, destaca-se as análises de Walter D. Mignolo (2008), descritas em *Desobediência Epistêmica: A Opção Descolonial e o Significado de Identidade na Política*. Nesse artigo, o autor discorre sobre teses que defendem a ruptura com a moderna teoria política, através de uma desobediência política e epistêmica de pessoas historicamente consideradas inferiores.

A opção descolonial é epistêmica, ou seja, ela se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento. Por desvinculamento epistêmico não quero dizer abandono ou ignorância do que já foi institucionalizado por todo o planeta (por exemplo, veja o que acontece agora nas universidades chinesas e na institucionalização do conhecimento). Pretendo substituir a geo- e a política de Estado de conhecimento de seu fundamento na história imperial do Ocidente dos últimos cinco séculos, pela geo-política e a política de Estado de pessoas, línguas, religiões, conceitos políticos e econômicos, subjetividades, etc., que foram racializadas (ou seja, sua óbvia humanidade foi negada) (MIGNOLO, 2008, p. 290).

O que considero relevante é o autor deixar explícito que o foco não é desconsiderar todos os conhecimentos produzidos ao longo da história, mas sim, valorizar, enfatizar, destacar os conhecimentos produzidos pelos diferentes povos latino-americanos, não raramente silenciados em prol de uma história única, eurocentrada. Reside nessa proposta o

atendimento dos anseios dos povos não-brancos que não se veem inseridos como protagonistas de suas próprias trajetórias.

Na América do Sul, na América Central e no Caribe, o pensamento descolonial vive nas mentes e corpos de indígenas bem como nas de afrodescendentes. As memórias gravadas em seus corpos por gerações e a marginalização sócio-política a qual foram sujeitos por instituições imperiais diretas, bem como por instituições republicanas controladas pela população crioula dos descendentes europeus, alimentaram uma mudança na geo- e na política de Estado de conhecimento. (MIGNOLO, 2008, p. 291).

É esse processo que relega a marginalização os conhecimentos produzidos pelos diferentes povos do heterogêneo continente americano que precisa eclodir e ter visibilidade, redimensionando e possibilitando novas perspectivas epistêmicas que nos aproximem de uma via mais concreta de mudanças que englobem todas as pessoas. Já não é palatável, e não se sustentam ou justificam formas que escamoteiam ou até mesmo citam, mas não destacam com a mesma importância os sofrimentos, torturas e mazelas a que foram submetidas milhões de vida.

[...]. Infelizmente, nem todos os assassinatos massivos foram registrados com o mesmo valor e a mesma visibilidade. Os critérios não mencionados para o valor das vidas humanas são um óbvio sinal (de uma interpretação descolonial) de política escondida de identidade imperial: quer dizer, o valor de vidas humanas a qual pertence a vida do enunciador, se torna uma vara de medida para avaliar outras vidas humanas que não têm opção intelectual e poder institucional para contar a história e classificar os eventos de acordo com uma classificação de vidas humanas: ou seja, de acordo com uma classificação racista. (MIGNOLO, 2008, p. 294).

Sobre os assassinatos massivos, voltando novamente ao Brasil, vislumbra-se que o nosso modelo racial tem resultado historicamente em situações de violência, cujos conteúdos, Abdias do Nascimento (1914-2011) descreveu no livro: *Genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*, lançado em 1978.

Na impossibilidade de apelar para a consciência brasileira, acreditamos que a consciência humana não poderá mais permanecer inerte, endossando a revoltante opressão e liquidação coletiva dos afro-brasileiros que estamos documentando nessas páginas, tanto mais eficaz quanto insidiosa, difusa e evasiva. Caracteriza-se o racismo brasileiro por uma aparência mutável, polivalente, que o torna único; entretanto, para enfrentá-lo, faz-se necessário travar a luta característica de todo e qualquer combate antirracista e anti-genocida. Porque sua unicidade está só na superfície; seu objetivo último é a

obliteração dos negros como entidade física e cultural. (NASCIMENTO, 1978, p. 136).

O autor se destaca como uma das mais importantes lideranças negras do país, que durante toda a vida se dedicou ao enfrentamento ao racismo, e nesse livro, expressa as diferentes faces que o genocídio do povo negro assume. Sobretudo, num período da história do Brasil marcada pela ditadura civil-militar, que perdurou por décadas solapando os direitos da população (a exemplo do próprio Abdias do Nascimento) e as vidas de pessoas negras.

No que concerne ao período ditatorial, em que pouco ou quase nada se fala sobre o povo negro, sublinhamos que a Comissão da Verdade do Estado de São Paulo, no seu relatório, destaca na Parte II a Perseguição à população e ao movimento negro.

Nesse trecho do relatório os/as autores/as destacam que por serem os negros a maioria entre os pobres, foram eles os que sofreram mais intensamente as repercussões das políticas autoritárias ditatoriais. Revelam a perseguição ao Movimento Negro, além de contabilizarem 41 vidas de negras/os que foram ceifadas pelo regime. Associados a esquerda revolucionária e ao comunismo.

Os movimentos negros, assim como outros movimentos de reivindicação de direitos humanos, eram encarados com suspeita pelos órgãos de segurança e de informações e sofriam vigilância [...] A vigilância era acompanhada da desqualificação das reivindicações contra a discriminação racial, tratando-as como tentativas de criar antagonismos no país. De acordo com a doutrina de segurança nacional, tratar-se-ia da ‘guerra psicológica adversa’ que os subversivos comunistas adotariam na primeira fase da ‘guerra revolucionária’. (BRASIL, 2015, pp. 5-6, grifos do autor).

Ainda de acordo com o relatório, os militares se posicionavam contra tudo e todos que não concordavam com a ordem estabelecida. Nesse sentido os movimentos e lideranças negras eram considerados subversivos, sendo assim vigiados e mortos quando avaliado preciso.

Clóvis Moura e Florestan Fernandes, conhecidos intelectuais de esquerda, à época são acusados de suscitar o debate sobre o racismo e, por conseguinte, estimuladores do enfrentamento racial por métodos violentos, no estilo dos Panteras Negras norte-americanos. Ambos tiveram seus direitos políticos cassados.

O relatório revela ainda que apesar da repressão, o assassinato do jovem negro Robson Silveira da Cruz e a discriminação sofrida por jovens negros impedidos de adentrar no Clube

Regatas Tietê motivaram a criação do que se denominou de Movimento Negro Unificado (MNU) em 1978. Durante a passeata que resultou na instauração do movimento, o Departamento de Ordem Política e Social/SP se fez presente, vigiando e fichando os/as participantes. O MNU Tornou-se o movimento de maior expressão na luta contra o racismo no Brasil, após o fim da Frente Negra Brasileira na década de 1930, colaborou com a luta pela anistia e findou na década de 1980.

No relatório consta também o sofrimento impetrado pelos esquadrões da morte e seu papel no ceifar de vidas negras, já relatadas no livro supracitado de Abdias de Nascimento. E finda com recomendações.

Que o Estado brasileiro reconheça e peça desculpas pela perseguição à população negra, não somente durante o período da ditadura no país, quanto pelos anos de escravidão e opressão até os dias atuais; 2. Que o Estado reconheça as práticas abusivas contra negros e as reprima como forma de garantia da igualdade e da democracia; 3. Que seja valorizada a memória da resistência da população negra contra a ditadura e que sejam homenageados seus militantes; 4. Que o Estado brasileiro instaure uma Comissão que investigue e vise à reparação por séculos de escravidão e desigualdade contra a população negra no país. (BRASIL, 2015, p. 32).

A partir do exposto, ficamos na expectativa de que sejam adotadas as providências necessárias para que se coloquem em prática as recomendações sugeridas. Apesar de sabermos que a conjuntura brasileira nunca foi plenamente favorável as lutas do povo negro, sendo esse mais um dos desafios a serem enfrentados, na superação do mito da democracia racial e dos ideais de branqueamento.

No processo de aprofundamento da crítica consideramos salutar realizar uma breve abordagem sobre os significados do racismo, etnia, discriminação racial e preconceito racial. São conceitos interrelacionados, e por isso mesmo, difíceis de serem distinguidos. Daí avaliarmos importante favorecer a compreensão dos conceitos citados para melhor entendimento da complexidade da questão racial em nosso país.

### **2.2.2 Racismo, Discriminação, Preconceito Racial e Etnia**

Os fenômenos do racismo, da discriminação e do preconceito racial estão relacionados ao conceito de raça, já abordado anteriormente, pois dele derivam.

O racismo se manifesta na vida cotidiana das pessoas, sendo neste universo de diferenciações depreciativas que características fenotípicas, sobretudo a cor da pele, se sobressaem. Dessa feita, podemos conceituar racismo da seguinte forma.

É um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como cor da pele, tipo de cabelo, formato de olho etc. Ele é resultado da crença de que existem raças ou tipos humanos superiores e inferiores, a qual tenta se impor como única e verdadeira. (GOMES; MUNANGA, 2006, p. 179).

O racismo atua no Brasil, conforme citado anteriormente num ambiente marcado por uma sofisticada estratégia ideológica de mascaramento da realidade, que por sua vez dificulta sobremaneira o entendimento da problemática.

É preciso destacar que o racismo se encontra intrinsecamente vinculado ao conceito de raça e, por conseguinte, suas consequências práticas. Com a realização das *adequações* do *racismo científico* à realidade brasileira, ocorre todo um esforço dos intelectuais para o apagamento do conceito de raça, haja vista, sua manutenção ser prejudicial aos argumentos constitutivos da democracia racial.

Nesse âmbito, ocultar a existência do ódio racial e da lógica de hierarquia entre as raças se tornou imprescindível. Assim a substituição do conceito de raça pelo de etnia foi efetivado. De acordo com os autores supracitados o conceito de Etnia é utilizado, sobretudo, por intelectuais e educadores que o consideram mais adequado que o conceito de raça, principalmente após o holocausto ocorrido na II Guerra mundial em que a questão racial se configurou em um dos argumentos para justificar o extermínio de milhões de vida. Ou seja, tornam-se evidente as sérias consequências que argumentos assentados na hierarquia entre as raças resultam. Assim etnia é entendida como.

Um grupo possuidor de algum grau de coerência e solidariedade, composto por pessoas conscientes, pelo menos em forma latente, de terem origens e interesses comuns. Um grupo étnico não é mero agrupamento de pessoas ou de um setor da população, mas uma agregação consciente de pessoas unidas ou proximamente relacionadas por experiências compartilhadas. (CASHMORE, 2000 *apud* GOMES; MUNANGA, 2006, p. 177).

Os autores referem ainda, que a questão não é definir se um conceito seja de raça ou de etnia é melhor que outro, mas sim de explicitar que os mesmos estão imersos num contexto

social, histórico, cultural e político cuja complexidade é profunda, intensa e permeada por interesses diversos. Ou seja, os usos dos conceitos estão articulados a projetos de sociedade que visam à manutenção da ordem vigente ou sua superação. Para Munanga a diferença entre os conceitos de etnia e raça é respondida da seguinte forma.

O **conceito de etnia** tem um conteúdo cultural, histórico e psicológico, enquanto o **conceito de raça** tem um conteúdo morfológico. Em todos os grupos humanos ditos raças negra, branca e amarela, têm-se etnias ou grupos étnicos. Alguns estudiosos advogam o abandono do conceito de raça na luta contra o racismo e sua substituição pelo conceito mais ‘cômodo’ de etnia. Considero essa substituição como um eufemismo que nada resolve, pois, o racismo no século XXI não precisa mais da base pseudocientífica ou do conceito de raça. Ele se reformula com base em outras essencializações como etnia, cultura, identidade, história. É um racismo diferencialista e não mais científico. Em **africânder**, o **apartheid** significa desenvolvimento separado em nome do respeito às diversidades culturais dos povos da África do Sul. Vê-se que os **racistas da África do Sul** não precisaram recorrer ao conceito de raça para reformular, em 1948, a ideologia segregacionista do apartheid. Recorreram sim ao conceito de etnia, de diversidade cultural e identitária que alguns consideram mais cômodos comparativamente ao conceito de raça. O que prova que o **racismo como ideologia** pode parasitar por todos os conceitos, mesmo por aqueles considerados neutros. (MUNANGA, 2015, p. 6, grifos do autor).

Concordo com o posicionamento de Munanga. No Brasil, não tem sentido ou aplicação o conceito de etnia para o povo negro. A distinção, nesse caso, ocorre embasada na raça. No país citado, o fenótipo negro é instrumentalizado para subalternizar e fortalecer os argumentos da existência da hierarquia entre as raças, em que se acredita na superioridade dos brancos. Sendo assim no Brasil, raça explica racismo e o preconceito racial que atinge violentamente o povo negro.

Nesse sentido, no concerne ao termo preconceito identificamos que é definido como sendo: 1. *Ideia preconcebida* 2. *Suspeita, intolerância, aversão a outras raças, credos, religiões, etc.* (FERREIRA, 2010, p. 605). Pelo exposto já podemos inferir que o conceito remete à ausência de conhecimentos sobre o tema em análise. O que persiste nos comportamentos guiados pelo preconceito é uma ausência de fundamentação ou justificativa plausível para a adoção de posicionamentos ou tomada de atitudes. Sendo assim, quando falamos de preconceito racial, estamos dialogando sobre uma especificidade definida.

É um julgamento negativo e prévio que os membros de uma raça, de uma etnia, de um grupo, de uma região, de uma religião ou mesmo de indivíduos

constroem em relação ao outro. Esse julgamento prévio apresenta como característica principal a inflexibilidade, pois tende a ser mantido a qualquer custo, sem levar em conta os fatos que o contestem. Trata-se do conceito ou opinião formado antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos. (GOMES MUNANGA, 2006, pp. 181-182).

Eis um desafio: desconstruir preconceitos. Mas ter ciência de sua existência é de suma importância para que seja dado início ao seu enfrentamento. Dizemos isto, pois vivemos numa nação, que tem *preconceito de ter preconceitos*, como referiu Florestan Fernandes. Estabelecido que existe preconceito racial no Brasil, Fernandes esclareceu.

De fato, existem várias formas socioculturais de preconceito racial. O que há de mal conosco consiste no fato de que tomamos como paralelo o tipo de preconceito racial explícito, aberto e sistemático posto em prática nos Estados Unidos. Todavia, os especialistas já evidenciaram que existem vários tipos de preconceito, e pelo menos um sociólogo brasileiro, o prof. Oracy Nogueira, preocupou-se em caracterizar as diferenças existentes entre o preconceito racial sistemático, que ocorre nos Estados Unidos, e o preconceito dissimulado e assistemático, do tipo que se manifesta no Brasil. Já tentei, de minha parte, compreender geneticamente o nosso modo de ser. Segundo penso, o catolicismo criou um drama moral para os antigos senhores de escravos, pois a escravidão colidia com os ‘mores’ cristãos. Surgiu daí a tendência a disfarçar a inobservância dos ‘mores’, pela recusa sistemática do reconhecimento da existência de um preconceito que legitimava a própria escravidão. [...] Sem a idéia de que o ‘negro’ seria ‘inferior’ e necessariamente ‘subordinado’ ao ‘branco’, a escravidão não seria possível num país cristão. Tomaram-se estas noções para dar fundamento à escravidão e para alimentar outra racionalização corrente, segundo a qual o próprio negro seria ‘beneficiado’ pela escravidão, mas sem aceitar-se a moral da relação que estabelecia entre o senhor e o escravo. Por isso, surgiu no Brasil uma espécie de preconceito reativo: o preconceito contra o preconceito de ter preconceito (FERNANDES; PEREIRA; NOGUEIRA, 2005-2006, p. 173, grifos do autor).

Uma das resultantes desse processo se verifica na forma com que as/os brasileiras/as chegaram ao ano de 1976, a se autodeclarar com 136 cores diferentes, dentre elas: (agalegada, amarelota, bronze, burro quando foge, canela, encerada, loiro-clara, moreno-jambo, moreno-clara, dentre outros). (SCHWARCZ, 2013). Essa diversidade de “cores” demonstra o esforço de não associação de suas imagens com o fenótipo do/a negro/a.

Como também relatado pelo Florestan Fernandes, habitualmente em nosso país, faz-se a comparação entre o Brasil e os Estados Unidos no que concerne à dinâmica das relações raciais, na perspectiva de justificar a inexistência ou a *suavidade* de nosso racismo. Sobre esse aspecto o sociólogo Oracy Nogueira (2006), se mostra esclarecedor quando realiza estudo

sobre o que denominou preconceito de marca e preconceito de origem. Com o primeiro prevalecendo no Brasil e o segundo nos Estados Unidos.

Considera-se como preconceito racial uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece. Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de marca; quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico para que sofra as consequências do preconceito, diz-se que é de origem. (NOGUEIRA, 2006, p. 292).

Sob esse aspecto, torna-se interessante destacar as principais diferenças dessa dinâmica preconceituosa, no intuito de favorecer compreensão do conceito.

Quadro 1 – Preconceito Racial e Preconceito de Origem

Diferenças	Preconceito de Marca Brasil	Preconceito de Origem Estados Unidos
Quanto ao modo de atuar	Determina uma preterição.	Uma exclusão incondicional dos membros do grupo atingido, em relação a situações ou recursos pelos quais venham a competir com os membros do grupo discriminador.
Quanto à definição de membro do grupo discriminador e do grupo discriminado	Serve de critério o fenótipo ou aparência racial.	Presume-se que o mestiço, seja qual for sua aparência e qualquer que seja a proporção de ascendência do grupo discriminador ou do grupo discriminado, que se possa invocar, tenha as “potencialidades hereditárias” deste último grupo e, portanto, a ele se filie, “racialmente”.
Quanto à carga afetiva	A intensidade do preconceito varia em proporção direta aos traços negroides; e tal preconceito não é incompatível com os mais fortes laços de amizade ou com manifestações incontestáveis de solidariedade e simpatia.	O preconceito tende a ser antes emocional e irracional que intelectual e estético, assumindo o caráter de antagonismo ou ódio intergrupais.
Quanto ao efeito sobre as relações interpessoais	As relações pessoais, de amizade e admiração cruzam facilmente as fronteiras de marca (ou cor).	As relações entre indivíduos do grupo discriminador e do grupo discriminado são severamente restringidas por tabus e sanções de caráter negativo.
Quanto à ideologia	Assimilacionista e miscigenacionista.	Segregacionista e racista.

<b>Quanto à distinção entre diferentes minorias</b>	O dogma da cultura prevalece sobre o da raça.	O dogma de raça prevalece sobre o da cultura.
<b>Quanto à etiqueta</b>	A etiqueta de relações interraciais põe ênfase no controle do comportamento de indivíduos do grupo discriminador, de modo a evitar a susceptibilização ou humilhação de indivíduos do grupo discriminado.	A ênfase está no controle do comportamento de membros do grupo discriminado, de modo a conter a agressividade dos elementos do grupo discriminador.
<b>Quanto ao efeito sobre o grupo discriminado</b>	A consciência da discriminação tende a ser intermitente.	Tende a ser contínua, obsedante.
<b>Quanto à reação do grupo discriminado</b>	A reação tende a ser individual, procurando o indivíduo “compensar” suas marcas pela ostentação de aptidões e características que impliquem aprovação social tanto pelos de sua própria condição racial (cor) como pelos componentes do grupo dominante e por indivíduos de marcas mais “leves” que as suas.	A reação tende a ser coletiva, pelo reforço da solidariedade grupal, pela redefinição estética etc.
<b>Quanto ao efeito da variação proporcional do contingente minoritário</b>	A tendência é se atenuar nos pontos em que há maior proporção de indivíduos do grupo discriminado.	A tendência é se apresentar sob forma agravada, nos pontos em que o grupo discriminado se torna mais conspícuos pelo número.
<b>Quanto à estrutura social</b>	A probabilidade de ascensão social está na razão inversa da intensidade das marcas de que o indivíduo é portador, ficando o preconceito de raça disfarçado sob o de classe, com o qual tende a coincidir.	O grupo discriminador e o discriminado permanecem rigidamente separados um do outro, em status, como se fossem duas sociedades paralelas, em simbiose, porém irredutíveis uma à outra.
<b>Quanto ao tipo de movimento político a que inspira</b>	A luta do grupo discriminado tende a se confundir com a luta de classes.	O grupo discriminado atua como uma “minorias nacional” coesa e, portanto, capaz e propensa à ação conjugada

Fonte: Elaboração própria baseado em Nogueira (2007)

O quadro acima é elucidativo sobre o processo do preconceito racial no Brasil. Não deixa dúvidas que apesar das diferenças, na forma de concretização, ambos se assemelham nos esforços de opressão ao povo negro. Chama-nos a atenção a questão da carga afetiva, por parecer-nos a expressão nítida do impacto que o fenótipo possui no Brasil, em que a aproximação física com as características de pessoas negras intensifica o preconceito racial que vitima a pessoa atingida.

Associado ao preconceito racial está a discriminação racial definida, de acordo com o Estatuto da Igualdade Racial (2010).

Toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada (BRASIL, 2010, p. 1).

Discriminar no sentido de distinguir, discernir e diferenciar, não é a priori um problema, pois aprendemos desde a infância a aplicar esses processos na vida, a exemplo de distinguir as cores, texturas, sabores etc. A questão é quando associado a esses significados estão presentes práticas racialmente depreciativas.

[...]. A discriminação que se pratica no Brasil é parte da herança social da sociedade escravista. No mundo em que o ‘negro’ e o ‘branco’ se relacionavam como escravo e senhor, este último tinha prerrogativas que aquele não possuía – nem podia possuir – como ‘coisa’ que era e ‘fôlego vivo’, uma espécie de ‘instrumento animado das relações de produção’.[...]‘A discriminação existente é um produto do que chamei ‘persistência ao passado’, em todas as esferas das relações humanas na mentalidade do branco e do ‘negro’, nos seus ajustamentos à vida prática e na organização das instituições e dos grupos sociais. [...] A segregação do ‘negro’ é sutil e dissimulada, pois ele é confinado ao que os antigos líderes dos movimentos negros de São Paulo chamavam de ‘porão da sociedade’. As coisas estão se alterando, nos últimos tempos, mas de forma muito superficial e demorada (FERNANDES; PEREIRA; NOGUEIRA, 2005-2006, p. 174, grifos do autor).

O referido na citação acima é atual, pois as diferenças, as especificidades humanas são utilizadas para garantia dos interesses e privilégios de uma elite nacional em detrimento da maioria da população, colaborando para tornar o Brasil um país de intensas desigualdades.

Sendo assim, reiteramos que o diálogo sobre a questão racial requer a desconstrução de ideias historicamente trabalhadas que advogam pela sua inexistência. Essa disputa também reside no âmbito do significado biológico e social do conceito que a partir desse último vem sendo utilizado por estudiosos e pelo movimento negro com um “[...] sentido social e político, que diz respeito à história da população negra e à complexa relação entre raça, racismo, preconceito e discriminação racial” (GOMES; MUNANGA, 2005, p. 175).

Tendo discorrido sobre os debates raciais travados pelos intelectuais e academia a partir do século XIX, e os significados do universo conceitual que permeia as relações raciais no Brasil, pretendemos a seguir traçar as expressões do racismo no século XXI, considerando

o avanço do neoconservadorismo em escala global, que tem oferecido um revigoramento das manifestações racistas e do ódio racial.

### 2.3 A ATUALIDADE DO RACISMO NO BRASIL

O racismo é um fenômeno atual e mundial, está presente em diversos países e expresso de diferentes formas, a exemplo da mídia, que permanece veiculando propagandas, cujos conteúdos versam sobre a depreciação da imagem da/o negra/o, conforme ilustração abaixo.

Imagem 2 - Propaganda DOVE



Fonte: Dove/Reprodução

Na imagem acima oriunda da propaganda da marca internacional de cosméticos – DOVE, veiculado nos Estados Unidos, em outubro de 2017 e, rapidamente retirada de circulação, em virtude das repercussões negativas, a reiteração do racismo é nítida. Na primeira imagem vê-se a transição de uma jovem negra, que utiliza uma blusa marrom, em uma jovem branca com roupas claras. Na segunda imagem a proposta é a mesma, considerando que o antes (before) é representado por uma mulher negra e o depois (after) por uma mulher branca e loira. As duas imagens repassam a mensagem de que com o uso do produto o que estava *sujo*, ficou *limpo*.

No Brasil não é diferente, em 2017, a mídia online publicizou propaganda cujo produto, da marca Personal, é um papel higiênico preto.

Imagem 3 - Propaganda papel higiênico preto



Fonte: Personal/Reprodução

Na imagem, lê-se em destaque a frase: *blackisbeautiful*, que se tornou uma hashtag (*#blackisbeautiful*), para divulgação do produto. Ao lado da frase está a atriz branca brasileira Marina Ruy Barbosa, com o corpo encoberto pelo rolo de papel higiênico. Envoltas em polêmica a propaganda foi retirada de circulação, em virtude das críticas recebidas por utilizar o slogan da luta antirracista.

Na segunda-feira (23), a marca Personal lançou um novo produto: o 'PersonalVip Black', um papel higiênico preto. A atriz Marina Ruy Barbosa foi escolhida como garota propaganda e aparece enrolada no papel no vídeo da campanha. Além de Barbosa, a hashtag *#blackisbeautiful* foi usada para promover o papel higiênico — e muito criticada nas redes sociais. A campanha é da Neogama, agência publicitária de São Paulo. O incômodo manifestado tem a ver com a apropriação e o esvaziamento da frase que é um símbolo da luta antirracista, que reivindicava os direitos civis da população negra nos anos 1960, nos EUA. O fato de uma modelo branca estampar a campanha com o slogan que, em seu contexto original, prega a valorização da beleza do negro, também foi criticado e levou a acusações de racismo contra a empresa (LIMA, 2017, p. 1).

Apesar da nota expedida pelas agências responsáveis pela propaganda refutarem qualquer tipo de preconceito, nos parece estranho, que a apropriação e o esvaziamento de significados das lutas do povo negro ocorram de forma aleatória ou desproposital. Nesse sentido, concordamos com as análises descritas no site Geledés sobre o acontecido.

Os negros no Brasil, estão fazendo um barulho enorme na internet, viramos um termômetro do **Brasil racista**, a Dove, na semana passada havia sido nosso alvo e as ações da Unilever caíram um pouquinho, mas, voltaram a subir porque o produto vende mesmo. **Não se vende um produto vende-se a polêmica e as desculpas.** Para entendermos o *'gancho'* de mercado funciona assim: O papel higiênico **'Black is Beautiful'** poderia ter saído em qualquer mês do ano no Brasil, falaríamos e pronto, sobem-se as ações, mas **novembro, o Mês da Consciência Negra**, era o momento perfeito para a polêmica e a melhor época para o lançamento de um *rolo de papel higiênico*. Não tem achismo, não existe ingenuidade e muito menos genialidade é o mercado, é o produto e é o público alvo, aí está a grana, e a *'grana é preta'*. (FILHO, 2017, p. 3, grifos do autor).

Considerando a análise acima e os estudos que temos desenvolvido, avaliamos que as atitudes e posicionamentos das empresas não ocorrem de forma desinteressada. Não nos parece crível, que agências de notícias desconheçam as polêmicas que os produtos com os quais trabalham possam gerar. Avaliamos que as escolhas são feitas, com o propósito de aproveitar o foco do debate no momento e torná-lo favorável a venda de uma mercadoria, não importa se o custo disso seja a desqualificação da luta ou seu deslocamento.

Esse tipo de ocorrência em pleno século XXI indica as novas expressões do racismo e reforçam a necessidade de seu combate, através da visibilidade às astúcias de sua existência e persistência.

Destacamos que é sobre esse fenômeno e suas repercussões que estamos nos debruçando, sobretudo na contemporaneidade em que o conservadorismo se reatualiza, trazendo na sua esteira o reforço e estímulo as teses raciais de superioridade da raça branca, e vem ampliando seus espaços de influência, ameaçando as conquistas sociais e econômicas concretizadas pelas lutas dos diferentes movimentos sociais.

As tendências políticas e culturais conservadoras no mundo, não estão dissociadas das crises econômicas capitalistas que enfrentamos desde 2008, entendendo que tais crises são cíclicas e que em cada uma delas o sistema encontra diferentes saídas. Na crise iniciada entre as décadas de 1970/1980 a saída identificada pelo sistema para a retomada do seu processo de crescimento e lucratividade foi à reestruturação do capital e do trabalho<sup>9</sup>, com base no ideário

---

<sup>9</sup>Para aprofundamento sugerimos as seguintes referências: ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** São Paulo: Cortez, 1995. ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 1999. ANTUNES, R. **A desertificação neoliberal:** (Collor, FHC, Lula). Campinas: Autores Associados, 2004. MÉSZAROS, I. **Para além do capital.** São Paulo: Boitempo, 2002.

neoliberal, cuja implantação nos diferentes países (centrais e periféricos), segue percursos diversos, a exemplo do Brasil no qual se instala e consolida na década de 1990.

Nessa seara, o que se identifica é uma reatualização do conservadorismo clássico, através do conservadorismo contemporâneo. De acordo com o pesquisador Jamerson Murilo de Anunciação de Souza (2016), na tese intitulada: *Tendências Ideológicas do Conservadorismo*.

[...] características centrais do conservadorismo, tomando-o como ideologia plural, ou seja, não se apresenta como bloco monolítico e homogêneo, mas como tradição que se subdivide em vertentes, tendências, ramificações e até mesmo algumas fusões ecléticas com outras matrizes de pensamento, a depender do contexto histórico-geográfico em que emerge. Evidentemente, essa pluralidade não infirma o estabelecimento de uma tendência comum, unificadora, convergente, capaz de possibilitar um tratamento unitário, mas não identitário, ao conservadorismo como tradição de pensamento e ação (SOUZA, 2016, p. 206).

O autor informa que o conservadorismo se torna a ideologia da crise, robustecendo os interesses de preservação da ordem burguesa na atualidade.

Sendo assim, se outras ideologias conservadoras — como o liberalismo, o pragmatismo, o utilitarismo — mantêm influência permanente e predominante sobre o pensamento social, político e econômico produzido na sociedade burguesa em condições de estabilidade, o conservadorismo tende a ganhar força e aglutinar os interesses dominantes nos momentos de crise. Exerce, nessa medida, a função de principal ideologia conservadora nessas ocasiões, fornecendo os elementos necessários a um pacto de classes dominantes, geralmente transitório, para desenvolver, "pelo alto", as medidas de transição necessárias à recuperação da "estabilidade", isto é, as condições externas e internas imprescindíveis para a permanência da exploração do trabalho (SOUZA, 2016, pp. 146-147).

Esse quadro de exploração do trabalho, sustentado pelas ideologias conservadoras, geram a ampliação dos privilégios da classe dominante e perdas amplas de direitos sociais que atinge toda a classe trabalhadora. Entretanto, no que concerne ao povo negro no Brasil, entendemos que esse processo se intensifica de forma avassaladora.

Figura 1 - Charge da pirâmide social no Brasil



Fonte: Bira (s. d.)

A charge acima ironiza e expõe a presença do povo negro na base da pirâmide social e econômica no Brasil, simbolizando a sua majoritária opressão. Sobre esse aspecto vemos que.

De acordo com dados do IBGE obtidos pelo G1, os trabalhadores negros ganham cerca de R\$ 1,2 mil a menos que os brancos em média. Os dados são do 4º trimestre de 2017 e fazem parte da Pnad Trimestral, que disponibiliza informações desde 2012. Os números mostram que, entre 2012 e 2017, não houve nenhuma mudança substancial na diferença de rendimento entre negros e brancos. (VELASCO, 2018, p. 1).

Se considerarmos os dados do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE 2010, que informam que dos 191 milhões de brasileiros, 91 milhões se classificaram como brancos, 15 milhões como pretos, 82 milhões como pardos, 02 milhões como amarelos e 817 mil como indígenas<sup>10</sup>, veremos que somos um país de pessoas negras. Isso ao considerarmos pretos e pardos no mesmo universo, e nesse sentido são trabalhadores/as negras/os que recebem as menores remunerações.

<sup>10</sup> Destacamos que de acordo com Osório (2003, p. 7, 8), no sistema classificatório de cor ou raça do IBGE, são empregados simultaneamente os métodos de auto-atribuição (o próprio sujeito da classificação escolhe o grupo do qual se considera membro) e heteroatribuição de pertença (outra pessoa define o grupo do sujeito). Em virtude de nosso racismo estrutural e da permanência da prevalência do mito da democracia racial no país, os dados obtidos no censo de 2010, sobre “cor” ou “raça” possivelmente refletem essa especificidade do racismo no Brasil.

No que se refere ao aspecto populacional identifica-se que essa tendência no aumento da população negra no país se consolida, conforme ressalta a publicação do jornal O Globo online, intitulada: “População que se declara preta cresce 14,9% no Brasil em 4 anos”, a matéria indica que dados do IBGE, afirmam que.

Entre 2012 e 2016, o número de brasileiros que se autodeclararam pretos aumentou 14,9% no país. No mesmo período, também cresceu a quantidade dos que se consideram pardos, enquanto diminuiu o percentual de brancos na população. É o que revela a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), divulgada nesta sexta-feira (24) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo a pesquisa, em 2012, quando a população do país era estimada em 198,7 milhões de pessoas, os brancos eram maioria (46,6%), os pardos representavam 45,3% do total, e os pretos, 7,4%. Já em 2016, a população saltou para 205,5 milhões de habitantes (aumento de 3,4%), e os brancos deixaram de ser maioria, representando 44,2% (queda de 1,8%). Os pardos passaram a representar a maior parte da população (46,7%) -aumento de 6,6%- e os pretos são agora 8,2% do total de brasileiros (SILVEIRA, 2017, p. 1).

O crescimento populacional e a mudança na autodeclaração podem indicar maior conscientização quanto à raça, contudo, também requer a elaboração e implementação de políticas públicas antirracistas, uma vez que a maioria da população do país é mantida a margem da sociedade, vivenciado os estigmas e estereótipos racistas e sexistas. As mulheres não-brancas precisam de maior atenção, considerando serem maioria no país.

De acordo com o censo 2010, o “Brasil tem 97.342.162 mulheres e 93.390.532 homens, o que significa que há 95,9 homens para cada cem mulheres” (CASTRO, 2010). A reportagem do jornal O Globo online, já citada, também trata do crescimento do universo feminino no decorrer dos anos: “[...] as mulheres são maioria entre o total de brasileiros. Em 2016, elas representavam 51,5% da população, enquanto os homens correspondiam a 48,5%” (SILVEIRA, 2017, p. 4).

No que se refere às mulheres negras, verifica-se com a publicação de “A Situação dos Direitos Humanos das Mulheres Negras no Brasil: violências e violações” (2016), as negras correspondiam a 51,8% da população feminina e 27,7% da população brasileira total. São 59,4 milhões de mulheres negras no Brasil que se encontram majoritariamente concentradas na região norte (75,2% das mulheres) e nordeste do país (70,7%).O documento afirma, que as mulheres negras são as mais pobres, pois apenas 26,3% delas viviam entre os não pobres, ao contrário das mulheres brancas (52,5%) e dos homens brancos (52,8%).

As mulheres negras se configuram na maioria das chefas de família (53,6%), e dessas (63,4%) estão ocupadas no trabalho doméstico, recebendo 86% dos rendimentos das mulheres brancas na mesma função. As mulheres negras são também a maioria das desempregadas, ao longo dos anos e das diferentes situações econômicas do país.

No que concerne aos espaços de poder e decisórios, o documento demonstra a ausência ou mesmo uma ínfima presença de mulheres negras nos órgãos públicos e privados no Brasil. Indica como exemplo, a ausência de homens ou mulheres negras no Supremo Tribunal Federal. Ocupavam apenas 0,5% das diretorias das 500 maiores empresas do país em 2010, atentando que são mulheres pardas, de pele clara.

No que tange aos homicídios, as mulheres negras se destacam, considerando que em todo o país a taxa de morte de mulheres negras é 2,25 maior do que a taxa de homicídios de mulheres brancas. Nas taxas de mortalidade materna os índices são alarmantes, vez que são as mulheres negras as maiores vítimas, chegando a 62%.

No sistema de justiça, o fenômeno se repete. O documento revela que dois em cada três presos são negros (homens e mulheres), e que o encarceramento das mulheres cresceu 570% nos últimos anos. São dados que demonstram a presença do racismo em nossa realidade.

A adoção de medidas de enfrentamento ao racismo, sobretudo, a partir dos anos 2000, passaram a ser desenvolvidas com maior ênfase, a partir da participação do Brasil na Conferência Mundial Contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância Correlatas, ocorrida em Durban na África do Sul, em 2001, onde o país teve uma das maiores delegações presentes no evento.

Nesse sentido, a implementação em 2003 da Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), teve como principal atribuição a formulação, coordenação e articulação de políticas e diretrizes para a promoção da igualdade racial<sup>11</sup> foi significativa, por possibilitar a visibilidade da questão racial e imprescindibilidade do Estado adotar políticas antirracistas. Destacamos nesse âmbito a instituição da Lei nº. 10.639/2003 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática *História e Cultura Afro-Brasileira*, e dá outras providências; A aprovação da Lei nº. 12.288/2010 – Que institui o Estatuto da Igualdade Racial e também a aprovação da resolução nº. 68/237, de 23 de dezembro de 2013 pela Organização das Nações

---

<sup>11</sup> No ano de 2016, a Secretária foi extinta, com o futuro da discussão do tema no âmbito federal encontrando-se fortemente ameaçado pelos interesses de mercado.

Unidas – (ONU) da Década Internacional dos Afrodescendentes, inseridos entre os anos de 2015 a 2024, que tem como tema *Afrodescendentes: reconhecimento, justiça e desenvolvimento, legislações e iniciativas*.

Também consideramos salutar a implementação da política de cotas raciais, que geraram intensos debates, com posições favoráveis e contrárias, o que no nosso ponto de vista, possibilita a explicitação do racismo *maskado* e a análise pública da questão.

Mas todas essas conquistas se encontram ameaçadas pelo avanço do conservadorismo no país. O que temos assistido cotidianamente nos principais veículos de comunicação é o seguinte:

[...] desprezo visceral pelas formas de vida e cultura das classes subalternas permanecerá como um dos elementos de continuidade mais centrais do conservadorismo contemporâneo, particularmente expressado pelo ódio e pelo preconceito de classe. De passagem, cumpre frisar que esse fenômeno encontra um paralelo histórico no jogo político brasileiro dos anos 2010. Um dos pilares unificadores do discurso antipetista, realizado pela oposição de direita e extrema-direita, ancora-se no argumento de que o Partido dos Trabalhadores representaria uma suposta decadência moral, de caráter ‘comunista’, que levaria o país à falência econômica e à ‘desordem’ moral e política. O mesmo argumento compareceu historicamente em relação ao presidente João Goulart, e o que sucedeu foi o golpe empresarial-civil-militar de 1964 (SOUZA, 2016, pp. 126-127, grifos do autor).

Pelo exposto na citação acima, os argumentos históricos das forças conservadoras de nossa sociedade se renovam. O foco é a manutenção dos privilégios da classe no poder e a desconstrução das conquistas sociais instituídas pela Constituição Federal de 1988. Na perspectiva do atendimento dos interesses burgueses o vice-presidente Michael Temer, assume, em 2016, o poder executivo central, após a aprovação do impedimento da presidenta Dilma Rousseff.

As medidas adotadas pelo citado presidente seguem o programa de governo do Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB (atual MDB), denominado *Ponte Para o Futuro*. Vejamos alguns trechos descritos no texto do programa como fundamentais.

a) construir uma trajetória de equilíbrio fiscal duradouro, com superávit operacional e a redução progressiva do endividamento público; b) estabelecer um limite para as despesas de custeio inferior ao crescimento do PIB, através de lei, após serem eliminadas as vinculações e as indexações que engessam o orçamento; [...] d) executar uma política de desenvolvimento centrada na iniciativa privada, por meio de transferências de ativos que se fizerem necessárias, concessões amplas em todas as áreas de

logística e infraestrutura, parcerias para complementar a oferta de serviços públicos e retorno a regime anterior de concessões na área de petróleo, dando-se a Petrobras o direito de preferência; e) realizar a inserção plena da economia brasileira no comércio internacional, com maior abertura comercial e busca de acordos regionais de comércio em todas as áreas econômicas relevantes – Estados Unidos, União Européia e Ásia – com ou sem a companhia do Mercosul, embora preferencialmente com eles [...] h) estabelecer uma agenda de transparência e de avaliação de políticas públicas, que permita a identificação dos beneficiários, e a análise dos impactos dos programas. O Brasil gasta muito com políticas públicas com resultados piores do que a maioria dos países relevantes; i) na área trabalhista, permitir que as convenções coletivas prevaleçam sobre as normas legais, salvo quanto aos direitos básicos [...] k) promover a racionalização dos procedimentos burocráticos e assegurar ampla segurança jurídica para a criação de empresas e para a realização de investimentos, com ênfase nos licenciamentos ambientais que podem ser efetivos sem ser necessariamente complexos e demorados. (PMDB, 2015, pp. 18-19).

O acima exposto, evidencia que tal projeto está voltado aos interesses da iniciativa privada e do capital internacional. A reforma trabalhista aprovada em 11 de julho de 2017, promoveu a alteração de mais de 100 artigos de Lei trabalhista anterior, dentre elas, a prevalência do acordado sob o legislado, mudanças na forma de contratação e perda do poder de negociação dos sindicatos.

Também foi aprovada a Emenda Constitucional nº 55, que versa sobre o teto dos gastos públicos, incluindo saúde e educação, que terão seus gastos praticamente congelados por vinte anos. Um exemplo disso é o fechamento das farmácias populares, ocorrida em abril de 2017.

O governo decidiu fechar as farmácias do programa popular que são mantidas com recursos federais. Os pacientes agora vão ter que recorrer às farmácias conveniadas. O problema é que nem todos os remédios estão disponíveis nessas farmácias. As conveniadas oferecem 25 medicamentos de graça ou com preços baixos. Nas farmácias que serão fechadas - as do governo federal- são oferecidos 125 remédios. Foi para economizar dinheiro a decisão de não repassar mais verba para manter as farmácias abertas. O governo diz que a maioria das pessoas que buscam essas farmácias quer medicamentos que são encontrados também nas farmácias conveniadas. (BOM DIA BRASIL, 2017, p. 1).

Ocorre também a abertura econômica ao capital internacional, sobretudo, aos países de capitalismo central, para a exploração das riquezas nacionais, autorizando-se, por exemplo, regimes de concessão para benefícios socioassistenciais como o Bolsa Família, em pleno acordo com o pautado em *Uma Ponte para o Futuro*. Destaca-se que a medida de corte dos

benefícios socioassistenciais faz parte do projeto ultraliberal, conservador, de manutenção da dominação internacional sobre as sociedades periféricas.

O governo de Michel Temer passou a tesoura no Bolsa Família; em julho deste ano [2017], o número de beneficiários do programa teve o maior corte em relação a um mês anterior desde seu lançamento, em 2003: o número de benefícios encolheu em 543 mil famílias; o corte inclui suspensões para avaliação e cancelamentos; o número de bolsas pagas foi o menor desde julho de 2010, quando foram pagas 12.582.844 bolsas; se compararmos julho de 2014 com o mesmo mês de 2017, houve uma redução de 1,5 milhão de bolsas pagas (MADEIRO, 2017, p. 1).

Os impactos dos cortes nas políticas sociais públicas representam o crescente empobrecimento de negras/os. É o povo negro que está presente nos piores indicadores sociais e econômicos do país, por conseguinte, são as pessoas negras que integram o maior quantitativo de beneficiários dos programas de transferência de renda como o Bolsa Família. Sobre esse aspecto, Arruda (2014, p. 01), em reportagem publicada na versão online do jornal Estadão informa: “[...] das 14 milhões de famílias beneficiárias do Bolsa Família, 73% são de negros e pardos. E 68% delas são chefiadas por mulheres negras, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Social”. Destacamos ainda, que o atual governo executivo federal, de acordo com Martins (2018, p. 01), em reportagem na versão online da Revista Carta Capital “A proposta de orçamento encaminhada pelo governo federal para o próximo ano assegura apenas 15 bilhões de reais para o Bolsa Família, metade da atual dotação do programa”. A Manchete da notícia informa que Temer recuou nessa proposição, mas não deixa de ser preocupante a situação, considerando que o Programa Bolsa Família tem sido sistematicamente esvaziado do seu potencial de retirar da miséria os seus beneficiários “Apresentado como referência no combate a extrema pobreza por numerosos organismos internacionais, a exemplo das Nações Unidas e do Banco Mundial, o Bolsa Família tem sido progressivamente dilapidado desde o impeachment de Dilma Rousseff” (MARTINS, 2018, p. 1).

Vivenciamos os esforços do citado governo na aprovação da reforma da previdência social<sup>12</sup>, em que se prevê a ampliação do tempo de serviço e, por conseguinte, a postergação das aposentadorias.

---

<sup>12</sup> Em decorrência da intervenção federal no Estado do Rio de Janeiro, decretada pelo presidente Michael Temer em 16 de fevereiro de 2018 a tramitação da reforma da previdência se encontra paralisada. Entretanto com o fim

A situação tende a se agravar a partir da eleição do atual presidente da República, Jair Bolsonaro, candidato que construiu sua campanha alinhado com pautas conservadoras, que conquistou parte do eleitorado, tendo assumido o poder executivo central em 1º de janeiro de 2019.

Analisando todas essas mudanças e o que temos dialogado sobre a questão racial até aqui, não resta dúvida que acerca dos impactos e consequências negativas que recairão drasticamente sobre as populações não-brancas desse país, dentre elas, as/os negras/os, principalmente sobre as mulheres pobres e desempregadas necessitando dos benefícios assistenciais, de assistência à saúde e da educação pública. Essa desigualdade sociorracial não é para ser menosprezada, como relata Oliveira (2017) em relação à Reforma da Previdência:

A reforma que está em tramitação no Congresso Nacional não leva em conta que os brasileiros mais pobres, em particular mulheres e negros, começam a trabalhar muito cedo, mas a contribuir mais tarde. Do emprego sem carteira assinada, da ocupação autônoma e da atividade auxiliar em empreendimento familiar 44% das mulheres brasileiras tiram o sustento. Significa que, mais por distorções do mercado que por vontade própria, estão em atividade profissional, mas não recolhem ao INSS. Sem falar na jornada semanal feminina, que supera em sete horas e meia a dos homens, informou o Ipea, em razão das atribuições domésticas e familiares. É mais trabalho sem contribuição, que não vale para a Previdência. Mulheres, negros e jovens são os três grupos populacionais com as maiores taxas de desemprego e os menores rendimentos. Portanto, além de quase sempre subempregados no começo de carreira, eles passam mais tempo à procura de ocupação e têm baixa remuneração (OLIVEIRA, 2017, p. 2).

Sobre como essa reforma atinge especificamente as mulheres negras, Ribeiro (2017) revela que:

[...] A Reforma da Previdência, que caminha no congresso sob a forma da Proposta de Emenda Constitucional número 287, prevê aumentar o tempo de contribuição para 25 anos e a idade mínima para 65 anos para as mulheres. Essa medida não leva em consideração a divisão sexual do trabalho imposta em nossa sociedade. [...] Mulheres, sobretudo, negras, partem de pontos diferentes e conseqüentemente desiguais. [...] de forma geral, mulheres negras, antes da proposição dessa PEC, já tinham dificuldades em se aposentar. Por conta da informalidade, de uma relação descontínua no mercado de trabalho e, no caso das empregadas domésticas, de não terem seus direitos garantidos. [...]. No último trimestre do ano passado 68,1% das trabalhadoras domésticas não possuíam carteira assinada. O mesmo raciocínio se aplica m relação ao trabalho terceirizado para atividades meio.

---

da citada intervenção, a partir do início da gestão do atual presidente as articulações políticas para retomada da reforma estão sendo feitas.

Existe um grande contingente de mulheres negras nessa relação de trabalho, sobretudo em funções de limpeza. As medidas contidas nessa proposta vão dificultar ainda mais a vida dessas mulheres, que já viviam uma realidade precária (RIBEIRO, 2017, pp. 67-68).

No documento *Condições de Vida das Mulheres Negras em Pernambuco*, publicado em 2015, de autoria de Mônica Oliveira fica clara a dimensão das desigualdades e de suas consequências na vida das mulheres negras, nesse Estado da Federação<sup>13</sup>. No documento verifica-se que a população pernambucana é formada por 9.223.201 habitantes. Destes, cerca de 65% eram negros e 34% brancos. Entre as mulheres 3.095.645 eram negras e 1.709.282 eram brancas. Ou seja, as mulheres negras perfaziam em torno de 64% do total das mulheres pernambucanas.

Em relação à faixa etária, as mulheres negras no estado estão majoritariamente concentradas na faixa de 30 a 59 anos de idade, sendo 23% na faixa de 30 a 44 anos e 16% entre 45 e 59 anos de idade. As mulheres brancas são maioria nas faixas de 0 a 6 anos e entre as mais velhas, de 60 anos ou mais.

Além disso, no estado de Pernambuco, 65% das mulheres negras são chefes de família, enquanto que famílias chefiadas por mulheres brancas equivalem a 35%. No que tange a renda familiar, as mulheres negras são maioria entre aquelas que chefiam as famílias de renda mais baixa, em Pernambuco. Um percentual de 77,2% das famílias chefiadas por mulheres negras está na faixa de renda domiciliar de até um salário mínimo, enquanto que 67,1% é de famílias chefiadas por mulheres brancas. Já nas famílias da faixa de renda mais alta, acima de 8 salários mínimos, identifica-se que as mulheres brancas chefiam um percentual quase três vezes maior que o das mulheres negras: 1,1% para as mulheres brancas e 0,4% para as mulheres negras.

Historicamente, o trabalho doméstico é uma atividade desenvolvida por mulheres negras. Elas representam 72% do contingente de mulheres ocupadas nessa atividade, contra 28% de mulheres brancas. Esta predominância das mulheres negras em Pernambuco é superior à média nacional, que é de pouco mais de 60%.

Os dados disponibilizados pela Secretaria de Estadual de Saúde/PE demonstram que a mortalidade materna das mulheres negras ocorre numa proporção bem maior que as mulheres brancas. A maior disparidade está na faixa dos 20 aos 39 anos, onde as mulheres negras são

---

<sup>13</sup> Apresentamos os dados do Estado de Pernambuco, por termos uma maior apropriação dessa realidade sociorracial das mulheres negras, considerando nossa militância no Estado, junto ao movimento de mulheres negras.

83,3% das mortes e as brancas 16,3%. É importante lembrar que a proporção de mulheres negras no conjunto das mulheres pernambucanas é de cerca de 64%, o que comprova a desproporção desses dados de mortalidade em relação às brancas. Na faixa de 10 a 19 anos, que marca toda a adolescência e o início da juventude, os números são também alarmantes, as mulheres negras representam 81,0% das mortes, enquanto que as brancas 18,7%. A menor disparidade se verifica na faixa de 60 anos e mais, onde as mulheres negras perfazem 59,1% das mortes e as brancas 40,3%. Mais uma vez, comprova-se que as mudanças socioeconômicas atingem em primeiro plano a população feminina negra. Os dados indicam que as mulheres negras vivem em situação de maior desigualdade socioeconômica e, portanto, são as mais atingidas pelas medidas de cortes nas políticas sociais do atual governo.

Isso nos leva a afirmar que a atual política governamental, em âmbito federal, tem tido retrocessos amplos e preocupantes, alinhada com o conservadorismo, que agora não tem mais pudor em expor seus posicionamentos, favoráveis ao racismo, machismo, homofobia, misoginia, etc.

No conservadorismo contemporâneo, [...] Em nome da ‘prudência’, a política e o poder político, relacionados dialeticamente com os rumos da economia, resultam justificados ideologicamente em sua crescente concentração, mediante o discurso da meritocracia e da liberdade de mercado. Esse é o fundamento sócio-histórico que cria as condições para a ascensão de sujeitos políticos de extrema-direita, que emergem com a radicalização do discurso da ordem, ainda que esse discurso careça de bases concretas, exemplificados, na contemporaneidade por políticos como Donald Trump nos Estados Unidos, Jair Bolsonaro no Brasil, Marine Le Pen na França entre muitos outros (SOUZA, 2016, pp.142-143, grifo do autor).

Arrisco dizer que a tentativa de saída da crise capitalista de 2008 é esse enlace entre o conservadorismo e o ultraneoliberalismo. Por esse motivo, não tem sido incomum nos depararmos nos noticiários, com informações sobre conflitos raciais pelo mundo e da mobilização negra denunciando essas práticas e buscando soluções. No Brasil não é diferente, como vimos anteriormente as estatísticas e os estudos sobre pobreza e violência, vêm reiteradamente afirmando a situação de desigualdade social e racial de nossa população, aliada ao preconceito e discriminação crescentes geradores de violência constante.

O racismo está presente na atuação das forças de repressão do estado, quando classificam “todo preto como suspeito, como aconteceu em Campinas, através de uma ordem oficial do comando da PM”, está estampado no número de mortes de negros anualmente. “É extremamente

importante que a Comissão da Verdade e o movimento pelos direitos humanos no Brasil passem a limpo a história da ditadura militar. Temos que fazer o mesmo com a História da escravidão e com o conflito racial e o genocídio que é promovido hoje contra jovens negros. Quem chora nossos mortos? Porque a morte negra não comove?” (SPINNELLI, 2013, p. 2, grifo do autor).

São as vidas negras que ocupam as elevadas estatísticas das mortes, das doenças, do encarceramento, das violências. Por esse motivo, são essas vidas, essas pessoas que sobrevivem as *faltas* diárias de bens materiais e imateriais que tem muito a ensinar sobre a *revolução* diária de viver apesar dos pesares. São as mulheres negras que mais enfrentam esse cotidiano de faltas, talvez por esse mesmo motivo são elas também que contribuem para o desenvolvimento de alternativas de enfrentamento ao racismo e ao sexismo.

Nesse sentido, em nosso estudo destacamos as lutas das mulheres negras, por esse motivo, que no próximo capítulo apresentamos as contribuições de algumas mulheres negras, que dedicaram e dedicam suas vidas e esforços, para o fim das injustiças raciais, de gênero, socioeconômicas e culturais.

### 3 FEMINISMO NEGRO: construindo possibilidades

No presente capítulo abordaremos o feminismo, com enfoque no feminismo negro, oportunidade em que trabalhamos com o conceito de lugar de fala, resgatando as experiências de vida e contribuição teórica de mulheres negras e intelectuais negras afro-americanas e afro-brasileiras. Abordamos as críticas tecidas pelas mulheres negras ao racismo e sexismo presentes no movimento feminista e negro. Atentamos, porém que aprofundamos a análise referente ao racismo e sexismo das feministas brancas e homens brancos.

Essa foi uma escolha que fizemos por termos o interesse nessa tese de visibilizar o racismo e sexismo praticado por pessoas brancas. Entendemos que no Brasil, o mito da democracia racial dificulta que as pessoas brancas que se beneficiam dos privilégios gerados por essa opressão sejam expostas no seu racismo.

Isso não quer dizer que os homens negros não sejam machistas. Eles são, e as mulheres negras fazem esse debate e enfrentamento. Mas eles não são racistas. Num país em que ainda se busca responsabilizar as vítimas do racismo (mulheres e homens negros) pela sua própria condição de opressão racial, sobretudo, quando se fala de “racismo reverso” a ênfase da pesquisa se voltou para o racismo praticado por pessoas brancas.

Feita essa explanação destacamos que o enfrentamento ao racismo e sexismo requer o desenvolvimento de estratégias sociais, políticas, culturais e econômicas. No Brasil eles se expressam na vida das mulheres negras, sobretudo as pobres, de forma atroz. São mulheres cujas demandas são invisibilizadas, ou quando consideradas, tratadas de forma insuficiente pelas políticas públicas, que geralmente não possuem investimentos necessários ao atendimento de suas necessidades. Esses desafios assumem maior envergadura quando nos deparamos com os indicadores já expostos anteriormente, que demonstram a vulnerabilidade em que as negras se encontram.

Tal realidade se mostra desafiadora, uma vez que em geral sua análise é feita por intelectuais homens, brancos e não-brancos, influenciados pelas teorias européias e, portanto, por vezes acabam reproduzindo modelos hegemônicos explicativos da realidade, silenciando outras vozes, a exemplo das vozes das mulheres. Frente a isso se torna uma exigência aos povos oprimidos, pela sua origem racial e sua condição de gênero, a construção de um trabalho intelectual que questione a hegemonia do modelo existente.

Nesse âmbito, o feminismo se tornou um campo de conhecimentos que colabora com a desconstrução de referências únicas de mundo. Os estudos feministas possibilitam o

descortinar da história da humanidade e nela a produção de conhecimentos pelas mulheres, favorecendo o enfrentamento da história única, como afirma a escritora nigeriana Chimamanda Adichie, durante a palestra intitulada *O perigo de uma única história*.

Então, é assim que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que ela se tornará. É impossível falar sobre única história sem falar de poder. [...] Poder é a habilidade de não só contar a história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa (ADICHIE, 2010, p. 4).

É esse poder que o feminismo vem disputar, indicando que o conhecimento é amplo, complexo e constituído pelas mulheres de diferentes culturas e raças. Nesse sentido, Cecília Sardenberg (2002) enfatiza a crítica feminista à ciência moderna, em que a denúncia, a desconstrução e construção de conhecimentos se configuram em importantes tarefas para as epistemologias feministas, em suas diferentes perspectivas. A autora faz suas análises, considerando que a ciência moderna objetificou e silenciou as mulheres, tornando imprescindível que o conhecimento não seja apenas *sobre* as mulheres, mas também de *relevância* para as mulheres.

Para, além disso, Harding (1993, p. 7) revela que “o esforço inicial da teoria feminista foi o de estender e reinterpretar as categorias de diversos discursos teóricos de modo a tornar as atividades e relações sociais das mulheres analiticamente visíveis no âmbito das diferentes tradições intelectuais”. Nesse sentido, a instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista se faz necessária, sendo o diálogo e, não o consenso, o central nessas perspectivas. A autora destaca que existem pluralidades no feminismo, e isso não é diferente nas abordagens epistemológicas feministas. Por esse prisma tece considerações sobre as análises, que partem do pressuposto da existência da mulher universal “Tudo aquilo que tínhamos considerado útil, a partir da experiência social de mulheres brancas, ocidentais, burguesas e heterossexuais, acaba por nos parecer particularmente suspeito, assim que começamos a analisar a experiência de qualquer outro tipo de mulher” (HARDING, 1993, pp. 8-9).

Deste ponto de vista, a crítica feminista nos oferece uma possibilidade de ampliar nossas reflexões, a partir das experiências dos povos oprimidos, em que homens e mulheres, brancos/as, ocidentais, heterossexuais e detentores de riquezas são identificados como os opressores e interessados na continuidade da *história única*. Obviamente esse processo não ocorre sem resistências, pois a manutenção dos privilégios históricos, conseguidos mediante

as opressões raciais, de gênero e de classe, ainda são fundamentais para a manutenção da ordem vigente.

A tarefa para nós é revelar a habilidade dos setores privilegiados em constituir uma versão da história, que silencia as contribuições dos povos nativos e dos povos traficados para o trabalho escravo nas Américas. Essa habilidade nos chama atenção, por possibilitar a manutenção da invisibilidade dos conhecimentos produzidos por toda uma *massa* crítica negra.

Bem sabemos como também destacado no capítulo anterior, os interesses oriundos do processo de exploração colonial que embasam essa situação. Isso nos leva a refletir que essas causas foram reatualizadas, vez que os interesses das pessoas e grupos que se beneficiam dos privilégios gerados pelo racismo e sexismo permanecem ativos. Nesse sentido, o feminismo colabora para reconhecermos que a ciência está em disputa. Os conhecimentos já estabelecidos também disputam com os novos conhecimentos, mas, principalmente, quais são os sujeitos que estão autorizados a proferir *verdades* científicas e quais são aqueles que ainda precisam lutar para serem reconhecidos? Não temos dúvidas que as mulheres negras disputam o reconhecimento de suas produções. Eu afirmo que não numa perspectiva meritocrática, mas sim, de expressar as preocupações e os impactos gerados pela desigualdade de raça, gênero e classe em suas realidades.

As mulheres negras são detentoras de importantes e significativos conhecimentos, que por séculos foram mantidos à margem e silenciados pelo circuito hegemônico da produção científica. Os feminismos negros, nesse sentido, vêm se constituindo como epistemologia, na medida em que, têm possibilitado às autoras negras explicitarem suas experiências e os desafios que enfrentam para garantia da vida em contextos socioeconômicos marcados por tantas desigualdades.

Partimos da convicção de que a produção de conhecimentos por pessoas negras em geral, e especialmente das mulheres negras, é um aspecto central no debate que estamos travando, pois, o racismo e o sexismo resultam, dentre outras consequências, no entendimento de que a/o negra/o é desprovida/o de habilidade intelectual, de racionalidade. Essa falácia, propositadamente instituída, fortalece a persistência de práticas racistas, que tem em seu repertório a associação da pessoa negra a animais, a exemplo do macaco, como forma continuada do processo de desumanização dessas vidas.

Na medida em que negras/os passam a ocupar espaços institucionais como as universidades, cuja atividade intelectual é a matéria-prima do trabalho executado, as

dificuldades, questionamentos e dúvidas sobre a capacidade dessas pessoas de produzir conhecimento estão sempre presentes. Quando se trata das mulheres negras o fenômeno é amplificado, por exemplo, quando uma professora negra adentra a primeira vez em sala de aula, em universidade no Brasil, até que ela se apresente, dificilmente será identificada como sendo docente. Isso não é incomum. No geral, se explica pelo racismo, que também se materializa através dos *testes* de conhecimento (perguntas óbvias sobre o conteúdo que está sendo abordado) que são direcionados à docente, pelos sujeitos em formação, a fim de *avaliar a capacidade intelectual* da mesma.

Não somente os/as alunos/as se prestam a essa prática, mas também as demais pessoas brancas presentes na instituição de ensino, que não estão habituados ao corpo negro na figura de professor/a, corpo geralmente associado a profissionais vinculados aos serviços gerais de limpeza ou no máximo exercendo alguma das funções técnicas desenvolvidas na academia<sup>14</sup>.

Nesse sentido é importante nessa pesquisa, para entender a experiência acima relatada, bem como outras experiências vivenciadas por mulheres negras, o conceito de *Lugar de fala*, analisado por Djamila Ribeiro (2017), no livro intitulado: O que é Lugar de Fala, que desenvolveu e aprofundou à luz das autoras Grada Kilomba, Patrícia Hill Collins<sup>15</sup>, Linda Alcoff e Gayatri Spivak. No livro Ribeiro (2017), informa que.

[...] é preciso dizer que não há uma epistemologia determinada sobre o termo lugar de fala especificamente, ou melhor a origem do termo é imprecisa acreditamos que este surge a partir da tradição de discussão sobre feminist stand point – em uma tradução literal ‘ponto de vista feminista’ – diversidade, teoria racial crítica e pensamento decolonial. [...] A nossa hipótese é que a partir da teoria do ponto de vista feminista, é possível falar de lugar de fala. Ao reivindicar os diferentes pontos de análise e a afirmação de que um dos objetivos do feminismo negro é marcar o lugar de fala de quem as propõem, percebemos que essa marcação se torna necessária para entendermos realidades que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica (RIBEIRO, 2017, pp. 60-62, grifo da autora).

Embasada em Patrícia Hill Collins, Ribeiro (2017) argumenta que a teoria do ponto de vista é, sobretudo, um debate estrutural e não das experiências individuais das mulheres.

---

<sup>14</sup> Alertamos que não pretendemos desmerecer nenhuma atividade profissional com nosso comentário, apenas atentamos para um aspecto do racismo que leva as pessoas, no geral, a inferir que uma pessoa negra não pode ocupar funções de lideranças.

<sup>15</sup> No decorrer do capítulo destacaremos a importância dessa autora negra para o feminismo negro.

Não se trataria de afirmar as experiências individuais, mas de entender como o lugar social que certos grupos ocupam restringem oportunidades. Ao ter como objetivo a diversidade de experiências, há a consequente quebra de uma visão universal. Uma mulher negra terá experiências distintas de uma mulher branca por conta de sua localização social, vai experienciar gênero de uma outra forma. Segundo Collins, a teoria do ponto de vista feminista precisa ser discutida a partir da localização dos grupos nas relações de poder. Seria preciso entender as categorias de raça, gênero, classe e sexualidade como elementos da estrutura social que emergem como dispositivos fundamentais que favorecem as desigualdades (RIBEIRO, 2017, p. 63).

Com a explicação acima, Ribeiro (2017) esclarece que a teoria do ponto de vista feminista é significativa, pois considera as desigualdades que estruturam as relações sociais, que estão, por conseguinte, embasadas em relações de poder. A autora relata que as críticas ao conceito Lugar de Fala se equivocam ao argumentar que as análises se restringem a aspectos individuais da experiência de cada mulher negra.

No Brasil, comumente ouvimos esse tipo de crítica em relação ao conceito, porque os críticos partem de indivíduos e não das múltiplas condições que resultam nas desigualdades e hierarquias que localizam grupos subalternizados. As experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratadas de modo igualmente subalternizado, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente (RIBEIRO, 2017, p. 65).

Ainda de acordo com a autora o silenciamento imposto pela estrutura societária aos conhecimentos produzidos por negras/os, dificultam sua visibilidade e legitimidade, de forma que nas funções de melhor remuneração e nos espaços decisórios da sociedade praticamente inexistem pessoas não-brancas.

Essas experiências comuns resultantes do lugar social que ocupam impedem que a população negra acesse a certos espaços. É aí que entendemos que é possível falar de lugar de fala a partir do feminist standpoint: não poder acessar certos espaços, acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até de quem tem mais acesso à internet. O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e hierarquização de saberes consequente da hierarquia social (RIBEIRO, 2017, p. 66).

Por todos os motivos apresentados, e na perspectiva de colaborar com a ruptura do silêncio a que as intelectuais negras são submetidas, a abordagem está alinhada ao feminismo negro construído e constituído por mulheres afro-americanas e brasileiras. Isto também, para demarcar nosso posicionamento e nos instrumentalizar para análise do racismo e sexismo na contemporaneidade.

### 3.1 FEMINISMO NEGRO: a contribuição das mulheres afro-americanas

Em virtude das intensas lutas contra o racismo e contra as políticas segregacionistas nos Estados Unidos da América identificamos a contribuição de importantes intelectuais negras na formação do feminismo negro. É preciso destacar que a sociedade norte-americana, após a segunda guerra mundial desponta e se consolida como uma superpotência econômica e militar mundial. Sua área de influência na América Latina e no Brasil é conhecida e já descrita em obras como a de Eduardo Galeano: *As Veias Abertas da América Latina*, publicado pela primeira vez em 1971, o qual recomendamos a leitura.

Esse país possui forte influência junto aos setores conservadores da elite brasileira e no que concerne à questão racial, é reconhecidamente racista, conforme já descrevemos no capítulo anterior, a partir dos estudos do Oracy Nogueira. Infelizmente temos nos deparado, em pleno século XXI, através dos noticiários nacionais e internacionais com uma nação em que os supremacistas brancos, têm tido amplas oportunidades de disseminar o ódio racial. Um exemplo recente são os conflitos ocorridos, no mês de agosto de 2017, na cidade de Charlottesville, no Estado da Virginia/EUA, que resultou na morte de uma mulher e em dezenove pessoas feridas, dentre aquelas que realizavam protestos contra os supremacistas brancos.

Apesar da escravidão se encontrar abolida nos Estados Unidos, desde 1865, por meio da 13ª Emenda Constitucional, assinada depois de finda a guerra civil americana, e a Lei dos Direitos Civis datada de 1964 proibir a segregação racial, fruto de intensas mobilizações das/os negras/os, a realidade das minorias étnico-raciais norte-americana permanece difícil. O país continua dando mostras que o racismo se configura em um fenômeno preocupante. É dessa realidade, marcada pela violência sociorracial, que emergem lideranças e intelectuais negros/as, sendo dessa associação entre as violências raciais e suas explicações pelos intelectuais negros e negras, dentre eles, os que foram vítimas dessa violência, a exemplo de

Angela Davis, que se constituem um importante campo de saber, ou seja, conhecimentos produzidos pelos oprimidos, fornecendo assim, importantes estratégias de enfrentamento.

Dentre as estratégias de enfrentamento o feminismo negro se destaca, em virtude das críticas e questionamentos que produz.

Nos Estados Unidos, o feminismo negro ganha força a partir da década de 1970 com a produção intelectual de feministas negras que denunciam a invisibilidade das mulheres negras como sujeitos do feminismo. [...] A conexão entre teoria e prática é uma das dimensões importantes do feminismo negro; considera que o aprofundamento do pensamento também é mediado pela militância, e que a inter-relação entre ambas é parte importante no desenvolvimento do pensamento feminista negro, além de também pontuar a sua própria condição de mulher negra como elemento importante para o desenvolvimento de suas idéias (RIBEIRO, 2017, p. 2).

Obviamente, que pelo exposto o desenvolvimento do feminismo negro nos Estados Unidos é pautado por críticas ao feminismo branco e ao racismo. Para tanto as mulheres afro-americanas possuem uma importante contribuição. Dentre elas, destacamos, inicialmente, Glória Jean Watkins, mais conhecida pelo pseudônimo de bell hooks<sup>16</sup>, autora de um importante acervo sobre as questões raciais e do feminismo com foco nas mulheres negras. Nascida em 1952 no sul dos Estados Unidos, tornou-se professora e escritora cuja formação teve significativa influência do educador brasileiro Paulo Freire. Oriunda de um ambiente sócio-educacional segregador na sua essência e que posteriormente tornou-se oficialmente inclusivo, a autora experienciou as diferenças de tratamento e de orientação pedagógica fornecida pelos/as professores/as brancas/os que, no geral, tinham o interesse de impedir o desenvolvimento intelectual de negras/os. Por esse motivo, a leitura das obras de Paulo Freire representou um diferencial em sua vida.

Profundamente tocada pela obra de Freire, ela conta que tê-lo lido inspirou-a a desafiar a educação bancária, a informação como consumo e a ênfase na memorização. [...] Freire matou a sede de hooks, sua grande carência enquanto sujeita colonizada, marginalizada e que não tinha certeza de como se libertar, além de fazê-la compreender as limitações do tipo de educação que havia recebido como aluna. Criticando a teoria feminista, que, em seu início, incluía apenas as mulheres brancas de classe mais privilegiada, hooks afirma que a obra do educador a incluiu muito mais do que a produção feminista, que, em sua maioria, não acolhia as experiências das mulheres negras e o fato de que o gênero é profundamente conectado com questões de

---

<sup>16</sup> bell hooks opta pela grafia do seu pseudônimo e em letras minúsculas, por considerar o conteúdo mais relevante do que a autoria. Por esse motivo utilizaremos a grafia de acordo com a solicitação da autora.

classe social e raça. A intersecção do pensamento dele com a pedagogia trazida pelas professoras negras de sua infância causou um profundo impacto em sua formação. (OLIVEIRA, 2014, pp. 1001-1002).

Suas análises sobre o feminismo e a educação engajada seguem uma perspectiva crítica, colaborando para que as mulheres negras conheçam os motivos que as impedem de emergir da pobreza, que as levam a se tornarem vítimas da violência e de diferentes tipos de opressão.

Em artigo denominado *Intelectuais Negras*, apreciamos a importância dada pela autora ao trabalho intelectual como forma de ativismo e da imprescindibilidade das mulheres negras se tornarem intelectuais. Dialogando com a invisibilidade imposta pela ciência androcêntrica e racista, hooks (1995) destaca as manifestações desses fenômenos nas universidades.

As intelectuais negras trabalhando em faculdades e universidades enfrentam um mundo que os de fora poderiam imaginar que acolheria nossa presença, mas que na maioria das vezes encara nossa intelectualidade como suspeita. O pessoal pode se sentir à vontade com a presença de acadêmicas negras e talvez até as deseje, mas é menos receptivo a negras que se apresentam como intelectuais engajadas que precisam de apoio, tempo e espaço institucionais para buscar essa dimensão de sua realidade (HOOKS, 1995, p. 468).

A suspeita citada pela autora é oriunda do racismo e do sexismo que persistem nos espaços institucionais de elaboração do conhecimento, colocando principalmente para as mulheres negras e não-brancas, o constante esforço de que suas pesquisas e estudos não sejam secundarizados. O racismo institucional está presente, mas não raramente, mascarado por discursos e atitudes que buscam ocultá-lo. Não estou me referindo aqui às contribuições dos/as intelectuais que primam em suas pesquisas pelo bem-estar de todas as pessoas, mas direciono as críticas aqueles que utilizam essa justificativa para desconstruir e desqualificar os estudos e pesquisas que abordam questões raciais e de gênero.

Outros aspectos centrais apresentados pela autora para compreensão dos desafios postos para intelectualidade negra, perante uma ciência burguesa também são descritos.

[...] o conceito ocidental sexista/racista de quem e o quê é um intelectual que elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. Na verdade, dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente torna o domínio intelectual um lugar interdito. Como nossas ancestrais do século XIX só através da resistência ativa exigimos nosso direito de afirmar uma presença intelectual.

O sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros (HOOKS, 1995, p. 468).

A partir da representação racista e sexista de que servir aos outros é o lugar predestinado para as mulheres negras, o que habitualmente se espera delas é uma resoluta e resignada aceitação disso. Quando iniciativas e medidas são adotadas por essas mulheres contrariam essa “ordem natural”, duas condutas parecem prevalecer: pronunciamentos, por vezes eloquentes, de que isso não é verdade, de que a/o negra/o está “vendo” racismo onde não existe (no caso do Brasil), ou a agressividade e a violência sob o disfarçado manto da liberdade de expressão como forma de imposição dos preconceitos e subjugação das vítimas.

Felizmente as resistências e as representações servis e depreciativas da negra são expressas. Um exemplo é Sojourner Truth, ex-escrava, que durante o evento *Women’s Rights Convention*, em 1851, proferiu um belo discurso contra as tentativas de silenciamento dos direitos das mulheres negras.

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? (TRUTH, 2014, p. 1).

Sojourner, de acordo com relatos históricos fez essa intervenção após os homens presentes no evento, no qual também se encontrava alegarem que as mulheres não deveriam ter os mesmos direitos que os homens, tornando *E não sou uma mulher?* Um momento célebre na luta das mulheres negras, e a pedra fundamental do feminismo negro norte-americano. Sabemos que o discurso citado ocorreu em um contexto em que suas palavras tinham um sentido de atestar, que para as mulheres negras não eram dispensados (e no geral ainda não são) os tratamentos cordiais e de cuidado, elencados pelos homens presentes no evento. Ser mulher nunca foi impeditivo ao processo de extrema exploração de suas forças

físicas e subjetivas, a negritude foi e é o argumento racista que desconfigura a mulher negra de sua condição feminina.

Soujourner inspirou o título do livro: *Ain't I a Woman: Black Women and feminism*, de bell hooks. No livro, a autora faz uma análise criteriosa dos efeitos do racismo e do sexismo nas mulheres negras. Argumenta que no decorrer do século XX, entre 1930-1940 a pauta central das mulheres negras nas lutas era a opressão gerada pelo racismo. Relata que a luta pelos direitos civis iniciada na década de 1950, a prevalência do sexismo ocorreu, e se estabelece na década de 1960 o patriarcado negro masculino, em que o esforço era de secundarizar o papel das mulheres negras no movimento.

A autora também reflete no decorrer do livro que no movimento de mulheres, as feministas brancas, ao tempo que reconheciam as opressões das mulheres negras destacavam que essas eram fortes para lidar com essa opressão.

Elas ignoram a realidade de que ser forte perante a opressão não é o mesmo que superar a opressão, que a sobrevivência não é para ser confundida com a transformação [...]A tendência em romancear a experiência das mulheres negras que começou com o movimento feminista refletiu-se na cultura como um todo. A imagem estereotipada da “força” das mulheres negras já não é mais vista como desumanizante, tornou-se a nova insígnia da glória feminina negra. Quando o movimento das mulheres estava no seu pico e as mulheres brancas rejeitaram o seu papel de criadoras, receptáculos de carga, de objeto sexual, as mulheres negras foram celebradas pela sua devoção únicas à tarefa maternal: pela sua “inata” habilidade em serem tremendas portadoras de carga, e pela sua sempre crescente e apta utilização como objeto sexual. Nós parecemos ser unanimemente eleitas para sermos instaladas nos locais que as mulheres brancas abandonaram (HOOKS, 1981, p. 8).

O que a autora depreende é que no movimento negro o sexismo atua contrário aos interesses das mulheres negras e no movimento feminista é o racismo que se destaca contra essas mulheres. Tece críticas consistentes a ambos os movimentos, e sobre as mulheres brancas, destaca no artigo *Mulheres negras: moldando a teoria feminista*, que nos Estados Unidos o feminismo se constituiu sem considerar as mulheres negras e não-brancas. Surge apenas a partir das necessidades das mulheres brancas privilegiadas, que tinham como pressuposto, que suas opressões diziam respeito a todas as mulheres. hooks, no decorrer do artigo, realiza críticas contundentes ao conteúdo do livro: *Mística Feminina* de Beth Friedman, considerado uma obra de referência e às feministas brancas que dominam o discurso feminista. Argumenta que elas:

[...] raramente questionam se sua perspectiva sobre a realidade da mulher se aplica às experiências de vida das mulheres como coletivo. Também não estão cientes de até que ponto suas perspectivas refletem preconceitos de raça e classe, embora tenha havido uma consciência maior sobre esses preconceitos nos últimos anos. O racismo abunda nos textos de feministas brancas, reforçando a supremacia branca e negando a possibilidade de que as mulheres se conectem politicamente cruzando fronteiras étnicas e raciais. A recusa feminista, no passado, a chamar a atenção para hierarquias raciais e a atacar, suprimiu a conexão entre raça e classe (HOOKS, 2015, p. 195).

Infelizmente essa perspectiva ainda leva as feministas brancas norte-americanas a invisibilizar o fenômeno racial e de classe, levando-as ainda a identificar que as opressões atingem todas as mulheres da mesma forma. Sobre isso, hooks é veemente.

Embora o impulso em direção a unidade e empatia que informava a noção de opressão comum fosse direcionado à construção de solidariedade, slogans como ‘organize-se em torno de sua própria opressão’ proporcionavam a desculpa da qual muitas mulheres privilegiadas precisavam para ignorar as diferenças entre sua condição social e a do conjunto de mulheres. Era um indicativo de privilégios de raça e classe, bem como expressão da liberdade em relação a restrições que o sexismo impunha a mulheres da classe trabalhadora, um indicativo de que mulheres brancas de classe média conseguiam fazer de seus interesses o foco principal do movimento feminista e empregar uma retórica do comum, que fazia de sua condição um sinônimo de ‘opressão’ (HOOKS, 2015, p. 198).

Percebemos pelos nossos estudos que o posicionamento de hooks, provoca polêmicas nos estudos feministas e, chama a atenção para as diferentes experiências do ser mulher, mas também para os privilégios de ser uma mulher branca e para a condição desfavorável de ser mulher negra. A autora faz a crítica ao feminismo a partir de sua própria experiência, como no depoimento a seguir.

Quando participei de grupos feministas, descobri que as mulheres brancas adotavam uma atitude condescendente em relação a mim e outras participantes não brancas. A condescendência que elas dirigiam a mulheres negras era um dos meios que empregavam para nos lembrar de que o movimento de mulheres era ‘delas’ – que podíamos participar porque elas nos permitiam, até mesmo incentivaram; afinal, éramos necessárias para legitimar o processo. Elas não nos viam como iguais, não nos tratavam como iguais. E, embora esperassem que fornecêssemos relatos em primeira mão da experiência negra, achavam que era papel delas decidir se essas experiências eram autênticas (HOOKS, 2015, p. 204, grifo da autora).

Apesar de não nos encontrarmos nos Estados Unidos, não nos soa estranho esse comportamento citado acima, pois o Brasil é uma sociedade racista. Colocar em suspeição as experiências das mulheres negras e não-brancas não é incomum nos espaços em que prevalece a presença de mulheres e homens brancas/os. Quando esse aspecto é trazido à tona, também não são raros os posicionamentos que universalizam as particularidades do fenômeno. Além disso, também é possível identificar em nossa realidade racial, alguns posicionamentos, que acusam as mulheres negras de *racismo reverso*, demonstrando ausência de leituras e aprofundamentos sobre as consequências do racismo, levando-as a responsabilizar as vítimas por sua situação. O privilégio de classe e de raça, ainda de acordo com hooks, dificulta a autocrítica das mulheres brancas.

Em termos gerais, as feministas privilegiadas têm sido incapazes de falar com e pelos diversos grupos de mulheres, porque não compreendem plenamente a inter-relação entre opressão de sexo, raça e classe ou se recusam a levar a sério essa inter-relação. As análises feministas sobre a sina da mulher tendem a se concentrar exclusivamente no gênero e não proporcionam uma base sólida sobre a qual construir a teoria feminista. Elas refletem a tendência, predominante nas mentes patriarcais ocidentais, a mistificar a realidade da mulher, insistindo em que o gênero é o único determinante do destino da mulher. Certamente, tem sido mais fácil para as mulheres que não vivenciam opressão de raça ou classe se concentrar exclusivamente no gênero (HOOKS, 2015, p. 207).

A autora continua a reiterar que sem levar em consideração as opressões de raça e classe social, as mulheres negras, na realidade norte-americana permanecerão com seus direitos invisibilizados. Lembra que tanto as mulheres brancas integram o grupo opressor pela sua origem racial, quanto os homens negros em virtude de sua masculinidade. “O sexismo masculino negro prejudicou a luta para erradicar o racismo, assim como o racismo feminino branco prejudica a luta feminista” (HOOKS, 2015, p. 208). Assim, as pautas das mulheres não-brancas e negras em ambos os movimentos são dificultadas. Reside nesse ponto a importância do feminismo negro, que traz para o centro do debate as opressões raciais, de gênero e de classe experienciadas pelas mulheres negras. É um feminismo que remonta às lutas contra o escravismo e perpassa por toda história de mulheres negras, que precisam resistir a todas as investidas contrárias as suas vidas. É o feminismo, importante pilar de sustentação das lutas dessas mulheres que se torna uma área em disputa, conforme explicita hooks.

Resistimos à dominação hegemônica do pensamento feminista insistindo que ele é uma teoria em formação, em que devemos necessariamente criticar, questionar, reexaminar e explorar novas possibilidades. Minha crítica persistente foi construída por minha condição de membro de um grupo oprimido, por minha experiência com a exploração e a discriminação sexistas e pela sensação de que a análise feminista dominante não foi a força que moldou minha consciência feminista (HOOKS, 2015, p. 202).

Isso requer um novo feminismo, que se forme buscando considerar as especificidades das diferentes mulheres, que formam as diferentes sociedades.

[...] A formação de uma teoria e uma práxis feminista libertadoras é de responsabilidade coletiva, uma responsabilidade que deve ser compartilhada. Apesar de criticar aspectos do movimento feminista como o conhecemos até agora – crítica que às vezes é dura e implacável – eu o faço não em uma tentativa de diminuir a luta feminista, mas de enriquecer, de compartilhar o trabalho de construção de uma ideologia libertadora e de um movimento libertador (HOOKS, 2015, p. 208).

No trecho acima a autora fala da teoria feminista e do movimento feminista e de sua relação com a luta por liberdade das mulheres. Se refere à ampliação da luta por liberdade, ou mesmo à compreensão de liberdade que abarque mais e mais diferenças. A crítica ao feminismo branco não se dá no sentido de destituir de significado o feminismo, mas de olhar para as opressões que ele cria, olhar para o racismo no interior do feminismo.

Nessa esteira de lutas imprimidas pelas intelectuais negras, Audrey Geraldine Lorde (1934-1992), mais conhecida como Audre Lorde, “negra, lésbica, feminista, socialista, mãe de duas crianças incluindo um garoto e membra de um casal interacial” (LORDE, s.d; s.p.) foi uma mulher que se tornou importante referência para o feminismo negro norte-americano. Autora de obras como “*The First Cities* (1968), *Cablestorage* (1970), *From a Land Where Other People Live*(1973), *Coal*(1976), *Between Our Selves* (1976), *The Black Unicorn* (1978) e *The Cancer Journals*(1980)”. (DOMENECK, s/d, p. 1), se destacou pelos seus posicionamentos em prol das lutas das mulheres negras e contra as opressões vivenciadas pelas mesmas.

Através dos seus escritos, dentre eles: *A transformação do silêncio em linguagem e ação*, de 1977, quando se encontrava em processo de reflexão acerca do significado da vida, mediante a necessidade de submeter-se a cirurgia para retirada de tumor na mama, Audre faz análise de sua existência, resultando na reflexão do que considerou um dos seus maiores arrependimentos - o silêncio. Busca compreender as motivações que causaram seus

silenciamentos, em uma sociedade forjada no racismo e por ela retroalimentada. Identifica que o medo suprime o potencial de luta feminina, pois argumenta que todas foram educadas a respeitar esse medo.

No silêncio, cada uma de nós desvia o olhar de seus próprios medos – medo do desprezo, da censura, do julgamento, ou do reconhecimento, do desafio, do aniquilamento. Mas antes de nada acredito que tememos a visibilidade, sem a qual, entretanto, não podemos viver, não podemos viver verdadeiramente. Neste país em que a diferença racial cria uma constante, ainda que não seja explícita, distorção da visão, as mulheres Negras temos sido visíveis por um lado, enquanto que por outro nos fizeram invisíveis pela despersonalização do racismo (LORDE, 1978, p. 23).

A autora também tece críticas ao movimento de mulheres, onde os silenciamentos são uma realidade, sobretudo para as mulheres negras, convocando todas a superar os medos, pois eles não nos protegem e explicita o porquê.

[...]. Porque a máquina vai tratar de nos triturar de qualquer maneira, tenhamos falado ou não. Podemos nos sentar num canto e emudecer para sempre enquanto nossas irmãs e nossas iguais são desprezadas, enquanto nossos filhos são deformados e destruídos, enquanto nossa terra está sendo envenenada, podemos ficar quietas em nossos cantos seguros, caladas como se engarrafadas, e ainda assim seguiremos tendo medo (LORDE, 1978, p. 23).

A autora toca no aspecto do processo de formação dos sujeitos sociais, embasadas no sexismo, racismo e homofobia que dificulta as mulheres expressarem publicamente seus pensamentos. Processo esse, que ainda busca constranger/desqualificar todas aquelas que expõem suas ideias, tornando esse um árduo desafio, que é por sua vez necessário, na medida em que a linguagem transformada em ação se configura em importante estratégia de compartilhamento das experiências e, por conseguinte, de organização das lutas coletivas.

A mesma autora aprofunda as críticas à academia e a mulheres brancas feministas em publicação intitulada *As ferramentas do mestre nunca vão desmantelar a casa-grande*.

Aquelas de nós que estão fora do círculo do que essa sociedade define como mulheres aceitáveis, aquelas de nós que foram forjadas nos caldeirões da diferença – aquelas de nós que somos pobres, que somos lésbicas, que somos Negras, que somos velhas - sabemos que sobrevivência não é uma habilidade acadêmica. É aprender a estar sozinha, impopular e às vezes insultada, e a fazer causa comum com aquelas outras identificadas como externas às estruturas, para definir e buscar um mundo no qual todas nós

possamos florescer. É aprender a tomar nossas diferenças e torná-las forças. Pois as ferramentas do senhor nunca vão dismantelar a Casa-grande. Elas podem nos permitir a temporariamente vencê-lo no seu próprio jogo, mas elas nunca nos permitirão trazer à tona mudança genuína (LORDE, 1984, p. 29).

Nesse posicionamento, vê-se que Lorde reitera a imprescindibilidade de não se conformar com as opressões. Ela fala da diferença, de como ser diferente pode ser solitário e difícil, requer coragem, mas também de que se pode ser coletivo e assim ter a força necessária para transformar o que precisa, a partir do enfrentamento e não da negociação. Essa tarefa, é salutar de ser realizada pela mulher negra que se encontra em larga desvantagem sócio-econômica diante das forças societárias opressoras.

Em outro texto denominado *Não há hierarquias de opressão*, a autora pioneiramente aborda a questão da interseccionalidade. De forma direta, analisa que as diferenças de raça, gênero e classe social são articuladas pelos opressores para manutenção de seus privilégios, e sendo assim, devem ser enfrentadas. Tece considerações a partir de sua própria origem racial e orientação sexual.

Dentro da comunidade lésbica eu sou Negra, e dentro da comunidade Negra eu sou lésbica. Qualquer ataque contra pessoas Negras é uma questão lésbica e gay porque eu e centenas de outras mulheres Negras somos parte da comunidade lésbica. Qualquer ataque contra lésbicas e gays é uma questão Negra, porque centenas de lésbicas e homens gays são Negros. Não há hierarquias de opressão. [...] E eu não posso escolher entre as frentes em que eu devo batalhar essas forças da discriminação, onde quer que elas apareçam para me destruir. E quando elas aparecem para me destruir, não demorará muito a aparecerem para destruir você (LORDE, 2015, p. 1).

A importância de seus escritos e a *marginalidade* em que ainda se encontra relegada a autora atualmente, apenas reforça o que já se encontra presente nos seus estudos e poemas. Existem esforços dos coletivos feministas negros no Brasil para traduzir o que foi escrito pela Lorde, possibilitando que suas produções possam se tornar acessíveis e conhecidas.

Também destacamos Patrícia Hill Collins, mulher negra, socióloga, nascida em 1948, autora de publicações como: *Black Feminist Thought* (1990), *Fighting Words: Black Women and the Search for Justice* (1998), *Black Sexual Politics: African Americans, Gender, and the New Racism* (2004), *From Black Power to Hip Hop* (2006), *On Intellectual Activism* (2012), além de textos e artigos diversos é uma estudiosa com importantes contribuições no campo do feminismo.

Em seu artigo: *Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão*, apresentado pela primeira vez em 1989, Collins realiza uma fundamentada análise das opressões e seus significados na vida das pessoas privilegiadas e não privilegiadas.

Collins (2015) inicia suas reflexões a partir de Audre Lorde, cuja compreensão de mudança revolucionária reside em enfrentar o pedaço do opressor em cada um de nós. A partir desse ponto desenvolve novas visões do que é opressão e mudança nos nossos comportamentos. Discorre sobre “como podemos redefinir raça, classe e gênero como categorias de análise e como podemos transcender as barreiras criadas através das nossas experiências com as opressões de raça, classe e gênero para que possamos construir os tipos de coalizões essenciais para câmbios sociais” (COLLINS, 2015, p. 16).

A autora argumenta, então, pela desconstrução das análises somatórias de opressão, que geram pensamentos dicotômicos e hierarquizadores entre as opressões e reforça os cuidados necessários no estudo dessas questões.

Não nego que grupos específicos vivam uma experiência de opressão mais dura que outros – linchamento é certamente pior do que ser considerada um objeto sexual. Entretanto, temos que ser cuidadosas/os para não confundirmos essa questão da primazia de um tipo de opressão na vida das pessoas com uma postura teórica que propõe a natureza imbricada das opressões. Raça, classe ou gênero podem estruturar uma situação, mas podem não ser igualmente visíveis e/ou importante nas autodefinições das pessoas (COLLINS, 2015, p. 18).

Ainda que não sejam visíveis, a autora atesta que raça, gênero e classe social estão presentes em todas as relações societárias e estão também conectadas, imbricadas entre si.

[...] Levar em conta a diversidade na nossa construção do conhecimento, no nosso ensino e no nosso dia a dia nos oferece um novo ângulo de visão nas interpretações de realidades pensadas como naturais, normais e ‘verdadeiras’. Além disso, ver as imagens de masculinidades e feminilidades como simbolismo universal de gênero, ao invés de vê-las como imagens simbólicas que são específicas de raça, classe e gênero, faz com que as experiências de pessoas negras e de mulheres e homens brancos e não privilegiadas sejam invisíveis. Uma maneira de desumanizar uma pessoa ou um grupo é negar-lhes a realidade de suas experiências (COLLINS, 2015, p. 26, grifo da autora).

O aspecto relevante - as experiências – é enfatizado pela autora. A partir das experiências podemos melhor identificar as diferenças de privilégios e poder vivenciados, que

dificultam nossa conexão uns com os outros, levando-a a concluir que é preciso estabelecer coalizão em torno de causas comuns, transpondo as diferenças e considerando-as ao mesmo tempo.

Nenhum/a de nós sozinha possui uma visão abrangente de como raça, classe e gênero operam como categorias de análise ou como elas podem ser usadas como categorias de ligação e conexão. Nossas biografias pessoais nos oferecem visões parciais. Poucos podem dar conta de estudar raça, classe e gênero simultaneamente. Ao invés disso, cada um e cada uma de nós sabem mais sobre alguma das dimensões dessa ampla história e menos sobre outras. [...] não temos todos e todas que fazer a mesma coisa da mesma maneira. Pelo contrário, nós temos que apoiar os esforços umas/uns da/os outras/os, percebendo que somos parte de uma empreitada maior que busca provocar mudanças sociais (COLLINS, 2015, p. 36).

Na construção de seu pensamento a autora versa sobre a necessidade de empatia com as experiências de grupos diferentes de nós. O que requer que tanto os privilegiados, quanto os grupos subordinados façam o exercício da autocrítica, buscando responder como o entrelaçamento entre classe, raça e gênero moldaram suas vidas.

Encontrar causas comuns e construir empatia é difícil, não importa que lado dos privilégios nós habitamos. Construir empatia do lado dominante dos privilégios é difícil, simplesmente porque pessoas de ambientes privilegiados não são encorajadas a fazê-lo. Por exemplo, para que os brancos, entre vocês, desenvolvam empatia com pessoas de cor, eles devem se confrontar com o fato de que sua cor de pele lhes privilegiou. Isso é difícil de ser feito, não apenas porque implica em processos intelectuais de perceber como a branquitude é valorizada em instituições e símbolos, mas também envolve o processo, muitas vezes doloroso, de ver como a branquitude moldou sua biografia. Posturas intelectuais contra as dimensões institucionais e simbólicas do racismo geralmente são mais fáceis de sustentar do que autorreflexões sobre como o racismo moldou nossas biografias individuais (COLLINS, 2015, p. 38).

A dificuldade expressa pela autora, de entrarmos em contato com os preconceitos é real e, apenas será realizado por aqueles indivíduos que possuem compromisso real com o fim das opressões, o que sendo feito, pode vir a representar a construção de uma nova sociabilidade. A exemplo de Collins partilhamos do entendimento de que todos os esforços são significativos e, os brancos que realizam a autocrítica não devem ser vistos com desconfiança, mas como potenciais apoiadores nos esforços para pôr fim às opressões.

Um exemplo do que descrevemos acima foi veiculado por diferentes mídias no Brasil ano de 2017, quando a filha negra do ator Bruno Gagliasso e Giovana Ebwank, que são brancos e possuem uma boa condição econômica, foi vítima de racismo. Em entrevista concedida no programa Fantástico da rede globo no dia 2 de dezembro de 2017, o casal relata que.

Eu não tinha ideia. É obvio que a gente sempre soube, mas viver isso de perto e dentro de casa é muito forte. É agressivo, machuca e a gente só sente isso quando está dentro da nossa casa. [...]. Acho que a gente estava despreparado para o que vinha e a gente se sente meio correndo contra o tempo para conseguir as ferramentas necessárias para criar a nossa filha negra em um país racista. [...] Não foi à primeira vez, foi a terceira vez. A primeira vez foi uma menor de idade, a segunda vez foi um cara que está acostumado a fazer isso com várias pessoas e agora uma mulher que se filmou falando essas coisas da minha filha. [...]. Eu nunca de fato vou sentir na pele o que é o racismo, mas minha filha é negra né? [...]. São coisas que eu nunca enxerguei e estou vendo só agora. Como eu com 31 anos começo a ver questões como essas só agora? Por que eu não ajudei? Por que eu não fiz alguma coisa antes? Por que eu deixei passar algumas coisas? Isso é muito forte na minha vida hoje (TURA, 2017, p. 1).

As perguntas feitas pela atriz são respondidas por Collins, conforme vimos anteriormente. No caso em apreço, a empatia com a opressão por parte dos jovens atores é inevitavelmente alcançada a partir da vivência com a filha, lembrando que a condição socioeconômica *confortável* dos mesmos, não tem sido impeditivo para que as práticas racistas se manifestem sobre a criança e todo o núcleo familiar. A visibilidade do caso, obviamente é decorrente de o ator e atriz serem figuras conhecidas do grande público e também por integrarem o grupo que vivencia os privilégios gerados pela norma racial branca. Sabemos que todos os dias o racismo se faz presente na vida de crianças, mulheres e homens negros e que não geram a sensibilização do caso em tela. Mas, se essa é uma das formas que temos para visibilizar a questão, então devemos valorizá-la e apoiar todas as pessoas que “despertam” para as lutas contra todas as opressões.

No artigo: *Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro*, Collins (2016), aborda a marginalidade<sup>17</sup> das intelectuais negras e o uso dessa marginalidade como instrumento de lutas. “Argumento que muitas intelectuais negras têm feito uso criativo de sua marginalidade, do seu status de outsider within, para

---

<sup>17</sup> De acordo com o artigo outsider within significa *forasteiras de dentro* ou *estrangeiras de dentro*. Que versa sobre a exclusão das mulheres negras dos centros decisórios e da dinâmica da vida em sociedade e como nessa condição essas mulheres produzem importantes conhecimentos.

produzir um pensamento feminista negro capaz de refletir um ponto de vista especial em relação ao “self”, à família e à sociedade” (COLLINS, 2016, p. 99).

Através da interseccionalidade, intelectuais negras estão produzindo análises importantes sobre a realidade do povo negro, como afirma Collins (2016, p. 100).

[...] uma revisão cuidadosa da emergente literatura feminista negra revela que muitas intelectuais negras, especialmente aquelas em contato com sua marginalidade em contextos acadêmicos, exploram esse ponto de vista produzindo análises distintas quanto às questões de raça, classe e gênero (COLLINS, 2016, p. 100).

A mesma autora nos detalha, o que denominou de três chaves no pensamento feminista negro.

O pensamento feminista negro consiste em ideias produzidas por mulheres negras que elucidam um ponto de vista de e para mulheres negras. Diversas premissas fundamentam essa definição em construção. Primeiro, a definição sugere que é impossível separar estrutura e conteúdo temático de pensamento das condições materiais e históricas que moldam as vidas de suas produtoras. [...] em segundo lugar, a definição assume que mulheres negras defendem um ponto de vista ou uma perspectiva singular sobre suas experiências e que existirão certos elementos nestas perspectivas que serão compartilhados pelas mulheres negras em grupo. Em terceiro lugar, embora o fato de se viver a vida como mulher negra possa produzir certas visões compartilhadas, a variedade de classe, região, idade e orientação sexual que moldam as vidas individuais de mulheres negras tem resultado em diferentes expressões desses temas comuns (COLLINS, 2016, pp. 101-102).

Essas análises esclarecem as especificidades que as mulheres negras enfrentam na vida cotidiana e no processo de produção do conhecimento, para dar conta de tantos entrecruzamentos de opressões. Sob esse aspecto, Kimberlé Crenshaw, professora universitária e feminista se tornou referência no estudo da interseccionalidade de raça e gênero. Nos artigos: *Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero (2002)* e *a Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero*, a autora nos oferece a seguinte definição do conceito.

[...] A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a

interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Além disso, descreve como a intersecção entre raça e gênero limita a vida das mulheres negras.

Utilizando uma metáfora de intersecção, faremos inicialmente uma analogia em que os vários eixos de poder, isto é, raça, etnia, gênero e classe constituem as avenidas que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos, através delas que as dinâmicas do desempoderamento se movem. Essas vias são por vezes definidas como eixos de poder distintos e mutuamente excludentes; o racismo, por exemplo, é distinto do patriarcalismo, que por sua vez é diferente da opressão de classe. Na verdade, tais sistemas, frequentemente, se sobrepõem e se cruzam, criando intersecções complexas nas quais dois, três ou quatro eixos se entrecruzam. As mulheres racializadas frequentemente estão posicionadas em um espaço onde o racismo ou a xenofobia, a classe e o gênero se encontram. Por consequência, estão sujeitas a serem atingidas pelo intenso fluxo de tráfego em todas essas vias (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Crenshaw situa de forma esclarecedora como é difícil para indivíduos e grupos *habitar*, em tempo integral esse entrecruzamento. A mulher negra integra um desses grupos. Atingidas por vários eixos de poder, oprimidas por eles, sobrevivem arduamente, investindo suas energias para não se deixar abater, pois não raramente é responsável pela garantia de sua vida, mas também da dos/as filhos/as e parentes. É um “massacre”. Diariamente é preciso renovar as forças e retomar a *batalha*. É preciso ser incansável e resistir para não declinar.

A autora descreve esse modelo através do caso da empresa General Motors, em que as mulheres negras não conseguiam trabalhar e que por esse motivo, processaram a empresa por discriminação de raça e de gênero. Porém comprovar não foi possível.

O problema é que o tribunal não tinha como compreender que se tratava de um processo misto de discriminação racial. O tribunal insistiu para que as mulheres provassem, primeiramente, que estavam sofrendo discriminação racial e, depois, que estavam sofrendo discriminação de gênero. Isso gerou um problema óbvio. Inicialmente, o tribunal perguntou: ‘Houve discriminação racial?’. Resposta: ‘Bem, não. Não houve discriminação racial porque a General Motors contratou negros, homens negros’. A segunda pergunta foi: ‘Houve discriminação de gênero?’ Resposta: ‘Não, não houve discriminação de gênero’. A empresa havia contratado mulheres que, por acaso, eram brancas. Portanto, o que o tribunal estava dizendo, essencialmente, é que se a experiência das mulheres negras não havia sido a mesma dos homens negros e que se a sua discriminação de gênero não havia

sido a mesma sofrida por mulheres brancas, basicamente elas não haviam sofrido qualquer tipo de discriminação que a lei estivesse disposta a reconhecer. Por essa razão, as mulheres negras foram informadas de que seu processo por discriminação não tinha fundamento. Como vocês podem ver, as mulheres negras se viram diante da situação de ter sofrido uma discriminação racial baseada unicamente nas experiências de homens afro-americanos e uma discriminação de gênero baseada unicamente nas experiências de mulheres brancas (CRENSHAW, 2012, pp. 10-11).

Em sociedades multirraciais como a norte-americana e brasileira as opressões de raça, gênero e classe social são abruptas, e em decorrência disso, as experiências de mulheres negras, vítimas do sexismo, do racismo e da pobreza tendem a ser desconsideradas, a exemplo do que consta na citação acima. Daí a reiteração dos argumentos da Crenshaw sobre as dificuldades experienciadas pelos sujeitos sociais interseccionados por diferentes opressões.

Apesar de importante, críticas sobre a interseccionalidade também são tecidas. Para Gilza Marques (2016), não é possível colocar as opressões em condição de igualdade, argumenta que o racismo se destaca neste âmbito, sendo uma opressão que não pode ser considerada equivalente a outras opressões. Indica que é considerando a supremacia branca enquanto bloco monolítico opressor que se poderão analisar os impactos das opressões.

Racismo é sistema de poder. Os povos do mundo não foram hierarquizados segundo suas orientações sexuais, ou porque eram gordos/magros. Foi o racismo que estruturou (e estrutura) a nossa sociedade (e antes que digam que é a classe, lembremos: as classes foram construídas a partir da raça e não o contrário). O racismo é, sem sombra de dúvida, a maior opressão da terra. [...] Na sua análise, Crenshaw analisa as opressões focando na mulher individualmente (ou no grupo de mulheres), e não no sistema que estrutura nossa sociedade. Parece que determinadas mulheres carregam um saco de opressão, sabe? (Negra+lésbica+gorda+deficiente+pobre+imigrante) e não é isso! A forma de análise da interseccionalidade é que é problemática. Não é a mulher que, a depender da sua característica é mais ou menos oprimida. É o sistema (e aí, no nosso caso, é o sistema branco, judaico-cristão, colonizador, etc, etc, etc...) que oprime mais determinadas mulheres a depender da característica que ela possua. O foco de análise interseccional está errado (MARQUES, 2016, pp. 1-2).

A autora em sua reflexão questiona a análise interseccional, na medida em que considera o racismo a maior das opressões e fenômeno que estrutura as relações sociais no Brasil, e sendo assim, necessariamente deve se destacar e ser focado de forma diversa das demais opressões.

Sua crítica parece direcionada à compreensão que a interseccionalidade analisa a articulação entre as opressões de forma horizontal, não hierarquizada, nivelando-as, fazendo assim subsumir o racismo. Penso que na realidade brasileira essa crítica tem relevância, pois a luta dos movimentos negros tem sido por demonstrar que o racismo aqui é estrutural, embasado em relações de poder. O poder de oprimir que não ocorre da mesma forma entre as diferentes raças. O racismo está enraizado por toda a sociedade e tem historicamente subalternizado os povos não-brancos, com ênfase, no caso em análise, para os negros/as.

Apesar disso, compreendemos a interseccionalidade como central para o feminismo negro, concordando com as análises de Ribeiro (2017) ao identificar no discurso de Sojourner Truth, bell hooks e Audre Lorde a discussão sobre o conceito e suas consequências para as mulheres negras na vida em sociedade.

O que percebemos com o discurso de Truth e com as feministas negras estadunidenses, como Bell Hooks e Audre Lorde, é que na década de 1970 elas já denunciavam a invisibilidade das mulheres negras como sujeitos do feminismo. O debate interseccional já vinha sendo feito, o problema era a sua falta de visibilidade. Por mais que não a consideremos feminista na acepção do termo, Truth é exemplo de que a interseccionalidade existiu tanto na primeira quanto na segunda onda do feminismo, apesar de ambas não serem caracterizadas por este tipo de reivindicação. [...]. ‘O que se pode dizer, afinal, é que não existem ondas específicas em relação ao feminismo negro porque as mulheres negras foram silenciadas no interior do movimento, já que suas lutas não eram consideradas feministas mesmo quando produziam e criavam, historicamente, formas de resistência. O peso de uma voz única e o não reconhecimento de outras vozes criam uma hierarquia de quem pode falar e de qual história merece ser ouvida e catalogada. O negro do “feminismo negro” inscrevia uma multiplicidade de experiências ainda que articulasse uma posição particular de sujeito feminista. Além disso, ao trazer para o primeiro plano uma ampla gama de experiências diaspóricas em sua especificidade tanto local quanto global, o feminismo negro representava a vida negra em toda sua plenitude, criatividade e complexidade (RIBEIRO, 2017, p. 1, grifos da autora).

Nesse âmbito outro ícone a se destacar é Angela Davis, uma ativista/intelectual afro-americana no que se refere à questão racial e das mulheres negras, nascida em 1944, que enfrentou muitos desafios para somar nos esforços de denúncia e luta contra o racismo, dentre eles, processos na justiça criminal norte-americana, tornando-a alvo da campanha *Freedom Angela Davis* de repercussão mundial. Autora dos livros como *Gênero, Raça e Classe* publicado em 1981 e *Mulheres, Cultura e Política* de 1990 é uma importante representante do feminismo negro.

No livro *Gênero, Raça e Classe* a autora realiza abordagem sobre as lutas das feministas negras durante a escravidão, o racismo no movimento sufragista pelo direito ao voto das mulheres, o mito do violador negro<sup>18</sup> em que apresenta relatos dos terríveis assassinatos amplamente cometidos com a conivência das autoridades, trata da questão do controle da natalidade e direitos reprodutivos, expondo as medidas que culminaram com a esterilização de milhares de mulheres e aborda, por fim, o trabalho doméstico, na perspectiva da classe trabalhadora. Consideramos o conteúdo do livro uma síntese das principais ideias defendidas pela autora, além de expressar a interseccionalidade das opressões, também com ênfase a realidade das mulheres negras.

Davis destaca que as mulheres negras na escravidão não tinham gênero, eram tidas antes como ferramenta de trabalho do que como mulher, boa parte delas submetidas ao trabalho agrícola, às violências, castigos e repressões infligidas e elaboradas apenas para elas. Dentre elas, a autora destaca a violação sexual em que as escravas não raramente ceifavam suas vidas e dos parentes para romper com o ciclo da violência.

Podemos agora perceber melhor Margaret Garner, escrava fugitiva, que quando foi apanhada perto de Cincinnati, matou a sua própria filha e tenta matar-se a si mesma. Ela alegrou-se, a rapariga estar morta – agora ela nunca conhecerá o que uma mulher sofre como escrava – e contestou para ser julgada por crime. “Eu irei cantando para a forca antes de voltar para a escravidão” (DAVIS, 2016, p. 23).

Registros históricos, conforme o descrito acima é importante para deixar vivo na memória das gerações às atrocidades cometidas *para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça*, como diz o slogan das comissões da verdade no Brasil que apuram os crimes ocorridos pelo Estado durante as ditaduras ocorridas no século XX no país.

Sojourner Truth também é lembrada no livro por Angela Davis, que detalha o desafio da citada senhora para conseguir expressar sua opinião, no discurso que ficou conhecido como *E não sou uma mulher?* Cujo trecho já descrevemos relata as tentativas de censura para

---

<sup>18</sup> Sobre o mito do violador negro, Natansohn (2017) nos apresenta uma elucidativa explicação, em resenha sobre o livro de Angela Davis informando que no capítulo 11, a autora “desconstrói o mito do homem negro estuproador, descreve o estupro como um pretexto punitivo contra homens negros e como prática disciplinadora levada à frente pelo Estado, dando como exemplo os estupros levado a cabo pelos soldados durante a Guerra de Vietnam, como uma política não-escrita, mas sistemática. Nesse capítulo [...] relata o linchamento frequente de homens negros sob a acusação de estupro, linchamentos que viraram moeda corrente, instalaram o terror entre a população negra e desafiaram a luta sexista das mulheres negras para proteger aos da sua raça. O estupro passou a ser uma arma política dos supremacistas brancos contra os negros e essa representação do “negro violador por instinto” penetrou profundamente até nos setores mais progressistas. Homens brancos estuproadores eram (e são) invisíveis até para o sistema judiciário” (NATANSOHN, 2017, p. 2).

silenciá-la, por parte, inclusive das demais mulheres brancas presentes na convenção, o que felizmente não ocorreu, em virtude, de acordo com Davis, de Frances Dana Gage não ter permitido que isso acontecesse.

Felizmente para as mulheres de Ohio, e para o movimento de mulheres em geral - para quem o discurso de Sojourner estabeleceu um espírito de luta militante - e para todas nós que recebemos a inspiração das suas palavras, Frances Dana Gage não sucumbiu à pressão racista das suas camaradas. Quando esta mulher negra discursou, a sua resposta à supremacia racista também continha uma profunda lição para as mulheres brancas. Repetindo a sua pergunta ‘E não sou eu mulher?’ Não menos de quatro vezes, ela expôs o preconceito de classe e racismo no novo movimento de mulheres (DAVIS, 2016, p. 51, grifo da autora).

Outra importante mulher que Angela Davis destaca no livro é Ida B. Wells (1862-1931), jornalista que após o linchamento de três amigos negros, iniciou um processo de investigação e denuncia sobre essa prática que dizimou milhares de vidas negras, sobretudo dos homens negros. No capítulo 11 do Livro de Davis - *Mulheres, Raça e Classe* - que versa sobre *estupro, racismo e o mito do estupro negro* consta que “Ida B. Wells, fez pesquisa para seu primeiro panfleto contra os linchamentos, publicado com o título [Um registro vermelho], ela calculou que ocorreram mais de 10 mil linchamentos entre 1865 e 1895” (DAVIS, 2016, p. 187). Um lamentável retrato do genocídio que atingiu a população negra norte-americana. Wells combateu de forma incisiva o mito do estupro negro, denunciando a sua verdadeira motivação – o racismo - e conseguindo mobilizar todo o país e a comunidade internacional no combate ao fenômeno, que após esse período, ou seja, final do século XIX, ressurgiu nos anos 1970, com a intensificação do racismo, alimentado até os dias de hoje pela ideologia racista.

Angela Davis também analisa questão significativa para o feminismo, no capítulo 12 do livro já citado que versa sobre *racismo, controle de natalidade e direitos reprodutivos*. Indica que essa não é uma pauta que unificou as mulheres, de diferentes origens de classe e étnico-racial. As formas pelas quais esse controle ocorreu sob os corpos das mulheres negras, porto-riquenhas, mexicanas, indígenas e brancas pobres foram perversas. A esterilização forçada e financiada gratuitamente pelo governo norte-americano as atingiu de forma intensa, ao contrário das mulheres brancas que eram incentivadas a gerar novas vidas.

Essa política de esterilização também esteve presente no Brasil, tendo à frente a Organização não-governamental Sociedade de Bem-Estar Familiar no Brasil (BEMFAM) e os

profissionais formados pelo Centro de Pesquisa e Assistência Integrada à Mulher e à Criança (CPAIME) que entre as décadas de 1970 e 1980 passaram a atuar com estratégias de *planejamento familiar* que resultaram em aumento significativo do número de mulheres pobres e negras *esterilizadas* (MARTINS, 2017). Esse constructo, ancorado na ideologia do branqueamento persiste na atualidade, mediante o elevado número de óbitos maternos de mulheres e também de crianças negras.

No dia vinte e cinco de julho de 2017, Angela Davis participou de evento comemorativo ao dia da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha, na reitoria da Universidade Federal da Bahia. Durante a conferência que versou sobre a luta contra o racismo, no decorrer da história e as perspectivas futuras, Davis mencionou que a luta das feministas negras tem uma longa trajetória e as questões que as atingem são formadas por um leque diverso de opressões.

Tenho falado sobre a liderança das mulheres negras, mas eu deveria estar me referindo, na verdade, à liderança feminista negra. É necessário enfatizar a condição da mulher negra na perspectiva de gênero e de raça, reconhecendo que também está implicado nisso classe, sexualidade e gênero, para além da convenção binária. Nosso foco está nas mulheres negras empobrecidas, inclusive as que estão encarceradas, as queer, as trans, as com deficiência. Mas também estamos conscientes que não focamos na mulher negra a partir de um arcabouço separatista, porque as mulheres negras também estão se engajando nas lutas de outros grupos. Às vezes ao ponto de elas serem excluídas desses movimentos. As mulheres negras estão entre os grupos mais ignorados, mais subjugados e também os mais atacados deste planeta. As mulheres negras estão entre os grupos mais sem liberdade do mundo. Mas, ao mesmo tempo, as mulheres negras têm uma trajetória histórica que atravessa fronteiras geográficas e nacionais de sempre manter a esperança da liberdade viva. As mulheres negras representam o que é não ter liberdade sendo, ao mesmo tempo, as mais consistentes na tradição, que não foi rompida, da luta pela liberdade, desde os tempos da colonização e escravidão até o presente (DAVIS, 2017, p. 4).

Nesse trecho, a autora apresenta uma síntese das experiências das mulheres negras e de sua importância para as lutas. Evidencia que a análise interseccional da condição de vida das mulheres negras é necessária. Enfoca ainda, em seu discurso, que as mulheres negras no Brasil têm uma significativa contribuição sobre esses aspectos.

Carolina Maria de Jesus nos lembrou que a fome deveria nos levar a refletir sobre as crianças e sobre o futuro muito antes de o conceito de interseccionalidade ser utilizado. Lélia Gonzáles insistiu que não só deveríamos compreender a complexa inter-relação de raça, classe e gênero,

mas que deveríamos ter em mente as conexões entre os povos indígenas e os povos negros. Essas são as lições que nós dos Estados Unidos precisamos aprender com a história do feminismo negro no Brasil (DAVIS, 2017, p. 4).

Alerta que é preciso desconstruir o pressuposto de que nos EUA o feminismo é mais avançado do que em realidades como a do Brasil. Essa visão colonial e imperialista é criticada por Davis, que também chama a atenção do público para os desafios que a conjuntura atual coloca para o movimento de mulheres negras. Estamos vivenciando retrocessos políticos, econômicos e sociais, em âmbito mundial. O que exige conexão entre as lutas dos diferentes movimentos cuja finalidade seja a constituição de uma nova ordem societária, sem diferença de classe, raça e gênero. Afinal de contas, “não são nossas diferenças que nos imobilizam, mas o silêncio. E restam tantos silêncios para romper!” (LORDE, 1977, p. 5).

### 3.2 FEMINISMO NEGRO: a contribuição das mulheres afro-brasileiras

Dentre os silêncios a serem rompidos estão as histórias e as contribuições das mulheres negras na compreensão do racismo e do sexismo no Brasil. Inspirada nas palavras da Angela Davis sobre a importância das mulheres negras no país para a constituição do Feminismo Negro, nos reportaremos as seguintes mulheres afro-brasileiras: Carolina Maria de Jesus; Lélia Gonzalez; Beatriz Nascimento; Jurema Werneck e Sueli Carneiro.

Gostaríamos de registrar de início que a análise das trajetórias e lutas das mulheres negras acima citadas, não quer desmerecer as contribuições de tantas outras milhões de mulheres negras do nosso extenso país. Nossas escolhas decorrem, sobretudo, do reconhecimento coletivo de suas representatividades em termos de experiências de parte significativa de negras mulheres no Brasil. Através de suas histórias de luta e contribuições teóricas que deram forma ao feminismo negro no Brasil esperamos de alguma forma continuar inspirando as novas gerações de mulheres negras, haja vista a cena contemporânea permanecer marcada pelo racismo, sexismo e a miséria.

De acordo com Ribeiro (2017) o feminismo negro no Brasil se consolida na década de 1980.

No Brasil, ele começa a ganhar força nos anos 1980. Segundo Núbia Moreira, “a relação das mulheres negras com o movimento feminista se estabelece a partir do 3º Encontro Feminista Latino-Americano ocorrido em Bertioga em 1985, de onde emerge a organização atual de mulheres negras

com expressão coletiva com o intuito de adquirir visibilidade política no campo feminista. A partir daí, surgem os primeiros coletivos de mulheres negras, época em que aconteceram alguns encontros estaduais e nacionais de mulheres negras. Em momentos anteriores, porém, há vestígios de participação de mulheres negras no Encontro Nacional de Mulheres, realizado em março de 1979. No entanto, a nossa compreensão é que, a partir do encontro ocorrido em Bertioga, se consolida entre as mulheres negras um discurso feminista, uma vez que em décadas anteriores havia uma rejeição por parte de algumas mulheres negras em aceitar a identidade feminista”. E isso acontecia devido ao fato de não se identificarem com um movimento até então majoritariamente branco e de classe média e pela falta de empatia em perceber que mulheres negras possuem pontos de partidas diferentes, especificidades que precisam ser priorizadas (RIBEIRO, 2017, p. 3, grifo da autora).

Esse período da história do Brasil é marcado por transformações societárias significativas como a redemocratização e a aprovação da Constituição Federal de 1988. É também um país em que as desigualdades prevalecem decorrentes do modelo socioeconômico capitalista e opressor e de forte atuação dos movimentos sociais organizados, dentre eles o movimento negro. Daí que refletir sobre o feminismo negro requer, no nosso entendimento efetivar o resgate à memória das histórias e colaborações das mulheres negras que no Brasil possibilitaram a organização das estratégias coletivas de enfrentamento às desigualdades sociais e raciais que afetam a vida das mulheres negras. Frente a essa perspectiva, destaca-se que já vimos anteriormente as formas com que as afro-americanas enfrentam o dilema racial, de gênero e de classe, sendo assim vejamos a seguir como as afro-brasileiras, através de suas experiências, assumindo o lugar de fala por diferentes meios (literatura, artigos, palestra, etc), construíram saídas às opressões.

Iniciamos por Carolina Maria de Jesus (1914-1977), negra, mulher nascida na cidade de Sacramento em Minas Gerais, mas que emigrou ainda jovem para São Paulo, vindo a residir na favela do Canindé onde vivenciou privações extremas, descritas em seu mais célebre livro: *Quarto de Despejo*<sup>19</sup> publicado em 1960. Além de outros livros como *Pedaços da Fome* (1963) e *Diário de Bitita* (1986).

---

<sup>19</sup> Digo que a obra ficou conhecida, sobretudo à época da sua primeira edição, pois não é raro hoje o desconhecimento do livro e da autora por parte dos jovens. Exemplo disso ocorreu no dia 20/01/2018, durante aula do Curso: Serviço Social, Competências Profissionais e Serviço Social em Salvador/BA, no qual ministrei parte da disciplina: A Trajetória do Serviço Social: História e Atualidade. Perguntei as 15 jovens profissionais presentes (todas assistentes sociais), se conheciam Carolina e se já tinham lido o livro quarto de despejo. A resposta unânime foi NÃO. Algo semelhante ocorre quando a pergunta é feita as frequentadoras do nosso curso de graduação.

Herdeira da miséria socioeconômica a que foram relegados negros e negras no pós-abolição, Carolina sobrevivia catando lixo. Nascida no período entre guerras foi contemporânea das Revoluções Russa (1918) e Cubana (1959), assistiu o Brasil atravessar transformações, através dos governos de maior expressão como o de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek (JK), em que houve o desenvolvimento do parque industrial brasileiro, iniciado por Vargas e consolidado com JK, através do favorecimento ao capital internacional, em detrimento dos interesses nacionais. Vivenciou a curta gestão do presidente Jânio Quadros, que obteve expressiva votação nas urnas no ano de 1961, mas, renuncia em agosto do mesmo ano ocasionando instabilidade, que resulta na ascensão de João Goulart à presidência do país, apesar das resistências políticas, considerando que o mesmo advogava pela realização de reformas de base na sociedade brasileira, contra os interesses da conservadora elite brasileira, que em contrapartida finda por colaborar ativamente com o Golpe de Estado, que o depõe do poder central, tendo início assim a ditadura civil – militar que prevaleceu até meados da década de 1980.

Foi neste Brasil, de intensas disputas políticas que Carolina Maria de Jesus nasceu, cresceu e morreu. Foi nele que teve seu talento literário imortalizado, mas inalterada sua condição socioeconômica. Foi nesse país que travou luta diária pela sobrevivência, em que a fome se tornou companheira de viagem, conforme descreve o repórter Audálio Dantas, na apresentação do livro *Quarto de Despejo*.

A fome aparece no texto com uma frequência irritante. Personagem trágica, inarredável. Tão grande e tão marcante que adquire cor na narrativa tragicamente poética de Carolina. Em sua rotineira busca da sobrevivência no lixo da cidade, ela descobriu que as coisas todas do mundo – o céu, as árvores, as pessoas, os bichos – ficavam amarelas quando a fome atingia o limite do suportável. Carolina viu a cor da fome – a Amarela. (JESUS, 1963, p. 3).

Nas palavras da autora, a fome é descrita várias vezes, e das passagens do livro destacamos.

Para mim o mundo em vez de evoluir está retornando a primitividade. Quem não conhece a fome há de dizer: “quem escreve isto é louco. Mas quem passa fome há de dizer: - Muito bem, Carolina. Os gêneros alimentícios devem ser ao alcance de todos. Como é horrível ver um filho comer e perguntar: Tem mais? Esta palavra ‘tem mais’ fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha a panela e não tem mais (JESUS, 1963, p. 34, grifo da autora).

Convivendo diariamente no limite da existência física, penso que Carolina tem muito a nos ensinar sobre as desigualdades, injustiças, exploração e opressão. Mas também sobre a busca do sentido da vida, diante da miséria que se encontrava submetida. Como sobreviver com tão pouco? Como manter a esperança viva diante de tantas agruras? Como transformar a realidade adversa quando a preocupação diária é manter viva a si mesma e os seus?

De acordo com Joel Rufino dos Santos, no livro de sua autoria intitulado: *Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável* foi na literatura que Carolina encontrou refúgio.

Muito antes de ser catadora profissional, Carolina catou cadernos e livros no lixo. Talvez o fizesse evitando olhares, como os antigos mineiros que contavam o dinheiro no próprio bolso: ler e escrever num país em que a instrução é monopólio dos de cima tem algo de obscuro. [...] à literatura cabe nos recordar, todo o tempo, que somos humanos. O seu exercício tem o dom de nos fazer humanos, o que não é pouco. E, como não poderemos ser mais que humanos, o destino da literatura é trágico: ela lutará sempre contra as tentativas de nos desumanizar. [...] Carolina foi o que os dicionários chamam de grafomaniaca: pessoa com tendência compulsiva, doentia, de fazer registros gráficos, rabiscos e, especialmente, escrever em qualquer superfície ou material imediatamente acessível. [...] Carolina Maria de Jesus, neste sentido, foi autêntica escritora; ficam pequenos diante dela os que a menosprezaram ou a tomaram somente como fenômeno de mídia. Honrou – para usar a expressão convencional – o ofício de escritor (SANTOS, 2009, pp. 24-26).

Com escasso conhecimento escolar, pois estudou apenas até o segundo ano primário, a autora descreveu com primazia a miséria da vida, o que do nosso ponto de vista a torna uma pessoa singular. Experimentou em virtude de sua origem racial e condição de classe, preconceitos diversos e causou incômodos.

Muita gente se perturbou com Quarto de despejo: ‘Daqui a pouco qualquer um vai querer publicar livros’, disseram. O crítico Wilson Martins chegou a afirmar que era uma impostura de Audálio Dantas. Com essa mistificação do livro, natural num país em que sempre foi artigo de luxo, coisa de padre ou estrangeiro, apreciado mais pelo título, nome do autor, a grossura do volume do que pelo conteúdo, prenda de classe alta, como as bengalas de castão em ouro, só são escritores os que publicam e circulam na aristocracia intelectual. O admirável é alguém ter escrito uma obra, cerca de cinco mil manuscritos, da anotação breve ao romance, com domínio tão pequeno da norma culta (SANTOS, 2009, pp. 23-24, grifo do autor).

De acordo com o autor citado, *quarto de despejo* teve mais de 70 mil exemplares vendidos na época, foi traduzido para 14 idiomas, atingiu 40 países e até 2009 foi vendido mais de 1 milhão de exemplares de obras da Carolina de Jesus.

Sucesso literário pelo seu conteúdo e por ser da autoria de uma mulher, negra e pobre da qual, em virtude dos preconceitos de gênero, classe e racial nada se espera, *quarto de despejo* faz a análise de uma época de nossa história, que parece não ter ficado no passado.

Até que enfim parou de chover. As nuvens deslizam-se para o poente. Apenas o frio nos fustiga. E várias pessoas da favela não tem agasalhos. Quando uns tem sapatos, não tem palitol. E eu fico condoída vendo as crianças pisar na lama [...] percebi que chegaram novas pessoas para a favela. Estão maltrapilhas e as faces desnutridas. Improvisaram um barracão. Condoí-me de ver tantas agruras reservadas aos proletários. Fitei a nova companheira de infortúnio. Ela olhava a favela, suas lamas e suas crianças paupérrimas. Foi o olhar mais triste que já presenciei. Talvez ela não mais tenha ilusão. Entregou sua vida aos cuidados da vida ... Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá ... isto é mentira! Mas, as misérias são reais.... O que eu revolto é contra a ganancia dos homens que espremem uns aos outros como se espreme uma laranja (JESUS, 1963, p. 41).

No trecho acima, Carolina apresenta exatamente o que não se quer ver, a faceta da realidade ocultada: a exploração, a miséria, a vida dos trabalhadores mais pobres do país. Muitas pessoas ainda hoje, dizem que as misérias não são reais e se admitem sua existência não se sensibilizam, não fazem o exercício de racionalizar sobre as abruptas desigualdades geradas pelo sistema. Essa é outra face da alienação, as pessoas vivem outra realidade, sequer sabem que é possível viver desse modo, ou que alguém vive desse modo. As pessoas também geralmente desconhecem informações sobre a concentração de riquezas no país.

Os cinco homens mais ricos do Brasil têm riqueza equivalente à metade da população mais pobre do país. Isso quer dizer que Jorge Paulo Lemann, Joseph Safra, Marcel Herrmann Telles, Carlos Alberto Sicupira e Eduardo Saverin tinham juntos a mesma quantia do que cerca de 100 milhões de pessoas. Em 2017, o país ganhou mais 12 bilionários, que agora somam 43 pessoas. A fortuna desses super ricos chega a US\$ 549 bilhões, ou 43,52% da riqueza do país. Enquanto isso, a metade mais pobre da população brasileira controlava apenas 2% da riqueza nacional, menos do que os 2,7% de 2016. [...] Mesmo com a crise econômica no Brasil, o patrimônio dos bilionários cresceu, em média, 13% em 2017. A redução de gastos públicos, por exemplo, prejudica mais a população mais pobre, que depende mais dos serviços públicos como saúde e educação. As perspectivas não são boas para os próximos anos. A reforma trabalhista, diz a diretora-executiva da Oxfam Brasil, 'coloca exatamente os elementos que o relatório menciona como causadores da desigualdade, como a terceirização, flexibilização extrema das

condições trabalhistas, redução do espaço sindical e de direitos dos trabalhadores' (FRABASILE, 2018, pp. 3-4 grifo do autor).

Essa histórica concentração das riquezas no Brasil resulta, dentre outros aspectos, com o espraiamento das desigualdades e da pobreza, com suas expressões tão bem descritas pela Carolina de Jesus (moradia precária, fome, etc). A atualidade do enriquecimento de poucas pessoas no Brasil, relatada na citação acima, tem contribuído para o aumento significativo dessa pobreza de forma que hoje, no Brasil, as pessoas pobres como a Carolina de Jesus sobrevivem em situações extremas, com pouco ou nenhum acesso a serviços essenciais.

Às desigualdades de renda e riqueza somam-se a distribuição injusta de **serviços essenciais**. Não só a renda e a riqueza de uma família determinam sua condição de vida, mas também o acesso à energia elétrica, à água encanada, à coleta de esgoto, entre outros componentes essenciais de infraestrutura habitacional. Suas respectivas políticas têm impacto direto na educação, na saúde e na própria renda familiar, afetando desigualdades de maneira ampla. No entanto, a cobertura dos serviços essenciais está fortemente correlacionada à renda, o que incorre em grande desigualdade de acesso a eles. Dados de 2015 apontam que a cobertura de acesso a água, por exemplo, alcança 94% para quem está entre os 5% mais ricos, mas cai para 62% quando se trata dos 5% mais pobres. No caso de cobertura de esgoto, ela abrange 80% dos 5% mais ricos; porém, cai para menos de 25% se observados os 5% mais pobres (OXFAM, 2017, p. 34).

Carolina também revelou a condição feminina, e o que as mulheres pobres chefes de família, são obrigadas a fazer para dar conta da sobrevivência, assumir a manutenção da família, e cuidar dos filhos. Como mãe de três crianças Carolina precisou se esforçar para garantir-lhes a sobrevivência.

Que suplicio catar papel atualmente! Tenho que levar a minha filha Vera Eunice. Ela está com dois anos, e não gosta de ficar em casa. Eu ponho o saco na cabeça e levo-a nos braços. Suporto o peso do saco na cabeça e suporto o peso de Vera Eunice nos braços. Tem hora que revolto-me. Depois domino-me. Ela não tem culpa de estar no mundo. Refleti: preciso ser tolerante com meus filhos. Eles não têm ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição da mulher sozinha sem um homem no lar (JESUS, 1963, p. 19).

A necessidade de levar filhas/os ao trabalho é vivenciada por milhões de mulheres no Brasil. Carolina de Jesus a partir de sua realidade social, econômica e racial alerta-nos sobre a ausência de políticas públicas e sociais, a exemplo de creches e escolas integrais que apoiem a mulher para sua inserção no mercado de trabalho.

Essa experiência relatada por Carolina é reatualizada, considerando que os “pilares” do machismo e do sexismo, que defendem ser uma função feminina os cuidados com as/os filhas/os ainda não foram corroídos. No momento, a situação de ausência de apoio a mulher tende a se agravar com o avanço do conservadorismo e restrição dos investimentos públicos nas políticas sociais públicas. A reportagem publicada pela revista veja em abril de 2016 com a esposa do vice-presidente Michel Temer com a manchete: “Bela, recatada e do lar” parece-nos ilustrar bem essa correlação. “Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele)” (LINHARES, 2016, p. 1).

A reportagem foi criticada nas redes sociais, mobilizando mulheres de todo o Brasil que se expressaram contrárias a essa imagem da mulher.

O lado bom da reportagem foi a campanha virtual que feministas lançaram logo após a matéria ir ao ar. Várias estão postando fotos fazendo coisas que a sociedade acredita não serem para uma mulher com a *hashtag* bela, recata e do lar. Há fotos com mulheres bebendo, no bar, trabalhando, com roupas curtas, com o objetivo de mostrar que lugar de mulher deveria ser onde ela escolhe estar (RIBEIRO, 2016, p. 2).

Carolina, negra mulher e pobre se distancia desse modelo de feminino, branco e rico, que apesar de vítimas da opressão de gênero, tem experiências diferentes. No caso da Carolina se entrecruzam as opressões de gênero, classe e de raça.

Carolina fez leituras muito apropriadas do universo político brasileiro. A lucidez de sua análise é demonstrada através da compreensão dos discursos vazios dos políticos, das promessas não cumpridas e do abandono da população pobre pelo Estado.

[...]. Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando esse grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semicerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade [...]. Quando cheguei do palácio que é a cidade os meus filhos vieram dizer-me que havia encontrado macarrão no lixo. E a comida era pouca, eu fiz um pouco de macarrão com feijão. E o meu filho José João disse-me. – Pois é. A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo. Foi a primeira vez que vi minha palavra falhar. Eu disse: - E que eu tinha fé no Kubistchek. – A senhora tinha fé e agora não tem mais? – Não, meu filho. A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso país tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos

são fraquíssimos. E tudo que está fraco morre um dia ... os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido (JESUS, 1963, pp. 34-35).

As análises de Carolina ecoam até os dias atuais. Carolina entende o significado do voto para a democracia, entende que a desvalorização do voto pelos maus políticos tem consequências negativas para o sistema político democrático, gera a desconfiança e descrença.

Sobre o racismo, Carolina vivenciou um longo e difícil despertar. Foi vítima do processo de embranquecimento que ancorado na ideologia do branqueamento identifica no branco o modelo de humano a ser seguido. Esse modelo de poder e dominação não foi experienciado apenas pela autora, mas também por tantas brasileiras negras, que atingidas por essa ideologia busca se distanciar de suas origens raciais. O sistema é racialmente opressor e produz em suas vítimas o estranhamento de si, ou seja, dificulta a construção de sua identidade racial.

Carolina fez nos seus textos, nos diários como na ficção e nos pensamentos, o melhor diagnóstico do Brasil. Não só quando foi explícita, mas ainda melhor quando relacionou preconceito e dominação racial. [...]. Na sua incorreção política (diríamos hoje), escreveu várias vezes não gostar de preto. Onde o preto não gosta de preto, de si próprio, passamos da etnofobia à dominação social: o preconceito racial existe entre os pobres e pretos porque o racismo é sistêmico. [...]. Na sua história, como na de qualquer negro, a consciência é sempre *consciência possível*, sobe por degraus. O primeiro é a consciência de si: eu sou negro; o segundo, a consciência do sistema em que eu sou negro: o mundo dos brancos. No terceiro degrau se descobre, enfim, o falso outro: o baiano, o cigano, a mulher, o analfabeto (SANTOS, 2009, pp. 132-133, grifo do autor).

O mundo dos brancos e seus valores atingem todas as pessoas, mas de formas diferentes, pois busca reservar e garantir ao grupo branco os *privilégios* societários decorrentes de sua condição racial. Ao contrário dos demais povos não brancos, com destaque para o povo negro, que vivenciam diariamente o desafio de se manter vivos e ter sua humanidade preservada.

Pensamos que Carolina contribuiu muito, em todos os sentidos, diante das suas condições objetivas e do entrecruzamento das diferentes opressões, fez o que estava ao seu alcance para denunciar o seu tempo e compartilhar suas experiências. Ela foi grandiosa. Sua história diz respeito a todas as mulheres negras, oprimidas por um sistema de exploração que

insiste em silenciar (sem sucesso) as resistências, pois nem a pobreza extrema foi capaz de silenciar Carolina.

Lélia Gonzalez (1935-1994), tal como Carolina Maria de Jesus nasceu em Minas Gerais, mas se mudou para o Rio de Janeiro com a família na década de 1940. Também não silenciou diante do racismo e do sexismo e demonstrou outras possibilidades de existência da mulher negra. Sua trajetória é marcada por perdas, sacrifícios e entregas, se tornou uma inspiração para a luta contra o racismo e o sexismo.

Com significativa formação acadêmica, uma raridade à época para uma negra, também foi vítima do processo de branqueamento.

Lélia contava que, inicialmente, para superar as barreiras impostas pelo racismo, preferiu negar sua condição racial, afastando-se da comunidade negra em termos ideológicos. [...]. A forte reação contrária da família branca do marido e, mais tarde, o suicídio dele levaram-na a uma total reavaliação. A psicanálise e o candomblé reconciliaram Lélia com sua condição de mulher negra, permitindo que ela imprimisse um novo rumo à sua vida e às suas análises acerca da cultura brasileira (BAIRROS, 2009, pp. 3-4).

O despertar da Lélia Gonzalez para sua condição racial foi difícil, sobretudo acerca de sua origem negra, filha de mulher nativa das Américas e de homem negro, prevaleceram no seu fenótipo às características do genitor, tornando-a alvo do racismo, e, por conseguinte, fazendo-a se esforçar para se distanciar dessa imagem depreciativa em determinada época de sua vida. Contemporânea da ditadura civil-militar no Brasil, Lélia Gonzalez teceu críticas contundentes ao regime.

O golpe militar de 1964 procurou estabelecer uma ‘nova ordem’ na sociedade brasileira já que, de acordo com aqueles que o desencadearam, ‘o caos, a corrupção e o comunismo’ ameaçavam o país. Tratou-se, então do estabelecimento de mudanças na economia mediante a criação do que foi chamado de um novo modelo econômico em substituição ao anterior. Mas para que isso se desse, os militares determinaram que seria necessário impor a ‘*pacificação*’ da sociedade civil. E a gente sabe o que significa esse termo, pacificação, sobretudo na história de povos como o nosso: o silenciamento, a ferro e fogo, dos setores populares e de sua representação política. Ou seja, quando se lê: ‘pacificação’, entenda-se: *repressão* (GONZALEZ; HASENBALG, 1982, p. 11, grifos dos autores).

No trecho descrito a autora revela os reais interesses dos articuladores do golpe de Estado, escamoteado pela própria nomeação *revolução* de 1964. Na análise, relembra que a população pobre e negra, vítima histórica da violência, tem por isso mesmo, conhecimento, de

como o sistema repressor funciona para atingir os objetivos de silenciamento dos seus opositores/as.

É nessa época adversa que Lélia Gonzalez, desenvolve profícua militância junto ao movimento negro, principalmente através do Movimento Negro Unificado (MNU), pois tem como foco o combate ao racismo, marca de sua trajetória. Realizou análises vigorosas sob a condição o povo negro no período.

As condições de existência material dessa população negra remete a condicionamentos psicológicos que devem ser atacados e desmascarados. [...]. Desde a época colonial aos dias de hoje, a gente saca a existência de uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. [...]No caso do grupo dominado o que se constata são famílias inteiras amontoadas em cubículos, cujas condições de higiene e saúde são as mais precárias. Além disso, aqui também se tem a presença policial; só que não é para proteger, mas para reprimir, violentar e amedrontar. É por aí que se entende que o outro lugar natural do negro sejam as prisões e os hospícios. A sistemática repressão policial, dado o seu caráter racista (segundo a polícia, todo crioulo é marginal até que se prove o contrário), tem por objetivo próximo a imposição de uma submissão psicológica através do medo. A longo prazo, o que se pretende é o impedimento de qualquer forma de unidade e organização do grupo dominado, mediante a utilização de todos os meios que perpetuem sua divisão interna. Enquanto isso o discurso dominante justifica a atuação desse aparelho repressivo, falando em ordem e segurança sociais (GONZALEZ; HASENBALG, 2009, pp. 15 - 16).

Aqui, a autora dialoga de perto com as condições de vida dos favelados, já anteriormente revelados por Carolina Maria de Jesus. Essa miséria avassaladora é velha conhecida do povo negro, bem como a violência policial. A meta de gerar uma constante divisão interna no processo organizativo é histórica, daí reiteramos o que já descrevemos no decorrer desse texto, que os infortúnios experienciados por negras e negros têm o potencial de se transformar em força coletiva revolucionária contra o racismo estrutural que atua no reforço do divisionismo, por ela citado. O combate ao racismo e sexismo, por Lélia Gonzalez tem uma força argumentativa e militante incontestáveis.

[...] não havia ninguém com a capacidade dela de pulverizar os argumentos racistas nos debates de que participávamos, de defender a legitimidade e a necessidade do movimento negro, quando todos os setores autointitulados progressistas nos acusavam de divisionistas da luta popular. Quando a maioria das militantes do MNU ainda não tinha uma elaboração mais aprofundada sobre a mulher negra, era Lélia que servia como nossa porta-voz contra o sexismo que ameaçava subordinar a participação de mulheres

no interior do MNU, e o racismo que impedia nossa inserção plena no movimento de mulheres (BAIRROS, 2009, p. 2).

Não é recente, e muito menos superado, o debate e as acusações atribuídos ao movimento negro de divisionismo da luta popular. Sobre esse aspecto Bairros (2009, p. 7) revela que: “[...] a visão de Lélia com relação aos setores de esquerda nunca deixou dúvidas. Segundo ela, estes também são instrumentos da articulação entre o mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento, criados pelo liberalismo paternalista que a esquerda diz combater”.

Associado a essa compreensão, concordamos com as considerações de Valença (2017) quando destaca que diante de conquistas como Estatuto da Igualdade Racial e lei 10.639/03.

No caso dos intelectuais brancos que se contrapuseram a tais iniciativas, evidencia-se a dificuldade de enxergar a si próprios como privilegiados em relação a um sistema de estratificação racial que impõe aos negros um lugar subalterno [...] e, por isso, de reconhecerem a realidade do racismo (VALENÇA, 2017, p. 18).

Pensamos que não apenas os intelectuais brancos conservadores e reacionários, mas também, aqueles que se posicionam como dedicados às lutas pela emancipação humana têm dificuldades em analisar os privilégios que os brancos usufruem em decorrência do racismo.

Há, portanto, um duplo combate, o que é feito contra os conservadores e racistas e outro no interior dos movimentos, organizações e sujeitos coletivos que lutam contra as opressões e se posicionam como de esquerda e/ou progressistas. O combate ao racismo e o sexismo são necessários hoje como foram no passado, para alterar as desigualdades sociais, raciais e sexistas que permanecem em nossa realidade e que atingem majoritariamente o povo negro.

As críticas de Lélia Gonzalez à exclusão da pauta racial ou sua secundarização nas discussões no movimento feminista, sobretudo, das demandas das mulheres negras foram fundamentais.

Ainda que reconhecendo a existência de feministas comprometidas com a questão racial — a quem chamava de irmãs — Lélia via o feminismo como um movimento de mulheres brancas, onde ela era a criadora de caso. [...] refletindo sobre as contradições internas do feminismo latino-americano, por um lado, Lélia reconhece a contribuição que a teoria e a prática feministas tiveram em nível internacional, e seu papel propulsor na discussão do homossexualismo, a partir do debate sobre sexualidade em geral. Por outro

lado, alertava que a ausência da dimensão racial indicava, no mínimo, uma falta de reciprocidade, considerando que, nos Estados Unidos, por exemplo, os movimentos homossexual e feminista foram grandemente impulsionados pela luta política dos negros por direitos civis. Desta perspectiva, sexismo e racismo seriam variações de um mesmo tema mais geral que tem nas diferenças biológicas (reais ou imaginadas) o ponto de partida para o estabelecimento de ideologias de dominação. O ‘esquecimento’ da questão racial pode ser interpretado como um caso de *racismo por omissão*, que se origina de perspectivas eurocêntricas e neocolonialistas da realidade latino-americana. É importante notar que esta crítica se insere na perspectiva de Lélia sobre amefricanidade, onde o racismo que subordina índias e negras decorre de uma visão falaciosa de latinidade que legitima a inferiorização dos setores sociais cuja cultura e história não têm a Europa como referência (BAIROS, 2009, pp. 14-15, grifo do autor).

Lélia Gonzalez analisou a situação racial dos povos ditos latinos americanos. Na publicação *A Categoria Político Cultural de Amefricanidade*, refletiu sobre as formas de auto-identificação do povo negro, questionando, categorias como afroamericano e africanoamericano. Isso por compreender que essas categorias representavam a posição imperialista dos norte-americanos no continente, excluindo os demais povos e culturas desse território. Nesse sentido cunhou a categoria amefricanização, que segundo suas pesquisas se mostra mais adequada à experiência dos povos colonizados.

As implicações políticas e culturais da categoria de *Amefricanidade* (*Amefricanity*) são, de fato, democráticas; exatamente porque o próprio termo nos permite ultrapassar as limitações de caráter territorial, linguístico e ideológico, abrindo novas perspectivas para o entendimento mais profundo dessa parte do mundo onde ela se manifesta: A América e como um todo (Sul, Central, Norte e Insular). Para além de seu caráter puramente geográfico, a categoria *Amefricanidade* incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) que é afrocentrada (GONZALEZ, 1988, p. 76, grifos da autora).

A autora destaca que a categoria possibilita a obtenção de uma unidade específica entre as diferentes sociedades do continente americano, considerado por ela um importante aspecto metodológico.

Portanto, a *América*, enquanto sistema etnogeográfico de referência, é uma criação nossa e de nossos antepassados no continente em que vivemos, inspirados em modelos africanos. Por conseguinte, o termo amefricanas/amefricanos designa toda uma descendência [...]. Embora pertençamos a diferentes sociedades do continente, sabemos que o sistema de dominação é o mesmo em todas elas, ou seja, *o racismo*, essa elaboração

fria e extrema do modelo ariano de explicação, cuja presença é uma constante em todos os níveis de pensamento, assim como parte e parcela das mais diferentes instituições dessas sociedades (GONZALEZ, 1988, p. 77, grifos da autora).

Mais uma vez, Lélia Gonzalez se mantém coerente na construção dos argumentos que possibilitam desnudar o racismo e suas consequências. O pensamento crítico de Gonzalez é ousado, ela faz a crítica ao pensamento crítico. Ela elabora um novo conceito capaz de dar visibilidade não apenas à questão racial, mas também aos processos de colonização e à construção do conhecimento colonizador, ao qual o pensamento crítico se submete. Isso faz dela uma grande intelectual e ao mesmo tempo uma intelectual marginalizada nos *centros de referência* na produção do conhecimento.

As posturas políticas e teóricas assumidas por Lélia frequentemente provocavam polêmicas; também atraíam as pesadas críticas a que negros intelectuais estão desproporcionalmente submetidos, em especial as mulheres donas de suas próprias ideias e de suas próprias vidas. Assumindo perspectivas que entendem ser mais coerentes com a experiência de seu povo, os negros intelectuais geralmente são vistos com desconfiança por buscar desconstruir os cânones do pensamento acadêmico que reforçam mais do que desafiam o racismo insidioso (BAIROS, 2009, p. 18).

Os questionamentos aos cânones do pensamento acadêmico sobre o racismo no Brasil sofrem constante processo de desqualificação, e quando os autores, sobretudo mulheres negras que persistem nesse processo não são brancas, os *ataques* se intensificam. Nesses momentos o racismo e o sexismo presentes na academia são acionados pelos sujeitos que a integram, na perspectiva de silenciar as vozes dissonantes. Isso também não é novidade, pois, afinal de contas é ousar tecer críticas sobre um assunto *marginal*, e quando isso é feito no âmbito da academia, espaço comumente ocupado por brancos/as, os riscos são ainda maiores. Mas, essas considerações também não são novas, por isso mesmo, necessário se faz insistir no tema.

Maria Beatriz Nascimento (1942-1995) outra mulher negra e intelectual, nascida em Sergipe, migrou com a família ainda criança para o Rio de Janeiro, onde anos mais tarde veio a graduar-se em História. Contemporânea de Lélia Gonzalez, Beatriz, também dedicou seus estudos e militância ao desvelamento do racismo.

Nascer negro/a em um país racista é se esforçar para preservar a saúde mental e sobreviver aos ataques cotidianos a sua humanidade. Sobre o racismo Beatriz Nascimento, de

acordo com Ratts (2006), descreveu no artigo, intitulado *Por uma história do homem negro*, as formas camufladas e aparentemente cordiais com que o preconceito racial e o racismo ocorrem no Brasil.

As considerações da Beatriz Nascimento no citado artigo corroboram com as análises já descritas por diferentes estudiosos do campo das relações raciais. Ela traz como elemento relevante as sutilezas do racismo e os efeitos subjetivos do mesmo. Essas considerações são importantes, sobretudo para que as novas gerações de negros/as, que atualmente se deparam com uma *faceta* mais pública do fenômeno do racismo<sup>20</sup> no país não percam de vista que ele - o racismo - se apresenta de diferentes formas, mantendo em todos os formatos seus efeitos deletérios.

Nascimento explicita-nos as maneiras com que as violências atingem as existências negras e passa a questionar as normas científicas eurocentradas, que dificultam o acesso e permanência de intelectuais negros na academia e, por conseguinte, na produção de conhecimento científico. Nesse âmbito, Alex Ratts, no livro *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*, tece considerações acerca dos desafios vivenciados pela autora nesse espaço institucional.

[...] é perceptível como a produção acadêmica desses(as) pesquisadores(as) negros(as), incluindo Beatriz Nascimento, foi recusada ou refutada indiretamente por seus 'pares' acadêmicos até o final da década de 1990. No caso dela, esse 'esquecimento' se processa em paralelo ao seu maior período de profícua produção escrita e comunicada oralmente. Evidencia-se aqui um problema de grande profundidade: a dificuldade do reconhecimento do sujeito negro, mulher ou homem, como produtor de pensamento por parte de setores hegemônicos da academia brasileira, permeáveis, portanto, aos mecanismos da 'invisibilidade negra' semelhantes em outros âmbitos sociais (RATTS, 2006, p. 31, grifos do autor).

Como já vem sendo possível evidenciar no decorrer da presente tese, esse tema não é novo. O esforço intelectual de mulheres negras, que a despeito de uma produção científica brilhante é invisibilizado. Isso diz respeito ao racismo institucional, que no caso em questão visa apagar as contribuições e críticas das negras e negros. Para tanto, intelectuais brancos desenvolvem estratégias.

---

<sup>20</sup> Sobre essa faceta pública estamos querendo dizer que com o avanço do conservadorismo e do desenvolvimento tecnológico, racistas sentem-se "seguros" em explicitar o racismo publicamente, através principalmente da internet.

Os intelectuais brancos, que não deixam de ser atuantes (ou mesmo ‘ativistas’) em seus campos de pesquisa/intervenção, fazem desse circuito próximo suas redes profissionais. Promovem uns aos outros, citam-se mutuamente em seus escritos. Criam ou elegem para si fechados espaços acadêmicos e quase nunca evidenciam a branquitude que os amalgama, ainda que se aproximem de um(a) ou outro(a) intelectual negro(a) (RATTS, 2006, p. 30, grifos do autor).

Essa conduta adotada no geral, por pesquisadores/as brancos/as, apesar de óbvia, é continuamente rechaçada pelos/as mesmos/as. Isso porque admiti-la seria o mesmo que assumir o racismo. Ratts (2006) chama a atenção para o quanto o meio acadêmico é hermético aos intelectuais negros/as, demonstrando ainda que as redes de solidariedade entre pesquisadores não incluem pesquisadores negros/as.

Por esse motivo, torna-se importante que os/as estudiosos/as negras/os apresentem em suas pesquisas as análises realizadas por intelectuais negras/os, retirando-as/os da invisibilidade e silenciamento, expondo suas explicações sobre o real a partir da ótica racial, o que altera, sobremaneira, as análises. Mas, sabemos que quando se é negra, mulher e advinda da pobreza, os obstáculos se tornam quase intransponíveis. Dizemos quase, pois quando se consegue superar as barreiras, os esforços para silenciá-las tornam-se inúteis.

Uma mulher negra que se torna pesquisadora e elabora um pensamento próprio nos parâmetros acadêmicos, inspirada da vida extramuros da universidade como o fazia Beatriz Nascimento, rompe com esse processo de invisibilidade no espaço acadêmico. Uma mulher negra pesquisadora jamais é imperceptível no campus, mas talvez o seja nesse campo enquanto autora (RATTS, 2006, p. 29).

Ainda assim, Beatriz Nascimento, permaneceu produzindo e participando de eventos científicos e desenvolvendo pesquisas, conheceu países como Angola e Senegal. Produziu artigos sobre corporiedade negra, quilombos (referência no estudo do tema) e mulheres negras, através dos artigos *A mulher negra no mercado de trabalho (1976)* e *A mulher negra e o amor (1990)*.

Aborda a condição feminina em relação ao gênero masculino no mercado de trabalho, analisando a estrutura da sociedade colonial, em que a mobilidade socioeconômica praticamente inexistia e onde a mulher negra atuava no processo produtivo na mesma proporção dos homens negros. Além de atuar no processo de reprodução, de novas vidas, por meio da violência praticada e estimulada pelos escravizadores. Analisa que no pós-abolição e durante o processo de industrialização, as mulheres negras ocuparam funções de menor

qualificação, o que dificultou ou mesmo impediu a saída da pobreza, podemos afirmar que essa é uma das consequências do racismo.

Nascimento em seus estudos aponta um continuum em relação ao período colonial, em termos da condição socioeconômica e das ocupações remuneradas das mulheres negras até os dias atuais, são séculos de exploração que não devem ser naturalizados. Alienar-se desse conhecimento, não suplantará a dívida histórica que se tem com o povo negro.

Alijada de sua humanidade e também de direitos, como se não bastasse, a mulher negra também é vítima do desafeto e do desamor. Ratts (2006) informa que nas análises das relações familiares, Nascimento relata que não raramente a mulher negra sustenta as necessidades materiais de sua família e a ausência de um companheiro com quem possa compartilhar essa tarefa amplia suas responsabilidades e dificuldades. Revela ainda que Nascimento chama a atenção para o arranjo familiar das famílias negras. Diferente dos padrões patriarcais e individualistas, a família negra é extensa. Isso significa, no geral, que os recursos auferidos são distribuídos por uma quantidade maior de pessoas. O que nos parece tem permitido as famílias negras sobreviver, ainda que na condição de pobreza.

A negra mulher, ainda enfrenta padrões estéticos brancos hegemônicos, em que a imagem da pessoa branca é tida como padrão de beleza, e as mulheres negras por não se encontrarem inseridas nesse padrão – são tidas como feias - seu campo afetivo é afetado, na medida em que é preterida para formação de relações afetivas duradouras. Nesse sentido, a mulher negra, no geral é lida socialmente como uma mulher objeto, ou seja, uma mulher para se manter relações sexuais e com a qual não se deve constituir um vínculo matrimonial.

A resultante desse processo tem sido a ampliação do isolamento afetivo da mulher negra, com consequências na sua vida em sociedade. E longe de uma análise descontextualizada, a-histórica, é preciso ressaltar que esse fenômeno tem raízes históricas, sobretudo no período do escravismo. Percebam que a preterição da mulher negra está presente em todas as dimensões da sociedade, daí a pertinência da análise do fenômeno, o que já foi feito anteriormente por estudiosos diversos.

A discussão sobre afetividade da mulher negra extravasa os círculos de militância [...] diversos intelectuais tocaram nessa questão [...] principalmente quando tinham como objeto de estudo as relações interraciais no Brasil. Exemplos são Thales de Azevedo, Florestan Fernandes, Elza Berquó, entre outros (ANJOS; ARRAES, 2015, p. 1).

E ainda assim essa permanece sendo uma questão relevante.

O amor precisa estar presente na vida de todas as mulheres negras, em todas as nossas casas. É a falta de amor que tem criado tantas dificuldades em nossas vidas, na garantia da nossa sobrevivência. Quando nos amamos, desejamos viver plenamente. Mas quando as pessoas falam sobre a vida das mulheres negras, raramente se preocupam em garantir mudanças na sociedade que nos permitam viver plenamente. Geralmente enfatizam nossa capacidade de “sobreviver” apesar das circunstâncias difíceis, ou como poderemos sobreviver no futuro. Quando nos amamos, sabemos que é preciso ir além da sobrevivência. É preciso criar condições para viver plenamente. E para viver plenamente as mulheres negras não podem mais negar sua necessidade de conhecer o amor (HOOKS, 2010, p. 6).

E infelizmente, consideramos que foi a ausência de amor que resultou no homicídio de Beatriz Nascimento, que de acordo com noticiários da época de sua morte, foi cometido por um homem violento, cuja mulher, Nascimento tinha aconselhado se separar. Aos 53 anos essa brilhante mulher teve sua trajetória interrompida, no momento em que cursava o mestrado acadêmico, porém suas contribuições permanecem, na perspectiva que o *esquecimento* perpetrado pelo racismo não logre êxito.

De geração posterior às mulheres negras brasileiras descritas até o presente momento, Jurema Werneck é contemporânea do período da história do país em que temos aprovada a constituição de 1988, com importante participação do movimento negro e demais movimentos sociais. Essa época profícua, no que tange às conquistas sociais, ao menos no que se refere ao texto constitucional vai passar por grandes transformações em decorrência da implementação e consolidação dos pressupostos neoliberais nas décadas seguintes, propiciando o desmonte gradual das políticas sociais públicas – incluindo a racial e de gênero - e um alinhamento do país com os interesses do mercado capitalista global.

Jurema é mulher negra, graduada em medicina e doutora em comunicação. Comprometida com as lutas pelo fim do racismo, sexismo e pobreza que atinge o povo negro, suas contribuições abordam sistematicamente essas questões.

No artigo: *Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o racismo e o sexismo*, a autora através da análise sobre as influências sócio-históricas e econômicas na formação de nossa identidade nos oferece um panorama geral acerca desse tema.

As mulheres negras não existem. Ou, falando de outra forma: as mulheres negras, como sujeitos identitários e políticos, são resultado de uma articulação de heterogeneidades, resultante de demandas históricas, políticas, culturais, de enfrentamento das condições adversas estabelecidas pela dominação ocidental eurocêntrica ao longo dos séculos de escravidão, expropriação colonial e da modernidade racializada e racista em que vivemos. Ao afirmar estas heterogeneidades, destaco a diversidade de temporalidades, visões de mundo, experiências, formas de representação, que são constitutivas do modo como nos apresentamos e somos vistas ao longo dos séculos da experiência diaspórica ocidental. Tais diversidades fazem referência às lutas desenvolvidas por mulheres de diferentes povos e regiões de origem na África, na tentativa de dar sentido a cenários e contextos em rápida e violenta transformação. Mudanças que resultariam na constituição de uma diáspora africana que significasse algum tipo de continuidade em relação ao que poderia ser definido como nós, com o que éramos e que não seríamos nunca mais (WERNECK, 2009, pp. 151-152).

Pelo exposto, mulheres negras são sujeitas constituídas, a partir dos condicionantes impostos pela dominação ocidental, que através do tráfico transatlântico transportou forçadamente milhões de vidas do continente africano para outras partes do mundo. Para a Dr<sup>a</sup>. Mônica Rodrigues Costa a violência da escravidão não reside apenas no tráfico, na retirada forçada, mas em tudo o que foi retirado das pessoas escravizadas: seu nome, suas relações familiares, afetivas e de vizinhança. Sua cultura, seus modos de analisar e viver o mundo e a vida. Diz ainda que isso é uma profunda expropriação do que se é. Daí a importância do esforço que foi feito pelos/as ancestrais negras/os para o resgate da identidade negra.

Nesse sentido a memória da experiência diaspórica tende a fortalecer negras/os para se unirem e enfrentarem a violência contra si e o seu grupo racial. Além disso, o resgate da memória do significado da diáspora e da História dos povos de África, antes do tráfico contribui para que as novas gerações, as afrodescendentes reconstruam sua identidade, e atribuam a ela novo sentido, diverso daquele imposto pelo colonizador branco.

Jurema Werneck ainda reflete que nesse processo histórico, é importante conectar memória com identidade e é salutar enfatizar as figuras femininas do mito sagrado africano “[...] que atuaram e ainda atuam como modelos, como condutores de possibilidades identitárias para a criação e recriação de diferentes formas de feminilidade negra” (WERNECK, 2009, pp. 153-154). Dentre esses modelos que inspiram e orientam as organizações de mulheres negras de forma diversa da dos opressores a autora faz referência à tradição Ioruba nas figuras das deusas: Nanã, Iemanjá, Iansã, Oxum e Obá; à tradição dos

povos Bantus; às irmandades femininas negras, a exemplo da Irmandade da Boa Morte e as Ialodês<sup>21</sup>.

Chamar atenção para ialodê, para as divindades aqui assinaladas e para as diferentes associações de mulheres, é um modo de destacar exemplos das formas políticas e organizacionais cuja origem precedeu a invasão escravista e colonial. Estas reafirmavam e reafirmam a política como um atributo feminino desde a época anterior ao encontro com o ocidente. Diga-se de passagem, ao contrário do que afirmam muitas e muitos, a ação política das mulheres negras nas diferentes regiões não foi novidade inaugurada pela invasão européia e a instauração da hegemonia cristã. O que torna fácil compreender que tais ações precederam a criação do feminismo. No entanto, seu grau de influência sobre a criação deste ainda permanece invisível e pouco considerado (WERNECK, 2009, p. 157).

As considerações da autora são salutares por nos possibilitar analisar o processo político organizativo das mulheres negras, a partir de suas origens ancestrais e não a partir das lentes do dominador. Essa diferença abissal na forma de explicar o fenômeno torna as mulheres negras protagonistas de suas histórias, a partir de suas referências sagradas de origem africana. Isso influencia os processos organizativos das mulheres negras transformando suas experiências com as opressões em “ferramentas” de lutas. Destaca também a cultura como uma importante ferramenta de expressão das mulheres negras.

[...] através de sua atuação na cultura de massas, estas mulheres possibilitaram também a propagação e tradução das vozes negras e suas formulações políticas para além das esferas imediatas de atuação dos movimentos sociais, em tempos marcados tanto por ditaduras militares ou civis, quanto em tempos da paz racista e heterossexista da história do país. Sabemos que tem sido a partir de condições profundamente desvantajosas em diferentes esferas que nós mulheres negras desenvolvemos nossas estratégias cotidianas de disputa com os diferentes segmentos sociais em torno de possibilidades de (auto) definição. Ou seja, de representação a partir de nossos próprios termos a partir do que projetamos nos novos horizontes de luta. Estratégias que devem ser capazes de recolocar e valorizar nosso papel de agentes importantes na constituição do tecido social e de projetos de transformação (WERNECK, 2009, p. 160).

As vozes negras, a que a autora se refere dizem respeito às mulheres negras que também são vítimas do silenciamento pelas estruturas do sistema social racista e que através de suas atuações são lembradas e tem preservadas suas memórias, a exemplo de Laudelina

---

<sup>21</sup> Para maior aprofundamento sugerimos a leitura do post de Sueli Carneiro, intitulado: A força das mães negras. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-forca-das-maes-negras/>.

Campos de Melo, que pelo exposto por Jurema Werneck integrou a Frente Negra Brasileira e integrante da primeira associação de trabalhadoras domésticas do Estado de São Paulo.

A forma com que a autora nos apresenta a trajetória de mulheres negras faz jus à análise que nossos passos vêm de longe, ou seja, que a construção da história e das lutas organizadas das mulheres negras não tem início com a diáspora, mas sim em seu continente de origem, nas cidades e impérios que lá existiam.

Ao propor uma interpretação a partir e através das faladas e dos diferentes repertórios identitários a que lançamos mão o que pretendo é mostrar o caráter contingente do relato patriarcal e racista, naturalizado e reiterado nas historiografias da cultura do antirracismo e do feminismo. E, principalmente, recolocar lugar das mulheres negras e o impacto de sua atuação para a constituição da diáspora negra. Como também para as disputas ainda em desenvolvimento, que podem ser capazes de impactar, inclusive, a cultura global. Assim, constatamos que a exclusão da presença das mulheres negras (a exemplo das mulheres indígenas e de outras pessoas e grupos) dos relatos da história política brasileira e mundial, e da história do feminismo, deve ser compreendida, principalmente, como parte das estratégias de invisibilização e subordinação destes grupos. Ao mesmo tempo em que pretendem reordenar a história de acordo com o interesse dos homens e mulheres branc@s. O que permite apontar o quanto esta invisibilização tem sido benéfica para aquelas correntes feministas não comprometidas com a alteração substantiva do status quo (WERNECK, 2009, pp. 161-162).

Como Gonzalez, Werneck também faz a crítica ao feminismo e ao pensamento canônico. A autora tece críticas à invisibilização e à subordinação das mulheres não-brancas dos relatos históricos, o que coaduna com a importância das organizações de mulheres negras para romper com o silêncio que lhes foi imposto pelo sistema de exploração que estrutura o racismo, o sexismo e o conflito de classe na sociedade brasileira.

É esse sistema de exploração que tem ceifado as vidas das mulheres negras e o racismo estrutural é o motivo central, que uma vez institucionalizado agirá depreciando as vidas das pessoas não-brancas. Os dados não nos deixam mentir, quando da análise da relação entre o racismo institucional e a saúde da população negra.

[...] as decisões de política e gestão de saúde têm sido tomadas como se os dados não indicassem a ampla disparidade e o tratamento desigual que a sociedade e o Sistema Único de Saúde produzem ou sustentam, com enormes prejuízos para negros e indígenas, principalmente, diferentemente dos brancos. Os dados epidemiológicos desagregados segundo raça/cor são consistentes o suficiente para indicar o profundo impacto que o racismo e as iniquidades raciais têm na condição de saúde, na carga de doenças e nas taxas de mortalidade de negras e negros de diferentes faixas etárias, níveis de

renda e locais de residência. Eles indicam, também, a insuficiência ou ineficiência das respostas oferecidas para eliminar o gap e contribuir para a redução das vulnerabilidades e para melhores condições de vida da população negra (WERNECK, 2016, pp. 540-541).

A desigualdade de tratamento da saúde descrita na citação acima não atinge todas as pessoas da mesma forma. Atinge etnia/raça, gênero e classe, específica – o povo negro e povos não brancos. O que tem ocorrido é que o racismo atinge a saúde da população negra, por conta das desigualdades sociais e raciais a que esta população está exposta e isso exige ações institucionais de enfrentamento e para tanto é preciso organização política, com Werneck tendo se configurado numa das partícipes da criação da organização não-governamental CRIOULA, fundada em 1992, e que até hoje desenvolve atividades relevantes de combate ao sexismo e ao racismo. Em 2017 Jurema Werneck se tornou diretora executiva da Anistia Internacional no Brasil, ampliando suas ações e de acordo com o seu currículo lattes atua nos temas: mulheres negras, cultura afro-brasileira, antirracismo, saúde da população negra, iniquidades em saúde, políticas públicas para a equidade de gênero e raça.

Desse elenco de mulheres negras brasileiras destacamos ainda Sueli Carneiro, filósofa, doutora em educação, que de acordo com o currículo lattes possui experiência em pesquisa e atuação nas áreas de raça, gênero e direitos humanos.

Sueli Carneiro é Fundadora do Instituto da Mulher Negra – Geledés, em 1988, na cidade de São Paulo, uma organização que “se posiciona em defesa de mulheres e negros por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo vigentes na sociedade brasileira” (GELEDÉS, 2018).

Na publicação *Mulheres em Movimento*, de sua autoria, analisa a relação das mulheres negras no movimento feminista ocidental e branco. Enfatiza o respeito que o movimento de mulheres no Brasil possui no âmbito nacional e internacional, em virtude de sua incidência no processo de redemocratização do país e nas políticas públicas. Apesar desse reconhecimento, a autora tece críticas às dificuldades do movimento de considerar as demandas de mulheres diversas.

Porém, em conformidade com outros movimentos sociais progressistas da sociedade brasileira, o feminismo esteve, também, por longo tempo, prisioneiro da visão eurocêntrica e universalizante das mulheres. A consequência disso foi a incapacidade de reconhecer as diferenças e desigualdades presentes no universo feminino, a despeito da identidade

biológica. Dessa forma, as vozes silenciadas e os corpos estigmatizados de mulheres vítimas de outras formas de opressão além do sexismo, continuaram no silêncio e na invisibilidade. As denúncias sobre essa dimensão da problemática da mulher na sociedade brasileira, que é o silêncio sobre outras formas de opressão que não somente o sexismo, vêm exigindo a reelaboração do discurso e práticas políticas do feminismo. E o elemento determinante nessa alteração de perspectiva é o emergente movimento de mulheres negras sobre o ideário e a prática política feminista no Brasil (CARNEIRO, 2003, p. 2).

Sueli Carneiro compõe as vozes das mulheres negras, militantes, pesquisadoras, que apontam as dificuldades do movimento feminista de ser inclusivo. E nesse sentido, defenderá o enegrecimento do feminismo.

*Enegrecendo o feminismo* é a expressão que vimos utilizando para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro. Buscamos assinalar, com ela, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e, de outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construídos em sociedades multirraciais e pluriculturais. Com essas iniciativas, pôde-se engendrar uma agenda específica que combateu, simultaneamente, as desigualdades de gênero e intragênero; afirmamos e visibilizamos uma perspectiva feminista negra que emerge da condição específica do ser mulher, negra e, em geral, pobre, delineamos, por fim, o papel que essa perspectiva tem na luta antirracista no Brasil (CARNEIRO, 2003, p. 2).

No artigo a autora relembra Lélia Gonzalez, ao afirmar que a raça para a mulher negra é que possibilita a tomada de consciência das opressões no decorrer da vida. Concordo plenamente com as autoras. A raça e o racismo são determinantes no conjunto de opressões que atingem as mulheres negras. São eles, que as tem aprisionado no espiral de horrores, que dia após dia as sufoca. Repetidas vezes a questão é exposta e repetidas vezes é necessário abordá-la, pois por mais que diferentes mulheres negras a expressem, em diferentes culturas, persistem os esforços em desqualificá-las. É um debate hercúleo, mas como informa a autora tem guarida histórica.

*A fortiori*, essa necessidade premente de articular o racismo às questões mais amplas das mulheres encontra guarida histórica, pois a 'variável' racial produziu gêneros subalternizados, tanto no que toca a uma identidade feminina estigmatizada (das mulheres negras), como a masculinidades subalternizadas (dos homens negros) com prestígio inferior ao do gênero feminino do grupo racialmente dominante (das mulheres brancas). Em face dessa dupla subvalorização, é válida a afirmação de que o racismo rebaixa o

*status* dos gêneros. Ao fazê-lo, institui como primeiro degrau de equalização social a igualdade intragênero, tendo como parâmetro os padrões de realização social alcançados pelos gêneros racialmente dominantes. Por isso, para as mulheres negras atingirem os mesmos níveis de desigualdades existentes entre homens e mulheres brancos significaria experimentar uma extraordinária mobilidade social, uma vez que os homens negros, na maioria dos indicadores sociais, encontram-se abaixo das mulheres brancas. Nesse sentido, racismo também superlativa os gêneros por meio de privilégios que advêm da exploração e exclusão dos gêneros subalternos. Institui para os gêneros hegemônicos padrões que seriam inalcançáveis numa competição igualitária. A recorrência abusiva, a inflação de mulheres loiras, ou da 'loirização', na televisão brasileira, é um exemplo dessa disparidade (CARNEIRO, 2003, p. 3, grifos da autora).

Essa permanência do racismo que oprime as mulheres negras, impedindo-as de obter mobilidade social é recorrente na sociedade brasileira. E vejam que ainda se busca garantir para a parcela negra da população do país a dignidade diante de uma sociabilidade em que o capitalismo prevalece, sujeitando-os a sobreviver em situação de extrema pobreza.

Para tanto é preciso que todas as pessoas entendam que essa busca por dignidade numa sociedade profundamente desigual, sexista e racista não diz respeito apenas as/aos negras/os. Não é uma luta específica de um povo oprimido, é uma luta de todos, e nesse sentido quando desenvolvemos a empatia em relação aos sofrimentos do "outro" humano, sistematicamente desumanizado, entendemos que estamos avançando na conquista de uma nova sociabilidade. Para tanto, é preciso abrir mão de privilégios e se colocar no lugar do outro, que tem sido historicamente silenciado.

Pensamos que não é preciso passar fome, para saber que a fome é real. A fome existe. A diferença é: quem de nós diante da fome dispõe das condições objetivas de acessar a comida? E quem são aqueles que vivem na incerteza? Obviamente que os que lucram com a exploração, geradora da pobreza extrema, disporão de melhores condições de suprir suas necessidades, do que aqueles que não dispõem. Ou seja, aqueles que usufruem dos privilégios não querem perdê-los.

Parece-nos nítido que é preciso ainda caminhar, toda a coletividade oprimida, junto aos demais sujeitos sociais que se opõem às opressões diversas no sentido de agir em prol de transformações societárias em que as opressões inexistam. Nessa trilha, o feminismo negro faz a diferença.

Pensar a contribuição do feminismo negro na luta anti-racista é trazer à tona as implicações do racismo e do sexismo que condenaram as mulheres negras

a uma situação perversa e cruel de exclusão e marginalização sociais. Tal situação, por seu turno, engendrou formas de resistência e superação tão ou mais contundentes. O esforço pela afirmação de identidade e de reconhecimento social representou para o conjunto das mulheres negras, destituído de capital social, uma luta histórica que possibilitou que as ações dessas mulheres do passado e do presente (especialmente as primeiras) pudessem ecoar de tal forma a ultrapassarem as barreiras da exclusão (CARNEIRO, 2003, p. 13).

O resgate da memória das mulheres negras do passado inspira-nos a compreender o significado do coletivo organizado. No artigo, *Movimento negro no Brasil; novos e velhos desafios*, publicado originalmente em 2002, Sueli Carneiro constata que em 25 anos, as conquistas para o povo negro foram muitas, sobretudo na política de educação. Destaca as alterações ocorridas nos livros didáticos e nos currículos escolares, com os esforços para inclusão de conteúdos da história dos povos africanos e de sua cultura, bem como a obtenção de títulos acadêmicos por militantes negros evidenciando as universidades como espaço estratégico de atuação. Entretanto, considera que.

Apesar deste conjunto de ações, creio que ainda persiste entre nós um sentimento de insatisfação em relação à nossa trajetória política. Vivemos momentos de paradoxos e perplexidades. Momentos, a meu ver, de reciclagem da nossa velha democracia racial, que sinalizam a antecipação das elites desse país diante do avanço da questão racial (CARNEIRO, 2002, p. 2).

Sueli Carneiro fez referências ao que denominou de neo-democracia racial que tem como interesse político aplacar a tomada de consciência do racismo, principalmente pelos mais jovens, evitando a explicitação radical do fenômeno e o interesse econômico do capital por conquistar o mercado consumidor negro. Informa que.

[...] para atender a estes dois interesses, a neo-democracia racial estabelece a capacidade de consumo como o limite da cidadania negra. Desse modo, no novo desenho de relações raciais que se delineia as portas do novo milênio, o status de consumidor é garantido a alguns afrodescendentes, enquanto, por outro lado, ampliam-se os mecanismos de exclusão social da maioria (CARNEIRO, 2002, p. 4).

Tal problematização das formas de inclusão existentes, desafia o movimento a atentar ao cenário em que ocorrem as lutas políticas, com o fito de priorizar a organização política e a fim de ter viabilizadas nossas reivindicações e o controle desse processo não ocorra por

agentes externos, que não tem interesse na promoção de mudanças na vida do povo negro. Alerta para a necessidade de revisitar e esgotar as experiências e possibilidades políticas desenvolvidas pelos antepassados, como referências para o presente.

Nunca fizemos um exercício efetivo de avaliar a potencialidade política do Quilombismo de Abdias do Nascimento. Esquecemos as lutas de libertação dos países africanos, não nos inspiramos nas teses de Kwame N’Krumah, de Amílcar Cabral, de Agostinho Neto, de Patrick Lumumba. Perdemos a perspectiva expressa na tradição pan-africanista. Deixamos de nos fazer muitas perguntas: em termos organizativos, há algo a aprender com o Congresso Nacional Africano – CNA – da África do Sul? O pensamento de Steve Biko responde a alguma dimensão da luta racial travada no Brasil? O pensamento de Malcolm X pode aportar alguma contribuição à luta dos negros brasileiros? E o movimento de direitos civis, liderado por Martin Luther King? Deixou lições que interessam ao nosso processo? Se não é a nossa história de lutas, quem, ou o que informa hoje a nossa prática política? (CARNEIRO, 2002, p. 6).

Pensamos que hoje, temos maior consciência da necessidade do resgate histórico das lutas, mediante, sobretudo, as perdas das importantes conquistas adquiridas nos últimos anos. Se não formos nós, os diretamente atingidos nada se modificará. Concordamos com Sueli Carneiro quando argumenta que é preciso resgatar nosso *patrimônio libertário* e aprender com a experiência do passado, transmitindo-a para as novas gerações.

À beira de um novo milênio, permitimos que intelectuais brancos, racistas, sintam-se à vontade para desqualificar, ridicularizar e ofender a militância negra, sem esboçar uma resposta coletiva, uma reação organizada. A construção de estratégias coletivas de luta é produto de organização política, de liderança reconhecida e legitimada. Nossa responsabilidade histórica é responder aos desafios que estão colocados, através de uma expressão política que represente os anseios do povo negro desse país. Este é um desafio político fundamental para a militância negra no presente (CARNEIRO, 2002, p. 7).

O desafio descrito está posto para a militância de forma preponderante, o racismo se reatualiza nos exigindo a construção de estratégias que o evidenciem, pois no Brasil o esforço de fazê-lo emergir em toda sua plenitude é imprescindível para desconstrução dos argumentos que sustentam suas falácias.

Por esse motivo, identificamos nas postagens na internet feitas pelas ativistas digitais negras uma forma inovadora, e ao mesmo tempo importante, de enfrentamento do racismo, do sexismo e do conflito de classe. São no geral jovens negras, que apropriadas de sua

historicidade, usam a tecnologia para denunciar, provocar reflexões e posicionar-se diante das práticas racistas, sexistas, homofóbicas etc. Nesse âmbito, colaboram para o debate do tema nas redes virtuais e para além delas, o que as tem tornado vítimas de comentários de ódio, que se por um lado geram ameaças à integridade física das militantes, por outro expõem a crueldade do racismo e do sexismo, não sendo mais possível escamotear os interesses de classe, de gênero e de raça presentes nessas práticas. Sendo assim, no próximo capítulo vamos discorrer sobre as ativistas digitais negras e seus desafios no século XXI, por considerá-las herdeiras das lutas travadas pelas mulheres negras no decorrer da história, bem como descrever o percurso trilhado para realização da pesquisa.

## 4 CONECTANDO SABERES: ativismo digital negro

### 4.1 MULHERES NEGRAS E TECNOLOGIA DIGITAL

Com o avanço e permanência das opressões que atingem as mulheres na atualidade, tornou-se necessário revigorar esforços para explicitação e confrontação das mesmas. Nesse sentido, as novas tecnologias da informação e da comunicação (NTICs) se configuram em estratégias relevantes, que vem sendo continuamente apropriadas pelas mulheres negras, sobretudo, as jovens negras, contemporâneas de uma época em que o manuseio dos dispositivos digitais (tablet, computador, celulares, etc) são uma realidade.

De acordo com Palfrey e Gasser (2011), essas/es jovens integram a geração dos/as nativos/as digitais, nascidos/as após a década de 1980, com habilidades para lidar com o universo digital da comunicação, através de diferentes mídias<sup>22</sup>.

[...] Os Nativos Digitais passam grande parte da vida *online*, sem distinguir entre o *online* e *offline*. Em vez de pensarem em sua identidade digital e em sua identidade no espaço real como coisas separadas, eles têm apenas uma identidade (com representações em dois, três ou mais espaços diferentes). São unidos por um conjunto de práticas comuns, incluindo a quantidade de tempo que passam usando tecnologias digitais, sua tendência para as multitarefas, os modos como se expressam e se relacionam um com o outro de maneiras mediadas pelas tecnologias digitais, e seu padrão de uso das tecnologias para ter acesso, usar as informações e criar novo conhecimento e novas formas de arte. Para estes jovens, as novas tecnologias digitais – computadores, telefones celulares, Sidekicks – são os principais mediadores das conexões humanos-com-humanos (PALFREY; GASSER, 2011, p. 14 grifos dos autores).

Essas conexões são concretizadas no *ciberespaço*, definida por Lévy (1999, p. 94) como sendo “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. O autor refere que em relação às técnicas de comunicação anteriores, o ciberespaço tem como inovação a combinação de vários modos de comunicação, tais como: o acesso à distância aos diversos recursos de um computador, a troca de mensagens (correio eletrônico); conferências eletrônicas, compartilhamento de hiperdocumentos etc. Esse novo formato potencializa e dinamiza o processo de comunicação entre as pessoas, de uma maneira diversa de outras épocas da história da humanidade, sobretudo, em decorrência da

---

<sup>22</sup> A mídia é o suporte ou veículo da mensagem. O impresso, o rádio, a televisão, o cinema ou a internet, por exemplo, são mídias (LÉVY, 1999, p. 64).

agilidade na circulação das informações. Esse é o ambiente propício para o desenvolvimento da *cibercultura*<sup>23</sup> que: “especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais) de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 17).

Ainda de acordo com o autor citado, a cibercultura tem três princípios: primeiro a interconexão, que tem como horizonte técnico a comunicação entre as pessoas, através do acesso de todos/as a internet. “[...] cada computador do planeta, cada aparelho, cada máquina, do automóvel a torradeira, deve possuir um endereço na internet” (LÉVY, 1999, p. 129). O segundo diz respeito ao desenvolvimento de comunidades virtuais e o terceiro é a inteligência coletiva. Sobre os mesmos Lévy argumenta que:

A interconexão para a interatividade é supostamente boa, quaisquer que sejam os terminais, os indivíduos, os lugares e momentos que ela coloca em contato. As comunidades virtuais parecem ser um excelente meio (entre centenas de outros) para socializar, quer suas finalidades sejam lúdicas, econômicas ou intelectuais, quer seus centros de interesses sejam sérios, frívolos ou escandalosos. A inteligência coletiva, enfim, seria o modo de realização da humanidade que a rede digital universal felizmente favorece, sem que saibamos *a priori* em direção a quais resultados tendem as organizações que colocam em sinergia seus recursos intelectuais (LÉVY, 1999, p. 135).

Apesar dos aspectos positivos indicados pelo autor, compreendemos que as novas tecnologias da informação e comunicação ao mesmo tempo em que aproximam, também distanciam. Aproximam em virtude de possibilitar para aqueles/as que têm acesso a rede mundial, conectar-se, diuturnamente com informações variadas, dentro ou fora dos seus campos de interesses, advindas de todas as partes do globo terrestre, além de permitir a interação e interlocução entre as pessoas, o que por meio das tecnologias tradicionais, até então, não era possível. E distancia, pois as desigualdades e opressões que imperam nas relações sociais, econômicas e culturais também se reproduzem na realidade virtual<sup>24</sup>.

Sobre esse último aspecto, Manuel Castells, no livro *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet* apresentam-nos as disputas e interesses que

---

<sup>23</sup> “Ela nasce nos anos 50 com a informática e a cibernética, começa a se tornar popular na década de 70 com o surgimento do microcomputador e se estabelece completamente nos anos 80 e 90: em 80 com a informática de massa e em 90 com as redes telemáticas, principalmente com o boom da internet” (LEMOS, 2008, p. 16).

<sup>24</sup> [...] especifica um tipo particular de simulação interativa, na qual o explorador tem a sensação física de estar imerso na situação definida por um banco de dados (LÉVY, 1999, p. 73).

estão em conflito no mundo virtual, embasado na “[...] premissa de que as relações de poder são constitutivas da sociedade porque aqueles que detêm o poder constroem as instituições segundo seus valores e interesses” (CASTELLS, 2013, p. 8). O autor informa que:

Em nossa sociedade que conceptualizei como uma sociedade em rede, o poder é multidimensional e se organiza em torno de redes programadas em cada domínio da atividade humana, de acordo com os interesses e valores de atores habilitados. As redes de poder o exercem, sobretudo influenciando a mente humana (mas não apenas) mediante as redes multimídia de comunicação em massa. Assim, as redes de comunicação são fontes decisivas de construção do poder. Por sua vez, as redes de poder, em vários domínios da atividade humana, constituem redes entre elas próprias. As redes financeiras e as multimídias globais estão intimamente ligadas, e essa metarrede particular detém um poder extraordinário. Mas não todo o poder. A metarrede das finanças e da mídia depende, ela própria, de outras grandes redes, [...]. Essas redes não se fundem. Em vez disso, envolvem-se em estratégias de parceria e competição formando redes ad hoc em torno de projetos específicos. Mas todas têm um interesse comum: controlar a capacidade de definir as regras e normas da sociedade mediante um sistema político que responde basicamente a seus interesses e valores (CASTELLS, 2013, p. 10).

Para o alcance desse interesse comum, Castells reflete que ocorrerão disputas pelo controle do Estado, que no geral, detem o poder de coordenar e regular as funções nessa área, ou seja, “[...] o Estado constitui a rede-padrão para o funcionamento adequado de todas as outras redes de poder” (CASTELLS, 2013, p. 11). A importância dos movimentos sociais na constituição de mudanças, na disputa de poder das redes dominantes e suas incidências sob o Estado, o que é feito “[...] reprogramando-se as redes em torno de outros interesses e valores” (CASTELLS, 2013, p. 11), com os movimentos sociais se configurando, nesse âmbito, como importantes produtores de contrapoder.

Ao longo da história, os movimentos sociais são produtores de novos valores e objetivos em torno dos quais as instituições das sociedades se transformaram a fim de representar esses valores criando novas normas para organizar a vida social. Os movimentos sociais exercem o contrapoder construindo-se, em primeiro lugar, mediante um processo de comunicação autônoma, livre do controle dos que detêm o poder institucional. Como os meios de comunicação em massa são amplamente controlados por governos e empresas da mídia, na sociedade em rede a autonomia da comunicação é basicamente construída nas redes da internet e nas plataformas de comunicação sem fio. As redes sociais digitais oferecem a possibilidade de deliberar sobre e coordenar as ações de forma amplamente desimpedida (CASTELLS, 2013, pp. 11-12).

Considerando o exposto pelo autor citado acima, identificamos que o movimento feminista tem desempenhado importante papel na construção do contrapoder na realidade virtual, em que a internet<sup>25</sup> é a linguagem principal. Na literatura especializada sobre o tema, consta que o ciberfeminismo é inaugurado por Donna Haraway.

Através do *Manifesto Ciborgue*, publicado em 1985, a autora desacomoda as compreensões até então vigentes acerca do humano universal, totalizante e do feminismo. Realiza análises sobre tecnologia, ciência e feminismo, o que colaborou para a identificação do ciberespaço<sup>26</sup> como importante esfera de atuação dos movimentos sociais.

Sobre o ciberfeminismo destaca-se que o termo foi cunhado pela teórica britânica Sadie Plant e coletivo artístico australiano VNS Matriz.

As CyberFeministas eram pensadoras tecno-utópicas que viam a tecnologia como uma forma de desestruturar as divisões de sexo e gênero. É claro que elas sabiam que o mundo digital, e as culturas que emergiam dele, sendo elas especulativas ou não, continham as mesmas dinâmicas de poder ligadas a gênero existentes no mundo real; o próprio termo ‘CyberFeminista’ é, em parte, uma crítica ao tom misógino da literatura cyberpunk dos anos 80. Ainda assim, as CyberFeministas acreditavam que a internet era uma ferramenta para a liberação feminista (EVANS, 2015, p. 1, grifo da autora).

Entretanto, a professora Dra. Zelinda Barros, no artigo *Feminismo Negro na Internet: cyberfeminismo ou ativismo digital* se posiciona criticamente acerca do conceito cyberfeminismo. Embasada nos argumentos de Maria Fernandez, Faith Wilding e Michelle M. Wright em “Cyberfeminism, racism, embodiment”, analisa que o cyberfeminismo ao não considerar a interdependência entre corpo e mente e defender que a interação no ciberespaço eliminaria as diferenças raciais, de gênero e de classe, está na realidade desconsiderando a conexão entre o mundo virtual e o real. É como se todas as diferenças e conflitos, fossem suprimidos quando se está online. Essa falácia, não se sustenta quando temos relatos

---

<sup>25</sup> Internet será aqui compreendida como definido no Dicionário da Língua Portuguesa (2010): “1. Conjunto de rede de computadores ligadas entre si. 2. Rede de computadores de âmbito mundial, descentralizada e de acesso público, cujos principais serviços oferecidos são o correio eletrônico e a Web” (FERREIRA, 2010, p. 435).

<sup>26</sup> [...] Para as CyberFeministas, o ciberespaço era um universo alternativo, sinuoso e extremamente fértil para experiências criativas. Elas criaram CD-ROMs revolucionários (como o “CyberfleshGirllmonster”, de Linda Dement), obras de arte digitais multimídia, e usaram a Linguagem para Modelagem de Realidade Virtual (VRML, na sigla original) como forma de criar um universo além da cultura patriarcal, assumindo a forma física que lhes convinha conforme elas vagavam pela internet em busca de prazer e conhecimento (EVANS, 2015, p. 1).

comprovados que o racismo e o sexismo permanecem atuantes, não desvinculando o virtual do real e ainda gerando ameaças a vida das ativistas negras.

Exemplo disso refere-se às ameaças que a ativista negra, Gleide Davis, uma das administradoras da página *feminismo sem demagogia* vem sendo vítima. No dia 22/01/2018, a jovem foi informada pelos seguidores da página, da postagem efetuada pelo site *Rio de Nojeira* que oferece o valor de R\$ 10.000,00 (dez mil reais) para quem conseguir jogar ácido sulfúrico nela, nos familiares e em outras duas administradoras da página Vera Dias e Jéssica Milaré.

A página das ativistas no facebook já havia sido vítima de ataques virtuais, em janeiro de 2016, que resultaram na derrubada da página em virtude do post que tecia elogios a Amanda Palha, aprovada em primeiro lugar no curso de Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Na manhã de hoje (21), a página do Facebook ‘Feminismo Sem Demagogia’ foi derrubada, depois de denúncias em massa a uma publicação que elogiava Amanda Palha – travesti que passou em primeiro lugar na Universidade Federal de Pernambuco – e que incentivava mulheres trans e travestis a continuar estudando. A página, que reúne 975 mil curtidas, já foi alvo de outros ataques como esse: ‘Sempre desativamos a ‘Feminismo Sem Demagogia’ para evitar a derrubada, mas dessa vez, não conseguimos, porque fomos denunciadas por conteúdo pornográfico. Não tinha nada de pornográfico no nosso post’, coloca Verinha Kollontai, uma das administradoras da página. Segundo ela, a página sempre sofreu ameaças de seguidores de outras páginas, como a ‘Orgulho de Ser Hetero’, todas de cunho machista e homofóbico. No ano passado, porém, a perseguição se intensificou. Em novembro, a ‘Feminismo Sem Demagogia’, assim como a página da youtuber JoutJout foram vítimas de ataques semelhantes. Na época, o Facebook pediu desculpas apenas para JoutJout, dizendo que ‘nossos times trabalham com um alto índice de precisão nas revisões, mas dado o volume de conteúdos na plataforma, mesmo que tentemos manter uma taxa de 99% de acertos, ocasionalmente cometeremos erros’. Verinha, no entanto, questiona a moderação de conteúdos da rede social: “‘Como confiar? Os caras aceitaram denúncia de pornografia e nudez onde não havia. Era apenas postagens de elogios a mulher trans e travestis entrando na faculdade. O aviso que recebemos diz que vamos perder a página se, após pedirmos uma reavaliação, ela não for devolvida’. Ela desconfia da decisão do site, já que ‘não existe outra página de cunho feminista e marxista que seja tão grande e tão expressiva’, enquanto páginas que incitam o ódio, como a ‘Orgulho de Ser Hetero’, são muito comuns – e o Facebook frequentemente não aceita as denúncias dos internautas em posts dessas comunidades (DELCOLLI, 2016, pp. 1-2, grifos da autora).

O relato acima expõe bem os limites e controle das informações mantidas pelos moderadores das redes sociais. Esses, que no geral são homens brancos, misóginos, homofóbicos e detentores de um poder aquisitivo elevado. Tendo essa compreensão a Professora Zelinda considera mais apropriada a utilização do conceito de ativismo digital, por direcionar suas ações a partir das lutas históricas dos movimentos sociais.

[...] a principal diferença do cyberfeminismo em relação ao ativismo digital: enquanto o primeiro não defende bandeiras ou se orienta por ideologias (apesar da insinuação no nome), o ativismo digital marca sua posição no cyberspaço através de sua filiação ideológica, que pode não ser necessariamente de caráter partidário, mas refere-se à defesa de uma causa em torno da qual pessoas e instituições são intencionalmente mobilizadas. A dinâmica do ativismo digital é multidirecional e aponta para a ampliação do alcance das iniciativas, na medida em que tanto permite consolidar a atuação de grupos já atuantes fora do cyberspaço como para os que fazem o movimento contrário, ou seja, iniciam no mundo virtual e se ramificam para organizações dotadas de materialidade geográfica (BARROS, 2010, pp. 7-8).

Compartilhando dessa compreensão é que estamos utilizando ativismo digital para nomear as lutas que as mulheres negras estão imprimindo na internet. A realidade virtual amplia as possibilidades de organização sócio-política das mulheres, favorecendo a utilização desse universo midiático para propagação das pautas feministas. E as novas tecnologias da informação e comunicação, no que concerne à questão racial, apesar do controle externo, também propiciaram avanços.

Se as tecnologias de comunicação não têm sido suficientes para quebrar a lógica do fluxo informativo entre as nações, é inegável que as mídias sociais têm possibilitado visibilidade e reconhecimento dos não representados na mídia convencional, servindo como seu canal de voz e imagem. As emergentes afromídias ou mídias afros são exemplos de mídia social contemporânea de identidade como resultado da fusão de várias tecnologias e tendo principalmente a internet para difundir suas mensagens (como sites, blogs, seguidores twitters, etc.). Elas constituem canais de expressão e visibilidade de e para um público segmentado (o público afro) que tem confrontado com a mídia convencional e dominante, em termos de quebra de padrões de imagem, linguagem e atitudes. Nesse sentido, as novas tecnologias podem ser importantes ferramentas para propósitos sociais como esse (ALAKIJA, 2012, pp. 141-142).

Concordamos com o exposto acima, tendo em vista a importância do feminismo negro nessa arena de disputas, na medida em que apropriadas das experiências típicas de uma

sociedade racialmente desigual, a mulher negra brasileira também tem enfrentado no mundo virtual os conflitos oriundos do racismo e do sexismo.

Sobre esse tema destacamos os resultados da pesquisa realizada pelo sociólogo Luiz Valério Trindade sobre a discriminação racial e discurso de ódio na rede social facebook, cujo resultado indicou que 81% das vítimas são mulheres negras, entre 20 e 35 anos e em ascensão social. Em entrevista a Revista Fórum, ao jornalista Lucas Vasques, publicada em 30 de agosto de 2018, Trindade (2018) informa que.

O estudo revelou que as mulheres negras em ascensão social constituem o grupo mais vulnerável nesse contexto por ultrapassarem o que se chama de ‘linha invisível’, que separa os espaços sociais de privilégio e oportunidades, dos demais de subserviência e inferioridade social e racial. Esse conceito foi cunhado pelo sociólogo negro norte-americano W.E.B. Du Bois em seu clássico livro “The Souls of the Black Folk”, de 1903, e também proferido de forma ligeiramente distinta (porém, mesmo significado) pela atriz negra Viola Davis, em seu comovedor e emblemático discurso ao receber o prêmio de melhor atriz dramática no Emmy de 2015. Em outras palavras, ao ascender socialmente, as mulheres negras brasileiras rompem esta ‘linha invisível’ e frustram a ideologia que nutre a enraizada percepção estereotipada de que elas não são merecedoras de ocupar espaços sociais associados com privilégio, prestígio e visibilidade qualificada. Pelo contrário, de acordo com tal ideologia, elas deveriam estar engajadas unicamente em atividades de baixa qualificação, subserviência e pouca ou nenhuma visibilidade social. Nesse contexto, me recordei que um dos inúmeros posts altamente depreciativos que analisei trazia o seguinte comentário a respeito de uma mulher negra que havia publicado fotos dela e de seu parceiro quando em viagem de férias pela Europa: “O lugar de mulher negra não é viajando pela Europa, mas sim no campo colhendo algodão” (TRINDADE, 2018, p. 3, grifo do autor).

As mulheres negras que ascendem socialmente, infelizmente ainda são minoria, a maioria delas enfrenta os limites socioeconômicos que dificultam a apropriação dos conhecimentos produzidos pelas novas tecnologias, necessários a efetivação de uma incidência política que dê visibilidade às lutas antirracistas e contra as desigualdades de gênero e de classe no mundo virtual. Tornando essa não uma questão menor, mas demonstrando a importância dos esforços que tem sido feitos pelo movimento feminista e feminista negro, considerando que estamos lidando com uma esfera de poder em que o machismo prevalece.

A avaliação da internet como mídia relevante na reversão/disputa da incidência dos meios de comunicação de massa, que reforçam e fortalecem os estereótipos racistas e sexistas,

estimulou a inserção de mulheres negras nas redes sociais, entre outras ferramentas de comunicação virtual, como estratégias de luta do movimento.

As mulheres negras vêm atuando no sentido de não apenas mudar a lógica de representação dos meios de comunicação de massa, como também de capacitar suas lideranças para o trato com as novas tecnologias de informação, pois a falta de poder dos grupos historicamente marginalizados para controlar e construir sua própria representação possibilita a crescente veiculação de estereótipos e distorções pelas mídias, eletrônicas ou impressas (CARNEIRO, 2003, p. 126).

A luta dos movimentos feministas<sup>27</sup> contra a atuação das mídias, no que ela reforça e constrói de modelos estereotipados e de desigualdades de gênero não é nova, no entanto, o uso das tecnologias da informação pelos movimentos feministas para combatê-las e para difundir os pensamentos feministas é mais recente.

[...] um novo fenômeno vem se destacando dentro do feminismo negro, trata-se da inserção de mulheres negras, jovens em sua maioria, fazendo ativismo na internet. São sites e blogs como o Geledés, o Blogueiras Negras, Que Nega é Essa? E outros que através das redes sociais como o facebook e o twitter tem ganhado um alcance maior, visível através do mecanismo de compartilhamento dos textos (OLIVEIRA, 2016, p. 6).

O feminismo negro tem lançado mão do ciberativismo como estratégia de luta contra.

[...] um dos fenômenos mais recentes sobre a questão racial é o espraiamento da discriminação [...] na internet, se, no mundo sensível, o racismo ou injúria racial ainda encontram barreiras para ser identificados como tal, no espaço digital, apesar dos tantos exemplos explícitos de discriminação, percebe-se uma dificuldade ainda maior da aplicabilidade da lei. (MORAES, 2014, pp. 61-62).

O ativismo contra o racismo e o sexismo, não está restrito a difusão do pensamento antirracista, ou do feminismo negro, também há a denúncia como um elemento importante de combate. Segundo dados apresentados no relatório do Instituto da Mulher Negra–Geledés, do ano de 2016, intitulado *Situação dos Direitos Humanos das Mulheres Negras no Brasil: violências e violações* houve aumento das denúncias de racismo cometidas na internet.

---

<sup>27</sup> Usamos o plural por reconhecer a diversidade que compõe o movimento feminista.

Segundo a SaferNet Brasil, entidade que atua no combate aos crimes contra os direitos humanos na internet, as denúncias de racismo na internet cresceram 81% na comparação entre o primeiro semestre de 2013 e 2014. Os dados revelam que de janeiro a junho de 2013, foram feitos 32.533 registros desse tipo de violação, enquanto em período equivalente de 2014, o número saltou para 59.083. O levantamento da ONG (organização não governamental), que tem acordos de cooperação com a Polícia Federal e o Ministério Público Federal, mostrou também um detalhe interessante: embora neste ano haja mais denúncias, a quantidade de páginas (URLs) envolvidas foi menor: 5.732. Já em 2013, foram 7.953 sites (GELEDÉS, 2016, p. 37).

Os dados apresentados pelo relatório trazem à tona o racismo no Brasil, materializam sua existência, abalam as sutilezas e possíveis dúvidas alimentadas pelo mito da democracia racial. Não raramente as mulheres negras são as principais vítimas de comentários de ódio nas redes sociais, no entanto, é crescente o número de mulheres que faz a denúncia sobre o racismo virtual, além de mobilizar outras mulheres para esta ação.

Um excelente exemplo de mobilização foi a campanha intitulada: *Racismo Virtual, As Consequências são reais*, realizada no ano de 2015, pela ONG - Organização Não-Governamental - CRIOLA.

[...] Com Slogan ‘Racismo virtual. As consequências são reais’, a campanha promovida pela ONG Criola, organização da sociedade civil que atua pela defesa e promoção de direitos das mulheres negras, transforma comentários racistas no Facebook em peças de mídia exterior nas regiões onde vivem os ofensores. [...] A estratégia da campanha é tirar o racismo da internet e expô-lo na rua para que a população conscientize-se dos danos destes atos na internet. As primeiras cidades que receberam a campanha foram Americana (SP), Feira de Santana (BA), Recife (PE) e Vila Velha (ES). Nos outdoors, são expostos os posts com a injúria racial, mas é preservada a identidade do agressor (MASSALI, 2015, p. 2, grifo da autora).

Criada após os ataques racistas sofridos pela jornalista Maria Júlia Coutinho, a campanha teve projeção internacional. Outra iniciativa da mesma ONG é a formação da Rede de Ciberativistas Negras, como parte do projeto *Mulheres negras fortalecidas na luta contra o racismo* e, que de acordo com o site da organização tem:

[...] o objetivo de fomentar a construção de uma rede nacional de mulheres negras ciberativistas em defesa da vida e dos direitos das mulheres negras. Além de pensar estratégias sobre o uso de ferramentas online para o fortalecimento de ações em defesa dos direitos humanos das mulheres negras (CRIOLA, 2018).

A participação da juventude nessas iniciativas é salutar. Prova disso foi a participação das Youtubers Negras, em evento promovido pela ONU Mulheres, em março de 2017, referente à Década Internacional do Afrodescendente (2015-2024), em que é reconhecida a importância da internet no combate ao racismo e ao sexismo.

A visibilidade é um ponto-chave para as mulheres negras de todas as idades, incluindo as do presente, futuro e as do passado, que lutaram pela liberdade e pela garantia de sobrevivência do povo negro. O racismo e o sexismo apagam as contribuições das mulheres negras para o desenvolvimento do país, ao mesmo tempo em que encobrem as violações de direitos humanos das mulheres negras, impedindo o fim das desigualdades com base na raça, gênero e outras formas de opressão e de discriminação, afirma Nadine Gasman, representante da ONU Mulheres Brasil [...] Conquistando espaço – A internet se consolidou como o espaço comunicativo que acolhe temas que normalmente não são absorvidos pela mídia hegemônica. Nos últimos anos, uma profusão de sites, páginas em redes sociais, revistas digitais, blogs e canais de vídeo online têm produzido novas narrativas em contraponto ao racismo e à invisibilidade da população negra (ONU MULHERES, 2017, pp. 2-3).

Em dezembro de 2013, o blog Blogueiras Negras postou o texto *As 25 Negras Mais Influentes da Internet*, que teve 93.891 visualizações. Nessa lista constam os nomes de Luh Souza responsável pelo *História Preta Fatos e Fotos*, Jaqueline Gomes de Jesus, Fernnandah Oliveira, Pretas Candangas, Carla Ferreira das *Indiretas Crespas*, Silvia Nascimento do *Portal Mundo Negro*, Monique Evelle criadora do *Desabafo Social*, Eliane Oliveira, Maria Rita Casagrande do *True Love*, Leila Negalaize Nz, Alê Mattos da *Preta e Gorda*, Mara Gomes da página *a Mulher Negra e o Feminismo*, Sueli Feliziani, Cidinha da Silva, As Comunicadoras Negras, Jéssica Ipólito do blog *Gorda e Sapatão*, Meninas Black Power, Djamila Ribeiro, Jurema Werneck, dentre outras importantes referências. Através desse post é possível obter um panorama das ativistas digitais negras em atuação e da diversidade de ferramentas virtuais que utilizam são blogs, portais, facebook, site, twitter e vlogs.

As ativistas digitais são mulheres jovens. O que parece estar em conformidade com os dados publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no dia 21 de fevereiro de 2018, onde consta a informação que em 2016, 116 milhões de pessoas no Brasil (64,7%) estão conectadas na internet, sendo os jovens entre 18 a 24 anos (85,0%) a maioria das pessoas que estão online, e foram as mulheres (65,5%) em relação aos homens (63,8%) que mais acessaram a realidade virtual (GOMES, 2018). A pesquisa informa que o acesso tem ocorrido principalmente através de aparelhos celulares e a atividade mais realizada (94,6%) é

troca de mensagens. Esses dados demonstram que tem crescido gradativamente o acesso a realidade virtual no Brasil. Nesse sentido, as jovens negras têm feito os esforços para através do ativismo digital, contribuir de forma indispensável com as lutas antirracistas e desigualdades de gênero e classe.

Nesse interesse, e após termos traçado a trajetória de mulheres negras e suas contribuições para a continuidade pelas novas gerações do enfrentamento das opressões, no próximo tópico procederemos com a análise das informações advindas do blog *Blogueiras Negras*. Por meio dos posts descritos no blog e comentários dos internautas sobre os mesmos pretendemos identificar as formas como a internet tem sido instrumento de discursos de contrapoder, a partir de narrativas sobre a mulher negra brasileira, produzidas pelas mesmas no enfrentamento do racismo e sexismo.

## 4.2 RACISMO E SEXISMO NA INTERNET

No presente tópico discorreremos sobre o processo da pesquisa e seus respectivos resultados. É importante que se diga que essa não foi uma trajetória simples, pois os conhecimentos sobre as novas tecnologias da informação e da comunicação estão em constante aprimoramento tornando necessário ao nosso percurso da pesquisa, uma sintonia com essas alterações.

A motivação para a pesquisa nasce da leitura de reportagens sobre comentários de ódio de teor racial e de nossa participação nos debates da Rede de Mulheres Negras de Pernambuco, em coletivos de mulheres negras e de conversas com coletivos que tratam do ativismo digital negro.

Embasadas nos conhecimentos advindos do feminismo negro, no que concerne as críticas relacionadas às práticas racistas e sexistas que buscam a manutenção da subalternidade das mulheres negras, desenvolvemos nossas análises nele fundamentadas e na abordagem da Análise Crítica do Discurso (ACD) de Teun A. van Dijk. Isso, tendo em vista que o autor realizou estudos profícuos sobre o racismo e mídia, a partir da ACD, tornando-se uma referência nessa área, contribuindo para a compreensão da problemática da pesquisa.

### 4.2.1 Na trilha do conhecimento: os caminhos da pesquisa

Como mulher negra, a vivência diária com o racismo e sexismo e suas consequências marca nossa trajetória, por integrar nossa experiência na vida. Nossas motivações para o estudo são pessoais e coletivas, bem como tem rebatimentos na produção de conhecimentos.

Desse universo de vivências, nossa atenção se voltou para as notícias sobre racismo que foram propagadas de modo mais recente pelas diferentes mídias, sobretudo a digital, em virtude da ferocidade dos comentários proferidos pelos internautas, principalmente quando a notícia tinha como foco a imagem de mulheres negras.

Os comentários demonstravam no nosso entendimento, que o racismo e sexismo estavam sendo explicitados, de uma forma diferente de outras épocas da história do Brasil. Se outrora, a admissibilidade do racismo pelos seus praticantes e sua comprovação era extremamente difícil de ser efetuada (graças à prevalência do mito da democracia racial, em que, não raramente o racismo era disfarçado/justificado como uma brincadeira, uma compreensão equivocada da vítima, dentre outros argumentos), atualmente, torna-se por meio de comentários de ódio na internet sua comprovação persistência, violência e a intrínseca vinculação ao sexismo, inegável. Observo que as mulheres negras são alvo constante dessas práticas, conforme exemplifica a imagem abaixo.

Imagem 4 - Comentários de ódio: Taís Araújo



Fonte: Facebook/Reprodução

A mulher negra cuja imagem motivou os comentários acima é da atriz brasileira Taís Araújo que se destaca nas produções televisiva e cinematográfica nacional e também na denúncia das difíceis condições sociais e raciais que atinge o povo negro. Apesar de sua reconhecida trajetória profissional, a atriz não foi poupada dos discursos racistas. A partir desse exemplo fomos estimuladas a raciocinar sobre as motivações dos ataques, e provisoriamente concluímos que a citada atriz parece representar um conjunto de mulheres negras que *estão fora do lugar*. O que queremos dizer com isso? São mulheres que tem prestígio social, o que não é comum numa sociedade marcada pelo racismo, habituada a ver essas mulheres em condição de subalternidade. Elas são ameaça aos privilégios brancos aqui estabelecidos, pois passam a ocupar espaços na sociedade outrora ocupados apenas por pessoas brancas. Mas não só isso, pois também identificamos que mulheres negras desconhecidas do público em geral, também se tornaram alvo dessas práticas.

Imagem 5 - Comentários de ódio: Cristiane Damacena



Fonte: Facebook/Reprodução

A jovem da imagem acima é a jornalista Cristiane Damacena vítima de ataques racistas, após inserir a foto acima, em seu perfil numa rede social.

Procurada pelo **G1** nesta terça (5), Cristiane disse que foi aconselhada pelos advogados a não dar entrevista, mas que está buscando ‘todas as medidas jurídicas cabíveis’ contra os agressores. O caso ganhou repercussão na internet e, até a noite desta terça, a foto já tinha 19 mil curtidas, 13,6 mil comentários e 484 compartilhamentos. Os primeiros comentários com teor racista foram publicados em 29 de abril, um dia antes da denúncia. Nos textos, os usuários chamam a jornalista de ‘macaca’ e ‘escrava’ e dizem que o vestido amarelo ‘lembra a banana pra ela’ (RODRIGUES, 2015, p. 1, grifos do autor).

Os exemplos expostos demonstram as potencialidades do estudo na explicitação dos fenômenos em análise. Sendo assim, avaliamos pertinente efetivar a pesquisa na internet, considerando, dentre outros fatores, que as informações contidas no ciberespaço são de domínio público, favorecendo o acesso e evitando incorrer em problemas éticos. O que não significa estar desatenta a essa importante esfera da pesquisa científica, em respeito a todas as vidas envolvidas.

Entendemos que a internet é um veículo midiático interessante ao estudo, por ter se tornado mundialmente relevante na propagação de ideias e, por conseguinte, na formação de opiniões, mas também por existir certo conforto na exposição dessas ideias, uma vez que a instauração do conflito não põe os opositores face a face, com isso há uma sensação de proteção no exercício de transgressões de toda natureza e mesmo na prática de crimes (como o crime racial) expostos nas redes sociais e em meio virtual.

No que diz respeito ao processo de análise, a abordagem teórico-metodológica da análise crítica do discurso (ACD), ou análise de discurso crítica (ADC), que conforme informa Magalhães (2005): “[...] estuda textos e eventos em diversas práticas sociais, propondo uma teoria e um método para descrever, interpretar e explicar a linguagem no contexto sociohistórico” (p. 3). Tal abordagem tem em Teun. A. van Dijk uma referência da ACD.

A ADC é [...] um campo disciplinar reconhecido internacionalmente pelo trabalho sistemático de diversos estudiosos: Fairclough, numa série de obras (Fairclough 1989, 1992, 1995b, 2000, 2003); Wodak 1996; Chouliaraki e Fairclough 1999; van Dijk 1985, 1986, 1998. [...] Van Dijk tem contribuído para o debate da ADC como organizador de Discourse and Society, um periódico internacional de peso na área [...] Além de Handbook of Discourse Analysis (1985) van Dijk publicou sobre o discurso da mídia (1986), e sobre racismo e ideologia (1998) (MAGALHÃES, 2005, pp. 3-4).

Identificamos que as contribuições de van Dijk, no campo das relações raciais são significativas, considerando que seus estudos relacionados ao discurso, mídia e racismo possibilitam a compreensão das formas discursivas utilizadas para manutenção dos privilégios raciais brancos. Nesse sentido, refletimos que podemos alcançar melhores resultados, uma vez que o racismo é um dos conceitos chave, e no campo dos estudos críticos do discurso (ECD) sobre racismo ele é o pesquisador de referência. O autor argumenta que no ECD existe um enfoque especial.

[...] os ECD se concentrarão, em geral, naqueles sistemas e estruturas da fala ou da escrita que podem variar em função de condições sociais relevantes do uso linguístico, ou que podem contribuir para consequências sociais específicas do discurso, tais como influenciar as crenças e ações sociais dos ouvintes e leitores. Mais especificamente, os ECD preferem focar aquelas propriedades do discurso que são tipicamente associada com a expressão, a confirmação, a reprodução ou o confronto do poder social do(s) falante(s) ou escrito(es) enquanto membros de grupos dominantes (VAN DIJK, 2017, p. 14).

O autor analisa o texto no seu contexto social, histórico, político, cultural, ideológico. Ou seja, não é uma análise dissociada dos fenômenos macrossociais.

Uma coisa é estudar formalmente, por exemplo, os pronomes, as estruturas argumentativas ou os movimentos de interação conversacional, e outra coisa bem diferente é fazê-lo com igual rigor como parte de um programa de pesquisa mais complexo que mostra como tais estruturas podem contribuir à reprodução de racismo e sexismo na sociedade (VAN DIJK, 2017, p. 16).

Ficam nítidas dessa forma, as contribuições da ACD em relação a análise do discurso tradicional, pois é relevante para tratar de problemas sociais como o racismo e sexismo que são relação de poder, que estão em disputa discursivamente.

Na apresentação do livro *Discurso e Poder* lê-se que autor em epígrafe, através da ACD “conclui que as elites simbólicas, que têm acesso privilegiado aos discursos públicos, também controlam a reprodução discursiva da dominação da sociedade” (VAN DIJK, 2017, p. 7). Essa afirmação demonstra que a sociedade está sob controle de grupos dominantes, representados pelas elites simbólicas<sup>28</sup> que decidem em tempo integral o que podemos ou não

---

<sup>28</sup> As elites simbólicas são identificadas pelo autor como sendo aqueles que exercem o poder simbólico (não fazem uso da coerção física, mas sim da persuasão, sedução, doutrinação e manipulação de pessoas). São eles: “políticos, jornalistas, escritores, professores, advogados, burocratas e todos os outros que têm acesso especial ao

acessar de informação. Isso é poder, porém não é qualquer poder. De acordo com o autor os estudos críticos do discurso “não estão meramente interessados em qualquer tipo de poder, mas especificamente se concentram no abuso de poder, isto é, nas formas de dominação que resultam em desigualdades e injustiças sociais” (VAN DIJK, 2017, p. 10).

Esse nos parece o caminho metodológico coerente para a pesquisa, vez que no Brasil as desigualdades e injustiças são intensas. Dentre elas, focamos na desigualdade racial e de gênero, retroalimentada por uma mídia comprometida com o fortalecimento diário de um discurso racializado de exaltação da branquitude veiculadas nas diversas mídias, com a prevalência de pessoas brancas nos programas de TV, e também por uma participação feminina subalterna, em que o aparente protagonismo delas está quase sempre vinculado a figura masculina, que no caso das telenovelas ao final das histórias, no geral, associa a felicidade da mulher ao casamento com um homem, o que no nosso entendimento associa a felicidade ao casamento e filhos(as). Nada contra esse formato, mas tudo contra a apenas esse formato de relações, por restringir as possibilidades de se viver e relacionar no mundo. Além disso, os estudos críticos do discurso são importantes, em nossa análise, por levar em consideração a perspectiva e interesses dos grupos dominados.

Estudos de Discurso, mais especificamente, podem ser definidos como ‘críticos’ se satisfazem um ou vários dos seguintes critérios, em que ‘dominação’ significa abuso de poder social por um grupo social: Relações de dominação são estudadas principalmente da perspectiva do grupo dominado e do seu interesse. As experiências dos (membros de) grupos dominados são também usadas como evidências para avaliar o discurso dominante. Pode ser mostrado que as ações discursivas do grupo dominante são ilegítimas. Podem ser formuladas alternativas viáveis aos discursos dominantes que são compatíveis com os interesses dos grupos dominados. Esses pontos claramente implicam que estudiosos dos ECD não são ‘neutros’, mas se comprometem com um engajamento em favor dos grupos dominados na sociedade (VAN DIJK, 2017, p. 15, grifos do autor).

Mulheres negras são integrantes dos grupos dominados e constantemente vítimas de discursos racistas e preconceituosos, conforme já evidenciado no capítulo anterior, assim reiteramos a pertinência da ACD para nossa pesquisa.

Para tanto, é salutar destacar que no livro citado van Dijk realiza uma explicação detalhada do funcionamento das formas como as elites simbólicas controlam o *acesso* ao

---

discurso público, ou os diretores empresariais que indiretamente controlam tal acesso, por exemplo, como donos de impérios da mídia” (VAN DIJK, 2017, p. 23).

discurso, sugerindo que sejam realizados questionamentos tais como: quem está sendo regulado por aqueles que estão no poder? Quem produz, organiza, controla o acesso a informação/notícias? O discurso de quem é aceito? Como as elites também exercem o *controle do discurso* (o que pode ser dito, como pode ser dito, como deve ser formulado, e quais atos de fala devem ser realizados, de que forma e como são organizados esses atos na interação social) e o *controle da mente* das pessoas. Esse último descrito da seguinte forma.

Para cada fase do processo de reprodução [do poder social]<sup>29</sup> precisamos de uma análise discursiva, social e cognitiva detalhada e sofisticada [...] O ‘controle da mente’ envolve muito mais que apenas a compreensão da escrita ou da fala; envolve também conhecimento pessoal e social, as experiências prévias, as opiniões pessoais e as atitudes sociais, as ideologias e as normas ou valores, entre outros fatores que desempenham um papel na mudança da mentalidade das pessoas. Uma vez que temos uma melhor visão desses complexos processos e representações cognitivos, talvez seremos capazes de mostrar, por exemplo, como reportagens tendenciosas sobre imigrantes podem levar à formação ou confirmação de preconceitos e estereótipos, que por sua vez, podem levar a – ou serem controlados pela formação de – ideologias racistas, as quais, por sua vez, podem ser usadas para produzir novas escritas ou falas tendenciosas em outros contextos, que finalmente podem contribuir à reprodução discursiva do racismo (VAN DIJK, 2017, p. 20, grifos do autor, grifo nosso).

Esse processo, que resulta na reprodução discursiva do poder social, somente é possível ocorrer, de acordo com autor, através do estabelecimento da relação entre os conceitos de discurso-cognição-sociedade, sendo esse o esquema teórico que orienta suas pesquisas. Mas não somente eles informam que história e cultura (integrantes da dimensão social), também são essenciais para compreensão dos fenômenos societários, considerando que é preciso que os estudos críticos do discurso examinem as mudanças na reprodução discursiva do poder para identificar se ocorreram ou não alterações nas relações fundamentais de poder e analisar se os discursos estão sendo influenciados pelas experiências transculturais das sociedades contemporâneas (VAN DIJK, 2017).

Ainda no que concerne à dinâmica discurso-cognição-sociedade o autor revela que o processo de interação entre o discurso e a estrutura social não é automático “[...] não há uma influência direta da estrutura social sobre a escrita ou a fala [...] a cognição pessoal e social

---

<sup>29</sup> Esse trecho entre colchetes não consta da citação original. Incluímos o trecho na citação para tornar compreensível de que reprodução está se falando.

sempre medeia a sociedade ou as situações sociais e o discurso (VAN DIJK, 2017, p. 26). Ou seja, é preciso a mediação da cognição para que as ideologias racistas se consolidem na sociedade, pois a sociocognição é um produto da coletividade e expressão daquela determinada sociedade.

[...] o objetivo da análise das estruturas discursivas é não apenas examinar as características detalhadas de um tipo de prática social discriminatória, mas também, em especial, obter uma compreensão mais profunda do modo como os discursos expressam e manejam nossas mentes. É especialmente essa interface discurso-cognição que explica como as ideologias e os preconceitos étnicos são expressos, transmitidos, compartilhados e reproduzidos na sociedade (VAN DIJK, 2017, p. 138).

A análise das estruturas discursivas (estruturas não verbais, sons, sintaxe, léxico, significado local e global do discurso. Esquemas – formas convencionais de organização global do discurso. Dispositivos retóricos, atos de fala e interação) está associada a micro e macro análise do contexto social, sobretudo tendo em vista que “Se as formas mais influentes de racismo vêm de cima, é também por lá que as mudanças devem começar” (VAN DIJK, 2017, p. 140).

Exemplo disso pode ser identificado em entrevista veiculada pelo site Brasil247, em outubro de 2016, intitulada: *Mídia usou seu poder para legitimar o golpe, diz referência mundial da análise do discurso*– nela van Dijk relata sobre a manipulação da mídia e a importância da análise crítica do discurso para desvelar esse fenômeno. A citação a seguir é longa, mas necessária para exemplificação das formas como a ACD contribui para descortinar as formas como as elites simbólicas, no caso as pessoas que representam a mídia hegemônica, exercem o poder social, por meio do controle do acesso as informações públicas, através da manipulação do que é publicizado.

**O senhor afirma que existem dois tipos de manipulação: a micromanipulação e a macromanipulação. Qual a diferença entre elas? Como elas agem?** De maneira geral, a manipulação é um ato discursivo ilegítimo de uma organização ou instituição dominante para controlar, segundo seu próprio interesse, a mente de pessoas. A manipulação macro aparece tanto nos discursos da mídia como nos discursos políticos. Já a manipulação micro figura nas palavras e orações, podendo ser analisada no plano local de cada discurso. **Como a mídia pode utilizar seus discursos para manipular as pessoas?** Existem muitas estratégias discursivas que podem ser usadas, como o uso de léxico muito negativo. No caso do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, pudemos observar o uso de números para exagerar o tamanho das manifestações contra o PT e contra a

Dilma, a apresentação de suspeitas e acusações como fatos concretos, a celebração de que a "rua" era a favor do impeachment – desconsiderando a parcela da "rua" que protestava contra o golpe – e o jogo das noções de legalidade e ilegalidade – ao dizer, por exemplo, que alguns grampos telefônicos eram legais e outros não. O Globo utilizou muitas estratégias para fazer essa manipulação. Ele fez uma demonização seletiva do PT, do ex-presidente Lula e da ex-presidente Dilma Rousseff. A corrupção divulgada de forma seletiva pelo jornal legitimava o impeachment e as manifestações da classe média conservadora, deslegitimando a acusação de que o processo era um golpe. Os jornais brasileiros usaram o seu poder e monopólio informativo para legitimar um golpe político de direita. **Qual a importância da análise do discurso como ferramenta para controle e entendimento do poder da mídia?** A análise crítica do discurso é uma ferramenta muito útil em muitas disciplinas humanas e sociais. Ela serve como objeto de resistência e crítica à manipulação da mídia, da política e do comércio (MACIEIRA, 2016, pp. 1-2 grifos do autor).

Lembramos que a internet é um formato de mídia, e sendo assim, também é suscetível de manipulação. É o ambiente onde o racismo tem assumido novas configurações tornando a incidência dos movimentos de mulheres negras essencial para o exercício do contrapoder.

Nessa seara, nas pesquisas sobre o racismo o autor analisou as estratégias discursivas que buscam isentar o racista de suas práticas e responsabilizar as vítimas. São as diferentes estratégias de negação do racismo que residem na autorepresentação positiva de Si e representação negativa do “Outro”.

O discurso racista e, de forma mais geral, o discurso ideológico dos membros de um grupo (endogrupo), por exemplo, tipicamente enfatizam, de várias maneiras discursivas, as características positivas de Nosso próprio grupo e seus membros, e as (supostas) características negativas dos Outros, o grupo de fora (exogrupo). Os autores podem fazer isso ao selecionar tópicos especiais, como o tamanho ou a cor das manchetes, o uso de fotografias e cartuns, por gestos ou ao escolher itens lexicais especiais ou metáforas, por argumentos (e falácias), ao contar histórias, e assim por diante. Percebemos que é uma estratégia geral envolvida na reprodução discursiva (por exemplo, racista ou sexista) de dominação, a saber, a polarização endogrupo-exogrupo (exaltação do endogrupo *versus* derrogação do exogrupo), pode ser realizada de várias formas e em muitos níveis do discurso. Nesse tipo de análise, estruturas discursivas polarizadas desempenham um papel crucial na expressão, na aquisição, na confirmação e, portanto, na reprodução da desigualdade social (VAN DIJK, 2017, p. 14).

Em nossa análise, também, mas não só, buscamos identificar esses movimentos de negação do discurso racista, ainda que tenhamos extraído as informações do estudo, em site “controlado” por mulheres negras, que não estão isentas de ataques. Considerando que a ausência de controle na divulgação dos discursos é apenas uma aparência do real.

[...] É verdade que a mídia de ‘massa’ tem se diversificado em um grande número de mídias alternativas, mídias de “nichos” especiais e, especialmente, as vastas possibilidades da internet, dos telefones celulares e de seus usos mais individuais das notícias, do entretenimento e de outros ‘conteúdos’. Os leitores e os espectadores podem ter se tornando mais críticos e independentes. Mesmo assim, mais análises críticas são necessárias para descobrir se essa diversidade de tecnologias, mídias, mensagens e opiniões faz com que o cidadão seja melhor informado e capaz de resistir à manipulação através de mensagens que aparentam ser direcionadas pessoalmente para ele – mas que poderia implementar muito bem as ideologias dominantes que não mudaram muito. A ilusão de liberdade e diversidade pode ser uma das melhores maneiras de produzir hegemonia ideológica que servirá aos interesses dos poderes dominantes na sociedade, incluindo as empresas que fabricam essas próprias tecnologias e seus conteúdos midiáticos e que por sua vez, produzem tal ilusão (VAN DIJK, 2017, pp. 20-21).

É o que Castells (2013) também nos alerta. O poder das elites simbólicas, dos grandes conglomerados midiáticos está presente, mas ainda assim, os movimentos de resistência são fundamentais, com as mulheres negras desempenhando tarefa significativa na geração de novos discursos e sentidos para o enfrentamento do racismo e sexismo.

Daí a relevância em revelarmos que no decorrer da pesquisa, fizemos *achados* importantes, a exemplo de quando tomamos conhecimento, através da rede de mulheres negras de Pernambuco do lançamento da rede de cibertativistas em Pernambuco, ocorrido no dia 12 de julho de 2017, que teve como facilitadoras: Beca Nascimento (Canal Beca com Cê) e Larissa Santiago (Blogueiras Negras). O lançamento teve como objetivo:

Visibilizar denúncias e violação dos direitos, estimulando a geração de respostas à vulnerabilidade das mulheres negras no Brasil, de modo que essas ações resultem em mudanças nas políticas públicas que afetam a vida das mulheres negras e intensifiquem os processos participativos (CRIOLA, 2017, p. 1).

Nessa oportunidade, as facilitadoras destacaram a importância do lançamento da rede e revelaram ao público presente os ataques que vitimam as ativistas digitais negras que “contestam narrativas racistas e sexistas no âmbito online e offline”. Essa foi a primeira vez que tivemos contato com a jovem Larissa Santiago, uma das moderadoras do Blogueiras Negras e importante ativista digital. A partir desse momento, mantivemos contato com o fito de ampliar o diálogo e informar nosso interesse em utilizar os posts descritos no blog como corpus da pesquisa.

No evento 13º Mundos de Mulheres & Fazendo Gênero 11, ocorrido em agosto de 2017 na cidade de Florianópolis, tivemos nova oportunidade de contato, agora presencial com Larissa Santiago e de exposição detalhada do nosso estudo e seus objetivos, e obtivemos autorização provisória<sup>30</sup> para o desenvolvimento da pesquisa no blog. Esse foi um passo importante, considerando as dificuldades de delimitação da pesquisa, diante de possibilidades diversas e também a trajetória, empenho e dedicação das integrantes do blog na construção e manutenção do site, bem como os conteúdos nele presentes que abordam questões do racismo e sexismo de forma salutar.

Adiantamos que no blog identificamos muitos posts sobre a questão racial e o sexismo, oportunidade em que depois de estabelecidos os critérios de seleção para identificação do corpus da pesquisa; procedemos com a análise crítica dos discursos e seus sentidos, conforme será possível vislumbrar no decorrer do capítulo.

O período que selecionamos para identificação dos posts publicados no blog se encontra inserido entre os anos de 2013 e 2017, que se refere ao início das atividades virtuais do blogueiras negras e o tempo final que estabelecemos no calendário para obtenção das informações para a pesquisa. Nesse interstício de tempo, relembramos que foram adotados novos rumos na política brasileira, a partir da destituição do poder executivo central da Presidenta Dilma Rousseff, gerando perdas políticas significativas no campo de lutas das mulheres negras. Avaliamos ainda que nesse período os avanços e retrocessos no campo das relações raciais e de gênero, se intensificam, levando-nos a compreensão de que podemos obter informações significativas ao estudo.

Sobre o Blogueiras Negras, pode-se encontrar descrito no blog, no link – SOBRE, que a mesma tem sua fundação associada ao projeto Blogagem Coletiva da Mulher Negra que impulsionou a elaboração de material escrito, relacionando o dia da consciência negra (20 de novembro) e o dia internacional de combate à violência contra as mulheres (25 de novembro). O sucesso da empreitada possibilitou a organização dessas mulheres para uma consolidação da experiência anterior de forma que no dia 08 março de 2012 fundaram o Blogueiras Negras. É uma comunidade que possui mais de 1.300 mulheres com a atualização das informações no

---

<sup>30</sup> A autorização foi confirmada no dia 13 de setembro de 2017, através da assinatura da Carta de Anuência. Registramos que apesar das informações do blog se encontrar em domínio público, tomamos esse cuidado, por respeito as moderadoras e, em virtude de também precisarmos acessar os comentários não publicados no blog, por decisão das moderadoras para preservação da segurança das autoras, considerando que são comentários cujos conteúdos de ódio não são aprovados.

blog ocorrendo cinco vezes por semana e formado por um universo de aproximadamente 200 autoras.

O Blogueiras Negras é construído por uma comunidade de mulheres comprometidas com gênero e raça. Este grupo reuniu-se e institucionalizou em um site ([blogueirasnegras.org/](http://blogueirasnegras.org/)), que reúne e estimula a produção para veículos de comunicação independentes produzidos por e para mulheres negras. Estamos trabalhando com histórias de vida e interesses diversos; juntando esforços em torno de questões da negritude, do feminismo e da produção do conteúdo (BLOGUEIRAS NEGRAS, 2018, p. 1).

É importante evidenciar como que as mesmas se autodenominam.

[...] um instrumento de publicação que tem como principal objetivo aumentar visibilidade da produção de blogueiras negras [...] A missão primeira do Blogueiras Negras é o fomento à escrita através da publicação de conteúdo feito por e para mulheres negras, sujeitas de suas próprias existências e narrativas, com o objetivo de interferir nas esferas públicas e privadas por meio a denuncia ao racismo, machismo, classismo e opressões afins, de modo que o combate ao epistemicídio seja nada menos que ferramenta política (BLOGUEIRAS NEGRAS, 2018, p. 1).

Pelo exposto é nítido os esforços de organização de jovens negras na utilização da realidade virtual para a criação de espaços que possam promover a visibilidade da produção de mulheres negras e, possibilite atuar como instrumento que permita que elas evoquem e provoquem conteúdos que possam incidir nas esferas públicas e privadas. Torna-se ainda mais relevante, quando temos conhecimento que na mídia tradicional prevalece a censura ao discurso dessas mulheres, na medida em que, são praticamente inexistentes suas presenças críticas nesse tipo de mídia.

A gestão do blog é efetuada por uma coordenação atualmente formada pela Charô Nunes e a Larissa Santiago, e por ser um site colaborativo possui uma equipe de facilitadoras responsáveis por tudo que diz respeito ao mesmo. No que concerne a linha editorial descrevem no FAQ que o blog tem “como espinha dorsal o feminismo negro interseccional e a experiência da mulher negra” (BLOGUEIRAS NEGRAS, 2018, p. 2). Nessa perspectiva, as diferentes opressões são retratadas pelo prisma da mulher negra (acadêmicas e não acadêmicas) através de suas vivências. É um discurso em primeira pessoa, sem intermediários, possibilitando que elas expressem com fidedignidade suas histórias e opiniões.

Entretanto, as editoras do blog se revelam contrárias às publicações de conteúdos que estão em desacordo com a linha editorial e no link citado relatam.

Nos reservamos o direito de não publicar material de cunho transfóbico, racista, machista, classista, ageísta (de idade), sexista, capacitista, lesbo-homo-bifóbico, cissexista, gordofóbico e quaisquer outras formas de preconceito e opressão porque não compactuamos com nenhuma dessas formas de agressão. Práticas como culpar a mulher pelo machismo, o negro pelo racismo ou o gordo pela gordofobia não serão toleradas (BLOGUEIRAS NEGRAS, 2018, p. 4)

Esse é um posicionamento importante que não deixa dúvidas sobre a finalidade do blog. Não se tem interesse em publicizar comentários de ódio, ou conteúdos agressivos, até mesmo porque em nada contribuem para as discussões apresentadas pelas autoras das postagens. No link política de comentários, as blogueiras negras deixam descritos seus posicionamentos sobre o assunto.

Os critérios para aprovação dos comentários são: 1. discussão estrita de assuntos relacionados ao post; 2. não conter material publicitário de qualquer natureza; 3. não ser excessivamente longo, prática conhecida como overkill; 4. não conter ameaças, ofensas, insultos ou agressão de qualquer natureza, explícita ou não, dirigidas às autoras desse blog ou a outros comentaristas; 5. não devem constituir qualquer tipo de crime ou prática indecorosa como racismo, xenofobia, sexismo, homofobia, transfobia, misoginia, preconceito de classe, culpabilização da vítima, etc; 6. não devem reproduzir artigos, reportagens e/ou textos na íntegra; 7. não devem ser repetidos; 8. não devem revelar informação de cunho pessoal de outros comentaristas; 9. não devem caracterizar prática explícita de trollagem: postagens exaustivas, mensagens polêmicas que pretendam testar a paciência dos interlocutores, a prática do desfile intelectual, repetição de falácias e/ ou postagem duvidosa (BLOGUEIRAS NEGRAS, 2018, p. 1).

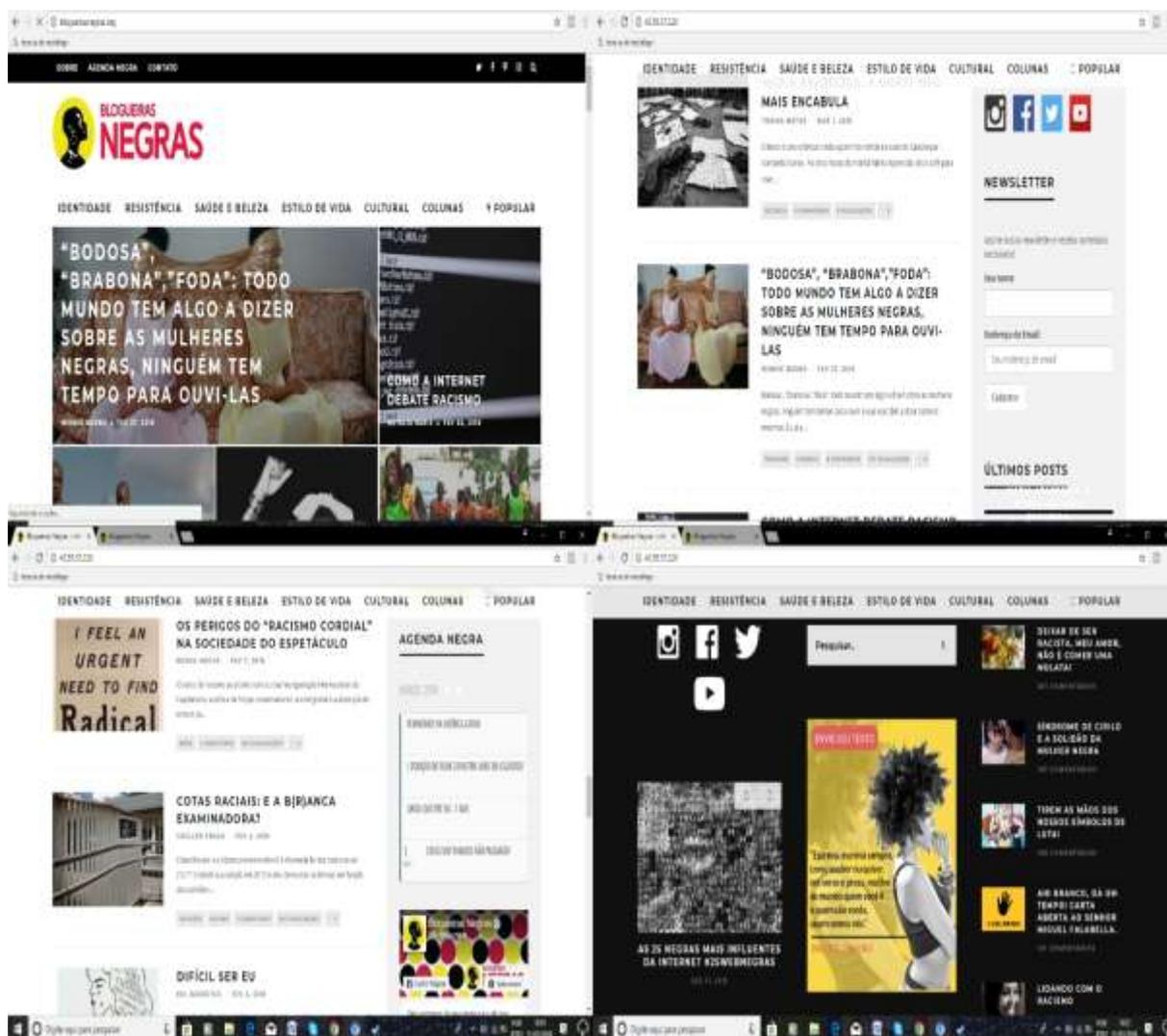
Como também temos interesse nesse estudo, em analisar os comentários associados às postagens selecionadas, é fundamental o esclarecimento de que no blog se encontram publicados apenas o que as moderadoras, após análise avaliam pertinente e, de acordo com a linha editorial. Em relação aos demais comentários, aqueles que estão em desacordo com o proposto pelo blog, são enviados para o tumblr<sup>31</sup> das blogueiras.

---

<sup>31</sup> Tumblr “[...] é uma mistura da timeline do Twitter com o conteúdo de um blog e é voltado especialmente para os conteúdos visuais, como fotografias, ilustrações e vídeos. Ele se destaca por ser muito rápido de configurar e bastante descomplicado na hora do uso” (NEMES, 2012, p. 1).

No que concerne a estética do blog e as informações nele expostas, consideramos que o mesmo foi organizado de forma a facilitar o acesso aos diferentes links, conforme abaixo.

Imagem 6 - Página inicial: Blogueiras Negras



Fonte: Blogueiras Negras/Reprodução

Na imagem 6<sup>32</sup> podemos visualizar a forma como se encontram organizadas as informações na página inicial do blog. Acima à esquerda podemos identificar a logomarca, constituída pela imagem de uma mulher negra, em pose lateral e face ereta, que indica

<sup>32</sup> Informamos que a imagem da página inicial do blog sofreu alterações, após o homicídio de Marielle Franco, parlamentar do estado do Rio de Janeiro, mas no período da pesquisa (setembro de 2017 a abril 2018 a imagem do blog é a que figura no texto da tese.

presença e força além de chamar a atenção ao fenótipo da mulher de características negras. Outro aspecto em destaque é a palavra NEGRA, escrita com letras maiúsculas enfatizando quem é o sujeito principal do blog, transparecendo que essa é uma categoria importante.

O blog apresenta as seguintes páginas: Sobre; Agenda Negra e Contato. Em Sobre se encontra links de acesso a outras informações que são: Equipe (informes gerais das mulheres que compõem e contribuem com o blog, fotografia com breve apresentação das atuais coordenadoras). Anuncie (que conforme o título é o local onde se encontram informes acerca das regras para aceite de anunciantes, conforme linha editorial) e FAQ (corresponde às perguntas mais frequentes e que são respondidas através de 23 questões). Também há links para o twitter, facebook, pinterest e instagram potencializando a divulgação dos conteúdos do blog, favorecendo assim o acesso de mais pessoas as opiniões emitidas pelas mulheres negras.

Na parte central, estão publicadas (lado a lado) as postagens das mulheres, por ordem cronológica, para em seguida serem dispostas na vertical, no canto direito até o final da página, acompanhadas pelo newsletter em que o visitante pode se cadastrar para receber informes, também é disposto na página inicial à agenda negra (onde se encontram descritos, por dia do mês, eventos que podem interessar o público do blog) e ao final da página inicial, constam postagens anteriores, links das redes sociais, local para realização de pesquisa no Blog e mensagem: Envie seu texto em letras maiúsculas, na parte central do final da página.

Ademais, podemos ver que no quadro 2 se destacam os temas das postagens e as respectivas editorias.

Quadro 2 - Editoria e Conteúdos da editoria

Editoria	Conteúdo da editoria
Identidade	Cotidiano, Identidade, Preconceito, Infância e Juventude, Religião e Educação.
Resistência	História, Resistência, Política, Feminismo, Negras Notáveis, Violência e Pessoas.
Saúde e Beleza	Saúde, Beleza, Corpo e Sexualidade.
Estilo de Vida	Moda, Esporte, Relações Interpessoais, Urbanidade e Trabalho.
Cultural	Arte, Cinema, Culinária, Cultura, Literatura, Mídia, Música, Poesia e Televisão.
Colunas	Pedagogia da Travestilidade e Ver(te)b(r)al
Popular	Agora, Semana e Mês

Fonte: Elaboração própria

Os temas são diversos e estão bem organizados no site, verificamos que há post que aparecem em diferentes editorias, nesse sentido, após uma observação detalhada de todo o

blog, elencamos os temas e editorias para o estudo. Assim do total de 108 post<sup>33</sup> (Apêndice A) verificamos que 34 eram post sem comentários (Apêndice B) e 74 com comentários (Apêndice C).

Para o corpus da pesquisa nos detivemos na análise de posts com comentários, em virtude de nos possibilitar obter um leque ampliado e diversificado dos sentidos do discurso racista e sexista, bem como do contradiscurso das ativistas negras. Dos 74 post, identificamos que 59 possuem até 10 comentários (Apêndice D) e 15 receberam mais de dez comentários (Apêndice E). No intuito de acessarmos o máximo de contribuições ao estudo, aprofundamos a leitura de 15 posts com maior número de comentários dos quais selecionamos os 3 posts analisados na pesquisa.

Para tanto, destacamos que os critérios adotados para seleção dos posts analisados foram: que os conceitos-chaves do estudo (racismo, sexismo, feminismo) tenham sido descritos e debatidos no conteúdo dos comentários. Também optamos por analisar post de diferentes autoras, ao invés de analisar post diferentes da mesma autora. Entendemos que assim obtivemos uma maior diversidade de mulheres negras expressando suas opiniões e posicionamentos. E maior número de visualizações, associadas à maior quantidade de comentários, que discutem o tema abordado no post. Desta feita, após leitura detalhada, definimos, de acordo com os critérios estabelecidos, que o corpus da pesquisa será constituído por 3 posts<sup>34</sup>. Seguem abaixo, os principais dados de identificação dos mesmos.

Tabela 1 – Identificação dos posts analisados

<b>TÍTULO</b>	<b>Deixar de Ser Racista, Meu Amor, Não é comer uma Mulata</b>	<b>Do Trágico ao Épico: A Marcha das Vadias e os Desafios Políticos das Mulheres Negras</b>	<b>Não Se Enganem!!</b>
<b>AUTORA</b>	Charô Nunes	Ana Flavia M. Pinto	Mariana Assis
<b>LOCAL NO BLOG</b>	Preconceito	Feminismo	Cotidiano; Mídia, Racismo, Resistência, Violência
<b>DATA DA PUBLICAÇÃO</b>	29 de maio de 2013	27 de junho de 2013	28 de abril de 2014
<b>VISUALIZAÇÕES</b>	75.056	4615	30.947

<sup>33</sup> O levantamento das informações do blog para a pesquisa foi efetuado entre os meses de outubro/2017 a maio de 2018.

<sup>34</sup> O conteúdo detalhado dos 3 posts, inclusive com todos os comentários estão descritos nos anexos 1, 2 e 3 respectivamente.

<b>CURTIDAS</b>	1	0	0
<b>COMENTARIOS</b>	281	44	22

Fonte: Elaboração própria

Feita a exposição do percurso do estudo e das estratégias constituídas para identificação do corpus da pesquisa, passaremos no próximo capítulo a proceder com o processo de análise dos 3 posts seleccionados e respectivos comentários.

## **5 RACISMO E SEXISMO EM EVIDÊNCIA: construindo saídas**

Nesse capítulo procedemos de início com a análise da estruturação textual de cada post selecionado para o estudo e, em seguida efetuamos a análise dos respectivos comentários, a luz do feminismo negro e de acordo com os objetivos da pesquisa descritos na introdução dessa tese.

Também consideramos no processo de análise a forma como se processam a dinâmica discurso-cognição-sociedade na produção e reprodução do racismo e sexismo, verificando a constituição do contradiscurso como forma de estabelecer o contrapoder, na medida em que a elaboração e compartilhamento de novas narrativas e sentidos podem colaborar com a construção de uma sociedade antirracista e antissexista.

Para tanto, organizamos a análise em duas partes. Na primeira realizamos a exposição e análise dos argumentos de cada post e na segunda parte efetuamos a análise dos comentários dos três posts selecionados, agrupando-as, de acordo com os objetivos do estudo em dois eixos: Discursos sobre os sentidos do racismo, sexismo e exploração de classe e os sentidos dos contradiscursos expressos nos comentários.

Considerando o proposto por van Dijk (2017) no que concerne identificar a autoria das publicações e as pessoas e instituições que estão exercendo o poder discursivo, verifica-se que no Blogueiras Negras são as mulheres negras que exercem esse poder. São suas diferentes experiências que estão expressas em cada post, cujos conteúdos versam sobre os temas já explicitados no quadro 2.

Sendo assim, os 3 posts elaborados por mulheres negras, expressam seus posicionamentos numa sociabilidade racista, sexista e de exploração de classe, fazendo uso e potencializando o lugar de fala, e a ruptura com o silenciamento que historicamente tem buscado ocultar a história de lutas e resistências dessas mulheres.

Nesse âmbito, afirmamos de antemão que cada post reflete contradiscurso e produz contrapoder, na medida em que desnaturalizam práticas sociais racistas, sexistas e de exploração de classe, evidenciando as contradições societárias, inclusive do feminismo, que invisibilizam a importância do povo negro e, por conseguinte, da mulher negra na construção de uma sociabilidade sem opressões e exploração.

Em resumo na análise dos posts e comentários do presente trabalho buscamos identificar as formas de racismo e sexismo na atualidade e suas formas de enfrentamento pelas mulheres negras. Para tanto, vejamos a seguir a análise que realizamos de cada post.

## 5.1 O PODER DISCURSIVO DAS MULHERES NEGRAS

### 5.1.1 Deixar de ser racista, meu amor, não é comer uma mulata

No post acima intitulado (Anexo A), elaborado no primeiro ano de vigência do Blogueiras Negras pela Charô Nunes, uma das moderadoras do blog, verifica-se uma quantidade expressiva de visualizações e de comentários. O título: *Deixar de ser racista, meu amor, não é comer uma mulata!* Inspirado no poema de Elisa Lucinda, *Mulata Exportação* está descrito em letras maiúsculas, chama a atenção de imediato para o fenômeno racial e sexista que atinge as mulheres negras no Brasil. As expressões *racista* e *comer uma mulata* evidenciam, através da ironia, as mazelas raciais e sexistas relativas às mulheres negras. Num estilo textual acessível, Charô Nunes elabora um texto crítico. Ela utiliza a cognição, expressa no texto do post, como contrapoder na medida em que os sentidos do discurso escrito no post expressam opinião contrária ao hegemonicamente considerado como sendo um elogio. Para, além disso, demonstra que nos sentidos dos ditos elogios estão presentes o reforço ao racismo e sexismo que historicamente atingem as mulheres negras. No subtítulo do post: *Considerações sobre elogios racistas* a autora demonstra a intencionalidade dos argumentos expostos, ao contrapor os termos: *elogio e racista*. Para tanto, de início a autora apresenta a definição de elogio racista: “é toda demonstração de admiração, afetividade que se concretiza por meio de ideias ou expressões próprias do racismo” (NUNES 2013, p. 1) e desenvolve o texto a partir da crítica a cinco elogios racistas e sexistas, pois também versa sobre a condição feminina, sendo eles: “*Você é uma morena muito bonita*”; “*Seu cabelo é muito bonito, posso pegar?*”; “*Você tem os traços delicados*”; “*Você tem a bunda linda*” e “*Você é uma mulata tipo exportação*”.

Nos ditos elogios citados acima é possível identificar as formas de manifestação do racismo brasileiro e sexista. Os termos: *morena*, *traços delicados* e *mulata* estão referenciados no modelo racial da mulher branca, uma representação do belo que positiva o fenótipo negro. Ou seja, o fenótipo negro pode ser “amenizado” pela mestiçagem, outrora condenada pelo

racismo científico, mas que no Brasil foi utilizado como argumento para a democracia racial, como já nos referimos no primeiro capítulo.

A crítica da autora do post ocorre em relação aos supostos elogios: *morena, traços delicados e mulata*. Afirmando que neles se encontra o racismo e, portanto, o termo: negra é mais apropriado, quando se trata de questão racial.

O que parece elogio é uma falácia, o que se está praticando é o racismo, enraizado na mentalidade das pessoas, tornando naturais expressões carregadas de preconceitos. Esses discursos socialmente aprendidos e cotidianamente repetidos, sobretudo pela mídia, tendem a se tornar verdades, daí a importância de desnaturalizá-los. Nesse âmbito, uma das principais consequências sociais para as pessoas negras, é o processo de inferiorização e subalternização racial, pois a mensagem presente na expressão “*você é uma morena muito bonita*” tem por base que no geral as pessoas negras são feias e, com as feições assemelhadas a animais como macacos, sendo necessário enfatizar a beleza de algumas(uns) negras(os) quando seus fenótipos lembrarem as características do povo branco, o que somente pode ocorrer com a morenidade oriunda da mestiçagem de negros(as) com brancos(as). Lembrando que o termo morenidade é uma das formas como o/a brasileira/o se autodeclara a partir da lógica da ideologia do branqueamento em que se busca o distanciamento do fenótipo negro e aproximação do fenótipo branco.

Essa é também a mensagem implícita no aparente elogio “*você tem traços delicados*”. Nele, a ideia de que outras pessoas com “*traços grosseiros*”, ou seja, pessoas negras, sobretudo de pele escura, não são belas, está presente. Isso tudo em conformidade com a particularidade do racismo brasileiro, em que a tonalidade da pele e o fenótipo são elementos acionadores do racismo.

A autora da postagem emite também considerações sobre outro “elogio” racista, “*seu cabelo é muito bonito, posso pegar?*” Destaca a ausência de respeito das pessoas, ao relatar a experiência de ter seus cabelos tocados por uma senhora, sem que tivesse obtido licença. Tal prática é bastante comum no cotidiano das pessoas negras, que usam os cabelos crespos.

Lembro do relato de um primo, que ao fazer entrega de pizza em bairro nobre da cidade do Recife/PE, o grupo de crianças que o recebeu, disse que nunca viram um cabelo como o dele e foram logo esticando os braços para pegá-lo, no que foram impedidos pelo meu primo. Esse relato de experiência nos leva a refletir sobre o que faz as pessoas ter a atitude de tocar partes do corpo de outra pessoa sem pedir autorização? Falamos aqui, especificamente de corpos negros, que estereotipados, são alvos de violações e desrespeito.

Tal reflexão é relevante por nos lembrar de práticas do período escravocrata no Brasil, quando pessoas negras eram objetificadas e comercializadas, seus corpos tocados, violados e violentados. Esse processo se mantém ativo, quando partes desse corpo são consideradas belas e associadas às características do fenótipo de pessoas brancas e, também quando gera comentários depreciativos e repulsa quando se distancia desse padrão. A exaltação e reforço da beleza negra, sobretudo da tonalidade da pele e dos cabelos, são necessários, pois cabelos crespos e volumosos permanecem alvo da observação alheia, e ainda resulta em constrangimentos, e por vezes o cerceamento da presença do/a negro/a em espaços públicos e privados diversos, em virtude do racismo institucional.

Outro dito “elogio” que a autora crítica é “*Você é uma mulata tipo exportação*”. Aparenta exaltação à beleza da mulher negra oriunda da miscigenação do/a negro/a com o branco/a. Mas, o termo mulata/o, nos remete ao animal mula, resultante do cruzamento de éguas com o jumento.

A palavra de origem espanhola vem de “mula” ou “mulo”: aquilo que é híbrido, originário do cruzamento entre espécies. Mulas são animais nascidos da reprodução de jumentos com éguas ou de cavalos com jumentas. [...] Sendo assim, trata-se de uma palavra pejorativa para indicar mestiçagem, impureza, mistura imprópria, que não deveria existir (RIBEIRO, 2018, p. 99).

Pelo exposto na citação há um processo de desumanização da mulher negra e um reforço a ideia de sua objetificação. Nesse sentido, há uma associação da imagem da mulher negra brasileira com o sexo, vez que sua imagem é vendida com um produto de excelência (tipo exportação), um objeto disponível para o sexo, inclusive com estrangeiros. A frase é especialmente veiculada durante o período carnavalesco no Brasil pela mídia hegemônica, como se as mulheres estivessem em exposição e disponíveis para ser sexualmente consumida, num estímulo ao turismo sexual, à exploração sexual e ao tráfico humano.

Alinhada com essa perspectiva, outro “elogio” racista, embasado em falácias e desrespeito em relação à mulher negra é “*Você tem a bunda linda*”. Charô relembra que “apesar de todo respeito que tenho por tudo aquilo que acontece entre duas pessoas, preciso considerar a tradição racista secular desse tipo de discurso” (NUNES, 2013, p. 4). Tradição, que ressalta a hiperssexualização e objetificação da mulher negra, reduzida a uma parte do seu corpo, também habitualmente tocada sem autorização.

Assim, socialmente a negra é lida como uma mulher disponível para o sexo, imprópria para relacionamentos duradouros e indigna de receber amor e respeito. No caso é como esse elemento racial, racista e sexista se apresenta. Vemos, por exemplo, que nas atividades domésticas, em que as mulheres negras são maioria, o assédio e violência sexual ainda são uma realidade. Isso é produto da mentalidade colonial que reatualiza a senzala, através do quarto de empregada e onde se naturaliza que o “senhor” pode ser iniciado e manter práticas sexuais com as “mucamas” atuais.

No Brasil, os abusos sexuais contra as trabalhadoras domésticas perpetrados pelos próprios empregadores se caracterizam, com efeito, pelo fato de condensar a imbricação de relações de poder entre diferentes grupos e a conflitualidade que deriva disso. Não se trata apenas de uma violência sexista, mas também de uma violência racista e de classe, considerando que, como podemos verificar, nela se combinam as desigualdades de “raça”, de classe e de sexo, típicas da sociedade brasileira, que produz formas determinadas de opressão e de privilégio social (COROSSACZ, 2014, p. 300).

Então, o que se verifica nos “elogios” racistas são falsas representações positivas da pessoa negra. O elogio é falso, pois é uma representação racista da pessoa negra, transformada em positividade é, portanto, um falso elogio, pois tenta ocultar a manutenção de privilégios brancos. No caso das mulheres, o elogio racista também é sexista. Exigindo, cada vez mais, aprofundamento dos conhecimentos sobre a realidade vivenciada pelos povos oprimidos.

A autora do post usa imagens de diferentes mulheres negras, ilustrando e embasando os seus argumentos. Na primeira imagem (que aparece por duas vezes no post), vê-se uma jovem negra, em trajes mínimos durante festividades carnavalescas, deixando evidente a hiperssexualização de corpos femininos negros. Recorre também à imagem da atriz Adriana Alves, uma das poucas mulheres negras de epiderme escura no cenário artístico brasileiro e a outra imagem, da modelo sudanesa Alek Wek sucesso internacional no mundo da moda, ambiente que majoritariamente exalta a estética branca, reproduzindo o racismo.

A última imagem do post é da cena do filme *Vênus negra*, que retrata a história de Saartjie Baartman, citada brevemente no decorrer do nosso primeiro capítulo. Na imagem vemos a atriz que representa Saartjie, num jardim, despida e envolta em um pano branco ao lado de um homem branco observando a tela que se encontra nas mãos dele. O homem é a personificação de um pesquisador da escola de medicina. Essa cena, extraída do longa

metragem com mais de duas horas de duração, é um dos retratos da desumanização a que uma vida pode ser submetida pelo racismo e pelo sexismo.

Pelo exposto evidencia-se a posição crítica do post, que se constitui assim num contradiscurso, pondo em disputa as visões acerca da mulher negra. O post da Charô Nunes também fortalece a crítica, a reflexão e a importância da articulação entre as diferentes formas de opressões: racistas, sexistas e de classe. Demonstrando como elas se manifestam no cotidiano das mulheres negras, na “sutileza” de um aparente elogio, enfatizando o que já vem sendo discutido pelo feminismo negro, no que tange a interseccionalidade das opressões que atingem as mulheres negras. Nesse sentido, “Ao pensar o debate de raça, classe e gênero de modo indissociável, as feministas negras estão afirmando que não é possível lutar contra uma opressão e alimentar outra, porque a mesma estrutura seria reforçada” (RIBEIRO, 2018, p. 27).

É isso que lemos nos escritos da Carolina Maria de Jesus. Ela nos mostra o desafio de habitar no entrecruzamento de raça, classe e gênero, pois sua existência foi marcada por esses entrecruzamentos. Ao tecer críticas aos ditos elogios a autora do post contribui com o desmascaramento da falácia da democracia racial brasileira e do sexismo que atinge as mulheres negras.

Ao final da postagem a autora convida as (os) leitores do blog a emitir sua opinião, acerca de algum elogio racista que incomoda “Que te fez espumar de ódio, revirar os zóios e dizer algumas verdades?” (NUNES, 2013, p. 5). A autora foi correspondida, através de quantidade significativa de comentários que analisaremos posteriormente na segunda parte do capítulo.

### **5.1.2 Do Trágico ao Épico: a Marcha das Vadias e os desafios políticos das Mulheres Negras**

No post (Anexo B) acima intitulado de autoria de Ana Flávia Magalhães Pinto, publicado em 27 de junho de 2013 identificamos que houve 4.615 visualizações e 44 comentários. No título a autora anuncia, em letras maiúsculas que fará uma crítica a Marcha das Vadias a partir de desafios políticos das Mulheres Negras. A/ao leitor(a) que não tem apropriação dos debates feministas, será preciso dele se aproximar para melhor apreender a dimensão e a profundidade das críticas feitas pela autora. Consideramos que os discursos

presentes no post se alinham ao debate no interior do feminismo sobre a intersecção entre as opressões de raça e de gênero.

Para favorecer a compreensão das críticas expostas no post pela autora destacamos que o protesto que originou a Marcha das Vadias no Brasil surge no Canadá em 2011.

Os protestos fazem parte de um movimento internacional, denominado *SlutWalk*, traduzido no Brasil como *Marcha das Vadias*. O movimento teve início no Canadá, quando um oficial de segurança, ao proferir palestra na Universidade de Toronto, orientou as mulheres “a não se vestirem como vadias” como medida de segurança para evitar o estupro. A fala do policial causou revolta nas mulheres canadenses e mais de 3 mil mulheres foram às ruas de Toronto para protestar. No Brasil, as marchas têm tido um caráter de protesto que vai além do pedido pelo fim da culpabilização das mulheres pelo estupro. A luta pelo fim da violência doméstica, física, simbólica e sexual também motivou as mulheres a saírem às ruas para exigirem o fim do machismo e a igualdade de gênero (BRASIL, 2011, p. 1).

Pelo descrito acima, a Marcha das Vadias no Brasil abriga pautas diversificadas dos feminismos, mas nem todas, como veremos. Com o slogan: “Se ser livre é ser vadia, então somos todas vadias” a Marcha apesar da intencionalidade de buscar posicionar-se como defendendo a liberdade de todas as mulheres, gera polêmicas.

As polêmicas são suscitadas pelas mulheres negras, que questionam essa universalidade do ser mulher, principalmente quando para a mulher negra a nomeação de vadia não é estranha, pois é assim que histórica e socialmente a mulher negra é tratada no país. Nesse sentido a autora do post, que integra o Coletivo Pretas Candangas problematiza.

Quando as primeiras edições da Marcha das Vadias / *SlutWalk* aconteceram, em 2011, eu estava no período de doutorado sanduíche nos Estados Unidos. Era duplamente outsider, mas tentei acompanhar o que acontecia simultaneamente aqui e lá. Como a experiência de ser tratada negativamente como vadia é algo que faz parte da experiência das mulheres negras, a proposta não me soou de todo descabida. Porém, logo surgiram alguns questionamentos feitos por mulheres negras de ambos os países. O primeiro deles lembrava que tal tratamento não nos tem sido reservado apenas quando saímos às ruas com roupas curtas. A negação do nosso direito ao próprio corpo independe das roupas que usamos. O segundo era o fato de que muitas meninas, jovens e adultas negras das periferias e dos guetos não considerarem uma transgressão sair para qualquer lugar de shortinho e blusinha ou roupas justas. Elas fazem isso corriqueiramente e soa até estranha a agitação por algo tão banal. Por outro lado, a proposta poderia fazer sentido, porque o puritanismo nunca nos salvou (PINTO, 2013, p. 1).

Essas experiências das mulheres negras e periféricas, ao não ser considerada e preponderante na Marcha das Vadias, informa que ainda há muito que se avançar nas lutas contra o racismo e sexismo.

Como relatou Paula Balduino de Melo no debate virtual nos últimos dias: “Nós, Pretas Candangas, estivemos em uma reunião de uma organização das Marcha das Vadias no ano passado (ou retrasado, me ajude a lembrar Juliana César Nunes), a convite de algumas organizadoras. Juntas com outras mulheres negras presentes, posicionamos nossas divergências quanto à marcha. Divergências de princípio. Falamos sobre como temos de enfrentar cotidianamente a sociedade hegemônica para mostrar que não somos vadias, que não temos a ‘cor do pecado’. Falamos que não queremos reivindicar o direito de ser vadias, mas sim de ser médicas, advogadas, doutoras (PINTO, 2013, 2).

O trecho de fala de Pinto (2013) é esclarecedor quanto ao cerne do debate, ao mesmo tempo em que denuncia a ausência de sororidade e a necessidade do feminismo avançar nessa direção, isso não foi traduzido em ações no decorrer da Marcha de 2013, no dia 22 de junho em Brasília.

Nesse dia, a autora do post tomou conhecimento de um vídeo, que considerou lamentável, postado por uma de suas amigas (Maria Luiza Júnior) que estava participando da Marcha, segurando um cartaz contra o extermínio da juventude negra, mas que se ausentou antes do final do evento.

Era o registro do momento em que um homem negro, usuário de muletas para compensar a falta de uma perna, talvez um morador de rua e mentalmente alterado se posicionou à margem da Marcha fazendo gestos obscenos. A ação gerou uma reação instantânea. Um grupo de mulheres quase todas brancas fez um cerco a ele, coagindo-o com gritos, buzinas, cartazes, sem falar na quantidade de fotógrafos a registrar o fenômeno. Maria Luiza Júnior também apareceu imediatamente, mas não para fazer coro com as demais. Ela tentava proteger o moço com aquele cartaz sobre o extermínio da juventude negra, mas sua atitude não foi entendida nem por ele, nem pelas demais (PINTO, 2013, p. 1).

Entendemos que a incompreensão será abordada por Pinto (2013) com a finalidade de expor as diferentes faces do racismo, que pode ser cometido, inclusive, pelas feministas brancas. A autora ainda estimula a reflexão quando desloca o foco da análise do homem opressor para o homem negro, pobre, deficiente, vítima do encarceramento em massa, do desemprego, do genocídio. Opressões que se entrecruzam.

Não estou com isso pondo em xeque a legitimidade em si ou a viabilidade de uma luta coletiva. Trata-se apenas de mais uma tentativa de deslocar a centralidade confortável do feminismo branco, mantida ao longo de décadas, algo que o permite exercer o seu poder à revelia das experiências de outras mulheres, com destaque nesse caso para as negras. Digo isso porque uma coisa que dificilmente entra na cabeça de várias de nossas interlocutoras é a necessidade que nós, mulheres negras, temos de defender a existência de homens negros. Não falamos apenas do pai opressor. Pela nossa história, convivemos também com o registro do avô escravizado, do pai encarcerado, do irmão desempregado, do filho executado, todos pagando o preço de ser tidos como vadios! (PINTO, 2013, p. 3).

A contribuição do feminismo negro nessas análises é fundamental na produção de contradiscurso e contrapoder. Cientes do poder decorrente da branquitude em nossa sociedade, o feminismo negro chama a atenção das feministas brancas de que é preciso que essas feministas reconheçam que elas, em alguma medida, desfrutam desse poder e por esse motivo usufruem de privilégios. Nesse sentido é primordial que as feministas brancas estejam dispostas a não apenas ouvir o que mulheres negras têm a dizer, mas considerem e coloquem em prática as pautas das lutas antirracistas.

Mais uma vez diante desses relatos, penso que a facilidade com que aquele homem – que visualizei como a personificação de um Saci trágico – foi transformado no alvo da catarse das manifestantes está diretamente associada à dificuldade que as feministas brancas organizadoras da Marcha têm de entender e incorporar os questionamentos colocados pelas mulheres negras, feministas ou não. Falamos, recebemos um sorriso amistoso de “Eu vejo você”, e a coisa segue sendo feita de acordo com a vontade delas, como se expressassem a certeza de que “Isso que vocês dizem pode ser interessante, mas o que estabelecemos desde o exterior é mais”. Afinal, a Marcha das Vadias tem alcançado ampla legitimação e, portanto, deve ser tida como uma decisão acertada e ponto final (PINTO, 2013, p. 2).

Ao conduzir o processo decisório deslegitimando as argumentações das mulheres negras, as mulheres brancas estão demonstrando poder, tornando-se opressoras.

Estas decisões políticas das mulheres brancas, apenas contribuem para fragmentar a luta das mulheres, pois quando as reivindicações das mulheres negras não são consideradas como legítimas e são silenciadas há necessidade de construir outras formas de enfrentamento, sendo justamente isso que fazem as mulheres negras. Como dizia Lélia Gonzalez em entrevista ao Jornal do MNU.

No meio do movimento de mulheres brancas, eu sou a criadora de caso, porque elas não conseguiram me cooptar. No interior do movimento havia um discurso estabelecido com relação às mulheres negras, um estereótipo. As mulheres negras são agressivas, são criadoras de caso, não dá para gente dialogar com elas, etc. E me enquadrei legal nessa perspectiva aí, porque para elas a mulher negra tinha de ser, antes de tudo, uma feminista de quatro costados, preocupada com as questões que elas estavam colocando (GONZALEZ, 1991, p. 9).

A autora do post, em consonância com Lélia Gonzalez passa a disputar a hegemonia das lutas com as mulheres brancas. Hegemonia das posições/decisões políticas das mulheres brancas, construindo uma pauta política para as mulheres negras a partir da problematização de questões que são caras as mulheres negras. Isso pode ser comprovado quando lemos no post argumentos de outras mulheres negras, a exemplo das considerações de Janaína Damaceno, amiga da autora:

Alguém explica isso: como mulheres em grande parte brancas e universitárias, hostilizando e perseguindo um homem negro, pobre, deficiente e com problemas mentais pode ser igual a luta contra o machismo? Sério que ele personifica o inimigo? A luta antimachista exclui o bom senso? Ele fez algo extremamente grave que não foi captado pelo vídeo? (PINTO, 2013, p. 1).

A questão apresentada problematiza o movimento feminista em sua vertente Marcha das Vadias, põe em evidencia a necessidade de debater as origens de nossas desigualdades e entender melhor nossa formação social, tratar do racismo e suas várias faces.

Por outro lado, Pinto (2013) também demonstra que essa não é uma atitude de todas as feministas brancas: “Felizmente, mesmo num momento delicado como esse, há pessoas que buscam romper com os privilégios que desfrutam por serem brancas, expõem os erros de pessoas do seu próprio grupo sociorracial e se colocam para um debate franco conosco”. (PINTO, 2013, p. 3). Nesse momento a autora do post também está em consonância com as afirmações de Lélia: “Mas não há dúvidas de que existe um setor do movimento de mulheres que está preocupado com a questão racial. O feminismo como uma feminista inglesa colocava, não terá cumprido sua proposta de mudança dos valores antigos, se ele não levar em conta a questão racial” (GONZALEZ, 1991, p. 9).

Ao fazer esse contraponto, a autora do post que é preciso que as feministas brancas se desvencilhem do racismo que possuem e que estrutura as relações sociais no país. É preciso que reconheçam que elas também são “controladas” pelos discursos produzidos pela mídia

hegemônica que cotidianamente reiteram o racismo, o sexismo e a exploração de classe. Daí atuar politicamente com práticas inclusivas é relevante, considerando que “O antirracismo já é palavreado fácil, mas segue sendo uma prática difícil. [...] Para onde vamos? Isso depende do caminho que todas e todos estiverem realmente dispostas e empenhados em trilhar” (PINTO, 2013, p. 3).

### 5.1.3 Não se Enganem

No post (Anexo C) de autoria de Mariana Santos de Assis, publicado em 28 de abril de 2014, tendo alcançado 30.947 visualizações e 22 comentários tem um estilo textual direto e forte. Através de termos como: patifaria; espetáculo de sensacionalismo; oportunismo; horror; elite estúpida e imbecilidades, mas também de termos como: violência, genocídio, jovem negro, intelectuais e ativistas negras a Assis (2014) argumenta em cinco parágrafos as formas que a mídia hegemônica no país, retrata pessoas negras e suas histórias.

A crítica é direcionada a um programa de auditório, intitulado ESQUENTA produzido pela Rede Globo<sup>35</sup> de televisão desde o ano de 2010, apresentado pela atriz brasileira Regina Casé, transmitido em período específicos do ano, já que é um programa em formato de temporadas e tem como conteúdo principal temas relativos a dinâmica das periferias no Brasil.

A autora do post crítica especificamente, o programa do dia 26 de abril de 2014 que abordou a morte do dançarino Douglas Rafael da Silva Pereira (imagem abaixo), jovem negro e periférico que participava das gravações do programa citado desde a primeira temporada e que de acordo com investigações foi atingido de forma letal, pelas costas, por policial militar do estado do Rio de Janeiro<sup>36</sup>.

---

<sup>35</sup> Sobre a rede globo sugerimos a leitura da matéria disponível em: <https://www.economist.com/business/2014/06/05/globo-dominatio>.

<sup>36</sup> Sobre o assassinato do jovem Douglas recomendamos a leitura da reportagem disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/03/policia-conclui-que-tiro-que-matou-dg-do-esquenta-foi-dado-por-pm.html>. Acesso em 18 de out. 2018.

Imagem 7 - DG Madrugada



Fonte: Esquenta!/Reprodução

Assis (2014) expressa indignação ao conteúdo da “homenagem” prestada ao jovem, sobretudo, no que concerne aos atores e atrizes convidadas a falar sobre o caso, no geral brancos/as, Preta Gil era única atriz negra, que não possuem as experiências das pessoas negras periféricas, que convivem com as violências produzidas pelo sistema capitalista opressor, pois dispõem dos recursos materiais e financeiros para evitá-los. Mas que contraditoriamente são “autorizadas” a falar sobre o tema.

No trecho do post a seguir fica evidente a prática midiática de desautorizar a fala dos povos oprimidos.

“[...] em que pode nos interessar as falas sobre a opressão e o genocídio da juventude negra ou as lágrimas de Carolina Dieckman, Fernanda Torres ou Leandra Leal? [...] todos podem nos dizer, de dentro de seus condomínios e carros de luxo, como sofremos, se sofremos, o que é o racismo e a violência?!?!? Eram os nossos que deveriam estar ali. Onde estão os intelectuais e ativistas negros para falar sobre o genocídio dos seus jovens?? Onde estão as referências que inspiraram o menino Douglas para começar a dançar?? Onde está o espaço privilegiado para o desabafo da mãe, a presença dos amigos e a vida do jovem antes e fora do Esquenta?!?!? Nada disso estava ali, nós não estamos, nem nunca estivemos ali. Não se enganem!!!! (ASSIS, 2014, p. 1)

Quando questiona o lugar de fala e quem está autorizado a falar, Assis (2014) produz contradiscursos e sendo assim, provoca o/a internauta a analisar a estrutura da sociedade brasileira: o racismo, o sexismo e a exploração de classe, estimulando a deparar-se e a refletir sobre seus preconceitos ou sobre si mesmo. Isso gera medos e inquietações, e nesse sentido concordamos com os argumentos de Grada Kilomba.

Existe um medo apreensivo de que, se o/a colonizado/a falar, o/a colonizador/a terá que ouvir e seria forçado/a a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades do 'Outro'. Verdades que supostamente não deveriam ser ditas, ouvidas, mas que "deveriam" ser mantidas "em silêncio como segredos". Gosto muito dessa expressão, "mantidas em silêncio como segredos", pois ela anuncia o momento em que alguém está prestes a revelar algo que se presume não ser permitido dizer (o que se presume ser um segredo). Segredos como a escravidão. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo (KILOMBA, 2016, p. 177, grifo da autora).

A mensagem que o programa passa ao público, ao não possibilitar a fala de intelectuais e ativistas negros/as é que o assunto deve ficar na superfície, ou seja, sem aprofundamento do que significa viver na periferia, sobretudo ao só trazer à tona o lado criativo, inventivo do brasileiro negro e periférico. Ocultando as condições de vida e morte, segredando a violência institucional, silenciando as dores reais de mães, irmãs, parentes e amigos. Ocultando também o que pode ou não ser dito e que verdades podem ser visíveis.

[...] colocar mocinhas louras e ricas, chorosas segurando cartazes "eu não mereço ser assassinada" e cantando pela paz não significa nada, não diz nada para nós que somos assassinados, silenciados e invisibilizados diariamente. Mas diz sobre eles, diz sobre os objetivos e interesses desse tipo de espaço que estão nos oferecendo nas grandes mídias. Uma moldura negra para a festa branca [...] (ASSIS, 2014, p. 1).

Pensamos que isso não quer dizer que as pessoas não possam tecer opiniões sobre o tema. O que é colocado em questão é o lugar de fala e sua disputa oculta entre grupos sócio-econômico-racial diferentes. A morte do negro periférico é debatida pela branca classe média alta, com isso mais uma vez se destitui e esvazia a questão racial. Fazendo comparações é como se o patrão fosse o sujeito que melhor conhece as necessidades do trabalhador ou homens fosse aqueles tidos como sendo os que melhor conhecem as necessidades das mulheres. É incongruente.

As autoras do feminismo negro (bell hooks, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez), em seus escritos já nos falava da invisibilidade dos conhecimentos de intelectuais negras/os, pessoas essas, que no geral trazem nas suas experiências de vida e na produção intelectual histórico de violência de gênero, de racismo e de pobreza. Porém o que se reproduz na mídia, como já analisado pela autora deste post é o silenciamento desses saberes.

Além disso, o que se vê exemplificado no Programa motivo do post é que as elites simbólicas brasileiras, não medem esforços para garantir seus privilégios, inclusive promovendo debates superficiais sobre assuntos de relevância para a sociedade e para os povos oprimidos. O silenciamento de ativistas e intelectuais negros/as é proposital, mantém a invisibilidade de sua existência e oculta a violência institucional nas periferias. Como contraponto o uso da internet se mostra relevante, e pelo elevado número de visualizações do post em relação ao reduzido número de comentários, concluímos que as verdades expressas no post incomodam e muito.

## 5.2 OS COMENTÁRIOS DOS POSTS: entrelaçando racismo, sexismo e contradiscurso.

Inicialmente destacamos que os comentários dos posts selecionados entraram na análise, justamente por dar visibilidade aos discursos da sociedade, nos permitir compreender a circulação da ideologia da democracia racial, sua afirmação como discurso, sua negação e/ou as contradições que expressam. Se nos posts analisados há um contradiscurso e, portanto, um contrapoder, é nos comentários que encontramos expressos a cultura racista, a ideologia do branqueamento e da democracia racial e o sexismo.

Dito isto, registramos que identificamos uma variedade de discursos presentes nos comentários relativos aos posts. Em *Deixar de ser racista, meu amor, não é comer uma mulata* de autoria da Charô Nunes as respostas ao post totalizaram 281 comentários que categorizamos em quatro eixos. No post: *Do Trágico ao Épico: A Marcha das Vadias e os Desafios Políticos das Mulheres Negras* identifica-se 44 comentários em resposta ao post, que também organizamos em eixos e no post: *Não Se Enganem*, identifica-se 22 comentários. Destacamos que os eixos dos comentários dos 3 posts se encontram descritos junto aos anexos 1, 2 e 3.

Os discursos expressos nos comentários aos posts abordam o racismo e sexismo, bem como os contradiscursos relativos aos mesmos. Revelando as diferentes formas de reação das/dos internautas aos fenômenos estudados. Levando em consideração os argumentos

descritos nos comentários, realizamos a análise crítica do discurso dos mesmos buscando entender os sentidos desses discursos e contradiscursos para o enfrentamento do racismo e sexismo na atualidade.

Para tanto, a fim de favorecer uma melhor compreensão do estudo procedemos com a análise dos eixos dos comentários dos posts, relacionando-os, de acordo com os discursos, em dois grupos: os sentidos dos discursos sobre racismo/sexismo e os sentidos dos contradiscurso.

### 5.2.1 A negação do elemento racial

No post: Deixar de ser racista, meu amor, não é comer uma mulata! 10 comentários foram postados por pessoas que não concordam com a autora. No post: Do Trágico ao Épico: Marcha das Vadias e os Desafios Políticos das Mulheres Negras foram 3 e no post: Não se Enganem!! Apenas 1 pessoa discordou da autora.

No post de autoria da Charô Nunes há muitas semelhanças nos comentários, que abordam apenas pelo viés do sexismo, enfatizando que nas relações sociais as mulheres em geral sofrem assédio e, desqualificando, desvalorizando ou mesmo negando que há a presença do racismo nas abordagens entre as pessoas, seja entre homens e mulheres ou entre mulheres.

Respeito suas ideias, mas acho que tudo isso só alimenta o auto preconceito. Da senhora que quis mexer no seu cabelo. Sim é raro ver negros deixando o cabelo natural (lindo), a maioria alisa. Acho um gesto de admiração. As vezes oque as pessoas tentam dizer de uma maneira vocês encaminham para o preconceito. (CAROLINE, p. 28, Apêndice G).

Acredito que seu texto se adapta para todas as mulheres, não especificamente as negras. Não me leve a mal, não sou negra, mas tenho descendências mistas, como o europeu, indígena e afro. Vejo os atos de racismos, com qualquer etnia ou origem, como algo tão arcaico. Já defendi e fui defendi em situação desse tipo e, concluí, que quem toma uma atitude preconceituosa como essas é um simples palerma, por não respeitar a pessoa em si, e não apenas suas origens. Não existe racismo, existe gente pobre de espírito que vai SEMPRE discriminar o próximo, vai sempre defender só os interesses deles e vai sempre viver num universo tão minúsculo, que é o mundo imaginário que ele criou, onde as coisas são ao modo dele e o que tiver fora desse modo, não faz sentido e deve ser repreendido. (MAS, p. 24, Apêndice G).

Os comentários indicam a negação do elemento racial, que é feita de forma superficial, em termos de argumentação, reproduzindo discursos generalistas que ocultam e desconsideram a intensidade com que as mulheres negras, e não todas as mulheres são

insultadas com os chamados elogios. Oculta que o racismo é estruturador das nossas relações em sociedade, fomentando a fetichização do corpo negro, levando os sujeitos a se sentirem à vontade para proferir “elogios” sem que se tenha intimidade para isso.

A questão da "bunda" e de reduzir a mulher negra a um pedacinho do seu corpo, não é pelo fato de ser negra, mas pelo fato de ser mulher! td mulher independentemente da etnia, da cor, do tamanho passa por isso! isso é machismo, não racismo! (CARMEM CRUZ, p. 23, Apêndice G).

A construção afirmativa das frases, a exemplo do trecho acima, nos dá a ideia de que não há margem para outros tipos de explicação. É machismo e pronto. Na medida em que se argumenta que todas as mulheres se encontram sujeitas à mesma condição, o exercício de analisar as diferentes experiências de ser mulher, numa perspectiva interseccional se torna desnecessária.

Tais argumentos demonstram *aparente ignorância* sobre o fenômeno do racismo, conforme identificou van Dijk (2017) em suas análises sobre o racismo. Dizemos aparente, pois apesar de expressar o termo *talvez*, Brighente (Apêndice G) em seguida, utiliza o termo *nunca* para emitir sua opinião. Sendo assim, não há dúvidas, mas certezas. Certezas que impedem as mudanças. E o racismo, uma vez desconsiderado, continua seu processo de reprodução.

Respeito suas ideias, mas acho que tudo isso só alimenta o auto preconceito. Da senhora que quis mexer no seu cabelo. Sim é raro ver negros deixando o cabelo natural (lindo), a maioria alisa. Acho um gesto de admiração. As vezes o que as pessoas tentam dizer de uma maneira vocês encaminham para o preconceito (CAROLINE, p. 28, Apêndice G).

A internauta Caroline reproduz uma das justificativas mais usuais para o racismo no Brasil – o autopreconceito -, ou melhor, o negro é que é preconceituoso, vê racismo em tudo. É o que van Dijk (2017) vai denominar de *inversão*, a culpabilização da vítima, estratégia de negação do racismo que tem sido eficaz ao grupo racial dominante na permanência de seus privilégios. van Dijk (2017) destaca que “observamos que esses movimentos locais materializam dentro de uma oração as estratégias totais (globais) de autorepresentação positiva (favoritismo intergrupar) e de outro – apresentação negativa (depreciação dos exogrupos)” (p. 142). Notemos que essa estratégia desresponsabiliza os sujeitos sobre suas práticas, dificultando mudanças nas estruturas societárias.

Outro aspecto, para o qual atentamos durante a análise é que pelo menos uma delas informa que é branca (Ams), sendo dela o entendimento da prevalência do sexismo sob o racismo.

Acredito que seu texto se adapta para todas as mulheres, não especificamente as negras. Não me leve a mal, não sou negra, mas tenho descendências mistas, como o europeu, indígena e afro. Vejo os atos de racismos, com qualquer etnia ou origem, como algo tão arcaico. Já defendi e fui defendi em situação desse tipo e, concluí, que quem toma uma atitude preconceituosa como essas é um simples palerma, por não respeitar a pessoa em si, e não apenas suas origens. Não existe racismo, existe gente pobre de espírito que vai SEMPRE discriminar o próximo, vai sempre defender só os interesses deles e vai sempre viver num universo tão minúsculo, que é o mundo imaginário que ele criou, onde as coisas são ao modo dele e o que tiver fora desse modo, não faz sentido e deve ser repreendido (AMS, p. 24, Apêndice G).

Para nós demonstra a importância do lugar de fala e da experiência, que o feminismo negro constrói, para explicar a dificuldade que pessoas brancas (mulheres e homens) têm de compreender os argumentos acerca do racismo, assim como os que foram expostos pela autora do post.

A autora da postagem, responde a Ams da seguinte forma: EXISTE SIM. (NUNES, 2013, p. 24). Assim, em letras maiúsculas, de forma enfática e afirmativa, parecendo indicar a necessidade da internauta aprofundar seus conhecimentos sobre as relações raciais no Brasil. Para, além disso, é preciso lembrar que o discurso da internauta, longe de representar uma fala individual, está assentado numa construção social, considerando que o racismo e o sexismo são estruturadores da sociedade brasileira, conforme nos elucidou Ribeiro (2017), a luz de Patricia Hill Collins como tratado no capítulo II dessa tese.

O comentário “a do cabelo não sabia que era ofensivo, de verdade, eu sempre elogio cabelos crespos e afros não só pq gosto, mas pra demonstrar e até 'incentivar' a pessoa, sabe ... inflar o ego mesmo” (ADRIANA, p. 30, Apêndice G) parece ingênuo ao afirmar seu desconhecimento acerca de que há elogios racistas, motivo da postagem, e acredita que contribui com a autoestima do sujeito alvo do suposto elogio.

Esse argumento nos parece autodefesa, pois ao não considerar sua atitude como racismo, descontextualiza seus atos. Estamos numa sociabilidade em que as características do povo negro são exotificadas, gera elogios dessa natureza, já que o mesmo não ocorre com

frequência com pessoas não negras em nosso país. Só fazemos isso, em virtude do racismo que estrutura nossas relações e que dispõe do artifício de passar “despercebido”.

Já no comentário do Pedro, identificamos o que van Dijk (2017) denomina de empatia aparente, presente em seu esforço para definir a pessoa miscigenada conceitualmente, como termo correto ou adequado.

Acredito que o termo "moreno" ou "morena" impreciso. Não diz nada em termos étnicos. Parece simplesmente significar "não-branco", até porque também é usado para se referir à ameríndios, indianos, árabes, etc. Mistura de negro com branco é mulato, esse sim um termo mais adequado (PEDRO, p. 42, Apêndice G).

É preciso que se reflita para quem é adequada essa nomeação? A origem do termo é conhecida e considerada nociva para os sujeitos alvo do racismo, mas, por que se afirma com tanta certeza? De onde vem essa certeza? Dos discursos racistas socialmente construídos e ratificados no cotidiano das instituições.

No post sobre a Marcha das Vadias e os Desafios Políticos das Mulheres Negras a internauta Catarina, por três vezes teceu comentários na intenção de justificar a abordagem da Comissão de Segurança da Marcha das Vadias do Distrito Federal e demais mulheres que participavam do evento em relação ao homem negro, morador de rua e deficiente. De forma que nos soou irônica ao descrever a frase: “oferecer chá com biscoitos”, a Catarina parece desconsiderar os argumentos apresentados pela autora do post, na medida em que descontextualiza o fenômeno. A internauta reconhece que o homem é oprimido, mas ainda assim válida o comportamento das mulheres; informa que pelo vídeo é possível perceber que o homem provavelmente tem algum distúrbio mental, para em seguida dizer que na hora não era possível perceber. Então porque apenas a mulher negra, amiga da autora do post percebeu? Não só o distúrbio, mas também a condição social e racial do homem? A resposta também nos parece que reside no distanciamento que a internauta vivencia em relação aos impactos negativos do fenômeno do racismo e na ausência de empatia com as reivindicações do movimento negro e de mulheres negras.

Além disso, diz da sua irritação com parágrafo da postagem da internauta Abigail que diz: “Ver essa dupla discriminação sobre esse homem foi de doer o coração, pois expôs de forma visceral o racismo classista de nossa sociedade” (ABIGAIL, 2013, p. 4). Essa irritação

não ocorre sem motivo. É expressão do aborrecimento gerado pela forma com o racismo estrutural lhe é demonstrado e do qual ela é agente.

Como afirma van Dijk (2017): “Uma das características centrais do racismo contemporâneo é a sua negação, ilustrada de modo típico nas conhecidas ressalvas do tipo ‘não tenho nada contra negros, mas...’” (p. 155). Daí a incompreensão da internauta acerca da correlação entre racismo, sexismo e demais opressões como podemos ler em trecho de seu discurso: “[...] dele ser negro e deficiente... não entendo como isso poderia servir de desculpa para um homem agredir ou tentar agredir impunemente”.

A internauta não consegue analisar que não se trata de desculpa, mas sim de um fenômeno macrossocietário que tem relação direta no cotidiano dos sujeitos negros. Dizemos isso, pois ao se colocar na frente do homem negro, morador de rua e deficiente com o cartaz que menciona o genocídio do povo negro, a mulher negra (Maria Luiza Júnior), amiga da autora do post, está informando o que RIBEIRO (2017), relata a partir do que diz Grada Kilomba:

Além de mostrar que mulheres possuem situações diferentes, Kilomba rompe com a universalidade em relação aos homens também mostrando que a realidade dos homens negros não é a mesma da dos homens brancos, ou seja, evidencia que também em relação a esses é necessário fazer a pergunta: de quais homens estamos falando? É muito importante perceber que homens negros são vítimas do racismo e, inclusive, estão abaixo das mulheres brancas na pirâmide social. Trazer à tona essas identidades passa a ser uma questão prioritária. Em sua análise ao não universalizar nem a categoria mulher e nem a de homem, Kilomba cumpre esse papel (RIBEIRO, 2017, pp. 41-42).

Do post de autoria da Mariana Santos Assis sobre o eixo, lemos o comentário: “posso perguntar onde a Preta Gil é branca e loira?” (p. 2, Apêndice G) de Nathália Horlle ao questionar o conteúdo do post que tece críticas ao programa esquentada da rede globo. O referido comentário reduz o debate à presença de uma mulher negra no Programa, como se fosse suficiente para deslocar o racismo.

Esse tipo de discurso retrata a desinformação e também o desserviço que a mídia de massa repassa ao telespectador. A formação primária dos sujeitos no país não está dissociada do reforço ao racismo e sexismo e as resistências em “abrir a mente” para o novo é uma realidade. As dificuldades para receber e “digerir” essa reflexão vão se apresentar e a mente

sob controle diário de discursos depreciativos sobre o “outro”, produzidos inclusive pela mídia hegemônica, não cederá tão fácil, aos contradiscursos. Isso em virtude de que:

Para grande parte da imprensa, apenas os antirracistas veem esse racismo do dia a dia como racismo, o que resulta na marginalização dos antirracistas como um grupo radical ou maluco. [...] Não surpreende, portanto que reportagens sobre aspectos gerais do racismo na própria sociedade ou no próprio grupo tendem a ser raras [...] Escritores, pesquisadores e grupos de ação antirracistas têm pouco acesso à mídia, e suas atividades ou opiniões tendem a ser mais ou menos cruelmente desprezadas, se não ridicularizadas. Além do mais, para a imprensa de direita, eles são a verdadeira causa dos problemas atribuídos a uma sociedade multicultural, pois não só atacam instituições respeitáveis (como a polícia, o governo ou o empresariado), mas também apresentam uma definição alternativa da situação étnica, completamente incompatível. É essa competição simbólica pela definição da situação e a batalha intelectual sobre a definição da moral social que coloca a imprensa direitista contra intelectuais, professores, escritores e grupos de ação esquerdistas (VAN DIJK, 2017, pp. 175-176).

Na citação acima se lê sobre as estratégias que a imprensa desenvolve para silenciar a fala dos povos oprimidos, tornando primordial que esses mesmos povos ocupem todos os espaços societários para através de suas próprias “ferramentas dismantelar a casa grande”, parafraseando Audre Lorde.

### **5.2.2 Potencial político e pedagógico do Blog**

Este é um eixo que identificamos referir-se apenas aos comentários do post da Charô Nunes: Deixar de Ser Racista, Meu Amor, Não é Comer uma Mulata! O que não é de estranhar considerando que em relação a todos os posts do blog, inclusive dos outros dois em análise, esse foi o que recebeu a maior quantidade de comentários.

Nesse eixo encontramos 21 discursos de internautas que demonstram o potencial político e pedagógico de blog como blogueiras negras contribuir para ruptura do discurso racista e sexista e, por conseguinte, atuar em prol de mudanças na mentalidade das pessoas. Destes destacamos os comentários de 08 internautas que sintetizam os discursos organizados no eixo (Apêndice H).

Nos trechos destacados percebemos um movimento discursivo diferente do anterior, na medida em que os/as internautas reconhecem e revelam seus comportamentos racistas e seus privilégios. A autocrítica é relevante para o esforço de mudar as condutas e as práticas

sociais. A maioria dos comentários traz à tona o reconhecimento acerca da experiência do racismo, como algo que gera sofrimento ao outro, ou então que lhe pôs a refletir acerca disso.

A internauta Myrella, reconhece os privilégios da branquitude e os benefícios que recebeu apenas em decorrência do seu fenótipo branco: “Eu sou bem branquela e falo isso sem orgulho, porque sei exatamente o quanto eu já fui bem aceita sem nem provar o meu valor, exatamente porque a cor da minha pele ou do meu cabelo já falavam por mim antes” (p. 24, Apêndice H). Nesse sentido, também fica evidente o racismo presente nos processos de socialização, que dificultam localizar a falsa cordialidade e as práticas segregacionistas. Também expõe a existência do racismo nas relações sociais, o que se costuma negar de modo contumaz.

Nesse mesmo âmbito segue o discurso da Gissele, que afirma ter sido criada em ambiente com ensinamentos racista, e expõe, a partir de sua experiência, como os racistas se comportam frente à pessoa negra (falsa cordialidade), e como se comportam quando estão apenas entre pessoas brancas (sentem-se à vontade para dizer o que realmente pensam de negros e negras).

sou mulher, branca, que recebeu "ensinamentos" racista desde sempre. Lembro que achava horrroso e que tinha algo de errado, mas já reproduzi alguns desses ensinamentos ao longo da vida e trabalho para me livrar deles.(Assim como internalizamos o machismo, etc etc) [...] Tenho que pedir desculpas por essas pessoas. Sério. Essa acho que foi uma das situações mais horrorosas de racismo que presenciei. [...] Me senti ultrajada por tabela, fiquei pensando qual característica física minha seria o 'fetiche' do cara que estava na época. [...] Desculpas.Não sei nem o que dizer pra expressar como sinto triste por isso. Desculpas mesmo (GISSELE, p. 41, Apêndice H).

Essa descoberta é assustadora para algumas pessoas como expressa Ana Maria em seu comentário, referindo já ter adotado práticas segregacionistas. Mas por outro lado, são esses relatos, também contribuem para evidenciar o racismo e suas formas de manifestação. Somente as pessoas que obtiveram as vantagens raciais e que conviveram em meio aos racistas, como seus iguais podem explicitar e compartilhar essa experiência e assim colaborar, através delas, com as lutas societárias que buscam a ruptura do poder e dominação das elites simbólicas.

Em tempos de avanço do conservadorismo o exercício de romper com práticas antidemocráticas, racistas, sexistas, homofóbicas se mostra salutar e por esse prisma, mais

uma vez reiteramos a importância no investimento na elaboração de contradiscursos embasados em epistemologias como o feminismo negro, tornando a mídia virtual um campo de propagação desses conhecimentos a serem cotidianamente disputados, sobretudo diante das práticas de divulgação de mentiras na internet, as denominadas fakenews.

### 5.2.3 Reprodução ou reforço ao racismo

Os comentários dispostos nesse eixo trazem comentários dos 3 posts selecionados para a pesquisa. Neles observamos que os comentários concordam e até mesmo elogiam os posts, mas com reservas, pois os/as internautas também discordam de argumentos suscitados pelas autoras com alguns deles findando, inclusive, nas suas justificativas por reproduzir e/ou reforçar o racismo.

No post: Deixar de Ser Racista, Meu Amor, Não é Comer uma Mulata! Identificamos 44 comentários dos quais selecionamos 5 que informam com riqueza de detalhes os argumentos gerais descritos no eixo. No post: Do Trágico ao Épico: A Marcha das Vadias e Os Desafios Políticos das Mulheres Negras identificamos 8 comentários, mas nos aprofundaremos em 4 que, no geral, expressam o que foi dito pelos demais. E no post: Não Se Enganem, analisaremos os 2 comentários nele descritos.

Nos comentários identificamos que as internautas enfatizam a cordialidade, a convivência com o/a agressor/a em oposição ao conflito, o conflito significa ignorância e não resistência, ou oposição.

Desse ponto de vista, são destacadas as justificativas que suprimem direitos de povos historicamente oprimidos e nesse sentido, entendemos que atitudes incisivas são também estratégias essenciais para fazer emergir ao nível do consciente, o que está no inconsciente, considerando os argumentos descritos nos comentários. Pensamos ainda, que as leituras da realidade racial devem buscar entender, sobretudo, a vítima e não enaltecer as justificativas para a atitude do(a) agressor(a) como habitualmente se faz no Brasil, diante do racismo. Como exemplo dessa prática, citamos o caso do goleiro “aranha”.

Quando ainda era goleiro do Santos, em 2014, Mário Lúcio Duarte Costa, o Aranha, foi chamado de “macaco” por vários torcedores do Grêmio. Câmeras de televisão flagraram as ofensas racistas. O clube acabou punido com a exclusão da Copa do Brasil. No mesmo ano, o goleiro voltou a jogar na Arena do Grêmio. Passou a partida inteira sendo vaiado por uma expressiva parcela da torcida. Ao fim do jogo, afirmou que a manifestação, logo depois de ter sido alvo de injúria racial, reforçava

o preconceito dos gremistas que o atacaram e que aquelas vaias não eram normais. Repórteres que o cercavam se comportaram como inquisidores. Alguns, lançando sorrisos provocativos, insinuavam que Aranha deveria reagir calado ao açoite. [...] Embora tenha aderido a campanhas educativas e dialogado com suas organizadas para abolir o termo “macaco” de cânticos que historicamente serviram para depreciar rivais colorados, o Grêmio jamais se assumiu, de fato, como culpado. Muitos torcedores e, sobretudo, dirigentes não conseguem enxergar Aranha como vítima. Para eles, o goleiro provocou o imbróglio que resultou na eliminação do clube de uma competição, quando, na verdade, ele apenas denunciou a prática abominável de injúria racial no estádio – com a qual, por décadas, o Grêmio, assim como a maioria dos clubes do Brasil, foi condescendente (PIRES, 2017, p. 1).

É justamente a condescendência com práticas opressoras que precisam ser trabalhadas e superadas. Essa herança perversa do período escravocrata e do racismo constituído no Brasil com base no mito da democracia racial e da ideologia do branqueamento tem atuado para garantir a permanência do racismo, com vistas à preservação dos interesses da classe no poder.

A internauta Denise Telles também segue nesse equívoco de justificar a prática opressora, na medida em que, avalia inexistir por parte do perpetrador, ofensa racial ao não utilizar a palavra negra, nos diálogos com pessoas negras. A utilização do termo morena seria para dar um upgrade, ou seja, é como se o termo: mulata, fosse mais apropriado do que negra, justificando que ao usar morena se está valorizando a pessoa negra. Em entrevista a revista de estudos avançados Munanga (2004) conta sobre o desafio de identificar o negro e o que é ser negro no Brasil.

Parece simples definir quem é negro no Brasil. Mas, num país que desenvolveu o desejo de branqueamento, não é fácil apresentar uma definição de quem é negro ou não. Há pessoas negras que introjetaram o ideal de branqueamento e não se consideram como negras. Assim, a questão da identidade do negro é um processo doloroso. Os conceitos de negro e de branco têm um fundamento etno-semântico, político e ideológico, mas não um conteúdo biológico (MUNANGA, 2004, p. 2).

Como mulher negra, a Denise é afetada pelo que o autor citado acima refere. As dificuldades e consequências geradas pelo racismo e sexismo são difíceis de suportar e de conviver. Os sentidos do discurso da internauta são utilizados pelo sistema opressor para justificar e/ou ocultar o racismo, pois se ela, que é negra está dizendo isso, pode-se argumentar que essa é uma questão que diz respeito apenas aos negros(as), e não a toda sociedade. Sendo essa uma das falácias raciais que buscamos demonstrar na pesquisa, colaborando para desvelá-lo, inclusive para suas vítimas.

O Pedro Taam descreve no seu comentário que não concorda com a autora no que se refere ao “elogio” sobre cabelo (considera vê-lo e tocá-lo como gesto de admiração), bem como Viviane V, que relata ter pessoas que simplesmente gostam de tocar nos cabelos de outras pessoas, mas chama a atenção para o aspecto de que esse ato deve ocorrer de preferência, após consentimento. Ou seja, o toque deve ocorrer sempre com o consentimento da pessoa a ser tocada, o que é pormenorizado quando se refere a pessoas negras, cuja estética é estereotipada como já afirmamos no decorrer dessa pesquisa. O que se está questionando nessas abordagens é o TOQUE SEM AUTORIZAÇÃO. Daí não é algo tão simples, haja vista, esses corpos negros terem sido historicamente violados. É como as pessoas se sentissem nesse direito. O pedir autorização, licença não é a norma nesses casos. As pessoas chegam ao ápice de puxar os cabelos para verificar se são de verdade, como relata a internauta Maristela Bonfim (2013, p. 35): “Uma senhora, puxou meu cabelo no supermercado. Eu olhei para ela com certo espanto e ela justificou “Desculpa, querida! Só queria saber se o seu cabelo é natural”. Possivelmente essa prática seria considerada agressiva em qualquer outro contexto sociorracial, mas em se tratando de corpos negros, no Brasil, busca-se encontrar justificativas, tais como as descritas anteriormente.

A internauta Viviane V, que se identifica como parda, continua equivocada quando informa que o “elogio” você tem a bunda linda é uma ofensa que diz respeito a todas as mulheres, desconsiderando o aspecto racial desse tipo de abordagem. A dissociação entre o racismo e sexismo, com a prevalência do sexismo não é interessante, sobretudo por desconsiderar o entrecruzamento das opressões que atingem os povos oprimidos.

A internauta citada também se equivoca ao referir que tem pessoas negras que não gostam de ser assim nominadas, preferindo o termo morena, parecendo suscitar com esse relato que essa é uma questão individual, do âmbito privado de cada sujeito, deixando de considerar toda a construção histórica que levou a pessoa negra a tomar essa atitude.

Em relação ao internauta oclaudiobr vê-se pelo seu comentário que o citado acredita na inexistência das raças, daí denominar-se rosado. Esse é um posicionamento que não soma com os esforços de visibilidade do racismo, pois como já exposto em nosso primeiro capítulo, a raça no seu sentido biológico inexistente, mas socialmente está em plena atividade. Dessa forma, é preciso que a pessoa branca faça o exercício de reconhecer sua condição racial e os privilégios a ela associados. O reconhecimento é o caminho para enfrentar o problema que é de todos(as). Por manter relacionamento afetivo com uma jovem que informa ter a cor marron e também negra, o internauta tem dúvidas se a forma com que a trata na intimidade (negrinha)

é um problema. Refletimos que essa forma de tratamento tem memória escravocrata, sendo importante repensá-las, pois nossos afetos e formas de demonstrá-lo também são construídos numa sociedade marcada pelo racismo e sexismo.

No post: *Do Trágico ao Épico: A Marcha das Vadias e Os Desafios Políticos das Mulheres Negras* encontramos discursos que reiteram aspectos da miscigenação, como um elemento que em situações de opressão colocam as vítimas como sendo causadores de sua própria opressão, e ainda sendo o agente opressor de outros oprimidos. Como parece informar a Juliana Cunha, ao dizer que no vídeo (cuja visualização não está mais disponível na internet) a presença de mulheres pardas é maioria dentre as que agrediram o homem negro, morador de rua e deficiente que estava em atos obscenos durante a Marcha.

Essa negação do racismo, ao informar que a maioria das mulheres “agressoras” era formada por pardas, que provavelmente sofreram discriminações ao longo da vida, nos parece se associa com o que van Dijk (2017, p. 181) denominará de negações sutis “As negações nem sempre são explícitas. Há muitas maneiras de se expressar dúvida, distância ou não aceitação de afirmações ou acusações.

Além disso, as internautas acusam a autora do post de através dos seus argumentos desvalorizar a Marchas das Vadias, de deslegitimar o movimento, de fazer uso de um tom destrutivo. Lembramos que essas foram acusações direcionadas a mulheres negras como Lélia Gonzalez, durante sua trajetória no enfrentamento ao racismo e sexismo por falar brilhantemente sobre os silenciamentos do racismo no movimento feminista e do sexismo no movimento negro. hooks (2015) também traz relatos de experiências sobre essas acusações.

Em 1981, matriculei-me em uma disciplina de pós-graduação sobre teoria feminista, onde nos foi dada uma lista de leituras que continha textos de mulheres brancas e homens brancos e de um homem negro, mas nenhum material de mulheres negras, índias, hispânicas ou asiáticas. Quando critiquei esse descuido, as mulheres brancas se dirigiram a mim com uma raiva e uma hostilidade tão intensas que eu tive dificuldade de continuar a frequentar as aulas. Quando sugeri que o propósito dessa raiva coletiva era criar uma atmosfera na qual me seria psicologicamente insuportável falar em discussões em sala de aula, ou mesmo assistir às aulas, elas me disseram que não tinham raiva, que eu era a única que estava com raiva. [...] Muitas vezes, em situações em que atacaram agressivamente alguma mulher negra, as feministas brancas se viam como sendo as que estavam sob ataque, elas, as vítimas. Durante uma discussão acalorada com outra aluna branca em um grupo de mulheres racialmente misto que eu tinha organizado, ela me contou ter ouvido falar sobre como eu havia “varrido” pessoas na disciplina de teoria feminista, e que tinha medo também de ser “varrida”. Eu a lembrei que eu era uma única pessoa falando a um grupo grande de pessoas irritadas

e agressivas, que eu pouco estava dominando a situação. Fui eu quem saí da aula em lágrimas, e não qualquer uma das pessoas que eu tinha supostamente “varrido” (HOOKS, 2015, pp. 205-206).

Ou seja, além de oprimidas pelo racismo, sexismo e exploração de classe, as feministas negras ainda têm que lidar com as acusações no teor das expressas pelas internautas, que são discursos recorrentes, nos reiterando a importância e atualidade do feminismo negro.

Outra questão é a acusação pelas internautas de que as mulheres negras secundarizam o feminismo e as opressões são comuns a todas as mulheres, quando o que ocorre é o contrário. Quando as mulheres negras chamam a atenção do movimento feminista para o racismo, é em virtude dele está sendo silenciado pelo movimento. Não é para hierarquizar as opressões, pelo menos no que se refere a perspectiva interseccional, mas para demonstrar que todas as opressões são relevantes, mas que atingem as mulheres de formas diferentes a depender de quantos entrecruzamentos elas “habitam”. Isso não é expor o movimento feminista, mas alertá-lo da importância de considerar as necessidades e reivindicações de todas as mulheres e não apenas das mulheres brancas e em melhores condições sociais e econômicas num sistema de exploração de classe. Os argumentos das internautas ao priorizar o feminismo como principal opressão dialoga com que hooks descreve:

Um preceito central do pensamento feminista moderno tem sido a afirmação de que “todas as mulheres são oprimidas”. Essa afirmação sugere que as mulheres compartilham a mesma sina, que fatores como classe, raça, religião, preferência sexual etc. não criam uma diversidade de experiências que determina até que ponto o sexismo será uma força opressiva na vida de cada mulher. O sexismo, como sistema de dominação, é institucionalizado, mas nunca determinou de forma absoluta o destino de todas as mulheres nesta sociedade. Ser oprimida significa ausência de opções (HOOKS, 2015, p. 197).

Leem-se ainda nos comentários que as vozes das mulheres é que são silenciadas e se esperava um debate inteligente sobre o assunto. Analisando esses trechos do discurso, através do aporte teórico do feminismo negro, entendemos que não são todas as mulheres que são silenciadas, o que já informamos anteriormente discordar e explicamos os motivos. Mas o que chama mesmo nossa atenção é o entendimento da internauta de que não foi feito um debate inteligente. Tal discurso tem o sentido de desqualificar a capacidade intelectual da autora do post, que é uma mulher negra com formação acadêmica. Mas no caso da internauta o racismo

prevalece sob os conhecimentos da autora. Sendo assim novamente nos reportamos a hooks (1995) que nos relata a importância do trabalho de intelectuais negras, a exemplo da autora do post.

Muitas vezes o trabalho intelectual leva ao confronto com duras realidades. Pode nos lembrar que a dominação e a opressão continuam a moldar as vidas de todos, sobretudo das pessoas negras e mestiças. Esse trabalho não apenas nos arrasta mais para perto do sofrimento como nos faz sofrer. Andar em meio a esse sofrimento para trabalhar com ideias que possam servir de catalisador para a transformação de nossa consciência e nossas vidas e de outras é um processo prazeroso e extático. Quando o trabalho intelectual surge de uma preocupação com a mudança social e política radical, quando esse trabalho é dirigido para as necessidades das pessoas nos põe numa solidariedade e comunidade maiores. Enaltece fundamentalmente a vida (HOOKS, 1995, pp. 477-478).

Ou seja, as intelectuais negras são importantes produtoras de contradiscursos e possibilitam o enfrentamento do racismo e sexismo, que no caso das internautas desse eixo vão buscar explicar o racismo ocorrido na marcha, responsabilizando/culpando o “outro”, revertendo os discursos. Essa se configura numa das estratégias de preservação dos privilégios dos brancos.

Uma das principais maneiras estratégicas pelas quais os falantes e escritores se engajam em tais formas de gerenciamento de imagem é a negação do racismo. Eles podem simplesmente alegar que não disseram nada de errado ou destacar suas intenções: pode ser que tenha soado negativo, mas a intenção não era essa. [...] Os falantes e escritores podem ainda abandonar sua posição de autorepresentação positiva e defesa própria e passar a um contra-ataque mais ativo e agressivo: o verdadeiro problema, se não os verdadeiros racistas, são aqueles que lançaram as acusações de racismo. [...] É interessante observar que, apesar das diferenças de estilo entre os diversos grupos sociais, esse discurso pode ser encontrado em todos os níveis da sociedade e em todos os contextos sociais. Ou seja, tanto nos cidadãos brancos comuns como as elites brancas precisam proteger sua autoimagem social e ao mesmo tempo gerenciar a interpretação de suas práticas em um mundo social e cultural crescentemente variegado. Para o grupo dominante isso significa que as relações de dominação devem ser reproduzidas nos níveis macro e micro, tanto na ação como na mente. Representações negativas do grupo dominado são essenciais nesse processo de reprodução. Todavia, tais atitudes e ideologias são incongruentes com as normas e ideais democráticos e humanitários dominantes. Isso implica que o grupo dominante precisa se proteger cognitivamente e discursivamente contra a perniciosa acusação de intolerância e racismo. O equilíbrio só pode ser restaurado sendo ou se tornando realmente antirracista, aceitando as minorias e imigrantes como iguais ou então negando o racismo. Essa é a opção com que os grupos brancos europeus e norte-americanos estão se

deparando. Até o momento, em sua maioria eles têm escolhido a última opção (VAN DIJK, 2017, pp. 196-197).

Numa comparação entre sociedades, resguardadas as especificidades, podemos dizer que os brancos no Brasil também estão frente a essas opções, com os contradiscursos contribuindo para a luta antirracista. Dizemos isso, pelo analisado no eixo que trata do reconhecimento do racismo e sexismo pelas internautas. Nele vimos que é possível que a opção pelo antirracismo se concretize, mas como outras pessoas brancas ainda optam por manter seus privilégios a desconstrução do racismo e sexismo permanecem sendo necessárias.

No post: Não Se Enganem analisamos que a mídia exerce um poder significativo na formação da opinião das pessoas. Pensamos que o foco dos argumentos da autora do post e as críticas que vem tecendo ao longo do texto são sobre o lugar de fala e quem está autorizado a falar sobre tema diretamente experienciado pelo povo negro e periférico.

A internauta Grécia Mara se posiciona revelando que:

eu não concordo quando se fala de que não houve no Esquenta espaço para mostrar as referências que o Douglas teve na vida para começar a dançar [...] Neste programa se teve a oportunidade de ouvir e refletir que no Brasil o preto e o pobre são uma parcela da sociedade que “pode morrer”, já que ninguém faz nada ante os números alarmantes que expressam essa realidade (GRÉCIA MARA, Apêndice I).

Vejamos o que a autora post respondeu a internauta informado:

Entendo sua leitura, mas na boa, ainda acho que nosso problema é se contentar com as migalhas que nossos senhores nos jogam. Assisti ao programa td, cultivando meu ódio pela arrogância deles em achar que colocar seus especialistas e famosos para falar sobre nosso sofrimento seria suficiente, e mais, que isso os tornaria pessoas maravilhosas livres do racismo e generosas com os negrinhos. Se quer ser um espaço para a arte e a cultura que não vemos na mídia, que seja proporcional, o que vemos ali é uma maioria branca, que não representa a população brasileira, dizendo para nós como devemos agir, sentir ou sofrer.

Frente ao que foi dito na citação é preciso que a mídia seja expressão de toda a diversidade de sujeitos que compõem a sociedade e que nela os temas sejam tratados por quem possui conhecimentos e experiências sobre o mesmo. Entretanto quando a mídia está sendo controlada pela classe no poder o que prevalecerá serão os valores e interesses dessa classe que falará por todos, como se ela fosse representativa de toda a sociedade. Van Dijk (2017) nos oferece uma visão geral do que ocorre na mídia hegemônica na produção e

divulgação de informes de interesse dos grupos oprimidos, a partir dos seus estudos na Europa e Estados Unidos.

As práticas de coleta de notícias, bem como os padrões de citação também mostram que as minorias e suas instituições têm literalmente pouco a dizer na imprensa. Na Europa, em especial, praticamente inexistem jornalistas entre as minorias, de modo que a perspectiva, o conhecimento interno, a experiência, as atitudes prevaletentes e fontes necessárias para os jornalistas tendem a ser inteiramente brancas, [...] Mesmo em eventos étnicos, os porta-vozes das minorias são menos citados, citados com menos credibilidade e, se forem citados, suas opiniões serão contrabalançadas com os comentários mais neutros de porta-vozes brancos. Especialmente no que diz respeito a temas delicados, tais como a discriminação, o preconceito e o racismo, os representantes ou especialistas das minorias raramente são ouvidos de modo crível e autorizado. Se afinal forem ouvidos, tais citações serão apresentadas frequentemente como acusações sem fundamento e até ridículas (VAN DIJK, 2017, p. 174).

No Brasil não nos parece que a situação é diferente da relata acima, com o agravante que no país a população negra é maioria, ainda assim são praticamente inexistentes jornalistas negros/as com espaço na mídia. Negras/os dispõem de um vasto grupo de especialistas que ignorados por essa mídia.

Nomes como professor Marcelo Paixão, Juliano Gonçalves, Wilson Silva, mesmo intelectuais que se dedicam especificamente a outras áreas como Sueli Carneiro ou as lideranças de grupos como as Mães de Maio ou Comitê contra o Genocídio da Juventude Negra são bons exemplos para compor essa mesa. Mas existem inúmeros estudiosos negros capazes de fazer esse tipo de debate. Sem os recursos da Rede Globo já conseguimos encontrar, imagine com o que eles têm... (ASSIS, 2014, p. 2).

Por todo o exposto até o momento vemos que ainda é necessário ampliar os conhecimentos sobre o racismo no país e suas consequências. Sobretudo, quando as vítimas do racismo são mulheres que expõem suas experiências racistas/sexistas, e se posicionam, reagindo as opressões de forma a romper com o silenciamento, conforme veremos em seguida.

#### **5.2.4 A formação do discurso antagonista**

Nesse eixo temos contribuições dos comentários de 2 posts: Do Trágico ao Épico e Não se Enganem.

No post Do Trágico ao Épico: A Marcha das Vadias e os Desafios Políticos das Mulheres Negras foram identificados 18 comentários e destes analisaremos 8 (Apêndice J), que nos pareceram mais significativos, em virtude dos discursos neles descritos.

Nos comentários temas com relação à raça, classe e gênero são discutidos, com sentidos de criticar os entendimentos que hierarquizam as opressões. Nas abordagens que temos feito no decorrer da tese, vemos a importância da interseccionalidade para o enfrentamento desse conjunto diverso de desigualdades. O que nos parece importante e que os internautas parecem atentar é para a necessidade do reconhecimento pelos feminismos de que as diferentes reivindicações, das diferentes mulheres precisam ser plenamente consideradas na realização de eventos e mobilizações.

Na medida em que a nota da Marcha das Vadias do Distrito Federal em 2013 assume que o ocorrido foi um erro e informa a importância da autocrítica identificamos que o discurso do post analisado produz contradiscurso, fortalecido pelas contribuições em formas de comentários das/os internautas. Vejamos abaixo como isso se reflete na Marcha.

**O que percebemos é que a violência sexista praticada por esse homem não foi problematizada na maioria das críticas às quais tivemos acesso [...]. A invisibilização e a hierarquização de uma opressão em detrimento da outra pode ocorrer quando uma rede complexa de opressões entra em conflito, tornando possível que uma das opressões anule as demais. Por outro lado, esse foi também o grande erro de ação da Marcha das Vadias do DF, no caso específico desse homem em situação de rua. Um erro que tem como origem uma série de outros erros estruturais na própria formação da MdV-DF, como, por exemplo, a dificuldade na desconstrução de privilégios que fazem parte do cotidiano de muitas de nós, o que muitas vezes nos leva a reproduzir as opressões que buscamos combater. Considerando que aquele homem também é constantemente oprimido – pela sua classe, sua situação de rua, sua saúde debilitada e sua cor – não poderíamos agir de maneira a igualá-lo a um agressor qualquer. [...] Não percebemos que a situação de vulnerabilidade na qual ele se encontrava deveria ter sido motivo suficiente para que ele não fosse jogado na mesma “caixa homogênea” em que colocamos todxs xs outrxs agressorxs. Na verdade, em três anos de Marcha, essa “caixa” nunca havia sido devidamente problematizada. Por isso entendemos que todas as críticas, inclusive aquelas com as quais não concordamos inteiramente, têm sido importantíssimas para a nossa caminhada de luta por um mundo livre de opressões. Sabemos que é uma longa caminhada e que passa por processos constantes de (des)construções, auto-reflexão e auto-**

crítica, além de muito diálogo com outros movimentos (MARCHA DAS VÁDIAS-DF, 2013, p. 3, grifo das autoras).

Gerar inquietações, causar incômodos e reflexões sobre o lugar de privilégio que pessoas brancas, independente do gênero desfrutam no país tem sido uma importante contribuição do feminismo negro. O enegrecer do feminismo debatido pela Sueli Carneiro nos fala justamente disso, da imprescindibilidade do racismo que estrutura as relações sociais não ser secundarizado no feminismo e muito menos acusado de fragmentar as lutas. Para tanto o diálogo entre os movimentos sociais que visam o fim das opressões são relevantes nesse sentido.

Nos comentários das internautas Ana Maria Gonçalves: “Ele me ajudou a colocar no lugar muitas percepções que andavam soltas. É interessante perceber que, quando se trata de racismo (não só, mas principalmente), muitos tendem a ver divisão/ruptura onde, na verdade, nunca houve inclusão” (Apêndice J) e Laís “Acredito que por nunca ter sido hostilizada de alguma forma pela minha cor de pele e não ter tido alguém negro presente durante meu crescimento, dificulta chegar a este ponto de vista, de que o homem negro coagido pelas mulheres brancas, também sofria por exclusão” (Apêndice J) sobre o post também identificamos a importância do contradiscurso do post, na produção de novos sentidos e práticas sociais. Ao serem deslocadas dos seus lugares sociais, no exercício cognitivo de analisar novos espectros do racismo e do sexismo o processo de (des)construção, auto-reflexão e auto-crítica, vai se dando de forma que novos discursos vão sendo constituídos, podendo incidir macrossocialmente nos esforços de rupturas dessas opressões.

Falar de forma franca e honesta como consta nos comentários da Sheila Dias com mulheres negras sobre racismo e sexismo, diz respeito ao que Ribeiro revela.

É urgente que pessoas brancas discutam o racismo pelo viés da branquitude, que se questionem. Que reflitam e perguntem a si mesmas: quantas vezes contribuí com a baixa autoestima da minha amiga negra ao fazer piadas sobre o cabelo dela? Quantas vezes fui obstáculo no sonho de uma pessoa negra por achar que filha de empregada doméstica não pode fazer faculdade com meu filho? Quantas vezes internalizei que mulheres negras deveriam me servir em vez de entender que são empurradas a isso por conta do racismo e do machismo estruturais? Sem esses questionamentos, não serve de nada mostrar indignação. Já estamos fartas de campanhas que não mexem com as estruturas e não questionam privilégios (RIBEIRO, 2018, p. 70).

No post: Não Se Enganem! Dos 12 comentários, destacamos 5 para a análise. Os comentários tecidos pelos internautas assemelham-se nas críticas que realizam a mídia hegemônica. Critica a forma com que o tema é tratado, sem aprofundamento de questões históricas como o genocídio negro, que atingem sobretudo jovens homens negros. Por conseguinte, criticam a função do Estado nesse processo, na medida em que a instituição policial é questionada e desacreditada pela população pobre, negra e periférica pela participação expressiva de policiais nos homicídios. Sobre esse assunto frisa-se que esse é um tema preocupante que tornou o Brasil, por muitos anos, foco de monitoramento de relatores especiais da Organização das Nações Unidas, no que se refere às execuções sumárias, arbitrárias e extrajudiciais e a violência policial.

Essa violência exercida pelas forças policiais nas periferias dos grandes centros urbanos do país tem atingido, predominantemente, pessoas negras e demonstra as formas como o racismo institucional se ramifica na sociedade.

A ausência de direitos, a falta de controle externo e interno e a distância do poder público facilitam de forma substancial a violência policial. A repressão policial atinge fundamentalmente negro-mestiços pobres, e, às vezes, nem tão pobres, que se encaixam no estigma. Ainda que não poupem mulheres e pessoas idosas, os abusos recaem principalmente sobre a rapaziada negro-mestiça dos bairros periféricos que, vista como mais perigosa, é frequentemente abordada, revista e espancada. As ações policiais de revista e averiguação, acompanhadas por ofensas, pancadaria, exibição de armas e tiroteio, representam uma afronta para as comunidades, negando a imagem que estes têm de si mesmos como pessoas direitas, trabalhadores honestos e pais de família, que não se identificam com os forada-lei. Igualando moradores e marginais, a polícia acaba sendo identificada com os bandidos que, como ela, também não respeitam o direito do outro e usam a força para impor a sua vontade (MARTINS, 2017, p. 105).

Ao não abordar e aprofundar o debate sobre essa dimensão social (genocídio negro) da morte do jovem negro (Douglas), morto por policial o programa, que representa interesses da mídia hegemônica, está manipulando as informações. Essa manipulação é trabalhada pela análise crítica do discurso realizada por Van Dijk (2017, p. 234) que a define da seguinte forma: “[...] a manipulação é uma prática comunicativa e interacional na qual o manipulador exerce controle sobre outras pessoas, normalmente contra a vontade e interesses delas”. O autor ainda informa que para que esse controle ocorra em âmbito macrossocial é preciso que os atores sociais disponham de critérios pessoais e sociais que os permitam influenciar outros. No que se refere ao aspecto social, destaca que a manipulação social que analisa “é definida

em termos de dominação social e da sua reprodução em práticas cotidianas, incluindo o discurso” (VAN DIJK, 2017, p. 237).

Uma análise mais aprofundada de dominação, definida como abuso de poder, requer o acesso especial (ou o controle sobre) recursos sociais escassos. Um desses recursos é o acesso preferencial aos meios de comunicação de massa e ao discurso público, um recurso compartilhado pelos membros das elites “simbólicas”. [...] E uma vez que acesso e controle, por seu turno, dependem do poder de um grupo (instituição, profissão etc.), como também o constituem, o discurso público é ao mesmo tempo um meio de reprodução desse poder. [...] Nós observamos que a manipulação é uma das práticas sociais discursivas de grupos dominantes que servem à reprodução do seu poder (VAN DIJK, 2017, p. 237, grifo do autor).

Ou seja, ao trazer para o programa pessoas que não possuem experiência de vida na periferia, mas são representativas de uma classe no poder e garantir a elas a centralidade do lugar de fala a manipulação está sendo concretizada. Pois ainda que houvesse pessoas negras presentes no programa, o lugar de fala delas não foi igualmente garantido. Isso é no mínimo errado, de acordo com o autor acima citado.

[...] a manipulação não é (somente) “errada” porque viola as máximas conversacionais ou outras normas e regras de conversação, embora possa ser uma das dimensões da fala e da escrita manipuladoras. Nós, portanto iremos aceitar sem uma análise mas aprofundada que *a manipulação é ilegítima em uma sociedade democrática porque (re)produz ou pode (re)produzir desigualdade*: ela serve aos interesses dos grupos poderosos e seus falantes, e fere os interesses dos grupos e falantes menos poderosos (VAN DIJK, 2017, p. 239, grifo do autor).

As análises realizadas pelo autor citado sobre o conceito de manipulação social, exercida pelas elites simbólicas mostram as formas como o discurso, como prática social influencia os sujeitos e grupos sociais e exercem controle e dominação sob os grupos subalternizados.

Nos comentários os internautas parecem transparecer essa compreensão, e coadunam com o posicionamento e críticas feitas pela autora do post, que através de uma análise de programa de televisão, demonstra as formas de poder e dominação que reproduzem o sexismo, o racismo, a exploração de classe geradora da pobreza e a homofobia. No comentário da internauta Raphaella esses entrecruzamentos de opressões ficam expressos,

alertando para o perigo de morte que os sujeitos por elas atingidos tem de conviver diariamente.

Ademais vemos que a internauta Mariza ao final do seu comentário chama a atenção para valores como respeito, igualdade e fraternidade, indicando a importância da compreensão e vivência dos mesmos. Mas, diante das manipulações sociais, formadoras de opiniões que incidem nos rumos da vida em sociedade o desafio de valorizar princípios humanitários está posto.

### **5.2.5 Relatos de experiências racistas**

Esse eixo surgiu nos comentários do post de autoria da Charô Nunes: Deixar de Ser Racista, Meu Amor, Não é Comer uma Mulata! Entendemos a importância do eixo, em virtude de nele se encontrar descritas experiências cujos discursos demonstram os sentidos que o racismo assume socialmente. Para tanto do total de 67 comentários que formam o eixo selecionamos 6 (Apêndice K) que representam a síntese das experiências vivenciadas pelas mulheres negras no Brasil.

Essa síntese revela a solidão da mulher negra. Em estudo desenvolvido sobre os motivos das mulheres negras serem minorias no mercado matrimonial, a pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina, Clarice Fortunato Araújo, identifica cientificamente, o que empiricamente as mulheres negras já destacam a solidão afetiva-sexual.

O presente estudo aborda a desvantagem das mulheres negras no mercado matrimonial, analisando as causas e consequências deste fenômeno étnico e cultural. Essa reflexão é de fundamental importância quando pensamos na afetividade da mulher negra, que, desde os períodos coloniais, é explorada, violentada e desvalorizada esteticamente. Nos dias atuais, quando esta mulher busca um parceiro para manter uma relação fixa, na maior parte das vezes, não tem muitas opções de escolha e acaba tendo uma vida solitária. A desvantagem da mulher negra para a mulher branca nos índices de matrimônio é registrada em pesquisas demográficas (ARAÚJO, 2015, p. 1).

Tendo seus corpos historicamente violentados, as mulheres negras, no que tange o aspecto sexual são associadas tão somente ao prazer, daí não ser estranho identificar-se tantos comentários com esse teor. Diante dessa realidade, mais uma vez registramos que somos contrárias ao argumento de que esse tipo de abuso atinge todas as mulheres igualmente. Não foram todas as mulheres no Brasil, que foram objeto de exploração e violência sexual e não

são todas que permanecem tendo seus corpos lidos socialmente dessa forma. Nesse sentido não são todas as mulheres que sofrem opressão, conforme já apresentado pelo feminismo negro.

Os termos socialmente construídos para adjetivá-las (quentes e sexo com uma negra não tem preço) comprovam que ainda permanecem na vida dessas mulheres vestígios de práticas escravocratas de sujeição de suas sexualidades. Ainda tem o agravamento de a sexualidade das mulheres negras ser também associada a imundície, como descreveu a internauta Clara: “Um menino me disse que queria ir pra cama comigo pois, meu bumbum era grande mas, devia ser mas "limpinha" que uma negra” (Apêndice K).

Os sentidos desses discursos racistas e sexistas não nos deixam dúvidas das violências às quais as negras se encontram socialmente submetidas. É uma “avalanche” de problemáticas presentes em todas as instituições exigindo superação constante.

Exemplos dessas situações são descritas por duas internautas:

Sofri vários preconceitos em várias etapas da minha vida, a primeira foi aos 7 anos de idade na escola por uma professora branca que se recusava a me ensinar, eu era a única negra dentro da sala onde ela me colocava no fundo da sala me excluindo dos demais, ela me usava de exemplo pro resto da sala falando pros alunos não serem igual a mim, burra, ignorante. [...] . O Segundo momento foi ainda na escola, nessa época eu já tinha 12 anos.....era hostilizada por uma menina da minha sala que era branca, loira de olhos verdes, ela fazia piada com meu cabelo crespo e com a minha condição social e incentivava os outros a fazerem o mesmo [...]o Terceiro momento foi já com 17 anos quando tive meu primeiro namorado que era branco de classe média, havia um preconceito velado pelos pais dele e pelo irmão mais novo, o maior medo dela a mãe era que eu quisesse engravidar do filho dela, fora o apelido que descobri que ela tinha colocado em mim e que era assim que se referia quando conversava com outras pessoas da família (Negrinha Cheche lenta) (JULIANA VIEIRA, p. 23 Apêndice K).

Quando tinha 18 anos estava em busca de trabalho, participei de um processo de seleção para trabalhar como empacotadora em uma loja de departamentos. Fiz o teste, não soube o resultado, a única informação que recebi por parte da pessoa que me indicou foi que lhe disseram: Pelo menos se ela fosse mais clarinha. Uma outra situação foi participar de um processo de seleção para trabalhar em uma empresa do sistema "S", neste processo, 145 candidatos concorreram a 2 vagas, fui aprovada em todas as etapas e fiquei como uma das duas candidatas apta a ocupar a vaga. Ocuparia se não fosse a entrevista com o Diretor Administrativo que quando me viu não teve nem o trabalho de simular uma entrevista final. Ficou o tempo todo no celular e em seguida me disse que eu receberia uma ligação informando sobre o processo. Desta vez recebi a ligação sim, me informando que eles desistiram de ocupar uma das duas vagas. Nesta mesma organização participei de mais dois processos de seleção e nas últimas etapas eles sempre arranjavam uma desculpa. Até que uma amiga que trabalhava no local me

falou: será que vc não percebeu que eles não contratam negros para trabalhar nestas áreas?(as áreas eram: Recursos Humanos/Treinamento e Consultoria Empresarial). Uma outra emblemática foi a participação em um processo de seleção para trabalhar no Setor de Treinamento de um Hospital em Salvador. Participei de todo o processo fui aprovada, mas... não recebi o resultado. Desta vez a situação foi tão cruel que a psicóloga que fez o teste um tanto indignada, me chamou e disse: se você reproduzir o que eu estou te falando agora eu vou negar em qualquer situação ouviu? O diretor falou que não podia contratar uma pessoa negra porque esta pessoa teria que lidar com os médicos do hospital e os médicos poderiam não gostar (LUCY GÓES, Apêndice K).

Em seus comentários as internautas revelam como esse processo racialmente depreciativo ocorre nas escolas, nas tentativas de conseguir empregos que oferecem melhor remuneração e nos locais de trabalho (que quando conquistados, oferecem poucas oportunidades de crescimento). É um processo que se estrutura desde a primeira infância e se estende pelo decorrer da vida dessas pessoas. O preocupante é que esses não são casos isolados, como nossa aparente democracia racial busca convencer, é um fenômeno que tem ocorrido por gerações de negros e negras no Brasil. Dessa forma, também não é de se estranhar serem essas pessoas as que se encontram submetidas as piores condições de vida no país.

Ao compartilharem nos comentários o teor das práticas racistas que as atingem no cotidiano, as internautas estão causando rupturas nos discursos que advogam pela inexistência do racismo e do sexismo e fazendo uso de um espaço público importante (a internet) que acessa bilhões de pessoas no mundo.

Essa ruptura vai de encontro a mídia hegemônica que busca impedir o acesso dos oprimidos/as ao grande público, na perspectiva de continuar reproduzindo seu poder e controlando as informações que chegam até as pessoas.

Dessa forma ao revelar formas de como o racismo é experienciado por mulheres negras, outras mulheres podem se identificar, e assim se organizarem para construir saídas. Essa organização tem impactos societários positivos, na medida em que pode colaborar na proposição de políticas sociais públicas.

Também explicitam a especificidade da violência sexista que atinge a mulher negra. O aspecto racial emerge intensamente nos discursos racistas relacionados ao corpo da mulher negra o que acreditamos não é enfatizado em relação à mulher branca. Longe de se configurar

em elogio, essa nos parece uma estratégia racista de negação da humanidade dessas mulheres e de exploração dos seus corpos.

### 5.2.6 Reações aos elogios racistas

Nesse eixo, temos o objetivo de expressar além do racismo/sexismo, a reação das mulheres negras quando vitimadas. Isso na perspectiva de demonstrar as fragilidades e resistências que desenvolvem para lidar com cada uma das ofensas recebidas nesse cotidiano nefasto, que transformam suas existências.

As reações expressas pelas internautas diante de um “elogio” racista no geral, pelo que identificamos nos comentários (Apêndice L), foram de retrucar e responder ao agressor.

Vemos que as internautas Ane, Marina Brasil, Fabiana Soares, Bárbara Rodrigues e Ligya Moraes, respondem evidenciando o racismo do agressor para ele mesmo. As internautas também utilizam a estratégia de diante do racismo/sexismo levar o agressor a experimentar as dores dos seus discursos, quando invertem a agressão a exemplo do que faz a Fabiana quando profere a seguinte oração: Nossa... que moreninha linda... Já pensou em viajar pro exterior? Os gringos ficariam loucos!" Resposta: o que vc pensa sobre sua filha loura se prostituir?

Por outro lado, também é evidente a tristeza gerada nas pessoas atingidas pelo racismo/sexismo, conforme relatado pela internauta Eliane Almeida: “Adriana Alves é uma das mulheres mais bonitas que já vi, fico muito triste quando alguém tenta me convencer de que sou morena” (Apêndice L), tornando cada vez mais imprescindível o fortalecimento emocional, social, político, cultural e econômico das pessoas negras para o enfrentamento de fenômenos que ainda estão longe de ter um fim, sobretudo em tempos de intensos retrocessos no campo dos direitos sociais como o que nos encontramos vivenciando no Brasil.

Entendemos que a tristeza e o choro fazem parte das reações das pessoas atingidas, mas que elas, paulatinamente devem dá lugar para reações mais contundentes. O/A agressor(a) espera que suas práticas sejam aceitas sem reações e quando isso não acontece ficam aborrecidos, pois o poder de humilhar para subalternizar e manter seus privilégios se encontram ameaçados. Exemplo disso ocorreu com a Secretária do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte do governo estadual da Bahia, ao denunciar as agressões que a vitimaram durante uma festa.

A secretária do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte do governo do estado, Olívia Santana, foi vítima de agressões racistas na tarde deste sábado (03), no Hotel Catussaba, em Salvador. Ela participava do Baile de Carnaval do Rallye do Batom, quando uma mulher se dirigiu até ela como se fosse cumprimentá-la, quando disse que Olívia não deveria estar no Hotel Catussaba e que tinha que voltar para a favela por ser comunista. [...] “Elas certamente vão ficar detidas e terão que responder pelo crime que cometeram. Não tenho nenhuma dúvida que foi uma situação de racismo e vindo de alguém que visualmente é de pele negra. O racismo não é só cometido por brancos. Mesmo aqui na delegacia na frente do delegado, elas insistiram que não era nenhum problema me mandar de volta para a favela com a certeza de impunidade. Eu espero que a justiça seja feita”, afirmou a secretária ao CORREIO, após prestar depoimento. No vídeo divulgado pela assessoria da secretária (assista logo abaixo), a mulher de óculos vermelho (foto) continua as agressões, mesmo dentro da viatura: “A intervenção militar vai vir para acabar com essa mordomia toda. Tudo que eu falei foi a verdade. Mas gosta do socialismo? Por que que não vai fazer Carnaval no MST?”, ironiza. Outra mulher, no vídeo a seguir, reforça os comentários: “Não quer chorar não? Quer chorar, chore. Vocês não deveriam estar aqui porque vocês defendem a favela. Aqui é o capitalismo”. Ainda de acordo com Olívia, além de racismo, o caso pode ser tipificado também como injúria e preconceito. “O Ministério Público, o Judiciário, a polícia. Vamos recorrer a todos estes órgãos. Racismo é crime”, acrescentou. (NATIVIDADE, 2018, pp. 1-2).

Relembramos que esses processos de resistência não ocorrem de forma dissociada do processo histórico, em que negras e negros não silenciaram diante das agressões sofridas. Nesse sentido, o registro de boletim de ocorrência é importante para que essas práticas passem a figurar nas estatísticas que podem vir a embasar a proposição de políticas públicas de enfrentamento ao racismo/sexismo, bem como provocar o poder judiciário para a tomada de decisões.

Além disso, o contradiscurso se faz presente nas reações que retrucam com veemência as agressões, minando gradativamente o poder racial branco, na medida em que as vítimas tomam consciência de suas péssimas condições e se rebelam de diferentes formas contra esse estado de coisas. O comentário da Arianna Beatriz retrata o que estamos a dizer.

Incrível como o racismo está internalizado em todos, percebi isso em alguns comentários (me desculpem, sou curiosa). O fato de terem criado, termos como pardo, moreno e mulato foi pura e simplesmente mais uma parte da política de branqueamento existente principalmente na sociedade brasileira, muitos termos até criados sim por negr@s. Mas a culpa é nossa?(d@s negr@s) claro que não. A culpa é de quem inferiorizou @s negr@s, reduzind@-n@s da nossa condição de seres humanos. Entendam negr@ nao é racista, pqnao estamos numa situação de opressor, mulheres não sao machistas pelo msm motivo. Essa questao da sexualização da mulher negra é

mento antiga, e a mulher branca tem que entender q apesar de ser oprimida pelo machismo, tem o "privilegio" de ser branca (digo privilegio pq em qualquer situação de escolha p cargos em emprego por exemplo, e houver em disputa uma mulher negra e uma branca, a escolhida sera a branca, pq lugar de mulher negra é em trabalho domestico, daí tbm o motivo da luta das domesticas ser absorvida pelo movimento negro). Sofro diariamente c situações de racismo principalmente referentes a cor da minha pele a ao meu cabelo. Por minha pele ser mais clara (msm assim me considero negra) mtas pessoas me chamam de morena, e ainda por cima qdo digo q n sou se sentem ofendidas (BRATRIZ, 2013, p. 38).

A internauta explica de forma simples e direta, os motivos das pessoas negras não serem racistas e das mulheres não serem machistas. As vítimas não são opressoras de si mesmas, é necessário um agente externo, com poder para isso. Isso não quer dizer que negros e mulheres não possam ter atitudes que não somem com as lutas contra o racismo e sexismo, mas isso é resultante dos processos de dominação a que foram submetidos, o que não deve ser confundido com racismo reverso ou responsabilização das mulheres pelo seu sofrimento, reduzindo processos societários complexos e contraditórios, construídos historicamente a uma decisão pessoal do sujeito atingido.

Pelo exposto até o momento, vemos que as pessoas têm condutas societárias diferentes em relação à problemática em estudo, sendo elas: A negação da existência do racismo; A concordância e até surpresa com a descoberta do fenômeno racial e aquelas que diante das experiências vividas com o racismo e sexismo reagem às agressões. Vemos ainda que todos os discursos foram construídos, por dentro de uma sociedade machista e racista, demonstrando para nós que são necessárias estratégias diferenciadas de abordagem das questões, frente às diferentes compreensões e incompreensões acerca dos mesmos.

Também temos o entendimento que o racismo e o sexismo se propagam no mundo virtual, através de discursos semelhantes ao que ocorre fora desse ambiente. Mas com uma diferença significativa. O que antes era ouvido apenas pela pessoa atingida, dificultando sua comprovação em pública, agora está disponível para o acesso de bilhões de pessoas. Livia Teodoro, no post de título: **Como é difícil viver o que se prega na internet, só que fora dela**, publicado no blogueiras negras em 06 de abril de 2018, descreve muito bem como se processa esse fenômeno online e offline.

Discursos de ódio, xenofobia, racismo contra pessoas e contra religiões, gordofobia, transfobia e todas as outras “fobias” que poderiam ser resumidas como ódio ao diferente, ao não normativo, tudo isto está cada dia mais presente na internet – e fora dela. Discursos assustadores, e muitas vezes

vindos de “gente de bem” – que se do bem fossem não fariam isso – mas, quantas destas pessoas reproduzem seus discursos de ódio e preconceito fora da internet? Não tenho aqui dados numéricos, mas, pelo meu círculo de amizades e conhecidos, sou capaz de apostar que muitas das pessoas que esbravejam discursos de ódio na internet, pensam mais de uma vez antes de proferir essas mesmas falas em públicos. Os motivos para diferenças dentro e fora da internet são vários, entre eles, por medo de reprovação social, por não se sentirem seguras para isto nos ambientes onde frequentam ou mesmo porque a internet aumenta sua sensação de “segurança” em reverberar este tipo de discurso. É preciso que continuem existindo – e cada dia mais – espaços onde as pessoas que tem todos estes discursos problemáticos, se sintam inseguras para fazê-lo em público. Enquanto ainda não conseguimos alcançar o ponto ideal, que é fazer com que essas pessoas deixem de reproduzir preconceitos na vida real e virtual (TEODORO, 2018, p. 1).

Sabemos que o atingir o ponto ideal relatado pela autora é prejudicado pelo elevado poder econômico das elites simbólicas que incidem no mundo virtual, buscando consolidar seu poder de formar opiniões e complicando a atuação das ativistas negras.

As ações ativistas desenvolvidas na internet (como por exemplo, tá gente, sem ranço) não estão imunes as estratégias do capital, pelo contrário, e ele quem define, de forma racista inclusive, as possibilidades de visibilidade nas plataformas por eles mesmos criadas. As opressões vividas pelas mulheres negras ao produzirem conteúdo na internet são questões concretas. É necessário compreender, por exemplo, como as mesmas empresas que hospedam nossos conteúdos podem agir de forma racista restringindo o alcance e a visibilidade das nossas narrativas através de algoritmos. [...] Assim, pensar os avanços e os limites do ativismo de mulheres negras na internet inclui pensar uma internet livre, pensada e transformada por nós, não colonizada pelo mercado ou pelo Estado, mas construída por várias mãos (PAZ; SANTIAGO, 2018, p. 2).

Para o alcance da internet livre entendemos que os movimentos sociais tem papel significativo, pois são fomentadores de contradiscurso e, por conseguinte, contrapoder, na medida em que vem produzindo conhecimentos dissonantes daqueles produzidos e veiculados pela mídia hegemônica e buscando criar novas vias de acesso virtual aos internautas, fora do controle do mercado e do Estado para divulgação de suas lutas. O que tem sido um desafio.

### **5.2.7 Ultrapassando as margens**

Nomeamos de ultrapassando as margens os comentários de internautas que no geral tratam dos seguintes temas: 1) relatos de apoio e parabenização para as autoras dos posts pelo conteúdo exposto; 2) respostas da autora dos posts aos/as internautas agradecendo,

concordando, discordando ou esclarecendo sobre alguma questão; 3) experiência dos/as internautas com diferentes discriminações (gordofobia) 4) significados de vocábulos como mulata; 5) convite de internauta para entrevistar a autora do post, ou ainda informando que republicou o conteúdo do post em outro blog, dentre outros.

No post de autoria da Charô Nunes, inserimos 94 comentários nesse eixo, no post de autoria da Ana Flávia (Não se Enganem!) foram 7 comentários e no de autoria da Mariana Assis foram 15 comentários. Ou seja, nesse eixo totalizamos 106 comentários.

Desse quantitativo expressivo, nos chama a atenção os parabéns e o apoio aos conteúdos dos posts, que informa, dentre outras mensagens a importância da continuidade do processo de reflexão crítica sobre temas relevantes aos povos oprimidos. Outro aspecto que se revela, no geral, nos comentários desse eixo, bem como nos demais é interesse pelos temas abordados, seja concordando ou discordado das autoras os temas do racismo, sexismo, exploração de classe está sendo debatido e possibilitando, através da republicação dos posts e convites para entrevistas, a ampliação do debate que tem potencial de acessar diferentes públicos o que de outra forma, pela mídia hegemônica dificilmente ocorreria.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil negro e feminino é constituído por um histórico de resistências que tem nos permitido analisar a realidade sociorracial, econômica e política do país, a partir do prisma dos sujeitos que são vítimas das opressões. As mulheres negras são sujeitas sociais que se destacam nesse cenário, sobretudo considerando que são atingidas pelo entrecruzamento do racismo, sexismo e classe social e trazem em suas trajetórias as marcas geradas pelo genocídio e feminicídio, pela pobreza e miséria e pelo preconceito e discriminação racial.

No período de realização dessa tese o povo negro viveu perdas intensas. Elas são históricas e diárias, a exemplo dos homicídios de Beatriz Nascimento e mais recentemente da Marielle Franco, jovem mulher negra, vereadora pelo Estado do Rio de Janeiro, cuja atuação política tinha ênfase nos direitos humanos dos pobres, favelados. O assassinato da Marielle representa para nós a síntese das recentes violências geradas pelo racismo, pela lesbofobia e pela exploração de classe. Na noite em que morreu ela participava de evento intitulado: “jovens negras movendo as estruturas”, na rua dos Inválidos, na Lapa, Centro do Rio de Janeiro. Após sair do evento foi executada juntamente com o motorista do automóvel Anderson Gomes. Apenas a amiga que acompanhava sobreviveu a ataque. Infelizmente até o fechamento da tese nenhum dos acusados foi punido.

Entretanto, mobilizações e manifestações geradas pelo homicídio da Marielle, inclusive pelo Blogueiras negras, que alteraram a página inicial do blog em homenagem as mesmas, demonstram a importância das lutas pelo enfrentamento das desigualdades. Mas por outro lado, também demonstraram o lado perverso da sociedade, na medida em que pessoas se posicionaram favoráveis ao homicídio nas redes sociais, como se a Marielle fosse culpada pelo ocorrido.

Essa conjuntura atual, que apregoa valores antidemocráticos alinhados a ideologias conservadoras que não respeitam a vida humana faz nos posicionarmos criticamente em relação às violações perpetradas na nossa sociedade, na medida em que partimos do pressuposto que “habitar” esse entrecruzamento de opressões (raça, gênero e classe) e construir alternativas para a saída desse lugar tem sido crucial à sobrevivência das mulheres negras.

Invisibilizadas pela sociedade, inclusive pelo feminismo e pelo movimento negro as mulheres negras constroem conhecimentos que resultam no que foi denominado como

feminismo negro, que possibilita refletir acerca de diferentes experiências do ser mulher negra, nas quais me sinto contemplada motivo pelo qual, recorro a ele em minhas análises.

Além disso, a ideia de que a origem racial negra das mulheres no Brasil, “justifica” as opressões que as atingem, nos fez resgatar os principais argumentos teóricos, sociais e históricos do racismo, na perspectiva de entender as formas pelas quais esse fenômeno se reproduz e se reatualiza na contemporaneidade.

Por esse prisma e enquanto assistente social e pesquisadora avaliamos que nosso estudo tem o potencial de contribuir com os conhecimentos das/os assistentes sociais no que se refere às relações raciais. O Serviço Social tem como um dos seus princípios o empenho na eliminação de todas as formas de preconceito e um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação-exploração de classe, etnia e gênero. Mas para tanto é preciso o aprofundamento da crítica e coragem para superar as lacunas. Nesse sentido, comungo com o posicionamento da/o professor/a Márcia Clemente e Diogo Valença, descrito em texto ainda inédito, intitulado - A profissão de Serviço Social no Brasil: suas aproximações com o marxismo.

Na graduação as ementas e conteúdos programáticos do serviço social se vinculam intrinsecamente à teoria marxista, em especial, na atualidade, a centralidade da categoria trabalho e as múltiplas determinações da realidade. No entanto, aí se verifica uma lacuna fundamental: as raízes da desigualdade social no Brasil são vistas apenas como determinadas pela exploração de classes, sem considerar o passado colonial e o modo como o capitalismo, além da exploração econômica, incorporou e atualizou a dominação de tipo racial. Essa perspectiva marxista, baseada numa suposta ortodoxia em relação ao método e às categorias teóricas de Marx, não consegue, pois, dar conta da totalidade concreta e de suas múltiplas determinações. É por isso que, apesar da relevância social, política e ideológica da categoria profissional em defender um projeto ético-político, voltado para a garantia e ampliação dos direitos humanos e sociais dentro do cenário de desigualdades da sociedade capitalista no Brasil, apresentamos algumas lacunas na formação teórica e política em Serviço Social. Consideramos que precisamos ler e interpretar a teoria marxista de forma ampliada, para além do eurocentrismo, de vocábulos pré-estabelecidos, de esquemas de pensamento ossificados e a partir de interpretações de intérpretes, incorporando tentativas originais de combinar à análise da dinâmica das classes sociais o estudo do modo específico como, nos países capitalistas de passado colonial e dependentes da América Latina, Ásia e África, o capitalismo se serviu, para seus fins de acumulação ampliada, da dominação étnico-racial e reproduz as desigualdades de gênero, de geração e cria, ao mesmo tempo, uma grande massa de despossuídos e indigentes. [...] Consideramos importante que uma categoria profissional na sociedade brasileira, afirme em seu projeto ético-político, a defesa da luta dos trabalhadores e à referência a teoria marxista como seu eixo teórico hegemônico. No entanto, o problema está no

entendimento do marxismo como mera reprodução ou cópia de modelos produzidos em outros contextos intelectuais. Ao contrário, nossa opinião é que o marxismo deve incorporar outras determinações históricas que são típicas do Brasil e da América Latina (CLEMENTE; VALENÇA, s. d., p. 3).

Não estamos com essa análise desconsiderando a importância da teoria crítica na formação do/a assistente social, mas sim buscando demonstrar sua importância na atualidade, sobretudo quando associada a outros conhecimentos, também críticos como o feminismo negro para realização da análise da realidade social brasileira.

Nessa esteira, considerando o avanço do conservadorismo e, por conseguinte, as ameaças aos direitos sociais conquistados pelo povo negro, nos interessou conhecer outras formas de enfrentamento do racismo e sexismo por mulheres negras jovens na atualidade.

Nesse percurso, identificamos que as novas tecnologias da informação, se tornaram um espaço virtual onde ocorrem disputas políticas, frequentado por bilhões de pessoas no mundo. Sendo assim, trazer pautas políticas - reivindicações e denúncias -, por parte de mulheres negras jovens, no meio virtual se mostra com potencialidade, para enfrentar o racismo, tendo em vista que atualmente circulam comentários de ódio direcionados às mulheres negras. Nesse sentido, a pesquisa indica que, o racismo e o sexismo estão presentes no mundo virtual igualmente ao mundo presencial, portanto, o ativismo das mulheres negras é significativo nesses dois espaços da vida, sendo que no meio virtual seu alcance é maior e o que provoca em termos de deslocamentos discursivos tem visibilidade.

Do mesmo modo, a negação do racismo é reproduzida no mundo virtual, conforme ocorre fora dele. Persiste a resistência em analisar o fenômeno pela perspectiva dos privilégios históricos produzidos em prol da branquitude, se mantêm os argumentos que negam a existência do racismo, aspecto certamente alicerçado no mito da democracia racial, considerando que além da negação, ainda há o reforço e reprodução do racismo. No post de autoria da Charô Nunes, identificamos inclusive que há uma concordância em relação à existência do sexismo, mas o racismo é rechaçado. Isso nos mostra a dificuldade de parcela da sociedade brasileira em tratar o racismo de forma franca e aberta. Ou o que já nos revelava Abdias do Nascimento no livro *Genocídio do Negro Brasileiro*, acerca do processo de racismo mascarado:

[...] este assunto de "democracia racial" (e seu contrário: o racismo) está dotado, para o oficialismo brasileiro, das características intocáveis de verdadeiro tabu. Estamos tratando com uma questão fechada, terreno

proibido sumamente perigoso. Ai daqueles que desafiam as leis deste segredo! Pobre dos temerários que ousarem trazer o tema à atenção ou mesmo - à análise científica! Estarão chamando a atenção para uma realidade social que deve permanecer escondida, oculta (NASCIMENTO, 1978, p. 45).

A resistência em reconhecer o racismo parece, inclusive, impermeável aos argumentos mais contundentes, a exemplo da imagem majoritária dos corpos de mulheres negras sendo exibidas nuas ou seminuas nos períodos carnavalescos, ou ainda na ausência de ativistas e intelectuais negros/as para dialogarem sobre o genocídio negro em programa de televisão. Há um óbvio desconhecimento desses internautas sobre a história do povo negro e da produção de intelectuais negras/os, levando-os a analisarem a realidade por uma perspectiva branca, burguesa, masculina e heteronormativa, como se essa fosse a única forma de analisar a realidade. Ao fazerem isso, desconsideram o que a maioria da população brasileira, que é negra, vivencia.

Mas essa não é uma questão apenas de desconhecimento, pois quando analisamos que mulheres vítimas do sexismo e do machismo também apresentam essa dificuldade, nos parece que o racismo se sobressai e mais uma vez o silenciamento é imposto sob o argumento de que todas sofremos igualmente as opressões.

O que nos mostra a pesquisa é que apesar das dificuldades é possível realizar a autocrítica. Nesse estudo localizamos como relevante para o enfrentamento ao racismo e sexismo, potencial político pedagógico do blog, vemos internautas assumindo que são racistas e se mostrando interessados e comprometidos em mudar suas práticas. Entendemos que esse é um achado relevante, pois a mídia virtual tem nos possibilitado acessar esse tipo de informação que em outras épocas nos parece seria mais difícil de ser comprovado. Os relatos desses/as internautas corroboram com o que historicamente o movimento negro vem denunciando e os estudos acadêmicos no campo das relações raciais comprovam. O racismo é real e gera graves consequências.

Nossa pergunta de pesquisa é respondida pelo estudo realizado. Os resultados do estudo demonstram que com as novas tecnologias da informação, há a produção de discursos sociais, que trazem à tona as articulações entre racismo e sexismo, especialmente evidenciados e direcionados às mulheres negras. As expressões de ódio se fazem presentes, bem como as manifestações de negação do racismo e sexismo. Por outro lado, também possibilita a produção de contradiscursos sociais, por ativistas digitais negras, que

problematizam e dão visibilidade ao racismo e sexismo, oportunizando aos internautas acessar/dialogar (com) conhecimentos contra-hegemônicos.

O ativismo digital de mulheres negras, por esse prisma tem contribuído para o combate ao racismo e sexismo. Para, além disso, tem possibilitado a troca de experiências. A reação aos elogios racistas, é isso o que vemos diferentes formas de enfrentamento ao racismo e sexismo bem como a forma com as quais esses fenômenos as atingem. Entendemos que essa socialização favorece a acolhida do sofrimento gerado pelo racismo e possibilita identificar formas pedagógicas de reação.

Isso não é pouco, mas não é tudo. Dizemos isso, pois os ataques que as mulheres negras sofrem virtualmente há muito ultrapassaram a barreira virtual. As ameaças as suas vidas é uma constante.

Isso é preocupante, pois tal como tem ocorrido com negras/os historicamente a letalidade do povo negro tem se configurado numa prática. Sobretudo, quando as elites simbólicas se sentem ameaçadas nos seus privilégios. Para tanto, o racismo institucional toma corpo, atingindo instituições privadas e públicas. Daí termos a população carcerária formada por maioria negra considerando que o perfil criminoso ainda se encontra fortemente associado à imagem da pessoa negra, assim também a assistência pública de saúde precarizada e a educação pública desassistida, os frequentadores dessas políticas são negros/as.

Ainda assim, apesar dos obstáculos relacionados às ameaças sofridas, à necessidade de financiamento para manter o ativismo digital, à conjuntura de perdas de direitos, desemprego, etc, as mulheres negras têm demonstrado um importante poder de organização, através dos coletivos, redes e organizações diversas de mulheres negras.

Numa sociabilidade regida pelo capitalismo, em que o trabalho da mulher e da mulher negras é desvalorizado não nos restam dúvidas que numa conjuntura de crise e de austeridade fiscal são as mulheres negras as primeiras vítimas em potencial do desemprego e da informalidade. Sabedoras disso, é que a contribuição da experiência das mulheres negras e do feminismo negro se mostram substanciais para os processos organizativos da coletividade. Elas aprenderam a enfrentar as adversidades sociais e econômicas, pois suas histórias têm sido atravessadas por essas dificuldades. A exemplo de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. Já não se justifica a realização de estudos, pesquisas que não visibilizem essa sujeita social. Pois como estudar o trabalho doméstico sem considerar que são as mulheres negras que desenvolvem essa atividade? Como analisar as refrações de qualquer política social pública sem visibilizar que são as mulheres negras que utilizam esses serviços? Se o aspecto

racial não for considerado restarão lacunas significativas. E no caso do Brasil, reiteramos isso já não se justifica.

Dito isto, registramos que não estamos querendo dizer que apenas pela perspectiva racial as pesquisas devem ser desenvolvidas. Mas anulá-la ou desconsiderá-la também não nos parece salutar.

Também tivemos respostas aos nossos objetivos, na medida em que nossa análise foi feita considerando as experiências das mulheres negras no convívio com o racismo e sexismo e suas formas de enfrentamento. Isso tudo efetivado por meio dos argumentos embasados no feminismo negro e dos relatos críticos produzidos por mulheres negras em meio virtual. Vimos que o racismo e sexismo direcionado às mulheres negras através das redes sociais emergem sem disfarces trazendo à tona o conservadorismo histórico da sociedade brasileira, a ponto de se presentificar entre os que deveriam combater o racismo.

Os discursos críticos produzidos pelas ativistas digitais negras faz ruir o mito da democracia racial e ao mesmo tempo evidencia novos formatos de luta e as possibilidades de combate ao discurso racista hegemônico.

Nesse sentido pensamos ter demonstrado que o racismo e o sexismo se reatualizam e agravam-se em contextos de crise, como o atualmente vem vivenciado o Brasil. Mas também as reações das mulheres negras, precisamente das ativistas digitais negras têm se mostrado profícuas favorecendo a ruptura do silenciamento a elas impostas.

## REFERÊNCIAS

ALAKIJA, A. Mídia e identidade negra. In: BORGES, R. C. da S.; BORGES, R. (Orgs.). **Mídia e Racismo**. Petrópolis, RJ/Brasília, DF: DP et Alii/ABPN, 2012. pp. 108-153.

ANJOS, A. B.; ARRAES, J. A Solidão tem cor. **Fórum**, s.d. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/semanal/a-solidao-tem-cor/>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

ARAÚJO, C. F. Por que as mulheres negras são minoria no mercado matrimonial. **Geledés**, 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/por-que-as-mulheres-negras-sao-minoria-no-mercado-matrimonial/>>. Acesso em: 5 abr. 2018.

ARAÚJO, T. R. da S. R. Nina Rodrigues e a questão racial brasileira no século XIX. **Margens Virtual**. v. 1, n. 1, pp. 887-96, 2007.

ARRUDA, R. População negra é a maior beneficiária de programas sociais. **Estadão**, 2014. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/blogs/roldao-arruda/populacao-negra-e-maior-beneficiaria-dos-programas-sociais/>>. Acesso em: 10 set. 2018.

BAIROS, L. Lembrando Lélia Gonzalez. **Geledés**, 2009. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/lembrando-lelia-gonzalez-por-luiza-bairos>>. Acesso em: 27 jan. 2018.

BARROS, Z. **Feminismo Negro na Internet: cyberfeminismo ou ativismo digital**. Disponível em: <[https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=BARROS%2C+Zelinda.+Feminismo+Negro+na+Internet%3A+cyberfeminismo+ou+ativismo+digital.+&btnG=>](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=BARROS%2C+Zelinda.+Feminismo+Negro+na+Internet%3A+cyberfeminismo+ou+ativismo+digital.+&btnG=>)>. Acesso em: 5 jan. 2018.

BLOG DA BOITEMPO. Angela Davis: construindo o futuro da luta contra o racismo. **Blog da Boitempo**, 2017. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2017/07/28/angela-davis-construindo-o-futuro-da-luta-contra-o-racismo/>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

BORGES, P. Mídia negra: “uma necessidade que se impõe”. **CEERT**, 2016. Disponível em: <<https://www.ceert.org.br/noticias/comunicacao-midia-internet/13939/midia-negra-uma-necessidade-que-se-impoe>>. Acesso em: 31 out. 2018.

BRASIL. **Estatuto da igualdade racial**: Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, e legislação correlata. 4. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015. (Série legislação, 171).

\_\_\_\_\_. **Perseguição à População e ao Movimento Negro**. Comissão da Verdade do Estado de São Paulo. Relatório - Tomo I - Parte II. Disponível em: <[http://comissaoдавerdade.al.sp.gov.br/relatorio/tomo-i/downloads/I\\_Tomo\\_Parte\\_2\\_Perseguiçao-a-populacao-e-ao-movimento-negros.pdf](http://comissaoдавerdade.al.sp.gov.br/relatorio/tomo-i/downloads/I_Tomo_Parte_2_Perseguiçao-a-populacao-e-ao-movimento-negros.pdf)>. Acesso em: 15 out. 2017.

CARNEIRO, S. A força das mães negras. **Geledés**, 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/a-forca-das-maes-negras/>>. Acesso em: 4 out. 2018

\_\_\_\_\_. **Enegrecer o Feminismo:** a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/375003/mod\\_resource/content/0/Carneiro\\_Feminismo%20negro.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/375003/mod_resource/content/0/Carneiro_Feminismo%20negro.pdf)>. Acesso em: 31 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Movimento Negro: novos e velhos desafios. CADERNO CRH, Salvador, n. 36, p. 209-215, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/viewFile/18633/12007> Acesso em: 31 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. **Mulheres em movimento.** Estudos Avançados. v. 17, n. 49, pp. 117-132, 2003.  
CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança:** movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTRO, J. Censo 2010 revela que cresceu a diferença entre homens e mulheres. **O Globo**, 2010. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/politica/censo-2010-revela-que-cresceu-diferenca-do-numero-de-homens-mulheres-2918121#ixzz4dDJTUune>>. Acesso em: 3 abr. 2017.

CHEBOLA. **Charge foto e frase do dia.** Disponível em: <[http://chebolas.blogspot.com/2013/12/charge-foto-e-frase-do-dia\\_18.html](http://chebolas.blogspot.com/2013/12/charge-foto-e-frase-do-dia_18.html)>. Acesso em: 12 abr. 2019.

CLEMENTE, F. **As nuvens turvas do Neoliberalismo e seus impactos nos horizontes do PROVITA.** 2008. 164 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – PPGSS, UFPE, Recife, 2008.

COLLINS, P. H. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**. v. 31, n. 1, pp. 99-127, 2016.

\_\_\_\_\_. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. In: MORENO, R. (Org.). **Reflexões e práticas de transformação feminista.** São Paulo: SOF, 2015. pp. 13-42.

CONT, D. V. Francis Galton: eugenia e hereditariedade. **Scientiae Studia**. v. 6, n. 2, s. p., 2008.

COROSSACZ, V. R. Abusos sexuais no emprego doméstico no Rio de Janeiro: a imbricação das relações de classe, gênero e “raça”. **Temporalis**. v. 14, n. 28, pp. 299-324, 2014.

CRENSHAW, K. **A interseccionalidade na discriminação de raça e de gênero.** In: Cruzam Etno: raça e gênero. pags 7 a 16. 2012. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>. e [www.unifem.org.br/sites/1000/1070/000000011.pdf](http://www.unifem.org.br/sites/1000/1070/000000011.pdf). Acesso em: 05 dez. 2017.

DAMASCENO, V. Site busca voluntários para atacar feministas com ácido sulfúrico. **Geledés**, 2018. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/site-busca-voluntarios-para-atacar-feministas-com-acido-sulfurico/>>. Acesso em: 11 abr. 2019.

DELCOLLI, C. Travesti é 1º lugar em vestibular de universidade federal. **Exame**, 2016. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/travesti-e-1o-lugar-em-vestibular-de-universidade-federal>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

DIJK, T. A. V. HOFFNAGEL, J.; FALCONE, K. (Orgs). **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2017. 281p.

\_\_\_\_\_. **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008.

DOMENECK, Ricardo. **Audre Lorde**. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/bio/audre-lorde> Acesso em: 05 dez. 2017.

EDICÕES FEMINISTAS E LESBICAS INDEPENDENTES. **Textos escolhidos de Audre lorde**. Disponível em: <<https://we.riseup.net/assets/171382/AUDRE%20LORDE%20COLETANEA-bklt.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

EVANS, C. L. Nós Somos a Buceta do Futuro: Ciberfeminismo nos anos 90. **Motherboard**, 2014. Disponível em: <[https://motherboard.vice.com/pt\\_br/article/ypbyej/ns-somos-a-buceta-do-futuro-ciberfeminismo-nos-anos-90](https://motherboard.vice.com/pt_br/article/ypbyej/ns-somos-a-buceta-do-futuro-ciberfeminismo-nos-anos-90)>. Acesso em: 5 fev. 2018.

FANON, F. Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Editora Civilização, 1968.

FAUS, J. Ato Racista em Charlottesville aprofunda feridas históricas nos EUA. **El País Brasil**, 2017. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/14/internacional/1502674941\\_223591.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/14/internacional/1502674941_223591.html)>. Acesso em: 5 nov. 2017.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Globo, 2008.

\_\_\_\_\_. **Sociedade: luta de raças e de classe. Teoria em debate**. Nº. 2 – março de 1988, publicado em 29/03/2006. pp. 1-5.

\_\_\_\_\_. **Significado do protesto negro**. Coleção Realidade Brasileira : Editora Expressão popular. 2017. 160p.

FERNANDES, F.; PEREIRA, J. B. B.; NOGUEIRA, O. A questão racial brasileira vista por três professores. **Revista USP**. s. v., n. 68, pp. 168-179, 2005-2006.

FERNANDES, F.

FERRAZ, Ana. **As Vênus negras**. publicado em 10/06/2015 04h23. Cultura – Entrevista Amanda Braga. Em livro, pesquisadora da Universidade Federal da Paraíba diseca o estudo que envolve a beleza negra. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/as-venus-negras-5562.html>. Acesso em 27. set. 2017.

FERREIRA, A. B. de H. **Mini-Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, T. O que foi o movimento de eugenia no Brasil: tão absurdo que é difícil acreditar. **Geledés**, 2017. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-que-foi-o->

movimento-de-eugenia-no-brasil-tao-absurdo-que-e-dificil-acreditar/>. Acesso em: 21 out. 2018.

FILHO, K. S. Black is Beautiful: é bom, é barato e é para poucos. **Geledés**, 2017. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/black-is-beautiful-e-bom-e-barato-e-e-para-poucos/>>. Acesso em: 9 set. 2018.

FRABASILE, D. 5 bilionários brasileiros têm mais dinheiro que a metade mais pobre do país. **Época Negócios**, 2018. Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2018/01/5-bilionarios-brasileiros-tem-mais-dinheiro-que-metade-mais-pobre-do-pais.html>>. Acesso em: 24 jan. 2018.

FREYRE, G. **Casa Grande e Senzala**. São Paulo: Global, 2006.

G1. Farmácias populares serão fechadas pelo governo. **G1**, 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2017/04/farmacias-populares-serao-fechadas-pelo-governo.html>>. Acesso em: 14 out. 2017.

\_\_\_\_\_. Polícia conclui que tiro que matou DG, do 'Esquentá', foi disparado por PM. **G1**, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/03/policia-conclui-que-tiro-que-matou-dg-do-esquentá-foi-dado-por-pm.html>>. Acesso em: 18 out. 2018.

GALTON, F. **Herencia y Eugenesia**. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

GELEDÉS. A situação dos direitos humanos das mulheres negras no Brasil: violências e violações. **Geledés**, 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/situacao-dos-direitos-humanos-das-mulheres-negras-no-brasil-violencias-e-violacoes/>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

GLÓRIA, P. J. T. da. Seria a Teoria da Evolução Darwiniana domínio exclusivo dos biólogos? Implicações da Evolução Biológica para as Ciências Humanas. **Revista da Biologia**. v. 3, s. n., pp. 1-5, 2009.

GODOY, N. Darwin: A Evolução de um homem. **Superinteressante**, 2016 (1988). Disponível em: <<https://super.abril.com.br/comportamento/darwin-a-evolucao-de-um-homem/#>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

GOMES, H. S. Brasil tem 116 milhões de pessoas conectadas na internet, diz IBGE. **G1**, 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

GOMES, N. M; MUNANGA, K. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debate sobre Relações Raciais no Brasil: Uma Breve Discussão**. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-terminos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>. Acesso em 12.Out. 2017.

GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**. s. v., n. 92/93, pp. 69-82, 1988b.

\_\_\_\_\_. Entrevista Leila Gonzalez. [Entrevista cedida a] MNU. **Jornal Nacional do Movimento Negro Unificado**, 1991. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/wp-content/uploads/2013/07/entrevista-lesia-mnu.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2018.

GONZALEZ, L.; HASENBALG, C. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo Afro-Latino Americano**. Disponível em: <<https://edisiplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=174405>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

GSHOW. 'DG só alegrava nossas gravações', diz Família Esquenta! **Gshow**, 2014. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/esquenta/O-Programa/noticia/2014/04/dg-so-alegrava-nossas-gravacoes-diz-familia-esquenta.html>>. Acesso em: 17 out. 2018.

HARDING, S. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Estudos Feministas**. v. 1, n. 1, pp.7-3, 1993.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

HASENBALG, C. **Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil**. Belo Horizonte: IUPERJ, 2005.

HOOKS, B. Intelectuais Negras. **Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, pp. 464-478, 1995.

\_\_\_\_\_. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**. s. v., n. 16, pp. 193-210, 2015.

\_\_\_\_\_. Vivendo de Amor. **Geledés**, 2010. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>>. Acesso em: 29 jan. 2018

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**: o diário de uma favelada. Edição Popular, 1963.

KILOMBA, G. A Máscara. **Cadernos de Literatura em Tradução**. s. v., n. 16, pp. 171-180, 2016.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LIMA, J. D. de. Atriz Taís Araújo é vítima de racismo e recebe apoio pelas redes sociais. **Blog do José Duarte Lima**, 2015. Disponível em: <<http://www.duartelima.com.br/31305-atriz-tas-arajo-vtima-de-racismo-e-recebe-apoio-pelas-redes-sociais/>> Acesso em: 22 set. 2018.

\_\_\_\_\_. A Origem da frase 'black is beautiful'. E as críticas ao seu uso num comercial. **Nexo**, 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/10/24/A-origem-da-frase-%E2%80%98black-is-beautiful%E2%80%99.-E-as-cr%C3%ADticas-a-seu-uso-num-comercial>>. Acesso em: 9 set. 2018.

LINHARES, J. Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. **Veja**, 2016. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Acesso em: 4 out. 2018.

LORDE, A. The Master's tools will never Dismantle the Master's House. In: LORDE, A. **Sister outsider: essays and speeches**. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. pp. 110-113.

LUCAS, Maria Angélica O. F. . Evolucionismo spenceriano: concepção de progresso, estado e educação. In: I Congresso Brasileiro de História da Educação, 2000, Rio de Janeiro/RJ. I Congresso Brasileiro de História da Educação, 2000. v. 1. Disponível em: [www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/094\\_maria\\_angelica.pdf](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/094_maria_angelica.pdf). Acesso em 06. Out. 2017.

MACIEIRA, L. 'Mídia usou seu poder para legitimar o golpe', diz referência mundial da análise do discurso. **Brasil 247**, 2016. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/259544/%E2%80%98M%C3%ADdia-usou-seu-poder-para-legitimar-o-golpe%E2%80%99-diz-refer%C3%A2ncia-mundial-da-an%C3%A1lise-do-discurso.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

MADEIRO, C. Bolsa Família tem o maior corte da história: menos 543 mil famílias em 1 mês. **Brasil 247**, 2017. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/pt/247/brasil/311247/Bolsa-Fam%C3%ADlia-tem-maior-corte-da-hist%C3%B3ria-menos-543-mil-fam%C3%ADlias-em-1-m%C3%AAs.htm>>. Acesso em: 14 out. 2017.

MAGALHÃES, I. Introdução: a Análise de Discurso Crítica. **D.E.L.T.A.** v. 21, n. especial, pp. 1-9, 2005.

MAIO, M. C. Modernidade e Racismo: Costa Pinto e o Projeto UNESCO de Relações Raciais. In: PEREIRA, C. L.; SANSONE, L. (Orgs). **Projeto UNESCO no Brasil: textos críticos**. Salvador: EDUFBA, 2007. pp. 11-24.

MANDEL, E. **O Capitalismo tardio**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

Marcha das Vadias Chega ao Brasil. Disponível em: <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/marcha-das-vadias-chega-ao-brasil>. Acesso em 17 de out. 2018.

MARCHA DAS VADIAS-DF. Nota pública sobre expulsões na Marcha das Vadias-DF 2013. **Marcha das vadias-DF**, 2013. Disponível em: <<https://marchadasvadiasdf.wordpress.com/2013/07/02/nota-publica-sobre-expulsoes-na-marcha-das-vadias-df-2013/>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

MARCUSSI, A. A. Mestiçagem e Perversão Sexual em Gilberto Freyre e Arthur de Gobineau. **Estudos Históricos**. v. 26, n. 52, pp. 275-293, 2013.

MARQUES, G. Dialogando com Kimberle Crenshaw (ou: porque falar de interseccionalidades nos limita). **Geledés**, 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/dialogando-com-kimberle-crenshaw-ou-porque-falar-de-interseccionalidades-nos-limita/>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

MARTINS, J. G. A. Violência policial no Brasil: Reflexões teóricas sobre a força policial como instrumento de repressão burguesa. **Hegemonia**. v. 22, n. Especial, pp. 98-126, 2017.

MARTINS, R. Temer recua após cortar à metade recursos do Bolsa Família para 2019. **Carta Capital**, 2018. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/ipea-na-midia/180906\\_carta\\_capital\\_temer\\_recua\\_apos.jpg](http://www.ipea.gov.br/portal/images/ipea-na-midia/180906_carta_capital_temer_recua_apos.jpg)>. Acesso em: 10 set. 2018.

MARTINS, V. Racismo na saúde: da esterelização às mortes maternas. **Odara**, 2017. Disponível em: <<http://institutoodara.org.br/racismo-na-saude-da-esterilizacao-as-mortes-maternas/>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

MASSALI, F. Campanha contra racismo virtual quer conscientizar sobre injúria racial na web. **Agência Brasil**, 2015. Disponível: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-11/campanha-contra-racismo-virtual-quer-conscientizar-sobre-injuria>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

MATA, I. A pertinência de se ler Fanon, hoje – parte 1. **Geledés**, 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/a-pertinencia-de-se-ler-fanon-hoje-parte-1/>>. Acesso em: 14 out. 2017.

MATEUS, Rodrigues. Polícia Civil investiga ofensas racistas a Jornalista do DF em redes sociais. Disponível em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/05/policia-civil-investiga-ofensas-racistas-jornalista-do-df-em-rede-social.html>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

MIGNOLO, W. D. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**. s.v., n. 34, pp. 287-324, 2008.

MOORE, C. **Racismo e Sociedade**: novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

MORAES, F. **No país do Racismo Institucional**: dez anos de ações do GT Racismo no MPPE. Recife: Procuradoria Geral de Justiça, 2013.

MUNANGA, K. A preponderante geografia dos corpos. Entrevista especial com Kabengele Munanga. [Entrevista cedida a] Leslie Chaves. **Instituto Humanitas Unisinos**, 2015. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/549024-a-preponderante-geografia-dos-corpos-entrevista-especial-com-kabengele-munanga>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

\_\_\_\_\_. **Rediscutindo Mestiçagem**: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In. OLIVEIRA, I. de. (Org.). **Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira**. Niterói: Ed. UFF, 2003. pp.

NASCIMENTO, A. do. **Genocídio do Negro Brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. **O Genocídio do Negro Brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

NATANSOHN, G. Resenha: Mulheres, raça e classe de Ângela Davis. **Giga**, 2017. Disponível em: <<http://gigaufba.net/resenha-mulheres-raca-e-classe-de-angela-davis/>>. Acesso em: 26 set. 2018.

NATIVIDADE, P. Secretária é alvo de racismo em festa no Hotel Catussaba. **Correio**, 2018. Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/secretaria-e-alvo-de-racismo-em-festa-no-hotel-catussaba/>>. Acesso em: 6 abr. 2018.

NEMES, A. Tumblr: guia completo de uso. **Tecmundo**, 2012. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/tumblr/23011-tumblr-guia-completo-de-uso.htm>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

NOGUEIRA, O. Preconceito Racial de Marca e Preconceito Racial de Origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social**. v. 19, n. 1, 2007, pp. 287-308.

NUNES, C. Deixar de ser racista, meu amor, não é comer uma mulata! **Blogueiras Negras**, 2013. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2013/05/29/elogia-racista/>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

OLIVEIRA, É. De mãos dadas com hooks. **Estudos Feministas**. v. 22, n. 3, pp. 987-1014, 2014.

OLIVEIRA, F. Desigualdade não é detalhe. **Geledés**, 2017. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/desigualdade-nao-e-detalhe/>>. Acesso em: 14 out. 2017.

OLIVEIRA, L T. B. de. Narrativas em rede: o Feminismo Negro nas Redes Sociais. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA DA UFS, 1., 2016, Aracaju. **Anais...** Aracaju: PPGS/UFS, 2016. pp. 810-823.

OLIVEIRA, M. **Condições de Vida das Mulheres Negras de Pernambuco**. Recife, dezembro 2015. Disponível em: <https://soscorpo.org/210316-divulgando-as-condicoes-de-vida-das-mulheres-negras-e>. Acesso em: 14. out. 2017.

ONU MULHERES BRASIL. De olho na Década Internacional de Afrodescendentes, youtubers negras contam quais ações almejam para o combate ao racismo. ONU MULHERES BRASIL, 2017. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/noticias/de-olho-da-decada-internacional-de-afrodescendentes-youtubers-negras-contam-quais-aco-es-almejam-para-o-combate-ao-racismo/>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

OSORIO, R. G. **O sistema classificatório de “cor ou raça” do IBGE**. Brasília: IPEA, 2003. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4212](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=4212)>. Acesso em: 15 out. 2017.

PALFREY, J.; GASSER, U. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração dos nativos digitais**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PAMPLONA, N. Governo Temer oferece Pré-Sal em Regime de Concessão. **Folha de S. Paulo**, 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/05/1880746-governo-temer-oferece-pre-sal-em-regime-de-concessao.shtml>>. Acesso em: 14 out. 2017.

PARTIDO DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO BRASILEIRO. Uma Ponte Para o Futuro. Brasília: Fundação Ulysses Guimarães, 2015a. Disponível em: <http://pmdb.org.br/wp->

[content/uploads/2015/10/RELEASE-TEMER\\_A4-28.10.15-Online.pdf](#). Acesso em 14. Out. 2017.

PAZ, T.; SANTIAGO, L. **Incluir ou destruir: decolonialidade, distema e ativismo na Internet. Blogueiras negras**, 2018. Disponível em: <<http://www.blogueirasnegras.org/2018/03/21/incluir-ou-destruir-decolonialidade-sistema-e-ativismo-na-internet/>>. Acesso em: 6 abr. 2018.

PESTANA, M. O negro e a reforma da previdência. **Geledés**, 2017. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/o-negro-e-reforma-da-previdencia/#gs.kin1Wjs>>. Acessado em: 4 abr. 2017.

PINTO, A. F. M. Do Trágico ao Épico: a Marcha das Vadias e os Desafios Políticos das Mulheres Negras. **Blogueiras Negras**, 2013. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2013/06/27/desafios-politicos-feminismo-negro/>>. Acesso em: 17 out. 2018.

PIRES, B. Grêmio e Aranha, uma história de racismo perverso e continuado. **El País Brasil**, 2017. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/17/deportes/1500309484\\_868649.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/17/deportes/1500309484_868649.html)>. Acesso em: 5 abr. 2018.

QUIJANO, A. Dom Quixote e os Moinhos de Vento na América Latina. **Estudos Avançados**. v. 19, n. 55, pp. 9-31, 2005.

RATTS, A. Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo, Imprensa Oficial/Instituto Kuanza, 2007.

RIBEIRO, D. Feminismo negro: para além de um discurso identitário. **Cult**, 2017. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/feminismo-negro-para-alem-de-um-discurso-identitario/>>. Acesso em: 1 out. 2018.

\_\_\_\_\_. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, J. R. dos. **Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SANTOS, M. A. dos. Do racismo ao antirracismo racista: desafios para a educação. **Geledés**, 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/do-racismo-ao-antirracismo-racista-desafios-para-a-educacao/>>. Acesso em: 11 out. 2017.

SARDENBERG, C. M. B. Da crítica feminista à Ciência a uma Ciência Feminista? In: COSTA, A. A.; SARDENBERG, C. M. B. (Orgs.) **Feminismo, Ciência e Tecnologia**. Salvador: REDOR/NEIM, 2002. pp. 77-88.

SCHWARCZ, L. M. Espetáculo da Miscigenação. **Revista de Estudos Avançados**. v. 8, n. 20, pp. 137-152. 1994.

\_\_\_\_\_. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2013.

SCOTT, J. W. A invisibilidade da experiência. **Projeto História**. s. v., n. 16, pp: 297-326, 1998.

SILVEIRA, D. População que se declara preta cresce 14,9% no Brasil em 4 anos, aponta IBGE. **G1**, 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/populacao-que-se-declara-preta-cresce-149-no-brasil-em-4-anos-aponta-ibge.ghtml>>. Acesso em: 19 set. 2018.

SOUZA, J. M. A. de. **Tendências ideológicas do conservadorismo**. 2016. 305 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – PPGSS, UFPE, Recife, 2016.

SOUZA, R. A. S. de. A extinção dos brasileiros segundo o Conde de Gobineau. **Revista Brasileira de História da Ciência**. v. 6, n. 1, pp. 21- 34, 2013.

SPAGNOLI. Sarah Baartman. s.d. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/kgagamatsom/sarah-baartman-images-history/?lp=true>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

SPINELLI, Kelly Cristina. **O Brasil é Um País Estruturalmente Racista**. Publicado em 02/08/2013 – 14h50, última modificação 03/08/2013 13h07. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/201co-brasil-e-um-pais-estruturalmente-racista201d-5046.html>>. Acesso em 14. Out. 2017.

TEODORO, L. Como é difícil viver o que se prega na internet, só que fora dela. **Blogueiras Negras**, 2018. Disponível em: <<http://www.blogueirasnegras.org/2018/04/06/como-e-dificil-viver-o-que-se-prega-na-internet-so-que-fora-dela/>>. Acesso em: 8 abr. 2018.

THE ECONOMIST. Globo domination. **The economist**, 2014. Disponível em: <<https://www.economist.com/business/2014/06/05/globo-domination>>. Acesso em: 18 out. 2018.

TRAPP, R. P. Oliveira Vianna e Gilberto Freyre no Pelourinho: antirracismo e rejeição intelectual. **Revista de Teoria da História**. v. 5, n. 9, pp. 110-133, 2013.

TRINDADE, L. V. Mulheres negras são as principais vítimas de discriminação nas redes sociais, aponta sociólogo. [Entrevista cedida a] Lucas Vasques. **Revista Fórum**, 2018. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/mulheres-negras-sao-as-principais-vitimas-de-discriminacao-nas-redes-sociais-aponta-sociologo/>>. Acesso em: 23 out. 2018.

TRUTH, S. E não sou uma mulher? **Geledés**, 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>>. Acesso em: 5 nov. 2017.

TURA, A. **No Fantástico, Bruno Gagliasso fala de ataques racistas à filha Titi e se emociona: “Eu nunca vou sentir na pele o que é o racismo”**. Publicado em 03 dez. 2017. Disponível em: <<http://www.otvfoco.com.br/no-fantastico-bruno-gagliasso-fala-de-ataques-racistasfilha-titi-e-se-emociona-eu-nunca-vou-sentir-na-pele-o-que-e-o-racismo/>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

VELASCO, Clara. Negros ganham R\$ 1,2 mil a menos que brancos em média no Brasil; trabalhadores relatam dificuldades e ‘racismo velado’. Disponível em:

<https://g1.globo.com/economia/noticia/negros-ganham-r-12-mil-a-menos-que-brancos-em-media-no-brasil-trabalhadores-relatam-dificuldades-e-racismo-velado.gh> acesso em: 18 de novembro de 2018.

WARKEN, J. Dove pede desculpas e tira do ar propaganda considerada racista. **M de Mulher**, 2017. Disponível em: <<https://mdemulher.abril.com.br/estilo-de-vida/dove-pede-desculpas-e-tira-do-ar-propaganda-considerada-racista/>>. Acesso em: 12 out. 2017.

WERNECK, J.; IRACI, N. A situação dos direitos humanos das mulheres negras no Brasil: violência e violações. **Geledés**, 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/situacao-dos-direitos-humanos-das-mulheres-negras-no-brasil-violencias-e-violacoes/>>. Acesso em: 3 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. Jurema Werneck: 'Ser mulher negra no Brasil de hoje é sinônimo de luta'. [Entrevista cedida a] Andréa Martinelli. **HuffPost Brasil**, 2017. Disponível em: <[http://www.huffpostbrasil.com/2017/07/24/jurema-werneck-ser-mulher-negra-no-brasil-de-hoje-e-sinonimo-d\\_a\\_23046009/](http://www.huffpostbrasil.com/2017/07/24/jurema-werneck-ser-mulher-negra-no-brasil-de-hoje-e-sinonimo-d_a_23046009/)>. Acesso em: 31 out. 2017.

\_\_\_\_\_. Racismo institucional e saúde da população negra. **Saúde e Sociedade**. v. 25, n. 3, pp. 535-549, 2016

\_\_\_\_\_. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. In: VERSCHUUR, C. **Vents d'Est, vents d'Ouest: Mouvements de femmes et féminismes anticoloniaux**. Genebra: Graduate Institute Publications, 2009. pp. 151-163.

**APÊNDICE A - QUADRO DE IDENTIFICAÇÃO DAS POSTAGENS EXTRAIDAS  
DO BLOGUEIRAS NEGRAS**

TOTAL: **108**

- Postagens do link preconceito

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	1	Data da publicação	15 de Março de 2013
Autora/codnome	Blogueiras Negras		
Título da publicação	Convite para Blogagem Coletiva Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial		
5. Local	PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	321 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	10		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	2	Data da publicação	18 de Março de 2013
Autora/codnome	Charô Nunes		
Título da publicação	Sobre a Caloura Xica da Silva, Nota sobre o Trote da UFMG		
5. Local	PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	6865 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	56		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	3	Data da publicação	22 de Março de 2013
Autora/codnome	Blogueiras Negras		
Título da publicação		Obrigada!	
5. Local	PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	157 visualizações		
7. N° de curtidas	1		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	4	Data da publicação	8 de Abril de 2013
Autora/codnome	Cidinha da Silva		
Título da publicação		Atenção Mercado Imobiliário de Brasília: façam suas ofertas! Ellen Oléria quer alugar um imóvel!	
5. Local	PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	497 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	5	Data da publicação	29 de Maio de 2013
Autora/codnome	Charô Nunes		
Título da publicação		Deixar de Ser Racista, Meu Amor, Não é Comer uma Mulata!	
5. Local	PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	75056 visualizações		
7. N° de curtidas	1		
8. Total de comentários	281		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	6	Data da publicação	10 de Julho de 2013
Autora/codnome	Larissa Santiago		
Título da publicação		Racismo: também está quando você não vê.	
5. Local	PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	1165 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	4		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	7	Data da publicação	13 de Agosto de 2013
Autora/codnome	Iara Paiva		
Título da publicação		Racismo nos Espaços Feministas Brancos	
5. Local	ABORTO; PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	5333 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	8	Data da publicação	4 de Setembro de 2013
Autora/codnome	Mara Gomes		
Título da publicação		No Brasil, a Medicina é Branca e Classe Média	
5. Local	PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	2779 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	5		

1. Identificação de dados			
---------------------------	--	--	--

<b>1. N° do dado</b>	<b>9</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>6 de Setembro de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Sarah Joker</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Da Preferência ao Racismo</b>		
<b>5. Local</b>	<b>PRECONCEITO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>2457 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>0</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>10</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>11 de Setembro de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Ana Maria Gonçalves</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>A Branquitude está Nua</b>		
<b>5. Local</b>	<b>PRECONCEITO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>8107 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>15</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>11</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>19 de Setembro de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Mayara Nicolau</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>100% Negro e o Suposto Racismo ao Contrário – deixa eu tentar te explicar</b>		
<b>5. Local</b>	<b>PRECONCEITO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>8877 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>11</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>
----------------------------------

1. N° do dado	12	Data da publicação	21 de Janeiro de 2014
Autora/codnome	Gabriela Ramos		
<b>Título da publicação</b>	<b>Vinte e Um de Janeiro, Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa</b>		
5. Local	IDENTIDADE; PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	1603 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	4		

<b>1. Identificação de dados</b>			
1. N° do dado	13	Data da publicação	23 de Janeiro de 2014
Autora/codnome	Ana Maria Gonçalves		
<b>Título da publicação</b>	<b>O Medo da Raça Humana</b>		
5. Local	PRECONCEITO; RACISMO; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	1800 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	3		

<b>1. Identificação de dados</b>			
1. N° do dado	14	Data da publicação	28 de Janeiro de 2014
Autora/codnome	Verônica Rocha		
<b>Título da publicação</b>	<b>Tolerância, Respeito e Aceitação: a luta diária da pessoa transgênera por igualdade</b>		
5. Local	FEMINISMO; IDENTIDADE; PRECONCEITO; RESISTÊNCIA		
6. N° de visualizações	2105 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

<b>1. Identificação de dados</b>			
----------------------------------	--	--	--

1. N° do dado	15	Data da publicação	21 de Fevereiro de 2014
Autora/codnome	Anne Dourado		
<b>Título da publicação</b>	<b>A Erotização e Objetificação da Mulher Negra e a Sexualidade Feminina como Tabu</b>		
5. Local	FEMINISMO; IDENTIDADE; PRECONECITO; RESISTÊNCIA		
6. N° de visualizações	7540 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	1		

<b>1. Identificação de dados</b>			
1. N° do dado	16	Data da publicação	1 de Abril de 2014
Autora/codnome	Rebeca Nascimento		
<b>Título da publicação</b>	<b>Sobre Alisamento Capilar, Racismo e Liberdade</b>		
5. Local	IDENTIDADE; PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	10756 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	24		

<b>1. Identificação de dados</b>			
1. N° do dado	17	Data da publicação	29 de Abril de 2014
Autora/codnome	Eliane Oliveira		
<b>Título da publicação</b>	<b>Igualdade no Brasil Miscigenado</b>		
5. Local	COTIDIANO; MÍDIA; PRECONCEITO; RACISMO; RESISTÊNCIA.		
6. N° de visualizações	2049 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

<b>1. Identificação de dados</b>			
----------------------------------	--	--	--

<b>1. N° do dado</b>	<b>18</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>29 de Abril de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Ana Maria Gonçalves</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>A Bananização do Racismo</b>		
<b>5. Local</b>	<b>MÍDIA; POLÍTICA; PRECONCEITO; RACISMO; RESISTÊNCIA;</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>22349 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>21</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>19</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>20 de Maio de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Shirlene Marques</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>É Papel do Judiciário Analisar a Validade e Existência da Religião?</b>		
<b>5. Local</b>	<b>IDENTIDADE; PRECONCEITO; RELIGIÃO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>765 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>2</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>20</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>2 de Junho de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Larissa Santiago</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Não Vai Ter Copa se Não Houver Direitos</b>		
<b>5. Local</b>	<b>COTIDIANO; DIREITOS; POLÍTICA; PRECONCEITO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA;</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>420 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>0</b>		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	21	Data da publicação	6 de Junho de 2014
Autora/codnome	Gabi Porfírio		
Título da publicação		Uma Charge Racista e os Haitianos em São Paulo	
5. Local	PRECONCEITO; RACISMO		
6. N° de visualizações	2155 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	2		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	22	Data da publicação	11 de Junho de 2014
Autora/codnome	Rebeca Nascimento		
Título da publicação		Lesbofobia e Mulheres Negras	
5. Local	IDENTIDADE; PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	2012 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	1		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	23	Data da publicação	17 de Outubro de 2014
Autora/codnome	Ketty Valencio		
Título da publicação		Sem Mundo Encantado em Ser Mulher Negra	
5. Local	IDENTIDADE; INFÂNCIA E JUVENTUDE; PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	1493 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	24	Data da publicação	2 de Novembro de 2014
Autora/codnome	Anônima		
Título da publicação		Não Fui Selecionada. Por que será?	
5. Local	COTIDIANO; PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	36471 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	35		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	25	Data da publicação	17 de Dezembro de 2014
Autora/codnome	Patricia Anunciada		
Título da publicação		O Impacto do Racismo na Construção da Identidade	
5. Local	IDENTIDADE; PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	2625 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	7		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	26	Data da publicação	14 de Janeiro de 2015
Autora/codnome	Jaqueline Gomes de Jesus		
Título da publicação		Por Que os Negros Daqui Não se Revoltam?	
5. Local	PRECONCEITO; RESISTÊNCIA		
6. N° de visualizações	1725 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	5		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	27	Data da publicação	15 de Janeiro de 2015
Autora/codnome	Sheu Nascimento		
Título da publicação		Lésbicas Negras e a Discriminação na Ginecologia	
5. Local	PRECONCEITO; SAÚDE		
6. N° de visualizações	3334 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	3		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	28	Data da publicação	28 de Janeiro 2015
Autora/codnome	Glauce		
Título da publicação		Domesticação das Identidades Negras	
5. Local	IDENTIDADE; PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	1552 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	3		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	29	Data da publicação	20 de Fevereiro de 2015
Autora/codnome	Gabi Porfírio		
Título da publicação		O Que Acontece Quando Não Nos Calamos?	
5. Local	FEMINISMO; PRECONCEITO; RACISMO		
6. N° de visualizações	44764 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	39		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	30	Data da publicação	3 de Março de 2015
Autora/codnome	Carol Mendes		
Título da publicação		Nossos Corpos Incômodos	
5. Local	IDENTIDADE; PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	1901 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	4		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	31	Data da publicação	27 de Março de 2015
Autora/codnome	Maria Teresa Ferreira		
Título da publicação		Mobilizações Contra Intolerância	
5. Local	PRECONCEITO; RELIGIÃO		
6. N° de visualizações	486 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	2		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	32	Data da publicação	27 de Março de 2015
Autora/codnome	Marivania Conceicao de Araujo		
Título da publicação		Uma Guerra Santa Está em Curso no Brasil	
5. Local	PRECONCEITO; RELIGIÃO		
6. N° de visualizações	1252 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
---------------------------	--	--	--

<b>1. N° do dado</b>	<b>33</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>5 de Junho de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Tássia Nascimento</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Sobre os Meus Cabelos Crespos</b>		
<b>5. Local</b>	<b>COTIDIANO; IDENTIDADE; PRECONCEITO; RESISTÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>5825 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>20</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>34</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>16 de Julho de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Blogueiras Negras</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Nota de Solidariedade e Reivindicação às Cinco Mulheres Assassinadas em Itajá – Rio Grande do Norte</b>		
<b>5. Local</b>	<b>DIREITOS; PRECONCEITO; RACISMO; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>1059 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>4</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>35</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>14 de Setembro de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Paloma Franca Amorim</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Porque Recusar Exhibit B?</b>		
<b>5. Local</b>	<b>ARTE; CULTURA; PRECONCEITO; RACISMO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>1912 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>0</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>
----------------------------------

1. N° do dado	36	Data da publicação	17 de Setembro de 2015
Autora/codnome	Clara Brandao		
<b>Título da publicação</b>	<b>Espaço Educacional, Identidade e o Silenciamento das Mulheres Negras</b>		
5. Local	EDUCAÇÃO; NEGRITUDE; PRECONCEITO; RESISTÊNCIA		
6. N° de visualizações	1955 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

- Postagens do link violência

<b>1. Identificação de dados</b>			
1. N° do dado	37	Data da publicação	21 de Março de 2013
Autora/codnome	Luana Tolentino		
<b>Título da publicação</b>	<b>Para Cada Negro Morto, Uma Prece</b>		
5. Local	VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	728 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	1		

<b>1. Identificação de dados</b>			
1. N° do dado	38	Data da publicação	21 de Maio de 2013
Autora/codnome	Blogueiras Negras		
<b>Título da publicação</b>	<b>Redução da Maioridade Penal: Uma Reflexão dos Resquícios da Escravidão no Brasil</b>		
5. Local	VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	1523 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	9		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	39	Data da publicação	7 de Junho de 2013
Autora/codnome	Blogueiras Negras		
Título da publicação		Immanuel Kant, os Direitos Humanos e o Estatuto do Nasciturno	
5. Local	ABORTO; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	1058 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	4		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	40	Data da publicação	1 de Julho de 2013
Autora/codnome	Blogueiras Negras		
Título da publicação		A Minha Alma Está Armada e Apontada Para a Cara do Sossego, Pois Paz Sem Voz, Não é Paz, é Medo	
5. Local	VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	691 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	3		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	41	Data da publicação	2 de Agosto de 2013
Autora/codnome	Cris O		
Título da publicação		Sound of Police – O Som da Polícia	
5. Local	VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	295 visualizações		
7. N° de curtidas	0		

8. Total de comentários	3
-------------------------	---

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	42	Data da publicação	18 de Setembro de 2013
Autora/codnome	Deloise Jesus		
Título da publicação		Políticas Afirmativas? Sou Contra! Redução da Maioridade Penal? Totalmente a Favor.	
5. Local	VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	7110 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	21		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	43	Data da publicação	11 de outubro de 2013
Autora/codnome	Mayara Nicolau		
Título da publicação		O Racismo Velado e os Privilégios Não Reconhecidos	
5. Local	VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	14097 visualizações		
7. N° de curtidas	3		
8. Total de comentários	7		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	44	Data da publicação	17 de Outubro de 2013
Autora/codnome	Monique Evelle		
Título da publicação		Para Não Dizer Que Não Falei de Flores. Ops! De Amarildo	
5. Local	VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	409 visualizações		

7. N° de curtidas	0
8. Total de comentários	0

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	45	Data da publicação	19 de Novembro de 2013
Autora/codnome	Márcia Santos Severino		
Título da publicação		Primeiro Fomos Estupradas, Agora Enterramos Nossos Filhos. E Assim Se Fecha o Ciclo da Violência no Brasil.	
5. Local	VIOÊNCIA		
6. N° de visualizações	1241 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	2		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	46	Data da publicação	3 de Dezembro de 2013
Autora/codnome	Blogueiras Negras		
Título da publicação		Entram nas Nossas Comunidades e Nos Violentam: A Dor da Salvador	
5. Local	RESISTÊNCIA; VIOÊNCIA		
6. N° de visualizações	2446 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	4		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	47	Data da publicação	9 de Dezembro de 2013
Autora/codnome	Viviana Santiago		
Título da publicação		Sobre Resiliência, o Direito a Felicidade e Ser Mulher Negra no Aeroporto de Frankfurt	
5. Local	RESISTÊNCIA; VIOÊNCIA		

6. Nº de visualizações	2627 visualizações
7. Nº de curtidas	0
8. Total de comentários	12

1. Identificação de dados			
1. Nº do dado	48	Data da publicação	23 de Janeiro de 2014
Autora/codnome	Gabi Porfírio		
Título da publicação		Ah, Sim, Dentro da Caixa? Uma Banana!	
5. Local	FEMINISMO; RACISMO; VIOLÊNCIA		
6. Nº de visualizações	1824 visualizações		
7. Nº de curtidas	0		
8. Total de comentários	10		

1. Identificação de dados			
1. Nº do dado	49	Data da publicação	3 de Fevereiro de 2014
Autora/codnome	Luana Soares		
Título da publicação		Aborto e Ilegalidade: A Violência do Estado Contra as Mulheres Negras	
5. Local	ABORTO; FEMINISMO; POLÍTICA; VIOLÊNCIA		
6. Nº de visualizações	4274 visualizações		
7. Nº de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. Nº do dado	50	Data da publicação	28 de Fevereiro de 2014
Autora/codnome	Anne Dourado		
Título da publicação		A Erotização e Objetificação da Mulher Negra e a Sexualidade Feminina Como Tabu	
5. Local	FEMINISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA		

6. Nº de visualizações	3078 visualizações
7. Nº de curtidas	0
8. Total de comentários	6

1. Identificação de dados			
1. Nº do dado	51	Data da publicação	8 de Março de 2014
Autora/codnome	Charô Nunes		
Título da publicação		Um Dia Para Lembrar Que Lutar Contra o Racismo Também é Feminismo	
5. Local	ABORTO; FEMINISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA		
6. Nº de visualizações	2170 visualizações		
7. Nº de curtidas	0		
8. Total de comentários	5		

1. Identificação de dados			
1. Nº do dado	52	Data da publicação	11 de Março de 2014
Autora/codnome	Marjorie Chaves		
Título da publicação		No Rastro da Pantera: A Democracia da Abolição e o Black Feminism de Angela Davis	
5. Local	ABORTO; CORPO; RESISTÊNCIA; SAÚDE E BELEZA; VIOLÊNCIA		
6. Nº de visualizações	1892 visualizações		
7. Nº de curtidas	2		
8. Total de comentários	3		

1. Identificação de dados			
1. Nº do dado	53	Data da publicação	12 de Março de 2014
Autora/codnome	Anônima		
Título da publicação		Ninguém Sobrevive à Violência Sexual	

<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO; VIOLÊNCIA</b>
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>2000 visualizações</b>
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>
<b>8. Total de comentários</b>	<b>11</b>

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>54</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>14 de Março de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Gabi Porfúrio</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Mas então, por quê?</b>	
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>1023 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>2</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>55</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>18 de Março de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Rita Nascimento</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Uma Crônica Sobre o Passado</b>	
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>1657 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>1</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>3</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>56</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>19 de Março de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Sheila Dias</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Até Quando Vai Durar Esse Extermínio ao Povo Preto, Favelado e Pobre?</b>	

<b>5. Local</b>	<b>RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>3968 visualizações</b>
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>
<b>8. Total de comentários</b>	<b>8</b>

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>57</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>26 de Março de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Anne Dourado</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Misoginia x Misandria</b>	
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>19013 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>6</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>58</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>28 de Março de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Djamila Ribeiro</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>O Verdadeiro Humor é Aquele Que Dá Um Soco no Fígado de Quem Oprime</b>	
<b>5. Local</b>	<b>CULTURA; MÍDIA; RACISMO; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>3355 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>7</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>59</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>4 de Abril de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Priscilla Teodosio Rosa</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Claudia da Silva Ferreira Não Será Esquecida</b>	

<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>972 visualizações</b>
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>
<b>8. Total de comentários</b>	<b>3</b>

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>60</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>4 de Abril de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Gabriela Bacelar</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Não é Por Acaso Que Um Corpo Negro Cai!</b>	
<b>5. Local</b>	<b>RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>728 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>0</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>61</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>24 de Abril de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Juliana Gonçalves</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>“Grávida, Pobre e Negra” – Quando a Violência e a Omissão Obstétrica Matam e Parir Vira Uma Questão de Coragem</b>	
<b>5. Local</b>	<b>SAÚDE; SAÚDE E BELEZA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>5762 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>1</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>5</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>62</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>28 de Abril de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Mariana Assis</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Não Se Enganem!!</b>	

<b>5. Local</b>	<b>COTIDIANO; MÍDIA; RACISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>30947 visualizações</b>
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>
<b>8. Total de comentários</b>	<b>22</b>

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>63</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>1 de Maio de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Alyne Mayra</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>E Se Claudia, Não Fosse Mãe e Nem Trabalhadora?</b>	
<b>5. Local</b>	<b>COTIDIANO; FEMINISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>888 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>6</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>64</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>8 de Maio de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Carol Mendes</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Sobre Roteiros Adaptados e o Boko Haram</b>	
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>542 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>0</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>65</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>3 de Junho de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Paula Nunes</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>De Palmares a Junho de 2014: O Povo Preto</b>	

	<b>Continua Lutando Pelo Direito de Viver</b>
<b>5. Local</b>	<b>RACISMO; VIOLÊNCIA</b>
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>1411 visualizações</b>
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>
<b>8. Total de comentários</b>	<b>0</b>

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>66</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>27 de Junho de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Debora Almeida</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Uma Bunda na Foto Vale Mais Que Uma Arara!</b>	
<b>5. Local</b>	<b>CORPO; FEMINISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>5020 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>4</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>67</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>21 de Agosto de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Larissa Santiago</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>II Marcha Internacional Contra o Genocídio do Povo Negro: Não Vamos Enterrar Nossa Dor.</b>	
<b>5. Local</b>	<b>RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>637 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>0</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>68</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>6 de Novembro de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Thiane Neves Barros</b>		

<b>Título da publicação</b>	<b>No Mês da Consciência Negra, Nenhuma Novidade: Mata-se Gente Preta</b>
<b>5. Local</b>	<b>RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>900 visualizações</b>
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>1</b>
<b>8. Total de comentários</b>	<b>1</b>

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>69</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>3 de Dezembro de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Blogueiras Negras</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Victoria Lopes: Relatos de Um Dia de Albino César</b>		
<b>5. Local</b>	<b>RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>961 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>3</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>70</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>4 de Dezembro de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Thiane Neves Barros</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Depois do Outubro Rosa e do Novembro Azul: O Genocídio da Consciência Negra</b>		
<b>5. Local</b>	<b>RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>464 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>0</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>71</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>23 de Janeiro de 2015</b>

<b>Autora/codiname</b>	<b>Mônica Santana</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Sista Nigéria</b>		
<b>5. Local</b>	<b>POLÍTICA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>514 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>0</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>72</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>29 de Janeiro de 2015</b>
<b>Autora/codiname</b>	<b>Blogueiras Negras</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>5 Mulheres Trans Negras Que Abriram o Caminho</b>		
<b>5. Local</b>	<b>HISTÓRIA; IDENTIDADE; NEGRAS NOTÁVEIS; RESISTÊNCIA; SEXUALIDADE; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>6304 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>0</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>73</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>10 de Fevereiro de 2015</b>
<b>Autora/codiname</b>	<b>Cidinha da Silva</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Quando a Execução Sumária é Legitimada Como Gol de Placa no Campeonato do Extermínio</b>		
<b>5. Local</b>	<b>POLÍTICA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>725 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>2</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>
----------------------------------

<b>1. N° do dado</b>	<b>74</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>20 de Fevereiro de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Aline Alves Joaquim</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Se Essa Rua Fosse Minha</b>		
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO; PRETAS DE PESO; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>3234 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>10</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>75</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>27 de Fevereiro de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Ana Maria Gonçalves</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Carta Aberta ao Governador Rui Costa, da Bahia</b>		
<b>5. Local</b>	<b>POLÍTICA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>4300 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>8</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>76</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>13 de Março de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Maria Teresa Ferreira</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Entre as Flores, a Posia... A Violência?</b>		
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>973 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>2</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>
----------------------------------

<b>1. N° do dado</b>	<b>77</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>17 de Março de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Thiane Neves Barros</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Cláudia Ferreira da Silva: Arrastada Sim, Sem Identidade Não</b>		
<b>5. Local</b>	<b>RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>2015 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>1</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>78</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>9 de Abril de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Liliana Dantas</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Polícia, Deixe a Favela em Paz! Respeite a Vida, Respeite a Favela</b>		
<b>5. Local</b>	<b>RACISMO; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>372 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>2</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>79</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>20 de Abril de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Laila Oliveira</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Reflexões Sobre Um Racismo à Brasileira: A Volta dos Fantasmas que Nunca Foram</b>		
<b>5. Local</b>	<b>HISTÓRIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>1249 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>3</b>		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	80	Data da publicação	25 de Maio de 2015
Autora/codnome	Viviane de Paula		
Título da publicação		Amor Para Quem? Violência Contra Mulheres Negras e Relações Afetivas.	
5. Local	COTIDIANO; FEMINISMO; RACISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA;		
6. N° de visualizações	4191 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	3		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	81	Data da publicação	11 de Junho de 2015
Autora/codnome	Elisangela Lima		
Título da publicação		A Extinção do Preto, Marrom, Amarelo e Bege: A Extinção do Negro	
5. Local	ABORTO; NEGRITUDE; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	2474 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	1		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	82	Data da publicação	26 de Junho de 2015
Autora/codnome	Blogueiras Negras		
Título da publicação		CPI da Violência Contra os Jovens Negros	
5. Local	RACISMO; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	774 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	1		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	83	Data da publicação	30 de Junho de 2015
Autora/codnome	Carolina Pinho		
Título da publicação		O Crime Inclui Quando o Estado Exclui	
5. Local	DIREITOS; POLÍTICA; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	889 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	84	Data da publicação	1 de Julho de 2015
Autora/codnome	Josane Silva Souza		
Título da publicação		Homens: Não Confundam Educação com Permissão	
5. Local	VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	1045 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	1		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	85	Data da publicação	15 de Julho de 2015
Autora/codnome	Elisangela Lima		
Título da publicação		A Naturalização: Estupro e Pedofilia na Mídia	
5. Local	INFÂNCIA E JUVENTUDE; MÍDIA; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	2589 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	6		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	86	Data da publicação	27 de Julho de 2015
Autora/codnome	Aline Silveira		
Título da publicação	Todo Poder ao Povo: Precisamos Falar Sobre o Genocídio dos Negros nos Estados Unidos		
5. Local	RACISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	996 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	1		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	87	Data da publicação	24 de Agosto de 2015
Autora/codnome	Agnes Aguiar		
Título da publicação	Sapatona 1 Também Apanha em Casa: Violência Doméstica Contra Lésbicas		
5. Local	VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	1772 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	88	Data da publicação	1 de Dezembro de 2015
Autora/codnome	Julia Freitas		
Título da publicação	#MeuAmigoSecreto e a Impossibilidade do Diálogo com Abusadores		
5. Local	VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	532 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	89	Data da publicação	2 de Dezembro de 2015
Autora/codnome	Blogueiras Negras		
Título da publicação		Meu Peito Preto Sangra – Extermínio da Juventude Negra	
5. Local	VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	1260 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	90	Data da publicação	6 de Julho de 2016
Autora/codnome	Aline Djokic		
Título da publicação		#CriançaEsperança – Ninguém Nasce Racista ou a Branquitude que Não Quer se Ver	
5. Local	RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	4767 visualizações		
7. N° de curtidas	1		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	91	Data da publicação	23 de Agosto de 2016
Autora/codnome	Carol Mendes		
Título da publicação		Notas Sobre Desafios Jurídicos e Sociais Para Enfrentar o Problema da Exposição de Imagem Íntima	
5. Local	FEMINISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	397 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	92	Data da publicação	2 de Maio de 2017
Autora/codínome	Elisa de Sena		
Título da publicação	Tem Um Abusador ao (do) Seu Lado		
5. Local	DENÚNCIA; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	383 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	93	Data da publicação	21 de Junho de 2017
Autora/codínome	Laura Almeida		
Título da publicação	08 Coisas Sobre Violência Contra a Mulher que Você Precisa Refletir		
5. Local	FEMINISMO; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	1596 visualizações		
7. N° de curtidas	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	94	Data da publicação	22 de Setembro de 2017
Autora/codínome	Laura Almeida		
Título da publicação	Racismo e o Modelo de Atenção à Saúde Mental – Uma Conversa Difícil		
5. Local	DIREITOS; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	637 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	95	Data da publicação	9 de Outubro de 2017
Autora/codnome	Gabriela Gonçalves		
Título da publicação		Mulher Negra e Genocídio: A Necessidade de Um Recorte de Gênero	
5. Local	VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	675 visualizações		
7. N° de curtidas	1		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	96	Data da publicação	15 de Dezembro de 2017
Autora/codnome	Cena Feminina		
Título da publicação		MC Chapecoense Agride Companheira e seu 'Coletivo Selva' Produz Clip Misógeno	
5. Local	VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	291 visualizações		
7. N° de curtidas	1		
8. Total de comentários	0		

- Postagens do link feminismo

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	97	Data da publicação	19 de Março de 2013
Autora/codnome	Blogueiras Negras		
Título da publicação		Nota de Repúdio ao Trote Racista e Sexista da Faculdade de Direito da UFMG	
5. Local	FEMINISMO		
6. N° de visualizações	276 visualizações		

7. N° de curtidas	1
8. Total de comentários	0

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	98	Data da publicação	24 de Maio de 2013
Autora/codnome	Larissa Santiago		
Título da publicação		Afro Hermanas Latino-Americanas	
5. Local	FEMINISMO		
6. N° de visualizações	254 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	1		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	99	Data da publicação	13 de Junho de 2013
Autora/codnome	Blogueiras Negras		
Título da publicação		Por Que Um Feminismo Negro?	
5. Local	ABORTO; FEMINISMO		
6. N° de visualizações	8080 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	11		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	100	Data da publicação	27 de Junho de 2013
Autora/codnome	Ana Flávia Magalhães Pinto		
Título da publicação		Do Trágico ao Épico: A Marcha das Vadias e os Desafios Políticos das Mulheres Negras	
5. Local	FEMINISMO		
6. N° de visualizações	4615 visualizações		

7. N° de curtidas	0
8. Total de comentários	44

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	101	Data da publicação	9 de Julho de 2013
Autora/codnome	Larissa Santiago		
Título da publicação		Enegrecer o Feminismo, Uma Questão Prática	
5. Local	FEMINISMO		
6. N° de visualizações	2157 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	7		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	102	Data da publicação	10 de Julho de 2013
Autora/codnome	Blogueiras Negras		
Título da publicação		Lélia Gonzalez Sobre o Feminismo	
5. Local	FEMINISMO		
6. N° de visualizações	2918 visualizações		
7. N° de curtidas	1		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	103	Data da publicação	18 de Julho de 2013
Autora/codnome	Fernanda Souza		
Título da publicação		Convite à I Blogagem Coletiva 25 de Julho, Dia da Mulher Afro-Latino-Americana e Caribenha	
5. Local	FEMINISMO		
6. N° de visualizações	48 visualizações		

7. N° de curtidas	0
8. Total de comentários	2

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	104	Data da publicação	18 de Julho de 2013
Autora/codnome	Fernanda Souza		
Título da publicação		Convite à I Blogagem Coletiva 25 de Julho, Dia da Mulher Afro-Latino-Americana e Caribenha	
5. Local	FEMINISMO		
6. N° de visualizações	354 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	2		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	105	Data da publicação	1 de Agosto de 2013
Autora/codnome	Blogueiras Negras		
Título da publicação		Política e Afetividade: A Importância das Relações de Irmandade na Sobrevivência das Mulheres Negras	
5. Local	FEMINISMO		
6. N° de visualizações	1111 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	2		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	106	Data da publicação	21 de Agosto de 2013
Autora/codnome	Charô Nunes		
Título da publicação		Como Feminista Negra Tenho Basicamente Duas Opções. Conquistar Espaços que me São Hostis ou Criar Novas Possibilidades.	

<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO</b>
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>2189 visualizações</b>
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>
<b>8. Total de comentários</b>	<b>3</b>

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>107</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>21 de Outubro de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Jarid Arraes</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>A Mulher Negra do Cariri Continua Esquecida</b>	
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>1611 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>0</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>108</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>22 de Outubro de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Janaina Oliveira</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Por Que Precisamos de Espaços Exclusivos</b>	
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>2982 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>7</b>		

## APÊNDICE B - POSTAGENS SEM COMENTÁRIOS: Blogueiras Negras

TOTAL: **107**

- Postagens do link preconceito

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	3	Data da publicação	22 de Março de 2013
Autora/codnome	Blogueiras Negras		
Título da publicação		Obrigada!	
5. Local	PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	157 visualizações		
7. N° de curtidas	1		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	4	Data da publicação	8 de Abril de 2013
Autora/codnome	Cidinha da Silva		
Título da publicação		Atenção Mercado Imobiliário de Brasília: façam suas ofertas! Ellen Oléria quer alugar um imóvel!	
5. Local	PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	497 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	7	Data da publicação	13 de Agosto de 2013

<b>Autora/codnome</b>	<b>Iara Paiva</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Racismo nos Espaços Feministas Brancos</b>		
<b>5. Local</b>	<b>ABORTO; PRECONCEITO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>5333 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>0</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>9</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>6 de Setembro de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Sarah Joker</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Da Preferência ao Racismo</b>		
<b>5. Local</b>	<b>PRECONCEITO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>2457 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>0</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>14</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>28 de Janeiro de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Verônica Rocha</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Tolerância, Respeito e Aceitação: a luta diária da pessoa transgênera por igualdade</b>		
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO; IDENTIDADE; PRECONCEITO; RESISTÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>2105 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>0</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>17</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>29 de Abril de 2014</b>

<b>Autora/codnome</b>	<b>Eliane Oliveira</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Igualdade no Brasil Miscigenado</b>		
<b>5. Local</b>	<b>COTIDIANO; MÍDIA; PRECONCEITO; RACISMO; RESISTÊNCIA.</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>2049 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>0</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>20</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>2 de Junho de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Larissa Santiago</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Não Vai Ter Copa se Não Houver Direitos</b>		
<b>5. Local</b>	<b>COTIDIANO; DIREITOS; POLÍTICA; PRECONCEITO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA;</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>420 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>0</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>23</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>17 de Outubro de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Ketty Valencio</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Sem Mundo Encantado em Ser Mulher Negra</b>		
<b>5. Local</b>	<b>IDENTIDADE; INFÂNCIA E JUVENTUDE; PRECONCEITO</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>1493 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>0</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>32</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>27 de Março de 2015</b>

<b>Autora/codnome</b>	<b>Marivania Conceicao de Araujo</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Uma Guerra Santa Está em Curso no Brasil</b>		
<b>5. Local</b>	<b>PRECONCEITO; RELIGIÃO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>1252 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>0</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>35</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>14 de Setembro de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Paloma Franca Amorim</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Porque Recusar Exhibit B?</b>		
<b>5. Local</b>	<b>ARTE; CULTURA; PRECONCEITO; RACISMO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>1912 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>0</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>36</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>17 de Setembro de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Clara Brandao</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Espaço Educacional, Identidade e o Silenciamento das Mulheres Negras</b>		
<b>5. Local</b>	<b>EDUCAÇÃO; NEGRITUDE; PRECONCEITO; RESISTÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>1955 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>0</b>		

- **Postagens do link violência**

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	44	Data da publicação	17 de Outubro de 2013
Autora/codnome	Monique Evelle		
Título da publicação	Para Não Dizer Que Não Falei de Flores. Ops! De Amarildo		
5. Local	VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	409 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	49	Data da publicação	3 de Fevereiro de 2014
Autora/codnome	Luana Soares		
Título da publicação	Aborto e Ilegalidade: A Violência do Estado Contra as Mulheres Negras		
5. Local	ABORTO; FEMINISMO; POLÍTICA; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	4274 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	60	Data da publicação	4 de Abril de 2014
Autora/codnome	Gabriela Bacelar		
Título da publicação	Não é Por Acaso Que Um Corpo Negro Cai!		
5. Local	RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	728 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	64	Data da publicação	8 de Maio de 2014
Autora/codnome	Carol Mendes		
Título da publicação		Sobre Roteiros Adaptados e o Boko Haram	
5. Local	FEMINISMO; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	542 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	65	Data da publicação	3 de Junho de 2014
Autora/codnome	Paula Nunes		
Título da publicação		De Palmares a Junho de 2014: O Povo Preto Continua Lutando Pelo Direito de Viver	
5. Local	RACISMO; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	1411 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	67	Data da publicação	21 de Agosto de 2014
Autora/codnome	Larissa Santiago		
Título da publicação		II Marcha Internacional Contra o Genocídio do Povo Negro: Não Vamos Enterrar Nossa Dor.	
5. Local	RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	637 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	70	Data da publicação	4 de Dezembro de 2014
Autora/codnome	Thiane Neves Barros		
Título da publicação		Depois do Outubro Rosa e do Novembro Azul: O Genocídio da Consciência Negra	
5. Local	RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	464 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	71	Data da publicação	23 de Janeiro de 2015
Autora/codnome	Mônica Santana		
Título da publicação		Sista Nigéria	
5. Local	POLÍTICA; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	514 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	72	Data da publicação	29 de Janeiro de 2015
Autora/codnome	Blogueiras Negras		
Título da publicação		5 Mulheres Trans Negras Que Abriram o Caminho	
5. Local	HISTÓRIA; IDENTIDADE; NEGRAS NOTÁVEIS; RESISTÊNCIA; SEXUALIDADE; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	6304 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	83	Data da publicação	30 de Junho de 2015
Autora/codnome	Carolina Pinho		
Título da publicação		O Crime Inclui Quando o Estado Exclui	
5. Local	DIREITOS; POLÍTICA; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	889 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	87	Data da publicação	24 de Agosto de 2015
Autora/codnome	Agnes Aguiar		
Título da publicação		Sapatona 1 Também Apanha em Casa: Violência Doméstica Contra Lésbicas	
5. Local	VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	1772 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	88	Data da publicação	1 de Dezembro de 2015
Autora/codnome	Julia Freitas		
Título da publicação		#MeuAmigoSecreto e a Impossibilidade do Diálogo com Abusadores	
5. Local	VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	532 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	89	Data da publicação	2 de Dezembro de 2015
Autora/codnome	Blogueiras Negras		
Título da publicação		Meu Peito Preto Sangra – Extermínio da Juventude Negra	
5. Local	VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	1260 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	90	Data da publicação	6 de Julho de 2016
Autora/codnome	Aline Djokic		
Título da publicação		#CriançaEsperança – Ninguém Nasce Racista ou a Branquitude que Não Quer se Ver	
5. Local	RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	4767 visualizações		
7. N° de curtidas	1		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	91	Data da publicação	23 de Agosto de 2016
Autora/codnome	Carol Mendes		
Título da publicação		Notas Sobre Desafios Jurídicos e Sociais Para Enfrentar o Problema da Exposição de Imagem Íntima	
5. Local	FEMINISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	397 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	92	Data da publicação	2 de Maio de 2017
Autora/codnome	Elisa de Sena		
Título da publicação	Tem Um Abusador ao (do) Seu Lado		
5. Local	DENÚNCIA; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	383 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	93	Data da publicação	21 de Junho de 2017
Autora/codnome	Laura Almeida		
Título da publicação	08 Coisas Sobre Violência Contra a Mulher que Você Precisa Refletir		
5. Local	FEMINISMO; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	1596 visualizações		
7. N° de curtidas	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	94	Data da publicação	22 de Setembro de 2017
Autora/codnome	Laura Almeida		
Título da publicação	Racismo e o Modelo de Atenção à Saúde Mental – Uma Conversa Difícil		
5. Local	DIREITOS; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	637 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	95	Data da publicação	9 de Outubro de 2017
Autora/codnome	Gabriela Gonçalves		
Título da publicação		Mulher Negra e Genocídio: A Necessidade de Um Recorte de Gênero	
5. Local	VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	675 visualizações		
7. N° de curtidas	1		
8. Total de comentários	0		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	96	Data da publicação	15 de Dezembro de 2017
Autora/codnome	Cena Feminina		
Título da publicação		MC Chapecoense Agride Companheira e seu 'Coletivo Selva' Produz Clip Misógeno	
5. Local	VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	291 visualizações		
7. N° de curtidas	1		
8. Total de comentários	0		

- Postagens do link feminismo

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	97	Data da publicação	19 de Março de 2013
Autora/codnome	Blogueiras Negras		
Título da publicação		Nota de Repúdio ao Trote Racista e Sexista da Faculdade de Direito da UFMG	
5. Local	FEMINISMO		
6. N° de visualizações	276 visualizações		

<b>7. N° de curtidas</b>	<b>1</b>
<b>8. Total de comentários</b>	<b>0</b>

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>102</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>10 de Julho de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Blogueiras Negras</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Lélia Gonzalez Sobre o Feminismo</b>		
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>2918 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>1</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>0</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>107</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>21 de Outubro de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Jarid Arraes</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>A Mulher Negra do Cariri Continua Esquecida</b>		
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>1611 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>0</b>		

**APÊNDICE C - QUADRO DAS POSTAGENS COM COMENTÁRIOS: Blogueiras  
Negras**

TOTAL: **74**

- Postagens do link preconceito

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	1	Data da publicação	15 de Março de 2013
Autora/codnome	Blogueiras Negras		
Título da publicação		Convite para Blogagem Coletiva Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial	
5. Local	PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	321 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	10		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	2	Data da publicação	18 de Março de 2013
Autora/codnome	Charô Nunes		
Título da publicação		Sobre a Caloura Xica da Silva, Nota sobre o Trote da UFMG	
5. Local	PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	6865 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	56		

1. Identificação de dados			
---------------------------	--	--	--

<b>1. N° do dado</b>	<b>5</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>29 de Maio de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Charô Nunes</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Deixar de Ser Racista, Meu Amor, Não é Comer uma Mulata!</b>		
<b>5. Local</b>	<b>PRECONCEITO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>75056 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>1</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>281</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>6</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>10 de Julho de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Larissa Santiago</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Racismo: também está quando você não vê.</b>		
<b>5. Local</b>	<b>PRECONCEITO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>1165 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>4</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>8</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>4 de Setembro de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Mara Gomes</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>No Brasil, a Medicina é Branca e Classe Média</b>		
<b>5. Local</b>	<b>PRECONCEITO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>2779 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>5</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>
----------------------------------

1. N° do dado	10	Data da publicação	11 de Setembro de 2013
Autora/codnome	Ana Maria Gonçalves		
<b>Título da publicação</b>	<b>A Branquitude está Nua</b>		
5. Local	PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	8107 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	15		

<b>1. Identificação de dados</b>			
1. N° do dado	11	Data da publicação	19 de Setembro de 2013
Autora/codnome	Mayara Nicolau		
<b>Título da publicação</b>	<b>100% Negro e o Suposto Racismo ao Contrário – deixa eu tentar te explicar</b>		
5. Local	PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	8877 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	11		

<b>1. Identificação de dados</b>			
1. N° do dado	12	Data da publicação	21 de Janeiro de 2014
Autora/codnome	Gabriela Ramos		
<b>Título da publicação</b>	<b>Vinte e Um de Janeiro, Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa</b>		
5. Local	IDENTIDADE; PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	1603 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	4		

<b>1. Identificação de dados</b>			
----------------------------------	--	--	--

<b>1. N° do dado</b>	<b>13</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>23 de Janeiro de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Ana Maria Gonçalves</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>O Medo da Raça Humana</b>		
<b>5. Local</b>	<b>PRECONCEITO; RACISMO; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>1800 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>3</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>15</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>21 de Fevereiro de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Anne Dourado</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>A Erotização e Objetificação da Mulher Negra e a Sexualidade Feminina como Tabu</b>		
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO; IDENTIDADE; PRECONCEITO; RESISTÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>7540 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>1</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>16</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>1 de Abril de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Rebeca Nascimento</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Sobre Alisamento Capilar, Racismo e Liberdade</b>		
<b>5. Local</b>	<b>IDENTIDADE; PRECONCEITO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>10756 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>24</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>
----------------------------------

<b>1. N° do dado</b>	<b>18</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>29 de Abril de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Ana Maria Gonçalves</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>A Bananização do Racismo</b>		
<b>5. Local</b>	<b>MÍDIA; POLÍTICA; PRECONCEITO; RACISMO; RESISTÊNCIA;</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>22349 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>21</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>19</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>20 de Maio de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Shirlene Marques</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>É Papel do Judiciário Analisar a Validade e Existência da Religião?</b>		
<b>5. Local</b>	<b>IDENTIDADE; PRECONCEITO; RELIGIÃO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>765 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>2</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>21</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>6 de Junho de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Gabi Porfírio</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Uma Charge Racista e os Haitianos em São Paulo</b>		
<b>5. Local</b>	<b>PRECONCEITO; RACISMO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>2155 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>2</b>		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	22	Data da publicação	11 de Junho de 2014
Autora/codnome	Rebeca Nascimento		
Título da publicação		Lesbofobia e Mulheres Negras	
5. Local	IDENTIDADE; PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	2012 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	1		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	24	Data da publicação	2 de Novembro de 2014
Autora/codnome	Anônima		
Título da publicação		Não Fui Selecionada. Por que será?	
5. Local	COTIDIANO; PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	36471 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	35		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	25	Data da publicação	17 de Dezembro de 2014
Autora/codnome	Patricia Anunciada		
Título da publicação		O Impacto do Racismo na Construção da Identidade	
5. Local	IDENTIDADE; PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	2625 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	7		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	26	Data da publicação	14 de Janeiro de 2015
Autora/codnome	Jaqueline Gomes de Jesus		
Título da publicação		Por Que os Negros Daqui Não se Revoltam?	
5. Local	PRECONCEITO; RESISTÊNCIA		
6. N° de visualizações	1725 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	5		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	27	Data da publicação	15 de Janeiro de 2015
Autora/codnome	Sheu Nascimento		
Título da publicação		Lésbicas Negras e a Discriminação na Ginecologia	
5. Local	PRECONCEITO; SAÚDE		
6. N° de visualizações	3334 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	3		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	28	Data da publicação	28 de Janeiro 2015
Autora/codnome	Glauce		
Título da publicação		Domesticação das Identidades Negras	
5. Local	IDENTIDADE; PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	1552 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	3		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	29	Data da publicação	20 de Fevereiro de 2015
Autora/codnome	Gabi Porfírio		
Título da publicação		O Que Acontece Quando Não Nos Calamos?	
5. Local	FEMINISMO; PRECONCEITO; RACISMO		
6. N° de visualizações	44764 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	39		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	30	Data da publicação	3 de Março de 2015
Autora/codnome	Carol Mendes		
Título da publicação		Nossos Corpos Incômodos	
5. Local	IDENTIDADE; PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	1901 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	4		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	31	Data da publicação	27 de Março de 2015
Autora/codnome	Maria Teresa Ferreira		
Título da publicação		Mobilizações Contra Intolerância	
5. Local	PRECONCEITO; RELIGIÃO		
6. N° de visualizações	486 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	2		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	33	Data da publicação	5 de Junho de 2015
Autora/codnome	Tássia Nascimento		
<b>Título da publicação</b>	<b>Sobre os Meus Cabelos Crespos</b>		
5. Local	COTIDIANO; IDENTIDADE; PRECONCEITO; RESISTÊNCIA		
6. N° de visualizações	5825 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	20		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	34	Data da publicação	16 de Julho de 2015
Autora/codnome	Blogueiras Negras		
<b>Título da publicação</b>	<b>Nota de Solidariedade e Reivindicação às Cinco Mulheres Assassinadas em Itajá – Rio Grande do Norte</b>		
5. Local	DIREITOS; PRECONCEITO; RACISMO; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	1059 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	4		

- Postagens do link violência

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	37	Data da publicação	21 de Março de 2013
Autora/codnome	Luana Tolentino		
<b>Título da publicação</b>	<b>Para Cada Negro Morto, Uma Prece</b>		
5. Local	VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	728 visualizações		
7. N° de curtidas	0		

<b>8. Total de comentários</b>	<b>1</b>
--------------------------------	----------

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>38</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>21 de Maio de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Blogueiras Negras</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Redução da Maioridade Penal: Uma Reflexão dos Resquícios da Escravidão no Brasil</b>	
<b>5. Local</b>	<b>VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>1523 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>9</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>39</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>7 de Junho de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Blogueiras Negras</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Immanuel Kant, os Direitos Humanos e o Estatuto do Nasciturno</b>	
<b>5. Local</b>	<b>ABORTO; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>1058 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>4</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>40</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>1 de Julho de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Blogueiras Negras</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>A Minha Alma Está Armada e Apontada Para a Cara do Sossego, Pois Paz Sem Voz, Não é Paz, é Medo</b>	
<b>5. Local</b>	<b>VIOLÊNCIA</b>		

<b>6. N° de visualizações</b>	<b>691 visualizações</b>
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>
<b>8. Total de comentários</b>	<b>3</b>

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>41</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>2 de Agosto de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Cris O</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Sound of Police – O Som da Polícia</b>	
<b>5. Local</b>	<b>VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>295 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>3</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>42</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>18 de Setembro de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Deloise Jesus</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Políticas Afirmativas? Sou Contra! Redução da Maioridade Penal? Totalmente a Favor.</b>	
<b>5. Local</b>	<b>VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>7110 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>21</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>43</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>11 de outubro de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Mayara Nicolau</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>O Racismo Velado e os Privilégios Não Reconhecidos</b>	
<b>5. Local</b>	<b>VIOLÊNCIA</b>		

6. N° de visualizações	14097 visualizações
7. N° de curtidas	3
8. Total de comentários	7

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	45	Data da publicação	19 de Novembro de 2013
Autora/codnome	Márcia Santos Severino		
Título da publicação		Primeiro Fomos Estupradas, Agora Enterramos Nossos Filhos. E Assim Se Fecha o Ciclo da Violência no Brasil.	
5. Local	VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	1241 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	2		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	46	Data da publicação	3 de Dezembro de 2013
Autora/codnome	Blogueiras Negras		
Título da publicação		Entram nas Nossas Comunidades e Nos Violentam: A Dor da Salvador	
5. Local	RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	2446 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	4		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	47	Data da publicação	9 de Dezembro de 2013
Autora/codnome	Viviana Santiago		
Título da publicação		Sobre Resiliência, o Direito a Felicidade e Ser Mulher Negra no Aeroporto de Frankfurt	

<b>5. Local</b>	<b>RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>2627 visualizações</b>
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>
<b>8. Total de comentários</b>	<b>12</b>

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>48</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>23 de Janeiro de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Gabi Porfúrio</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Ah, Sim, Dentro da Caixa? Uma Banana!</b>	
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO; RACISMO; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>1824 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>10</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>50</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>28 de Fevereiro de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Anne Dourado</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>A Erotização e Objetificação da Mulher Negra e a Sexualidade Feminina Como Tabu</b>	
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>3078 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>6</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>51</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>8 de Março de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Charô Nunes</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Um Dia Para Lembrar Que Lutar Contra o Racismo Também é Feminismo</b>	

<b>5. Local</b>	<b>ABORTO; FEMINISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>2170 visualizações</b>
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>
<b>8. Total de comentários</b>	<b>5</b>

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>52</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>11 de Março de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Marjorie Chaves</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>No Rastro da Pantera: A Democracia da Abolição e o Black Feminism de Angela Davis</b>	
<b>5. Local</b>	<b>ABORTO; CORPO; RESISTÊNCIA; SAÚDE E BELEZA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>1892 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>2</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>3</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>53</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>12 de Março de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Anônima</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Ninguém Sobrevive à Violência Sexual</b>	
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>2000 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>11</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>54</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>14 de Março de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Gabi Porfírio</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Mas então, por quê?</b>	

<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>1023 visualizações</b>
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>
<b>8. Total de comentários</b>	<b>2</b>

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>55</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>18 de Março de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Rita Nascimento</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Uma Crônica Sobre o Passado</b>	
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>1657 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>1</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>3</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>56</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>19 de Março de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Sheila Dias</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Até Quando Vai Durar Esse Extermínio ao Povo Preto, Favelado e Pobre?</b>	
<b>5. Local</b>	<b>RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>3968 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>8</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>57</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>26 de Março de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Anne Dourado</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Misoginia x Misandria</b>	

<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO; VIOLÊNCIA</b>
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>19013 visualizações</b>
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>
<b>8. Total de comentários</b>	<b>6</b>

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>58</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>28 de Março de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Djamila Ribeiro</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>O Verdadeiro Humor é Aquele Que Dá Um Soco no Fígado de Quem Oprime</b>	
<b>5. Local</b>	<b>CULTURA; MÍDIA; RACISMO; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>3355 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>7</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>59</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>4 de Abril de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Priscilla Teodosio Rosa</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Claudia da Silva Ferreira Não Será Esquecida</b>	
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>972 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>3</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>61</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>24 de Abril de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Juliana Gonçalves</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>“Grávida, Pobre e Negra” – Quando a Violência e a Omissão Obstétrica Matam e Parir Vira</b>	

		<b>Uma Questão de Coragem</b>	
<b>5. Local</b>	<b>SAÚDE; SAÚDE E BELEZA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>5762 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>1</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>5</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>62</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>28 de Abril de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Mariana Assis</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Não Se Enganem!!</b>	
<b>5. Local</b>	<b>COTIDIANO; MÍDIA; RACISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>30947 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>22</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>63</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>1 de Maio de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Alyne Mayra</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>E Se Claudia, Não Fosse Mãe e Nem Trabalhadora?</b>	
<b>5. Local</b>	<b>COTIDIANO; FEMINISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>888 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>6</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>66</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>27 de Junho de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Debora Almeida</b>		

<b>Título da publicação</b>	<b>Uma Bunda na Foto Vale Mais Que Uma Arara!</b>
<b>5. Local</b>	<b>CORPO; FEMINISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>5020 visualizações</b>
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>
<b>8. Total de comentários</b>	<b>4</b>

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>68</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>6 de Novembro de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Thiane Neves Barros</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>No Mês da Consciência Negra, Nenhuma Novidade: Mata-se Gente Preta</b>		
<b>5. Local</b>	<b>RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>900 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>1</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>1</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>69</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>3 de Dezembro de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Blogueiras Negras</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Victoria Lopes: Relatos de Um Dia de Albino César</b>		
<b>5. Local</b>	<b>RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>961 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>3</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>73</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>10 de Fevereiro de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Cidinha da Silva</b>		

<b>Título da publicação</b>	<b>Quando a Execução Sumária é Legitimada Como Gol de Placa no Campeonato do Extermínio</b>
<b>5. Local</b>	<b>POLÍTICA; VIOLÊNCIA</b>
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>725 visualizações</b>
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>
<b>8. Total de comentários</b>	<b>2</b>

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>74</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>20 de Fevereiro de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Aline Alves Joaquim</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Se Essa Rua Fosse Minha</b>		
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO; PRETAS DE PESO; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>3234 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>10</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>75</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>27 de Fevereiro de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Ana Maria Gonçalves</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Carta Aberta ao Governador Rui Costa, da Bahia</b>		
<b>5. Local</b>	<b>POLÍTICA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>4300 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>8</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>76</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>13 de Março de 2015</b>

<b>Autora/codnome</b>	<b>Maria Teresa Ferreira</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Entre as Flores, a Posia... A Violência?</b>		
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>973 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>2</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>77</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>17 de Março de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Thiane Neves Barros</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Cláudia Ferreira da Silva: Arrastada Sim, Sem Identidade Não</b>		
<b>5. Local</b>	<b>RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>2015 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>1</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>78</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>9 de Abril de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Liliana Dantas</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Polícia, Deixe a Favela em Paz! Respeite a Vida, Respeite a Favela</b>		
<b>5. Local</b>	<b>RACISMO; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>372 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>2</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>79</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>20 de Abril de 2015</b>

<b>Autora/codnome</b>	<b>Laila Oliveira</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Reflexões Sobre Um Racismo à Brasileira: A Volta dos Fantasmas que Nunca Foram</b>		
<b>5. Local</b>	<b>HISTÓRIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>1249 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>3</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>80</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>25 de Maio de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Viviane de Paula</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Amor Para Quem? Violência Contra Mulheres Negras e Relações Afetivas.</b>		
<b>5. Local</b>	<b>COTIDIANO; FEMINISMO; RACISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA;</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>4191 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>3</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>81</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>11 de Junho de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Elisangela Lima</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>A Extinção do Preto, Marrom, Amarelo e Bege: A Extinção do Negro</b>		
<b>5. Local</b>	<b>ABORTO; NEGRITUDE; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>2474 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>1</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>
----------------------------------

<b>1. N° do dado</b>	<b>82</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>26 de Junho de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Blogueiras Negras</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>CPI da Violência Contra os Jovens Negros</b>		
<b>5. Local</b>	<b>RACISMO; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>774 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>1</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>84</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>1 de Julho de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Josane Silva Souza</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Homens: Não Confundam Educação com Permissão</b>		
<b>5. Local</b>	<b>VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>1045 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>1</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>85</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>15 de Julho de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Elisangela Lima</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>A Naturalização: Estupro e Pedofilia na Mídia</b>		
<b>5. Local</b>	<b>INFÂNCIA E JUVENTUDE; MÍDIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>2589 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>6</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>
----------------------------------

1. N° do dado	86	Data da publicação	27 de Julho de 2015
Autora/codnome	Aline Silveira		
Título da publicação	Todo Poder ao Povo: Precisamos Falar Sobre o Genocídio dos Negros nos Estados Unidos		
5. Local	RACISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	996 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	1		

- **Postagens do link feminismo**

<b>1. Identificação de dados</b>			
1. N° do dado	98	Data da publicação	24 de Maio de 2013
Autora/codnome	Larissa Santiago		
Título da publicação	Afro Hermanas Latino-Americanas		
5. Local	FEMINISMO		
6. N° de visualizações	254 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	1		

<b>1. Identificação de dados</b>			
1. N° do dado	99	Data da publicação	13 de Junho de 2013
Autora/codnome	Blogueiras Negras		
Título da publicação	Por Que Um Feminismo Negro?		
5. Local	ABORTO; FEMINISMO		
6. N° de visualizações	8080 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	11		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	100	Data da publicação	27 de Junho de 2013
Autora/codnome	Ana Flávia Magalhães Pinto		
Título da publicação	Do Trágico ao Épico: A Marcha das Vadias e os Desafios Políticos das Mulheres Negras		
5. Local	FEMINISMO		
6. N° de visualizações	4615 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	44		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	101	Data da publicação	9 de Julho de 2013
Autora/codnome	Larissa Santiago		
Título da publicação	Enegrecer o Feminismo, Uma Questão Prática		
5. Local	FEMINISMO		
6. N° de visualizações	2157 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	7		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	103	Data da publicação	18 de Julho de 2013
Autora/codnome	Fernanda Souza		
Título da publicação	Convite à I Blogagem Coletiva 25 de Julho, Dia da Mulher Afro-Latino-Americana e Caribenha		
5. Local	FEMINISMO		
6. N° de visualizações	48 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	2		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	104	Data da publicação	18 de Julho de 2013
Autora/codnome	Fernanda Souza		
Título da publicação		Convite à I Blogagem Coletiva 25 de Julho, Dia da Mulher Afro-Latino-Americana e Caribenha	
5. Local	FEMINISMO		
6. N° de visualizações	354 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	2		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	105	Data da publicação	1 de Agosto de 2013
Autora/codnome	Blogueiras Negras		
Título da publicação		Política e Afetividade: A Importância das Relações de Irmandade na Sobrevivência das Mulheres Negras	
5. Local	FEMINISMO		
6. N° de visualizações	1111 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	2		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	106	Data da publicação	21 de Agosto de 2013
Autora/codnome	Charô Nunes		
Título da publicação		Como Feminista Negra Tenho Basicamente Duas Opções. Conquistar Espaços que me São Hostis ou Criar Novas Possibilidades.	
5. Local	FEMINISMO		
6. N° de visualizações	2189 visualizações		
7. N° de curtidas	0		

<b>8. Total de comentários</b>	<b>3</b>
--------------------------------	----------

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>108</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>22 de Outubro de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Janaina Oliveira</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Por Que Precisamos de Espaços Exclusivos</b>	
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>2982 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>7</b>		

**APÊNDICE D - QUADRO DAS POSTAGENS COM ATÉ 10 COMENTÁRIOS:  
Blogueiras Negras**

TOTAL: **59**

- **Postagens do link preconceito**

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	1	Data da publicação	15 de Março de 2013
Autora/codnome	Blogueiras Negras		
<b>Título da publicação</b>	<b>Convite para Blogagem Coletiva Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial</b>		
5. Local	PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	321 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	10		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	6	Data da publicação	10 de Julho de 2013
Autora/codnome	Larissa Santiago		
<b>Título da publicação</b>	<b>Racismo: também está quando você não vê.</b>		
5. Local	PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	1165 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	4		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	8	Data da publicação	4 de Setembro de 2013

<b>Autora/codnome</b>	<b>Mara Gomes</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>No Brasil, a Medicina é Branca e Classe Média</b>		
<b>5. Local</b>	<b>PRECONCEITO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>2779 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>5</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>12</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>21 de Janeiro de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Gabriela Ramos</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Vinte e Um de Janeiro, Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa</b>		
<b>5. Local</b>	<b>IDENTIDADE; PRECONCEITO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>1603 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>4</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>13</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>23 de Janeiro de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Ana Maria Gonçalves</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>O Medo da Raça Humana</b>		
<b>5. Local</b>	<b>PRECONCEITO; RACISMO; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>1800 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>3</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>15</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>21 de Fevereiro de 2014</b>

<b>Autora/codnome</b>	<b>Anne Dourado</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>A Erotização e Objetificação da Mulher Negra e a Sexualidade Feminina como Tabu</b>		
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO; IDENTIDADE; PRECONECITO; RESISTÊNCIA</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>7540 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>1</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>19</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>20 de Maio de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Shirlene Marques</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>É Papel do Judiciário Analisar a Validade e Existência da Religião?</b>		
<b>5. Local</b>	<b>IDENTIDADE; PRECONCEITO; RELIGIÃO</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>765 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>2</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>21</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>6 de Junho de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Gabi Porfírio</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Uma Charge Racista e os Haitianos em São Paulo</b>		
<b>5. Local</b>	<b>PRECONCEITO; RACISMO</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>2155 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>2</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>
----------------------------------

<b>1. N° do dado</b>	<b>22</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>11 de Junho de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Rebeca Nascimento</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Lesbofobia e Mulheres Negras</b>		
<b>5. Local</b>	<b>IDENTIDADE; PRECONCEITO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>2012 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>1</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>25</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>17 de Dezembro de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Patricia Anunciada</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>O Impacto do Racismo na Construção da Identidade</b>		
<b>5. Local</b>	<b>IDENTIDADE; PRECONCEITO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>2625 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>7</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>26</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>14 de Janeiro de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Jaqueline Gomes de Jesus</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Por Que os Negros Daqui Não se Revoltam?</b>		
<b>5. Local</b>	<b>PRECONCEITO; RESISTÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>1725 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>5</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>
----------------------------------

<b>1. N° do dado</b>	<b>27</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>15 de Janeiro de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Sheu Nascimento</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Lésbicas Negras e a Discriminação na Ginecologia</b>		
<b>5. Local</b>	<b>PRECONCEITO; SAÚDE</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>3334 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>3</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>28</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>28 de Janeiro 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Glauce</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Domesticação das Identidades Negras</b>		
<b>5. Local</b>	<b>IDENTIDADE; PRECONCEITO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>1552 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>3</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>30</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>3 de Março de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Carol Mendes</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Nossos Corpos Incômodos</b>		
<b>5. Local</b>	<b>IDENTIDADE; PRECONCEITO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>1901 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>4</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>
----------------------------------

<b>1. N° do dado</b>	<b>31</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>27 de Março de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Maria Teresa Ferreira</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Mobilizações Contra Intolerância</b>		
<b>5. Local</b>	<b>PRECONCEITO; RELIGIÃO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>486 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>2</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>34</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>16 de Julho de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Blogueiras Negras</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Nota de Solidariedade e Reivindicação às Cinco Mulheres Assassinadas em Itajá – Rio Grande do Norte</b>		
<b>5. Local</b>	<b>DIREITOS; PRECONCEITO; RACISMO; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>1059 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>4</b>		

- **Postagens do link violência**

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>37</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>21 de Março de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Luana Tolentino</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Para Cada Negro Morto, Uma Prece</b>		
<b>5. Local</b>	<b>VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>728 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>1</b>		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	38	Data da publicação	21 de Maio de 2013
Autora/codnome	Blogueiras Negras		
Título da publicação		Redução da Maioridade Penal: Uma Reflexão dos Resquícios da Escravidão no Brasil	
5. Local	VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	1523 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	9		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	39	Data da publicação	7 de Junho de 2013
Autora/codnome	Blogueiras Negras		
Título da publicação		Immanuel Kant, os Direitos Humanos e o Estatuto do Nasciturno	
5. Local	ABORTO; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	1058 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	4		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	40	Data da publicação	1 de Julho de 2013
Autora/codnome	Blogueiras Negras		
Título da publicação		A Minha Alma Está Armada e Apontada Para a Cara do Sossego, Pois Paz Sem Voz, Não é Paz, é Medo	
5. Local	VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	691 visualizações		
7. N° de curtidas	0		

<b>8. Total de comentários</b>	<b>3</b>
--------------------------------	----------

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>41</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>2 de Agosto de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Cris O</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Soundof Police – O Som da Polícia</b>	
<b>5. Local</b>	<b>VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>295 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>3</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>43</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>11 de outubro de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Mayara Nicolau</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>O Racismo Velado e os Privilégios Não Reconhecidos</b>	
<b>5. Local</b>	<b>VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>14097 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>3</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>7</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>45</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>19 de Novembro de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Márcia Santos Severino</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Primeiro Fomos Estupradas, Agora Enterramos Nossos Filhos. E Assim Se Fecha o Ciclo da Violência no Brasil.</b>	
<b>5. Local</b>	<b>VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>1241 visualizações</b>		

7. N° de curtidas	0
8. Total de comentários	2

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	46	Data da publicação	3 de Dezembro de 2013
Autora/codnome	Blogueiras Negras		
Título da publicação		Entram nas Nossas Comunidades e Nos Violentam: A Dor da Salvador	
5. Local	RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	2446 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	4		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	48	Data da publicação	23 de Janeiro de 2014
Autora/codnome	Gabi Porfírio		
Título da publicação		Ah, Sim, Dentro da Caixa? Uma Banana!	
5. Local	FEMINISMO; RACISMO; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	1824 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	10		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	50	Data da publicação	28 de Fevereiro de 2014
Autora/codnome	Anne Dourado		
Título da publicação		A Erotização e Objetificação da Mulher Negra e a Sexualidade Feminina Como Tabu	
5. Local	FEMINISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	3078 visualizações		

7. N° de curtidas	0
8. Total de comentários	6

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	51	Data da publicação	8 de Março de 2014
Autora/codnome	Charô Nunes		
Título da publicação		Um Dia Para Lembrar Que Lutar Contra o Racismo Também é Feminismo	
5. Local	ABORTO; FEMINISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	2170 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	5		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	52	Data da publicação	11 de Março de 2014
Autora/codnome	Marjorie Chaves		
Título da publicação		No Rastro da Pantera: A Democracia da Abolição e o Black Feminism de Angela Davis	
5. Local	ABORTO; CORPO; RESISTÊNCIA; SAÚDE E BELEZA; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	1892 visualizações		
7. N° de curtidas	2		
8. Total de comentários	3		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	54	Data da publicação	14 de Março de 2014
Autora/codnome	Gabi Porfírio		
Título da publicação		Mas então, por quê?	
5. Local	FEMINISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA		

<b>6. N° de visualizações</b>	<b>1023 visualizações</b>
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>
<b>8. Total de comentários</b>	<b>2</b>

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>55</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>18 de Março de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Rita Nascimento</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Uma Crônica Sobre o Passado</b>	
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>1657 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>1</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>3</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>56</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>19 de Março de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Sheila Dias</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Até Quando Vai Durar Esse Extermínio ao Povo Preto, Favelado e Pobre?</b>	
<b>5. Local</b>	<b>RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>3968 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>8</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>57</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>26 de Março de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Anne Dourado</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Misoginia x Misandria</b>	
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO; VIOLÊNCIA</b>		

<b>6. N° de visualizações</b>	<b>19013 visualizações</b>
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>
<b>8. Total de comentários</b>	<b>6</b>

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>58</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>28 de Março de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Djamila Ribeiro</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>O Verdadeiro Humor é Aquele Que Dá Um Soco no Fígado de Quem Oprime</b>	
<b>5. Local</b>	<b>CULTURA; MÍDIA; RACISMO; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>3355 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>7</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>59</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>4 de Abril de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Priscilla Teodosio Rosa</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Claudia da Silva Ferreira Não Será Esquecida</b>	
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>972 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>3</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>61</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>24 de Abril de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Juliana Gonçalves</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>“Grávida, Pobre e Negra” – Quando a Violência e a Omissão Obstétrica Matam e Parir Vira Uma Questão de Coragem</b>	

5. Local	SAÚDE; SAÚDE E BELEZA; VIOLÊNCIA
6. N° de visualizações	5762 visualizações
7. N° de curtidas	1
8. Total de comentários	5

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	63	Data da publicação	1 de Maio de 2014
Autora/codnome	Alyne Mayra		
Título da publicação		E Se Claudia, Não Fosse Mãe e Nem Trabalhadora?	
5. Local	COTIDIANO; FEMINISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	888 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	6		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	66	Data da publicação	27 de Junho de 2014
Autora/codnome	Debora Almeida		
Título da publicação		Uma Bunda na Foto Vale Mais Que Uma Arara!	
5. Local	CORPO; FEMINISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	5020 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	4		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	68	Data da publicação	6 de Novembro de 2014
Autora/codnome	Thiane Neves Barros		
Título da publicação		No Mês da Consciência Negra, Nenhuma Novidade: Mata-se Gente Preta	

<b>5. Local</b>	<b>RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>900 visualizações</b>
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>1</b>
<b>8. Total de comentários</b>	<b>1</b>

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>69</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>3 de Dezembro de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Blogueiras Negras</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Victoria Lopes: Relatos de Um Dia de Albino César</b>	
<b>5. Local</b>	<b>RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>961 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>3</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>73</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>10 de Fevereiro de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Cidinha da Silva</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Quando a Execução Sumária é Legitimada Como Gol de Placa no Campeonato do Extermínio</b>	
<b>5. Local</b>	<b>POLÍTICA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>725 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>2</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>74</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>20 de Fevereiro de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Aline Alves Joaquim</b>		

<b>Título da publicação</b>		<b>Se Essa Rua Fosse Minha</b>	
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO; PRETAS DE PESO; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	3234 visualizações		
<b>7. N° de curtidas</b>	0		
<b>8. Total de comentários</b>	10		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	75	<b>Data da publicação</b>	27 de Fevereiro de 2015
<b>Autora/codnome</b>	Ana Maria Gonçalves		
<b>Título da publicação</b>		<b>Carta Aberta ao Governador Rui Costa, da Bahia</b>	
<b>5. Local</b>	<b>POLÍTICA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	4300 visualizações		
<b>7. N° de curtidas</b>	0		
<b>8. Total de comentários</b>	8		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	76	<b>Data da publicação</b>	13 de Março de 2015
<b>Autora/codnome</b>	Maria Teresa Ferreira		
<b>Título da publicação</b>		<b>Entre as Flores, a Posia... A Violência?</b>	
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	973 visualizações		
<b>7. N° de curtidas</b>	0		
<b>8. Total de comentários</b>	2		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	77	<b>Data da publicação</b>	17 de Março de 2015
<b>Autora/codnome</b>	Thiane Neves Barros		

<b>Título da publicação</b>	<b>Cláudia Ferreira da Silva: Arrastada Sim, Sem Identidade Não</b>
<b>5. Local</b>	<b>RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>2015 visualizações</b>
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>
<b>8. Total de comentários</b>	<b>1</b>

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>78</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>9 de Abril de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Liliana Dantas</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Polícia, Deixe a Favela em Paz! Respeite a Vida, Respeite a Favela</b>		
<b>5. Local</b>	<b>RACISMO; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>372 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>2</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>79</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>20 de Abril de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Laila Oliveira</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Reflexões Sobre Um Racismo à Brasileira: A Volta dos Fantasmas que Nunca Foram</b>		
<b>5. Local</b>	<b>HISTÓRIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>1249 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>3</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>80</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>25 de Maio de 2015</b>

<b>Autora/codnome</b>	<b>Viviane de Paula</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Amor Para Quem? Violência Contra Mulheres Negras e Relações Afetivas.</b>		
<b>5. Local</b>	<b>COTIDIANO; FEMINISMO; RACISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA;</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>4191 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>3</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>81</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>11 de Junho de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Elisangela Lima</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>A Extinção do Preto, Marrom, Amarelo e Bege: A Extinção do Negro</b>		
<b>5. Local</b>	<b>ABORTO; NEGRITUDE; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>2474 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>1</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. Nº do dado</b>	<b>82</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>26 de Junho de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Blogueiras Negras</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>CPI da Violência Contra os Jovens Negros</b>		
<b>5. Local</b>	<b>RACISMO; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. Nº de visualizações</b>	<b>774 visualizações</b>		
<b>7. Nº de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>1</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>
----------------------------------

<b>1. N° do dado</b>	<b>84</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>1 de Julho de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Josane Silva Souza</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Homens: Não Confundam Educação com Permissão</b>		
<b>5. Local</b>	<b>VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>1045 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>1</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>85</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>15 de Julho de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Elisangela Lima</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>A Naturalização: Estupro e Pedofilia na Mídia</b>		
<b>5. Local</b>	<b>INFÂNCIA E JUVENTUDE; MÍDIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>2589 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>6</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>86</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>27 de Julho de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Aline Silveira</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Todo Poder ao Povo: Precisamos Falar Sobre o Genocídio dos Negros nos Estados Unidos</b>		
<b>5. Local</b>	<b>RACISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>996 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>1</b>		

- Postagens do link feminismo

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	98	Data da publicação	24 de Maio de 2013
Autora/codnome	Larissa Santiago		
<b>Título da publicação</b>	<b>Afro Hermanas Latino-Americanas</b>		
5. Local	FEMINISMO		
6. N° de visualizações	254 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	1		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	101	Data da publicação	9 de Julho de 2013
Autora/codnome	Larissa Santiago		
<b>Título da publicação</b>	<b>Enegrecer o Feminismo, Uma Questão Prática</b>		
5. Local	FEMINISMO		
6. N° de visualizações	2157 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	7		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	103	Data da publicação	18 de Julho de 2013
Autora/codnome	Fernanda Souza		
<b>Título da publicação</b>	<b>Convite à I Blogagem Coletiva 25 de Julho, Dia da Mulher Afro-Latino-Americana e Caribenha</b>		
5. Local	FEMINISMO		
6. N° de visualizações	48 visualizações		
7. N° de curtidas	0		

<b>8. Total de comentários</b>	2
--------------------------------	---

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>104</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>18 de Julho de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Fernanda Souza</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Convite à I Blogagem Coletiva 25 de Julho, Dia da Mulher Afro-Latino-Americana e Caribenha</b>	
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>354 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>2</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>105</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>1 de Agosto de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Blogueiras Negras</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Política e Afetividade: A Importância das Relações de Irmandade na Sobrevivência das Mulheres Negras</b>	
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>1111 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>2</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>106</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>21 de Agosto de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Charô Nunes</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Como Feminista Negra Tenho Basicamente Duas Opções. Conquistar Espaços que me São Hostis ou Criar Novas Possibilidades.</b>	
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO</b>		

<b>6. N° de visualizações</b>	<b>2189 visualizações</b>
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>
<b>8. Total de comentários</b>	<b>3</b>

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>108</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>22 de Outubro de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Janaina Oliveira</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Por Que Precisamos de Espaços Exclusivos</b>	
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>2982 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>7</b>		

**APÊNDICE E - QUADRO DAS POSTAGENS COM MAIS DE 10 COMENTÁRIOS:**

**Blogueiras Negras**

TOTAL: **15**

- **Postagens do link preconceito**

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	2	Data da publicação	18 de Março de 2013
Autora/codnome	Charô Nunes		
Título da publicação		Sobre a Caloura Xica da Silva, Nota sobre o Trote da UFMG	
5. Local	PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	6865 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	56		

1. Identificação de dados			
1. N° do dado	5	Data da publicação	29 de Maio de 2013
Autora/codnome	Charô Nunes		
Título da publicação		Deixar de Ser Racista, Meu Amor, Não é Comer uma Mulata!	
5. Local	PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	75056 visualizações		
7. N° de curtidas	1		
8. Total de comentários	281		

1. Identificação de dados			

1. N° do dado	10	Data da publicação	11 de Setembro de 2013
Autora/codnome	Ana Maria Gonçalves		
<b>Título da publicação</b>	<b>A Branquitudeestá Nua</b>		
5. Local	PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	8107 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	15		

<b>1. Identificação de dados</b>			
1. N° do dado	11	Data da publicação	19 de Setembro de 2013
Autora/codnome	Mayara Nicolau		
<b>Título da publicação</b>	<b>100% Negro e o Suposto Racismo ao Contrário – deixa eu tentar te explicar</b>		
5. Local	PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	8877 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	11		

<b>1. Identificação de dados</b>			
1. N° do dado	16	Data da publicação	1 de Abril de 2014
Autora/codnome	Rebeca Nascimento		
<b>Título da publicação</b>	<b>Sobre Alisamento Capilar, Racismo e Liberdade</b>		
5. Local	IDENTIDADE; PRECONCEITO		
6. N° de visualizações	10756 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	24		

<b>1. Identificação de dados</b>			
----------------------------------	--	--	--

<b>1. N° do dado</b>	<b>18</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>29 de Abril de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Ana Maria Gonçalves</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>A Bananização do Racismo</b>		
<b>5. Local</b>	<b>MÍDIA; POLÍTICA; PRECONCEITO; RACISMO; RESISTÊNCIA;</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>22349 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>21</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>24</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>2 de Novembro de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Anônima</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>Não Fui Selecionada. Por que será?</b>		
<b>5. Local</b>	<b>COTIDIANO; PRECONCEITO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>36471 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>35</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>29</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>20 de Fevereiro de 2015</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Gabi Porfírio</b>		
<b>Título da publicação</b>	<b>O Que Acontece Quando Não Nos Calamos?</b>		
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO; PRECONCEITO; RACISMO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>44764 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>39</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
----------------------------------	--	--	--

1. N° do dado	33	Data da publicação	5 de Junho de 2015
Autora/codnome	Tássia Nascimento		
<b>Título da publicação</b>	<b>Sobre os Meus Cabelos Crespos</b>		
5. Local	COTIDIANO; IDENTIDADE; PRECONCEITO; RESISTÊNCIA		
6. N° de visualizações	5825 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	20		

- Postagens do link violência

<b>1. Identificação de dados</b>			
1. N° do dado	42	Data da publicação	18 de Setembro de 2013
Autora/codnome	Deloise Jesus		
<b>Título da publicação</b>	<b>Políticas Afirmativas? Sou Contra! Redução da Maioridade Penal? Totalmente a Favor.</b>		
5. Local	VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	7110 visualizações		
7. N° de curtidas	0		
8. Total de comentários	21		

<b>1. Identificação de dados</b>			
1. N° do dado	47	Data da publicação	9 de Dezembro de 2013
Autora/codnome	Viviana Santiago		
<b>Título da publicação</b>	<b>Sobre Resiliência, o Direito a Felicidade e Ser Mulher Negra no Aeroporto de Frankfurt</b>		
5. Local	RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA		
6. N° de visualizações	2627 visualizações		
7. N° de curtidas	0		

<b>8. Total de comentários</b>	<b>12</b>
--------------------------------	-----------

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>53</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>12 de Março de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Anônima</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Ninguém Sobrevive à Violência Sexual</b>	
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>2000 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>11</b>		

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>62</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>28 de Abril de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Mariana Assis</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Não Se Enganem!!</b>	
<b>5. Local</b>	<b>COTIDIANO; MÍDIA; RACISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>30947 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>22</b>		

- **Postagens do link feminismo**

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>99</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>13 de Junho de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Blogueiras Negras</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Por Que Um Feminismo Negro?</b>	
<b>5. Local</b>	<b>ABORTO; FEMINISMO</b>		

<b>6. N° de visualizações</b>	<b>8080 visualizações</b>
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>
<b>8. Total de comentários</b>	<b>11</b>

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>100</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>27 de Junho de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Ana Flávia Magalhães Pinto</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Do Trágico ao Épico: A Marcha das Vadias e os Desafios Políticos das Mulheres Negras</b>	
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>4615 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		
<b>8. Total de comentários</b>	<b>44</b>		

## APÊNDICE F – EIXOS DOS COMENTÁRIOS

- **Eixos dos comentários do post:** Deixar de ser racista, meu amor, não é comer uma mulata!

Eixos	Total de comentários
1 – Não concordam com a autora e os argumentos reproduzem o racismo e sexismo	10
2 - Comentários em que se reconhece a prática do racismo e sexismo e a necessidade de maior conhecimento sobre o tema	21
3 - Concordam com a autora, mas com reservas	44
4 - Relatos de experiências racistas e sexistas	67
5 - Relatos de Reações das mulheres negras diante dos elogios racistas e do racismo	44
6 - Outros comentários	95
TOTAL	281

Fonte: Elaboração própria

- **Eixos dos comentários do post:** A Marcha das Vadias e os Desafios Políticos das Mulheres Negras

Eixos	Total de comentários
1 – Não concordam com os argumentos da autora.	03
2 – Concordam com a autora, mas com reservas	08
3 - Concordam com a autora e tecem críticas ao racismo e sexismo	18
4 – Outros comentários	15
TOTAL	44

Fonte: Elaboração própria

- **Eixos dos comentários do post:** Não se enganem!

Eixos	Total de comentários
1 – Não concordam com os argumentos da autora.	01
2 – Concordam com a autora, mas com reservas	02
3 - Concordam com a autora e tecem críticas ao racismo e sexismo	12
4 – Outros comentários	07
TOTAL	22

Fonte: Elaboração própria

## APÊNDICE G - NEGAÇÃO DO ELEMENTO RACIAL<sup>37</sup>

- **Post:** Deixar de ser racista, meu amor, não é comer uma mulata!

Carmem Cruz	A questão da "bunda" e de reduzir a mulher negra a um pedacinho do seu corpo, <u>não é pelo fato de ser negra, mas pelo fato de ser mulher!</u> td mulher independentemente da etnia, da cor, do tamanho passa por isso! <u>isso é machismo, não racismo!</u> (p. 23)
Mas	<u>Acredito que seu texto se adapta para todas as mulheres, não especificamente as negras. Não me leve a mal, não sou negra,</u> mas tenho descendências mistas, como o europeu, indígena e afro. Vejo os atos de racismos, com qualquer etnia ou origem, como algo tão arcaico. Já defendi e fui defendi em situação desse tipo e, concluí, que quem toma uma atitude preconceituosa como essas é um simples palerma, por não respeitar a pessoa em si, e não apenas suas origens. <u>Não existe racismo, existe gente pobre de espírito</u> que vai SEMPRE discriminar o próximo, vai sempre defender só os interesses deles e vai sempre viver num universo tão minúsculo, que é o mundo imaginário que ele criou, onde as coisas são ao modo dele e o que tiver fora desse modo, não faz sentido e deve ser repreendido. (p. 24)
Guilherme Brighente	<u>Você está exagerando.</u> Desde quando "você tem uma bunda linda" expressa racismo? Branca também tem bunda. Não concordo com esse elogio, realmente é uma coisa bem grosseira de se dizer a uma mulher, mas ele talvez expresse sexismo, <u>nunca racismo.</u> (p. 27)
Caroline	<u>Respeito suas ideias,</u> mas acho que tudo isso só alimenta o <u>auto preconceito.</u> Da senhora que quis mexer no seu cabelo. Sim é raro ver negros deixando o cabelo natural (lindo), a maioria alisa. Acho um gesto de admiração. <u>As vezes oque as pessoas tentam dizer de uma maneira vocês encaminham para o preconceito.</u> (p. 28).
Adriana	A do cabelo não sabia que era ofensivo, de verdade, eu sempre elogio cabelos crespos e afros não só pqgosto mas pra demonstrar e até <u>'incentivar' a pessoa, sabe ... inflar o ego mesmo.</u> (p. 30).
Pedro	Acredito que o termo "moreno" ou "morena" impreciso. Não diz nada em termos étnicos. Parece simplesmente significar "não-branco", até porque também é usado para se referir à ameríndios, indianos, árabes, etc. <u>Mistura de negro com branco é mulato, esse sim um termo mais adequado.</u> (p. 42).

- **Post:** A Marcha das Vadias e os Desafios Políticos das Mulheres Negras

Catarina*	Billy Campbell é claro que <u>ninguém ia linchar ninguém.</u> Parece que você não viu o mesmo vídeo que eu. A comissão de segurança está justamente tentando fazer com que ele se afaste saia da Marcha. Quem bloqueou a passagem dele foram os fotógrafos, não a comissão de segurança. p. 04. Aí minha santa paciência. <u>Ninguém ia linchar o pobre mendigo não.</u> A comissão de segurança só estava buzinando no ouvido dele e mandando ele se retirar da Marcha, procedimento padrão. Olha eu não estava lá, então eu falo apenas como uma pessoa que viu o vídeo e leu depoimentos de pessoas que
-----------	--

<sup>37</sup> Sublinhamos nos comentários os trechos que nos chamam a atenção.

	<p>estavam na Marcha, <u>mas é bastante irritante ler um comentário como o seu, principalmente esse último parágrafo aí. Acho que dá próxima vez que um homem oprimido resolver hostilizar manifestantes de uma Marcha das vadias o procedimento padrão deverá ser oferecer chá e biscoitos.</u> p. 05. Mari, eu entendo os pontos levantados no texto, mas concordo muito com o seu comentário. <u>O fato dele ter provavelmente algum distúrbio mental (dá pra perceber pelo vídeo) e ser morador de rua me fariam pensar muito antes de reagir da forma como as mulheres reagiram na marcha. Mas isso não dava pra perceber ali na hora! Já o fato dele ser negro e deficiente... não entendo como isso poderia servir de desculpa para um homem agredir ou tentar agredir impunemente, mesmo que simbolicamente, mulheres onde quer que seja.</u> p. 14.</p>
--	--

- **Post:** Não se enganem!

Nathalia Horlle	Posso perguntar onde <u>a Preta Gil é branca e loira?</u> p. 02.
-----------------	--

## APÊNDICE H - POTENCIAL POLÍTICO E PEDAGÓGICO DO BLOG

- **Post:** Deixar de ser racista, meu amor, não é comer uma mulata!

Fred Ramos	Artigo muito esclarecedor. <u>Acho q já fiz algum comentário assim, sem intenção e sem o conhecimento de toda carga histórica, preconceituosa e racista implícita.</u> Creio q existe muita gente quem nem tem idéia disso. <u>Conhecimento é libertador...</u> ótimo artigo (p. 05).
Roberta	Oi, Charô. Vim parar aqui após ter irritado uma amiga a quem inadvertidamente disse que não é negra, pois tem pai branco. <u>Não estou aqui para me justificar, mas jamais me passou pela cabeça que a ofenderia com aquele comentário! Senti muita vergonha na hora e mais ainda agora, depois de ter lido seu texto e os comentários dos leitores e percebido que existe um tantão de racismo velado que eu não consigo ainda enxergar.</u> Tenho me empenhado a vida inteira em identificar e combater meus <u>preconceitos</u> , sejam raciais, de gênero, religiosos ou de qualquer sorte, <u>mas esse é um exercício que requer uma autocrítica apurada e disposição para ouvir e entender o outro.</u> E requer tempo, persistência. Eu, mulher nordestina, sei bem onde o meu sapato aperta, mas ainda preciso ler e ouvir outros tantos relatos como este para entender o que caleja uma mulher negra. Obrigada pela chacoalhada. (p. 10).
Ana Maria	Sou branca, e vivo num estado onde a maioria esmagadora é branca. Nunca presenciei nenhum ato explícito de racismo. Costumo a tomar as dores dos oprimidos, tanto que foi assim que eu cheguei aqui. <u>E nunca me considerei uma pessoa racista - até agora.</u> Encontrei vários pontos interessantes no teu texto, que fiquei com vontade de comentar, mas tive medo. Sim, MEDO. Medo de ser mal recebida no blog simplesmente por ser branca. O que uma mulher branca sabe sobre ser negra? <u>Que contribuição eu posso dar se não vivo - literalmente - na pele do oprimido?</u> <u>E esse tipo de pensamento me deixou em choque.</u> Isso não está escrito em algum lugar, não fica subentendido no teu texto. Foi coisa da minha própria cabeça - <u>o que me fez perceber que o racismo está tão intrínseco na nossa sociedade que acabei sendo racista sem querer. Não no sentido de desprezo ou preconceito, mas segregacional. E isso me assusta.</u> (p. 16)
Altino Junior	Gostei muito de seu post. Tenho particularmente lutado contra o racismo que existe <u>dente de mim</u> que, se materializa em um "morena". Ainda carrego comigo todo o "peso" que a palavra "negra" pode carregar e tentei muitas vezes fugir disto, no entanto, esta atitude não é a melhor, se eu entendi um pouco da sua "linha de pensamento". <u>Vou refletir mais e tentar trabalhar de forma mais efetiva este questões em minha inconsciência.</u> Infelizmente não tenho muito com o que contribuir - especialmente com os elogios, mas, parabéns por esta e pelas suas outras publicações. (p. 18).
Sérgio Melo	Parabéns pelo texto, <u>como homem tenho a vergonha de dizer que já usei dois desses supramencionados "elogio", lendo esse texto me remeto a pensar e a refletir, tento a certeza de não cometer esse delito racial,</u> Amplexos as todas as mulheres que aqui deixaram sua contribuição. (p. 23).
Myrella	Sempre bom saber quando você ta ofendendo alguém sem perceber. <u>Eu sou bem branquela e falo isso sem orgulho, porque sei exatamente o quanto eu já fui bem aceita sem nem provar o meu valor, exatamente porque a cor da minha pele ou do meu cabelo já falavam por mim antes.</u> Muita gente comentou falando: aaah, mas não acho que seja racismo se a pessoa ta falando sem a intenção. Quer dizer, se eu quero fazer sexo com você e te apalpo sem a sua permissão, tudo bem porque é

	<p>só 'carinho' e não estupro? Como falei no início a visão que alguém que não divide as mesmas experiências vindas de uma condição imutável sua, sempre terá uma percepção diferente das coisas e a minha era sobre o cabelo. Eu sempre achei muito fascinante os cabelos que eram diferentes dos meus e aí sempre pedia pra encostar. Me sinto envergonhada agora. Obrigada por isso. (p. 24).</p>
Ângelo	<p><u>é, pra quem é branco e nasceu num meio racista. é comum cometer estes erros de tão internalizado que é.</u> uma das primeiras coisas que tive de aprender, é que, ao elogiar alguém, colocar o traço da pessoa que para você é incomum, soa como se este traço normalmente fosse negativo. <u>dentro do ponto de vista de um homem branco, é difícil desnaturalizar expressões que, sem perceber, são machistas, racistas, homofóbicas. essa violência velada que se propagada as vezes sem ter a intenção...</u> <u>as vezes precisa de um empurrão(as vezes tipo um "thisissparta!") para cair a ficha.</u> como este post ajuda. (p. 36).</p>
Giselle	<p><u>sou mulher, branca, que recebeu "ensinamentos" racista desde sempre. Lembro que achava horroroso e que tinha algo de errado, mas já reproduzi alguns desses ensinamentos ao longo da vida e trabalho para me livrar deles.(Assim como internalizamos o machismo, etcetc)</u> [...]Agora um que acho mais vergonhoso ainda é quando um homem branco é casado ou namora sério uma mulher negra. Já presenciei uma vez, depois que o casal foi embora, o comentário de quem ficou (todos brancos) "Ah, ele deve gostar de negras" no que um homem completou "Tem cara que tem fetiche". De lembrar deu até enjôo. <u>Tenho que pedir desculpas por essas pessoas. Sério. Essa acho que foi uma das situações mais horrorosas de racismo que presenciei.</u> [...] <u>Me senti ultrajada por tabela, fiquei pensando qual característica física minha seria o 'fetiche' do cara que estava na época. [...] Desculpas.Não sei nem o que dizer pra expressar como sinto triste por isso. Desculpas mesmo.</u> Acho que o elogio racista que realmente fiz (várias vezes) foi o do cabelo. [...] Já elogiei os cabelos e pedi pra pegar sem ter intimidade pra tanto. <u>Olha, você me deu material pra refletir e obrigada por me mostrar isso.</u> (p. 41).</p>

## APÊNDICE I - REPRODUÇÃO OU REFORÇO AO RACISMO

- **Deixar de Ser Racista, Meu Amor, Não é Comer uma Mulata!**

Jucinara Reis	<p><u>Não é tão simples identificar, nem é tão simples classificar.</u> A verdade é que vejo dois lados dessa moeda: 1. De tanto apanhar, por vezes saímos em atitude defensiva, melhor dizendo, contra-ataque contra pessoas que <u>nunca quiseram nos ofender</u>, mas, tem essas atitudes enraizadas inconscientemente. Que tal, em vez de partir para a <u>ignorância</u>, demonstrar uma postura de autoafirmação e valorização? Ex.: Hoje um representante de uma marca de cosmético me falou: "Moça, o poder está na guanidina (acho que é assim que se escreve)". Eu simplesmente sorri e falei: "Obrigada, mas, amo os meus cachos".</p> <p>2. <u>As pessoas falam isso sem perceber</u> o quão agressivo e doloroso é ouvir. <u>Às vezes falam como se estivessem fazendo um favor, tentando ajudar.</u> Ex.: "Teu cabelo é bonito, mas, se eu fosse você, dava um relaxamento, só pra definir os cachos" Já vivi muitas situações dolorosas, inclusive com meus parentes. A maioria com a postura de "ajudadores". (p. 29)</p>
Denise Telles	<p>Perfeito o seu raciocínio. Sou negra e também odeio ser chamada de "morena". <u>Mas aqui discordo de você. Não acho que o perpetrador considere a palavra "negra" como ofensa racial.</u> O raciocínio dele é o seguinte: essa pessoa aqui na minha frente é linda e inteligente, portanto só pode ser "morena", porque "negras" não são lindas e inteligentes. Ou então: só me dou ao trabalho de falar com ela porque ela é "morena". Se fosse "negra" eu nem perdia meu tempo. <u>É como se ele estivesse nos dando um upgrade, porque assim ele não se sente rebaixado.</u> (p. 31)</p>
Pedro Taam	<p><u>Maravilhoso o texto e eu concordo com quase tudo! Exceto a coisa do cabelo...</u> Explico. Por que não se pode manifestar a admiração por um cabelo bonito, vistoso, seja ele de uma negra, de uma loira, de uma ruiva ou de quem quer que seja? Tive uma amiga loira que tinha os cabelos de um tom que eu nunca vi igual. Pareciam fios de ouro. E a nossa amizade começou quando, no pátio da universidade, eu disse "Olha, me desculpa, eu nem te conheço, mas seus cabelos são tão bonitos! Será que você se incomoda se eu olhar mais de perto?". Não me lembro se me atrevi a tocá-los na ocasião. É só uma demonstração da mais sincera admiração. <u>Tenho uma amiga negra que tem um cabelo lindo também (mas, ok, aí já é minha amiga e eu tenho intimidade para tanto).</u> Mas não veria problemas em pedir licença para admirá-los propriamente, caso fosse uma desconhecida (frise-se: "pedir licença para"). Não sei, para mim é assim, eu sou um freak ou o quê?</p>
Viviane V	<p><u>Não sou negra, me considero parda</u> (apesar de na minha certidão constar que sou branca, e a maioria das pessoas falarem que sou branca). Sei lá, me parece que existe uma classificação teórica (na qual sou parda) e outra social (na qual sou branca)! Considero isso uma forma de racismo, pela tentativa implícita de se dizer que é melhor ser "branca" do que "parda"! Mas vamos ao que interessa! <u>O 4 não serve só pra negras, e enquadrado aí ser chamada de "tanajura" ou "linda essa sua bunda empinada"! Mas não acho que tem que se perguntar pra dizer isso, tem que apenas não dizer, é um comentário machista e que transforma a mulher em objeto sexual!</u></p> <p>Fazer referências aos lábios carnudos, se encaixa no que escrevi sobre o item 4. Queriam entender a necessidade das pessoas fazerem elogios ressaltando a etnia do outro, e uma pessoa e pronto! <u>Mas tem negras que não aceitam serem chamadas de negras.</u> Uma conhecida minha, uma vez me perguntou qual era a cor dela (porque até hoje não sei), daí respondi que ela era negra e ela brigou comigo porque ela se considerava morena!</p>

	<p>O termo "morena" é muito incerto, pra mim se refere apenas a cor do cabelo! E falando em cabelo. Se a pessoa quer alisar o seu cabelo, não faz diferença pra mim. <u>Mas falar que vai alisar o cabelo pra ficar mais bonita é uma atitude racista da própria pessoa!</u> Seja liso, enrolado, encaracolado, etc, não é isso que define se o cabelo é bonito ou não, e sim se se ele é bem cuidado! Mas ao fato de não tocar no cabelo, tenho ressalvas. Dependendo da região/país em que a pessoa more é difícil ter alguém com o mesmo tipo de cabelo, algumas pessoas querer tocar por fascínio (sim, isso pode ser considerado racismo, mas nem sempre é). <u>E outras pessoas simplesmente gostam de tocar o cabelo de outras (de preferência com o consentimento do outro)</u> sejam eles enrolados ou lisos! Tento tomar cuidado ao tocar no cabelo de qualquer pessoa! Espero não ter fugido muito do proposto</p>
Oclaudiobr	<p>Charô, gostei de ler esse texto porque muito <u>me interessa como os meus elogios afetam as pessoas</u>. Eu não vou dizer que sou branco porque <u>acredito que raças não existam, de fato sou predominantemente rosado</u> (é, fiz as contas e se misturasse a minha epiderme sairia um bege rosado) e o <u>meu amor é uma mulher marrom, fruto de uma mistura que muito me agrada</u>. Acho que <u>considerar alguém negro depende do referencial</u>. Para mim ela é negra, só que quando vejo um africano amigo meu penso que ninguém é negro no Brasil. Bom, por essas que não acredito que raças existam, são algo arbitrário que criamos para tentar entender o mundo (e para justificar um bocado de atrocidades). <u>Bem, do meu ponto de vista ela é negra e eu a chamo de minha negrinha</u> enquanto sorrio, olho nos olhos dela, acaricio o seu cabelo enrolado que sim, me agrada mais do que o liso (talvez pelo tato me lembrar dela) e ela adora. Será que dentro dos relacionamentos mais próximos podemos criar acordos, padrões onde estejamos confortáveis mesmo que alguns deles possam soar racistas? Quando eu a chamo de negrinha eu a chamo sentindo que negrinha é a coisa mais maravilhosa que já me aconteceu na vida. Se derramar amor em cima da palavra ela "despejorativa"?</p>

- **Do Trágico ao Épico: A Marcha das Vadias e Os Desafios Políticos das Mulheres Negras**

Juliana Cunha	<p>Gostei do texto, mas discutindo o vídeo em si, não vi essa turba de mulheres brancas que foi mencionada. <u>Vi algumas negras, muitas brancas e uma maioria de mestiças</u> que provavelmente já sofreu preconceito por suas características étnicas. O sujeito não me pareceu deficiente mental e ele definitivamente fez menção de mostrar o pênis. O ataque foi grotesco e sem propósito, concordo plenamente com isso. Aquele homem não é "o inimigo" e, além disso, sou contra linchamentos de qualquer tipo. Se ele tinha machismos incorporados isso só piorou depois do contato com a marcha. Sobre a dicotomia entre o movimento feminista branco e negro, acho inevitável que exista. As mulheres brancas de classe média conquistaram o direito ao trabalho. As negras sempre tiveram esse "direito". Na questão das roupas isso se repete: as mulheres da periferia se vestem há muito tempo do jeito que as mulheres de classe média estão reivindicando com essa marcha. Não se trata de separar o movimento, apenas de reconhecer uma separação existente. Um grupo feminista de classe média dificilmente vai tratar com propriedade e prioridade de assuntos que não o afetam. Mulheres têm pautas comuns, mas essas pautas ganham complexidade no caso das mulheres negras, das mulheres da periferia, de certas regiões do país. Movimentos como <u>a Marcha das Vadias têm seu valor, não dá para descartar apenas porque não aprofundam a discussão</u>, não a universalizam para os outros modos de exploração. Precisamos de coletivos mais avançados que a Marcha, <u>não</u></p>
---------------	--

	<u>precisamos detonar a Marcha.</u>
Larissa Veloso	<p>Sou branca (<u>estranho e revelador o fato de eu nunca ter que afirmar isso</u>), me considero feminista e participei da última Marcha das Vadias aqui em SP. <u>Concordo com praticamente todos os pontos do texto.</u> <u>Não creio que tenha sido racismo o fato de as manifestantes "atacarem" o mendigo, muito provavelmente o mesmo teria sido feito se ele fosse branco,</u> é ver um cara fazendo gestos obscenos para uma marcha de mulheres que o sangue talha.</p> <p>Mas também não tenho visto a MdV falar da/para a mulher negra. Houve alguns cartazes esporádicos, mas acho que o tema realmente merecia mais atenção, pelo fato de as mulheres negras serem mais frequentemente vítimas dessa violência machista que todas queremos combater. Seria interessante, inclusive, uma marcha temática com essa questão. É triste ver que esses fatos afastam as negras da Marcha das Vadias. Tenho sempre observado vários movimentos e acho que no fundo há um problema comum a todos, <u>que é a falta de compreensão com a fala dos outros.</u> Há falta de compreensão quando as meninas brancas apitam contra um cara negro que parece ter problemas mentais. Falta compreensão quando o movimento negro usa o discurso de "seu argumento não vale porque você é branco" e falta compreensão quando a MdV não dá a devida importância aos argumentos da causa negra. E nesse cenário, Ana Flávia, seu texto é um bálsamo. Parabéns por colocar essas questões de forma tão madura e bem refletida.</p>
Dani	<p>"servirá apenas como mais um registro importante para nossas reflexões sobre essa instável parceria entre feministas brancas e mulheres negras." Por que se unir e lutar quando podemos destruir uma as outras? <u>"é triste perceber como o feminismo não está em primeiro plano, nem dentro do feminismo"</u>. Concordo. Penso nas mulheres negras integrantes da marcha das vadias que se identificam com pauta feminista e LGBT, o que me faz pensar tbm que a incompatibilidade está na cabeça <u>de quem só enxerga o mundo em duas cores: preto e branco.</u> <u>Mas, o que eu acho mais lamentável de tudo isso não é nem o fato de as pautas feministas terem ficado completamente de lado, mas perceber que em vez de querer construir um debate sério sobre discriminação racial dentro dos movimentos feministas, agregando e construindo algo bonito, vc está mais preocupada em deslegitimar o movimento.</u> A história contada não corresponde a realidade. Até onde sei (não fui na marcha mas tbm ouvi relatos de "testemunhas oculares") o homem em questão mostrou o penis e tentou agredir uma manifestante. Mas o texto fala que ele estava apenas mostrando a barriga. <u>Outra coisa que me deixou muito triste é perceber que vc acha que lugar de mulher branca não é do lado da negra na luta.</u> Realmente, não há como comparar a discriminação que uma mulher negra sofre e que uma mulher branca sofre. Mulheres negras são duplamente discriminadas. São duplamente minorizadas. Mas no feminismo há um denominador comum: mulheres vivendo numa sociedade machista e opressora! Não quero de maneira nenhuma diminuir a importância da discussão da pauta racial, pelo contrário acho bom que se coloquem críticas, acho mesmo que é preciso botar isso na mesa. <u>Mas dessa forma, em tom de incompatibilidade completa, em tom de destruição, como construir algo a partir disso? Como combater a exclusão a partir de um discurso de exclusão? A solução então é cada um que tome seu rumo? Vc realmente acredita que esse é o caminho para a construção de um mundo mais justo? Pensei que fosse possível fazer um debate mais inteligente a partir desse fato infeliz.</u> Muito decepcionada.</p>
Mari	<p>No vídeo eu vi mulheres sendo violentadas, como são todos os dias. Foram violentadas na marcha delas. Mas, como sempre, <u>o feminismo fica segundo lugar.</u> Verdadeiramente as mulheres negras acham que não podem se unir às mulheres brancas na luta contra o machismo por causa de um homem? Um homem que as hostilizava, que queria mostrar o pênis, numa visível representação de poder (ele</p>

	<p>aprendeu direitinho como calar mulheres)? Pois não foi isso que as manifestantes viram? É realmente de racismo que se trata a situação? É possível que se fosse um homem branco elas agiriam diferente? E quanto a ser mendigo, mesmo que notassem de imediato que se tratava de um mendigo, ou de um deficiente? (é justo julgá-las sabendo nós que provavelmente nem se deram conta dessas características, ali, no calor do momento?), Mendigos não estupram? Não espancam? Não são machistas? <u>Novamente, é triste perceber como o feminismo não está em primeiro plano, nem dentro do feminismo. Como sempre a luta das mulheres é diminuída, é silenciada.</u> As mulheres voltam pra casa, sendo culpadas pela agressão que sofreram.</p>
--	---

- **Não se enganem**

Juliano Augusto Muller	<p>Concordo com quase tudo o que tu escreveu Mariana. <u>Só discordo da questão do espaço reservado ao choro da mãe do cara.</u> No meu ponto de vista seria apenas vender sentimento, sei lá. Não acho legal.</p>
Grécia Mara	<p>Eu acompanho os artigos deste blog, mas com relação a este, <u>eu não concordo quando se fala de que não houve no Esquentão espaço para mostrar as referências que o Douglas teve na vida para começar a dançar.</u> A mãe estava lá e o que mais ela ia dizer, se ela já disse o que queria em todos os jornais que cobriram a morte do Douglas? Precisa de outros amigos além dos que já estavam lá, junto com a família dele? <u>Neste programa se teve a oportunidade de ouvir e refletir que no Brasil o preto e o pobre são uma parcela da sociedade que “pode morrer”, já que ninguém faz nada ante os números alarmantes que expressam essa realidade.</u> Este mesmo programa é um dos únicos, quiça o único, que mostra pobre contando e dançando as músicas que gosta. É óbvio que <u>na Globo não seria permitido mostrar todas as verdades que sabemos,</u> não acho crível criticar uma homenagem que foi sim bonita e com certeza pode mostrar para muita gente o que ocorre todos os dias na periferia desse país.</p>

## APÊNDICE J - A FORMAÇÃO DO DISCURSO ANTAGONISTA

- **Do Trágico ao Épico: A Marcha das Vadias e os Desafios Políticos das Mulheres Negras**

Abigail	<p>Demorei para me pronunciar a cerca do ocorrido, para ler, ver e refletir sobre os textos, videos e notas publicados sobre o assunto. Ja que todxs estão <u>se apresentando pela cor da pele</u>, vamos la: meus bisavós e a família do meu pai são de pessoas consideradas negras - mas nasci com uma pele mais clara e sou considerada branca. <u>Meu irmão, que tem pele mais escura, todxs as vezes que esta com amigxs e passam por policiais - e ELE e somente ele e' abordado.</u> Sou advogada e militante do projeto Motyrum, da UFRN - embora afastada por esta' amamentando. A marcha da vadia e' um mov. classista, no momento que surge de universidades de maioria branca - mas como levanta muitas questões - devemos ou não nos apropriarmos da Marcha e transforma-la de forma a incluir todxs? Agora, jao, quem disse que a Marcha exclui as demais formas de atuação? E que o feminismo não precisa de construção teórica? O Motyrum aqui, em Natal/RN, atua com educação popular no campo, nos espaços de privação de liberdade e em periferias e ajuda na construção da Marcha, assim como os demais coletivos de mulheres, cada um em sua área de atuação. Acho que o "desfile carnavalesco" e' importante para a divulgação da causa e como primeiro contato com o feminismo. Acho que essa questão de roupas curtas, esta relacionado a sexualização excessiva das camadas populares - que facilita a exploração por parte das camadas da elite -, <u>tirar o significado opressor e transforma-lo em libertário so tem sentido para alguém que nunca sofreu por isso - classe media branca.</u> Todxs sabemos que fora do ambiente das periferias, roupas curtas e sensuais alem de esta ligado a libertinagem, por sua estética e uma forma poderosa de diferenciação de classe. <u>Nossa sociedade e racista - e e' mto triste ver que o movimento feminista não aborda essas questões de forma satisfatória.</u> Um mendigo ser quase linchado pela multidão - qualquer forma de linchamento e' temerária - e a imprensa encurrala-lo, foi pavoroso, se ele estava em surto, bêbado ou só com medo, <u>a forma como foi conduzida a situação se revelou escrota e racista.</u> A própria comissão de segurança deveria ter aberto caminho entre os fotógrafos e não deixar o coitado encurralado em situação vexatória e exposta. <u>Ver essa dupla discriminação sobre esse homem foi de doer o coração, pois expôs de forma visceral o racismo classista de nossa sociedade.</u></p>
Jão (2 x)	<p>O FEMINISMO PEQUENO-BURGUÊS X A URGÊNCIA REIVINDICATIVA DAS MULHERES DO POVO Na semana passada houve uma grande repercussão de um vídeo (<a href="http://www.youtube.com/watc...gravado">http://www.youtube.com/watc...gravado</a> durante A MARCHA DAS VADIAS em Brasília, O vídeo mostra um homem negro de muletas em aparente situação de rua e possivelmente sob efeito de drogas ou perturbação mentalmente sendo perseguido pela comissão de segurança da marcha semelhantemente as perseguições machistas impostas às mulheres alcoolizadas em festas e nas ruas e que muitas vezes acabam</p>

	<p>em violação sexual, porém o homem foi perseguido não com a finalidade de ser violentado sexualmente, mas sim para ser violentado na base da mais ridícula e covarde hostilização pelo simples fato de ter levantado a camisa e ter ficado rebolando amparado por suas muletas. Em seguida militantes negras expressaram total repúdio ao circo dos horrores ocorrido numa marcha dita libertária (ou liberal) e fizeram uma crítica através de um texto publicado no (<a href="http://blogueirasnegras.wor...">http://blogueirasnegras.wor...</a> no qual fizeram questão de afirmar que A MARCHA DAS VÁDIAS não contempla as mulheres negras e da periferia em geral crítica a qual oportunamente a organização da MARCHA respondeu (<a href="http://marchadasvadiasdf.wo...">http://marchadasvadiasdf.wo...</a> dizendo que <u>as críticas sempre são bem vindas, porém é contraditório querer hierarquizar ou eleger um setor ou luta como prioritários</u>, pois todas as opressões estão interligadas assim como não podem tolerar o machismo vindo de minorias oprimidas só pelo fato de sofrerem também com a opressão. <u>Com esses argumentos a direção da marcha tenta desesperadamente encobrir a contradição de classe existente dentro desse do movimento para inibir uma inevitável ruptura que aponte para construção de uma alternativa classista e combativa na contramão do culturalismo festivo, sem resultados e pequeno-burguês da Marcha das vadias</u>. Essa Essência pequena burguesa pode ser vista não só na composição do movimento (na maioria filhas da classe média, de pequenos comerciantes e até empresárias), mas também na resposta a crítica das mulheres negras onde tentam desviar do debate acusando de se tratar de uma tentativa equivocada de privilegiar um setor através da tal hierarquização. <u>Mostrando com isso que a MARCHA não possui vínculo e muito menos compromisso com a mudança da realidade das mulheres trabalhadoras</u>. O fato é que querendo ou não a classe média A maioria esmagadora das mulheres em nosso país são negras, mestiças e moradoras da periferia e é nessa mesma periferia onde mora também a maioria das mulheres brancas ou seja <u>a crítica das ativistas negras não se trata de querer privilegiar um setor oprimido e sim de uma tentativa instintiva na defesa das reivindicações das mulheres da classe trabalhadora com foco na realidade social, cultural e econômica na qual vivem a maioria esmagadora das mulheres</u>. A crítica surgiu não pelo fato da cor da pele ou pelo fato do homem está de muletas, mas sim porque as mulheres e o povo em geral trabalham de forma prática e concreta e não com abstrações da realidade típicas da classe média acadêmica. Elas entendem a necessidade do combate à cultura machista, porém possuem a noção de que essa é inútil sem se obter legitimidade perante a maioria das mulheres e ao povo em geral sabendo que essa legitimidade só é conquistada através da luta ombro a ombro junto ao restante da classe trabalhadora e não via atos pacíficos e festivos sem nenhuma ação direta no problema e nenhum resultado concreto. Assim como o restante da população que sai nas ruas os gays e as <u>mulheres brasileiras filh@s do povo querem urgência para suas reivindicações as mesmas reivindicações que não dialogam com as reivindicações da pequena burguesia (não só pela diferente realidade econômica, mas também pelos diferentes métodos de luta)</u>. E sabem que se realmente o movimento da Marcha das vadias tivesse como objetivo a libertação e emancipação feminina ao invés de gastarem tanta energia</p>
--	--

	<p>em organizar desfiles carnavalescos com uma temática feminista ou perseguindo deficientes bebados... estariam nas periferias (onde se encontra a maioria das mulheres) construindo comitês de defesa da mulher e/ou da diversidade sexual atuando diretamente na realidade através de ocupações de prédios para abrigar mulheres vítimas de violência doméstica, ministrando aula de autodefesa, propiciando cursos profissionalizantes por meio de sindicatos ou associações de moradores para mulheres dependentes financeiramente do agressor e através de atos de rua de verdade que tenham um objetivo pra além do protesto vazio que ocupem gabinetes de políticos contra aprovação de leis machistas ou homofóbicas para então nesses espaços (comitês, associações comunitárias, sindicatos e grupos de autodefesa) ser feita a desconstrução da cultura machista na prática sem o risco de cair nos desvios e abstrações políticas propostos pela pequena burguesia que hoje é materializada na Marcha das Vadias. Abaixo a política pequeno burguesa Avante a construção <u>feminismo classista e combativo!</u></p>
Ana Maria Gonçalves	<p>Obrigada por esse texto, Ana Flávia. <u>Ele me ajudou a colocar no lugar muitas percepções que andavam soltas. É interessante perceber que, quando se trata de racismo (não só, mas principalmente), muitos tendem a ver divisão/ruptura onde, na verdade, nunca houve inclusão.</u> Demandas específicas das mulheres negras quase nunca são contempladas, em favor do coletivo, mesmo tendo sido (e continua sendo, em muitos casos) o trabalho doméstico realizado por elas, por exemplo, o que possibilitou várias conquistas específicas das mulheres brancas. <u>Acho extremamente válido e necessário o papel da Marcha das Vadias, mas sinto que, como mulher negra, também não é pra mim.</u> Se não me engano é do escritor José Eduardo Agualusa a seguinte frase, quando perguntado sobre o futuro do povo angolano: "Somente os povos ricos podem se dar ao luxo do pessimismo." Saio do seu texto com a seguinte mensagem: <u>somente quem já conquistou o direito de ser médica, engenheira, advogada, professora etc..., pode se dar ao luxo de reivindicar ser vadia.</u> Estamos juntas! Beijós.</p>
Lais	<p>Inicialmente, tive dificuldade de compreender a relação de mulheres brancas coagindo em volta do homem ter sido uma atitude ruim. <u>Até mesmo não estava concordando com o texto. Contudo, ao longo da leitura, pude entender o ponto de vista.</u> Não me considero branca pois sou filha de mãe branca e pai negro, mas fisicamente sou vista como branca e não sofro mais com preconceito. Quando criança e adolescente, sofria. E não sei se já sofri de racismo algum dia (minha mãe diz que não). <u>Acredito que por nunca ter sido hostilizada de alguma forma pela minha cor de pele e não ter tido alguém negro presente durante meu crescimento, dificulta chegar a este ponto de vista, de que o homem negro coagido pelas mulheres brancas, também sofria por exclusão, assim como nós mulheres, que lutamos pela igualdade.</u> Ao final do texto ficou claro que, na atitude vista no vídeo, se ali na marcha lutava-se por igualdade, por direitos, naquele momento se fez perder toda a razão de estar ali.</p>
Feminismo sem demagogia	<p>Olá, tomei conhecimento deste ocorrido através do compartilhamento no facebook de uma companheira. Em primeiro lugar é inquestionável</p>

	<p>que a postura das manifestantes não tem defesa, não havia motivo para tal reação; Em segundo lugar, creio que <u>o feminismo não é branco, ele está branco e classe média. Chegamos a esta conclusão, o que temos hoje é um feminismo burgues e branco, como já era desde a época das sufragistas, não se alterou em sua conformação, afinal. Temos duas saídas: Deixar como esta, ou reivindicar o espaço de luta. Existe uma grande ignorância entre as feministas sobre o RACISMO. Acreditem, muitas sequer compreendem o que é ser negro, estão tão apegadas a definições baseadas na cor da pele, que não tem claramente sobre os conceitos políticos envolvidos.</u> A grande maioria das feministas brada contra os discursos racistas, mas elas reproduzem o racismo e nem se dão conta de que estão fazendo isso, <u>na página que modero é comum saírem muito bravas quando explico que o discurso delas é racista. É urgente esclarecimento, muitas destas mulheres estão conhecendo a militância agora, e trazem consigo uma carga enorme de reprodução de todo tipo de preconceito e discriminação que internalizaram, se não for contido, isso se disseminará pelo movimento feminista e cenas como esta do vídeo serão naturalizadas. Se o feminismo é branco é burguês, vamos enegrecê-lo e vamos também preenchê-lo com a classe das mulheres trabalhadoras, que carregam reivindicações importantes e que deveriam ser acolhidas como prioridade por todo movimento feminista, afinal somos entre as oprimidas as mais oprimidas, isso é indiscutível.</u> Para que haja igualdade não adianta pré conceber todas as mulheres vítimas da opressão machista com a mesma intensidade, isso não é verdade, <u>é notório que entre as mulheres oprimidas Mulheres da classe trabalhadora e Mulheres negras são as maiores vítimas, se anseiam por igualdade e a luta é esta faz-se urgente cuidar deste grupo. É possível sim construir o movimento de mulheres feministas juntxs e buscar o sonho por uma sociedade em que diferenças não se transformem em desigualdades, uma sociedade livre de machistas, racistas, homofóbicos e burgueses. Para isso temos que nos aliar, mulheres negrxs trabalhadoras e mulheres brancxs trabalhadoras, e por que não homens brancos e negros trabalhaores, eles tb. A luta feminista é de toda classe trabalhadora, temos algo em comum além da opressão patriarcalista, temos a opressão de classe, as negrxs ainda são mais oprimidxs, sofrem tb com o racismo. Acredito nesta organização.</u></p>
Sheila Dias	<p>Ana Flávia, parabéns pela excelente reflexão. Já <u>dizia Sueli Carneiro sobre a importância de "enegrecer o feminismo".</u> Sim, é de nos entristecer a alma, quando observamos o vídeo e lemos o relato de uma das presentes na referida marcha. <u>A conclusão que eu chego, é que sem a sensibilidade, ou mesmo o interesse em dialogar e ouvir a voz de quem a mais de quinhentos anos clama por justiça, respeito, liberdade, igualdade e direito a vida, continuaremos fragmentadas</u> e caminhando como insetos em volta da lâmpada. É impressionante como é difícil descer do pedestal do privilégio, mesmo quando também se é oprimida. <u>O feminismo branco por muito tempo se esquivava em dialogar com nós mulheres negras, de forma franca e honesta, pois, sabe que em "em terra de cegos, quem tem olho é rei..."</u> Ou seja, nós mulheres negras ocupamos a base da pirâmide societária, somos as maiores vítimas do racismo praticado no SUS, na educação e em vários setores da sociedade, vimos nossos filhos, maridos, netos serem assassinados constantemente, engrossamos as fileiras dos presídios masculinos e</p>

	femininos, sem falar nos hospitais psiquiátricos, continuamos a lavar a privada das madames, ou pelo menos das que se acham madames e ainda assim, temos que ler que um homem negro, visivelmente perturbado aprendeu a nos silenciar... Ora, <u>não nos venham falar em silêncio, pois vocês o reproduzem cotidianamente e sabem que no fundo no fundo, deixar que a nossa voz ecoe é colocar no mínimo os vossos privilégios em xeque.</u>
--	--

- **Não se enganem!**

Mônica reis	Belas e sábias palavras. Concordo em tudo. <u>Não posso assistir a um programa que coloca negros dançando pra mostrar como morar na favela é bom, sendo que esses mesmos negros só participam das novelas para serem serviçais ou terem papéis ridículos. Não acredito mais na televisão brasileira. Prefiro ler textos como esse é ouvir boas músicas.</u>
Edmundo sergio p o pitta	O que preocupa, é <u>o fato da polícia ter um número significativo de negros. Contínuo acreditando q tudo isso é gerado pela impunidade.</u>
Marines	Um ótimo texto, que retrata fielmente todo o lixo que é esse país, <u>que até na hora de homenagear um negro assassinado, coloca pessoas que nunca estiveram nesse tipo de situação para falar sobre o caso.</u>
Raphaella O Hara	Excelente texto!!! Sem querer ser do contra mais já sendo..so aumentaria a frase “nada é mais perigoso do que ser jovem, NEGRO e pobre nesse país” pq existe sim uma população proporcionalmente mais assassinada ainda neste país a transgênero....“ <u>nada é mais perigoso do que ser jovem, NEGRO pobre e transgenero nesse país</u> ”.
Mariza	Concordo! Infelizmente <u>somos obrigados a assistir um programa desse em pleno domingo quando não há mais nada para assistir e ainda por cima, ver ATRIZES chorando lágrimas que convenhamos, FALSAS, para emocionar o público a se envolver no assunto.</u> O fato é, o programa generaliza muito e <u>trás assuntos dos mais diversos tão interessantes que são discutidos em no máximo em um minuto e já botam um Samba para tocar em seguida, como se tudo acabasse em Samba.</u> Realmente, tudo acaba em samba, pagode e funk nesse país? Não basta só discutir sobre <u>o negligência dos policiais que querem proceder com eficaz e acabam matando um por que estava no meio.</u> Também não estou generalizando policiais, tem muitos que arriscam suas vidas para proteger as pessoas que não tem nada haver com a violência e que se encontram no meio desse fogo cruzado. Estou falando de um minoria hipócrita. <u>Quantos negros e brancos foram mortos nos últimos meses? Muitos!</u> Esse rapaz só foi mais uma vítima de violência, e não é um programa trazendo todos "Junto e Misturado" que vai me fazer chorar e generalizar tudo, que vai me fazer saber diferenciar quem vem de comunidade (favela) tem menos direito de viver de ir e vir do que eu, que sofre mais preconceito social do

	<p>que eu, que só existe violência onde o outro vive e nunca perto da minha casa. Me poupe! Não sou rica, e nem por isso menosprezo quem seja e também não sou suficiente pobre para desprezar quem tem menos do que eu. <u>Respeito, igualdade, fraternidade, cultura, educação, saúde e muitas outras coisas que, todo mundo sabe que falta, parece enfeite</u> e até mesmo só palavras que algumas pessoas só procuram o significado em seus dicionários por que desconhece, porque nunca de fato, quiseram conhecê-la. (ou fingem que não conhecem e acaba se tornando mais um ignorante neste mundo).</p>
--	--

## APÊNDICE K - RELATOS DE EXPERIÊNCIAS RACISTAS

### • Deixar de Ser Racista, Meu Amor, Não é Comer uma Mulata!

Joelma Diniz	Acho horrível quando dizem que <u>as negras são boas de cama, isso é nos tratar como objetos sexuais, como se ainda estivessemos em uma senzala e a única oportunidade de passar pra casa grande, fosse através de movimentos sexuais quentes</u> , sou um ser humano e o que traz meu progresso são minhas capacidades intelectuais, morais e emocionais, não as derivadas de <u>movimentos pélvicos frenéticos</u> , que é como somos identificadas pela maioria das pessoas. (p. 8)
Ângela Lúcia Rocha	Já passei por cada uma. Meu namorado é branco e trabalha na segurança pública, e um dia ele foi me buscar e antes de ele chegar <u>um colega dele (é branco) me disse que eu tinha um corpo tão lindo como de uma européia, mas que fazer sexo com uma negra não tem preço por causa do tamanho da bunda</u> . Chorei demais, mas meu namorado sabe quem sou e eu sei quem ele é, e seguimos em frente! (p. 8)
Carla	A pouco tempo meu cunhado me fez um comentário super infeliz. <u>Perguntou pro meu noivo se ter uma empregada "pretinha" era caro</u> . Na hora fechei os olhos e respirei fundo para não responder na frente de todos. Meu namorado envergonhado me pediu desculpas, mas foi muito constrangedor (p. 11)
Clara	Já escutei uma pior sobre Bumbum. <u>Um menino me disse que queria ir pra cama comigo pois, meu bumbum era grande mas, devia ser mas "limpinha" que uma negra</u> . Bem eu tenho pele clara mais como típica brasileira tenho antepassados negros. Chorei na hora de horror pois, tal comentário veio menino que antepassados fugiram do Holocausto (p. 11).
Juliana Vieira	<u>Sofri vários preconceitos em várias etapas da minha vida, a primeira foi aos 7 anos de idade na escola por uma professora branca que se recusava a me ensinar, eu era a única negra dentro da sala onde ela me colocava no fundo da sala me excluindo dos demais, ela me usava de exemplo pro resto da sala falando pros alunos não serem igual a mim, burra, ignorante e isso tudo de pé na frente de todos da sala....conclusão repeti a segunda série. O Segundo momento foi ainda na escola, nessa época eu já tinha 12 anos....era <u>hostilizada por uma menina da minha sala que era branca, loira de olhos verdes, ela fazia piada com meu cabelo crespo e com a minha condição social e incentivava os outros a fazerem o mesmo</u> [...]o Terceiro momento foi já com 17 anos quando tive meu primeiro namorado que era branco de classe média, <u>havia um preconceito velado pelos pais dele e pelo irmão mais novo, o maior medo dela a mãe era que eu quisesse engravidar do filho dela, fora o apelido que descobri que ela tinha colocado em mim e que era assim que se referia quando conversava com outras pessoas da família (Negrinha Cheche lenta)</u>. E por último foi quando eu tinha 19 anos no meu primeiro emprego, sou secretária de um médico e onde trabalho na época havia uma outra secretária de um outro médico que ficava na recepção do consultório, durante quase o dia todo eu ficava em uma outra sala com os meus afazeres de secretária e no final da tarde a outra moça ia embora por conta da faculdade que ela fazia e eu então assumia a recepção...<u>um belo dia fizemos a troca e uma paciente que estava esperando a consulta se virou a mim e disse "Quanto que vc cobra pra fazer faxina aqui? pq eu to precisando de alguém pra limpar a minha casa"....ou seja eu negra não poderia fazer outra coisa aqui se não fosse pra limpar?? sem falar</u></u>

	<p>que as pessoas entram aqui procurando a "Juliana" secretária do Dr. e quando se deparam comigo não acreditam que estavam falando com uma negra ao telefone. (p. 23).</p>
Lucy Góes	<p>“Quando tinha 18 anos estava em busca de trabalho, participei de um processo de seleção para trabalhar como empacotadora em uma loja de departamentos. <u>Fiz o teste, não soube o resultado, a única informação que recebi por parte da pessoa que me indicou foi que lhe disseram: Pelo menos se ela fosse mais clarinha.</u> Uma outra situação foi participar de um processo de seleção para trabalhar em uma empresa do sistema "S", neste processo, 145 candidatas concorreram a 2 vagas, fui aprovada em todas as etapas e fiquei como uma das duas candidatas apta a ocupar a vaga. Ocuparia se não fosse a entrevista com o Diretor Administrativo que <u>quando me viu não teve nem o trabalho de simular uma entrevista final. Ficou o tempo todo no celular e em seguida me disse que eu receberia uma ligação informando sobre o processo. Desta vez recebi a ligação sim, me informando que eles desistiram de ocupar uma das duas vagas.</u> Nesta mesma organização participei de mais dois processos de seleção e nas últimas etapas eles sempre arranjavam uma desculpa. Até que uma amiga que trabalhava no local me falou: <u>será que vc não percebeu que eles não contratam negros para trabalhar nestas áreas?</u>(as áreas eram: Recursos Humanos/Treinamento e Consultoria Empresarial). Uma outra emblemática foi a participação em um processo de seleção para trabalhar no Setor de Treinamento de um Hospital em Salvador. <u>Participei de todo o processo fui aprovada, mas... não recebi o resultado. Desta vez a situação foi tão cruel que a psicóloga que fez o teste um tanto indignada, me chamou e disse: se você reproduzir o que eu estou te falando agora eu vou negar em qualquer situação ouviu? O diretor falou que não podia contratar uma pessoa negra porque esta pessoa teria que lidar com os médicos do hospital e os médicos poderiam não gostar.</u> Foram muitas outras, mas teve mais uma que nesta eu já trabalhava na empresa, estava participando de uma seleção para fazer um curso de Pós graduação em Gestão Empresarial oferecido pela empresa que queria formar um quadro de Gestores. Sempre fui muito dedicada ao trabalho, curiosa, criativa, trabalhava muito bem em equipe, sempre tive um espírito de liderança muito forte, e outras qualidades que o universo organizacional tanto valoriza. <u>Fui aprovada no processo feito pela Universidade Federal da Bahia, no entanto, mais uma vez fui colocada de lado, pelos Diretores da Empresa. "Coincidência?" ou não, todos os escolhidos e escolhidas eram brancos. Me disseram que eu ficaria para uma outra vez, que não aconteceu”</u></p>

## APÊNDICE L - REAÇÕES AO RACISMO E SEXISMO

- **Deixar de Ser Racista, Meu Amor, Não é Comer uma Mulata!**

Eliane Almeida	Adriana Alves é uma das mulheres mais bonitas que já vi, <u>fico muito triste</u> quando alguém tenta me convencer de que sou morena. (p. 10).
Ane	Já ouvi: que se arranjasse um 'gringo' eu já estaria casada... Tirando o meu cabelo eu tenho um rostinho lindo... Um cara me paquerou, não dei bola ficou me chamando de neguinha... Negra dos traços de branco... Você deve sambar muito.... As negras são mais quentes... E por aí vai, mas <u>não me deixo abater. Sempre deixo quem lança essas pérolas sem graça ao perguntar simpática e sorridente: Por quê? Aí, eles gaguejam...</u> (p. 21).
Marina Brasil	<u>Ouvi o seguinte: -"Tu és moreninha mas és inteligente! Respondi: tu és branquinha e já não posso dizer o mesmo (sei que não fui educada). Também não deixo me chamarem de pretinha! Preto é o nome de uma cor..SOU NEGRA! Não há nada mais racista do que essas campanhas -anti-racismo- nas redes sociais. Mas Negro é lindo! Bjks.</u> (p. 25).
Fabiana Soares	...acabei me acostumando com o olhar indiscreto das pessoas sobre mim. "Nossa.. mas como vc é diferente" <u>Resposta: diferente pra mim é elefante rosa. Ou sou feia ou sou bonita!</u> "Nossa... que moreninha linda... Já pensou em viajar pro exterior? Os gringos ficariam loucos!" <u>Resposta: o que vc pensa sobre sua filha loura se prostituir?</u> (p. 47).
Bárbara Rodrigues	Sou do tipo que <u>fica profundamente incomodada</u> em ser chamada de "morena" (sou negra, pô, não f*de!) e mais ainda quando alguém questiona minha negritude "porque sua pele é clarinha"... Nossa!! E o cabelo sempre reeeende comentários, principalmente os desagradáveis, como pedir para pegar (horrível isso, o cúmulo) ou dizer "seu cabelo é lindo" e logo em seguida sugerir relaxamentos, alisamentos, reduções de volume, etc "porque ficaria tão mais bonito". <u>Já chegaram ao cúmulo de me dizer "seu cabelo é ruim mas sua bundinha é uma delícia"</u> (e eu prontamente fiz a figura se arrepender de ter nascido). (p. 52).
Ligy Moraes	Até hoje as pessoas pedem pra botar a mão, como se eu fosse algo em exposição! E há o clássico: "Já está tão grande, se você relaxasse só pra DOMAR, ficaria ainda maior"! <u>Resposta na ponta da língua: Se alguém precisa ser domado aqui, esse alguém é você e leve junto seu racismo!</u>

## ANEXO A – POST 1

- **Protocolo**

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>5</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>29 de Maio de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Charô Nunes</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Deixar de Ser Racista, Meu Amor, Não é Comer uma Mulata!</b>	
<b>5. Local</b>	<b>PRECONCEITO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>75056 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>1</b>		

- Post

IDENTIDADE RESISTÊNCIA SAÚDE E BELEZA ESTILO DE VIDA CULTURAL COLUNAS ⚡ POPULAR

Início » Identidade » Preconceito



Mulata de Leandro de Itaquera

## DEIXAR DE SER RACISTA, MEU AMOR, NÃO É COMER UMA MULATA!

CHARÔ NUNES • MAIO 29, 2013

PRECONCEITO 281 COMENTÁRIOS 8 VISUALIZAÇÕES 2

### NEWSLETTER

Assine nossa newsletter e receba conteúdos exclusivos!

Seu nome

Endereço de Email:

### ULTIMOS POSTS



10 GUERREIRAS NEGRAS PODEROSAS QUE MARCARAM A HISTÓRIA  
ABR 12, 2019

## Considerações sobre elogios racistas

Elogio racista é toda demonstração de admiração, afetividade ou carinho que se concretiza por meio de ideias ou expressões próprias ao racismo. Com ou sem a intenção de, que fique bem claro. Um dos mais conhecidos é o famoso "negro de alma branca" que nossos antepassados tanto ouviram. Mas não são apenas nossos homens que conhecem muito bem os elogios racistas. Nós mulheres negras também somos agraciadas com esses pequenos monstrinhos, usados inadvertidamente por amigos, familiares. Muitas vezes até por nossos parceiros.

Decidi fazer uma lista com 5 elogios racistas (e sexistas, diga-se de passagem) que muitas de nós escutamos quase que diariamente. Alguns são consenso, acredito. Outros nem tanto. Fico aguardando ansiosa para que você, mulher negra, deixe seu comentário dizendo se também acontece com você. Se concorda, se discorda. E sobretudo, o que você faz para deixar bem claro que o elogio racista pode ser tudo, menos bem-vindo e apreciado.



### 01. "Você é uma morena muito bonita"

Esse é o elogio racista que mais escutei em toda minha vida. Minhas primeiras lembranças são do tempo da escolinha. Mesmo mulheres como Adriana Alves ainda são chamadas de morenas, pois se acredita que chamar alguém de negra é uma ofensa racial. Se você precisa se expressar, tente um simples "você é bonita ou atraente". Ou ainda "você é uma negra linda", o que, dependendo do contexto pode ser tão ruim quanto.

Mas em hipótese alguma diga que uma negra é morena, moreninha, morena escura. Que não é negra. Isto sim é racismo dos graúdos, pura e simplesmente. Quando acontece comigo, digo que não sou morena e nem moreninha, sou n.e.g.n.a. O bom é que, dependendo de como essa resposta é dada, a pessoa já se toca que ela não deveria ter começado o conversê, que simplesmente não estou disponível para esse tipo de diálogo. Nem com conhecidos, muito menos com estranhos.



### AGENDA NEGRA

ABRIL, 2019

## 02. “Seu cabelo é muito bonito, posso pegar?”

Há alguns anos atrás, uma senhora ultrapassou todos os limites de uma convivência pacífica ao se aproximar de mim, cheia de dedos, me tocando sem permissão e dizendo que eu tinha uma “peruca muito bonita”. Não retruquei de caso pensado, antecipando seu constrangimento por jamais ter cogitado que uma mulher negra pudesse ter um cabelo comprido, ao natural. Minha vingancinha, e sou dessas, foi olhar aquela expressão de arrependimento por ter percebido o que fez.

Entendo que simples visão de uma negra com cabelo natural pode ser inebriante. Que persiste a completa desinformação sobre o nosso cabelo. Porém, isso não justifica o toque sem permissão. Não importa se é cabelo natural ou não. A menos que você conheça muito bem a pessoa, não toque em seu cabelo sem consentimento. Eu iria mais longe. Para mim a boa etiqueta simplesmente reza que não se deve nem mesmo pedir para tocar o cabelo de uma pessoa desconhecida.



*Alek Wek também é uma modelo de traços delicados*

## 03. “Você tem os traços delicados”

Dizer que uma negra tem traços “delicados” muitas vezes tem a ver com a ideia de que será bonita se tiver uma expressão “fina”, leia-se semelhante a de uma pessoa branca. Como se determinado tipo de nariz (ou bochechas) fosse exclusivamente dessa ou daquela etnia. Uma de suas variantes é outra expressão igualmente racista – “você é uma mulher negra bonita” – algo que ao meu ver é a mesma coisa de dizer que “você é bonita para uma negra”.

Afinal, qual a dificuldade de dizer que uma mulher negra simplesmente é... Uma mulher bonita? Porque Alek Wek tem de ser descrita como uma “mulher negra bonita” enquanto as mulheres brancas são apenas “mulheres bonitas”? Mais uma vez, toda a sutileza do elogio racista. Ele reconhece que você é uma pessoa admirável, mas sempre fazendo questão de te colocar “no seu lugar”, como se algumas fronteiras jamais pudessem ser cruzadas.



*Cena de Vênus Negra, de Abdellatif Kechiche*

LANÇAMENTO DO LIVRO “GÊNIOS DA HUMANIDADE: CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO AFRICANA E AFRODESCENDENTE”

TRAGA-ME A CABEÇA DE LIMA BARRETO

ELEGUÁ, MENINO E MALADRO

RÓDA DE CONVERSA DEBATE A LUTA FEMINISTA LATINO-AMERICANA

MÚSICA DE QUINTA

WORKSHOP - PLANEJAMENTO DE COMUNICAÇÃO PARA EMPREENDEDORAS

SESSÃO AFROEDUCAÇÃO DE CINEMA

EMANCIPA MULHER - ESCOLA DE EMANCIPAÇÃO FEMINISTA

CARTOGRAFANDO AFETOS

EU É OUTRO: ENSAIO SOBRE FRONTEIRAS

5 - 14  
HOR. PELES NEGRAS, MÁSCARAS BRANCAS NO  
TEATRO MARTIM GONÇALVES

10 - 4  
HOR. QUASELHAS OCUPA MERCADO IÃO

14 - 18. AFOXÉ OMIM SABÁ - ENSAIO



Seja o primeiro de seus amigos a curtir isso.

## CATEGORIAS

- Aborto
- Afeto
- Arte
- As coordenadas
- Beleza
- Biblioteca
- Cinema
- Colunas
- Comunicação
- Consumo
- Corpo
- Cotidiano
- Culinária
- Cultura
- Denúncia
- Direitos

#### 04. “Você tem a bunda linda”

Essa é uma opinião que certamente não é unânime. Faço questão de expressá-la como uma provocação que representa o pensamento de uma parcela significativa de mulheres negras. Para muitas de nós, esse comentário expressa a hipersexualização a que somos historicamente submetidas como exemplifica a triste biografia de Saartjie, denominada a Vênus Hotentote, exposta como atração circense em função da admiração que suas nádegas causaram na Europa do século XIX.

Apesar de todo respeito que tenho por tudo aquilo que acontece entre duas pessoas, preciso considerar a tradição racista secular desse tipo de discurso. Trata-se de reduzir a mulher a um pedacinho do seu corpo, desconsiderar sua humanidade, transformá-la num pedaço de carne exposto no açugue como aconteceu e acontece diariamente. Meu conselho é pergunte antes se a mulher a quem você pretende cumprimentar tem a mesma leitura desse tipo de elogio.



Mulata da Leandro de Itaquera

#### 05. “Você é uma mulata tipo exportação!”

Esse elogio ainda o tratamento dispensado à mulher negra no seio da senzala, da casa grande. O pensamento que nos reduz em brinquedos sexuais. Dizer que uma mulher negra é uma “mulata tipo exportação” é esquecer uma tradição escravocrata secular, que transforma a mulher negra em “peça” que alcançará boa cotação no mercado onde a carne mais barata é a nossa. O nome desse mercado é exotificação. Em alguns casos, hipersexualização.

Infelizmente também estamos falando sobre o modo racista com que as mulatas de escola de samba, mulheres que respeito e admiro, são mostradas e consumidas. Mulheres que levam o samba no pé, no sorriso, na raça. Que, ao invés de serem uma referência de beleza, são vendidas como frutas exóticas na temporada do carnaval. Mulheres que recentemente tem sido preteridas por “personalidades da mídia” em nome de uma pretensa “democracia racial” e muitas vezes com a anuência de algumas agremiações.

antipatriarcal

- antipatriarcal
- Editorial
- Educação
- Entrevista
- Esporte
- Estilo de Vida
- Eventos
- Feminismo
- Grite Por Elas
- História
- Identidade
- III CONAPIR
- Infância e Juventude
- Latínidades
- Levantes
- Listas
- Literatura
- Literatura
- Marcha das Mulheres Negras 2015
- Maternidade
- Mente
- Mídia
- Moda
- Música
- Negras Notáveis
- Negritude
- Nocaute
- Pedagogia da Travestilidade
- Pessoas
- Poesia
- Política
- Preconceito
- Pretas de Peso
- Racismo
- Relações Interpessoais
- Religião
- Resistência

- Resistência
- Saúde
- Saúde e Beleza
- Sexualidade
- sonho
- tecnologia
- Televisão
- Trabalho
- Transfeminismo
- Urbanidade
- ver(te)l(r)al
- Violência

## Qual é a sua opinião?

Porém, preciso dizer que os elogios racistas podem (e devem) subvertidos. Quando o assunto são as mulatas de quem já falei aqui, isso é bastante evidente. Ser uma mulata exportação também atesta um padrão de excelência e traduz qualidades como perseverança, força. Minha professora de dança adora dizer que a graça de uma bailarina é diretamente proporcional à sua força. Mulatas são a expressão mais concreta desse enunciado.

Por isso fiz questão de usar como título desse post, um trecho do poema de Elisa Lucinda, **Mulata Exportação**, que resume tudo o que tentei dizer até aqui: "deixar de ser racista, meu amor, não é comer uma mulata" como muita gente gosta de pensar. E acrescento, "opressão, barbaridade, genocídio, nada disso se cura trepando com uma escura!". Muito menos tecendo elogios racistas, diga-se de passagem. Quem o diz é a mulata exportação do poema. Sou eu, somos todas nós que já ouvimos essas porcarias.

Confesso que essa lista tem algo de muito pessoal, cujas entrelinhas tem muitas dedicatórias alimentadas por ironia. Nem por isso menos pertinente. Por isso adoraria ouvir a opinião de vocês. Esqueci algum elogio racista que te incomoda? Que te fez espumar de ódio, revirar os zóios e dizer algumas verdades? Você também acredita que esse tipo de comentário, como tudo aquilo que é racista e preconceituoso, diz muito sobre a pessoa que o faz do que sobre a pessoa a quem se destina?

Me conta!

Update - Para aqueles que quiserem entender porque é tão ofensivo tocar em nossos cabelos, recomendo a leitura de [Carta aberta sobre aos que põe as mãos sobre cabelos afro](#).

Compartilhe isso:



FEMINISMO

MULHERES

RELACIONAMENTO



ARTIGO ANTERIOR  
 < NEGRAS NOTÁVEIS -  
 AQUALTUNE

PRÓXIMO ARTIGO  
 > LIDANDO COM O RACISMO

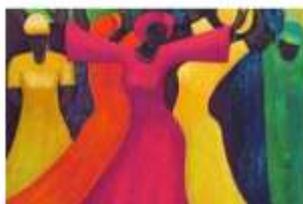


**CHARÓ NUNES**

Olá, meu nome é Charó. Eu escrevo.



## ARTIGOS RELACIONADOS



**EU NÃO SOU SUA INIMIGA**  
 NAIARA TEISSIRA • OUT 28, 2016



**JUNTAS SOMOS MAIS FORTES**  
 BEATRIZ REGINA BARBOSA • MAR 8, 2016

- **Comentários do post: 281**



Fred Ramos · 2 anos atrás

Artigo muito esclarecedor. Acho q já fiz algum comentário assim, sem intenção e sem o conhecimento de toda carga histórica, preconceituosa e racista implícita. Creio q existe muita gente quem nem tem idéia disso. Conhecimento é libertador... ótimo artigo.

^ | v · Responder · Compartilhar >



Nanana · 2 anos atrás

Bom... Eu nao sou negra, aliás, não tenho a pele negra. Mais adorei o post ! A Internet deveria ser usada pra isso, mais 100 sites como esse, e o Brasil estaria ja um pouco melhor. E no mais, racismo, no Brasil e o fim da picada, e um país mestiço, todos somos mestiços, uns mais claros, outros não... uma coisa que me chateia, e que quando eu digo negra, como no exemplo qui vc deu, não falar moreninha. ai sim, tem pessoas que reclamam...

^ | v · Responder · Compartilhar >



joah · 2 anos atrás

Você é uma ótima escritora, sabe ?Sabe de uma coisa que eu gostaria de compartilhar isso com você e que você também poderia me ajudar. Eu percebi que muitas pessoas ficam quietas sobre esse assunto, mas quando alguém conta algo racista do tipo: "Ela é bonita.Só porque é negra " como se quisesse dizer que por ser negra não posso ser bonita. Muita gente ri ou demoNstra que gosta de ouvir isso. Eu percebo isso sabe, é horrível pra mim.

^ | v · Responder · Compartilhar >



Gilmara Silva · 2 anos atrás

Peço licença poética para comentar:

De Elisa Lucinda  
Mulata Exportação

"Mas que nega linda  
E de olho verde ainda  
Olho de veneno e açúcar!  
Vem nega, vem ser minha desculpa  
Vem que aqui dentro ainda te cabe  
Vem ser meu álibi, minha bela conduta  
Vem, nega exportação, vem meu pão de açúcar!  
(Monto casa procê mas ninguém pode saber, entendeu meu dendê?)  
Minha tonteira minha história contundida  
Minha memória confundida, meu futebol, entendeu meu geloi?  
Rebola bem meu bem-querer, sou seu improviso, seu karaôquê;  
Vem nega, sem eu ter que fazer nada. Vem sem ter que me mexer  
Em mim tu esqueces tarefas, favelas, senzalas, nada mais vai doer.  
Sinto cheiro docê, meu maculelê, vem nega, me ama, me colore  
Vem ser meu folclore, vem ser minha tese sobre nego malê.  
Vem, nega, vem me arrasar, depois te levo pra gente sambar.\*  
Imaginem: Ouvi tudo isso sem calma e sem dor.  
Já preso esse ex-feitor, eu disse: "Seu delegado..."  
E o delegado piscou.  
Falei com o juiz, o juiz se insinuou e decretou pequena pena  
com cela especial por ser esse branco intelectual...

Eu disse: "Seu Juiz, não adianta! Opressão, Barbaridade, Genocídio  
 nada disso se cura trepando com uma escura!"  
 Ó minha máxima lei, deixai de asneira  
 Não vai ser um branco mal resolvido  
 que vai libertar uma negra:

Esse branco ardido está fadado  
 porque não é com lábia de pseudo-primido  
 que vai aliviar seu passado.  
 Olha aqui meu senhor:  
 Eu me lembro da senzala  
 e tu te lembras da Casa-Grande  
 e vamos juntos escrever sinceramente outra história  
 Digo, repito e não minto:  
 Vamos passar essa verdade a limpo  
 porque não é dançando samba  
 que eu te redimo ou te acredito:  
 Vê se te afasta, não invista, não insista!  
 Meu nojo!  
 Meu engodo cultural!  
 Minha lavagem de lata!

Porque deixar de ser racista, meu amor,  
 não é comer uma mulata!

^ | v - Responder - Compartilhar >



Brizza - 2 anos atrás

Uma que nunca esquecerei foi um rapaz que estudava comigo num determinado curso de inglês, o qual certo dia veio até mim e disse que gostaria que eu fosse empregada doméstica da casa dele. Esse conseguiu marcar minha juventude negativamente. Fiquei muito triste com isso, achei super discriminatório o comentário dele.

^ | v - Responder - Compartilhar >



Aline pereira da Silva - 2 anos atrás

Incrível esse texto traduz muito do meus incômodos diários... já ouvi comentários do tipo- nossa voce é morena, mas seu nariz é empinado...ou aqueles assédios nas ruas do tipo que morena gostosa ou porque voce nao "arruma" seu cabelo... Quando tinha 15 anos estava caminhando na rua, quando dois caras passaram de moto e o que estava na garupa du um tapa enorme na minha bunda... cheguei em casa chorando e ate hoje nove anos depois ainda me sinto humilhada. É muito indignino ser tratado como mero objeto..Parabens Charô.

^ | v - Responder - Compartilhar >



Hannah Catharina Oliveira · 3 anos atrás

O pior de tudo é ouvir (ainda mais na Europa) que eu sou "clara" demais para ser negra. Sinto te informar que sou negra sim! Se você não é negro não venha dar "pitacos" sobre a minha "negritude". Aqui em Portugal chega a ser ridículo. Não existe "os negros" ou "aquela pessoa" existe "os pretos. Preto é COR e ponto. Eu sou NEGRA. Parece até que ser negro na Europa é uma vergonha. Namorar uma então... Nem se fala.

O meu ex era branco dos olhos verdes e um dia estávamos voltando de uma maratona no metrô. Por eu ser negra e brasileira (e ele português) e estar usando uma simples calça legging (aquelas para treinar), foi o suficiente para uma fulana, PORTUGUESA e BRANCA me olhar com cara de nojo e absurdo e ainda ficar de cochicho, balançando a cabeça, por eu estar com um homem branco e usando uma legging. Me subi uma ojeriza tão grande que o meu olhar de raiva foi o suficiente para ela entender que se continuasse ia ouvir, e muito. Olhei fixo para ela e perguntei "qual foi?". E fitei ela da primeira a última estação. 90% dos europeus se chocam ao ver um casal inter-racial. FATO. E ridículo.

^ | v · Responder · Compartilhar



Andréa Santana Lima · 3 anos atrás

Passsei boa parte da vida escutando expressões como essa sem conseguir me defender... Hoje nem vem que não tem!!!!!! Eu rodo a baiana e fecho com quem for.

^ | v · Responder · Compartilhar



Nanda · 3 anos atrás

Nunca tinha pensando nesse "você é uma negra linda" dessa forma. Eu, quando falava isso para a minha amiga, queria dizer como se uma das coisas mais lindas nela fosse o fato de ser negra. Ultimamente estou entrando bastante no Blogueiras Negras pq essa mesma amiga minha me abriu os olhos para algumas expressões que eu usava (sem nenhuma maldade) e que tinham conotação racista.

^ | v · Responder · Compartilhar



Ludmila Moreira · 3 anos atrás

Já me disseram que era uma morena muito bonita... e fiquei meio constrangida pq não sou morena e sim negra. Me arrependo até hj por não ter falado nada no momento, em ter sido objetiva ou até msm grossa pra mostrar q sou negra de fato... Enfim me arrependo muito =/

^ | v · Responder · Compartilhar



Ione · 3 anos atrás

morro de raiva desses tipos de comentários, eita morena boa, ohhh morena do peitão, gostosa e etc, affs é cada coisa que da vontade de esganar a pessoa que faz isso, não respeitam, acham que somos apenas carnes pronta pra comer, mas espero que um dia não muito tarde isso mude.

^ | v · Responder · Compartilhar



Melanie → Ione · 3 anos atrás

No geral já acho que isso não vai de modo racista apenas, porque eu tenho uma pele clara e loira e ouço muito me chamarem de galega, amarela, branquinha gostosa, falam do meu peito, da bunda e tudo que se acham no direito.

Na verdade tratam a mulher em si como carne, mas na hora caracterizam bastante achando que tão elogiando e não abusando

^ | v · Responder · Compartilhar



Danilo Brasil Pinto · 3 anos atrás

Bem a algum tempo venho acompanhando as publicações, mas essas foi apaixonantemente construtiva, sou aluno de História da Universidade Federal de Alagoas, e vemos tudo isso que você descreveu com base nos argumentos Históricos sociais da época colonial que se enrustaram tão forte na sociedade brasileira que muitas vezes se torna invisíveis. Mas muitos dos pontos que ressaltou é que muitas vezes (por já uma questão cultural) é o incentivo que muitos fazem em relação a esse new racismo... e no meu ponto de vista forma de segregação racial.

^ | v - Responder - Compartilhar



Ana Maria Barreto · 3 anos atrás

O artigo é maravilhoso e eu realmente me encontro nas linhas desse blog. E uma frase popularmente utilizada por algumas mulheres é: "Não me toca que eu não sou tuas negas", essa é a que eu mais repudio.

^ | v - Responder - Compartilhar



Túlio Cesar · 3 anos atrás

Cor da pele não é nada mais que um detalhe as diferenças tem que existir pois se não fosse assim. Não existiriam as variações de gosto. Uma pele negra incomoda. Pois é uma maravilha. Eu amooooo. Tulio

^ | v - Responder - Compartilhar



Joelma Diniz · 3 anos atrás

Acho horrível quando dizem que as negras são boas de cama, isso é nos tratar como objetos sexuais, como se ainda estivessemos em uma senzala e a única oportunidade de passar pra casa grande, fosse através de movimentos sexuais quentes, sou um ser humano e o que traz meu progresso são minhas capacidades intelectuais, morais e emocionais, não as derivadas de movimentos pélvicos frenéticos, que é como somos identificadas pela maioria das pessoas.

^ | v - Responder - Compartilhar



Ângela Lúcia Rocha · 3 anos atrás

Já passei por cada uma.

Meu namorado é branco e trabalha na segurança pública, e um dia ele foi me buscar e antes de ele chegar um colega dele (é branco) me disse que eu tinha um corpo tão lindo como de uma européia, mas que fazer sexo com uma negra não tem preço por causa do tamanho da bunda.

Chorei demais, mas meu namorado sabe quem sou e eu sei quem ele é, e seguimos em frente!

^ | v - Responder - Compartilhar



Mirian · 3 anos atrás

Excelente matéria concordo, essa de ficar falando vc é uma negra bonita ouvi e ofende sabe fazem questão de falar "negra bonita" fazendo alusão pra mim disso mesmo, tipo vc é uma negra bonita pra sua raça como se fosse difícil encontrar uma isso é muito racista porque não falam simplesmente vc é bonita pronto, mais tem que citar a raça ninguém fala para uma branca vc é uma "branca bonita..."

^ | v - Responder - Compartilhar

 **Gabriela** → Mirian - 3 anos atrás  
Entendo o seu ponto de vista, mas não acredito que dizer para uma negra que ela é "uma negra linda" seja racista. Vc não ouve com frequência alguém usar a expressão "branca linda", mas ouve as expressões "loira linda", "morena linda", "ruiva linda", "japa linda", e assim por diante. Esse pode ser um elogio que ressalta a beleza e uma característica fisica especifica - que o emissor acredita ser atraente - de alguém.  
^ | v - Responder - Compartilhar

 **Marcos Woelz** → Mirian - 3 anos atrás  
Concordo plenamente: como homem, quando quero elogiar digo simplesmente "você é muito linda". Mais simples né?  
^ | v - Responder - Compartilhar

 **Sera Sabbe** - 3 anos atrás  
Excelente texto. Gostaria de compartilhar que o "termo mulata" vem da época da escravidão e significa mula que obedece. Esse termo foi apresentado a mim por um homem que me disse que eu era uma mulata linda, como não gosto desse tipo de coisa fui procurar saber a fundo o que significava, daí percebi a gravidade do problema. Muitos não tem conhecimento do significado, mais deixo minha contribuição.  
^ | v - Responder - Compartilhar

 **Evelyn** - 3 anos atrás  
Quantas vezes já não ouvi, você tem traços de negra americana. Eu fico tipo oi?, tudo bem que o Brasil é na América, porém é óbvio que estão falando das Norte Americanas que tem traços europeus, fico indignada.  
^ | v - Responder - Compartilhar

 **Thaisete** - 3 anos atrás  
Texto maravilhoso!  
^ | v - Responder - Compartilhar

 **Laudicéia Nicácio** - 4 anos atrás  
Estou lendo o blog pela primeira vez e amei a matéria, me fez lembrar de uma colega de trabalho também negra que certa vez puxou meu cabelo de forma até agressiva a meu ver para constatar que não era mega hair. Detalhe ela fez tudo isso em tom de brincadeira pelo menos na concepção dela. Fiquei indignada com a situação.  
^ | v - Responder - Compartilhar

 **Mônica M. Gonçalves** - 4 anos atrás  
Charô, esse texto é maravilhoso! Porque explicita de forma tão evidente aquilo que se faz oculto pela fala. Certamente um excelente exercício de autocrítica para todos e todas, especialmente para despertar o estranhamento nas mulheres negras! Eu já ouvi todos, e só quando podemos discernir o que é elogio e o que é preconceito - e a carga embutida num sob o outro -, é que podemos combater!  
^ | v - Responder - Compartilhar

 **Ladyane Rocha Ferreira** - 4 anos atrás  
MUITO BOM, PARABENS PELO BLOG, VOU CONTINUAR ACOMPANHANDO...!  
^ | v - Responder - Compartilhar



H - 4 anos atrás

Como os padrões de beleza brasileiros são etnocêntricos, até as negras que são consideradas bonitas são as que têm traços europeus na aparência. Sempre que eu ouço alguém dizer "ela é uma negra bonita (que soa como: ela é negra, mas é bonita) eu me pergunto: se fosse uma mulher branca, inam dizer que é uma branca bonita, ou somente que é uma mulher bonita?

^ | v - Responder - Compartilhar >



Ruth - 4 anos atrás

A Alek Wek não tem os "traços finos", vejo um nariz mais largo e lábios grossos. Minha observação, um exemplo de negras de traços finos é Sharon Menezes e Tais Araújo.

^ | v - Responder - Compartilhar >



Eliana Almeida - 4 anos atrás

Adriana Alves é uma das mulheres mais bonitas que já vi, fico muito triste quando alguém tenta me convencer de que sou morena.

^ | v - Responder - Compartilhar >



Amanda - 4 anos atrás

Ler essa matéria foi muito interessante. Há tanto tempo já venho ouvindo tantos elogios similares que nunca havia parado para pensar nas raízes deles, "seu nariz não é tão grande", "você é uma morena linda", "você não tem bunda de mulata"...

Grande parte da disseminação desse pensamento, e desse tipo de elogio acaba sendo nós mesmos, que muitas vezes nem percebemos a sementinha do mal nas palavras alheias.

É, essa sociedade ainda precisa passar por grandes avanços.

^ | v - Responder - Compartilhar >



Roberta - 4 anos atrás

Oi, Charó. Vim parar aqui após ter irritado uma amiga a quem inadvertidamente disse que não é negra, pois tem pai branco. Não estou aqui para me justificar, mas jamais me passou pela cabeça que a ofenderia com aquele comentário! Senti muita vergonha na hora e mais ainda agora, depois de ter lido seu texto e os comentários dos leitores e percebido que existe um tantão de racismo velado que eu não consigo ainda enxergar. Tenho me empenhado a vida inteira em identificar e combater meus preconceitos, sejam raciais, de gênero, religiosos ou de qualquer sorte, mas esse é um exercício que requer uma autocrítica apurada e disposição para ouvir e entender o outro. E requer tempo, persistência. Eu, mulher nordestina, sei bem onde o meu sapato aperta, mas ainda preciso ler e ouvir outros tantos relatos como este para entender o que caleja uma mulher negra. Obrigada pela chacoalhada.

^ | v - Responder - Compartilhar >



Lud - 4 anos atrás

"seu cabelo nem é tão ruim assim"!!!!  
cansei desta!

1 ^ | v - Responder - Compartilhar >



Laudicéa Nicácio → Lud · 4 anos atrás

Pior para mim diziam e ainda insistem em dizer seu cabelo é ruim igual ao da família da sua mãe o da sua irmã é bom igual ao da família do seu pai. Ou então é ruim mais é comprido o seu cabelo. Ruim de suportar é o preconceito, isso cansa.

^ | v - Responder - Compartilhar >



Dany → Lud · 4 anos atrás

"seu cabelo nem é tão ruim assim"!!!!

É claro que meu cabelo não é tão 'ruim' assim...

Ruim é ter que OUVIR um comentário tão IDIOTA desses!!!

^ | v · Responder · Compartilhar



erika zeni · 4 anos atrás

Odeio o termo mulata (o)... Gente vocês já foram ver a etiologia dessa palavra???? Pq aceitamos isso ? Usamos esse termo com naturalidade no dia dia como se ao falar a palavra mulata (o) nao estivessemos reduzindo uma raça a animais quadrupedes desprovidos de qualquer racionalidade

^ | v · Responder · Compartilhar



José Cassiano de Freitas → erika zeni · 4 anos atrás

Parabéns pelo artigo. Matéria muito bem escrita, que nos ajuda a pensar sobre coisas que com elas convivemos diariamente sem que percebamos. O tema foi muito bem abordado, mostrando que a pessoa que escreveu tem sensibilidade e percepção aguda do que acontece com a nossa sociedade.

^ | v · Responder · Compartilhar



Sarah Hipolito · 4 anos atrás

Ótimo texto. Sempre quando querem me elogiar dizem que sou uma morena bonita, mas se é crítica dizem que sou uma neguinha abusada. Sempre ouço: "Ah mas você não é negra, é morena clara." Minha mãe é negra, e nasceu com os cabelos muito lisos, finos e pretos, toda vez alguém pergunta "como ela faz para alisar o cabelo e parecer tão natural"? É como se para ser negro necessariamente tenha que ter cabelo crespo, é como se fosse o "protocolo" da negritude, o cabelo crespo e volumoso. Já até perguntaram a ela qual a marca do "henê" que ela usava. Quando saio com meu pai (de pele branca), sempre acham estranho quando dizemos que somos pai e filha, e não sou namorada, nem amante nem adotada. É como se fosse estranho que um "branco" tenha se casado com uma negra e tiveram filhos, é como se isso fosse algo "diferente", daí falam: "ai, poderia ter puxado os olhos de seu pai, morena de olho claro ficaria linda!". Ou dizem para meu pai: "Ah, mas sua filha é uma morena muito bonita". Cansei de ouvir isso. Mas, graças a Deus, em minha casa, não "notávamos" nossas diferenças (sou a mais escura dos três filhos de meus pais), na minha infância não tinha isso, sempre amei a cor de minha pele, acho que por isso nunca me importei com esses comentários, talvez porque na época não entendia bem a conotação racista neles, hoje quando dizem que sou morena, abro o sorriso e respondo com bom humor: "põe mais tinta aí amigo, sou negra", alguns entendem a "brincadeira", outros não e ainda respondem que não queriam dizer isso. A minha única alternativa é rir desses "pobres coitados" que "não sabem" que estão sendo preconceituosos.

^ | v · Responder · Compartilhar



Carla - 4 anos atrás

Lendo esse texto incrível lembrei de muitos comentários racistas que já ouvi. Tenho a pele mais 'clara' mas sou **NEGRA, NÉGA, NEGONA MESMO!**  
 Quando tinha 16 anos comecei a namorar com um rapaz branco e sofri preconceito da família dele por causa do meu cabelo e sabe, nunca liguei. Sempre soube dar respostas à altura do racismo dele. O meu segundo namorado também branco nunca demonstrou nenhum preconceito Me chamava de preta e eu gosto quando me chamam assim.  
 A pouco tempo meu cunhado me fez um comentário super infeliz. Perguntou pro meu noivo se ter uma empregada "pretinha" era caro. Na hora fechei os olhos e respirei fundo para não responder na frente de todos. Meu namorado envergonhado me pediu desculpas, mas foi muito constrangedor. Não gosto quando falam que não sou negra porque minha pele é mais clara, que sou café com leite. Odeio isso! Sou negra sim senhor, com muito orgulho!  
 Negra, universitário, com carteira B, estagiando no T.J. Algumas pessoas "estranham" dizem que "fugi da regra". Porque? Negras só podem ser empregadas domesticas?!

^ | v - Responder - Compartilhar



Clara - 4 anos atrás

Já escutei uma pior sobre Bumbum. Um menino me disse que queria ir pra cama comigo pois, meu bumbum era grande mas, devia ser mas "limpinha" que uma negra.  
 Bem eu tenho pele clara mais como típica brasileira tenho antepassados negros.  
 Chorei na hora de horror pois, tal comentário veio menino que antepassados fugiram do Holocausto.

^ | v - Responder - Compartilhar



Dany - 4 anos atrás

Bom, como já disse, sou bissexual e há alguns anos estava ficando com um rapaz branco, porém relendo um antigo diário, lembrei de quando olhando minhas fotos de formatura ele disse que eu ficava bem de cabelos lisos. Até aí eu achei de boa, mas o pior foi quando elogiei um rapaz negro em uma novela, ele disse coisas desagradáveis que nem vale a pena dar detalhes, mas disse que se pudesse escolher não seria um (homem negro). Dai eu disse que não havia gostado do comentário e ele ainda achou ruim. Reclamei pq meu pai é negro, e sabem o que ele disse? "Seu pai não é negro, seu pai é MORENO, q eu vi na foto!". Poxa, meu pai é NEGRO e não "moreno"! Entendi que ele não me via como negra, mas como uma "morena clara", e achei muita ignorância da parte dele aquele comentário( tanto do ator negro como do meu pai) e covardia em não querer admitir que fora um comentário racista.

^ | v - Responder - Compartilhar



Kênia Vaz - 4 anos atrás

Viro os Zóio quando escuto: A filha dela é linda, é BEM morena, mais é linda!!!

^ | v - Responder - Compartilhar



Rebeca Coeta - 4 anos atrás

Lendo esse texto percebi que ao longo de minha adolescência e infância ouvi muitos desses elogios racistas e reproduzi até os meus quinze anos. Hoje, depois que li esse texto, me arrependi de algo que disse para uma amiga minha, disse aquele elogio "você é uma negra linda". Tenho 16 anos e espero tirar todo esse racismo enraizado em mim.

^ | v - Responder - Compartilhar



Mavesper Cy Ceridwen · 4 anos atrás

Gostei muito do texto e ele serve para nos fazer refletir sobre atitudes que são consideradas normais na sociedade brasileira e são sim expressão do racismo entranhado em diversos valores. Mas lendo não pude deixar de pensar, como mulher obesa, que as gordas ouvem frases equivalentes como por exemplo: "vc tem um rosto lindo" ou "que bunda bonita" ou até o "nossa, como v é bonita mesmo grande" e coisinhas assim... Preconceito tem a ver com os valores do patriarcado, que dita a estética, a "normalidade" e estigmatiza as pessoas que são "menos" que o ideal. Logicamente não estou dizendo que o poder destrutivo do racismo e sua história de horrores sejam iguais à gordofobia, mas só achei interessante contribuir para o debate. Parabens pelo texto.

^ | v - Responder - Compartilhar



Jéssica Cristina P. Alves · 4 anos atrás

O que mais escuto é você é uma morena linda ou vc é uma mulher negra muito bonita. E tem um com perdão da palavra, que é mto foda que irrita horrores é esse: VC É TÃO LINDA, QUE NEM PARECE COM AS NEGRAS BRASILEIRAS. Tá bom de açúcar.

^ | v - Responder - Compartilhar



Darry · 4 anos atrás

O que vc acha do termo "a cor do pecado"?

^ | v - Responder - Compartilhar



Beto · 4 anos atrás

"Meu Deus! Como essas moças tao bonitas, vejam soh, loiras, de olhos azuis, foram se envolver com essa quadrilha de políticos e viraram "pastinhas"?! Loiras e de olhos azuis! Nao precisavam disso! Como eh que pode?!" Papo mais ouvido sobre as belissimas "pastinhas" da mafia dos superfaturamentos que usam prostitutas "de luxo".

^ | v - Responder - Compartilhar



Livia Rodrigues · 4 anos atrás

Adorei o texto!

Lembrei de algumas frases extremamente racistas que canso de ouvir por aí, não necessariamente ligadas à estética ou elogios. Me deixam sempre possessa.

Primeiro exemplo: frases que SEMPRE vem acompanhadas de um MAS e quase sempre são preferidas por pessoas mais velhas:

"Fulano é muito gente boa, você precisa conhecer, ele é pretinho, bem escurinho mesmo, MAS é muito responsável e inteligente".

Segundo exemplo: frases que dão a entender que fatos desagradáveis e/ou trágicos que acontecem com pessoas brancas e/ou bonitas são mais desagradáveis/trágicos.

"Nossa tadinha da fulana, tão bonita, ela era loirinha dos olhos azuis, como isso foi acontecer com ela?"

Nesse segundo caso, sempre retruco: Por que? Se fosse negra e/ou feia seria menos trágico? rs.

Terceiro caso: frases que desqualificam o que você vai falar sobre cabelos e estética negra, porque você não é negra.

Eu sou considerada pela sociedade uma pessoa morena. Até a adolescência tive os cabelos lisos, que nesse período ficaram superrr encaracolados, o que adoro, amo meu cabelo. Então já ouvi de tudo, "nossa, o que aconteceu com o seu cabelo? Ele era tão lisinho", dos cabeleireiros sempre uma oferta de escova...entre outras coisas.

Eu conheço muitas mulheres, inclusive da minha família, que tem a pele muito branca e os cabelos muito crespos. Elas não gostam dos seus cabelos e fazem de tudo para domá-los. Como sou apaixonada por cachos e cabelos crespos, pesquiso muito sobre isso e às vezes quando uma delas reclama dos seus cabelos eu digo que acho lindo e digo que há maneiras mais adequadas de cuidar do cabelo crespo (do que da maneira que elas vem fazendo) e tal, aí vem a parte que me irrita.

"Você fala isso porque o seu cabelo não é ruim igual ao meu, pra você é fácil", "O seu cabelo é cacheado, MAS (ele voltou!) é bonito, não é igual ao meu que é um fuá".

Ficou enormeee

Beijos

^ | v - Responder - Compartilhar >



Cássio - 4 anos atrás

Infelizmente esse tipo de raciocínio ainda existe, e de forma quase subliminar. Aposto que muita gente se viu nesse contexto, ao tecer algum elogio a alguma mulher negra, por exemplo, e acrescentar o "negra", ao se referir a ela, como se precisasse disso. Porque não fala "vc é uma mulher branca muito bonita"? Gostei da explicação.

Quanto ao último "elogio": "mulata tipo exportação", ao meu ver escapou-lhes um fato tão grave quanto o que foi exposto. Chamar um(a) negro(a) de mulato(a), por si só, é racismo! Sim, porque a origem da palavra mulata vem de mula. Quando um casal de negro com branco tinha filho, ele era (e ainda é, como se vê) chamado de mulato, em referência à mula, que é a cria de um cavalo de raça com um burro, ou jumento. Então, o termo "mulata", usado aqui sem essa observação, passa despercebido.

Não sei se em algum momento do blog, há uma indagação a esse respeito, quanto à palavra "mulata" ser de origem racista. Mas me pareceu que até mesmo quem escreveu essa matéria desapercebe-se desse fato. E não estou criticando, nada disso! Só quero tentar enriquecer o texto, muito bem escrito, por sinal, e também levantar essa questão, que acho pertinente, uma vez que essa palavra está sendo usada no texto, sem qualquer observação.

E para finalizar, cito um outro exemplo de palavra "claramente" racista: denegrir. As pessoas usam essa palavra, algumas até pensando que estão falando bonito, mas na verdade estão perpetuando um conceito racista, de que determinada atitude mancha a reputação da pessoa, ou torna a sua reputação como "de negro". Denegrir nada mais é do que tornar de negro, um conceito totalmente racista!

É isso. Espero ter contribuído para o blog.

^ | v - Responder - Compartilhar >



Sheila Cristiane da Silva → Cássio - 4 anos atrás

Fabuloso

^ | v - Responder - Compartilhar >



Lyara Oliveira · 4 anos atrás

Olá ótimo texto sou negra e ja escutei vários elogios assim, antigamente ficava quieta mas hoje retruco dizendo pq isso nao me soa como elogio e tem gente que se espantal

^ | v - Responder - Compartilhar



Lorena Nonato · 4 anos atrás

Outra coisa. Tem uma musica do Thiago Thomé, da pele preta, na qual ele diz que "não venha me dizer que o primo do teu avô era preto e que por isso você é preto também" porque o teor de melanina que a pele dele tem dentre outras coisas, incomoda a quem vê. Sabe o que é ser negro, acordar toda manhã, vestir a camisa, ciente do papel do negro na sociedade, de sua representatividade, ciente de que é preciso luta para acabar com tais estigmas,... aquele que é negro. Ser negro é ter consciencia. Sabe o que é isso, quem passa por isso. Então, como diz Thiago Thomé em sua MARAVILHOSA canção, não venha me dizer que porque "não sei quem, parente de não sei quem, que é primo do irmão do seu avô" é preto que você também é, claro que na teoria, o Brasileiro é misturado, miscigenado. Contudo, ser negro na sociedade atual, tem sido muito mais do que apenas herança herdada por parente distante, que só vc e sua familia sabem. Ser negro é a pele negra, o olho escuro, o nariz de batata, o cabelo duro... é receber olhares cruéis e elogios preconceituosos de muitos que se dizem contra o racismo e, de tão ignorantes que são, não percebem o efeito que esses "elogios" causam.

^ | v - Responder - Compartilhar



Lorena Nonato · 4 anos atrás

Texto maravilhoso! Estava conversando hoje pela manhã com minha mãe justamente sobre esses comentários que, nas suas entrelinhas, está presente claramente o racismo. Contudo, não é algo escancarado, acho que está enraizado na sociedade de alguma forma, e as pessoas falam sem ter noção do quanto isso é constrangedor. Meu cabelo é black Power, e muitas vezes na rua, as pessoas me olham, pedem para tocá-lo... e assim, é complicado porque eu me sinto um E.T. mas logo isso passa porque eu sou negra, do cabelo duro e ciente da representatividade do meu cabelo, do porque que eu uso ele, do porque das minhas roupas e do meu pensamento crítico. Muitos dizem: "Ah, eu sei como é isso..." Não, não sabem... ou sabem apenas como espectadores... e não como personagens principais. Sabe o que é sentir na pele a dor de comentários e comportamentos racistas como esses quem é negro, e passa por isso a todo minuto, 24 horas por dia, 7 dias por semana, 4 semanas por mês, 12 meses por ano!

^ | v - Responder - Compartilhar



Marta · 4 anos atrás

sou negra e como tal e acho como todos os negros já sofri muito preconceito a ponto de escutar de uma ex-sogra que achou uma pena o fim do namoro que queria tanto uma neta, e que o primeiro presente que ela daria seria um rolo de barbante para amarrar os cabelos, as pessoas as vezes falam que não tem intensão mais de boa intensão o inferno está cheio, acham que exageramos com a nossa luta pelo fim do preconceito e acham que tudo que falamos é um drama, mais só pode falar quem já sentiu na pele o peso do preconceito. Muito bom esse texto a respeito do assunto.

^ | v - Responder - Compartilhar



Julia - 4 anos atrás

Sou caucasiana, de família com racismo velado. Hoje sou casada, mas quando entrei na faculdade, há 10 anos, conheci um cara que foi amor à primeira vista. Ele é negro e estudava na sala ao lado da minha. No 5º dia de faculdade já estávamos em um bar de música ao vivo, conversando por horas, tamanha foi nossa atração intelectual. No 10º dia de faculdade já estávamos transando feito loucos em um motel barato na proximidade. Era uma coisa muito louca e muito verdadeira. Nossa atração foi ficando maior e maior... até que ele me pediu em namoro e aceitei. Conversamos sobre a questão do racismo na minha família, mas eu achei que seria algo mais "brando". Que lidariamos facilmente. Quando o levei em casa a primeira vez, minha mãe disse: "Cuidado para não engravidar, não quero ficar fazendo trançinhas em cabelo de neto". Pronto, Meu mundo caiu. Eu fiquei com tanta vergonha dele que por um instante fiquei atônita. Continuamos juntos por quase dois anos. Levei-o às festas de família, mas sempre vinham os comentários maldosos. Hoje, com a experiência que tenho, posso afirmar que foi o preconceito que minou nossa relação. Ele ficou estafado, não aguentava mais algumas pessoas que me cercavam. E éramos muito jovens, eu com 19 anos e ele com 23. Tenho essa mágoa guardada dentro de mim. Amo meu marido, mas acredito que se não fosse o maldito preconceito nós teríamos uma outra história.

^ | v - Responder - Compartilhar



Ana Carolina - 4 anos atrás

O mulata me mata! Me sinto um pedaço de carne, que vive de samba e nada mais. É um triste estereótipo, mas que ainda é muito usado. Sou carioca, então vivo em uma cidade que é dividida em subúrbio, zona sul e barra da tijuca. São vidas noturnas e lazeres completamente diferente. Sinto muita diferença quando vou pra zona sul, percebo que eles não sabem nem como conversar ou quando tentam fazer elogios fazem os detes tipo: mmorena linda, mulata ou sempre vem com assuntos relacionados ao samba. É estranho, mas eu fico abismada como esse tipo de coisa ainda exista. É uma triste ignorância, mas infelizmente existe.

^ | v - Responder - Compartilhar



Ana Luisa Constantino - 4 anos atrás

Em relação aos 3 primeiros: eu tenho travado uma luta eterna sobre eles. Mesmo na universidade, sou uma das 2 negras de minha turma e escuto esse tipo de comentário sobre o cabelo, o "ser morena" o tempo todo. É claro que em meu círculo de amizades isso tem diminuído constantemente é muito bom poder dizer as pessoas o quão irritante e racista esses tipos de comentários e atitudes são. Demorei muito a aceitar o meu cabelo como ele é, como li em outras postagens, é um desafio para uma criança negra, ainda mais mulher, compreender o quão belo seu cabelo é a partir do momento que até mesmo os desenhos infantis são repletos de meninas brancas de cabelos lisos... Mas agora que eu o aceitei, ainda tenho que lidar com pessoas querendo toca-lo?! Oh puxa! Mas sobre os dois últimos, graças a Deus, eu NUNCA ouvi nenhum deles. É simplesmente absurdo que um homem tenha a cara de pau de dizer "você tem uma bunda linda", não consigo imaginar a minha reação perante a tal ofensa... Provavelmente eu desceria a mão caso acontecesse comigo.

^ | v - Responder - Compartilhar



Marina - 4 anos atrás

Eu sou branca, mas tenho o cabelo cacheado (nem tanto cacheado) e me lembro que desde sempre colocaram a ideia que cabelo bonito era cabelo liso, tinha uma época que eu até fiz um relaxamento e fazia chapinha todo santo dia, perdendo cerca de 30 minutos a cada manhã por causa disso, porque? Porque cabelo cacheado é ruim, não presta, embola muito. Hoje eu já me livre disso tudo e meus cachos estão lindos e eu amo eles, mas ainda vejo gente falando que cabelo cacheado é ruim e tem que ser alisado, mesmo com tantos cachos lindos por aí. Quanto ao colocar a mão no cabelo, tem muita gente que faz isso com o meu, normalmente pessoas desconhecidas, passam a mão e bagunçam todo o meu cabelo e eu tenho que ficar o resto do dia com o cabelo bagunçado ou preso, sem falar que essas pessoas cuja "passada de mão" não foi e nunca vai ser autorizada ainda se sentem ofendidas quando eu peço educadamente para tirarem a mão do meu cabelo e não passarem de novo. Hoje em dia não acho mínima graça em cabelo liso e incentivo todas as mulheres a deixarem seu cabelo ao natural, seja qual tipo de cabelo for.

^ | v - Responder - Compartilhar



Glacycle - 4 anos atrás

Toda vez que paro pra ler e ver o Blog choro e fico emocionada , vivo isso diariamente parecemos um frango na assadeira é os cães do lado de fora desejando comer ... triste triste essa nossa sociedade Racista .

^ | v - Responder - Compartilhar



Bárbara - 4 anos atrás

Tenho dúvidas! Confesso que estou me introduzindo agora em questões raciais voltadas para negros (desde que comecei a ler e me interessar mais sobre o feminismo, diga-se de passagem - Glória 3x, amém). Por ser uma pessoa quase que completamente leiga a essas questões, tenho certas dificuldades, como por exemplo, em saber qual é a minha verdadeira etnia e compreender sob quais justificativas uma pessoa se auto-intitula como negra no Brasil. Cor da pele? Traços físicos? DNA? Isso tudo mais o fato de que ela apenas deseja se intitular como tal? Não sei se isso soa absurdamente idiota, mas juro que até agora nunca obtive uma resposta que realmente respondesse a tais perguntas. Gostaria de saber se a autora do texto ou qualquer outra pessoa que não seja ignorante assim como eu (e que tenha paciência pra ler isso tudo) possa me explicar. Sobre alguém se auto-intitular como moren@, como saber se o fulan@ está sendo racista consigo mesmo ou não? Tomando fatores genéticos como exemplos (e no MEU caso): Sou adotada e segundo minha mãe adotiva, minha mãe biológica era parda com cabelo "escurido igual ao de índio". Meu pai, negro (pele que diz minha mãe adotiva, entende-se que ele era de um tom mais claro). Uma das minhas irmãs biológicas, porém, era loira e branca. Uma outra era morena (segundo minha mãe). Todas as duas também filhas dos meus pais biológicos. Eu tenho um tom de pele mais claro, também. Há 6 meses atrás, o meu cabelo "era liso" (utilizava químicas há tanto tempo que nem me lembro mais). Resolvi finalmente fazer a transição para o natural, eis que agora possuo um cabelo encaracolado e lindo, não me arrependo em nada de tê-lo assumido! Até onde me lembro, nunca na minha vida alguém se direcionou a mim como negra... até a semana passada, quando fui parada (literalmente) no meio da minha faculdade, por uma moça que propôs que eu participasse de uma campanha publicitária (do curso dela). Ela se direcionou

a mim como "negra linda" (e abrindo mais um milésimo parêntesis, depois de ler sobre os elogios racistas, me pergunto se eu mesma não fui um alvo, pois quando perguntei sobre o que realmente se tratava a campanha, após me explicar o tema, a moça complementou com um "ah, e já escolhemos também uma loirinha ali...". E vejam bem, sou tão ignorante com questões raciais que não consigo nem enxergar se isso foi preconceito da parte dela ou não!). Enfim, voltando ao "negra linda" - confesso que fiquei surpresa (e não ofendida), pois realmente não me lembro de já ter sido considerada negra, nem por amigos, nem familiares, mas sim "morena", "parda". Ou seja, acho que fica bem claro que sou julgada quase que estritamente pela minha cor. Voltando ao meu tom de pele, se é que isso é relevante, ele fica ainda mais claro quando deixo de tomar sol e volto à minha cor natural, um "amarelo pálido". ENFIM, acredito que minha "nova etnia" surgiu assim que assumi o meu cabelo. Então quer dizer que hoje em dia eu sou negra?! Mas e há 6 meses atrás, o que eu "era"? É algo que simplesmente não faz sentido pra mim. Socorro!

^ | v - Responder - Compartilhar



Ana Maria - 4 anos atrás

Sou branca, e vivo num estado onde a maioria esmagadora é branca. Nunca presenciei nenhum ato explícito de racismo. Costumo a tomar as dores dos oprimidos, tanto que foi assim que eu cheguei aqui. E nunca me considerei uma pessoa racista - até agora. Encontrei vários pontos interessantes no teu texto, que fiquei com vontade de comentar, mas tive medo. Sim, MEDO. Medo de ser mal recebida no blog simplesmente por ser branca. O que uma mulher branca sabe sobre ser negra? Que contribuição eu posso dar se não vivo - literalmente - na pele do oprimido? E esse tipo de pensamento me deixou em choque. Isso não está escrito em algum lugar, não fica subentendido no teu texto. Foi coisa da minha própria cabeça - o que me fez perceber que o racismo está tão intrínseco na nossa sociedade que acabei sendo racista sem querer. Não no sentido de desprezo ou preconceito, mas segregacional. E isso me assusta.

^ | v - Responder - Compartilhar



Juliana Souza → Ana Maria - 4 anos atrás

Só curiosidade, qual o estado que você vive?

↖ | ↗ - Responder - Compartilhar



Kaio - 4 anos atrás

Concordo com o texto

Pô a Alek wek(sonho) é lindíssima demais, ela tem uma história mui forte e de mui sucesso, tem muito talento

E aê na boa, num elogio sincero e pessoal meu.

Negras são as mais lindíssimas.. melhores \*.\* (III)

↖ | ↗ - Responder - Compartilhar



Bia Rosa - 4 anos atrás

O qual mais me irrita é ouvir as pessoas falando "Ela é negra,mas é bonita." Dizem isso como ser negro fosse um defeito. Fico mt brava!

↖ | ↗ - Responder - Compartilhar



Vanessa - 4 anos atrás

Olá, Charô. Achei seu texto tão bom que resolvi escrever este comentário (coisa que raramente faço) só para poder parabenizá-la! Você conseguiu colocar seu ponto de vista sobre esse assunto delicado sem parecer "uma reclamona", por falta de uma palavra melhor. E concordo com grande parte dele, só não digo que concordo com ele todo pela minha própria ignorância do assunto, não vivo esta realidade a qual você apontou, não sou negra, mas admiro fortemente pessoas como você, que sabem lutar pelo que querem e o fazem de uma maneira não agressiva, mas pelo contrário: esclarecedora. Sou feminista e sei o quão difícil é expor nossas ideias dessa maneira sem sermos taxadas de mil coisas que nos inferiorizam. Cada um sabe a dificuldade que é viver dentro da própria pele e ninguém tem competência para dizer que qualquer reivindicação dessa pessoa é puro "chororô" - porque não é. Lutar pelo que se acredita não é fácil, mas ainda é mais fácil do que encarar a realidade injusta em que se vive. Mais uma vez parabéns.

↖ | ↗ - Responder - Compartilhar



Marina - 4 anos atrás

oi Charô! olha só, li o seu texto e achei muito bom, mas fiquei com algumas dúvidas...

Não sou negra, e talvez seja pura ignorância minha por não conhecer muito o tema "racismo", mas nunca pensei que fosse errado elogiar o cabelo de uma pessoa negra... afinal, como você mesma falou é algo difícil de se ver ao natural, e que chama a atenção da mesma forma que eu acho muito bonito quando vejo, também acho muito bonito ver um cabelo ruivo natural, por exemplo... também é difícil de se ver, e eu elogio da mesma forma... e quanto a tocar no cabelo, acho que ninguém gosta que um desconhecido faça isso.

e assim, dizer "você é uma morena linda" não seria a mesma coisa que dizer "você é uma loira linda", o que é considerado completamente normal? não acho que todas as mulheres negras se sintam ofendidas com esse elogio... pelo menos não me parece que traz alguma mensagem subjetiva, como no caso do "você tem traços delicados" ou "você é bonita para uma mulher negra", que eu acho absurdo.

enfim, peço perdão se estou sendo ignorante, apenas nunca tive essa visão e fiquei um pouco preocupada em já ter ofendido alguma amiga minha...

agradeço se você puder me esclarecer :)

↖ | ↗ - Responder - Compartilhar



Alexandre - 4 anos atrás

Não sou muito adepto a palavra Negro, Moreno ou Afrodescendente se for uma característica tem de ser Preto(COR), pele marrom. No Brasil foi criado um conceito que preto é racismo, mas negro é seguindo o dicionário " Triste, melancólico; funesto: período negro; da noite sem estrelas; No Brasil, até 1888, escravo.; Trabalhar como um negro, trabalhar muito; trabalhar como um mouro ; Que é de cor escura; sombrio. Portanto batizaram nosso tom de pele desta forma para inferiorizar. Sou preto, sou marrom e tenho orgulho do meu tom de pele.

↖ | ↗ - Responder - Compartilhar



Matheus Dantas - 4 anos atrás

Eu moro num bairro periférico e sei como as minhas amigas negras são olhadas em shoppings de ricos, é triste e concordo com grande parte do que você escreveu. Porém, em relação ao item 03 e 04 acho que isso acontece não só com as negras, mas com as mulheres em geral. Parabéns pelo texto! Muito bom!

^ | v - Responder - Compartilhar >



Andreza Gallego - 4 anos atrás

Texto interessantíssimo. Os elogios 1 e 3 sempre foram frequentes na minha vida. E as pessoas realmente acham que estão elogiando como uma espécie de recompensa por sermos negras. Fora que sempre me taxaram como morena também. Negra jamais. Confesso que também demorei para me definir como negra, mas estou no caminho dessa evolução de pensamento e tento transmitir isso aos mais novos. Parabéns pela opinião!

^ | v - Responder - Compartilhar >



Bruna Cristofoli - 4 anos atrás

Gostei muito do texto! Me fez lembrar também do machismo, que muitas vezes está dentro de nós. Como mulher de pele branca eu gostaria de destacar um pormenor quando aos cabelos. O meu não é liso, nem encaracolado, nem ondulado, é uma mistura, e eu vivo numa região cheia de descendentes de italianos, e sempre morri de curiosidade pelos vossos cabelos, e não acho que neste caso é uma atitude racista, simplesmente é ignorância, e se eu tivesse proximidade com alguém gostaria de tocar, porque para mim fica especial quando é deixado natural, sem essas químicas.

^ | v - Responder - Compartilhar >



Altino Júnior - 4 anos atrás

Gostei muito de seu post. Tenho particularmente lutado contra o racismo que existe dente de mim que, se materializa em um "morena".

Ainda carrego comigo todo o "peso" que a palavra "negra" pode carregar e tentei muitas vezes fugir disto, no entanto, esta atitude não é a melhor, se eu entendi um pouco da sua "linha de pensamento". Vou refletir mais e tentar trabalhar de forma mais efetiva este questões em minha inconsciência. Infelizmente não tenho muito com o que contribuir - especialmente com os elogios, mas, parabéns por esta e pelas suas outras publicações.

Altino Corrêa Pantoja Júnior

^ | v - Responder - Compartilhar >



Jenifer Nascimento - 4 anos atrás

Amei o texto!!! É bem isso, só quem tem na pele um pouco mais de melanina sabe o que (e como) é!! Tenho traços finos mesmo e muita pente "provoca" ao dizer que "se não fosse meu cabelo" (que é meeeeeeeeeega cacheado) eu "passaria" por branca. Sem contar que já ouvi tbm que "para uma negrinha até que eu era bem bonitinha", logo, negro é feio. E inúmeras outras coisas que eu poderia relatar. E o que mais me irrita no nossa país é essa falsa modéstia que não há racismo. Será?? Coloca um negro de terno numa loja de carros importados e um branco de bermuda e chinelo, a qual deles o segurança ficará mais atento?? "Não sou racista porque tenho amigos negros!" Não é mesmo?? Então começa a namorar e apresente a sua família "aquele" negro ou negra que você encontra e leva para cama às escondidas!! O que me incomoda não é o racismo escancarado: "não gosto de negros e não os quero aqui." Ótimo! Respeito isso. Ninguém é obrigado a gostar de ninguém, desde que não se utilize de violência e agressão verbal para isso! Sem contar que RACISMO "perdeu" um pouco da força de crime inafiançável, porque agora tudo vira INJURIA RACIAL, quando são dirigidas palavras de ofensas e repúdios em relação a raça de alguém: Ser chama da de "neguinha" (no pior tom possível) não é considerado mais nada. Para ser crime, tem-se que impedir alguém de fazer ou ter acesso a algo que seja, comprovado e com testemunhas, que foi por causa da sua raça que foi barrado. Racismo é tu olhar com desdém para alguém que não tem o cabelo escorrido ou o "volume mal controlado". É dar um sorriso sem graça ao ser cumprimentado por um negro e fazer comentários desagradáveis quando ele virá às costas. É ficar surpreso ao ver que um negro tem ensino superior completo e não foi somente graças as cotas que ele chegou lá e muito menos que não é "graças ao benevolente patrão BRANCO" que lhe deu a oportunidade e o auxílio de custear-lhe os estudos. É ser subordinado por um negro e dizer que: odeia aquele negro, em vez de odeio o "meu chefe"!!! Em fim, o desabafo poderia ser interminável, mas a certeza é só uma: SOU NEGRA, sim (não por consideração de que raça é algo auto-declarado), mas sim, pela maravilha de sê-la e com muito orgulho!!! O

^ | v - Responder - Compartilhar >



marcos alves · 4 anos atrás

Ao amigo Guilherme. Ébano meu amigo e uma espécie de árvore muito nobre e na maior parte das vezes muito escura e densa. De origem africana, é rara e muito utilizada na fabricação de móveis, instrumentos musicais e objetos decorativos. O termo ébano também é muito aplicado em referência à raridade da cor negra que possui grande valor, assim como em elogio a pessoas negras portanto, para mim não é um elogio. Fuiiiii

^ | v - Responder - Compartilhar



Bianca · 4 anos atrás

Olá, eu não sou negra, sou morena e vi que você pediu que as mulheres negras opinassem, mas vou me intrometer aqui, afinal não vivencio isso então é uma mera opinião. ^^

Concordo que todos os "elogios" que vc mencionou são racistas! Esse "vc é uma mulata tipo exportação" é tão racista que chega a dar calafrios!

Quanto ao "vc é uma negra bonita", eu concordo plenamente com você que dá a impressão de dizer

"vc é bonita, apesar de negra", afinal de contas nunca vi ninguém dizer "vc é uma branca bonita".

Sempre fiquei incomodada com essa frase e ela é realmente muito comum! adorei o texto!

^ | v - Responder - Compartilhar



Keyla Cristina Custodio · 4 anos atrás

Tenho a pele claríssima, daquelas que viram um tomate quando tomam sol, mas me recuso a dizer que sou "branca", porque meu avô paterno era negro! Puxei, talvez, por minha avó materna, alemã...

Então, graças à miscigenação, tenho pele bem clara, com cabelos bem escuros e cacheados... Não vou esquecer jamais uma situação que ocorreu quando eu tinha uns 7 anos: uma mulher se aproximou de mim e de minha mãe, levou as mãos ao meu cabelo, pegou um punhado, com vontade, e exclamou: "nossa, é macio!!!" Eu, do alto de minha sinceridade infantil, já respondi, brava: "claro que é macio! Por quê? Só cabelo liso pode ser?" Pensa numa criatura que não sabia onde por a cara... minha mãe olhou com tanta raiva pra mulher... É o pensamento que "cabelo de negro" é ruim... porque não era o padrão do cabelo dos "brancos"... muito triste isso!!!

^ | v - Responder - Compartilhar



Keyla Cristina Custodio → Keyla Cristina Custodio · 4 anos atrás

Gente... o "graças à miscigenação" foi irônico, OK??? Não quis dizer que foi um benefício ter a pele clara... o que acontece é que, devido à mistura de raças, sai com a pele clara, mas com o cabelo bem cacheado, o que me faz passar por pérolas deste tipo. Ah, me lembrei de um outro caso: no ginásio, uma professora gostava de proferir impropérios contra negros, e minha mãe foi reclamar... disse que eu tinha ficado ofendida... a professora, com o maior espanto do mundo, respondeu: "mas a Keyla é tão branquinha! Não sei porquê ela ficou ofendida... não disse nada contra ela!" É mole? Você, para se sentir ofendida com o racismo das pessoas, necessariamente deve provar com a cor da pele que você "merece" se sentir ofendida!!! As pessoas se esquecem de que o Brasil é um país de miscigenação... Viva a diversidade!!!

^ | v - Responder - Compartilhar

-  **Iago** · 4 anos atrás  
e se eu dizer "seus olhos são lindos"... sei não...  
o contexto é muito importante  
[^](#) | [v](#) · [Responder](#) · [Compartilhar](#)
-  **Isabela Andrade** · 4 anos atrás  
Charó, texto simplesmente perfeito! Não sou negra, mas preciso te dizer. São mulheres como você que me inspiram e me fazem sair desse senso comum construído pelo patriarcado, que faz com que achemos normal ouvir elogios racistas. Corriqueiramente, ouço homens e meninos, até amigos meus, se referindo à alguém do sexo oposto como sendo uma delícia. Até uns tempos atrás, achava isso normal, mas agora, nessa minha fase de amadurecimento e transição para o feminismo, tenho base para formar uma opinião sólida, e ter argumentos para qualquer tipo de machismo. Seu texto, embora não se restrinja a comentários feitos apenas por homens, também me fazem crescer e sair da ignorância. Obrigada!  
[^](#) | [v](#) · [Responder](#) · [Compartilhar](#)
-  **Charó** → **Isabela Andrade** · 4 anos atrás  
Muito obrigada!  
[^](#) | [v](#) · [Responder](#) · [Compartilhar](#)
-  **Guilherme Silva** · 4 anos atrás  
Boa tarde! Seu texto foi muito bem escrito e esclarece muita coisa que precisa ser corrigido na sociedade. Tenho uma dúvida: no contexto de sua crítica, "ébano" é considerado elogio? Na linguagem poética, usada em letras de música, é uma referência comum aos negros. Desde já muito grato e ótimo dia!  
[^](#) | [v](#) · [Responder](#) · [Compartilhar](#)
-  **Tatiane Braga Cardoso** · 4 anos atrás  
Eu ouço tanta coisa absurda todos os dias, que fica até difícil de listar!  
Já ouvi muito esse "Você é uma morena muito bonita".  
Já ouvi num salão de cabeleireiro que "Nossa, que cabelo lindo! A gente faz uma escova - insira aqui o nome da progressiva - que vai te deixar ainda mais bonita". Detalhe: Tenho um black power e não passo química NENHUMA!  
[^](#) | [v](#) · [Responder](#) · [Compartilhar](#)
-  **anacranes** · 4 anos atrás  
Ainda bem que você coloca que o lance da bunda não é unânime. Já fui em festa black e me senti uma desbundada e olha que tenho 102. É fato que as mulheres negras tem disposição de terem ancas maiores. Mas é claro que falar 'que linda bunda você tem' fica estranho as vezes  
[^](#) | [v](#) · [Responder](#) · [Compartilhar](#)
-  **Graciete** → **anacranes** · 4 anos atrás  
Nem todas as negras tem quadris avantajados! Não é estranho, é muito pior! Ser mulher não é ser uma bunda! Mulata remete a "mula"!  
[^](#) | [v](#) · [Responder](#) · [Compartilhar](#)
-  **Mariana** · 4 anos atrás  
Sou branca, mas, na opinião que posso dar apenas ao ouvir e ver esses tipos de situações, e na empatia de me enxergar em uma situação análoga, o que se torna lógico pra mim é que nem deveria haver essa necessidade de especificar se é morena, negra ou mulata. É MULHER. É PESSOA. Uma mulher bonita, uma pessoa bonita. O fato de ter que usar um termo racial para falar de uma pessoa me causa até dor de estômago. É como você disse, ninguém diz "olha, uma branca bonita", então porque dizer isso sobre uma mulher negra? Pra mim, é racismo do mais puro.  
[^](#) | [v](#) · [Responder](#) · [Compartilhar](#)



Greg Candalez · 4 anos atrás

Eu, quando uso do elogio "Que negra linda..." falo com a maior intenção do mundo, reforçando justamente o 'negra'. Pra mim, a mulher negra é muito mais poderosa, quando linda, do que uma branca. Por isso eu gosto de falar "negra". Não sabia que isso incomodava vocês, eu sempre achei que era um elogio reforçar 'negra' em vez de 'morena' ou 'mulatinha'.

^ | v - Responder - Compartilhar



Tatchi → Greg Candalez · 4 anos atrás

O problema está no enfoque Greg. As mulheres brancas são apenas- Mulheres lindas! As negras, são Mulheres negras lindas, as orientais (vale ressaltar) são Japonesas (nem todas são) lindas... Mulher índia linda... A impressão que me dá é que o branco é o normal, o comum. Então não precisa de mais adjetivos, mas todo o resto, que não é branco, tem que frisar e enfatizar a cor, pois é de "máxima e suprema importância"! Por que?

^ | v - Responder - Compartilhar



Julia → Greg Candalez · 4 anos atrás

Fico imaginando se vc falasse que as brancas são mais belas... Mas concordo, acho que fica meio: "bonita para uma negra". Na verdade concordo mais pq já vi que é unanime ou qe entre as negras de que é racista, e quem define o q é racismo e o que fi é são os negros, visto q sao eles os que mais sofrem disso no brasil. Nada q eu odeie mais do q branco dizendo oq é racista e o q nao é pra um negro haha. Mas vc pelo jeito reforça pq é sua preferencia, assim como gente q fala minha loira, minha morena, minha negra... Hahaha meu namorado me chama de minha nega e eu me derretoo hahahah msm sendo branca

^ | v - Responder - Compartilhar



Graciete → Greg Candalez · 4 anos atrás

Vc já parou pra pensar se alguém fala: "Que branca linda". Dizer: "Que negra linda" tá implicitamente dizendo que as negras são feias, mas certa negra é linda

^ | v - Responder - Compartilhar



Charó → Greg Candalez · 4 anos atrás

O problema é chamar uma negra linda de morena linda. Simples.

^ | v - Responder - Compartilhar



Roberta Pereira · 4 anos atrás

Ouçoo muito destes comentários e o mais incrível é como as pessoas eufemisticamente falam "morena", "moreninha escura", acreditando que ao falarem negra estarão me ofendendo. Piadinhas racistas também fazendo parte desse discurso que se perpetua.

^ | v - Responder - Compartilhar



Ane · 4 anos atrás

Já ouvi, que se arranjasse um 'gringo' eu já estaria casada...

Tirando o meu cabelo eu tenho um rostinho lindo..

Um cara me paquerou, não dei bola ficou me chamando de neguinha...

Negra dos traços de branco...

Você deve sambar muito....

As negras são mais quentes...

E por aí vai, mas não me deixo abater. Sempre deixo quem lança essas pérolas sem graça ao perguntar simpática e sorridente: Por quê? Ai, eles gaguejam...

^ | v - Responder - Compartilhar



Mercedes Gameiro · 4 anos atrás

Oi, eu sou branca. Assim, MUITO branca. Branca chamada de Polaca. Deixa eu falar que lá na minha terra (Curitiba), a mão-de-obra-barata-importada não foi a negra, nem a nordestina, foi a mão de obra Polonesa. Na infância, quase todas as empregadas domésticas que conheci eram polonesas com sotaque. E aí que o termo "POLACO" é tão ofensivo e racista e inferiorizante quando os criados para indicar os negros, ou o termo "baiano", cirado pra indicar breguice, burrice, inferioridade, pobreza. Mas vim aqui só pra dizer que odeio quando alguém descreve um negro como "aquele moreninho". Moreninha é a minha irmã mais velha, que tem cabelos negros e bronzeia fácil no sol (ao contrário de mim, porque polacos ficam cor-de-rosa). Eu não sei reconhecer simplesmente porque moreno não é negro. Outra forma de racismo pavorosa e xenofóbica que já escutei muitas vezes é: "eu gosto dos negros, o problema é o mulato. Mulato é preguiçoso." - o que na minha opinião, é um claro repúdio à mistura de raças, tipo "que horror ir pra cama com um negro!"

Era isso...

^ | v · Responder · Compartilhar



Brenda · 4 anos atrás

Oii Gostei muito do texto. Queria só me manifestar e dizer que "voce é uma negra muito bonita" não é dizer "vc é a exceção dos negros, é bonita". Dizemos "voce é uma loira muito bonita" e com isso ninguém quer dizer que as outras loiras são feias.. é apenas uma característica a mais. ouço muito "você é uma magrinha muito bonita" e não consigo pensar nisso como uma frase que enfeia as outras magrinhas.

Mas não sou negra, to só expressando minha opinião mesmo.. Nunca vivi a experiência de ser chamada de negra bonita, portanto, caso esteja falando besteira algm me diga.

Achei o negócio do "morena" ao invés de "negra" nito bom tbm!!! Já conversei sobre isso com uns amigos. Parece que tentam botar um eufemismo no lugar. Mas PRECISA de eufemismo? É lógico que não.

^ | v · Responder · Compartilhar



Charô · Brenda · 4 anos atrás

O problema não é ser chamada de bonita, o problema é te dizerem que você é bonita mesmo sendo negra por exemplo. Espero ter esclarecido.

^ | v · Responder · Compartilhar



natany · 4 anos atrás

Olal

Otima postagem, concordo muito com o q vc disse. Nao sou negra ,mas ja vi amigas ouvindo essas coisas

minha mae é branca e minha avó é negra. Mas puxei mais o lado dela. Sou uma morena clara, porem de cabelo liso. Todos na minha casa sao brancos, e ja ouvi palavras preconceituosas de pessoas da minha propria familia. Ja cheguei a ouvir de alguns que eu teria o "privilegio" de segurar a sombrinha da sinhazinha se eu fosse escrava. Vai vendo. É muito triste todo esse preconceito. Afinal todos viemos do pó e é pra lá que iremos no final.

Esse preconceito so mostra o quanto a humanidade é ignorante.

^ | v · Responder · Compartilhar



Jelu · 4 anos atrás

Elogios Infames:

- "Nossa, essa negra é linda. Imagina se escovar esse cabelo..."

- "Mas você nem é tão negra assim".

- "Mas você não precisa dizer que o seu cabelo não é crespo" (porque é um black com cachos)

...entre outros.

^ | v · Responder · Compartilhar



Luiz Gustavo → Jalu · 4 anos atrás

Jalu, o problema em falar que o cabelo de alguém é crespo está também no dicionário, porque pode ser pejorativo, veja:

crespo

cres po

(é) adj (lat crispu) 1 Que tem superfície áspera, rugoso. 2 Encaracolado, frisado, rizado. 3 Agitado, encapelado, encarneirado (diz-se do mar). 4 Escabroso, escarpado. 5 Diz-se do estilo de construção difícil. 6 Arrogante, ameaçador. 7 Rude. 8 Bot Designativo das folhas onduladas na margem. 9 pop Difícil. 10 Exaltado. 11 Diz-se de certa variedade de capim-gordura. 12 pop Difícil, perigoso. sm pl Franzidos, pregas, rugas. Antôn (acepções 1 e 2): liso, macio.

Destaco o 6º ponto ( Arrogante, ameaçador), acho que não devia estar dessa fma. Abraço.

Fonte: <http://michaelis.uol.com.br...>

^ | v - Responder - Compartilhar



PRISCILLA CABRAL · 4 anos atrás

Adorei o texto, sou branca, tenho amigos negros, tenho ex negros, amo a cultura, o talento, odeio a nossa história no que diz respeito as barbáries, sei que o preconceito é velado e existe sim, e gostaria de pedir aos pais que elogiem muito seus filhos, desde sempre, que digam o quanto são lindos, que mostrem a eles a história dos negros que lutaram e morreram pela igualdade, dos músicos, atletas e famosos que tomaram e tornam nosso mundo melhor! Uma amiga que estava cursando pedagogia precisava fazer um trabalho sobre os negros e estava sem tempo, eu fiz um trabalho simples, direcionado as crianças, para fácil entendimento. Se tiverem interesse é um PDF e está no link a seguir, quem não conseguir pode me enviar um e-mail: [priscilla.cabral@gmail.com](mailto:priscilla.cabral@gmail.com). Super beijo. <http://www.sendspace.com/fi...>

^ | v - Responder - Compartilhar



Sérgio Melo · 4 anos atrás

Parabéns pelo texto, como homem tenho a vergonha de dizer que já usei dois desses supramencionados "elogio", lendo esse texto me remeto a pensar e a refletir, tento a certeza de não cometer esse delito racial, Amplexos as todas as mulheres que aqui deixaram sua contribuição.

^ | v - Responder - Compartilhar



Carmen Cruz · 4 anos atrás

A questão da "bunda" e de reduzir a mulher negra a um pedacinho do seu corpo, não é pelo fato de ser negra, mas pelo fato de ser mulher! td mulher independentemente da etnia, da cor, do tamanho passa por isso! isso é machismo, não racismo!

^ | v - Responder - Compartilhar



Carlos Alberto Pinheiro Marque · 4 anos atrás

Infelizmente o racismo é cultural

^ | v - Responder - Compartilhar



Juliana Vieira · 4 anos atrás

Bom após ler vários comentários e relatos de preconceito eu vou contar o meu.....

Sofri vários preconceitos em várias etapas da minha vida, a primeira foi aos 7 anos de idade na escola por uma professora branca que se recusava a me ensinar, eu era a única negra dentro da sala onde ela me colocava no fundo da sala me excluindo dos demais, ela me usava de exemplo pro resto da sala falando pros alunos não serem igual a mim, burra, ignorante e isso tudo de pé na frente de todos da sala.....conclusão repeti a segunda série.

o Segundo momento foi ainda na escola, nessa época eu já tinha 12 anos....era hostilizada por uma menina da minha sala que era branca, loira de olhos verdes, ela fazia piada com meu cabelo crespo e com a minha condição social e incentivava os outros a fazerem o mesmo, nessa época eu já não era a única negra dentro da sala de aula tinha mais uma, mas eu era alvo pq tinha resposta pra tudo e tinha orgulho da minha cor e isso revoltava mais ainda a menina, foi então que ela literalmente comprou quase metade da sala pra pararem de falar comigo e me excluírem nos intervalos das aulas.

o Terceiro momento foi já com 17 anos quando tive meu primeiro namorado que era branco de classe média, havia um preconceito velado pelos pais dele e pelo irmão mais novo, o maior medo dela a mãe era que eu quisesse engravidar do filho dela, fora o apelido que descobri que ela tinha colocado em mim e que era assim que se referia quando conversava com outras pessoas da família (Negrinha Cheche lenta).

E por ultimo foi quando eu tinha 19 anos no meu primeiro emprego, sou secretária de um médico e onde trabalho na época havia uma outra secretária de um outro médico que ficava na recepção do consultório, durante quase o dia todo eu ficava em uma outra sala com os meus afazeres de secretaria e no final da tarde a outra moça ia embora por conta da faculdade que ela fazia e eu então assumia a recepção...um belo dia fizemos a troca e uma paciente que estava esperando a consulta se virou a mim e disse "Quanto que vc cobra pra fazer faxina aqui? pq eu to precisando de alguém pra limpar a minha casa"...ou seja eu negra não poderia fazer outra coisa aqui se não fosse pra limpar?? sem falar que as pessoas entram aqui procurando a "Juliana" secretária do Dr. e quando se deparam comigo não acreditam que estavam falando com uma negra ao telefone.

Enfim são relatos que aconteceram em vários momentos da minha vida, eu sendo mulher e negra acho q sofro bem mais preconceito.

^ | v - Responder - Compartilhar



Eva · 4 anos atrás

Alguém já ouviu o elogio 'você é uma branca muito bonita'? Então,

^ | v - Responder - Compartilhar



Myrella · 4 anos atrás

Sempre bom saber quando você tá ofendendo alguém sem perceber.

Eu sou bem branquela e falo isso sem orgulho, porque sei exatamente o quanto eu já fui bem aceita sem nem provar o meu valor, exatamente porque a cor da minha pele ou do meu cabelo já falavam por mim antes. Muita gente comentou falando: aaah, mas não acho que seja racismo se a pessoa tá falando sem a intenção. Quer dizer, se eu quero fazer sexo com você e te apalpo sem a sua permissão, tudo bem porque é só 'carinho' e não estupro?

Como falei no início a visão que alguém que não divide as mesmas experiências vindas de uma condição imutável sua, sempre terá uma percepção diferente das coisas e a minha era sobre o cabelo. Eu sempre achei muito fascinante os cabelos que eram diferentes dos meus e aí sempre pedia pra encostar. Me sinto envergonhada agora. Obrigada por isso.

^ | v - Responder - Compartilhar



Ligia · 4 anos atrás

Muito bom o Texto.

Quería entrar em contato

Bjs Ligia

Revista Crioula - O Universo e a Valorização da Raça Negra

^ | v - Responder - Compartilhar

 **Ama** - 4 anos atrás

Acredito que seu texto se adapta para todas as mulheres, não especificamente as negras. Não me leve a mal, não sou negra, mas tenho descendências mistas, como o europeu, indígena e afró. Vejo os atos de racismos, com qualquer etnia ou origem, como algo tão arcaico. Já defendi e fui defendi em situação desse tipo e, concluí, que quem toma uma atitude preconceituosa como essas é um simples palerma, por não respeitar a pessoa em si, e não apenas suas origens. Não existe racismo, existe gente pobre de espírito que vai SEMPRE discriminar o próximo, vai sempre defender só os interesses deles e vai sempre viver num universo tão minúsculo, que é o mundo imaginário que ele criou, onde as coisas são ao modo dele e o que tiver fora desse modo, não faz sentido e deve ser repreendido.

^ | v - Responder - Compartilhar

 **Charô** ➔ Ama - 4 anos atrás

EXISTE SIM.

^ | v - Responder - Compartilhar

 **elisaduarte** - 4 anos atrás

Oi Charô, seu post me fez lembrar minha infância, no colegio, eu procurava por uma inspetora. Eram duas, uma albina, e a outra, negra. disse que procurava pela negra. tomei advertência verbal por ter chamado a inspetora negra de negra. a diretora do colegio me olhou como se eu fosse a pior pessoa do mundo. Mas a pior pessoa do mundo daquela sala, olhava pra mim.

^ | v - Responder - Compartilhar

 **Denis** - 4 anos atrás

Quero enterrar minha cabeça num buraco quando escuto alguém falar "Ela é negra mais é uma boa pessoa" .. (Minha mãe diz isso da ex-noiva do meu irmão!) ~~~ aff...

^ | v - Responder - Compartilhar

 **Liliane** - 4 anos atrás

Concordo com tudo! Bela voz e cor que dizem tudo isso, que há tempos queria ver no mundo!

^ | v - Responder - Compartilhar

 **Marcelo Caitano** - 4 anos atrás

Muito bom o texto!

Um amigo um dia me corrigiu e nunca mais esqueci.

Não use o termo denegrir, pois equivale a tornar de forma negativa algo em negro.

Preconceito puro.

^ | v - Responder - Compartilhar

 **Ney Freitas** - 4 anos atrás

Adorei o post!!! Maravilhoso! Infelizmente passamos por isso, cabe a nós nos amarmos, nos dar valor e mostrar para todos, que não somos melhores e nem piores que ninguém... Somos seres humanos, mulheres iguais as outras, sendo elas brancas, verdes, amarelas, vermelhas.

^ | v - Responder - Compartilhar

 **Marina Brasil** - 4 anos atrás

Ouvi o seguinte: -"Tu és moreninha mas és inteligente !Respondi tu és branquinha e já não posso dizer o mesmo(sei que não fui educada). Também não deixo me chamarem de pretinha! Preto é o nome de uma cor. **SOU NEGRA** !

Não há nada mais racista do que essas campanhas -anti-racismo- nas redes sociais.

Mas Negro é lindo!Bjks.

^ | v - Responder - Compartilhar



Mônica Fagundes da Silva · 4 anos atrás

Maravilhoso! Expressou tudo o que nós sentimos com os elogios racistas. Em relação ao comentário do cabelo depende da pessoa, da situação. Talvez em alguns casos não seja mesmo racismo. Mas o restante dos elogios é muito pertinente!

^ | v · Responder · Compartilhar



Nina · 4 anos atrás

Olá Charó,

Primeiramente gostaria de aplaudir a tua iniciativa em discutir o não dito que a sociedade brasileira tolera à tanto tempo. Para mim, o importante mesmo é falar sobre toda a opressão que a mulher brasileira ainda sofre nessa sociedade machista e paternalista.

Deixo aqui minha pior experiência racista em terras brasílis: eu tinha aproximadamente uns 16 anos... muito ingênua e romântica e infelizmente naquela época meu padrão de beleza era alimentado e construído pela mídia, ou seja, loiro de olhos azuis. Um amigo do meu primo recebeu na casa dele um alemão numa espécie de intercâmbio ou algo do gênero com essa descrição e eu imediatamente fiquei encantada quando o conheci. Fomos num grupo pra um bar ou clube e eu tentando o meu melhor para que ele me notasse puxava assuntos à torto e a direita, até que ele me disse da maneira mais abominável possível que ele não se sentia atraído por mim... ele disse que eu deveria ir procurar um dos meus. O que mais me ofendeu não foi necessariamente o racismo dele, e sim ele vir para o meu país e ousar se achar no direito de ser racista!!!

Não entrarei no mérito do racismo em si pois passaria horas à escrever um comentário que viraria um ensaio sobre o sujeito, então, me contentarei a dizer que eu não acredito em raças, assim como não acredito na história do mundo ter sido criado em 7 dias. Não existe, para mim, raça negra, branca, amarela, vermelha, etc, etc, etc e sim a raça humana. O resto é cromatismo. Ponto final.

Partindo desse princípio, sempre me incomodou muito e a vida inteira quando ouço alguém fazer alusão a uma pessoa com relação à cor de sua pele, seja ela qual for. Não entendo a necessidade de classificar as pessoas. Eu não vejo as pessoas em cores, e sim como pessoas. Discordo plenamente de todos esses "termos" que foram criados um século atrás tais como "pardo", "mulato", "mameluco" para classificar uma população que não precisa de outra denominação que não brasileira para se reconhecer enquanto povo e que, arcaicamente, ainda hoje são utilizados. O mais recente me irritando de uma maneira particular é o tal "afro-brasileiro" diretamente importado dos Estados Unidos. O porque de ainda hoje insistirmos em copiar um povo ignorante no que se refere à racismo ainda hoje me intriga.

Eu não sou negra, nem branca, tão pouco morena, e desafio qualquer um a tentar me classificar avisando de antemão que será uma batalha perdida. Minha ascendência não me resume como pessoa, e acredito que ninguém deveria aceitar ser classificado. Não acredito ter conhecido na minha vida inteira pessoas negras no Brasil. Assim como não conheço pessoas brancas. Talvez uma família que morava na minha rua, mas tenho até hoje as minhas dúvidas. Acredito que no Brasil não existam negros. Todas as pessoas tiveram (num geral com exceção de tribos indígenas que nunca tiveram contato com a civilização), em algum ponto na história de sua família, a mistura inevitável que compõe a história de nosso país, e uma vez misturado, não existe mais volta. O mesmo acontece com as tais chamadas pessoas brancas.

O racismo e o preconceito só existem ainda hoje porque a maioria ainda participa e compactua ativamente ou pacificamente para propagá-lo, e muitos o fazem porque são ignorantes.

Sei que soa clichê dizer que cada um tem que fazer a sua parte, mas essas últimas semanas de protestos tem provado o quanto isso é verdade. E isso vale para o ignorante machista que desrespeita a mulher brasileira, esteja ela aonde estiver, com "elogios" racistas ou não.

A melhor maneira de lidar com os tais "elogios" na minha opinião? Educar a pessoa equivocada, se o tempo e a paciência o permitir. Caso contrário, reagir com a mesma atitude: ignorância (no caso, ignorando completamente sem se deixar afetar por um pequeno comentário que não representa absolutamente nada vindo de uma pessoa estranha que não faz parte de sua vida).

Obrigada Charô pela oportunidade. Espero ter podido contribuir um pouquinho para uma discussão que deveria fazer pauta do dia-a-dia da sociedade brasileira. E como dizia meu primo, força na peruca!

)

^ | v - Responder - Compartilhar >



Lillian Esperança → Nina · 4 anos atrás

Olá Ninal

Gostei muito da sua colocação, principalmente ao termo afro-descendente. No mais, posso dizer que já fui repudiada por homens negros, que tinham o desejo de clarear a família e, hoje, sou casada com um homem branco, que apesar de haver sido criado nos preconceitos de nossa sociedade e me trata melhor do que muito homem negro.

^ | v - Responder - Compartilhar >



Renato Pinto Michishita · 4 anos atrás

Sou homem, descendente de japonês por parte de pai e português por parte de mãe.

Sempre pensei muito sobre o tema racismo e preconceito. Os descendentes de japoneses passam por esse problema no próprio Japão, onde vivi por 18 anos.

Gostaria de opinar sobre esse assunto e desenvolver o assunto com as demais pessoas, mas parece que o pedido de opiniões é dirigido somente às mulheres negras...

Estou certo ou posso deixar minhas opiniões também?

^ | v - Responder - Compartilhar >



Talita Cordeiro · 4 anos atrás

Charô, amei o seu textol Mas gostaria de fazer um "desabafo". Acho lindo os traços tanto físicos quanto culturais da raça negra e, não tomo chamar alguém de Negro(a) como ofensa, jamais. Sou beem branqueia, e, infelizmente ao chamar alguém de negro MUITA gente tanto negra quanto branca me interpreta como se estivesse falando mal da pessoa, como se eu estivesse xingando o negro em questão. Infelizmente vivemos numa sociedade extremamente preconceituosa que ao verem uma branca como eu chamar alguém de negro já pensam que estou dando uma conotação ruim para a tal pessoa. É triste...

^ | v - Responder - Compartilhar >



Maria Eduarda Giering · 4 anos atrás

Não sou negra, mas tenho uma filha negra e sei bem o que é o preconceito. Muito bom seu post!

^ | v - Responder - Compartilhar >



Alexandre · 4 anos atrás

Charô,

Concordo com quase tudo. Mas quem está paquerando, está afim de "namorar".

Independente de ser negra, não seria natural hipersexualizar uma paquera quando há espaço pra isso??

^ | v - Responder - Compartilhar >



JORGE DE SOUZA... SANTA ROSA · 4 anos atrás

O tema merece debatido à exaustão. Sou negro assumido soteropolitano e, destes comentários dentre os que me chamaram a atenção resalto o da senhorita ou senhora Jucinara Reis postado ontem. Nestas ocasiões é realmente difícil se identificar a real intenção do não negro, então porque só a interpretá-la como maldosa, pejorativa ou racista,

^ | v - Responder - Compartilhar >



Simone · 4 anos atrás

Entendo perfeitamente o que se passa com os negros em nosso país, aqui existe um racismo velado, que creio ser o pior dos racismos! Porque um sujeito é preconceituoso e não admite que é, mas sabe de modo perverso como "cutucar" o outro sujeito que ele supõe, pela cor da pele, ser inferior à ele.

Eu adorei uma entrevista do Chico Buarque quando ele diz que, nenhum de nós brasileiros é branco, acho lindo isso, somos todos mestiços, temos o índio, o negro, o português, o italiano, enfim, somos todos seres humanos e merecemos respeito! Vejam os índios, sendo exterminados e lutando sozinhos, só sabemos pela internet o que acontece com eles.

E a mulher em especial ainda sofre mais preconceito por ser mulher, ainda somos consideradas seres inferiores, ainda recebemos salários mais baixos, ainda tratadas como objeto, acho que estamos em uma trajetória, ainda falta muito para que as pessoas vejam as outras pessoas como seres humanos, independente de qualquer coisa.

Por isso me recuso colocar aqui se sou branca, negra, índia ou seja lá o que for.

Sou um ser humano que mereço respeito e isso basta.

^ | v · Responder · Compartilhar



Marcelo Tyr · 4 anos atrás

Ser negro no Brasil é complicado. Não tenho mais onde ser preto (negro, tanto, faz!) e ainda me chamam de 'moreninho'.

Mais uns 500 anos e isso passa. Gostei do texto.

^ | v · Responder · Compartilhar



Maria · 4 anos atrás

Eu acho que tudo depende da maneira como é dito. Eu sou branca transparente e já escutei cantadas "vc é uma branquinha linda" pq tem problema em ser chamada de negra linda?

As vezes a pessoa vem elogiar na boa intenção, mas só pq usou a palavra errada... leva uma patada? Quando se é negra é uma característica marcante, sou branca transparente e tb é uma característica marcante.

Eu tenho o cabelo colorido e já me apareceu gente falando que é lindo e perguntou se pode por a mão. Eu achei estranho da pessoa querer mexer no meu cabelo, mas entendo pq eh cabelo diferente... uma negra com cabelo grande é natural, tb num se vê tanto por aí.

Acho que tudo depende de como a pessoa fala, não trate com grosseria quando alguém vem numa boa com elogio. Só agradeça! Tb se ofender, manda a merda haahha

^ | v · Responder · Compartilhar



Jennifer Machado · 4 anos atrás

'Mulata' Palavra de origem espanhola, feminina de "mulato", "mulo" (animal híbrido, resultado do cruzamento de cavalo com jumenta ou jumento com égua). As palavras "mulato" e "mulata" foram usadas de forma pejorativa para os filhos mestiços das escravas que coabitaram com os seus senhores brancos e deles tiveram filhos.

^ | v · Responder · Compartilhar



Guilherme Brighente · 4 anos atrás

Você está exagerando. Desde quando "você tem uma bunda linda" expressa racismo? Branca também tem bunda. Não concordo com esse elogio, realmente é uma coisa bem grosseira de se dizer a uma mulher, mas ele talvez expresse sexismo, nunca racismo.

^ | v · Responder · Compartilhar



Maurice Assis - 4 anos atrás

Sou casado com uma mulher negra e já sai com outras mulheres negras, mas não me lembro de ter falado pra alguma delas "Vc é uma negra muito bonita", me lembro de dizer "Vc é uma mulher bonita, ou simplesmente, vc é muito bonita." Eu amo minha mulher independente da cor da pele dela, eu amo minha mulher e pronto!

^ | v - Responder - Compartilhar



Caroline - 4 anos atrás

Respeito suas ideias, mas acho que tudo isso só alimenta o auto preconceito. Dá senhora que quis mexer no seu cabelo. Sim é raro ver negros deixando o cabelo natural (lindo), a maioria alisa. Acho um gesto de admiração. As vezes o que as pessoas tentam dizer de uma maneira vocês encaminham para o preconceito.

^ | v - Responder - Compartilhar



Renata Pereira Ferro Gil - 4 anos atrás

Um adendo: sou parda, está na minha certidão de nascimento e me orgulho disso (apesar dos outros me dizerem que não) e gostaria de explicar o termo morena. Eu por ex. sempre tive uma dificuldade enorme na palavra negro. Não pq era algo diferente pra mim, pq nunca foi, mas puramente pq não sabia como a pessoa reagiria. Negro? Ou moreno? O racismo e o preconceito no Brasil é ensinado ainda na barriga da mãe, entranha no cérebro e vc nem mesmo percebe o quanto pode estar sendo preconceituoso(a). Tenham isso em consideração quando vcs ouvirem essa expressão, moreno, pq eu acho que muitos não querem ofender ninguém, apenas não tiveram educação suficiente pra entender que negro é negro em todas as nuances da cor da etnia e ponto final. (se ferir alguém com o q disse, peço desculpas antecipadamente - o texto é um mea culpa gigante)

^ | v - Responder - Compartilhar



cristina - 4 anos atrás

Boa noite,

Ainda acho, que o pior assédio sexual vem da maioria dos cafajestes que não se pode chamar de homens para cima das mulheres em geral, sendo elas; negras, mulatas, ruivas, loiras, pardas, índias, galegas, polacas etc...Quando um homem não consegue segurar sua cabeça em cima do pescoço e frear sua língua para dizer aberrações do tipo, oi Gostosa, pô que peitão... Ou simplesmente, olhar de um jeito vulgar que chega a mulher se sentir como se estivesse sem roupas. Mulher branca também sente ofendida quando a chamam de galega azedall

^ | v - Responder - Compartilhar



Sylvia - 4 anos atrás

Não sou negra e concordei com a maioria das colocações, mas, infelizmente, acredito que o pior de tudo isso é a visão que os homens têm da mulher de modo geral. Algumas dessas cantadas são comuns a todo tipo de mulher e revelam a falta de valor a individualidade e características de cada uma de nós. Estamos sempre sendo tratadas como "a loira", "a negra", "a gostosa", "a etc"...ou seja; um produto, algo a ser avaliado...a sensação é de que não estamos sendo vistas e isso é terrível!

^ | v - Responder - Compartilhar



Nathalie - 4 anos atrás

Adorei o post, e desde criança acho preconceituoso se referir a um negro como moreno. Eu sou morena filha de branca e de negro, e quando alguém ia se referir ao meu pai como moreno, eu sempre interpelava: "ei... não, ele não é moreno, É NEGRO." Eu percebo realmente, até na faculdade, tem uma negra linda na sala, e quando vão se referir a ela dizem: sabe aquela morena? Não gentill! Ela é NEGRA! E qual é o problema disso? É como se os negros sofressem se nós o chamarmos de negros, como se SER MORENO fosse algum ideal superior... aff é um ranço de ignorância que parece não ter fim de verdade, mas ele terá! Tenho fé! :D

^ | v - Responder - Compartilhar



PAULO FERNANDO DA SILVA · 4 anos atrás

MULHER, NEGRA. SIMPLES COMO O TEXTO.

^ | v - Responder - Compartilhar



Carolina · 4 anos atrás

Queria agradecer pela luz que esse post traz. Somos submetidos todos os dias a preconceitos "por baixo do pano", aquele que não se tem a intenção. Eu nunca tinha parado pra pensar, mas eu mesma já teci comentários do tipo, como "que negra linda". Fica a lição, o importante é estarmos sempre aprendendo. E hoje aprendi com você, obrigada.

^ | v - Responder - Compartilhar



Renata · 4 anos atrás

Isso acontece todo o tempo. Ao invés de dizerem negra, dizem morena, como se a palavra "negra(o)" fosse algo pejorativo.

^ | v - Responder - Compartilhar



Jucineira Reis · 4 anos atrás

Não é tão simples identificar, nem é tão simples classificar.

A verdade é que vejo dois lados dessa moeda:

1. De tanto apanhar, por vezes saímos em atitude defensiva, melhor dizendo, contra-ataque contra pessoas que nunca quiseram nos ofender, mas, tem essas atitude enraizadas inconscientemente. Que tal, em vez de partir para a ignorância, demonstrar uma postura de autoafirmação e valorização?

Ex.: Hoje um representante de uma marca de cosmético me falou: "Moça, o poder está na guanidina (acho que é assim que se escreve)". Eu simplesmente sorri e falei: "Obrigada, mas, amo os meus cachos".

2. As pessoas falam isso sem perceber o quão agressivo e doloroso é ouvir. Às vezes falam como se estivessem fazendo um favor, tentando ajudar.

Ex.: "Teu cabelo é bonito, mas, se eu fosse você, dava um relaxamento, só pra definir os cachos"

Já vivi muitas situações dolorosas, inclusive com meus parentes. A maioria com a postura de "ajudadores".

^ | v - Responder - Compartilhar



Marília · 4 anos atrás

O termo "mulata" é sempre horrível de ouvir. Até onde me recordo e li, deriva da palavra "mula". Eu não sou mula, eu sou negra. É pronto.

Gostei do texto, mas retiraria esse termo.

^ | v - Responder - Compartilhar



ANAMARIA · 4 anos atrás

MUITO LEGAL O TEXTO E CONCORDO QUE TAIS ELOGIOS SEJAM FALSOS E NÃO SÃO DE BOM TOMIOS NEGROS DVEM SER CHAMADOS DE NEGROS SÃO LINDOS ATUALMENTE SUPER VALORIZADOS ,NÃO SÓ PELA SUA BELEZA, COMO TBÉM PELA SUA INTELIGÊNCIA E POSTURA ATRAVÉS DOS TEMPOS. FALSOS ELOGIOS DÃO UMA CONOTAÇÃO RACISTA, MASSSS EU PARTICULARMENTE CHAMO MEUS AMIGOS DE NEGUINHO(A) ,MESMO SENDO BRNCOS RSRRSRS E FICA SEMPRE TUDO MUITO BEMÉ PRECISO TER INTIMIDADE PR QUE SOE NATURAL, SEM PRECONCEITOS#PELO AMOR DE DEUS NÉ "GENTIII"II????

^ | v - Responder - Compartilhar



Natália · 4 anos atrás

A primeira frase é a mais forte de todas, infelizmente a sociedade brasileira além de machista é racista, complicado lidar com esse tipo de abordagem gratuita e ofensiva.

^ | v - Responder - Compartilhar



Ceres · 4 anos atrás

Tenho 18 anos, e desde que me conheço por gente me deparei com um certo conflito por ser negra. Agora, felizmente, muito menos pertinente - aliás, quase não existe. Antes o problema era na escolinha, quando eu não podia dizer que Fulana ou Ciclana eram morenas porque eram brancas de cabelo escuro. "Morena" era adjetivo só para mim, a negrinha. E claro, ninguém queria me chamar assim. E eu não queria ouvir.

Até que um dia, quando já estava lá pro final do ensino fundamental, eu estudava em uma escola que tinha um servente que é negra. Lembro-me da diretora pedindo a palavra, de sala em sala, de mãos dadas com a tal (não me lembro o nome, infelizmente) e dizendo assim que soava preconceituoso quando nos referíamos a ela como "aquela moreninha", afinal, dizer que ela é negra não tinha nada de errado. Ela é assim e ponto.

Meu Deus, pensei. Eu sou negra. E aquilo era novo para mim. Foi aí que participei da comunidade "Morena, eu? Não, sou negra e linda" no orkut.

As pessoas se assustam quando eu digo que sou negra. Ainda mais quando, em algumas provas ou vestibulares, tenho que marcar a opção "preta" "Não Ceres, que isso, você é morena!"

Mas a questão pra mim é a seguinte: isso (para acreditar que o mundo é bonito) é questão de informação. Os caras têm medo de gritar "Éh negra bonita" quando nos veem na rua. As pessoas não sabem que eu me aceito e me amo assim. É compreensível porque esse pensamento era meu também. Porque com 5 anos de idade eu chorava por meu cabelo ser diferente de quem estudava comigo, e a cor da minha pele também. Nasci nesse meio.

Por isso não ligo tanto de ouvir "Você é uma morena muito linda." Sei que soa preconceituoso, mas se eu que sou negra demorei tanto tempo pra sacar, imagina pra quem tá de fora? Já me incomodei demais com isso, mas não adianta muito. Fico irritada, e deixo de curtir a cantada.

Mas - com certeza! - se me perguntarem sobre isso, encherei o peito e direi: "Morena, eu? Não! SOU NEGRA E LINDA."

^ | v · Responder · Compartilhar



Nino Yoshida · 4 anos atrás

Olá Charo, parabéns pelo texto. Achei o blog muito interessante, divertido até. Mas, barbaridade, uma coisa que tenho notado é que o governo PeTrailha tem disseminado o ódio racial. É lamentável.

Grato.

^ | v · Responder · Compartilhar



Adriana · 4 anos atrás

A do cabelo não sabia que era ofensivo, de verdade, eu sempre elogio cabelos crespos e afros não só pq gosto mas pra demonstrar e até 'incentivar' a pessoa, sabe ... inflar o ego mesmo.

^ | v · Responder · Compartilhar



Camila Fernanda · 4 anos atrás

Garota parabéns! você conseguiu expressar o que me enoja nesses falsos elogios enraizados de racismo. Certa vez, na minha cidade em um local de classe média alta um homem me abordou com o seguinte comentário: "é neguinha, mas é linda". Eu me mantive séria, mas até hoje me arrependo de não ter destilado um ; vá si ferrar! Eu acredito que esse tipo de atitude racista tem que ser combatida na mesma hora.

^ | v · Responder · Compartilhar



Lúcia Gomes · 4 anos atrás

Amei o texto

^ | v · Responder · Compartilhar

 Eliana Angélica Peres D'Alessa · 4 anos atrás  
Séculos aprendendo que ser negro era feio.....deu nisso. É urgente valorizar todos os tipos de beleza. Não deve haver padrões em se tratando de gente. Sou artista plástica e criei uma estética minha para designar o cabelo dos negros. Se tiver curiosidade entre no meu face.  
Na minha sala na universidade de ciencias sociais, eramos tidos como a sala dos maloqueiros (tinha mais mulheres, negros e homossexuais... a melhor sala!!!)  
^ | v - Responder - Compartilhar

 cris · 4 anos atrás  
Amei seu texto muito muito bom. Já escutei todos esses elogios e outros piores como "Gostaria muito de dormir com uma mulher negra dizem que elas são melhores de cama", etc odeio isso odeio.  
^ | v - Responder - Compartilhar

 Celia Regina Ferreira Silva · 4 anos atrás  
Concordo plenamente conheço bem esses "elogios" e sempre me indignei, principalmente com o "vc e uma negra muito bonita", da vontade de reponder por que ser negro é feio? Outra coisa que gera desconforto em algumas pessoas é se auto denominar negra/preta, parece palavra...  
Ótimo texto, diz exatamente o que nos mulheres negras, ouvimos desde de cças...  
^ | v - Responder - Compartilhar

 Luis · 4 anos atrás  
Achei o seu blog muito interessante e inteligente. Mas essa questão de como se aproximar de uma pessoa de outra etnia, especialmente no caso dos negros, é uma coisa tão complicada. Não deveria ser assim. Por exemplo, eu moro no exterior, e aqui, se eu me referir a alguém com negro, essa é a maior das ofensas, punível com processo por discriminação. Aqui tenho que me referir ou como "afro..." ou "preto (black)". Isso gera uma confusão tão grande, que às vezes simplesmente não sabemos qual a melhor forma de nos expressar. Por isso, é melhor mesmo ficar no genérico, sem referências que possam ser associadas à intenção de ofender ou denegrir.  
^ | v - Responder - Compartilhar

 **Thais** → Luis · 4 anos atrás  
No caso, é porque aí no exterior a palavra "negro" ou "niger" tem outra conotação, que não é o mesmo que "preto". Em português, negro ou preto dá no mesmo, significa apenas a cor.  
Da mesma forma que aí você pode dizer "black", a tradução é "preto" ou "negro".  
^ | v - Responder - Compartilhar

 Denise Telles · 4 anos atrás  
Perfeito o seu raciocínio. Sou negra e também odeio ser chamada de "morena". Mas aqui discordo de você. Não acho que o perpetrador considere a palavra "negra" como ofensa racial. O raciocínio dele é o seguinte: essa pessoa aqui na minha frente é linda e inteligente, portanto só pode ser "morena", porque "negras" não são lindas e inteligentes. Ou então: só me dou ao trabalho de falar com ela porque ela é "morena". Se fosse "negra" eu nem perdia meu tempo. É como se ele estivesse nos dando um upgrade, porque assim ele não se sente rebaixado.  
^ | v - Responder - Compartilhar

 **Michele** → Denise Telles · 4 anos atrás  
Dãããã vc acabou de se contradizer. Se isso não é ofensa racial, é o que então?  
^ | v - Responder - Compartilhar

 Gabriela · 4 anos atrás  
Simplesmente AMEI o post. Não entendo porque as pessoas se sentem tão apavoradas em chamar um NEGRO de NEGRO. Tenho vontade de gorfar quando alguém me chama de morena. Eu insisto dizendo que não sou morena, sou negra, sou preta.  
Chamar alguém de negro não é xingamento. Óbvio que certas pessoas ignorantes usam a expressão como uma forma de ofensa, mas por favor né gente!!!  
Morena é o raio que um dia lhe partirá, eu sou NEGRA.  
^ | v - Responder - Compartilhar



Jeferson → Gabriela · 4 anos atrás

Querida Gabriela. Vc tem toda a razão. MAs infelizmente por conta de algumas pessoas e ainda sim com essapalhaçada de politicamente corteto, as pessoas acabam falando coisas do tipo "...aquela moreninha que veio ontem..."; sendo q essa "moreninha" é negra. O medo de referir-se ai negro como negro, é construído a partir dessas situações, q até mesmo alguns negros, infelizmente sustentam. Estava eu em um ponto de ônibus quando um van abriu a porta para entrar um passageiro. Tinha duas negras sentadas. Até ai tudo normal. Mas depois o cobrador da van anunciou o destino da van, onde ela passava, como de costume. Um cara, q era negro tambémk, e outro q não, fizeram uma brincadeira no intuito de dar em cima das meninas negras. Ai ele me manda uma dessa. "Sô se essa morena me levar junto". Pô, o cara é negro e manda uma dessas. NA hora perguntei: "morena? Que morena?" A própria menina me olhou com espanto e o cara também. E detalhe: ainda mencionei, na maior cara de pau, q não tem problema nenhum em falar mulata. O q me assustou foi a cara q eles fizeram. MAs as pessoas tem q acabar com esse negócio mesmo.

^ | v - Responder - Compartilhar



Deborah → Gabriela · 4 anos atrás

Oi Gabriela! Eu sou mulher e negra. Eu assumi meu afro faz dois anos e fico muito feliz quando vejo na rua outra mulher negra com o cabelo natural. Fico tão feliz que costumava elogiar a pessoa por demonstrar sua negritude de jeito tão lindo. Bem, eu disse costumava, porque uma vez fui elogiar dizendo "é muito bom ver outras mulheres negras abraçando seus cachos.." e tive como resposta uma mulher fazendo escândalo querendo saber "quem é você pra me chamar de negra?". Era uma mulher de pele mais escura que a minha, de cabelo mais crespo que o meu, uma mulher negra, linda e com cabelo maravilhoso que estava ali na rua gritando comigo. Eu queria elogiar e acabei ofendendo. Hoje sou mais cuidadosa com elogios e, se não consigo resistir, chamo de morena. Se a pessoa retrucar dizendo que é negra eu explico, se não, fica morena mesmo. E quando ouço alguém me chamando de morena não me irrita mais. Existe sim estigma no Brasil e, se é difícil pra um negro abordar outro enquanto igual, imagina pra um branco! Eu sei que cada caso é um caso e tem gente que simplesmente não consegue imaginar que algum negro seja bonito e apela pro "moreno", mas também tem gente que simplesmente cresceu ouvindo negros serem descritos como moreno e sinceramente acha que é uma abordagem mais educada. Acho que aqui cabe a nós educar o outro, que afinal parece estar pelo menos tentando elogiar. Um abraço! Deborah

^ | v - Responder - Compartilhar



Ana Paula · 4 anos atrás

Parabéns pelo texto. Simples e direto.

^ | v - Responder - Compartilhar



camiladelira · 4 anos atrás

lendo seu texto não pude deixar de lembrar as [muitas] vezes que escutei 'você é bonita, mas podia emagrecer' ou 'é gordinha, mas é bonita'... sei que os níveis do preconceito não estão nem parecidos, mas me fez lembrar disso...mesmo.

no mais, arraso de post.

^ | v - Responder - Compartilhar



Denise Luz · 4 anos atrás

Arrasou, pretal Elogios racistas que já ouvi e que me fizeram subir pelas paredes de raiva? "até que vc é bonita", "seu cabelo não é ruim" Mas que coisa boa que eh internet, pq eu cresci num mundo muito branco... Se tivesse contato com outras mulheres pretas de fibra como vc desde pequena, teria crescido mais feliz. Mas sempre e tempo, e faremos um mundo menos babaca pras novas pretinhas que viraof

^ | v - Responder - Compartilhar



Karoline Nascimento · 4 anos atrás

Para mim o 1, 2 e 3 são os piores. Poucas foram as vezes que recebi um elogio sem ter um "morena"/"mulata" ou "negra" na frente. "você é uma morena linda" soa duplamente negativo: você é um tipo "especial" de beleza que tem que ser separada das outras e que você é bonita para uma uma morena. Ou seja ser morena é ser feia, mas VOCÊ é bonita.

Sei que preconceito é preconceito, no entanto isso abala a minha auto estima desde a infância. As meninas brancas com os cabelos cacheados ou lisos eram sempre as principais nas apresentações enquanto nunca era a escolhida por melhor desempenho que tivesse. Riam do meu cabelo, chamavam (e ainda chamam) de "Bom Bril" "Assolani", lembro me de um vez em que fui chorando a coordenação falar que alguns colegas estavam rindo do meu cabelo na 5ª série e as coordenadora junto com a diretora e a mãe de algum aluno também riram, disseram que era normal e que eu deveria ficar orgulhosa pois "Assolani" era o mais caro. Não achei engraçado. :( São lembranças que simplesmente não dá para apagar.

Até hoje vejo que minhas amigas "brancas" são preferência entre os homens, que são descritas como lindas, bonequinhas, delicadas e "para namorar". Acho que vivo a sombra disso até hoje. Quando alguém me paquera penso as vezes que é até está tirando um brincadeira de mau gosto, pois sempre fui o "referencial de feiura" na escola. Sempre tive problemas com a auto estima e sempre me questioneei se minha vida seria diferente se fosse branca. Me doi muito dizer isso.

Já fui discriminada por pais de uma amiga que me julgaram ser uma má companhia, apenas por ser negra. Mesmo tendo as notas mais altas da sala e ser uma das melhores alunas da escola. Fico com medo só de pensar em que isso algum dia possa acontecer na casa de algum namorado, que só por ser negra poderei ser julgada como promiscua ou como um relacionamento não sério.

Vivo a sombra da minha adolescência (acabo de fazer 18 anos) de nunca ter tido ainda um namorado, de mesmo sendo elogiada por amigos e familiares e não chamar tanta atenção e atrair o sexo oposto como eu gostaria. Detesto mais ainda quando as pessoas vem me dizer que aparência não é importante, acho muita hipocrisia fingir que tudo é bonito e que todos somos iguais quando na pratica não é assim. Penso que temos que aceitar SOMOS PRECONCEITUOSOS SIM e que esse é o

primeiro passo para mudar nossa própria mente.

Ser chamada de "morena" sinceramente não me incomoda, porque sei que a maioria das pessoas (principalmente quem é "branca") tem receio de falar "negra". Tenho uma amiga "branca" que me chama de "black" "preta" e até de "negona" mesmo, a intimidade gerou isso. Mas para falar de outra pessoa que ela não tem intimidade ela se refere como "morena" mesmo. Ela mesma já me disse que tem medo de chamarem ela de racista, mesmo ela namorando com um negro e tendo praticamente a família e os amigos de maioria negra. Tive sorte de ser sempre acompanhada por amigos que gostam de debater sobre diversos assuntos e a gente sempre conversa sobre tudo já debatemos sobre isso várias vezes. A palavra "negro" parece que vem carregada de mil significados - e vem mesmo. Só ouço alguém chamar "negro" de "negro" nas minhas aulas de história, filosofia e sociologia e mesmo assim parece algo forçado as vezes. Aparenta simplesmente que se trata de pessoas fora da realidade ou de um grupo altamente distinto se seres, como por exemplo "os negros levados em navios negreiros..." parece se tratar de pessoas surreais e que nada tem a ver conosco.

Antes de ler esse post nunca tinha notado, porém sempre me disseram "Você tem os traços delicados", tenho a boca fina e o nariz não tão largo (ainda que não tão fino como se manda). Desde pequena comparam minhas sobrancelhas com a de Fátima Bernardes e partes do rosto com o de determinadas atrizes e personalidades - brancas. Cresci brincando com Barbies loiras e assistindo filmes onde as personagens principais tinham o estereotipo europeu, enquanto quando aparecia alguma personagem negra era sempre "escandaliosa" e mal educada. Desafio a qualquer um a assistir um filme que não tenha um personagem negro que segue esse estereótipo. "A Hora do RUSH" é o único que me lembro no momento, mas tenho certeza que já nos deparamos com vários personagens assim infelizmente... Sei que muitas coisas estão na minha cabeça e que muitas vezes EU tenho preconceito comigo. Leio aqui que várias mulheres tem o cabelo natural, invejo e admiro todas que conheço por não serem escravas da indústria de cosméticos. Mas até hoje aliso meu cabelo e faço mil e uma outras coisas para ficar mais "branqueada".

Não sei se é insegurança, não sei se é por em minha própria casa ser desencorajada a ter o meu cabelo como ele é, mas até hoje ele é alisado. Minha prima resolveu parar de fazer químicas e minha própria família que tem pessoas negras desaprovou. Sendo que ela se mudou outro estado não sofre tanto com a pressão social aqui imposta. Pode parecer ridículo isso, mas por aqui negro tem que ser maquiado. Dentro da minha casa tenho que ouvir comentários racistas como "ela é preta, mas ainda bem que a menina nasceu branca" e ver a naturalidade com que as pessoas encaram isso sem questionar ou se dar conta do que estão falando.

É para finalizar esse comentário enorme queria deixar aqui que me sinto até mais leve por ter comentado e exposto como me sinto. Obrigada por me dar essa oportunidade e é por esse espaço aberto e por falarem do que todos ignoram. Eu simplesmente adoro vocês!

^ | v - Responder - Compartilhar



Ana Cláudia · 4 anos atrás

Acho que a parte do cabelo é a pior... Eu uso aplique longo e simplesmente me sinto um macaco no circo. Todo mundo quer por a mão, todo mundo quer saber como faz... É um inferno!!!

^ | v - Responder - Compartilhar



letthysia · 4 anos atrás

Brilhante, Charô!

O "mulata tipo exportação" eu não tinha escutado ainda, mas todos os outros "elogios" sim. E me deixam louca de cara!

^ | v - Responder - Compartilhar



@rodrigoluz23 · 4 anos atrás

Republicou isso em Blog do @rodrigoluz23e comentado:

para a conta do "racismo nosso de cada dia" - sô que com as mulheres, que sofrem muito mais que eu

^ | v - Responder - Compartilhar



Cristina Marques · 4 anos atrás

É sempre bom encontrar uma pessoa pensante, seja ela mulher, homem, verde ou amarelo. Eu sou "resultado" de um "cruzamento" entre uma branca e um moreno. Nasci morena "média", lábios grossos e cabelos crespos (antes da escova progressiva,rs). É uma situação complexa pq no meio de negros sou branca e no dos brancos, bem...não sou magra e alta o suficiente (rs,rs). O Brasil é com certeza um dos países mais racistas que conheço, pq aqui, até há pouco tempo nem existiam negros, não é verdade?! Fico muito feliz que aparecem cada vez mais famílias negras (inteiras, não fragmentadas) na TV, demorou!! Mas na minha opinião, esta questão da identidade, passa também pelos negros. Que, depois de anos de opressão, acabaram tendo dificuldade de se orgulhar também, cada vez mais de serem negros. Posso estar errada mas, me parece que alguns brancos que fazem este elogios, possam ser pessoas que pelo menos fazem alguma coisa para se aproximar, diminuir as diferenças. Mesmo que muito equivocados. Temos muito a evoluir, hoje já se sabe que racismo é ignorância, mas fico feliz que tenhamos dado alguns passos mesm assim.

^ | v - Responder - Compartilhar



Paulo Pinheiro · 4 anos atrás

Só discordo do número 04.

Quero crer que quando alguém está elogiando o derriêre de uma mulher seja uma amiga próxima ou um amante/marido/namorado com intimidade suficiente. Se não for é uma grosseria EM QUALQUER COR.

Não é racista. Pode ser machista/sexista se não for num momento conveniente. Mas racista não é. A questão das negras terem ou não essa característica física não pode incidir como evidência de racismo. Existem glúteos bonitos em várias raças e sempre chamará a atenção porque simplesmente é belo.

Quanto ao resto concordo com tudo, e acho o número 5 o mais repulsivo de todos. Mulher não é produto pra ser exportado.

Sobre o número 1 também cabe um comentário: caracterizar uma pessoa como "negra" também tem sido enquadrado pelo patrulhamento ostensivo. Tanto que criaram essa assertiva de "não diga 'negro', diga 'afro-descendente'". Não gosto de me sentir pisando em ovos. Dizei sempre "mulher bonita". Mas se quiser indicar alguém de longe quero poder dizer "Eu trabalhei com aquele sujeito ali. Qual? Aquele negro.", sem estar sendo patrulhado por isso. Muitas vezes as pessoas dizem "moreno" justamente pra não serem confundidas com racistas. Acredite.

^ | v - Responder - Compartilhar



Mayra · 4 anos atrás

Acredito que muitos desses supostos "elogios" possam ser inclusos para todas as mulheres, que ainda sofrem com uma sociedade pseudo liberal, porém ainda extremamente machista. Certos "elogios" seriam melhores se não expressados. A mulher em si já é muitas vezes tratada como um pedaço de carne, desvalorizando a parte que deveria ser verdadeiramente o essencial: o cérebro! Parabéns pelo blog!

^ | v - Responder - Compartilhar



Pedro Taam · 4 anos atrás

Maravilhoso o texto e eu concordo com quase tudo! Exceto a coisa do cabelo... Explico.

Por que não se pode manifestar a admiração por um cabelo bonito, vistoso, seja ele de uma negra, de uma loira, de uma ruiva ou de quem quer que seja? Tive uma amiga loira que tinha os cabelos de um tom que eu nunca vi igual. Pareciam fios de ouro. E a nossa amizade começou quando, no pátio da universidade, eu disse "Olha, me desculpa, eu nem te conheço, mas seus cabelos são tão bonitos! Será que você se incomoda se eu olhar mais de perto?". Não me lembro se me atrevi a tocá-los na ocasião.

É só uma demonstração da mais sincera admiração. Tenho uma amiga negra que tem um cabelo lindo também (mas, ok, aí já é minha amiga e eu tenho intimidade para tanto). Mas não veria problemas em pedir licença para admirá-los propriamente, caso fosse uma desconhecida (frise-se: "pedir licença para").

Não sei, para mim é assim, eu sou um freak ou o quê?

^ | v - Responder - Compartilhar



Angelina · 4 anos atrás

Quando alguém fala para mim: "Você conhece a Fulana? Uma meio morena, sabe?" eu faço questão de corrigir que a pessoa em questão é negra, não morena. Acho ridículo! Pior que isso só dizer "de cor". Terrível! "Moreninha", "bem morena", "morena escura", "mulata" é abominável! Agora dizer: "Nossa, que negra linda!", é racista dependendo do contexto, pois essa é uma característica notável, não? Não dizemos: "Nossa, que loira linda!", "Nossa que japonesa linda!", "Nossa, que ruiva linda!", "Nossa, que índia linda!", etc? Se a pessoa quis dizer que "apesar" de ser negra ela é linda, isso é racista. Mas se ela quis identificar a pessoa entre várias para seu interlocutor, não. Seria o mesmo que dizer: "Nossa, que mulher linda!", "Qual, mulher?", "Aquele mulher negra à sua direita."

^ | v - Responder - Compartilhar



marcella · 4 anos atrás

Estava lendo os outros comentários e descobri o que significa a palavra "mulatx". Que horror! Vou parar de usá-la. Enfim, a única "necessidade" de usar a cor é pra descrever pessoas.. sempre começamos pela cor, é algo marcante, certo? As vezes fico pensando se isso é "errado", pq algumas pessoas acham horríveis "rotulos" e fico pensando se o negro também acha isso ruim, alguns acham. Quando eu era criança, tipo na 2ª série, tinha umas aulas pra descrever coisas, imagens, animais... e não vejo nada demais em dizer a cor, afinal, não é ofensa nem defeito. O.o É chato demais quando descrevem alguém que nao lembramos quem é, e ficam falando 'uma morena, bem escura'.... ai você não conhece ninguém daquele jeito.. até que tem que dizer.. 'você não está falando de uma negra?!'...

^ | v - Responder - Compartilhar



Tintilli Fernandes · 4 anos atrás

Concordo com praticamente tudo o q vc escreveu, Charô. Só com relação ao do cabelo é q eu fico meio na dúvida. Acho natural q as pessoas queiram tocar num cabelo q elas consideram bonito. Posso estar equivocada, mas creio q isso não passa pela questão do tipo de cabelo (seja de uma pessoa negra ou de uma pessoa branca), mas sim de ser um cabelo bonito ou não, na concepção da pessoa q demonstra interesse em tocá-lo. Bjs!

^ | v - Responder - Compartilhar



marcella · 4 anos atrás

Cheguei aqui através de um blog <http://maioridigressao.blogspot.com>... Enfim, curti os dois textos. Bom, eu sou morena, meio amarelada, aliás. Curto muito não minha cor.. mas enfim. É complicado demais isso de como chamar alguém, pq muitas vezes a própria pessoa negra/mulata não diz pra pessoa que a chamou de "morenx" que ela é negra/mulata. Como a gente fica?! Ficam aquelas dúvidas de se a própria pessoa negra é preconceituosa.. e quando outro NEGRO, define outro mulato (um pouco mais claro, mas ainda assim "negro"), de "morenx"... pior ainda! Acho que não corrigem o outro por achar muito constrangedor esfregar na cara do amigo/colega que ele é preconceituoso? Então vivemos nesse circulo eterno que ngm quebra... Se a própria pessoa que foi chamada de "morena", aceita.. como vou poder dizer que ela é negra/mulata quando me pedirem uma descrição?! O que devemos fazer? (pergunta não-retroativa.. conselhos plv)

As vezes acho que as pessoas tem um problema de visao também, quando dizem que sou branquinha, clara.. oxi, eu sou morena, não tem como confundir! Sempre "corrijo" as pessoas que erram minha cor...

Fiquei pensando sobre isso dos elogios, e não fico chamando os caras negros que acho lindos, de 'negro lindo', chamo de lindo apenas.. então, UFA, acho que estou fora do preconceito que detesto.

^ | v - Responder - Compartilhar



Érica - 4 anos atrás

Eu não me sinto no direito de falar muito sobre nada disso pq só fui me identificar como negra há pouco mais de 1 ano, depois de repensar nos alisamentos e escovas que eu tanto submeti meu cabelo por anos e anos. O racismo vem de forma muito diferente de pessoa pra pessoa de acordo com suas características. Minha pele é clara, então, qndo faço escova no cabelo - o que é raríssimo, fico com um aspecto bem "embranquecido" e eu percebo claramente como isso muda a forma como sou tratada pelas pessoas, principalmente em lugares onde vou consumir/comprar coisas. Não preciso dizer que cresci ouvindo que todo mundo deveria ter cabelo liso e que meu cabelo PRECISAVA ser domado, controlado e que era ruim, duro, feio, né? Hoje em dia eu simplesmente AMO meus cachos, ouço muitos comentários racistas por causa dele mas tbm ouço muitos elogios e eu particularmente não me incomodo quando pedem pra tocar no meu cabelo - apesar de entender pq muita gente odeia. "Elogios" racistas que eu ouço com frequência: "pelo menos vc é clarinha, sua pele é bonita e qndo toma sol fica vermelhinha", "Poxa, c alisava o cabelo, agora que tá crescendo dá pra ver que nem é ruim assim (tocando na raiz do meu cabelo), pensei que fosse bem ruim.", "Vc é uma morena bonita, quando c tá de chapinha c fica uma gracinha.",

^ | v - Responder - Compartilhar >



Yasmim - 4 anos atrás

Percebo que muitas vezes as pessoas tem medo de usar as palavras "negro" e "negra", achando, por ignorância, que isto seja uma ofensa.

Já aconteceu mais de uma vez: "A Fulana de Tal, aquela morena" e eu responder: "Não conheço nenhuma Fulana de Tal morena. A única que conheço é aquela que faz tal aula comigo, mas ela não é morena. Ela é negra."

Não preciso nem falar do choque que ficam, não é? Como se eu estivesse confessando que assassinei minha mãe.

As pessoas precisam entender que, se se referir a alguém como "aquela moça loira" ou "aquela moça ruiva" não são ofensas, se referir como "aquela moça negra" também não é (e também não deve ser falado como se fosse, claro!)

^ | v - Responder - Compartilhar >



MARISTELA BONFIM - 4 anos atrás

Uma senhora, puxou o meu cabelo no supermercado. Eu olhei para ela com certo espanto e ela justificou: "Desculpa, querida! Só queria saber se o seu cabelo é natural". Conteí até 10 e disse: "Seria mais simples e menos doloroso se a senhora tivesse me perguntado: É natural." E continuei a fazer as compras. Durante todo o tempo ela me observava. Prendi o cabelo com um coque banana, deixando a raiz aparecer. Ela passou por mim sorrindo e disse: "jurava que era mega hair." Fui pra casa com raiva de mim, por não ter dado uma resposta a altura para esta invasão.

^ | v - Responder - Compartilhar >



Mariana · 4 anos atrás

No meu ponto de vista o Brasil é preconceituoso com TODAS as mulheres que fogem do padrão, nem digo de beleza, mas sim de formato do corpo, apenas isso. Me entristece de saber que o preconceito se estende também às com traços orientais, indígenas, e proveniente da América Latina, como Bolívia, Peru, etc. Ou seja, qualquer uma que foge do padrão norte-americano ou europeu. As referências são sempre ao formato de corpo e aos traços do rosto, como orientais não tem peito nem bunda e se o cabelo não é liso, como estabeleceram, dizem que é um japa de cabelo ruim, como se isso se referisse à alguma etnia ou que uma mulher tenha o dever de ter um corpo para agradar aos outros para que tenha valor. E, infelizmente, isso se estende automaticamente a todas as etnias, incluindo as negras.

^ | v · Responder · Compartilhar



Alexandra Hercília · Mariana · 3 anos atrás

concordo

^ | v · Responder · Compartilhar



Angelo · 4 anos atrás

é, pra quem é branco e nasceu num meio racista, é comum cometer estes erros de tão internalizado que é.

uma das primeiras coisas que tive de aprender, é que, ao elogiar alguém, colocar o traço da pessoa que para você é incomum, soa como se este traço normalmente fosse negativo.

dentro do ponto de vista de um homem branco, é difícil desnaturalizar expressões que, sem perceber, são machistas, racistas, homofóbicas. essa violência velada que se propagada às vezes sem ter a intenção...

às vezes precisa de um empurrão(às vezes tipo um "this is sparta!") para cair a ficha. como este post ajuda.

^ | v · Responder · Compartilhar



Tânia · 4 anos atrás

Meu nome é Tânia e muitas vezes sou "elogiada" de forma racista com a expressão "você é uma negra com traços de branca".

A cada dia temos que criar novas estratégias de enfrentamento do racismo, porque por muitas vezes ele tenta se apresentar com sutilezas.

Adorei a postagem e tomei a liberdade de incluí-la em meu blog: <http://voceemquestao.blogspot..>

Aguardo sua visita.

Abraços, Tânia.

^ | v · Responder · Compartilhar



Cristina Dias · 4 anos atrás

Olá,

sou branca, mas fã, muito fã dos penteados afros.

Uma vez fiz dreads de lá.

Me lembro de ouvir de um chefe: você não vai trabalhar no balcão, com esse cabelo de traficante.

O mesmo comentário aconteceu quando fiz trança rasteira...

Achei grotesco e me imaginei negra, realmente minha gente, é difícil sim!

Tive um romance com um queniano. E juntos num boteco, ouvimos de um branco: nossa, como ela tem coragem de ficar com ele?! Como pode?!

Me senti mal por isso, ele disse não ligar, mas liga sim, liga muito.

Porque isso machuca, fere e é uma coisa retrograda...

^ | v · Responder · Compartilhar



Tais Manhães · 4 anos atrás

Como sempre um trabalho impecável, me sinto bem representada como mulher negra nesse texto e como somos vistas na sociedade.

^ | v · Responder · Compartilhar



Inadora de Paula · 4 anos atrás

Texto excelente !! Concordo com tudol Nao sou negra mas fico extremamente incomodada quando alguém fala para alguma pessoa negra "que ela é uma negra linda" Mas acho que o cabelo é relativo, minha experiência pessoal já vi pessoas pedindo para pegar no cabelo de outras só por ser bonito mesmo, sejam esses cabelos lisos, crespos ou cacheados. Acho que vai depender da situação, e da forma, que esse pedido acontece.

^ | v - Responder · Compartilhar



Dan · 4 anos atrás

Boa noite! Adorei o texto! Acho importante a gente começar mesmo a escancarar esse racismo pras pessoas verem que ser racista num é só não gostar de negro e xingar alguém de preto fedido. O racismo está em todos os lugares, até onde nem imaginamos. Por exemplo, ele está também na palavra 'mulata'. Eu jamais permito que alguém me chame de mulata sem explicar o significado da palavra e o teor racista que ela carrega. Copiando do dicionário: "Palavra de origem espanhola, feminina de 'mulato', 'mulo' (animal híbrido, resultado do cruzamento de cavalo com jumenta ou jumento com égua). As palavras 'mulato' e 'mulata' foram usadas de forma pejorativa para os filhos mestiços das escravas que coabitaram com os seus senhores brancos e deles tiveram filhos." Agora, sobre elogios racistas, ontem mesmo num show duas pessoas me pediram para tirar fotos comigo (oi?). Tipo, quem de cabelo liso e pele branca vive sendo parado na rua pra tirar foto? Isso SEMPRE acontece comigo. Eu simplesmente não consigo entender. As pessoas tratam como um animalzinho no zoológico e eu não gosto. Além disso, quando elas elogiam meu cabelo sinceramente, sempre me sobra também um certo estranhamento. Quem de cabelo liso e pele branca vive sendo elogiado pelos seus belos cabelos naturais? Eu sinto uma certa piedade nesses elogios. Como se me dissessem: "deixa eu te ajudar a recuperar sua autoestima, meu bem. sei que você sofre muito com o racismo".

^ | v - Responder · Compartilhar



vanessapollon · 4 anos atrás

Gostei muito do texto, mas só sou contrária a uma coisa. Sobre o elogio em relação a "bunda" não acho uma ofensa literalmente preconceituosa, mas sexista. Não sou negra, mas tenho uma bunda, digamos, "avantajada". Recebo muitas cantadas desse tipo. Acho que o importante é o contexto. Mas um desconhecido vir comentar sobre isso na rua, acho agressivo.

^ | v - Responder · Compartilhar



Lêda Mayara · 4 anos atrás

oi, tenho pele e cabelos claros mas de origens diversas, traços grossos e cabelo crespo, e vivem dizendo que tenho a cor linda, mas se não fossem os traços negros, eu não gosto, porque sou o que sou, e como todo o povo brasileiro com múltiplas características, sem raça definida.

^ | v - Responder · Compartilhar



caio · 4 anos atrás

discordo do 4- infelizmente o brasil e talvez o mundo esteja preso nesse tabu do moralismo sexual, onde "olhos" são poéticos, espirituosos, e bunda é apenas carne, tudo é apenas carne, e elogiar a carne não implica necessariamente que vc não valorize as qualidades humanas da pessoa.

^ | v - Responder · Compartilhar



Edmundo buguelo · 4 anos atrás

Digo tecnologias (Que mal fiz a vida)

^ | v - Responder · Compartilhar



Edmundo buguelo · 4 anos atrás

Gostaria de saber que mal fizemos a vida? Trabalhamos e comol em horas feridas, ajudamos a construir este pais, muito e a história não mensura o quanto em seus registros, só que hoje nos estamos cada vez mais organizados e conhecedor dos nossos direitos a das múltiplas tenologias que fazem a grande roda da economia girar já fui príncipe fui rei tivemos princesas e rainhas negras o que precisamos é colocar essas rainhas e esses reis no parlamento no poder em fim para defender nossos interesses. abraçafro.

^ | v - Responder · Compartilhar



Arianna Beatriz · 4 anos atrás

Incrível como o racismo esta internalizado em todos, percebi isso em alguns comentarios(me desculpem, sou curiosa). O fato de terem criado, termos como pardo, moreno e mulato foi pura e simplesmente mais uma parte da politica de branqueamento existente principalmente na sociedade brasileira, muitos termos ate criados sim por negr@s. Mas a culpa é nossa?(d@s negr@s) claro que não. A culpa é de quem inferiorizou @s negr@s, reduzind@-n@s da nossa condição de seres humanos. Entendam negr@ nao é racista, pq nao estamos numa situação de opressor, mulheres nao sao machistas pelo msm motivo. Essa questao da sexualização da mulher negra é mto antiga, e a mulher branca tem que entender q apesar de ser oprimida pelo machismo, tem o "privilegio" de ser branca (digo privilegio pq em qualquer situação de escolha p cargos em emprego por exemplo e houver em disputa uma mulher negra e uma branca, a escolhida sera a branca, pq lugar de mulher negra é em trabalho domestico, dai tbm o motivo da luta das domesticas ser absorvida pelo movimento negro). Sofro diariamente c situações de racismo principalmente referentes a cor da minha pele a ao meu cabelo. Por minha pele ser mais clara(msm assim me considero negra) mtas pessoas me chamam de morena, e ainda por cima qdo digo q n sou se sentem ofendidas. Vã se fooder! Me desculpem de novo, mas n entendo essa mania q os brancos tem de quererem decidir o q é certo errado, feio ou bonito, ofensivo ou não, é claro q eu sempre retruco, eu nao serei silenciada! Eu nao aceitarei essa babaquice nem q isso custe a minha exclusao. Eu quero ser a minoria, a minoria q luta por uma sociedade justa, com liberdade e igualdade de direitos, mas q respeite e aceite as diferenças sem transforma-las em desigualdade. Pq no Brasil negro é aceito desde q nao questione sua condição de subalterno. O Brasil nega negro q nao se nega.

^ | v - Responder - Compartilhar



Rose → Arianna Beatriz · 2 anos atrás

Eu também Adorei!

Porém sou negra bem escura, inconfundível mas por este povo hipócrita eu já virei até morena.

Ahhhhhhhhhh vida.

Não dou conta.

^ | v - Responder - Compartilhar



larissantiago → Arianna Beatriz · 4 anos atrás

Eu me li agora. Obrigada Ariana <3

^ | v - Responder - Compartilhar



cris · 4 anos atrás

Todos os dias, em todos os lugares, não muda sempre igual, você pode conhecer um milhão de negras, mulatas que vai continuar ouvindo sempre esses "elogios". O do cabelo pra mim tem sido o mais comum, isso quando não te perguntam, por que vc não faz uma escova progressiva meu bem, ia ficar linda com o cabelo liso.

^ | v - Responder - Compartilhar



Pollyany - 4 anos atrás

Gente, morri de rir! Rir pra não chorar. É incrível como nossa postura guia tanto a recai das pessoas. Quando eu era "branqueada" com cabelos alisados minha vida era outra! Depois que abandonei a química vi tantas coisas diferentes... Mas enfim, esse de "morena" acho o mais pesado. Dizer a palavra "negra" ou "negro" é pecado? Acho incrível quando na escola estou conversando com os professores e falo "Sabe o fulano, aquele negro, assim e assado? Pois então, conversei com sua mãe hoje..." sempre escuto essa resposta "Ah sim! Um que é moreno bem escuro." Realmente não podemos permitir esse tipo de comportamento, além de ridículo na minha concepção é o tipo de racismo mais "safado", que é o que diz "não sou racista..."

^ | v - Responder - Compartilhar



Raquel - 4 anos atrás

Nossa, ouço uma dessas coisas pelo menos uma vez na semana. Isso de ser bonita para uma mulher negra é constante e me irrita profundamente. Certa vez, um colega de trabalho falou mal de um clube bem popular entre os negros daqui - dizendo que a maioria das mulheres de lá era feia (cheio de negrinhas, foi o que ele disse) e que só ia lá por causa do bom samba, eu falei para ele que isso me ofendia diretamente e ele disse que não deveria me ofender porque não era tão negra, era moreninha rrsrs

Semana passada uma outra colega de trabalho que vive tentando exaltar a inteligência de pessoas brancas (falando que dava aula na Escola Americana e que os alemães sempre eram os mais rápidos a terminar os deveres e que os alunos indianos e africanos demoravam a entender os exercícios, por exemplo) perguntou de um jeito bem pejorativo ao nosso chefe, que também é negro, se o cabelo dele crescia black power, "o seu cabelo cresce por alto assim, daquele jeito lá, tipo black power hahaha".

Enfim, sempre acontece algo do tipo. :P

^ | v - Responder - Compartilhar



Raquel Souza - 4 anos atrás

Muito bem apropriado o seu texto. Gostaria de acrescentar um que sempre ouvi na minha carreira acadêmica (da universidade ao doutorado), mesmo depois dos 30 anos. "Ah você poderia ser modelol!" Afinal para que uma mulher negra estudar, não é mesmo????

^ | v - Responder - Compartilhar



Amanda - 4 anos atrás

Oiha, achei o texto um tanto "exagerado". Entendo que preconceito quando está entranhado a gente não percebe mesmo e até estranha quando percebe o que antes nem mesmo foi notado. Porém, na minha opinião, não vejo preconceito em admirar ou ter curiosidade em saber como é um cabelo crespo, tocar no cabelo sem permissão é desleal para qualquer um, seja lá qual for a quantidade de melanina na sua pele.

A questão dos "traços delicados" deve ser pensada, pois realmente existia (quando havia pouca miscigenação) traços específicos de cada etnia, não há nada de estranho nisso. Nós caracterizamos o asiático pelos seus olhos puxados, caracterizamos os índios pelo cabelo pretinho bem lisinho, o albino pela pele rosada e todos os pelos amarelos... isso para mim são só características comuns, só se torna racismo quando a pessoa acredita que TODOS os asiáticos devem ter olhos puxados, todos os índios devem ser assim e assado e todos os negros precisam ter nariz de batata, lábios carnudos, bunda grande, cabelo crespo e blá blá blá... Isso sim é racismo, mas caracterizar uma única pessoa por traços que ela realmente tem, não vejo racismo nisso. (lembrando que eu disse que esse caso deve ser pensado, afinal, há casos e casos. "traços delicados" também pode ser um elogio racista, dependendo do contexto)

Referente a bunda, acho que isso não é elogio para mulher nenhuma! A menos que estejamos falando de uma conversa entre parceiros sexuais ou algo do tipo, não vejo onde está o elogio em reduzir a mulher a um pedaço de carne, mais uma vez, isso independe do tom da pele.

MULATA... ta aí sim uma palavra que eu realmente não gosto e que considero um verdadeiro elogio racista usado por muitos que desconhecem seu significado.

Sabem a origem do termo "mulato(a)"? Vem de mula mesmo. Não referindo-se a inteligência (pior do que isto), mas referindo-se ao fruto da miscigenação entre negros e brancos como seres frutos de espécies diferentes que, segundo os racistas, não deveriam se misturar. Sendo assim, os frutos dessa mistura seria um animal que não deveria ter nascido e que não pode gerar uma nova espécie (a mula é o resultado de duas espécies diferentes e por isso nasce sempre estéril, pois não há como formar uma nova espécie a partir de espécies diferentes). Essa palavra sim é um elogio racista que muitos (incluindo o blog) usam sem perceber o preconceito contido nela.

^ | v - Responder - Compartilhar



Ana Claudia Soares - 4 anos atrás

Da minha mocidade até minha vida adulta, sempre escutei que era uma morena linda, quando jovem não sabia como responder. Mas agora tenho a resposta na ponta da língua, morena cadê sou negra meu bem, não tenho nenhum problema com isso... Cresci em um lar que lá era tudo muito bem resolvido, meu pai era filho de português com mineira negona, minha mãe filha de índio com negro, uma mistura só, tenho uma irmã com a pele mais escura que a minha e outra com a pele mais clara que a minha, meu pai tem a pele mais clara que a minha, olhos claros e tudo mais. Mas cresci ouvindo minha mãe dizer "Aqui todos vcs são pretos, passaram a cara no mesmo lugar preto" kkkkk... Então não é a cor da nossa pele que define quem somos, mais sim a forma que nos foi dada nossa raça, então não importa se sou ou não mais clara que um ou outro mais sim o que sou de fato, NEGRA... Com muito orgulho!

^ | v - Responder - Compartilhar



Viviane V. - 4 anos atrás

Não sou negra, me considero parda (apesar de na minha certidão constar que sou branca, e a maioria das pessoas falarem que sou branca). Sei lá, me parece que existe uma classificação teórica (na qual sou parda) e outra social (na qual sou branca)! Considero isso uma forma de racismo, pela tentativa implícita de se dizer que é melhor ser "branca" do que "parda"!

Mas vamos ao que interessa!

O 4 não serve só pra negras, e enquadrar aí ser chamada de "tanajura" ou "linda essa sua bunda empinada"! Mas não acho que tem que se perguntar pra dizer isso, tem que apenas não dizer, é um comentário machista e que transforma a mulher em objeto sexual!

Fazer referências aos lábios carnudos, se encaixa no que escrevi sobre o item 4.

Quería entender a necessidade das pessoas fazerem elogios ressaltando a etnia do outro, e uma pessoa e pronto!

Mas tem negras que não aceitam serem chamadas de negras. Uma conhecida minha, uma vez me perguntou qual era a cor dela (porque até hoje não sei), daí respondi que ela era negra e ela brigou comigo porque ela se considerava morena!

O termo "morena" é muito incerto, pra mim se refere apenas a cor do cabelo!

E falando em cabelo. Se a pessoa quer alisar o seu cabelo, não faz diferença pra mim. Mas fazer que vai alisar o cabelo pra ficar mais bonita é uma atitude racista da própria pessoa! Seja liso, enrolado, encaracolado, etc, não é isso que define se o cabelo é bonito ou não, e sim se se ele é bem cuidado! Mas ao fato de não tocar no cabelo, tenho ressalvas. Dependendo da região/país em que a pessoa more é difícil ter alguém com o mesmo tipo de cabelo, algumas pessoas querer tocar por fascínio (sim, isso pode ser considerado racismo, mas nem sempre é). E outras pessoas simplesmente gostam de tocar o cabelo de outras (de preferência com o consentimento do outro) sejam eles enrolados ou lisos! Tento tomar cuidado ao tocar no cabelo de qualquer pessoa!

Espero não ter fugido muito do proposto!

^ | v - Responder - Compartilhar



Valéria Natividade · 4 anos atrás

Texto perfeito! Tudo verdade! Eu já vivi e vivo todos eles...

^ | v · Responder · Compartilhar



ocfaurlibr · 4 anos atrás

Charô, gostei de ler esse texto porque muito me interessa como os meus elogios afetam as pessoas. Eu não vou dizer que sou branco porque acredito que raças não existam, de fato sou predominantemente rosado (é, fiz as contas e se misturasse a minha epiderme sairia um bege rosado) e o meu amor é uma mulher marrom, fruto de uma mistura que muito me agrada.

Acho que considerar alguém negro depende do referencial. Para mim ela é negra, só que quando vejo um africano amigo meu penso que ninguém é negro no Brasil. Bom, por essas que não acredito que raças existam, são algo arbitrário que criamos para tentar entender o mundo (e para justificar um bocado de atrocidades).

Bem, do meu ponto de vista ela é negra e eu a chamo de minha negrinha enquanto sorrio, olho nos olhos dela, acaricio o seu cabelo enrolado que sim, me agrada mais do que o liso (talvez pelo tato me lembrar dela) e ela adora.

Será que dentro dos relacionamentos mais próximos podemos criar acordos, padrões onde estejamos confortáveis mesmo que alguns deles possam soar racistas?

Quando eu a chamo de negrinha eu a chamo sentindo que negrinha é a coisa mais maravilhosa que já me aconteceu na vida.

Se derramar amor em cima da palavra ela "despejorativa"?

^ | v · Responder · Compartilhar



Queli Alves · 4 anos atrás

Tudo muito perfeito! Mas como algumas aqui, eu não concordo muito que querer tocar o meu cabelo seja uma atitude racista e nem me sinto ofendida por isso. Pense: A maioria de nós somos induzidas desde muito cedo, a alisar os cabelos. Ver uma negra com cabelos naturais ainda é coisa rara embora isso venha mudando nos dias de hoje. Então, quando as pessoas se deparam com uma negra passeando com seus cabelos afro naturais, as pessoas querem tocar, apalpar, sentir a textura e eu deixo. Não me sinto ofendida. O fato de mulher negra não ser vista com cabelos longos, se deve sempre ao constante uso de alisamentos que tiram a saúde dos cabelos e consequentemente, causa queda. Por isso é muito mais fácil ver negras com cabelos curtos e maltratados. Se soubéssemos o quanto é possível a convivência com nosso afro, cultivaríamos longos e belos cabelos. Beijos!!!

^ | v · Responder · Compartilhar



Giselle · 4 anos atrás

Texto rápido e primorosamente no ponto. Primeiro devo esclarecer: sou mulher, branca, que recebeu "ensinamentos" racista desde sempre. Lembro que achava horrível e que tinha algo de errado, mas já reproduzi alguns desses ensinamentos ao longo da vida e trabalho para me livrar deles. (Assim como internalizamos o machismo, etc etc)

Nesse aspecto, nooossa, o que já cabei de 'pérolas' absurdamente racistas às mulheres... Suspeito que alguns deles não sejam ditos diretamente à mulher negra, pois a hipocrisia não permite. Al entre brancos haveria um espaço 'seguro' pra ser racista sem ficar feio. Esse "ela é negra mas é bonita, tem traços finos" acho de doer. Um dos elogios que me fazem é ter a tal 'boca carnuda'. Ok. Mas isso viria de onde senão do meu pai, que é pardo? Pq caucasiano não tem. Pq a boca carnuda é muito atraente numa branca mas não numa negra? Que necessidade de 'branqueamento' é esse pra poder classificar uma mulher negra como bela?

Dai também tenho questões sobre as mulatas. A origem dessa palavra já é algo que acho complicado... E nos dias de hoje percebo nas entrelinhas um "ela não é negra, é mulata", o tal branqueamento de novo.

Agora um que acho mais vergonhoso ainda é quando um homem branco é casado ou namora sério uma mulher negra. Já presenciei uma vez, depois que o casal foi embora, o comentário de quem ficou (todos brancos) "Ah, ele deve gostar de negras" no que um homem completou "Tem cara que tem fetiche". De lembrar deu até enjôo. Tenho que pedir desculpas por essas pessoas. Sério. Essa acho que foi uma das situações mais horrorosas de racismo que presenciei. Como assim reduzir a mulher a 'fetiche'? Ele não pode gostar dela? Só isso, namora pq gosta? Não pensaram nisso pq ela é negra? Me senti ultrajada por tabela, fiquei pensando qual característica física minha seria o 'fetiche' do cara que estava na época. Mas claro que enquanto o casal estava presente, todos muito cordiais e civilizados. Ah, foi só um "comentariozinho bobo" entre brancos, essas coisas que a gente faz o tempo todo. Desculpas. Não sei nem o que dizer pra expressar como sinto triste por isso. Desculpas mesmo. Acho que o elogio racista que realmente fiz (várias vezes) foi o do cabelo. Acho lindo e realmente tive/tenho poucos amigos negros. (escola, faculdade, trabalho, vida social... são raros, mas imagina, não existe racismo no Brasil). Já elogiei os cabelos e pedi pra pegar sem ter intimidade pra tanto. Olha, você me deu material pra refletir e obrigada por me mostrar isso. ^^

Ps: amo o blog! poderia fazer uma carta enorme mas acho que nem cabe.

^ | v - Responder - Compartilhar



Tainá - 4 anos atrás

Adorei o artigo também. Sou cabeleireira negra, e lido diariamente com o racismo. O que não suporto e o 'cabelo ruim' e o 'bom', nem preciso dizer qual é de quem. Ruim das negras, bom das brancas. Sempre que ouço esse tipo de comentário, faço questão de contestá-lo, e elas retrucam ' não sei porque a ofensa, seu cabelo nem chega a ser ruim, ele é Cacheado. Quanto mais ' brancas' somos, mais bonitas para a democracia racial.

^ | v - Responder - Compartilhar



Pedro - 4 anos atrás

Acredito que o termo "moreno" ou "morena" impreciso. Não diz nada em termos étnicos. Parece simplesmente significar "não-branco", até porque também é usado para se referir à ameríndios, indianos, árabes, etc. Mistura de negro com branco é mulato, esse sim um termo mais adequado.

^ | v - Responder - Compartilhar



tsuki,ie → Pedro - 4 anos atrás

Mulato vem de mula. pesquise como nascem as mulas e verá o quão ofensivo o termo é, assim como seu racismo inconsciente.

Equivale a dizer que brancos e negros não deveriam procriar pq são de espécies diferentes.

^ | v - Responder - Compartilhar



Lucy Góes - 4 anos atrás

Adorei o texto, realmente esta é a realidade das mulheres negras, tem também a história do cabelinho "Como seu cabelinho está lindo!". Passei por muitas situações de racismo, principalmente no mercado de trabalho. Foram muitas situações, por exemplo, quando tinha 18 anos estava em busca de trabalho, participei de um processo de seleção para trabalhar como empacotadora em uma loja de departamentos. Fiz o teste, não soube o resultado, a única informação que recebi por parte da pessoa que me indicou foi que lhe disseram: Pelo menos se ela fosse mais ciarinha.

Uma outra situação foi participar de um processo de seleção para trabalhar em uma empresa do sistema "S", neste processo, 145 candidatos concorreram a 2 vagas, fui aprovada em todas as etapas e fiquei como uma das duas candidatas apta a ocupar a vaga. Ocuparia se não fosse a entrevista com o Diretor Administrativo que quando me viu não teve nem o trabalho de simular uma entrevista final. Ficou o tempo todo no celular e em seguida me disse que eu receberia uma ligação informando sobre o processo. Desta vez recebi a ligação sim, me informando que eles desistiram de ocupar uma das duas vagas. Nesta mesma organização participei de mais dois processos de seleção e nas últimas etapas eles sempre arranjavam uma desculpa. Até que uma amiga que trabalhava no local me falou: será que vc não percebeu que eles não contratam negros para trabalhar nestas áreas?(as áreas eram: Recursos Humanos/Treinamento e Consultoria Empresarial).

Uma outra emblemática foi a participação em um processo de seleção para trabalhar no Setor de Treinamento de um Hospital em Salvador. Participei de todo o processo fui aprovada, mas... não recebi o resultado. Desta vez a situação foi tão cruel que a psicóloga que fez o teste um tanto indignada, me chamou e disse: se você reproduzir o que eu estou te falando agora eu vou negar em qualquer situação ouviu? O diretor falou que não podia contratar uma pessoa negra porque esta pessoa teria que lidar com os médicos do hospital e os médicos poderiam não gostar.

Foram muitas outras, mas teve mais uma que nesta eu já trabalhava na empresa, estava participando de uma seleção para fazer um curso de Pós graduação em Gestão Empresarial oferecido pela empresa que queria formar um quadro de Gestores. Sempre fui muito dedicada ao trabalho, curiosa, criativa, trabalhava muito bem em equipe, sempre tive um espírito de liderança muito forte, e outras qualidades que o universo organizacional tanto valoriza. Fui aprovada no processo feito pela Universidade Federal da Bahia, no entanto, mais uma vez fui colocada de lado, pelos Diretores da Empresa. "Coincidência?" ou não, todos os escolhidos e escolhidas eram brancos. Me disseram que eu ficaria para uma outra vez, que não aconteceu.

O discurso dos empresários é que os negros/as não são capacitados para ocupar determinados cargos. Imagine que sou graduada, fiz 4 especializações, mestrado e outras coisas mais. O que vejo é um teto de vidro, as oportunidades estão lá, você a enxerga, porém o vidro existe para impor os limites, os limites que todos os negros e negras tem enfrentado para mudar a realidade deste país.

E outras, outras e outras coisas aconteceram que não caberia aqui neste espaço. Hoje me dedico a pensar políticas públicas de combate ao racismo, mas tenho plena consciência que ainda temos um longo caminho a percorrer.

Parabéns a vocês pela iniciativa.

^ | v - Responder - Compartilhar |



Ju → Lucy Góes · 4 anos atrás

Lucy,

Passo a mesma situação que você. Sou formada em Psicologia. Tenho um excelente currículo, falo inglês fluente e não consigo emprego de jeito nenhum. Quando consigo é freelancer. Eu não conseguia entender o que acontecia, ou melhor, não queria aceitar, apesar de já ter pensado que era por causa da cor. Mas agora, tenho certeza. Eu não sou cötista. Passei em Federal com muito estudo e esforço, tenho experiência na área e só não fiz a pós ainda porque percebi que, na minha região, isso não influencia muito(visto que a cidade é pequena e muita gente branca sem pós consegue emprego. O que conta mesmo em seleção, aqui, é a experiência). É humilhante esse tipo de coisa. Eu estava me forçando a acreditar que a questão era QI, mas tendo em vista a forma como fui tratada no último "emprego", acho que é racismo mesmo (a minha chefe era um porre comigo e eu nunca tive problemas com colegas de trabalho ou chefia - nos locais onde estagiei e trabalhei anteriormente, a chefia me adorava, me elogiava muito, mas não pagava bem e eu não era contratada, então acabei abrindo mão para tentar algo mais seguro e me decepcionei mais ainda). Bom, ainda espero que esse fato não seja verdade na minha vida, mas, realmente, não vejo muitos negros nessa área.

^ | v - Responder - Compartilhar |



Giselle → Lucy Oóes · 4 anos atrás

Lucy,

Seu depoimento é emblemático. Bom, sou branca, logo posso estar enganada, mas ao meu ver, uma das maiores dificuldades é a inserção no mercado de trabalho. Tanto criticam as cotas, mas a concorrência é praticamente a mesma. Os alunos cotistas tem desempenho melhor do que os não cotistas, ano após ano. São profissionais melhores, mas cadê esses jovens que não vejo nas empresas? Você relatou situações revoltantes. E toda a sociedade sabe que existe. Por mim deveria existir cotas nas empresas. Não consigo conceber que alguém ache "estranho" um negro no mercado de trabalho em boas posições, qualificado. Liderando. E acima de tudo, ganhando bem.

^ | v - Responder - Compartilhar



Aline Andrade → Lucy Oóes · 4 anos atrás

Nossa Lucy, que depoimento! é muito bom você dizer isso, pois ainda há muita gente que pensa que racismo não existe mais no Brasil! Chocantes essas histórias! Só tenho a dizer que voce nunca desista, pois é uma pessoa preparada e merece um cargo de acordo com seu preparo. Não sou negra, mas já sofri alguns preconceitos por parte de empregadores por não ser de família rica. Espero que essas pessoas um dia percebam o quanto perderam em nos julgar dessa forma. Parabéns por ser quem é e força sempre!

^ | v - Responder - Compartilhar



VALÉRIA CORREIA · 4 anos atrás

Engraçado é que a gente percebe essa coisa podre do preconceito tarde demais. Talvez tenha sido bom... talvez eu também carregue comigo um certo preconceito... ainda não sei... ou não tenho essa certeza... combato todos os dias isso em mim...mas sempre soube, pelas frases que eu ouvia, que algo havia de diferente. As frases eram e ainda são das mais absurdas tipo: "a gente tem que estudar para outras coisas pois em alguns trabalhos nunca vamos conseguir entrar, ter a vaga..." absurdo ou não, era e é verdade total! Eu trabalho com música coral, e várias vezes recebi telefonemas para o grupo cantar e quando chegávamos me perguntavam onde estava a regente? Eu sempre pensei porque não pode ser eu? Ou então, os meus alunos de um coral de comunidade, antes favela, nada mudou, ouvirem: "nossa, mas eles são tão limpinhos..." ou ainda: "como é que são, você precisa de alguma coisa especial para trazê-los, como vai ser o comportamento deles?" Ou, "eles vão ficar numa sala fechada para que não tenha criança correndo e gritando de um lado para o outro..." como assim? "Você precisa que eu arrume alguns seguranças para os meninos?" E eu explicar: são crianças e quem cuida sou eu... ninguém anda armado, somos todos muito bem educados, favelado é outra coisa, que mora principalmente ali perto do asfalto, do tipo que joga lixo pela janela, fala palavrão em alto e bom som, faz escândalo por qualquer coisa, mas tem um cartão de crédito sem limites no bolso, nós não somos assim... somos gente, somos produtores de uma arte que tem como base fazer música boa, cantar, ser diferente assim! Eu, como mulher que sou, também já vivi coisas que nunca imaginei serem exatamente o que eram, mas eram: elogios de um "especificamente" namorado que tive... ele dizia as pessoas: "gente, essa é a Val, mas ela não é linda?!" Eu sempre pensei que ali, naquele comentário, tinha de tudo, inclusive uma mostra da diferenciação que existia naquela cabeça doente, naquele momento eu só não via... ou então, apresentar-me a família como uma amiga pois os pais não entenderiam... os meus amigos achavam isso um absurdo e eu dizia que eles eram de uma outra geração... eram mesmo: a geração do preconceito a flor da pele... da minha! rsrsrs Desse povo, eu quero distância, muita... e o mais famoso dos elogios sobre cabelo que eu já recebi e ainda recebo: "como você faz para lavar seus cabelos?" Já ouvi assim: "vou casar com fulana para clarear a família", isso é o cúmulo da imbecilidade por m2... já ouvi da mãe de um homem com o qual eu saía, nada sério

eu tinha com ele, a gente era amigo e a gente ficava junto, ela, a mãe disse: "meu filho: cuidado com as brancas, as loiras e principalmente as morenas..." na hora pensei: não é comigo... não sou nada disso... e eu somente ri... fazer o quê? Ou então, alguma "amiga" sua saber que você tem um relacionamento com um homem e assim dar a maior força para aquela que é diferente fisicamente de você ficar com ele... e por uma questão de sociedade, que vive em guetos, a valorização: "nós somos diferentes" rsrs Pois é... no posto dos meus 48 anos de idade, já vivi muitas coisas e tenho muitas mas muitas histórias, de ordem negativa, como essas... mas tenho histórias lindas, de pessoas lindas, com os preconceitos entendidos e tentando viver diferente... sem esse ranço da sociedade com a qual vivemos, às vezes sem escolhê-la...

^ | v - Responder - Compartilhar



Josemir - 4 anos atrás

Muito gostei desse comentário sobre a bunda.

"Meu conselho é pergunte antes se a mulher a quem você pretende cumprimentar tem a mesma leitura desse tipo de elogio."

-

E a macharada tem que se focar que isso se refere a qualquer parte do corpo de uma mulher, negra ou não. Um elogio direto, simples e respeitoso tem muito mais impacto do que uma cantada a moda machista, basta o homem saber avaliar a situação pra não causar uma situação racista e/ou machista. Parabéns ao artigo, muito bom.

^ | v - Responder - Compartilhar



Daniela - 4 anos atrás

Concordo totalmente com o texto, mas em relação ao cabelo, tenho uma experiência que gostaria de relatar. Sou clara, mas de cabelos crespos e moro na Suécia. Aqui, praticamente não vejo pessoas com o meu tipo de cabelo, resultante de alguns séculos de miscigenação. Minha sogra, que me conhece há mais de cinco anos, só nesta semana perguntou se podia tocar no meu cabelo, porque ela achava ele lindo. Eu acho meu cabelo muito bonito, e entendo que as pessoas aqui tenham curiosidade, porque é algo que não se vê. É claro que existe racismo, mas não vejo essa atitude em particular da minha sogra como um caso de racismo, até porque nunca sofri isso por parte dos meus sogros. Pelo contrário, eu me sinto lisonjeada porque, enquanto que no Brasil eu sofria desde pequena com meus próprios pais dizendo que meu cabelo era uma "guaxa", aqui as pessoas ficam de bobeira como um cabelo pode ser tão bonito sem precisar ter antes passado pelo cabeleireiro.

^ | v - Responder - Compartilhar



Jimena Nogueira - 4 anos atrás

Achei todas maravilhosas!!!!!! Essa cor é simplesmente linda demais.

^ | v - Responder - Compartilhar



Camilla - 4 anos atrás

Não sou negra, sou morena. Mas dei a "sorte" de cair num meio de pessoas onde o preconceito com a cor da pele é extremo. Então para eles, por exemplo, sou negra, macaca, escura. Imagina para se referir às pessoas negras, o que eles usam?? Usam "moreno", "negrinho", num tom jocosamente elogioso e sempre que eu os ouço falar de alguém e em seguida designar qual a cor da pessoa, eu me sinto tão triste, porque parece que estão falando de um animal no pasto, que vc irá reconhecer pela característica da cor.

^ | v - Responder - Compartilhar



Monique - 4 anos atrás

Olá! Adorei seu texto!

Não sou negra, sou branca, porém nesse país miscigenado em que vivemos ser branca não é ser caucasiana propriamente dita. Meu pai é negro, minha mãe é branca, porém minha avó por parte de mãe era negra, daí originou-se a pessoa que vos fala, uma garota branca com traços de negros e índio. Por ser assim "diferente" (do que a sociedade eurocêntrica considera lindo) sofri bastante no colégio que estudei. Faziam chacota com meu cabelo, por ser cacheado, com meu nariz por não ser fino, com minha boca por ser grossa. E já que a única coisa que eu poderia "mudar" para não ser mais vítima do bullying era o cabelo, taquei química nele... E mesmo com ele liso voltava a chacota com dizeres de que o mesmo era PERUCA, que o meu cabelo de POODLE, de BOMBRIIL nunca poderia ser liso. Hoje em dia me arrependo por ter sido fraca e ter posto alisantes no meu cabelo, espero muito até o dia que a química saia e eu desfile com meus cacheados novamente. E ALIÁS: Professores, quando virem que um aluno seu está sendo oprimido por conta de racismo, HAJAM! HAJAM de maneira agressiva aos agressores, por que ATÉ HOJE eu tenho ÓDIO dos professores que me viam sofrer e nada faziam.

^ | v - Responder - Compartilhar



Edilene Rose · 4 anos atrás

Olá!Gostei do texto e expressa sim o que mulher negra passa constantemente. O tempo todo, é incrível isso! Eu moro no nordeste e aqui as pessoas referem-se a mim como "morena", "aquela morena", eles tem vergonha, receio de dizer a palavra negra. Soa como ofensivo na mente limitada deles, e apesar de estarmos no século XXI parecem também que nunca viram negro na vida e sempre olham espantados na rua, no supermercado, na praia e etc. Ficam me olhando com ares de surpresos e quando estou de mão dadas com meu esposo que é branco, os pescoços chegam a virar para nos ver passar. E pelo fato dele ser estrangeiro ainda sou taxada de prostituta infelizmente. Só pelo fato de ser negra e pelo fato de estar com um estrangeiro. Me julgam sem nem me conhecerem, nem conhecerem meu passado, minha história. Porém quando eles vêem a aliança no meu dedo tentam disfarçar e já mudam o tratamento por puro interesse! É incrível parecemos seres de outro planeta! Quando um casal branco anda de mãos dadas não vejo ninguém olhando e muito menos virando o pescoço para olhar. A desculpa que as pessoas dizem é que em Natal,RN não tem negros. Que desculpa mais esfarrapada! E isso justifica ser preconceituoso?! Quando eu vim morar aqui a 6 anos atrás não acreditei que uma capital fosse tão mal desenvolvida no que diz respeito a mentalidade das pessoas. Já ouvi na rua um homem dizendo bem alto e bom som que preto tem que casar com preto. Já ouvi um grupo de rapazes todos pararem de conversar quando eu e meu esposo passamos de mãos dadas e eles disseram "é black and white"! Tem gente que fica rindo acredita?! Olha sinceramente!

Quando eu ando na rua com minha cachorrimha que é uma yorkshire algumas pessoas na rua me perguntam se ela é minha, mas quando meu esposo vai na rua com ela ninguém pergunta se a cachorrimha é dele. Quando eu digo que sou pós graduada, que falo 3 idiomas ai eles falam "ah! então você é inteligente né!" Credo! Tem vezes quando eu estou meia virada eu dou fora. Mas tem vezes que é melhor fazer carão e ignorar mesmo! E, o povo não se toca que eles além de preconceituosos são super inconvenientes. Misericórdia!

^ | v · Responder · Compartilhar



Ismael Silva · 4 anos atrás

O termo MULATA/mulato é algo super pejorativo .... sentir falta dessa observação...

^ | v · Responder · Compartilhar



Cristiane Santos · 4 anos atrás

É interessante ouvir todos os tipos de elogios racistas possíveis, pois automaticamente, se constrói uma lista. Estou cursando a faculdade mas desde o colegial ouço algo tipo, "nossa essa pretinha é inteligente pra caramba", como se não fossemos dotados e autossuficientes. Muitas vezes deixo transparecer a minha desaprovação pelo possível elogio mal sucedido outras eu nem tento comentar a respeito, pois acabo sendo grossa.

^ | v · Responder · Compartilhar



Valquiria · 4 anos atrás

Eu sou uma mulher branca e fico um pouco confusa quando leio textos como esse. Eu já elogiei o cabelo de uma menina negra, porque de fato acho maravilhoso, e agora ao ler isso fiquei com medo de tê-la magoado de alguma forma. Mas eu acho que textos assim, apesar de denunciar os erros que a sociedade comete, também afasta esses "dois grupos". Não sei se estou me expressando bem, acho que apenas fico triste por saber que negros e brancos ainda não são iguais na sociedade. Seria muito bacana se ambos brancos e negros pudessem elogiar suas características mútuas e distintas sem maldade por trás. Pois como já diria Darcy Ribeiro, no Brasil, se não temos um pé na senzala, temos os dois!

^ | v · Responder · Compartilhar



Crislane - 4 anos atrás

Pois é, sempre ouço algo parecido ou idêntico. rsrsrs Mas, sei lá, além de tudo isso, acho que o que mais me irrita é ser chamada de "Moreninha"... "Ah, sei a Cris, aquela moreninha! Pô, moreninha???" Que medo é esse??? Não sou moreninha! Sou negra a cor da minha pele é marrom, meu cabelo é crespo e meu nariz é de batalinha sim e amo ser do jeito que sou e ser quem eu sou.

^ | v - Responder - Compartilhar



Rachel Coelho - 4 anos atrás

Primeiramente, adorei o texto! Incrível!

Sou morena clara e tenho olhos verdes, nariz e lábios grossos, além do cabelo cacheado. Essa mistura de genes que carrego não me deixa de fora desse tipo de estereotipação, por exemplo quando digo que não sei sambar constantemente me dizem que "não honro o lado do meu pai". Sempre ouvi comentários do tipo "se tivesse puxado o nariz da sua mãe (fino) seria mais bonita", ou o clássico: "hoje tem festa, não vai arrumar o cabelo?" Respondia com um "mas ele tá arrumado" e recebia de volta "mas não vai fazer nem uma chapinha?, vai assim mesmo?" É difícil lidar com esse tipo de situação, infelizmente se não levantarmos nossas vozes continuaremos sofrendo com esse tipo de separação, preconceito velado. Vamos à luta, um dia de cada vez e conseguiremos fazer a sociedade evoluir! Mais uma vez, parabéns!

^ | v - Responder - Compartilhar



Joelma - 4 anos atrás

Que texto incrível... Parabéns pela iniciativa... já ouvi muito esses "elogios", já chorei por pensar que nunca seria aceita e depois descobri que a aceitação maior que eu precisava era a minha, muitos negros trazem dentro de si esses preconceitos, e me dói tanto pensar que alguém se acha inferior por ser diferente... As pessoas não entendem que a gente só quer ser do jeitinho que a gente é, e ser respeitado... Amo meus traços, amo minhas raízes, amo a diversidade... amo amo amo...

^ | v - Responder - Compartilhar



Eva Morrissey - 4 anos atrás

Minha mãe é branca, meu pai é negro. Não importa onde, pra todo mundo eu sou "morena". Meu cabelo é crespo, e com meus cachos selvagens ou com chapinha, me sinto a mesma pessoa. Com o cabelo descolorido ou com o castanho natural, sou negra, mas obviamente, me recusam até o direito de me considerar negra. "Ah, você não é tão negra assim", "Crespo nada, que seu cabelo não é ruim! É cacheado!". Isso quando, ao estar no seu modo natural, não vão metendo a mão no meu cabelo, querendo puxar, tipo, oi? Leva empurrão mesmo, que detesto gente encostando em mim do nada. Mas o que mais me dói, mesmo, é que geralmente tenho que brigar, em qualquer coisa em que precisam que você declare cor/etnia, para que marquem como negra e não como branca. Qualquer ser que olhe para a minha pessoa percebe meus traços, meu cabelo, meu corpo, pra que me embranquecer?

^ | v - Responder - Compartilhar



Dani Bastos - 4 anos atrás

Acho todas nós mulheres negras se identificaram quando leram esse texto da Charô, que trouxe reflexões pertinentes e necessárias. Esses "elogios" confirmam que a mulher negra tem a sua beleza negada e invisibilizada por um padrão estético imposto, que é indiferente a diversidade. O "Você é uma morena muito bonita" é de fato um dos mais comuns e mostra a não-aceitação da mulher negra como uma mulher bonita, pois se é como se pensassem: ela é bonita, mas é negra e negras não são bonitas, então vou chamar de morena. Muito bom mesmo! Parabéns, Charô!

^ | v - Responder - Compartilhar



Aline Pires · 4 anos atrás

Oi Charó!

Já ouvi de amigas na faculdade, durante uma conversa em que eu disse algo sobre ser mulher negra, a seguinte frase: "Ah que isso... vc não é negra, neeeeeegra... Vc é morena clara..."

Tenho certeza que não falaram pra ofender ou algo do tipo, mas o preconceito está tão embutido na cabeça das pessoas, que ninguém na roda de amigos percebeu o racismo no "elogio"...

E sobre os traços finos... Aff... sempre ouço esse papinho...

Adorei o texto e o blog! Parabéns!

^ | v - Responder - Compartilhar



Ione Berenice Helvécio · 4 anos atrás

O "elogio" que mais me irrita é "Nossa! Como você é inteligente! me surpreendeu." É quase como se dissesse que "sendo mulher negra e suburbana, deveria ter déficit cognitivo".

^ | v - Responder - Compartilhar



Elaine · 4 anos atrás

Gostei muito do texto, lembro que quando era criança, algumas pessoas perguntavam pra minha Mãe: "seu marido é branco?, sua filha tem a pele tão clarinha.". Na época não respondia, mas hoje, ai daquele que se atrever a falar que sou clarinha.

abri mão do relaxamento, alisamento, e estou assumindo minha negritude e deixando meus cabelos naturais e incentivando todas que conheço a fazer o mesmo, valorizar nossa raça e ter orgulho de nós mesmos.

Valeu.

^ | v - Responder - Compartilhar



Luis Paulo Plassi · 4 anos atrás

Texto muito claro, lícido e bem escrito, direto ao ponto. Parabéns para a autora. Gostaria apenas de comentar uma coisa. Imagine a situação onde temos uma mulher branca em um lugar público e chega uma outra e diz: nossa como você é linda, nossa seu cabelo é lindo, etc. Não é uma coisa muito rara? A não ser que seja algo fora da "norma", tipo uma cor azul, ou um adereço diferente. O que estou querendo dizer é que mesmo sem a palavra "negra" ou "morena" na frase, sempre me parece que a exclamação traz embutida a ideia de que a pessoa elogiada é exótica. Ou seja, racismo do mesmo jeito.

^ | v - Responder - Compartilhar



Fabiana Soares · 4 anos atrás

Acabo de ver toda a minha vida num flashback! Minha mãe é branca de olhos verdes e dos "traços finos" rsrsrsrs e sempre perguntaram pra ela como era ser mãe de uma moreninha... Pode? Acabei desenvolvendo respostas prontas para estas situações. Acabei me acostumando com o olhar indiscreto das pessoas sobre mim. "Nossa... mas como vc é diferente" Resposta: diferente pra mim é elefante rosa. Ou sou feia ou sou bonital "Nossa... que moreninha linda... Já pensou em viajar pro exterior? Os gringos ficariam loucos!" Resposta: o que vc pensa sobre sua filha loura se prostituir?

^ | v - Responder - Compartilhar



Lilly Martins · 4 anos atrás

Nossa, Charó, que texto incrível. Essa coisa do cabelo... Já passei por cada situação, e olha que eu uso tranças, que é algo bem mais comum. A maioria das pessoas pensa que não, mas eu acredito que quando se trata do cabelo da mulher negra, muita gente ultrapassa a linha do bom senso e vai metendo a mão mesmo.

E sobre chamar de morena: sou negra com várias características da etnia (inclusive cabelo crespo), e quando fui tirar a segunda via da carteira de identidade a senhora que preenchia o meu cadastro me olhou de canto de olho, hesitou e perguntou "é parda ou negra?", ao que eu respondi: "negra... Parda seria muito forçar a barra". Eu e minha mãe rimos; ela não. HAHAHA. Dá pra ver o medo de ofender que ainda existe (dá pra entender, visto que existem pessoas que se ofendem mesmo; a sociedade transforma o negro em algo tão inaceitável que muitos que pertencem à etnia preferem se "embranquecer"). O jeito é encarar com bom humor.

^ | v - Responder - Compartilhar



camila · 4 anos atrás

A família do meu marido me detesta por eu apesar de ter a pele clara,tenho cabelo bem crespo,e lábios grossos.Parei de ter contato com essas pessoas por que cheguei a ouvir da tia dele que não era para ele se casar comigo porque nossos filhos iam nascer todos com cabelo duro,que eu era feia,tinha por causa dos meus lábios grossos e que eu era "amarela", (aqui na bahia,pessoas claras de cabelo crespo são chamadas assim) Na minha casa também ouvia esses comentarios do meu proprio pai,---Amarela nojentá,sará..

^ | v - Responder - Compartilhar



Eliz · 4 anos atrás

Morena é o que mais ouço, e pior ainda é quando perguntam se minha irmã é de sangue.

^ | v - Responder - Compartilhar



Charó · 4 anos atrás

Queridxs, agradeço a todos os comentários. Conversem que é para isso que a gente escreve. Um super abraço!

^ | v - Responder - Compartilhar



Charlene Gomes · 4 anos atrás

Sempre passei por isso, sou filha da mistura. Negro, índio e ruivos, como resultado não sou negra, tenho sardas e cabelo bem crespos e a vida toda desde bebê, não me recordo de um só dia que não tive mãos alheias passando no meu cabelo duvidando ou espantados por serem naturais ou simplesmente "conselhos" de como deveria arrumá-los para ficarem mais lisos...

^ | v - Responder - Compartilhar



Isabelle Chagas · 4 anos atrás

Sempre me irritei com esses "elogios". Mas só comecei a ter consciência de todo o racismo contido neles, muito tarde. Mas agora, não tolero mais declarações racistas. Sempre faço questão de mostrar o quanto o indivíduo que reproduz está contribuindo para a naturalização desse tipo de violência( querendo ou não). O mais triste dessa luta diária é ser considerada a chata, que procura racismo em tudo. Ou a fresca, que não tolera comparações do seu cabelo com palha de aço, ou não tolera ser chamada de "morena cor de jambo", ou qualquer outro "elogio". Mas essa é nossa luta, vamos em frente.

Adorei o post.

^ | v - Responder - Compartilhar



Lili · 4 anos atrás

Pois,

Depois de ler até me inspirei a comentar e postar algo no meu blog há muito parado. Mas outra coisa muito curiosa que EU acho bastante preconceituoso é o termo "mulata". Basta estudar a raiz da palavra, o "centro" ainda está lá: MULA. E a mula, nada mais é que o cruzamento de um burro com uma égua, e quando empaca não sai do lugar nem mesmo se o dono quiser. O termo vem de longe, de tempos antigos, onde a escravidão era visível e aceitável socialmente. E uma historinha que meu pai contou faz muito sentido:

""O filho do patrão (um rapaz caucasiano, não branco, não sejamos racistas, o que vale para nós, vale para todos igualmente) se envolvia com alguma negra e você sabe, vocês tem "quadris largos", mais volumosos que de muitas mulheres por aí (que, cá para nós, é uma característica que 80% possuem e chama a atenção, sim, ainda mais quando a "concorrência" está cheia das saias enquanto você tá usando alguma roupa de saco ou de algodão). E a criança era o resultado do burro do guri com uma moça de ancas largas. Nasceu aí uma mula humana. Ou "mulato/a". Mulatinho, para ficar carinhoso e deixar o racismo suprimido.""

Pro racismo e preconceito sumir do Brasil, o esquema é fazer com que o negro deixe de ser a "alegria da festa". O negócio é entender que no passado da sua família alguém era importante na África. Pegar essa linha de onde arrebentou e dar um nó. É fazer com que todos os negros e negras façam a cultura do passado, transcender para o futuro.

^ | v · Responder · Compartilhar



Fabricia · 4 anos atrás

Que texto lindo, Charô!

Parabéns pela sensibilidade e pela transparência com que tratou o tema!

Grande abraço

^ | v · Responder · Compartilhar



Cida Neves Lima · 4 anos atrás

nossa, com um elogio desses é preferível que a pessoa fique calada!

eu que sou gorda, também recebo diversos elogios "gordofóbicos" do tipo "vc tem o rosto lindo" ou "vc é uma gordinha/fofinha linda" ou os famosos "nossa que linda roupa, te emagreceu muito!" "esse cabelo afinou muito seu rosto, tá ótimo"

as pessoas são tão presas em padrões pré estabelecidos que até mesmo quando admiram e acham bonito uma pessoa que esteja fora desses padrões sentem que precisam JUSTIFICAR seus elogios fazendo com que saia de suas bocas essas coisas tortas e horrorosas que tem o efeito contrario de um elogio, fazem a gente se sentir mal.

^ | v · Responder · Compartilhar



Anna Benchimol · 4 anos atrás

Seu texto é maravilhoso. E é muito bem escrito (às vezes leio textos em que bons argumentos se perdem numa dissertação mal escrita). Gosto, gosto muito!

^ | v · Responder · Compartilhar



Fernanda Sousa · 4 anos atrás

Perfeito, Charó!

Meu processo de afirmação da minha identidade negra iniciou-se ano passado, quando entrei na USP e passei a ter contato feminismo, que me ajudou a me entender como uma MULHER NEGRA, não "morena" ou "mulata". Uma coisa no seu post que me chamou atenção é você dizer que a expressão "mulher negra linda" é racista. Eu, mesmo depois de todo esse processo de afirmação identitária, sempre utilizei essa expressão para me referir às mulheres negras que eu considerava bonitas, mas nunca tinha refletido sobre o conteúdo racista dessa expressão. De fato, se não falamos que fulana é uma "mulher branca linda", por que falamos que fulana é uma "mulher NEGRA linda"? Na ingenuidade, talvez, ao usar essa expressão, eu achava que estava acentuando a beleza da mulher negra, não só dizendo que é uma mulher linda, mas marcando a questão étnico-racial, num sentido de empoderamento. Mas, pensando, acredito que essa expressão desvela um sentido muito mais racista do que subversivo.

E quanto falar que uma pessoa é negr@, só agora eu consigo fazer isso sem nenhum problema. Por mais que eu considera a pessoa como negra, quando me referia a ela a um terceiro, eu sempre dizia "moren@". Hoje, não mais.

Parabéns pelo post, Charó!

^ | v - Responder - Compartilhar



Raquel → Fernanda Sousa · 4 anos atrás

Fernanda, fiquei pensando nas suas considerações sobre o elogio "mulher negra linda" ter um conteúdo racista pelo fato de adjetivar a mulher também como negra.

Será que incluir o "negra" junto de "mulher linda" não poderia ser visto muito mais como uma estratégia de dar visibilidade às mulheres negras e à beleza da mulher negra?

^ | v - Responder - Compartilhar



Daniele Carvalho · 4 anos atrás

É devastado esses comentários e a sexualização da mulher negra.

^ | v - Responder - Compartilhar



Danielle · 4 anos atrás

Adorei essa matéria. Imagino como deve ser difícil ter que encarar ignorância racial em pleno século XXI.

^ | v - Responder - Compartilhar



Priscilla Picasky da Costa · 4 anos atrás

Não sou negra, mas concordo plenamente com tudo que foi descrito! Percebo que sendo apenas mulher já sofremos altos abusos com piadinhas sexistas e machistas... e percebo que a mulher negra sofre muito mais com todo esse racismo "embutido" na nossa "cultura". Espero sinceramente que um dia tudo isso mude.

^ | v - Responder - Compartilhar



souminha · 4 anos atrás

Ai, meu Deus, Lucinda me faz querer morrer de amor! E essa poesia é das suas mais contundentes, das que mais revolvem milhares de sentimentos dentro da gente.

Como ela consegue lavar nossa alma e bater na cara dos preconceitos das pessoas com tanta classe e tanta lindeza?

Agradeço por ter tido a oportunidade de conhecer Lucinda e sua poesia ainda na minha adolescência. Ela me salvou de muitas tristezas e de muitos grilos que poderiam ter sido devastadores.

^ | v · Responder · Compartilhar >



Ramonna · 4 anos atrás

Sou professora, recente em uma aula sobre raças comuns no Brasil, sugeri que meus alunos (entre 6 e 7 anos de idade) falassem de suas raças, quando um deles ficou constrangido quando comentamos que ele era negro, quando questionada pela família dele percebi que o meu aluno sofria preconceito da própria família, que o ensinava que ele era "moreninho", nesse momento tive que ser firme com ele e sua família e expliquei que ser negro não é defeito, é apenas uma raça como as outras existentes em minha sala de aula, índios, brancos, mulatos e negros também. Ao perceber esses preconceitos "mascarados" em meus alunos os perguntei qual era a minha raça e eles ficaram com vergonha e receio de dizer que eu era negra ou mulata, TODOS sem graça disseram que eu era branca, lábios grandes, nariz arredondado e cabelos encaracolados então tive que na prática ensinar a eles que ser negra não é defeito e nem sinal de pessoas feias e todos ficaram surpresos quando ouviram da minha boca que sim, sou mistura da raça negra e branca, de tal forma sou mulata!

Parabéns pelo texto, ótimo!

^ | v · Responder · Compartilhar >



Janaina · 4 anos atrás

Tem também "Seu cabelo não é crespo, é cacheado." Como se o dono do elogio me tirasse do "erro" da meu cabelo ser crespo. Eu geralmente respondo assim: olha, eu considero o MEU cabelo como crespo. E outra que tem me incomodado bastante "Meu cabelo é crespo/cacheado mas tem a parte de baixo lisa." Tipo assim, um consolo pra vc que foi acometida pelo mal do cabelo crespo. Ai com esses eu só levanto o olhar pro céu e dou um suspiro de cansaço mesmo.

^ | v · Responder · Compartilhar >



Vicky Cerqueira · 4 anos atrás

Nossa, e as cantandas gente!! Quam aí já recebeu a "nossa, Globeleza"???? o/

Já escrever mais mas eu já comentei na página do Face hahaha pra não ficar repetitivo né!

O texto tá ótimo!

beijinhos

^ | v · Responder · Compartilhar >



Edna Mara Prigol · 4 anos atrás

Algumas vezes usei o termo morenx, moreninx, mas na minha cabeça não estava sendo racista, mas aprendi com amixxs e principalmente com minha filha, usar a palavra negrx.

Mas já ouvi muitos desses "elogios" a uma amiga.

Já senti muito preconceito por ser mulher, imagino como deve ser dura a batalha para a mulher negra, é necessário sempre responder a altura destes "elogios"!

Parabéns gosto muito do blog!

^ | v · Responder · Compartilhar >

 Ana Gabriela · 4 anos atrás  
O difícil é contra-argumentar com uma cultura racista tão arraigada. Minha tia avó um dia me disse que nós eramos negras duas vezes, porque apesar da pele clara temos cabelo ruim.

☹

^ | v - Responder · Compartilhar

 Dayanne Aguiar · 4 anos atrás  
Sou negra e lésbica e nordestina. O "elogio" que eu recebo de "você é moreninha, não é preta não. Você é bonita" é o mesmo de "você é gay, mas é gente boa, honesta". Que é o mesmo que "nossa, como você conhece essa música refinada? Toca aí no nordeste?" quando eu digo que estudo violino.

Pense na gota serenal O que me resta a fazer é tocar um tango argentino. Um Libertango!

^ | v - Responder · Compartilhar

 Charó → Dayanne Aguiar · 4 anos atrás  
Amei, libertango <3

^ | v - Responder · Compartilhar

 Suh · 4 anos atrás  
O meu caso é semelhante ao de Norma Santos que postou acima, tenho a pele um pouco mais clara e os cabelos ondulados, no entanto não tenho nariz afilado e nem boca fina o que me diferencia do esteriótipo indígena, apesar de TODOS me dizerem que sou índia. Entendo que as características indígenas estão presentes em mim, mas não me vejo assim já que sinto e vejo o meu sangue negro talvez pelos traços que me marcam mais. Isso me deixava extremamente confusa até pq minha mãe (tão escura quanto eu) nunca me permitiu ser negra, pois sempre que eu me autointitulava assim ela me corrigia me dizendo que sou índia e que a família dela toda é índia, mas sei que temos sangue negro é claro, qual brasileiro não tem?? É muito difícil para nós negrxs termos a consciência e o peito de nos assumirmos já que muitas vezes somos "corrigidxs" por amigxs e familiares que acham que estão nos fazendo bem, afinal que quem é que quer ser pretinhx, não é?

^ | v - Responder · Compartilhar

 Charó → Suh · 4 anos atrás  
Um abraço pra você Suh. Acho que é isso mesmo, as pessoas tentam nos corrigir. Quem quer ser negro afinal?

^ | v - Responder · Compartilhar

 Paty · 4 anos atrás  
Não conhecia o racismo até chegar no Brasil, me assustei, fiquei indignada, muitas vezes fui alvo de "elogios" racistas, mas poucas vezes respondi, preferi ignorar. A pior situação, por assim dizer, que já passei foi encontrar um cara que começou a me bajular com comentários extremamente racistas. Desde que cheguei aqui o que mais me incomoda são os homens que chegam perto por que sou negra e acham que sou "facil". Já tive o desprazer de ser seguida por um carro, cujo dono achou que eu estava me fazendo. Todos dias passo por esse constrangimento, de ver homens atrás achando que a "neguinha" tá sempre pronta e disponível para um branco. Uma vez estava numa lancheria, e um senhor querendo conversa, tentou me elogiar dizendo que eu era a negra mais linda que ele já viu dos subúrbios no centro. Negra tem que ser sempre da favela (nada contra favela), mas me aborrece saber que aos olhos dos brancos, negro jamais pode ter uma condição boa de vida, ou mesmo morar num bairro "nobre", na faculdade os primeiros anos, escutei muito, "moras em tal bairro, nossa os teus pais devem ser muito rico", sendo que nem era bairros de ricos, por ser negra, há lugares para pessoas dessa cor, só faltava essa dizer isso.

As recordações que tenho do Brasil é traumático, nunca imaginei que poderia ser considerada prostituta pelo simples fato de ser negra e ter pernas grossa, jamais cogitei a ideia, de que aqui negro tem que ser e deve ser só e somente da favela, pois lá é o seu lugar... Amei o blog sucesso pra vocês que essa luta continue chegue mais longe,

^ | v - Responder · Compartilhar

 Charó → Paty · 4 anos atrás  
Obrigada Carolina, benvinda à nossa "democracia racial". Sinto muito por você, por mim, por todas nós. Abraço!

^ | v - Responder · Compartilhar



Carolina Corrêa · 4 anos atrás

Adorei o texto, importantíssimo pra gente enxergar inclusive nossos próprios preconceitos. Sou gorda, descendente de índios, e sempre tive o cabelo muito liso e comprido, e é incrível como as pessoas acham que corpo de mulher é público e vão logo pegando no meu cabelo, colocando a mão sem nem pedir licença, achando que é elogio. Fico muito incomodada, mas sou meio bobona, fico sem graça de dar uma resposta, de cortar a pessoa... Toda minha solidariedade a quem passa por isso e por tantas outras formas de "elogios".

Beijos a todas as Blogueiras Negras, adoro esse espaço! (=

^ | v - Responder - Compartilhar



Charô → Carolina Corrêa · 4 anos atrás

Olá Carolina, estamos aqui pra nos fortalecer. E aprender a responder juntas. Obrigada pela audiência!

^ | v - Responder - Compartilhar



Bárbara Rodrigues · 4 anos atrás

PER-FEI-TOII Esse texto cai como uma luva na minha vida, e creio eu que na vida de milhares de outras mulheres negras também. Sou do tipo que fica profundamente incomodada em ser chamada de "morena" (sou negra, pô, não f\*del) e mais ainda quando alguém questiona minha negritude "porque sua pele é clarinha"... Nossa! E o cabelo sempre reeeeeende comentários, principalmente os desagradáveis, como pedir para pegar (horível isso, o cúmulo) ou dizer "seu cabelo é lindo" e logo em seguida sugerir relaxamentos, alisamentos, reduções de volume, etc "porque ficaria tão mais bonito". Já chegaram ao cúmulo de me dizer "seu cabelo é ruim mas sua bundinha é uma delícia" (e eu prontamente fiz a figura se arrependendo de ter nascido). Fora que, para além dos elogios, em matéria de autoestima sempre surgem críticas pesadíssimas pra gente, por vezes desde a infância. Trabalho com alguns casos, e não são raros os de meninas que sofrem bullying pesadíssimo, chamadas de "feias", "barangas", etc e (mesmo por serem muito jovens) não perceberem o fundo racista contido nesse "padrão de beleza" que violentamente as exclui. Por vezes sequer as equipes pedagógicas têm preparo para perceber e lidar com a situação. Felizmente podemos todas contar com essa cada vez mais forte sororidade negra, que nos fortalece enquanto mulheres e nos dá condições de nos amarmos do jeito que somos e de não aceitarmos a violência calada! Só tenho a agradecer!

^ | v - Responder - Compartilhar



Charô → Bárbara Rodrigues · 4 anos atrás

Bárbara, suas histórias certamente dariam um Segundo post sobre o assunto. Obrigada pelos comentários!

^ | v - Responder - Compartilhar



Carol · 4 anos atrás

Eu já terminei com um carinho, pq ele me achava uma bunda ambulante, não levava em consideração nada o que eu falava, mas eu tenho a bunda grande e era isso que o fazia feliz... QUE ODIO

^ | v - Responder - Compartilhar



Ligya Moraes · 4 anos atrás

Para mim, o pesadelo de todos os tempos é o cabelo. Também já tive o desprazer de me perguntarem se era peruca, na época em que troquei a química pelo black. Até hoje as pessoas pedem pra botar a mão, como se eu fosse algo em exposição! E há o clássico: "Já está tão grande, se você relaxasse só pra DÔMAR, ficaria ainda maior"! Resposta na ponta da língua: Se alguém precisa ser domado aqui, esse alguém é você e leve junto seu racismo!

^ | v · Responder · Compartilhar >



Charó → Ligya Moraes · 4 anos atrás

Adoro quem responde assim na lata, adoro. Obrigada pelo comentário Ligyal

^ | v · Responder · Compartilhar >



Dayane Candido dos Santos · 4 anos atrás

Sou chamada de morena diariamente no meu trabalho e como não tenho papas na língua, advirto a pessoa: "Morena não, por favor, sou NEGRA." E a resposta que mais escuto é: "Naô, vc nem é tão negra assim, é melhor ser chamada de morena." Afff... a ignorância que perpetua na cabeça das pessoas encobre a falta de informação, um racismo "as avessas" e a discriminação escondida em "elogios degradantes" à nós, mulheres negras. Adorei o artigo e fiz questão que postá-lo no face. Parabéns!!!

^ | v · Responder · Compartilhar >



Charó → Dayane Candido dos Santos · 4 anos atrás

Obrigada Dayane por compartilhar e deixar a qui sua opinião!

^ | v · Responder · Compartilhar >



Tamara Rocha · 4 anos atrás

Sou branca, professora de História e amo samba, quando danço tem gente que diz: nossa, parece uma neguinha, ou por causa do meu cabelo que é cacheado dizem que tenho cabelo de negal! Digo: que ótimo, sou negra mesmo, não de cor mas de alma e coração, sou índia, sou negra, com muito orgulho apesar de carregar na pele a cor do europeu... Nós mulheres sofremos todo e qualquer tipo de discriminação, por tudo em tudo quanto é situação, penso que não devemos nunca aceitar e sim levantar a cabeça e dizer: Sou negra sim, e daí? Qual é o seu conceito de cabelo bom ou nariz perfeito? Europeu? me desculpe querido, mas não estamos na Europa e meu país é cheio de misturas aceite vc ou não!

^ | v · Responder · Compartilhar >



Charó → Tamara Rocha · 4 anos atrás

Pois é Tamara, quem quer parecer uma "neguinha"!

^ | v · Responder · Compartilhar >



Pedro Jackson · 4 anos atrás

Lamentável!!! Concordo plenamente com o texto!

^ | v · Responder · Compartilhar >



Charó → Pedro Jackson · 4 anos atrás

Obrigada Pedro.

^ | v · Responder · Compartilhar >



Talita Schneider · 4 anos atrás

Olá, cheguei até este blog por meio de duas queridas amigas que me ajudam a entender a questão do racismo todos os dias: a Dani e a Bethânia. Sou professora. Não sei o que vocês passam porque nunca passarei pelo mesmo... Tento entender para poder atuar, de alguma maneira, contra o racismo. Hoje mesmo, numa reunião de professores, fomos informados sobre uma aluna que está sofrendo muito por causa do racismo. A última atitude da minha aluna adolescente foi alisar os cabelos para que os seus colegas parem de soltar "pérolas" racistas. Da minha parte, gostaria de ajuda de vocês para saber como atuar em situações assim, sem chamar a atenção ainda mais para a adolescente... Eu quero fazer algo, mas não sei direito como fazer... Queria saber como ela se sente, mas não sei... { Obrigada, queridas! Eu ainda quero acreditar que um dia, tudo isso que vcs contam aqui, seja passado.

^ | v - Responder - Compartilhar



Charó → Talita Schneider · 4 anos atrás

Talita, obrigada por seu comentário. Entrei em contato via facebook.

^ | v - Responder - Compartilhar



Larissantiago · 4 anos atrás

Tem um que eu adoro "só que não" que diz: "mas você nem é tão negra assim". Chamar de morena é o mais comum...

^ | v - Responder - Compartilhar



Rafaela Nascimento → Larissantiago · 4 anos atrás

Odeio com todas as forças o "mas você nem é tão negra assim", ou pior, quando afirmo que sou negra e com um tom de reprovação decidem que é inaceitável: "Pára com isso, você é branca, negro é o fulano/beltrano, você é no máximo morena/moreninha!", sinceramente não tenho mais paciência e respondo ofendendo: branca é o c#\$%&@, sou negra!

Outro comentário que odeio é: "Como assim VOCÊ não samba? Tá no seu sangue", porque sou negra eu sou obrigada a saber samba ou a gostar de carnaval? ~~~"

^ | v - Responder - Compartilhar



Charó → Larissantiago · 4 anos atrás

Nê Larissal É quase branca =P

^ | v - Responder - Compartilhar



Alyne Nunes · 4 anos atrás

Olá meninas, sempre leio as postagens do blog e os publico em página do facebook, pois tenho em minha rede pessoas que teimam em dizer que tais elogios são um reconhecimento de que sou diferente (e uma boa diferença) das demais negras que existem! Pois eu comecei meu processo de compreensão de que tais elogios são ofensas e racismo, muito tarde! Por ter em meio seio familiar quem verbalize tais "elogios", sempre escutei tais ofensas, embora elas me incomodassem eu não reagia, hoje é diferente eu reajo e de maneira grosseira as vezes. Já cheguei a discutir com uma branca que insistia em afirmar: Alyne você não é negra, não se diminua, você é morena! Se vc quer militar pois bem, mas assumo o que você é. Isso me marcou profundamente! Minha pesquisa é justamente em cima desses estereótipos que parecem elogio e figuram como preconceito. Amo tudo o que você escreve e identificação é máxima, obrigada Charó por expressar tão bem as angustias que nós mulheres negras vivenciamos.

^ | v - Responder - Compartilhar



Larissantiago → Alyne Nunes · 4 anos atrás

Alyne, a gente sabe mais do que ninguém como essa sociedade racista se manifesta com seu elogio sutil

Queremos muito depois ter acesso a sua pesquisa. Queremos que você contribua com a gente \*

Um chêro, minha pretal

^ | v - Responder - Compartilhar



Charó → Alyne Nunes · 4 anos atrás

Alyne Nunes, tem que reagir mesmo. É uma processo, uma construção, mas vale muito a pena. E obrigad apor suas palavras, essas sim, um elogio!

^ | v - Responder - Compartilhar



Norma Santos · 4 anos atrás

Eu completamente amei o texto...como tenho um fenótipo indígena (pele parda e cabelos lisos) nunca ouvi nenhum desses 'elogios'. Simplesmente me parece absurdo que alguém realmente pense que está elogiando a outra pessoa com esse tipo de coisa, fala sério isso de 'mulata exportação', tocar no cabelo alheio sem permissão?! (oh god) me lembrou que quando fiz minha primeira tatuagem uma garota que era uma simples conhecida puxou meu braço pra 'observar' melhor a tattoo...não estava esperando por isso e senti meu espaço pessoal extremamente invadido... imagino que a sensação seja parecida. O 'elogio' da sua lista que estou mais familiarizada é o "morena ou morena escura", falado sempre com um tom diferente como se pessoa devesse ter alguma especie de vergonha da cor da pele... quase como se fosse pecado...

^ | v - Responder - Compartilhar



Charó → Norma Santos · 4 anos atrás

Norma, a sensação é a mesma. A invasão nunca é benvinda! Obrigada por seu comentário.

^ | v - Responder - Compartilhar



Aline Souza · 4 anos atrás

Infelizmente é isso e muito mais. Eu tenho 20 anos, sou negra, pobre e favelada. Frequento lugares onde, infelizmente o preconceito está escancarado seja no tratamento ou na forma de olhar. São frios, olham com antipatia, nojo. Isso me entristece mas ao mesmo tempo me dá incentivo pra lutar e mudar de vida e mostrar pra eles que sou capaz e digna de respeito.

^ | v - Responder - Compartilhar



Raquel → Aline Souza · 4 anos atrás

Aline, eu sou negra, tenho 23 anos, sou de classe média e moro num "bairro bom" Os lugares onde frequento também têm preconceito e, às vezes, é pior porque é velado, mas o olhar também denuncia. Quando trabalhava no Itamaraty deixei de pertencer a um departamento porque alguns diplomatas poderiam não gostar de eu estar lá, já presenciei conversas de advogados de lá se referindo a indicação do Ministro Joaquim Barbosa ao STF a "agora aquele preto vai ficar se achando, mas ele nunca deixará de ser um macaco"...

Ou seja, a nossa luta tem de ser o tempo todo e em qualquer ambiente e força e fé que você (e eu e nós todas!) vai conseguir mostrar que é capaz.

^ | v - Responder - Compartilhar



Polliany → Raquel · 4 anos atrás

Ai que nojo de gente assim! De doer isso, sabia...

^ | v - Responder - Compartilhar

 Charó → Aline Souza · 4 anos atrás  
Força, muita força. Eles querem nos alquebrar mas não conseguirão. Abraçol  
^ | v · Responder · Compartilhar ›

 eloá · 4 anos atrás  
É bem assim mesmoll principalmente em relação aos traços, sempre tem um " que nariz mais empinadinho, você puxou de quem? Outro fator que vejo muito é as pessoas terem receio de chamar um negro de negro, pois ainda hoje a palavra negro é socialmente estigmatizada como xingamento. Acredito que o nosso posicionamento frente à essas questões é uma das melhores formas de enfrentamento.  
^ | v · Responder · Compartilhar ›

 Charó → eloá · 4 anos atrás  
Obrigada Eloá por seu comentário!  
^ | v · Responder · Compartilhar ›

## ANEXO B – POST 2

- **Protocolo**

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>100</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>27 de Junho de 2013</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Ana Flávia Magalhães Pinto</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Do Trágico ao Épico: A Marcha das Vadias e os Desafios Políticos das Mulheres Negras</b>	
<b>5. Local</b>	<b>FEMINISMO</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>4615 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		

- **Post**

Divulguei aquela reflexão e uma interessante discussão foi desenvolvida. Jurema Werneck prontamente entrou em contato com a organização da Marcha e obteve a resposta de que "esta cena – e mais uma – foi fruto da ação da comissão de segurança da Marcha contra os agressores. E, neste caso, os agressores. A organização da Marcha deve soñar uma nota ainda hoje sobre este episódio". Enquanto seguimos o debate e aguardávamos a nota, que até a tarde de quarta-feira (26) ainda não tinha saído, alguém chegou a ponderar se o vídeo teria mesmo mostrado tudo o que acontecera. O relato da própria Maria Lúcia Jansar, entretanto, confirmou o que para muitas já era óbvio: "Vou falar como testemunha ocular. O rapaz simplesmente levantou a camisa, porque na marcha havia pessoas de peito nu. Ele estava exibindo o 'tanquinho'. Depois dos primeiros gritos, ele deu as costas e saiu em direção contrária à marcha. Em seguida, fotógrafos e povo cercaram-no e ele novamente levantou a camisa. Eu que estava próxima, temendo que a Bermuda amarrada com cordão baixasse expondo sua genitalia, coloquei o cartaz em cima. Ele reagiu batendo no cartaz. Tendo me ouvido pedir que não continuasse com aquilo, gesticulou para que me afastasse. Daí eu saí da marcha porque fiquei deveras perturbada com o racismo exacerbado das manifestantes que acorrem para ele como urubus em busca de carniça. No vídeo está claro que ele está caminhando ou tentando ir no sentido contrário da marcha. A filmagem acaba quando ele tira a muleta em direção ao estacionamento sem peçoça alguma. Eu estava lá, e isto está no vídeo. O que faltou ao vídeo foi a minha indignação com a agressividade daqueles que gritavam com o rapaz e ainda o impediam de sair da confusão".

A julgar pelos posicionamentos enviados, o episódio tem tido tamanha repercussão por condensar uma série de insatisfações que há muito perturbam várias mulheres negras que se colocam em diálogo com organizações feministas de maioria branca. Aline Maia, por exemplo, ponderou: "Será mesmo possível construir um feminismo, com mulheres brancas, que pautem nossas demandas? Tenho muitas dúvidas! Porque, na experiência que tenho, vejo que na maioria das vezes é sempre isso que acontece: expomos nossas questões, expomos nossos corpos negros, nossas pevides e dores e a massa branca se lixá, e no final diz: 'Viva a solidariedade feminista'". O posicionamento de Carla Akotirene é tão instigante quanto: "Ando repensando essas articulações com movimentos de mulheres que combatem as violências de gênero a partir de outras modalidades de opressão contra corpos negros, contra os racialmente excluídos e quem se firmam revolucionárias". Para Aline Mattos, o acontecido encaixa-se nas problematizações feitas por Audre Lorde: "A recusa institucionalizada da diferença é uma necessidade básica para a economia do benefício que necessita da existência de um excedente de pessoas marginais".

Quando às primeiras edições da Marcha das Vadias / Slut Walk aconteceram, em 2011, eu estava no período de doutorado sanduíche nos Estados Unidos. Era uma duplamente outsider, mas tentei acompanhar o que acontecia simultaneamente aqui e lá. Como a experiência de ser tratada negativamente como vadia é algo que faz parte da experiência das mulheres negras, a proposta não me soou de todo descabida. Porém, logo surgiram alguns questionamentos feitos por mulheres negras de ambos os países. O primeiro deles lembrava que tal tratamento não nos tem sido reservado apenas quando saímos às ruas com roupas curtas. A negação do nosso direito ao próprio corpo independe das roupas que usamos. O segundo era o fato de muitas meninas, jovens e adultas negras das periferias e dos guetos não considerarem uma transgressão sair para qualquer lugar de shortinho e bluzinha ou roupas justas. Elas fazem isso constantemente e são até estranha a agitação por algo tão banal. Por outro lado, a proposta poderia fazer sentido porque o puritanismo nunca nos salvou.

Seja como for, não participei de nenhuma abridade de rua. A razão disso se deu pela forma como esses questionamentos foram tratados pelas feministas brancas organizadoras das edições da Marcha das Vadias / Slut Walk naquele momento e posteriormente. Ao retornar dos EUA, não foi difícil manter minha decisão: por os relatos de ativistas negras reforçaram a minha dificuldade de aproximação e crença no diálogo produtivo com aquele feminismo. Como relatou Paula Balduino de Melo no debate virtual dos últimos dias: "Nós, Pretas Candangas, estivemos em uma reunião de organização da Marcha das Vadias no ano passado (ou retrasado, me ajude a lembrar Juliana Cízar Nunes), a convite de algumas organizadoras, junto com outras mulheres negras presentes, posicionamos nossas divergências quanto à marcha. Divergências de princípio. Falamos sobre como temos de enfrentar cotidianamente a sociedade hegemônica para mostrar que não somos vadias, que não temos a 'cor do pecado'. Falamos que não queremos revindicar o direito de ser vadias, mas sim de ser médicas, advogadas, doutoras. O fato ocorrido dentro da marcha este ano reforça as diferenças".



## AGENDA NEGRA

DEZEMBRO, 2018

Qualquer evento



## CATEGORIAS

Mais uma vez diante desses relatos, penso que a facilidade com que aquele homem – que visualizo como a personificação de um taci trágico – foi transformado no alvo da palavra das manifestantes está diretamente atada à dificuldade que os feministas brancos organizadores da Marcha têm de entender e incorporar os questionamentos colocados pelas mulheres negras, feministas ou não. Falamos, recebemos um sorriso amistoso de “Eu vejo você”, e a coisa segue sendo feita de acordo com a vontade delas, como se expressassem a certeza de que “isso que você dizem pode ser irrelevante, mas o que estabelecemos desde o exterior é mais”. Afinal, a Marcha das Vadias tem alcançado ampla legitimação e, portanto, deve ser tida como uma decisão acertada e ponto final.

Não há dúvida de que aquele homem foi infeliz e insensato em suas ações, a ponto de colocar em risco até mesmo a própria integridade física já degradada. Mas aqui há a condição de “O agressor”, isso já me parece no mínimo emblemático do que não se conseguiu avançar por meio de debates quase sempre exclusivos a GTs de Gênero e Raça. Mesmo sabendo das limitações não intencionais, não era isso que esperava de pessoas que se dizem simpáticas às dores dos loucos, usuários de droga, mendigos, etc. A sensação é de que os representantes da história são super bem vendidos desde que se comportem do jeito estabelecido pela esquerda branca e clivada.

Não estou com isso pondo em xeque a legitimidade do feminismo em sim ou a viabilidade de uma luta coletiva. Trata-se apenas de mais uma tentativa de declarar a centralidade confortável do feminismo branco, mantida ao longo de décadas, algo que o permite exercer o seu poder à revelia das experiências de outras mulheres, com destaque neste caso para as negras. Digo isso porque uma coisa que dificilmente entra na cabeça de várias de nossas interlocutoras é a necessidade que nós, mulheres negras, temos de defender a existência dos homens negros. Não falamos apenas do pai opressor. Pela nossa história, convivemos também com os registros do avô escravizado, do pai enforcado, do irmão desempregado, do filho escravizado, todos pagando o preço de ser todos como vadios.

Felizmente, mesmo num momento delicado como este, há pessoas que buscam romper com os privilégios que desfrutam por serem brancas, expõem os erros de gente do seu próprio grupo sociocultural e se colocam para um debate franco e honesto, a exemplo da professora Edlene Silva, que disse: “Lamentável!! Estava falando sobre a questão gênero, raça e movimento feminista numa palestra que dei no sábado para professores do GDF. Tem questões identitárias no movimento feminista que datam do século XIX, desde o sufrágio que ainda são tão atuais, infelizmente”. Ou o também professor Alexandre Magno, quando expôs suas reflexões: “Algumas feministas dizem que a ação das mulheres foi corajosa, que aquele lugar era o lugar de fala delas e que seus gritos de liberdade seriam a única fala. Fiquei imaginando a mesma situação por outra óptica, a de um homem negro, pobre, deficiente físico, provavelmente sem instrução, aborrecido por aqueles sinalizados pontos, cheios de gás e bem próximos ao ouvido dele, que de repente depara com as filhas estampadas nos cartazes e que rapidamente, talvez pela sua compreensão de mundo e construção do modelo sexual, direcionou toda aquela fala ‘ao falô’. Será ele o inimigo? E a rua, que provavelmente ele habita todos os dias, o lugar a que foi destinado, separado, e sobre, não como o lugar masculino, mas o da exclusão (se tantos negros/inclusivos), agora tem dono(a)? Limpem a rua, saiam do caminho que marcha vai passar... Mas uma vez aquele homem negro, sem uma das pernas, sem apoio, não tem lugar. Que fórmula mais maluca de se lutar por equidade! Contra o machismo, o racismo!”.

Quando jacto tudo isso, aquelas imagens do vídeo assumem dimensão épica, condensam uma série de violências contra as quais nós negras e negros temos batido e nos debatido. A essa altura do campeonato, se a nota de organização das Marchas das Vadias chegar, servirá apenas como mais um registro importante para nossas reflexões sobre essa instável parceria entre feministas brancas e mulheres negras. O que disserem não apagará o que aconteceu na Marcha. O antirracismo já é palavra fácil, mas segue sendo uma prática difícil. É o lugar onde estamos. Para onde vamos? Isso depende do caminho que todas e todos estiverem realmente dispostos e empenhados a trilhar.

Ana Rêvia Magalhães Pinto responde pelo blog [Por falar em liberdade](#), é doutoranda e mestre em história, jornalista, integrante do Coletivo Pretas Candangas, e autora do livro *Imprensa negra no Brasil do século XIX* (São Paulo, 2011).

Acompanhe nossas atividades, participe de nossas discussões e escreva com a gente.

[RCS - Grupo de discussão](#) - [Página no Facebook](#) - [Twitter](#) - [Gplus](#) - [Email](#)

Compartilhe isso



- Aborto
- Afeto
- Arte
- Atualidades
- Beleza
- Biblioteca
- Cinema
- Colunas
- Consumo
- Corpo
- Cotidiano
- Cultura
- Cultura
- Denúncia
- Direitos
- E.V.A. - empoderamento e verdades antipatriarcal
- Editorial
- Educação
- Entrevistas
- Esporte
- Estilo de Vida
- Eventos
- Feminismo
- Grite Por Elas
- História
- Identidade
- O CONAHR
- Infância e Juventude
- Latindades
- Levantes
- Listas
- Literatura
- Literatura
- Marcha das Mulheres Negras 2015
- Maternidade
- Mente
- Moda
- Música
- Negras notáveis
- Negritude
- Noxante
- Pedagogia da Travestidade
- Pessoa
- Poesia
- Política
- Preconceito
- Pretas de Peso
- Racismo
- Rascunho
- Relações Interpessoais
- Religião
- Resistência
- Saúde
- Saúde e Beleza
- Sexualidade
- Sonho
- Tecnologia
- Televisão

- **Comentários do post: 44**

-  Ana · 2 anos atrás  
Lendo isso pela primeira vez 3 anos depois do ocorrido, tenho apenas uma pergunta: isso continua sendo frequente?  
[^](#) | [v](#) - Responder · Compartilhar
-  Pablo · 5 anos atrás  
Achei uma tremenda manifestação de racismo; dou todo apoio às críticas feitas por mulheres negras. A chamada "comissão de segurança" é a comissão do ridículo, de expor um homem negro nessas condições. É uma vergonha... podiam assumir logo ao revés de ficar explicando. Vão no GDF ridicularizar o Agnelo, ou a Dilma no governo federal... que são machistas no poder, no comando!!! Contra um rapaz como esse deixe que a polícia o ridiculariza todo dia!!! Não neguem, assumam que existe racismo... porque não haveria, numa marcha tão clara??? Um absurdo total, uma covardia completa. Pq não vão na secretaria de segurança pedir o diabo dos centros de atendimento à mulher, as DEAMs, ofender mendigo, sinto muito, não está no meu repertório. É triste ver que acontece, mas é ridícula e covarde a negação do fato. Comissão de segurança racista já existem muitas pelo Brasil, dentro ou fora da PM.  
A mulher negra tem todo direito de criticar o ato ridículo, e se colocar contra a marcha, é um direito político. Pois sempre é assim, o negro levanta o dedo e é tratado como cachorro. O branco age com racismo e todo mundo fica com "dedos" e "poréns", quer saber, todo apoio às negras que deram a cara a tapa e condenaram essa palhaçada disfarçada de "combate ao machismo". São os "negros perigosos" novamente, que "precisam de segurança"... As UPPs estão aí provando que até na esquerda o pessoal é meio maluco e racista, o "perigoso mendigo manco do semáforo"... voltamos às limpezas dos grandes centros. viva a luta do povo negro, pela legalização do aborto  
[^](#) | [v](#) - Responder · Compartilhar
-  catarina · 5 anos atrás  
Billy Campbell, é claro que ninguém ia linchar ninguém. Parece que você não viu o mesmo vídeo que eu.  
  
A comissão de segurança está justamente tentando fazer com que ele se afaste, saia da Marcha. Quem bloqueou a passagem dele foram os fotógrafos, não a comissão de segurança.  
[^](#) | [v](#) - Responder · Compartilhar
-  Abigail · 5 anos atrás  
Demorei para me pronunciar a cerca do ocorrido, para ler, ver e refletir sobre os textos, videos e notas publicados sobre o assunto: Ja que todxs estão se apresentando pela cor da pele, vamos la: meus bisavôs e a familia do meu pai são de pessoas consideradas negras - mas nasci com uma pele mais clara e sou considerada branca. Meu irmão, que tem pele mais escura, todxs as vezes que esta com amigxs e passam por policiais - e ELE e somente ele e' abordado. Sou advogada e militante do projeto Motyrum, da UFRN - embora afastada por esta' amamentando.  
  
A marcha da vadia e' um mov. classista, no momento que surge de universidades de maioria branca - mas como levanta muitas questões - devemos ou não nos apropriarmos da Marcha e transforma-la de forma a incluir todxs? Agora, jao, quem disse que a Marcha exclui as demais formas de atuação? E que o feminismo não precisa de construção teórica? O Motyrum aqui, em Natal/RN, atua com educação popular no campo, nos espaços de privação de liberdade e em periferias e ajuda na construção da Marcha, assim como os demais coletivos de mulheres, cada um em sua área de atuação. Acho que o "desfile carnavalesco" e' importante para a divulgação da causa e como primeiro contato com o feminismo.  
  
Acho que essa questão de roupas curtas, esta relacionado a sexualização excessiva das camadas populares - que facilita a exploração por parte das camadas da elite -, tirar o significado opressor e transforma-lo em libertário so tem sentido para alguém que nunca sofreu por isso - classe media branca. Todxs sabemos que fora do ambiente das periferias, roupas curtas e sensuais alem de esta ligado a libertinagem, por sua estética e uma forma poderosa de diferenciação de classe.  
  
Nossa sociedade e racista - e e' mto triste ver que o movimento feminista não aborda essas questões de forma satisfatória. Um mendigo ser quase linchado pela multidão - qualquer forma de linchamento e' temerária -e a imprensa encurrala-lo, foi pavoroso, se ele estava em surto, bêbado ou só com medo, a forma como foi conduzida a situação se revelou escrota e racista. A própria comissão de segurança deveria ter aberto caminho entre os fotógrafos e não deixar o coitado encurralado em situação vexatória e exposta.  
  
Ver essa dupla discriminação sobre esse homem foi de doer o coração; pois expôs de forma visceral o racismo classista de nossa sociedade.  
[^](#) | [v](#) - Responder · Compartilhar



catarina → Abigail · 5 anos atrás

Ai minha santa paciência. Ninguém ia linchar o pobre mendigo não. A comissão de segurança só estava buzinando no ouvido dele e mandando ele se retirar da Marcha, procedimento padrão.

Olha, eu não estava lá, então eu falo apenas como uma pessoa que viu o vídeo e leu depoimentos de pessoas que estavam na Marcha, mas é bastante irritante ler um comentário como o seu, principalmente esse penúltimo parágrafo aí.

Acho que dá próxima vez que um homem oprimido resolver hostilizar manifestantes de uma Marcha das Vadias o procedimento padrão deverá ser oferecer chá e biscoitos.

^ | v - Responder - Compartilhar »



Billy Campbell → catarina · 5 anos atrás

Pera, Catarina, ninguém ia linchar? Já estavam linchando ele! Você assistiu o vídeo todo? Se não percebeu, depois do primeiro "procedimento padrão", ele se afasta e é a tal comissão de segurança que vai atrás dele para buzinar mais no ouvido dele. Isso sem falar quando cercam ele depois! E foram só 2 minutos e pouco de vídeo e no que eu vi, ele só levantou a camisa, nem deu para ver ele seu menção de baixar as calças! Ok, ele pode ter hostilizado, que seja, mas custava deixar ele de lado e seguir com a marcha ao invés de seguirem o cara só porque estavam filmando e que, provavelmente, iriam compartilhar o vídeo depois nas redes sociais para mostrar para todos o quanto são pró-ativxs?

^ | v - Responder - Compartilhar »



João · 5 anos atrás

**O FEMINISMO PEQUENO-BURGUÊS X A URGÊNCIA REINDICATIVA DAS MULHERES DO POVO**  
Na semana passada houve uma grande repercussão de um vídeo (<http://www.youtube.com/watch...> gravado durante A MARCHA DAS VADIAS em Brasília. O vídeo mostra um homem negro de muletas em aparente situação de rua e possivelmente sob efeito de drogas ou perturbação mentalmente sendo perseguido pela comissão de segurança da marcha semelhantemente as perseguições machistas impostas às mulheres alcoolizadas em festas e nas ruas e que muitas vezes acabam em violação sexual, porém o homem foi perseguido não com a finalidade de ser violentado sexualmente, mas sim para ser violentado na base da mais ridícula e covarde hostilização pelo simples fato de ter levantado a camisa e ter ficado rebolando amparado por suas muletas. Em seguida militantes negras expressaram total repúdio ao circo dos horrores ocorrido numa marcha dita libertária (ou liberal) e fizeram uma crítica através de um texto publicado no (<http://blogueirasnegras.wor...> no qual fizeram questão de afirmar que A MARCHA DAS VADIAS não contempla as mulheres negras e da periferia em geral crítica a qual oportunamente a organização da MARCHA respondeu (<http://marchadasvadiasdf wo...> dizendo que as críticas sempre são bem vindas, porém é contraditório querer hierarquizar ou eleger um setor ou luta como prioritários, pois todas as opressões estão interligadas assim como não podem tolerar o machismo vindo de minorias oprimidas só pelo fato de sofrerem também com a opressão. Com esses argumentos a direção da marcha tenta desesperadamente encobrir a contradição de classe existente dentro desse do movimento para inibir uma inevitável ruptura que aponte para construção de uma alternativa classista e combativa na contramão do culturalismo festivo, sem resultados e pequeno-burguês da Marcha das vadias. Essa Essência pequena burguesa pode ser vista não só na

composição do movimento (na maioria filhas da classe média, de pequenos comerciantes e até empresárias), mas também na resposta a crítica das mulheres negras onde tentam desviar do debate acusando de se tratar de uma tentativa equivocada de privilegiar um setor através da tal hierarquização. Mostrando com isso que a MARCHA não possui vínculo e muito menos compromisso com a mudança da realidade das mulheres trabalhadoras, O fato é que querendo ou não a classe média A maioria esmagadora das mulheres em nosso país são negras, mestiças e moradoras da periferia e é nessa mesma periferia onde mora também a maioria das mulheres brancas ou seja a crítica das ativistas negras não se trata de querer privilegiar um setor oprimido e sim de uma tentativa instintiva na defesa das reivindicações das mulheres da classe trabalhadora com foco na realidade social,cultural e econômica na qual vivem a maioria esmagadora das mulheres.

A crítica surgiu não pelo fato da cor da pele ou pelo fato do homem está de muletas, mas sim porque as mulheres e o povo em geral trabalham de forma pratica e concreta e não com abstrações da realidade típicas da classe média acadêmica. Elas entendem a necessidade do combate à cultura machista, porém possuem a noção de que essa é inútil sem se obter legitimidade perante a maioria das mulheres e ao povo em geral sabendo que essa legitimidade só é conquistada através da luta ombro a ombro junto ao restante da classe trabalhadora e não via atos pacíficos e festivos sem nenhuma ação direta no problema e nenhum resultado concreto.

Assim como o restante da população que sai nas ruas os gays e as mulheres brasileiras filh@s do povo querem urgência para suas reivindicações as mesmas reivindicações que não dialogam com as reivindicações da pequena burguesia (não só pela diferente realidade econômica, mas também pelos diferentes métodos de luta), E sabem que se realmente o movimento da Marcha das vadias tivesse como objetivo a libertação e emancipação feminina ao invés de gastarem tanta energia em organizar desfiles carnavalescos com uma temática feminista ou perseguindo deficientes bebados... estariam nas periferias (onde se encontra a maioria das mulheres) construindo comitês de defesa da mulher e/ou da diversidade sexual atuando diretamente na realidade através de ocupações de prédios para abrigar mulheres vitimas de violência domestica,ministrando aula de autodefesa,propiciando cursos profissionalizantes por meio de sindicatos ou associações de moradores para mulheres dependentes financeiramente do agressor e através de atos de rua de verdade que tenham um objetivo pra além do protesto vazio que ocupem gabinetes de políticos contra aprovação de leis machistas ou homofobicas para então nesses espaços (comitês, associações comunitárias, sindicatos e grupos de autodefesa) ser feita a desconstrução da cultura machista na prática sem o risco de cair nos desvios e abstrações políticas propostos pela pequena burguesia que hoje é materializada na Marcha das vadias.

Abaixo a política pequeno burguesa

Avante a construção feminismo classista e combativo!

^ | v - Responder - Compartilhar >



Carol Barreiro · 5 anos atrás

lindo texto ! necessário!

^ | v · Responder · Compartilhar ›



MdV-DF · 5 anos atrás

Para contribuir com o debate, segue o link da NOTA PÚBLICA SOBRE EXPULSÕES NA MARCHA DAS VÁDIAS-DF 2013: <http://marchadasvadiasdf.wo...>

"Antes de mais nada, gostaríamos de explicitar as razões pelas quais não publicamos esta nota anteriormente. A Marcha das Vadias – DF (MdV-DF) é composta por um grupo muito grande e diverso de mulheres que se organiza de forma horizontal para a construção da marcha. Entendemos que as expulsões realizadas, sempre polêmicas pela sua complexidade, demandavam uma discussão aprofundada e de qualidade. Assim, garantiríamos que a nota fosse o resultado de uma construção coletiva, consciente e responsável, e não de um posicionamento leviano ou hierárquico, partindo de poucas.

(...)"

^ | v · Responder · Compartilhar ›



catarina → MdV-DF · 5 anos atrás

Muito esclarecedora a nota de vocês.

^ | v · Responder · Compartilhar ›



danusia · 5 anos atrás

perturbador esse video. não sei o que pensar. sou feminista de pele branca, e, da minha parte, não participo desses movimentos porque é feminismo carnista - e, sinceramente, feminista que come carne é a maior incongruência da face da terra, na minha opinião. mas assistindo ao video o que me parece é que teve "bullying" por parte das manifestantes contra esse moço - parecido com o que ocorreu com manifestantes partidários nas passeatas 'apartidárias' da semana retrasada. o que ele fez foi completamente inapropriado? foi sim. mas penso que as manifestantes poderiam ter agido de outra maneira com ele.

^ | v · Responder · Compartilhar ›



Nycka · 5 anos atrás

Em geral, a unidade na luta das mulheres em nossas sociedades não depende apenas da nossa capacidade de superar as desigualdades geradas pela histórica hegemonia masculina, mas exige, também, a superação de ideologias complementares desse sistema de opressão, como é o caso do racismo. O racismo estabelece a inferioridade social dos segmentos negros da população em geral e das mulheres negras em particular, operando ademais como fator de divisão na luta das mulheres pelos privilégios que se instituem para as mulheres brancas. Nessa perspectiva, a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e anti-racista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na sociedade brasileira. Sueli Carneiro

^ | v · Responder · Compartilhar ›



Pittacus · 5 anos atrás

Ótimo Texto. Republicamos em <http://revistapittacos.org/...>

^ | v · Responder · Compartilhar ›



Alê de Mattos · 5 anos atrás

Um dos poucos textos do levante do feminismo negro que dialogou comigo. Muito embora de forma inexperiente ainda, tenho criticado algumas ações do feminismo que não me contemplam e não contemplam nenhuma mulher negra. Fico feliz em saber que não sou parte de uma minoria que pensa sim, mas de uma maioria de pretas conscientes de suas demandas! Beijocas a todas e parabéns a autora!

^ | v · Responder · Compartilhar ›



Ana Flávia (@efmp79) · 5 anos atrás

Fico feliz que o texto esteja servindo ao propósito de fortalecer o debate. Agradeço a todas as pessoas que complementaram as ideias e apresentaram outras perspectivas, demonstrando empenho pelo amadurecimento de nossas lutas cotidianas. Nossos passos vêm de longe e podemos ir muito além. Um abraço

^ | v · Responder · Compartilhar ›



Larissa Veloso · 5 anos atrás

Sou branca (estranho e revelador o fato de eu nunca ter que afirmar isso), me considero feminista e participei da última Marcha das Vadias aqui em SP. Concordo com praticamente todos os pontos do texto.

Não creio que tenha sido racismo o fato de as manifestantes "atacarem" o mendigo, muito provavelmente o mesmo teria sido feito se ele fosse branco, é ver um cara fazendo gestos obscenos para uma marcha de mulheres que o sangue talha.

Mas também não tenho visto a MdV falar da/para a mulher negra. Houve alguns cartazes esporádicos, mas acho que o tema realmente merecia mais atenção, pelo fato de as mulheres negras serem mais frequentemente vítimas dessa violência machista que todas queremos combater. Seria interessante, inclusive, uma marcha temática com essa questão.

É triste ver que esses fatos afastam as negras da Marcha das Vadias.

Tenho sempre observado vários movimentos e acho que no fundo há um problema comum a todos, que é a falta de compreensão com a fala dos outros. Há falta de compreensão quando as meninas brancas apitam contra um cara negro que parece ter problemas mentais. Falta compreensão quando o movimento negro usa o discurso de "seu argumento não vale porque você é branco" e falta compreensão quando a MdV não dá a devida importância aos argumentos da causa negra.

E nesse cenário, Ana Flávia, seu texto é um bálsamo. Parabéns por colocar essas questões de forma tão madura e bem refletida.

^ | v · Responder · Compartilhar



Renata Arruda · 5 anos atrás

Gostei do texto também, mas considerei equivocada o ponto de partida da análise. Ainda que eu compreenda a questão dos homens negros excluídos e "tidos como vadios", como brilhantemente você chamou atenção no texto, no vídeo onde supostamente isto aconteceria eu não percebi este teor racista e por um motivo simples: caso fosse branco ou de qualquer outra raça, teria sido hostilizado pela mesma maneira por ter agido como agiu. Alguns comentários aqui levantaram questões importantes como a violência sofrida por mulheres na rua, mas, principalmente pelas DE rua, na sua maioria também negra, que são estupradas, engravidam e etc. por homens como estes do vídeo (que também não me pareceu um doente mental se identificando com a marcha e querendo "mostrar a barriga" em demonstração; ele estava fazendo menção a mostrar seu pênis e, me pareceu, hostilmente) e esta é uma questão muito mais complexa, que me parece ter sido discutida no texto de forma condescendente.

Se a massa que hostilizou o rapaz era branca e mestiça - e aqui abro um parêntese. Eu sou parda, de descendência europeia, negra e árabe e meus amigos brancos todos me consideram "mulata", ao mesmo tempo que os negros dizem que eu sou "branca" e essa foi uma questão que sempre me intrigou e que eu senti aqui no texto também; muitas pessoas mestiças consideradas "brancas" - então o caso é de se pensar sobre o porquê da Marcha ter um apelo maior entre essa população e aí se discutir sobre estas nuances do feminismo (e o comentário da Juliana Cunha aliado ao texto postado pela Janaina Damasceno são excelentes pontos de partida, inclusive pra mim que ainda não tinha pensado sobre o feminismo desta forma). A reflexão do texto é importantíssima, assim como acho que a Marcha também é, e acho que seria o caso de buscar um diálogo maior entre os grupos que estão separados e não apontar dedos acusatórios utilizando uma situação tão controversa e, me parece, de exceção.

^ | v · Responder · Compartilhar



Ana Maria Gonçalves · 5 anos atrás

Obrigada por esse texto, Ana Flávia. Ele me ajudou a colocar no lugar muitas percepções que andavam soltas. É interessante perceber que, quando se trata de racismo (não só, mas principalmente), muitos tendem a ver divisão/ruptura onde, na verdade, nunca houve inclusão. Demandas específicas das mulheres negras quase nunca são contempladas, em favor do coletivo, mesmo tendo sido (e continua sendo, em muitos casos) o trabalho doméstico realizado por elas, por exemplo, o que possibilitou várias conquistas específicas das mulheres brancas.

Acho extremamente válido e necessário o papel da Marcha das Vadias, mas sinto que, como mulher negra, também não é pra mim. Se não me engano é do escritor José Eduardo Agualusa a seguinte frase, quando perguntado sobre o futuro do povo angolano: "Somente os povos ricos podem se dar ao luxo do pessimismo." Saio do seu texto com a seguinte mensagem: somente quem já conquistou o direito de ser médica, engenheira, advogada, professora etc., pode se dar ao luxo de reivindicar ser vadia.

Estamos juntas!

beijos,

^ | v · Responder · Compartilhar



Lais - 5 anos atrás

Inicialmente, tive dificuldade de compreender a relação de mulheres brancas coagindo em volta do homem ter sido uma atitude ruim. Até mesmo não estava concordando com o texto. Contudo, ao longo da leitura, pude entender o ponto de vista. Não me considero branca pois sou filha de mãe branca e pai negro, mas fisicamente sou vista como branca e não sofro mais com preconceito. Quando criança e adolescente, sofria. E não sei se já sofri de racismo algum dia (minha mãe diz que não). Acredito que por nunca ter sido hostilizada de alguma forma pela minha cor de pele e não ter tido alguém negro presente durante meu crescimento, dificulta chegar a este ponto de vista, de que o homem negro coagido pelas mulheres brancas, também sofria por exclusão, assim como nós mulheres, que lutamos pela igualdade. Ao final do texto ficou claro que, na atitude vista no vídeo, se ali na marcha lutava-se por igualdade, por direitos, naquele momento se fez perder toda a razão de estar ali.

^ | v - Responder - Compartilhar



Janaina Damaceno - 5 anos atrás

Compartilhando um texto do MIT: <http://www.mit.edu/~thistle...>

#### Black Women in the Feminist Movement

Black Women who participated in the feminist movement during the 1960s often met with racism. It generally took the form of exclusion: black women were not invited to participate on conference panels which were not specifically about black or Third World women. They were not equally, or even proportionately, represented on the faculty of Women's Studies Departments, nor were there classes devoted specifically to the study of black women's history. In most women's movement writings, the experiences of white, middle class women were described as universal "women's experiences," largely ignoring the differences of black and white women's experiences due to race and class. In addition to this, well-known black women were often treated as tokens; their work was accepted as representing "the" black experience and was rarely ever criticized or challenged.

Part of the overwhelming frustration black women felt within the Women's Movement was at white feminists' unwillingness to admit to their racism. This unwillingness comes from the sentiment that those who are oppressed can not oppress others. White women, who were (and still are) without question sexually oppressed by white men, believed that because of this oppression they were unable to assume the dominant role in the perpetuation of white racism; however, they have absorbed, supported and advocated racist ideology and have acted individually as racist oppressors. Traditionally, women's sphere of influence has extended over the home, and it is no coincidence that in 1963, seven times as many women of color (of whom 90 percent were black) as white women were employed as private household workers. It has been the tendency of white feminists to see men as the "enemy," rather than themselves, as part of the patriarchal, racist, and classist society in which we all live.

Not only did some white feminists refuse to acknowledge their ability to oppress women of color, some claimed that white women had always been anti-racist. Adrienne Rich claims, "our white forefathers have ... often [defied] patriarchy ... not on their own behalf but for the sake of black men, women, and children. We have a strong anti-racist female tradition," however, as bell hooks points out "[t]here is little historical evidence to document Rich's assertion that white women as a collective group or white women's rights advocates are part of an anti-racist tradition." Every women's movement in the United States has been built on a racist foundation: women's suffrage for white women, the abolition of slavery for the fortification of white society, the temperance movement for the moral uplifting of white society. None of these movements was for black liberation or racial equality; rather, they sprang from a desire to strengthen white society's morals or to uplift the place of white women in that society.

^ | v - Responder - Compartilhar



Juliana Cunha · 5 anos atrás

Gostei do texto, mas discutindo o vídeo em si, não vi essa turba de mulheres brancas que foi mencionada. Vi algumas negras, muitas brancas e uma maioria de mestiças que provavelmente já sofreu preconceito por suas características étnicas. O sujeito não me pareceu deficiente mental e ele definitivamente fez menção de mostrar o pênis.

O ataque foi grotesco e sem propósito, concordo plenamente com isso. Aquele homem não é "o inimigo" e, além disso, sou contra linchamentos de qualquer tipo. Se ele tinha machismos incorporados isso só piorou depois do contato com a marcha.

Sobre a dicotomia entre o movimento feminista branco e negro, acho inevitável que exista. As mulheres brancas de classe média conquistaram o direito ao trabalho. As negras sempre tiveram esse "direito". Na questão das roupas isso se repete: as mulheres da periferia se vestem há muito tempo do jeito que as mulheres de classe média estão reivindicando com essa marcha. Não se trata de separar o movimento, apenas de reconhecer uma separação existente. Um grupo feminista de classe média dificilmente vai tratar com propriedade e prioridade de assuntos que não o afetam.

Mulheres têm pautas comuns, mas essas pautas ganham complexidade no caso das mulheres negras, das mulheres da periferia, de certas regiões do país. Movimentos como a Marcha das Vadias têm seu valor, não dá para descartar apenas porque não aprofundam a discussão, não a universalizam para os outros modos de exploração. Precisamos de coletivos mais avançados que a Marcha, não precisamos detonar a Marcha.

^ | v · Responder · Compartilhar



Lanne · 5 anos atrás

Faço das palavras da Dani minhas palavras..... Decepcionada!

"e a massa branca se lixa; e no final diz: "Viva a solidariedade feminina"... Isso não é verdade, eu sou branca, estou na luta contra o racismo e o machismo a muito tempo, inclusive sigo este blog e leio todos os posts, discuto com meu namorado (que por sinal é negro), entendo que a opressão da mulher negra é grande, mas não há justificativa para essa separação.... Nem tudo é: Mulheres negras oprimidas e mulheres brancas burguesas, !

:(

^ | v · Responder · Compartilhar



Ana → Lanne · 5 anos atrás

"Isso não é verdade, eu sou branca, estou na luta contra o racismo e o machismo a muito tempo, inclusive sigo este blog e leio todos os posts, discuto com meu namorado (que por sinal é negro), entendo que a opressão da mulher negra é grande (...)"

Nossa, Lanne, você quer o seu pirulito e a sua estrelinha agora ou depois?

O que falta no feminismo é a humildade de escutar e tentar entender o ponto de vista de mulheres negras, trans\*, com deficiências etc. antes de entrar automaticamente na defensiva (o que por si só é um sinal muito, mas MUITO ruim).

^ | v · Responder · Compartilhar



Janaina Damaceno · 5 anos atrás

pena que sumiram os 1500 likes do facebook. recomecei a contagem (agora fui o like n. 1!) pq acho que este é um dos textos mais importantes que li ultimamente.

^ | v · Responder · Compartilhar



feminismosemdemagogia · 5 anos atrás

Olá, tomei conhecimento deste ocorrido através do compartilhamento no facebook de uma companheira.

Em primeiro lugar é inquestionável que a postura das manifestantes não tem defesa, não havia motivo para tal reação; Em segundo lugar, creio que o feminismo não é branco, ele está branco e classe média. Chegamos a esta conclusão, o que temos hoje é um feminismo burgues e branco, como já era desde a época das sufragistas, não se alterou em sua conformação, afinal. Temos duas saídas:

Deixar como esta, ou reivindicar o espaço de luta.

Existe uma grande ignorância entre as feministas sobre o RACISMO. Acreditem, muitas sequer compreendem o que é ser negro, estão tão apegadas a definições baseadas na cor da pele, que não tem claramente sobre os conceitos políticos envolvidos. A grande maioria das feministas brada contra os discursos racistas, mas elas reproduzem o racismo e nem se dão conta de que estão fazendo isso, na página que modero é comum saírem muito bravas quando explico que o discurso delas é racista.

É urgente esclarecimento, muitas destas mulheres estão conhecendo a militância agora, e trazem consigo uma carga enorme de reprodução de todo tipo de preconceito e discriminação que internalizaram, se não for contido, isso se disseminará pelo movimento feminista e cenas como esta do vídeo serão naturalizadas.

Se o feminismo é branco é burguês, vamos enegrecê-lo e vamos também preenchê-lo com a classe das mulheres trabalhadoras, que carregam reivindicações importantes e que deveriam ser acolhidas como prioridade por todo movimento feminista, afinal somos entre as oprimidas as mais oprimidas, isso é indiscutível.

Para que haja igualdade não adianta pré conceber todas as mulheres vítimas da opressão machista com a mesma intensidade, isso não é verdade, é notório que entre as mulheres oprimidas Mulheres da classe trabalhadora e Mulheres negras são as maiores vítimas, se anseiam por igualdade e a luta é esta faz-se urgente cuidar deste grupo.

É possível sim construir o movimento de mulheres feministas juntxs e buscar o sonho por uma sociedade em que diferenças não se transformem em desigualdades, uma sociedade livre de machistas, racistas, homofóbicos e burgueses. Para isso temos que nos aliar, mulheres negrxs trabalhadoras e mulheres brancxs trabalhadoras, e por que não homens brancos e negros trabalhadores, eles tb. A luta feminista é de toda classe trabalhadora, temos algo em comum além da opressão patriarcalista, temos a opressão de classe, as negrxs ainda são mais oprimidxs, sofrem tb com o racismo. Acredito nesta organização:

^ | v · Responder · Compartilhar



Nelson Luiz de Oliveira · 5 anos atrás

Foi um equívoco, mesmo. A marcha deveria ter passado ao largo ou então parado para fazer uma reflexão sobre como a opressão é multifacetada, e acaba criando oposição, confronto onde deveria haver união.

Mas e se o homem fosse branco e mesmo tendo as duas pernas? Penso que seria combatido da mesma forma. Nessas horas, em que todas as insatisfações vêm à tona, o dissenso comanda. E talvez seja inevitável. Mas o que penso que foi hotilizado ali foi o machista, infelizmente na pele de um indivíduo ele próprio outra vítima do sistema.

Obs1: havia jovens negras e negros ali entre as manifestantes que fustigara o rapaz de muletas.

Obs2: Existem muitas formas de protestar. E a marcha com suas palavras de ordens e refrões é a mais tradicional, mas não quer dizer que não possa haver outras. Tanto na marcha das vadias, quanto nos protestos que há quase um mês tomam o país está faltando um pouco de arte. A arte também pode transformar.

^ | v · Responder · Compartilhar



Jú · 5 anos atrás

Lamentável a atitude arrogante destas garotas. A Marcha das Vadias passa por cima de várias mulheres e também nem todas as feministas estão de acordo com a Marcha das Vadias e sua forma branca classe medista. Para mim a Marcha das Vadias contraria o feminismo, afinal queremos poder fazer nossas escolhas sem sermos rotuladas. As mulheres negras sempre foram consideradas vadias, racismo puro. As prostitutas também são consideradas vadias, como se tivessem escolha. Qualquer mulher que faça "algo errado", é uma vadia. Eu proponho que respeitemos nossas diferenças sem nos fecharmos para propostas sinceras e feministas.

^ | v · Responder · Compartilhar



Dani · 5 anos atrás

"servirá apenas como mais um registro importante para nossas reflexões sobre essa instável parceria entre feministas brancas e mulheres negras." Por que se unir e lutar quando podemos destruir uma as outras? "é triste perceber como o feminismo não está em primeiro plano, nem dentro do feminismo". Concordo. Penso nas mulheres negras integrantes da marcha das vadias que se identificam com pauta feminista e LGBT, o que me faz pensar tbm que a incompatibilidade está na cabeça de quem só enxerga o mundo em duas cores: preto e branco. Mas, o que eu acho mais lamentável de tudo isso não é nem o fato de as pautas feministas terem ficado completamente de lado, mas perceber que em vez de querer construir um debate sério sobre discriminação racial dentro dos movimentos feministas, agregando e construindo algo bonito, vc está mais preocupada em deslegitimar o movimento. A história contada não corresponde a realidade. Até onde sei (não fui na marcha mas tbm ouvi relatos de "testemunhas oculares") o homem em questão mostrou o penis e tentou agredir uma manifestante. Mas o texto fala que ele estava apenas mostrando a barriga. Outra coisa que me deixou muito triste é perceber que vc acha que lugar de mulher branca não é do lado da negra na luta. Realmente, não há como comparar a discriminação que uma mulher negra sofre e que uma mulher branca sofre. Mulheres negras são duplamente discriminadas. São duplamente minorizadas. Mas no feminismo há um denominador comum: mulheres vivendo numa sociedade machista e opressora! Não quero de maneira nenhuma diminuir a importância da discussão da pauta racial, pelo contrário acho bom que se coloquem críticas, acho mesmo que é preciso botar isso na mesa. Mas dessa forma, em tom de incompatibilidade completa, em tom de destruição, como construir algo a partir disso? Como combater a exclusão a partir de um discurso de exclusão? A solução então é cada um que tome seu rumo? Vc realmente acredita que esse é o caminho para a construção de um mundo mais justo? Pensei que fosse possível fazer um debate mais inteligente a partir desse fato infeliz. Muito decepcionada.

^ | v - Responder - Compartilhar



Sheila Dias · 5 anos atrás

Ana Flávia, parabéns pela excelente reflexão. Já dizia Sueli Carneiro, sobre a importância de "enegrecer o feminismo". Sim, é de nos entristecer a alma, quando observamos o vídeo e lemos o relato de uma das presentes na referida marcha. A conclusão que eu chego, é que sem a sensibilidade, ou mesmo o interesse em dialogar e ouvir a voz de quem a mais de quinhentos anos clama por justiça, respeito, liberdade, igualdade e direito a vida, continuaremos fragmentadas e caminhando como insetos em volta da lâmpada. É impressionante como é difícil descer do pedestal do privilégio, mesmo quando também se é oprimida. O feminismo branco por muito tempo se esquivou em dialogar com nós mulheres negras, de forma franca e honesta, pois, sabe que em "em terra de cegos, quem tem olho é rei...". Ou seja, nós mulheres negras ocupamos a base da pirâmide societária, somos as maiores vítimas do racismo praticado no SUS, na educação e em vários setores da sociedade, vimos nossos filhos, maridos, netos serem assassinados constantemente, engrossamos as fileiras dos presídios masculinos e femininos, sem falar nos hospitais psiquiátricos, continuamos a lavar a privada das madames, ou pelo menos das que se acham madames e ainda assim, temos que ler que um homem negro, visivelmente perturbado aprendeu a nos silenciar... Ora, não nos venham falar em silêncio, pois vocês o reproduzem cotidianamente e sabem que no fundo no fundo, deixar que a nossa voz ecoe é colocar no mínimo os vossos privilégios em xeque.

^ | v - Responder - Compartilhar



PC · 5 anos atrás

"Homem ofende mulheres e chega a tentar mostrar o órgão genital mas acaba impedido pela multidão. O machista foi preso em seguida. - [www.humorpolitico.com.br](http://www.humorpolitico.com.br) - gravado por Diogo Ramalho na Marcha das Vadias 2012 - Brasília

<https://www.youtube.com/watch...>

^ | v - Responder - Compartilhar



raquel · 5 anos atrás

Sou uma feminista de pele branca, porém de uma trajetória de vida distante da classe média privilegiada. Fiquei tão chocada e entristecida em ver esse vídeo. Claro que essas coisas são sempre esperadas dos movimentos que só enxergam a desigualdade de gênero e que classificam as mulheres como blocos homogêneos de pautas generalizadas. Eu nunca tinha ido na marcha; pq tinha mil restrições as bandeiras tão brancas e elitistas, de um movimento importado. Dessa vez fui, pq achei que em meio a tantas manifestações absurdas ali era o que havia de mais libertário.....Esse feminismo branco elitista não agrega apenas as lutas e a existência das mulheres negras, mas de todas as mulheres que não fazem parte desse grupo seleto e privilegiado.

^ | v - Responder - Compartilhar



João · 5 anos atrás

sou jovem , negro, trabalhador e filho de trabalhadores e sinceramente este video não me causou impacto nenhum ,só transpareceu a realidade que é debatida a séculos: existem tipos de feminismos e o praticado pela marchas das vadias sem foi de concepção pequeno burguesa tanto na concepção quanto nos métodos de enfrentamento cultural em pró de uma evolução de consciencia que na verdade cumpre o papel antagonico de afastar o povo que é a maioria. na marcha das vadias se fundem tanto o femenisimo pequeno burgues (focado numa evolução cultural) e tano o femenisimo partidario(focado em conquistas legais e de interesse eleitoral) por isso existe hoje a necessidade de resgate do feminismo classista que nasça do povo e lute através e pelas mulheres do povo. segue um video interessante <http://www.youtube.com/watc...>

^ | v · Responder · Compartilhar



Eny (Mimi Docinho) · 5 anos atrás

Pelo relato ocular de minha irmã – que estava na Marcha – uma mulher negra (antes que digam que ela é uma "branca racista de classe média"), o cara teve atitudes claramente provocativas. Em outro vídeo, provavelmente filmado por outra pessoa, eu vejo este homem fazer gestos obscenos para as manifestantes. Se ele não fosse negro ou pobre ou usasse muletas: se fosse um "branco de classe média"? Então tudo bem? Será que pelo homem ter essas condições (provavelmente morador de rua ou usuário de drogas e/ou ter problemas mentais, sem uma perna) JUSTIFICA essa agressão (que não foi somente por gestos, mas também por palavras, assediando as mulheres)? Se o cara faz isso em meio a uma passeata, com em média 4 mil pessoas, como será a atitude dele quando existem poucas pessoas ao redor? Me imaginei andando à noite na rua e me deparando com um homem (qualquer um) me dizendo obscenidades e gesticulando. Certamente eu sairia correndo e o consideraria perigoso. "Ah, mas ele é negro e não tem uma perna". Ora, agressão sexual não exclui cor ou condição física e até mesmo mental. E se o senhor em questão realmente estava com a razão alterada (seja por drogas ou problemas mentais), certamente age pelos instintos, podendo, muito bem ser, de fato, um agressor.

Mas parece que "birra" aqui é outra...

^ | v · Responder · Compartilhar



Hailey · 5 anos atrás

"Ele aprendeu direitinho como calar mulheres". Assim como feministas brancas cisgêneras, de classe média sem deficiência também aprenderam a calar as negras, as trans\*, as pessoas com deficiência, a calar as pobres. Esse tipo de comentário é o tipo que ignora por completo certas marginalizações. Porque ser mendigo, deficiente e negro não era desculpa né, afinal ele é homem e as feministas brancas de classe média tem todo direito de usar violência contra uma pessoa obviamente em situação desprivilegiada. Francamente, certos feminismos estão cegos pelos próprios privilégios.

^ | v · Responder · Compartilhar



Janaina Damaceno · 5 anos atrás

Leio alguns comentários, tento pensar em argumentos, mas aí me vem a cabeça que algumas pessoas não querem fazer debate sério, se a seriedade exigir que elas saiam de seus casulos de privilégio e poder. É um narcisismo incrível como diz Žižek daquelas pessoas que se encantam com o seu espelho e acham que longe dele não há mais nada. É a birra da pobre menina rica. Isso cansa.

^ | v · Responder · Compartilhar



Janaina Damaceno · 5 anos atrás

O texto é formidável em vários sentidos, saliento um deles: o da abertura e honestidade para discutir, conversar e aglutinar as falas que foram tecidas nestes dias. Essa abertura para o diálogo franco acima de tudo é uma das coisas que mais admiro em Ana Flávia.

Hoje eu tive um pesadelo em que várias mulheres brancas (advogadas, jornalistas, etc) estavam com o rosto pintado de preto e espancavam um homem negro de muletas. Elas gritavam com ele e diziam uma para as outras "bate, ninguém vai acreditar! ninguém vai acreditar!" e riam loucamente.

^ | v · Responder · Compartilhar



Dija Angelou · 5 anos atrás

Que bom que eu não fui.... sei lá falta esclarecimento e empatia (muita empatia) mesmo das feministas com as causas negras, sei lá na internet é tudo lindo mas na vida real não vejo essa irmandade. Uma pena já que se as minorias ou grupos oprimidos não são unidos o progresso é mais lento ainda.

^ | v · Responder · Compartilhar



Luiz Marcos Ferreira · 5 anos atrás

Parabéns, Ilustre Mestra, Ana Flávia. Estou feliz pela oportunidade de ler e conhecer o teu posicionamento. Simplesmente formidável e digno de seguidoras(es).

^ | v · Responder · Compartilhar



Mari · 5 anos atrás

No vídeo eu vi mulheres sendo violentadas, como são todos os dias. Foram violentadas na marcha delas. Mas, como sempre, o feminismo fica segundo lugar. Verdadeiramente as mulheres negras acham que não podem se unir às mulheres brancas na luta contra o machismo por causa de um homem? Um homem que as hostilizava, que queria mostrar o pênis, numa visível representação de poder (ele aprendeu direitinho como calar mulheres)? Pois não foi isso que as manifestantes viram? É realmente de racismo que se trata a situação? É possível que se fosse um homem branco elas agiriam diferente? E quanto a ser mendigo, mesmo que notassem de imediato que se tratava de um mendigo, ou de um deficiente? (é justo julgá-las sabendo nós que provavelmente nem se deram conta dessas características, ali, no calor do momento?), Mendigos não estupram? Não espancam? Não são machistas? Novamente, é triste perceber como o feminismo não está em primeiro plano, nem dentro do feminismo. Como sempre a luta das mulheres é diminuída, é silenciada. As mulheres voltam pra casa, sendo culpadas pela agressão que sofreram.

^ | v · Responder · Compartilhar



catarina → Mari · 5 anos atrás

Mari, eu entendo os pontos levantados no texto, mas concordo muito com o seu comentário.

O fato dele ter provavelmente algum distúrbio mental (dá pra perceber pelo vídeo) e ser morador de rua me fariam pensar muito antes de reagir da forma como as mulheres reagiram na marcha. Mas isso não dava pra perceber ali na hora!

Já o fato dele ser negro e deficiente... não entendo como isso poderia servir de desculpa para um homem agredir ou tentar agredir impunemente, mesmo que simbolicamente, mulheres onde quer que seja.

#prontofalei

^ | v · Responder · Compartilhar



Ana → Mari · 5 anos atrás

Mari, você não tem o direito de pedir para mulheres negras colocarem o feminismo em primeiro lugar, quando elas são discriminadas e excluídas por esse mesmo feminismo todos os dias.

^ | v · Responder · Compartilhar



vieiraeuclidesantana · 5 anos atrás

Republicou isso em SUSCETÍVEL FEBRIL

^ | v · Responder · Compartilhar



Maria Luiza Junior · 5 anos atrás

Bom demais Ana Flávia. Fico orgulhosa como "Mãe de Preto" por você, tão jovem, tão filha de preto, entender e expressar que nós mulheres negras lutamos pela integridade dos homens negros porque, ante o racismo que pauta nossas relações sociais, em se mexendo com eles, mexe conosco.

^ | v · Responder · Compartilhar



Raissa Gomes · 5 anos atrás

O vídeo, para quem não viu ainda: <http://www.youtube.com/watch...>

^ | v · Responder · Compartilhar

## ANEXO C – POST 3

- Protocolo

<b>1. Identificação de dados</b>			
<b>1. N° do dado</b>	<b>62</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>28 de Abril de 2014</b>
<b>Autora/codnome</b>	<b>Mariana Assis</b>		
<b>Título da publicação</b>		<b>Não Se Enganem!!</b>	
<b>5. Local</b>	<b>COTIDIANO; MÍDIA; RACISMO; RESISTÊNCIA; VIOLÊNCIA</b>		
<b>6. N° de visualizações</b>	<b>30947 visualizações</b>		
<b>7. N° de curtidas</b>	<b>0</b>		

- Post

SOBRE AGENDA NEGRA CONTATO

[t](#)
[f](#)
[p](#)
[e](#)
[q](#)


BLOGUEIRAS  
NEGRAS

Início » Identidade » Cotidiano



## NÃO SE ENGANEM!!

MADIANA ASSIS • ABR 29, 2014

COTIDIANO
MISG
SAÚDE
SEXUALIDADE
SISTEMA
SEGURANÇA
MOVILIZAÇÃO
OUT

Uma alma iluminada bem que tentou salvar a patifaria que foi a "homenagem" que o Esquentão tentou fazer para Douglas GD, dizendo as sábias palavras "nada é mais perigoso do que ser jovem, NEGRO e pobre nesse país" e apresentando dados sobre o genocídio da juventude negra no Brasil. Mas pelo visto nossa querida Regina tem dificuldades com interpretação de texto e mesmo depois desse vislumbre de bom senso por parte da produção, ainda não entendeu que colocar moedinhas louras e ricas, chorosas segurando cartazes "eu não mereço ser assassinada!" e cantando pela paz não significa nada, não diz nada para nós que somos assassinados, silenciados e invisibilizados diariamente.

Mas, do sobre eles, diz sobre os objetivos e interesses desse tipo de espaço que estão nos oferecendo nas grandes mídias. Uma moldura negra para a festa branca, nossa dor e o sangue de nossos jovens servindo para justificar o medo dos senhores e incentivar sua busca desesperada pela própria segurança. Foi isso que vi naquele espetáculo de sensacionalismo e oportunismo.

Pouco me importa o horror dessa elite estúpida diante da violência, pouco me importa se eles ficaram tristes com a história do Douglas, essa é a história de todos nós que estamos da ponte pra cá e essa história foi escrita por eles com o nosso sangue. Se querem ajudar, mostrem, julguem e condenem os culpados, assumam também sua parcela de culpa em tudo isso, cada vez que reproduzem o discurso do mérito que chamam violência policial de justiça e tratam a pobreza e os pobres como meros objetos para sua diversão...

Quem não concordar comigo, me responda: em que pode nos interessar as fatos sobre a opressão e o genocídio da juventude negra ou as lágrimas de Carlota Dickman, Fernanda Torres e Laandra Leão? Que contribuição as imbecilidades pseudo-filosóficas de Pedro Bial podem trazer, seja para a luta contra o racismo seja para confortar a mãe que sofre a perda de seu filho? E fechamos com chave de ouro com os palpites de Fausto Silva, aquele mesmo que certamente (chamará o cabelo) de Douglas de vassoura de bruxa. Todos podem nos doar, de dentro de seus condomínios e carros de luxo, como sofremos, se sofremos, o que é o racismo e a violência, é isso mesmo???

Então os nossos que deveriam estar aí, Onde estão os intelectuais e ativistas negros para falar sobre o genocídio de seus jovens?? Onde estão as referências que inspiraram o menino Douglas para começar a dançar?? Onde está o espaço privilegiado para o debate da mãe, a presença dos amigos e a vida do jovem antes e fora do Esquentão?? Nada disso estava aí, nós não estamos, nem nunca estaremos aí. Não se enganem!!!

**Compartilhe isso**

[Facebook](#)
[Twitter](#)
[Google+](#)
[LinkedIn](#)
[Pinterest](#)
[Email](#)






### NEWSLETTER

Assine nossa newsletter e receba conteúdos exclusivos!

Seu nome

Endereço de Email:

- Seu endereço de email

Cadastrar

### ÚLTIMOS POSTS



A TIA DA ESCOLA, MUITAS  
POSSIBILIDADES DE SER E



NÃO VÃO MUDAR  
JAN 15, 2018



ESQUECIMENTO  
JAN 15, 2018



A COR DA VIOLENCIA:  
FEMINICÍDIO DE MULHERES  
NEGRAS NO BRASIL  
JAN 10, 2018



O ALGORITMO  
JAN 8, 2018



BLOGUEIRAS E UNITAS

- **Comentários do post: 22**



Mônica reis · 4 anos atrás

Belas e sábias palavras. Concordo em tudo. Não posso assistir a um programa que coloca negros dançando pra mostrar como morar na favela é bom, sendo que esses mesmos negros só participam das novelas para serem serviçais ou terem papéis ridículos. Não acredito mais na televisão brasileira. Prefiro ler textos como esse é ouvir boas músicas.

^ | v · Responder · Compartilhar >



edmundo sergio p o pitta · 4 anos atrás

O que preocupa, é o fato da polícia ter um número significativo de negros. Continuo acreditando q tudo isso é gerado pela impunidade.

^ | v · Responder · Compartilhar >



Juliano Augusto Muller · 4 anos atrás

Concordo com quase tudo o que tu escreveu Mariana. Só discordo da questão do espaço reservado ao choro da mãe do cara. No meu ponto de vista seria apenas vender o sentimento, sei lá, não acho legal.

^ | v · Responder · Compartilhar >



Gabriel Carvalho · 4 anos atrás

Muito bom, o texto ^\_^ Sempre achei aquele programa oportunista e hipócrita e nesse episódio eles mostraram a cara...

^ | v · Responder · Compartilhar >



andre · 4 anos atrás

Esse programa nada mais é do que uma forma da rede globo " tentar de forma grotesca " mostrar que a tv da elite é do povão.. alienação total esquentada e emburrece essa classe excluída.

^ | v · Responder · Compartilhar >



Marines · 4 anos atrás

Um ótimo texto, que retrata fielmente todo o lixo que é esse país, que até na hora de homenagear um negro assassinado, coloca pessoas que nunca estiveram nesse tipo de situação para falar sobre o caso.

^ | v · Responder · Compartilhar >



Bianca · 4 anos atrás

Meu perfeito! É a mesma globolixo que exhibe no Fanático uma votação de mulheres negras como se fossem objetos para os telespectadores "escolherem" a Globeleza! É o lixo! São falsos nojentos! Assistam a Cultura em vez da Globo! A Globo só existe porque o povo assiste!

^ | v · Responder · Compartilhar >



Igor Lessa · 4 anos atrás

Perfeito! Espero que seu post seja muito lido, até chegar aos que ainda se encantam pelo ilusionismo elitista dessa nossa grande mídia...

^ | v · Responder · Compartilhar >



Raphaella O Hara · 4 anos atrás

Excelente texto!!! Sem querer ser do contra mais já sendo..so aumentaria a frase "nada é mais perigoso do que ser jovem, NEGRO e pobre nesse país" pq existe sim uma população proporcionalmente mais assassinada ainda neste país a transgênero...."nada é mais perigoso do que ser jovem, NEGRO pobre e transgenero nesse país"

^ | v · Responder · Compartilhar >



Mariza · 4 anos atrás



Concordo! Infelizmente somos obrigados a assistir um programa desse em pleno domingo quando não há mais nada para assistir e ainda por cima, ver ATRIZES chorando lágrimas que convenhamos, FALSAS, para emocionar o público a se envolver no assunto. O fato é, o programa generaliza muito e trás assuntos dos mais diversos tão interessantes que são discutidos em no máximo em um minuto e já botam um Samba para tocar em seguida, como se tudo acabasse em Samba. Realmente, tudo acaba em samba, pagode e funk nesse país? Não basta só discutir sobre o negligência dos policiais que querem proceder com eficaz e acabam matando um por que estava no meio. Também não estou generalizando policiais, tem muitos que arriscam suas vidas para proteger as pessoas que não tem nada haver com a violência e que se encontram no meio desse fogo cruzado. Estou falando de um minoria hipócrita. Quantos negros e brancos foram mortos nos últimos meses? Muitos! Esse rapaz só foi mais uma vítima de violência, e não é um programa trazendo todos "Junto e Misturado" que vai me fazer chorar e generalizar tudo, que vai me fazer saber diferenciar quem vem de comunidade (favela) tem menos direito de viver de ir e vir do que eu, que sofre mais preconceito social do que eu, que só existe violência onde o outro vive e nunca perto da minha casa. Me poupe! Não sou rica, e nem por isso menosprezo quem seja e também não sou suficiente pobre para desprezar quem tem menos do que eu. Respeito, igualdade, fraternidade, cultura, educação, saúde e muitas outras coisas que, todo mundo sabe que falta, parece enfeite e até mesmo só palavras que algumas pessoas só procuram o significado em seus dicionários por que desconhece, porque nunca de fato, quiseram conhecê-la. (ou fingem que não conhecem e acaba se tornando mais um ignorante neste mundo).

^ | v · Responder · Compartilhar >



Nathalia Hörlle · 4 anos atrás

Posso perguntar onde a Preta Gil é branca e loira?

^ | v · Responder · Compartilhar >



Mariana Santos de Assis → Nathalia Hörlle · 4 anos atrás

Sério?? É só essa reflexão que tem pra fazer diante de tuuuudo isso?!?!?!?!?

^ | v · Responder · Compartilhar >



Lucia Freitas · 4 anos atrás

Eu concordo contigo. Cadê Antonio Pitanga, Camila Pitanga, a galera negra que tanto sucesso faz na Globo? Valia até aquela Globeleza do começo do ano, com todas as críticas que fizemos (e são pra lá de válidas).

E, pensei aqui: eu lembro de negros para citar? Noves fora Charô e Larissa, poucos. Vou corrigir essa falha, porque realmente, isso é grave, gravíssimo.

Acho que vale, Mariana, inclusive, você fazer uma lista das pessoas negras que gostaria de ver falando sobre isso...

obrigada pelo texto.

beijo

^ | v · Responder · Compartilhar >



Mariana Santos de Assis → Lucia Freitas · 4 anos atrás

Nomes como o professor Marcelo Paixão, Juliano Gonçalves, Wilson Silva, meso intelectuais de que se dedicam, especificamente a outras áreas como Sueli Carneiro ou as lideranças de grupos como as Mães de Maio ou do Comitê contra o Genocídio da Juventude Negra são bons exemplos para compor essa mesa. Mas existem inúmeros estudiosos negros capazes de fazer esse tipo de debate. Sem os recursos da Rede Globo já conseguimos encontrar, imagine com o que eles têm...

^ | v · Responder · Compartilhar >



Larissa Santiago · 4 anos atrás

Assisti metade do programa com lágrimas nos olhos, confesso! Mas por ver naquela mãe sofrimento e exploração.

Os nossos DG's que morrem aqui não merecem essa homenagem???

Para cada jovem negro morto, uma prece.

Mariana, preta, obrigada pela escrita forte e pelo belo soco no estômago dos racistas.

^ | v · Responder · Compartilhar >



Mariana Santos de Assis → Larissa Santiago · 4 anos atrás

Por nada Larissa, foi só uma reação às pancadas que nos dão diariamente ;)

^ | v · Responder · Compartilhar >

 **Bárbara Araújo Machado** · 5 anos atrás  
 Nenhuma palavra no programa sobre os verdadeiros responsáveis pela morte de Douglas e de tantos outros jovens negros: a Polícia Militar. O Esquenta tem feito lobby pra UPP ao longo de toda sua existência e foi a UPP que matou Douglas.  
 ↗ ↘ · Responder · Compartilhar

 **Grécia Mara** · 5 anos atrás  
 Eu acompanho os artigos deste blog, mas com relação a este, eu não concordo quando se fala que não houve no Esquenta espaço para mostrar as referências que o Douglas teve na vida para começar a dançar. A mãe estava lá e o que mais ela ia dizer, se ela já disse o que queria em todos os jornais que cobriram a morte do Douglas? Precisa de outros amigos além dos que estavam lá, junto com a família dele? Neste programa se teve a oportunidade de ouvir e refletir que no Brasil o preto e pobre são uma parcela da sociedade que "pode morrer", já que ninguém faz nada ante os números alarmantes que expressam essa realidade. Este mesmo programa é um dos únicos, quiçá o único, que mostra pobre cantando e dançando as músicas que gosta. É óbvio que na Globo não seria permitido mostrar todas as verdades que sabemos, não acho crível criticar uma homenagem que foi sim bonita e com certeza pode mostrar para muita gente o que ocorre todos os dias na periferia desse país.  
 ↗ ↘ · Responder · Compartilhar

 **Luã Lessa** → Grécia Mara · 5 anos atrás  
 Ô Mariana, quem é esse mestre Brown que você escreveu na sua resposta? James Brown, Carlinhos Brown ou Mano Brown?  
 ↗ ↘ · Responder · Compartilhar

 **Mariana Santos de Assis** → Grécia Mara · 5 anos atrás  
 Entendo sua leitura, mas na boa, ainda acho que nosso problema é se contentar com as migalhas que nossos senhores nos jogam. Assisti ao programa td, cultivando meu ódio pela arrogância deles em achar que colocar seus especialistas e famosos para falar sobre nosso sofrimento seria suficiente, e mais, que isso os tornaria pessoas maravilhosas livres do racismo e generosas com os negrinhos. Se quer ser um espaço para a arte e a cultura que não vemos na mídia, que seja proporcional, o que vemos ali é uma maionia branca, que não representa a população brasileira, dizendo para nós como devemos agir, sentir ou sofrer. Sinto má, mas essa patifejada não me representa, eu quero é mais, quero até a alma de tds eles, como diria mestre Brown.  
 ↗ ↘ · Responder · Compartilhar

 **Adenilson de Barros de Albuquerque** · 5 anos atrás  
**NA VEIA**  
 "Uma moldura negra para a festa branca" (Mariana Assis)  
 ↗ ↘ · Responder · Compartilhar